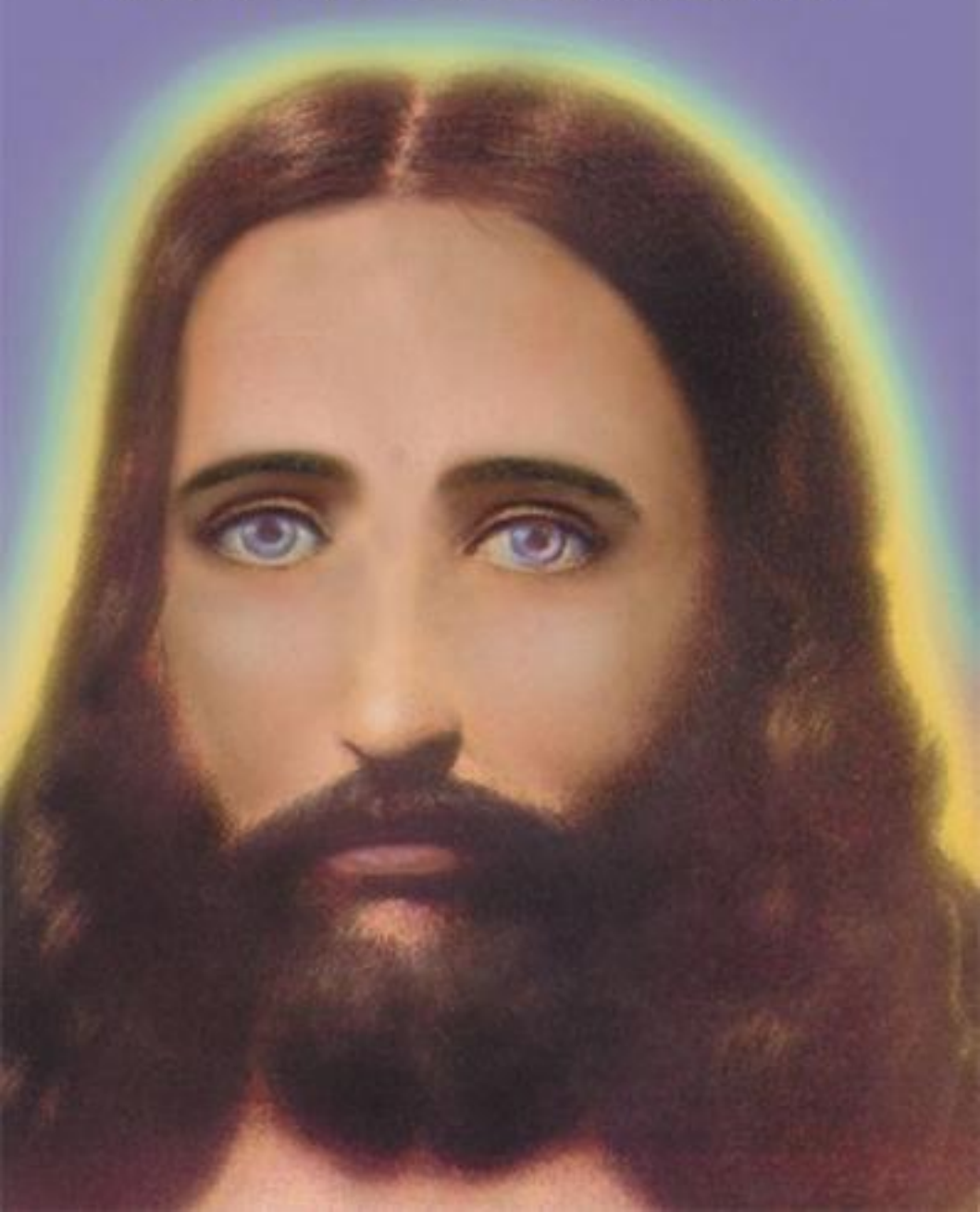


# VIDA DE JESUS

DITADA POR ELE MESMO



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

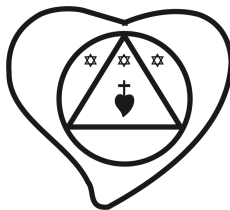
**VIDA DE JESUS**  
**Ditada por Ele mesmo**

# VIDA DE JESUS

Ditada por ELE mesmo

Livro escrito originariamente em francês. Traduzido para o italiano pelo Capitão Ernesto Volpi; do italiano para o espanhol pelo Dr. Ovídio Rebaudi, acrescido da segunda parte neste idioma; e, finalmente, do espanhol para o português.

14ª EDIÇÃO BRASILEIRA



Editora e Distribuidora 33

**Copyright © 2004 by Editora e Distribuidora 33**

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de  
19/2/1998.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, bem como  
a produção de apostilas, sem autorização prévia, por escrito, da Editora.

*Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa:*

*Editora e Distribuidora 33*

Editor: Darci Dickel

Capa: Rafael Dausen Meyer - 2M comunicação  
meyer@2mcomunicacao.com.br

Editoração Eletrônica: Graziani Kuhn da Silva

Revisão: Luciano Noceti e Vieira  
lucianoceti@yahoo.com.br

CATALOGAÇÃO NA FONTE DO  
DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO

---

J58v

Jesus Cristo (Espírito).

Vida de Jesus / ditada por ele mesmo. — 14ª ed. brasileira. —  
Montenegro-RS : Editora 33, 2008.

533p.: il.; 21 cm.

“Livro escrito originariamente em francês.

Traduzido para o italiano pelo Capitão Ernesto Volpi ; do italiano  
para o espanhol pelo Dr. Ovídio Rebaudi, acrescido da segunda  
parte neste idioma ; e finalmente, do espanhol para o português.”

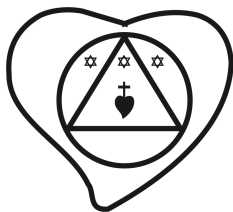
ISBN 85-88428-09-1

1. Jesus Cristo — Espiritismo.

2. Obras psicografadas. I. Título.

Cdd: 133.93

---



**Editora e Distribuidora 33**

(51) 3057-3390

www.editora33.com.br

www.novaordemdejesus.com.br

distribuidora33@editora33.com.br

novaordemdejesus@novaordemdejesus.com.br

## **PÁGINA DO GAMA**

*Devo ao Sr. Antônio Gama de Paula, presidente de um Centro Espírita, da cidade do Rio de Janeiro, o conhecimento desta obra.*

*Além de proporcionar-me a sua leitura, emprestando-me o velho exemplar que possui, ele, que não empresta livros a ninguém, não só me emprestou como também me auxiliou com grande devotamento na revisão deste trabalho.*

*Avaliando o grande bem que este livro fará às almas sedentas de luz, estou convicto que o Grande Espírito lhe retribuirá o obséquio e a dedicação.*

**SEBASTIÃO CARAMURU**



## “CÍRCULO ESPIRITUAL DO AMOR DE JESUS”

Uma poderosa corrente vibratória do plano sideral denominada CÍRCULO ESPIRITUAL DO AMOR DE JESUS está sendo irradiada aos felizes habitantes desta abençoada Morada Divina. Destina-se a corrente vibratória a auxiliar a iluminação de todos os que demonstrarem a posse de um sincero desejo de se aproximarem de Jesus por meio de estudo, meditação e aplicação de sua doutrina.

A corrente vibratória emanada do “*Círculo Espiritual do Amor de Jesus*” assemelha-se a uma onda gigantesca, abrangendo os continentes por meio de um elo eletromagnético entre o Pólo Norte e o Pólo Sul, irradiada no quinto dia da semana, passando por sobre a face da Terra, e incidindo em cada latitude, durante o tempo determinado abaixo. Esta corrente é, portanto, projetada todas as quintas-feiras, atravessando cada região no período de 21 às 21h15min — hora local (ou fuso horário). Todos aqueles, por conseguinte, que desejarem participar de seus eflúvios benéficos, devem nesse dia e hora supramencionados congregar-se em seus lares, para uma reunião espiritual com essa finalidade.

Reunida a família (ou um círculo de amigos) em torno da mesa (+) devem, em silêncio, fazer uma prece e concentrar o pensamento sobre as coisas Divinas, a fim de tornarem o mais positivo possível o poder atrativo da “*antena*” assim constituída. Logo após a pequena pausa mental, o chefe pronunciará, calma e pausadamente, a prece que se encontra no fim do Capítulo VII do livro Vida de Jesus Ditada por Ele Mesmo, ou a oração que consta na última página do volume Derradeira Chamada, por exemplo.

A seguir, um dos presentes (ou o próprio chefe da família) fará a leitura de uma página ou capítulo de um dos 7 livros (\*) da Grande Cruzada de Esclarecimento das Forças Superiores, que

(+) Mesa sem toalha



poderá ser aberto ao acaso, como em continuação de uma leitura metódica, voltando-se sempre ao primeiro volume uma vez alcançado o fim da série de livros. A leitura poderá durar o suficiente para encher os quinze minutos de reunião, ou continuar pelo tempo desejado, no adiantamento de mais uma mensagem ou capítulo, cuja leitura será sempre proveitosa para todos os ouvintes. (Encontrando-se isolado, mesmo ao ar livre, naquela ocasião, faça uma suave meditação acolhedora dos eflúvios, que também será benéfico.)

Todas as pessoas desejosas estão aptas a ingressar no “*Círculo Espiritual do Amor de Jesus*”, participando, conjuntamente, dos amorosos eflúvios emanados daquele poderoso núcleo sideral todas as semanas, trazendo a paz, a luz, a harmonia e alento espiritual a todos os lares onde houver um sólido ponto de apoio, isto é, uma antena mental sintonizada com aquela poderosa emissora de vibrações etéreas. Recomenda-se, como ato preparatório de uma bem sucedida reunião deste gênero, que seus componentes se esforcem por viver esse dia isentos de contrariedades, aborrecimentos, comentários ou ações desprimorosas, para que sua antena mental se encontre em perfeita receptividade na hora estabelecida para a recepção da corrente emanada do “*Círculo Espiritual do Amor de Jesus*”. Outrossim, aqueles que estiverem atribulados ou necessitarem de alguma graça do Divino Senhor, escrevam o seu pedido numa pequena folha de papel branco, dobrem-na ao meio e a encerrem num envelope que deverá ser colocado sobre a mesa à sua frente durante a reunião. Numa demonstração eloqüente de que o Amor de Jesus estará presente onde os interessados o chamarem, o Divino Mestre fará descer a cada um deles as graças que Lhe forem pedidas naquele momento de comunhão espiritual, desde que sua posse não venha prejudicar a outrem ou mesmo àqueles que as pedirem. Nas reuniões futuras os mesmos envelopes devem ser colocados sobre a mesa até que os pedidos neles contidos sejam alcançados. A perseverança nessas reuniões, com elevação, apressará a realização das aspirações fervorosas de cada membro da família.

Que todos divulguem este magno assunto das Forças Superiores grandemente empenhadas em auxiliar a todos que na

( \* ) Os livros que compõem a Grande Cruzada de Esclarecimento no mundo são: Nova Ordem de Jesus; Derradeira Chamada; Vida Nova; Elucidário; Corolarius; As Forças do Bem; e Vida de Jesus ditada por Ele mesmo. Não encontrando estes livros, solicite: [www.editora33.com.br](http://www.editora33.com.br) | [distribuidora33@editora33.com.br](mailto:distribuidora33@editora33.com.br) | (51) 3057-3390

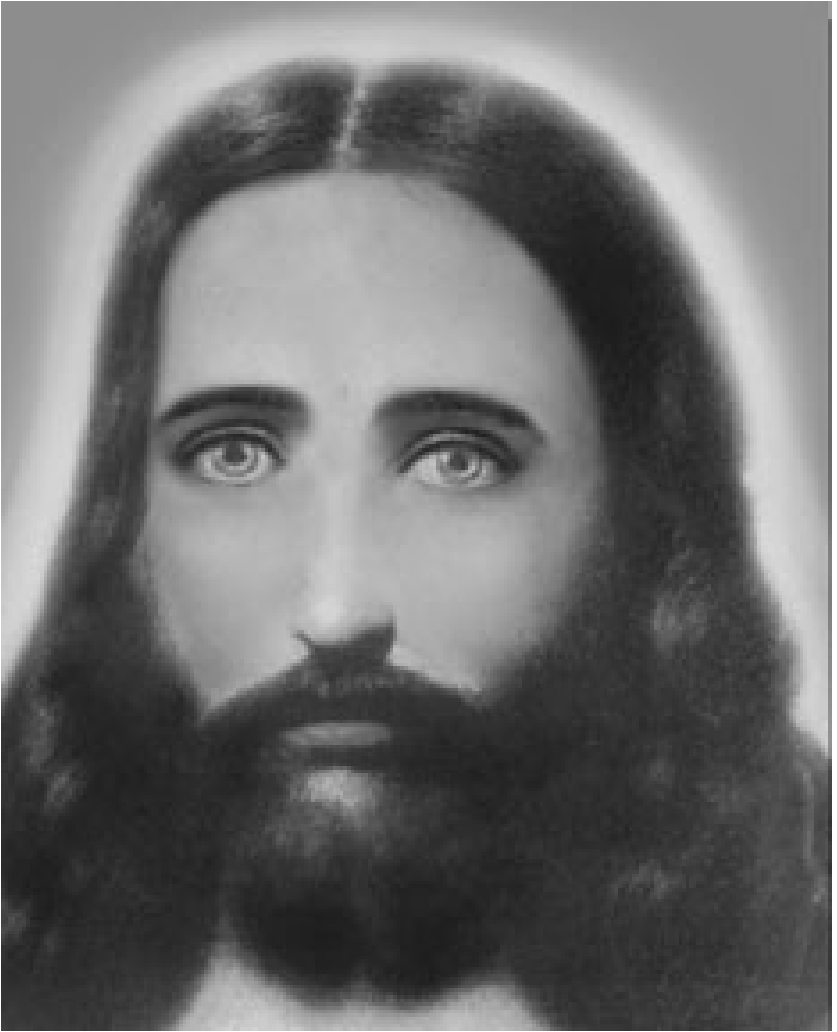
Terra cumprem suas tarefas evolutivas. Quanto maior for o número de participantes na hora aprazada em que o “*Círculo Espiritual do Amor de Jesus*” irradia sobre os homens os amorosos eflúvios do Divino Salvador, maior será também a paz, a luz, a harmonia e o alento espiritual derramado sobre a Humanidade, num apressamento de nossa reforma espiritual e da implantação do verdadeiro espírito de fraternidade entre os homens. Que o Amor de Jesus seja, pois, recebido fervorosamente por todas as criaturas.

ADENDO: — Em caso de calamidade pública, em qualquer parte do mundo (Mensagens n<sup>os</sup> 51 e 95), esta Corrente é irradiada ininterruptamente sobre a face da Terra, durante os acontecimentos, unindo nossos pensamentos ao Divino Salvador e abrindo nosso coração às bênçãos do Pai Celestial. (Para maior facilidade na difusão mundial, solicitemos as NOTAS n<sup>os</sup> 1, 2 e 3 de 1977, o Boletim n<sup>o</sup> 4 e demais informações que desejarem.) Dentro das irradiações necessárias, e quando mais estivermos integrados em acolher esses eflúvios benéficos, mesmo que não haja situação de emergência no mundo, será essa Corrente mantida durante todas as noites e dias, sem interrupção, INDEFINIDAMENTE — pela Compaixão do Extremado Governador Planetário. — Grato, Divino Salvador! — Assim seja, Senhor!

Para maiores esclarecimentos, dirigir-se à Instituição:

NOVA ORDEM DE JESUS  
(51) 3057-3390  
[www.novaordemdejesus.com.br](http://www.novaordemdejesus.com.br)  
[novaordemdejesus@novaordemdejesus.com.br](mailto:novaordemdejesus@novaordemdejesus.com.br)





*“SÓ PELO AMOR  
SERÁ SALVO O HOMEM”*



## **SÓ PELO AMOR SERÁ SALVO O HOMEM PREÂMBULO DA SEGUNDA EDIÇÃO**

*Meu conhecimento com Antônio Gama de Paula, o introdutor deste livro no Brasil, surgiu ocasionalmente, vai para quinze anos, quando ambos nos encontramos na diretoria da Tenda Espírita Mirim, nesta cidade afortunada de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Já então havia eu lido a VIDA DE JESUS DITADA POR ELE MESMO, em serões de família, calma e compassadamente, para que minha esposa e nossos quatro filhos pudessem participar, crianças estas embora, do encanto e bem-estar que sua leitura transmitia ao meu espírito.*

*O fato de ter sido Gama de Paula o elemento escolhido pelo Alto para difundir na “Pátria do Evangelho e Coração do Mundo” no dizer de Humberto de Campos, esta obra magnífica de claridades celestiais, de parceria com Sebastião Caramuru - uma das personalidades mais atraentes por sua pureza d’alma que conheci - e o perfeito espírito de compreensão que entre nós se desenvolveu, fez que nossas constantes palestras girassem quase sempre em torno da VIDA DE JESUS DITADA POR ELE MESMO.*

*Muitos foram, sem dúvida, os que saíram a campo para dar combate a este livro, na sua primeira edição, em português, na tentativa de arrasá-lo se tal possível lhes fosse, e o fizeram inegavelmente, alguns deles, com argumentos aparentemente irrespondíveis, tão brilhantes se mostraram no manejo de uma inteligência de escol. Ao contrário, porém, do que supunham esses denodados combatentes, tanto mais acirravam o combate ao livro, mais numerosos se mostravam os interessados em conhecê-lo por aí em fora. Necessária não foi a defesa da obra para que a mesma se difundisse. Sua luz assumiu uma tão grande força de expansão, que de muitos lugares chegaram pedidos de novos interessados em recebê-lo quando a edição desde muito se esgotara. Mas, para que defesa? Lá estão as palavras do Autor à pág. 252: “Irmãos meus: revelando as causas de minha*

*condenação e os juízos errôneos de meus atos, desejo que minhas palavras não sejam defendidas a não ser por mim somente; é preciso, pois, deixá-las tal como as exponho”. E mais adiante: “Não acreditais muitos de vós que sou eu quem vos fala e nem mesmo vendo-me o acreditaríeis, e tão-pouco o acreditaríeis se novamente crucificados vos exibissem os meus pobres despojos; porém, isto é porque fechados conservais os olhos da vossa fé, fechadas as portas da humildade, fechados os caminhos de vosso coração”. Para que defesa, pois?*

*Ligado desde agora à difusão deste livro no Brasil, atendendo a um apelo fraternal do meu amigo Antônio Gama de Paula que me solicita o patrocínio desta segunda edição, faço-o com o sentimento mais puro e santo que animar me pudesse para proporcionar a mais alguns milhares de leitores, o incomparável prazer de receberem também em seus espíritos ansiosos de luz e progresso as claridades celestiais que a leitura atenta, paciente, meditada, da VIDA DE JESUS DITADA POR ELE MESMO, faz projetarem-se em jorros bem-aventurados sobre tão afortunados irmãos.*

*Para encerrar este preâmbulo da segunda edição, desejo fornecer aos leitores algumas breves notas acerca da personalidade do Dr. Ovidio Rebaudi, a meu ver suficientes para demonstrar todo o valor moral e científico do tradutor desta obra do italiano para o espanhol. Encontram-se as notas abaixo no discurso proferido pelo Sr. Juan Olivero, na noite de 24 de outubro de 1937, na Associação Cristã “Providência”, em Buenos Aires, ao comemorar-se o sexto aniversário da desencarnação daquele culto e elevado espírito . . . . .*

*. . . . .*

*“Deve-se recordar — diz o Sr. Olivero — que, em mais de uma ocasião, havia manifestado Rebaudi que seus sentimentos foram espiritualistas desde sua infância, porém os estudos das “Ciências Naturais”, mal dirigidos, como o são sempre pela cegueira dos professores universitários, que não examinam senão a materialidade do que nos rodeia, foram talvez os que retardam a manifestação de suas faculdades supranormais; por isso seu cérebro não dava ensejo, senão melhor se firmava nas afirmações da escola materialista.*

*“Mais ou menos pelo ano de 1884, observou e estudou os fenômenos chamados “transcendentais”, logrando também*

*reproduzir muitos deles em forma experimental e científica.*

*“Teria então os seus quarenta anos quando ingressou na Sociedade Constância, ao tempo em que praticava estudos de magnetismo nos laboratórios da Sociedade Científica de Estudos Psíquicos, que o levaram à doutrina da destrutibilidade da matéria, chegando a completar a teoria com numerosas provas, demonstrando que a matéria é um estado transitório da energia. Com este título apresentou um de seus trabalhos juntamente com outro<sup>1</sup> ao Terceiro Congresso Científico Pan-Americano reunido em Lima em 1924.*

*“Muito tempo antes da descoberta do rádio, o Dr. Rebaudi havia notado que o acetato de urânio possuía propriedades biopsíquicas e mais tarde, quando se descobriu o rádio, comprovou a presença de pequenos vestígios deste; designou o primeiro como sal radiomagnético, por sua radioatividade. Assim, por seus múltiplos trabalhos científicos e seu saber, Rebaudi era conhecido pelo nome de “Sábio Paraguaio”. Recordarei que ele foi reitor da Universidade — Professor de Biologia e Química Médica, Diretor do Laboratório Químico e Bacteriológico de Assunção — como dos Laboratórios Químicos, Nacional e Municipal, de Buenos Aires, tendo o Município lhe concedido o título de Químico Honorário; possuindo ainda numerosas outras distinções de instituições científicas tanto do país como do estrangeiro.*

*“O Dr. Rebaudi somente procurou obter renome científico, para que sua palavra tivesse autoridade ao manifestar-se sobre Espiritismo e Cristianismo.*

*“Assim o vemos provando cientificamente suas teorias com investigações realizadas no Instituto Metapsíquico, cujos trabalhos foram publicados em revistas. Entre outras, La Magnetológica e Metapsíquica, em livros e folhetos, como também em conferências públicas, de onde pontificou que:*

*“A matéria é um estado transitório de energia; que a realidade reside mais no invisível e intangível do que no visível e tangível; que, entre o material e o elétrico e o corporal e o extracorporal, existe uma substância intermédia; que a personalidade humana pode agir independentemente do corpo; que*



*experimentalmente, por processos magnéticos, se pode determinar a separação da personalidade humana; dita personalidade exteriorizada não é mais do que a alma humana; que a mesma personalidade, separada definitivamente do corpo pela morte, tem dado provas de sobrevivência; a volta da alma ao mundo de relação mediante um novo corpo; a pluralidade dos mundos habitados; a idéia de justiça; a lei iniludível do progresso; e, no fim de tudo, encontra-se a Deus.*

*“Seja por disposição natural ou por meio de exercícios realizados, Rebaudi havia conseguido desenvolver faculdades supranormais em alto grau, sendo-lhe possível o desdobramento, até haver chegado em certas oportunidades a fazer-se visível longe de seu corpo. Em vários ensaios de exteriorização, conseguiu visitar distantes regiões planetárias, onde recolheu sensações das quais guardou clara impressão de sua rápida visão.*

*“Ele próprio também conservava recordações de diversas existências passadas que tinha bem presentes, referindo-nos encarnações, algumas delas de épocas bem remotas.*

*“Tudo isto eu ponho de manifesto a fim de que seja compreendido que necessariamente deveria ser muito elevada sua personalidade espiritual para possuir um organismo de condições excepcionais por sua sensibilidade, dotado de faculdades notáveis.*

*“Por sua mesma sensibilidade devia arrostar com inteireza de ânimo e superior firmeza a contínua avalanche das forças do mal que, em constantes arremetidas, pretendiam aniquilá-lo. Mas Rebaudi, com pureza de seus pensamentos e agindo com a consciência de sua missão, passou sua vida na Terra em intensa luta para sustentar a luz pura, porque amava a Verdade.*

*“Conhecemos seus esforços, suas obras e seus sacrifícios; por isso dizemos que Ovídio Rebaudi foi um ser superior, porque sustentou bem alto o ideal do Cristianismo e continua do espaço alentando com suas comunicações em apoio de seus irmãos da Terra a prosseguirem a obra de amor, como o ensinara o Divino Mestre Jesus”.*

*Eis, para os leitores desta segunda edição da VIDA DE*

*JESUS DITADA POR ELE MESMO, estes expressivos esclarecimentos acerca da personalidade do tradutor da edição italiana para o espanhol, o que deve constituir, por isto mesmo, um valioso testemunho do valor que o mesmo reconheceu nos fundamentos da obra.*

*Rio de Janeiro, julho de 1948*

*DIAMANTINO COELHO FERNANDES*



## PREÂMBULO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Leitor espiritualista.

Em tuas mãos depositamos este presente do céu. São páginas buriladas pelo espírito de Jesus de Nazareth, que mais uma vez nos visita para mostrar-nos os caminhos que engrandecem a alma e dão felicidade ao homem. Queres seguir a Jesus tendo Sua palavra por guia de teus passos para pões em prática as Suas instruções?

Aqui está o código de amor que Ele ditou para os Seus novos discípulos.

Com a Sua nova descida à Terra, o Filho de Deus veio realizar uma das suas mais importantes promessas, a saber: a vinda do Espírito Consolador.

A história mais uma vez se repete.

Ali na Judéia, vemos João Batista, o Precursor, preparando os caminhos espirituais para que Jesus lance com a maior segurança os alicerces de sua doutrina, doutrina que tem vencido o decorrer dos séculos e a má vontade dos homens.

Quando no Gólgota os padres fizeram levantar a cruz supliciadora do divino enviado, completava-se a segunda revelação: estava fundado o Cristianismo.

Na França, em 1865, Allan Kardec publicou o primeiro volume de coordenação da doutrina dos espíritos e em 1885, em Avinhão, antiga cidade do sul desse país, outrora residência dos papas franceses, Jesus de Nazareth consubstanciou nestas páginas de Sua Vida, por Ele mesmo ditadas, este grandioso monumento de história e de religião.

Não é admirável que Jesus escolhesse a mesma cidade onde os papas imperaram para dali ser espalhada a sua nova mensagem?

Por Jesus, o mesmo celeste embaixador, recebíamos a luz da terceira revelação: estava, pois, fundado o Espiritismo.

Debalde a intolerância dos sacerdotes da igreja romana, demonstrada no memorável auto-de-fé, de Barcelona, reduziu a

cinzas os livros do Coordenador; debalde a destruição sistemática fez desaparecer, um a um, os exemplares da VIDA DE JESUS DITADA POR ELE MESMO. Ela aqui está! Ressurge no momento mais propício, exatamente quando o nosso país encontra-se espiritualmente melhor preparado para recebê-la e para assimilar os seus inigualáveis ensinamentos.

A despeito das minuciosas buscas que se tem procedido na França e em outros países, da edição francesa atualmente, não se conhece o paradeiro de um único volume e o mesmo pode se dizer com referência à edição italiana feita pelo ilustre e intímato capitão Ernesto Volpi. Desta, apenas um exemplar veio para a América, onde as almas boas e dedicadas a Jesus trabalharam a semente que lhes foi confiada e fizeram-na reproduzir aos milhares.

Uma senhora, médium, que da Argentina trasladou-se para as plagas brasileiras, trouxe em sua bagagem um exemplar da segunda edição espanhola, publicada em 1909; este volume veio ter às nossas mãos; achamos a obra admirável mas não pensamos traduzi-la devido aos nossos escassos conhecimentos da língua castelhana.

À médium do Centro Espírita Apóstolos de Jesus, D. Theolinda Bittencourt, que também leu o exemplar que nos havia sido emprestado por um spiritista, deve-se a tradução que agora apresentamos àqueles que amam e seguem o Messias. Tanto esta senhora se entusiasmou pela leitura da VIDA DE JESUS DITADA POR ELE MESMO, e tanto instou para que a traduzíssemos, que afinal venceu a nossa resistência.

A vaidade que nos acompanha é bem grande ainda pela imperfeição do espírito que dá vida ao nosso corpo, mas isto não impede que reconheçamos que o trabalho que realizamos deixa muito a desejar; erros sabemos que ele contém e muitos, alguns não soubemos corrigir, outros a nossa falta de visão espiritual não viu e a maior parte deles deixamos passar.

Entregamos aos habitantes do Brasil a primeira edição desta grandiosa obra; ela é, sem favor, a mais bela manifestação do gênio através da perfumada flor da mediunidade. Nenhuma outra se lhe aproxima. É ao mesmo tempo um livro de história e um compêndio didático de espiritismo, ensina com segurança os caminhos da espiritualidade e esclarece as páginas até aqui nebulosas da passagem de Jesus-homem pela face da Terra, onde viveu, amou e sofreu. Tudo o que andava oculto pelo interesse dos homens ou por estes vinha sendo mal explicado, recebe do insigne

autor um poderoso jato de luz.

Em suas páginas de uma filosofia profunda, moderna e comprovada pelos fatos, já agora em grande parte ao alcance do investigador, o estudioso encontra tudo quanto necessita para, sem outro auxílio qualquer, saber qual foi a sua origem e qual é o seu destino; onde está localizado o Inferno e onde fica o Céu, ou seja, a casa de Deus, e como se consegue penetrar ali; como a criatura deve agir no presente para ser feliz ao transpor a porta estreita da morte, dessa parca tirana que a todo o instante nos espera. Com o que aqui aprende-se com Jesus de Nazareth, a morte perde o seu prestígio e deixa de ser apavorante para tornar-se apenas um incidente na vida daqueles que se vão espiritualizando.

Não conhecemos outro livro que ensine e deleite como este. A sua leitura nos comove até às lágrimas, ele tem um poder espiritual tão grande que desperta a alma do pecador endurecido, a ponto deste, espontaneamente, dispor-se a passar pelas mais duras provações desde que possa redimir as faltas que cometeu. É um milagre de amor! Aos vencidos na luta da vida terrena, que são muitos na hora que atravessamos, enche a alma de fé, dessa fé que se dinamiza em heroísmo, desse heroísmo que tudo vence e que triunfa das enfermidades do corpo, das misérias e das dores morais que oprimem a criatura. Ao que vence as tentações da Terra e os sofrimentos, no outro mundo abrem-se-lhe de par em par as portas de uma vida mais bela e muito mais gloriosa. Quando esta doutrina estiver bem disseminada neste planeta, não haverá mais suicídios, nem assassinatos e nem guerras. Além disto, a doutrina que Jesus aqui explana é o caminho para a solução racional e positiva de todos esses problemas sociais que agitam as nações nestes dias tão cheios de angústias e que vêm desafiando a acuidade dos homens de Estado.

O nosso maior desejo seria ver este livro nos lares de todos os habitantes desta grande nação e que as mães amorosas quotidianamente, o lessem como seu breviário e fizessem dele o fundamento da educação de sua adorada prole. Assim esta cresceria robusta na fé e se tornaria digna perante sua própria consciência. Desejamos também que os educadores da geração que vem surgindo bebesses nestas páginas os conhecimentos da doutrina do insigne Mestre para incuti-la nas almas que, sob seus cuidados, vão desabrochando para a vida, a fim de extirpar os males do mundo.

Leitor amigo; se a tua alma abriga o desejo de ser útil aos teus companheiros da Terra, auxiliando-os para o seu progresso,

amparando-os em seus sofrimentos e encaminhando-os para a espiritualidade, introduze em cada lar onde tenhas uma amizade, uma destas mensagens do divino enviado para que todos recebam os altos benefícios da nova peregrinação do Mestre excelso pelo planeta terráqueo. Somente assim, semeando nas almas a doutrina de Jesus, pura como aqui se encontra, teremos amanhã uma sociedade mais espiritualizada e por conseguinte melhor. Os elevados conhecimentos espirituais que aqui nos são tão singelamente transmitidos são tão bem explicados como ainda não vimos em nenhum outro livro.

Se outros méritos não tivesse esta obra admirável, preparadora da evolução da criatura para a vida eterna, lapidadora de caracteres, suavizadora de sofrimentos, ao menos serviria de pedestal ao grandioso monumento de paz que se vai levantando entre as humanas criaturas que ouvem a voz do Espírito e põem em prática a sua doutrina.

A leitura desta mensagem nos predispõe para o vôo alto da espiritualidade, para a conquista dos dons de Deus — a mediunidade — ainda que isto seja, como quase sempre acontece, com o sacrifício dos bens passageiros da Terra.

Aqueles que não quiserem progredir pela ciência e pelo amor, fechem o livro porque os seus ensinamentos muito avançados lhes não convêm. Ele foi ditado para os trabalhadores e não para os comodistas; veio à luz para os inteligentes e para os pensadores que repelem os dogmas, porque estes escravizam o pensamento e embotam o espírito. E o tesouro daqueles que sabem que o pensamento não se apaga e *“segue através dos mundos, comunica-se nos espaços, liga entre si os espíritos, sanciona os princípios da fraternidade e realiza milagres de amor”*.

Além de tudo isto, praticando esta doutrina elevada e pura do Messias, teremos numa arrancada prodigiosa deitado abaixo o castelo dos milagres, espavorido os ardilosos defensores dos dogmas religiosos, banido os sentimentos malsãos desta morada dos filhos de Deus e palmilhado o mais belo caminho que é o da crença em Deus com uma consciência limpa.

Aos novos apóstolos do amor concitamos tomar a peito, levarem a palavra de Jesus a todas as partes, disseminando a religião por ele pregada, com as suas belezas, a sua ciência profunda e a sua espiritualidade segura.

Se o leitor tiver interesse em conhecer a história da época em que os romanos dominavam o mundo, ela aqui está narrada pelo mais erudito historiador; se desejar conhecer os fundamentos

de uma ciência vasta, profunda e evolutiva, que muito de perto se relaciona com os homens de todos os hemisférios, aqui está o abençoado manancial onde a alma se ilustra e dessedenta; é aqui onde o espírito ávido de luz prepara-se para a grande caminhada através do espaço e do tempo. Se quiser saber de religião, duma religião que não é imposta porque não tem dogmas, que não anda atrás de predomínio porque não tem um corpo luzidio de sacerdotes e que não persegue ninguém porque o *“seu reino não é deste mundo”*, aqui está o seu código escrito pelo sábio legislador. Tome-o, estude-o com carinho e que sua alma se encha de luz e compreenda afinal Deus manifestando-se ao homem por intermédio do seu Messias.

Para o sábio, para o sacerdote de idéias elevadas, para o pastor de almas, para os governantes de povos, para o chefe de família e finalmente para o povo, este é o livro imprescindível, ele completa a educação e dilata ainda mais o horizonte da vida terrena.

Nestas páginas falam Jesus de Nazareth, Maria Sua mãe, João o Batista, os apóstolos Pedro, João o Velho, Barnabé, Mateus e Paulo de Tarso.

Aos homens, o Mestre vem lembrar as coisas que por ele já foram ditas e acrescentar uma porção de novos ensinamentos que não puderam ser dados aos pagãos, nem aos hebreus, mas que agora a nossa inteligência, um pouco mais esclarecida, já pode suportar.

As palavras de Jesus são como que um avivamento de nossas idéias para que a Sua doutrina retome o fulgor dos áureos tempos apostólicos, quer dizer, pura e simples, como era naqueles dias memoráveis em que não havia uma corporação sacerdotal enfatuada de teologia, mas que os predicadores — homens do povo — tinham convicções e o Espírito descia sobre eles para que bem cumprissem suas missões. Belos tempos!

Examinando-se com atenção o que se passou no tempo de Jesus e o que agora em nossos dias se repete, não deparas, leitor amigo, com uma certa analogia entre os seguidores do filho do carpinteiro e os spiritistas desta geração? Certamente a semelhança é grande, mas nós não vamos analisá-la porque Jesus é quem está com a palavra. E como é interessante ouvi-lo falar de Sua missão terrena, de Sua meninice e de Sua juventude, da profissão humilde de Seu honrado pai, de Sua querida mãe que O adorava mas que não soube compreender a grandeza de Seu trabalho messiânico; de Seus irmãos e de suas irmãs, apontando os



nomes de cada um deles; lembrar-se por onde andou e de tudo quanto fez, inclusive de Sua primeira visita ao Templo de David, em Jerusalém, acompanhado de Lia, viúva de um negociante, que ainda hoje tem a felicidade de ser abençoada pelo celeste mensageiro, apesar dos vinte séculos decorridos!

Estamos bem certos que, somente para conhecer estes detalhes tão interessantes da vida de Jesus, não faltará quem deseje ler esta sua mensagem com acurado interesse.

Agora não há mais mistérios sobre a vida do Mestre, já se sabe como decorreram os dias de Sua mocidade e como, e onde foram feitos seus estudos sob a proteção de José de Arimatéia, esse grande amigo do carpinteiro José e de seu filho, o carpinteiro Jesus.

Foi Arimatéia quem abriu a Jesus as portas da Cabala<sup>1</sup> onde se estudava a ciência dos espíritos e praticava-se o espiritismo antigo.

Logo, Jesus de Nazareth era espiritista, ninguém pode fugir à lógica dos fatos.

E como José de Arimatéia explica em síntese um mundo de conhecimentos em uma página admirável, como aponta a lei que o Mestre tinha que respeitar para se manter em constante comunicação com os espíritos!

Vede bem, leitor, que é o próprio Jesus quem agora vem recordar as palavras de seu amigo e esta recordação é como que a bússola que nos há de servir para as nossas relações de todos os dias com os habitantes do mundo invisível.

Ninguém menospreze os conselhos dados por Arimatéia a Jesus e que este, certamente, deseja que sejam seguidos com carinho para que o intercâmbio entre os dois mundos prossiga nessa marcha gloriosa que os espíritos vão dilatando por todos os recantos da Terra, com real proveito para aqueles que aqui se encarnam em busca de espiritualidade.

Talvez cause estranheza aos menos aprofundados no conhecimento das leis espirituais o fato singular de José de Arimatéia ter levado Jesus a uma reunião composta de homens chegados à idade madura, e não ao Templo, para assistir a uma sessão onde se tratou *“da luz espiritual e dos meios para transformá-la em mensageira ativa dos desejos do Ser Supremo”*,

1 - Cabala ou Kabbála designa recepção da Lei revelada da ciência de comunicar com os entes sobrenaturais, em uma palavra: – Espiritismo.

e que “quando deixou de ouvir-se a voz eloqüente, um estremecimento magnético deu-lhes a conhecer uma adoração inefável”.

Mas que tem isso? Não era no Templo, como não é na Igreja, o lugar onde a voz eloqüente do Espírito se faz ouvir, e nem no Templo, nem na Igreja, as correntes fluidicas banham os assistentes.

É nos Centros Espíritas onde a voz eloqüente do Espírito a cada momento inunda a alma do crente e as nossas perguntas recebem “*respostas sábias e conscienciosas, e se estudam páginas magníficas, e se explicam e desvanecem contradições aparentes e dúvidas passageiras*”.

A escola é a mesma, os processos postos em prática são os mesmos, e os espíritos — sábios professores — assim como ensinaram a Jesus na memorável sessão daquela noite em que a alma do jovem Messias se sentiu arroubada diante da manifestação dos Espíritos que lhe vinham falar em nome do Pai e, como Ele mesmo confessa, na qual se sentiu ainda mais desejoso das alegrias de Deus e o Seu espírito mergulhou em profundo recolhimento para merecer essas mesmas alegrias, do mesmo modo os filhos de luz vêm ensinando aos espíritas, em nossos dias, os caminhos do Senhor, sem pedirem licença à clerezia afoita.

Será bom lembrar aqui que no dia seguinte José de Arimatéia presidiu à primeira sessão de desenvolvimento da mediunidade de Jesus de Nazareth.

Jesus-homem preparava-se assim para receber as comunicações dos espíritos de Deus. Para que se possa compreender a lei que rege as comunicações dos espíritos, torna-se necessário salientar que em Jesus se confirmava que o veículo da vontade de Deus é o homem. “*É preciso repetir bem que estes nunca deixam de ser homens, no pleno exercício de suas faculdades, porque foram assim iluminados. Essas revelações eles não as recebem muitas vezes por seu prazer, mas lhes vêm a contragosto; e quando vêm, eles as recebem como recados mesmos de Deus, seus juízos e intentos; e a sua convicção de que são órgãos deles é a melhor prova possível de que são verdadeiros oráculos divinos.*

*Nesse caso esses inspirados não exprimem as suas próprias idéias, apesar de que seu é o modo de expô-las, e de que suas são as palavras.*

*Se Deus ou o Espírito Santo é quem inspira as revelações,*

*estas são divinas, mas o órgão delas é sempre o homem, com suas limitações, sendo por isso essencial que, nessa inspiração, assim recebida e revelada, se reconheça sempre, repetimos, o elemento humano”.*<sup>2</sup>

E ainda devemos acrescentar aqui: os homens médiuns que recebem as ordens de Deus para serem transmitidas aos homens, seus irmãos, todos eles já viveram na Terra e o próprio Jesus nos diz Ele *“o Messias já tinha vivido como homem sobre a Terra e o homem novo tinha cedido seu lugar ao homem compenetrado das grandezas celestes, quando o espírito se viu honrado pelos olhares de Deus para ser mandado como enviado e mediador. O Messias tinha vivido sobre a Terra porque os Messias jamais vão como mediadores a um mundo que não tenham habitado anteriormente”*.

Logo, além de homem, é necessário que o espírito traga a experiência das vidas anteriores para ser distinguido com o mandato divino.

Será bom não esquecermos que as revelações sempre tiveram a sua origem fora das igrejas e longe da influência da casta sacerdotal. O padre é como que um fantasma que afugenta o espírito e por isso o espírito somente se manifesta onde a mão do sacerdote não amordaça a consciência. Enquanto o padre espiritualmente não se reformar, não poderá ser útil à coletividade, não servirá para nada nesse trabalho preparatório de reformas grandiosas que o mundo tanto necessita e que vagarosamente, mas com segurança admirável, vão se realizando sob a direção dos Espíritos. Assim, como o padre está vivendo, político apaixonado no seio da mais política das instituições, ambicionando e empregando todas as suas energias para conquistar as mais altas posições sociais e fortuna, não poderá de forma alguma nos servir de guia, nem mesmo para que bebamos das águas límpidas das fontes do Cristianismo, dispensamos permissões de sacerdotes ou de quem quer que seja. *“Precisamos lembrar que nem o Velho nem o Novo Testamento têm por base ou esteio o sacerdotalismo. Na Velha Aliança existiam sacerdotes como em todas as religiões; mas quem ensinava os mandamentos de Deus aos homens de Israel não eram os sacerdotes mas sim Moisés, leigo, e os Profetas, sendo que só dois destes foram da classe donde saíam os sacerdotes.”*

O que Deus quer é que todos os homens sejam sacerdotes e formem assim a Sua “*nação sacerdotal*”. E no Novo Testamento Jesus Cristo provir não da tribo dos Levitas, mas da de Judá, e nenhum de seus discípulos era sacerdote ou da classe sacerdotal.”<sup>3</sup>

Por que a segunda revelação (cristã) seguiu os passos da primeira (mosaica), e não irrompeu no meio dos sacerdotes que afirmam serem os representantes autorizados de Deus na Terra?

E por que o mesmo aconteceu com o Espiritismo (terceira revelação), que teve a sua origem fora do domínio das igrejas? Fora, sempre fora dos templos e do convívio dos padres, é onde imperam o sentimento religioso e a humildade, e onde o Espírito de Jesus e os espíritos de Deus encontram os humildes homens do povo e por ele se manifestam aos homens, seus irmãos. Esta preferência tão significativa não estará indicando que as igrejas abrigam uma religião aparatosa, amparada por dogmas insensatos e falha em seus fundamentos? Esta verdade felizmente começa a ser compreendida pelos homens inteligentes.

A deplorável cegueira humana, vagarosamente, vai se libertando da ignorância na qual tem vegetado e os padres, já meio atemorizados, começam a verificar que o espantinho dos dogmas principia a se tornar impotente para deter a marcha triunfante do Espírito que, sem lhes pedir licença, se comunica em todas as partes, fala em nome de Deus como seu mensageiro que é e fundamenta suas instruções sobre a imortalidade e a reencarnação do espírito do homem. Agora, com estes fatos, a vida é mais bela e a Justiça de Deus muito mais compreensível, porque Satanás, o Demônio ou Lúcifer, esses papões do passado, já não mais amedrontam os homens que se vão preparando para a aurora espiritual que vem surgindo no horizonte de sua vida.

O observador sente que a era espiritual está bem próxima e vê, fora das igrejas e do controle da casta sacerdotal, muita gente se purificando para entrar em constante comunicação com os espíritos puros. O espírito, em cumprimento da profecia, vai se derramando por toda a carne e a mediunidade aflora em todos os lares mesmo aqueles que, melhor trabalhados catolicamente, pelo atavismo de seus ancestrais, se mostram mais insensos às manifestações dos espíritos.

É justamente no momento em que os espíritos forçam a

passagem estreita da incredulidade e deitam por terra os preconceitos humanos, o castelo dos dogmas e as superstições religiosas, que o povo brasileiro recebe a VIDA DE JESUS DITADA POR ELE MESMO, e oxalá a mensagem do embaixador das celestes moradas deposite um raio de luz em cada alma que a leia e amplie a visão do leitor para que compreenda os seus altíssimos ensinamentos sobre a doutrina do espírito.

À meditação dos crentes, ao raciocínio dos sábios, à investigação dos filósofos, ao estudo do povo deste grande país que muito ama a Jesus, oferecemos este repertório de verdades, único no mundo.

SEBASTIÃO CARAMURU

## O RETRATO DE JESUS, FEITO POR PÚBLIO LÊNTULO

*“Sabendo que desejas conhecer quanto vou narrar, existindo nos nossos tempos um homem, o qual vive atualmente de grandes virtudes, chamado Jesus, que, pelo povo, é inculcado o profeta da verdade, e os seus discípulos dizem que é filho de Deus, criador do céu e da terra e de todas as coisas que nela se acham e que nela tenham estado; em verdade, ó César, cada dia se ouvem coisas maravilhosas desse Jesus: ressuscita os mortos, cura os enfermos, em uma só palavra — é um homem de justa estatura e é muito belo no aspecto, e há tanta majestade no rosto, que aqueles que o vêem são forçados a amá-lo ou temê-lo. Tem os cabelos da cor da amêndoa bem madura, são distendidos até às orelhas, e das orelhas até às espáduas, são da cor da terra, porém mais reluzentes.*

*Tem no meio de sua fronte uma linha separando os cabelos, na forma em uso nos Nazarenos, o seu rosto é cheio, o aspecto é muito sereno, nenhuma ruga ou mancha se vê em sua face de uma cor moderada; o nariz e a boca são irrepreensíveis.*

*A barba é espessa, mas semelhante aos cabelos, não muito longa, mas separada pelo meio, seu olhar é muito afetuoso e grave; tem os olhos expressivos e claros, o que surpreende é que resplandecem no seu rosto como os raios do Sol, porém ninguém pode olhar fixo o seu semblante, porque quando resplande, apavora, e quando ameniza, chora; faz-se amar e é alegre com gravidade.*

*Diz-se que nunca ninguém o viu rir, mas, antes, chorar. Tem os braços e as mãos muito belos; na palestra, contenta muito, mas o faz raramente e, quando dele se aproxima, verifica-se que é muito modesto na presença e na pessoa. É o mais belo homem que se possa imaginar, muito semelhante à sua Mãe, a qual é de uma rara beleza, não se tendo, jamais, visto por estas partes uma mulher tão bela, porém, se a Majestade Tua, ó César, deseja vê-lo, como no aviso passado escreveste, dá-me ordens, que não faltarei de mandá-lo o mais depressa possível,*

*De letras, faz-se admirar de toda a cidade de Jerusalém; ele sabe todas as ciências e nunca estudou nada. Ele caminha descalço e sem coisa alguma na cabeça. Muitos se riem, vendo-o assim, porém em sua presença, falando com ele, tremem e admiram.*

*Dizem que um tal homem nunca fora ouvido por estas partes. Em verdade, segundo me dizem os hebreus, não se ouviram, jamais, tais conselhos, de grande doutrina, como ensina este Jesus; muitos judeus o têm como Divino e muitos me quereriam, afirmando que é contra a lei de Tua Majestade; Eu sou grandemente molestado por estes malignos hebreus.*

*Diz-se que este Jesus nunca fez mal a quem quer que seja, mas, ao contrário, aqueles que o conhecem e com ele têm praticado, afirmam ter dele recebido grandes benefícios e saúde, porém à tua obediência estou prontíssimo, aquilo que Tua Majestade ordenar será cumprido.*

*Vale, da Majestade Tua, fidelíssimo e obrigadíssimo...*  
*PÚBLIO LÊNTULO, presidente da Judéia.*

*L'indizione setima, luna seconda”.*

Esse documento foi encontrado no arquivo do Duque de Cesarini, em Roma.

Essa carta, onde se faz o retrato físico e moral de Jesus, foi mandada de Jerusalém por Públio Lêntulo, então presidente da Judéia, a Tibério César, em Roma.

Tiramo-la da Revista Internacional do Espiritismo.

## A SENTENÇA CONDENANDO CRISTO À MORTE

*“Sentença pronunciada por Pôncio Pilatos, governador regente da alta Galiléia, ordenando que Jesus de Nazareth sofrerá o suplício da Cruz.*

*No ano dezessete do império de Tibério César, no vigésimo quinto dia do mês de março, na Cidade Santa de Jerusalém, Anás Caifás sendo sacerdote e sacrificador do Povo de Deus; Pôncio Pilatos, governador da baixa Galiléia, assentado na cadeira presidencial do Pretório:*

*Condena Jesus de Nazareth a morrer sobre uma cruz, entre dois ladrões, dando o grande e notório testemunho do povo:*

*1º — Jesus é sedutor;*

*2º — Ele é sedicioso;*

*3º — É inimigo da Lei;*

*4º — Se intitula falsamente Filho de Deus;*

*5º — Pretende ser Rei de Israel;*

*6º — Entrou no templo seguido de uma multidão que levava, em mãos, palmas.*

**NOTA.** Este documento apareceu publicado no Jornal de Francfort, número 115, de 26 de abril de 1839.

Nesta sentença incisa em uma lâmina de cobre está literalmente escrito: — Uma igual lâmina é expedida a cada tribo.

Esta sentença foi achada em um vaso antigo, de mármore branco, quando se faziam escavações na cidade de Aquila, no Reino de Nápoles, em 1280, e foi exposta pelo comissário das Artes, empregado na Armada Francesa.

No tempo da expedição de Napoleão, ela estava na sacristia dos Certosinos, vizinha de Nápoles, guardada em uma caixinha de ébano. O vaso está na sacristia de Caserta.

A tradição que se lê foi feita pelos membros da comissão das Artes.

Os Certosinos, mediante suas súplicas, obtiveram que esta lâmina não lhes fosse tomada, compensando com grandes sacrifícios que haviam feito pela Armada.

Denon havia feito fabricar uma lâmina do mesmo modelo, sobre a qual fez inscrever a mesma sentença. Na venda do seu gabinete, esta foi comprada por Lord Howard, por 2.890 francos.

Esta cópia foi tirada do nº 11, ano VIII, da Revista Internacional do Espiritismo.



*Ordeno pelo primeiro centurião Quinto Cornélio, de conduzi-lo ao lugar do suplício.*

*Proíbo a qualquer pessoa, seja pobre ou rica, a impedir a morte de Jesus.*

*As testemunhas que subscreveram a sentença contra Jesus são:*

*1º — Daniel Robani Fariseu.*

*2º — João Zorobatel;*

*3º — Rafael Robani;*

*4º — Capet Homem do Povo.*

*Jesus sairá da cidade de Jerusalém pela Porta Aruena”.*

## INTRODUÇÃO À EDIÇÃO CASTELHANA

Havia formado o propósito de não dizer uma palavra sequer referente a esta obra, cuja tradução empreendi com verdadeiro tédio, somente cedendo aos numerosos e contínuos pedidos dos assinantes da Revista Magnetológica e de outros amigos; porém confesso que bem depressa mudei de modo de pensar a seu respeito, como o demonstram as numerosas notas que lhe fui agregando, e ao terminá-la neste momento, sinto uma verdadeira necessidade de quebrar, mais resolutamente do que fizera com as notas, minha primitiva resolução e abster-me de todo comentário e de omitir qualquer introdução à edição castelhana. É um dever de sinceridade que veio impor-se de certa maneira, e como a sinceridade é uma virtude inerente a todo espírito evoluído, eu sempre quis começar por ela para chegar a sê-lo algum dia.

Não pouca relutância me custa realmente ocupar-me do assunto, não tão-somente da obra, na forma em que vou fazê-la, ainda que omitindo a maior parte do que poderia e teria que dizer, se o espaço nos permite, pois não deixo de abrigar meus temores com respeito à maneira como julgarão minha profissão de fé alguns dos leitores, pouco preparados ainda para os assuntos do Moderno Espiritualismo, como é natural supô-lo, quando se trata de coisas recentemente postas em ordem do dia.<sup>1</sup>

É verdade que muitos ainda vêem com olhos assustadiços e muitos com incredulidade ou falta de compreensão, tudo o que se refere ao fenomenismo medianímico, com o qual justamente se relaciona uma boa parte do que vou dizer.

1 - Não me refiro naturalmente aos que se sentem refratários a tudo o que não se relaciona com a ordem exclusivamente material das coisas (que são os verdadeiros materialistas e que também não poderiam deixar de sê-lo, por deficiência de evolução cerebral neste sentido). Há materialistas que o são por convencimento e não por convicção, devido a que o estudo e a análise dos fatos os convenceram da falta de fundamento do espiritualismo que se lhes havia ensinado. Não é destes que eu falo, pois são em geral os mais bem dispostos para o estudo do Moderno Espiritualismo. — Nota do Sr. Rebaudi.

Mas, como se trata de fatos, meu único papel é referi-los com clareza e simplicidade.

Direi, antes, que, como espiritualista independente, não estou preso a nenhum credo ou religião, aceitando o que me parece justo e verdadeiro, de onde quer que ele venha. Assim com respeito ao Cristianismo mais uma objeção havia alimentado em meu espírito e muito pobre conceito me havia merecido seu fundador. Concedia-lhe quando muito o título de um ignorante e fanático iluminado, sustentando contínuas polêmicas a respeito, na Sociedade Constância e particularmente com seus ilustrados Presidente e Vice, senhores Cosme Marinho e Felipe Senilhosa, que me honravam com sua amizade e confiança.

Dizia-lhes, entre outros muitos argumentos: Aceitando completamente vossas teorias com respeito aos seres encarregados de uma missão sobre a Terra, não é admissível que a Inteligência Suprema escolhesse a bárbara e atrasada Judéia como ponto de partida para a implantação de novas doutrinas, mediante uma nova revelação, se é que as chamadas revelações<sup>2</sup> têm tido lugar alguma vez. Não é admissível, portanto, a aparição de um Jesus, tal como o pintam, e sempre aceitando a teoria dos enviados, no meio de um ambiente como o hebreu, que nenhum prestígio tinha no mundo civilizado, nem por seu poder militar, nem por seu comércio e riquezas, nem pelas indústrias, artes, letras e ciências.

Roma dominava o mundo por seu poder e Atenas por sua cultura; qualquer dessas duas cidades houvera podido servir vantajosamente como centro de irradiação para as novas idéias e não se pode supor em uma inteligência superior, como seja a de Deus, tanta falta de tino como colocar seu enviado em meio de um povo pobre, atrasado e vencido, em lugar de aproveitar-se das vantagens que lhe resultariam da supremacia de Roma ou Atenas. A atuação de Jesus teve tão pouca ressonância, que nenhum escritor se ocupou dela, a não ser o historiador hebreu Josepho, que só a ele se refere de passagem, e ainda isto mesmo se crê que ela representa uma interpelação alheia ao autor.

2 - Nós os modernos-espiritualistas cremos na estrita solidariedade entre o mundo corporal e o extracorporal, do qual resultam revelações permanentes da verdade, mediante o progresso, que nos torna capazes de sua percepção e compreensão cada vez mais completa. Essas revelações, de preferência, que se singularizam em determinados povos, favorecendo as divisões entre os homens, não são críveis, ainda que aceitando a teoria religiosa. As religiões têm sido sempre uma das causas permanentes das discórdias humanas e não é possível atribuir esse papel à revelação divina, na qual todas elas dizem basearem-se. O que se observa é que os indivíduos como os povos marcham para a perfeição por seus próprios méritos e por seus próprios esforços. — Nota do Sr. Rebaudi.

A Vida de Jesus, as profecias que a anunciaram, seu nascimento de uma virgem por obra do Espírito Santo, a morte dos inocentes, sua pregação, seus milagres, até mesmo a transfiguração, tudo é uma cópia dos Vedas, da vida e atuação de Krishna, a segunda pessoa da trindade budista.

Finalmente, depois de juntar e ampliar os argumentos dos autores contrários a Cristo, terminava sempre, em minhas discussões íntimas, por classificar de vagabundo a Jesus, por não ter domicílio nem meio de vida conhecidos.

Expondo tudo isto com singela precisão porque se ligam com ele umas alucinações sumamente curiosas que, em verdade, não deixaram de impressionar-me profundamente. Vou referi-las sem mais delongas, com o objetivo de abreviar.

Casualmente havia tido com alguns amigos uma conversação referente a questões filosóficas, a qual havia terminado com pareceres diversos a respeito do Cristianismo e com minha opinião desfavorável para com Jesus; havia regressado bastante tarde a minha casa e, momentos depois de me haver deitado, vi ao lado de minha cama uma pessoa de pé, olhando-me ternamente porém com fixidez. Sua figura e sua vestimenta eram as do próprio Jesus, tal como nos acostumaram a ver nas pinturas e esculturas. Porém era tal a superioridade e doçura de sua expressão, era tal sua idealidade, que não somente eu nunca tinha visto nada parecido, como nem sequer imaginado. Sentia-me ao mesmo tempo envolvido por uma aura tão suave, que se apoderou de mim num bem-estar indizível. Sentia-me penetrado, diremos assim, pelo pensamento desse ser superior, e tinha a sensação de que todos os meus pensamentos se encontravam a descoberto, claramente revelados, desnudos, diante de seus ternos olhares.

— Que pensas tu de mim? Perguntou-me com voz e aspecto graves, porém carinhoso.

— Que foste um vagabundo,<sup>3</sup> respondi maquinalmente.

— Sei que assim pensas, disse com suavidade.

Em seguida, já completamente senhor de mim mesmo, lhe perguntei por minha vez com veemência:

— Porém, dize-me: Tiveste realmente consciência de que desempenhavas uma missão e de que eras um enviado?

Respondeu-me, sem falar, movendo a cabeça três vezes em sinal de confirmação.

3 - Essa era na realidade minha idéia e eu manifestei-a maquinalmente; quase pode dizer-se que se manifestou por si mesma ao ver-se meus pensamentos completamente a descoberto.

— Porém, em meio das contradições e da malevolência que te rodeavam, continuavas julgando-te com inteira segurança? Igual resposta.

— Sabias que ias morrer e aceitavas a morte em apoio de tuas doutrinas com verdadeira consciência do que fazias? Novamente a mesma resposta.

— E agora, depois de vinte séculos de tua pregação, vendo que os homens não se emendam, não se apartam de suas discórdias e maldades, segues com as mesmas idéias?

Movendo uma vez mais a cabeça em forma afirmativa e apontando o céu com o indicador, disse: Só pelo amor será salvo o homem.

Desapareceu a visão ou alucinação, deixando-me na mais profunda perplexidade, sem mover-me e sem saber a que atinar durante largo tempo.

O fato não tornou a repetir-se, porém, ao decorrer um ano talvez, experimentei uma alucinação auditiva, relacionada com o mesmo Jesus.

Encontrava-me no Paraguai, terminando uma carta dirigida ao Professor García, então Diretor da Revista Magnetológica, na qual me declarava vencido afinal pelas instâncias que se me faziam para a tradução da Vida de Jesus e pensava a razão por que teria que ser precisamente eu o tradutor de dita obra, tais eram as insistências com que desde muito tempo se me assediava para esse trabalho, quando ouvi distintamente estas palavras: *Foste o escolhido por tua sinceridade.*

A voz era perfeitamente humana. Voltei-me rapidamente para ver quem falava, sem pensar que se tratava da resposta a uma reflexão mental minha, o que demonstrava imediatamente não se tratar de um fato normal.<sup>4</sup>

Efetivamente não descobri ninguém.

Mas devo uma explicação a respeito dos repetidos pedidos no sentido deste trabalho, que, como já disse, eu não estava disposto a empreender, havendo-me negado sempre a ele.

4 - Nos dois casos, porém, mormente no primeiro, o fenômeno alucinatório me tomou realmente de surpresa, porquanto nenhum antecedente interveio para a sua produção: nada, nem remotamente parecido, havia passado por minha imaginação e nada pode haver-se apresentado nunca com maior espontaneidade.

Sem dúvida alguma não houve nisto possibilidade de controle; por isso designo o caso como alucinatório, confessando não obstante que ele influiu em mim como se se tratasse de fatos reais.

Haviam decorrido uns cinco anos mais ou menos, da data em que, encontrando-me na Redação de La Fraternidad, me dissera seu Diretor, ao mesmo tempo que mostrava-me um livro de capa cor de tijolo: *“Aqui tem uma obra medianímica que está fazendo muito ruído, é a VIDA DE JESUS, DITADA POR ELE MESMO. Todas as revistas se têm ocupado dela, dedicando-lhe entusiásticos elogios. Seria sumamente útil que você a traduzisse”*.

— Por que eu? Já sabe o pouco amigo que sou destas coisas. Tenho muito de que ocupar-me e que considero de maior utilidade”.

Meses depois encontrei a mesma obra sobre a mesa da Redação de Constância e o Administrador, que me viu olhando o livro longe, perguntou-me se a conhecia e se me animaria a traduzi-la para o castelhano, pois contavam-se em grande número os interessados. Respondi na mesma forma que o havia feito anteriormente e como outras pessoas insistissem em aconselhar-me a empresa, manifestei a opinião de que ela talvez se tornasse causa de prejuízos maiores que de utilidade.

Mais tarde o Senhor Ferraro, Secretário da Federação Espiritualista, apresentou-se-me com o mesmo exemplar (o que não era de estranhar porque a Federação celebra suas reuniões no mesmo local de La Fraternidad), e elogiando a obra, me fez ver também a conveniência de sua tradução, com resultados idênticos aos casos anteriores.

Certa ocasião, estando de visita em casa do Dr. Cosme Marinho, pai, deparei com o mesmo exemplar sobre sua escrivaninha. Falou-me ele também muito favoravelmente da tal VIDA, pelo que dela havia ouvido falar e por ter encontrado passagens notáveis ao folheá-la, e me perguntou se eu não achava conveniente sua tradução.

Insisti na mesma resposta, acrescentando que parecia não haver mais que esse exemplar em Buenos Aires, pois era sempre o mesmo o que caía sob meus olhos, como se me fosse perseguindo, talvez pelo muito amigo que era eu de Jesus.

— Havia-me esquecido, disse o Dr. Marinho, que o senhor nada quer saber de Jesus, porém está laborando em um grande erro, porquanto a idéia religiosa está intimamente ligada à personalidade do Cristo no Ocidente e unicamente sob o prestígio de seu nome há de evoluir a moral entre nós. Ademais, a nova revelação tem agora seu lugar dentro do Cristianismo.

— Eu jamais lhe contestei, fiz derramar uma lágrima a um

semelhante meu, nem mesmo entre os meus companheiros sendo menino, pois sempre estive completamente alheio às disputas de rapazes; jamais cometi tampouco a menor injustiça, consciente do ato que ia praticar, e tenho feito todo o bem ao meu alcance, ainda que prejudicando-me, como tem acontecido muitas vezes, não obstante este meu viver, nem sou cristão nem quero saber nada do Cristianismo, e se o Cristianismo jamais houvera existido, nem por isso a moral e o sentimento religiosos haveriam deixado de participar do progresso geral do mundo.<sup>5</sup>

O Dr. Marinho manifestou sua discordância com argumentos e citações muito felizes, mas que não me convenceram.

Foi algum tempo depois desta conversação com o Dr. Marinho que teve lugar a estranha alucinação da aparição de Jesus, à qual, diga-se a verdade, coube o poder de mudar radicalmente meu modo de considerá-lo a ele e à sua obra.

Tive que transportar-me mais tarde para o Paraguai, buscando em seu benéfico clima e formosa natureza um remédio para minha abalada saúde, o que tive a sorte de encontrar, conseguindo uma notável, quase radical, melhora.

Foi então quando recebi carta do Diretor da Revista Magnetológica, dizendo-me que havia se tornado mais intenso o entusiasmo pela Vida de Jesus, e que a seu ver eu devia satisfazer o desejo de muitos bons assinantes. Que afortunadamente tinha em seu poder um exemplar em italiano, que lhe emprestara o Senhor Ezequiel Mazzini; este também indicando a conveniência da tradução, e que com esse objetivo tinha lido a obra, ficando encantado com ela e completamente seduzido por seu estilo e por seu conteúdo. A obra se impõe realmente ao espírito do leitor e se não foi Jesus quem a escreveu, ou ditou, deve ser outra pessoa igual a ele, como se fora ele, tal é a influência que ela exerce no ânimo dos que a lêem; assim, mais ou menos, me escreveu.

Minha resposta foi negativa, porém pouco categórica, e com o recebimento de novas cartas, mais fracas ainda se tornaram as negativas, até que me foi remetido o exemplar prometido, que outro não era senão o que eu já havia visto nas diversas ocasiões a que me tenho referido. Este detalhe também me impressionou, embora nada de estranho tivesse em verdade, porquanto me parece não existia outro exemplar em Buenos Aires.

5 - Refiro tudo isto, que por si só carece de importância, para demonstrar o estado de meu espírito antes da manifestação que tanto me impressionou, por mais que ela não tivesse parecido relacionar-se com a Vida de Jesus.

O que realmente é estranho, e que mais do que tudo merece chamar a atenção, é o fato, que a muitos tenho referido, da paralisação que experimentava na mão toda vez que, ao traduzir alguma passagem que se me deparava difícil, pretendia introduzir modificações na frase. Devia, pois, restringir-me o mais possível à letra do original, porquanto se me tornava humanamente impossível o escrever com alterações, a menos que se tratasse de alguma modificação de simples palavras forçosamente impostas pelas diferenças do idioma; porquanto a mão não obedecia já a minha vontade, e se, fazendo um esforço, lograva introduzir alguma ligeira modificação, a mesma mão, arrastada por uma força irresistível, riscava as palavras acrescentadas ou substituídas.

Penso ser um dever de consciência referir este fato, que considero de uma importância transcendente, porquanto devido a ele, a tradução resultou de uma extraordinária exatidão, e também porque o caráter misterioso que presidiu o processo da tradução em si mesma, feita por quem menos que nenhum outro houvera parecido ser o designado para este trabalho, veio a acentuar-se muito mais ainda devido a tal fenômeno.

Trata-se realmente de fatos anormais, tanto neste caso como nos dois anteriores, fatos cuja referência não me há de favorecer perante a opinião pública, pela falta geral de conhecimentos das matérias que se relacionam ao medianismo.

Bem sei que, salvo casos especiais, o escritor deve manifestar-se sempre de acordo com a cor e grau de intelectualidade de seus leitores, sem adiantar-se imprudentemente à época em que se encontra<sup>6</sup> e ao nível geral da inteligência, sob pena de cair vítima do desequilíbrio em que viriam a ficar reciprocamente colocados, um com respeito aos outros; porém sei também que é grave erro o de manter-se sempre dentro da rotina

6 - Sem ser espírita, ou coisa parecida (já disse que não pertencço a nenhuma escola determinada) compreendo que o mesmo se encontra fora do alcance da generalidade dos homens. Como doutrina moral, não sendo outra coisa que o próprio Cristianismo, seus preceitos são claros e simples, embora moralmente superiores a sua execução na prática por parte dos adeptos; porém o lado filosófico é já mais difícil, sendo a chamada Teosofia uma prova das complicações que podem resultar de seu estudo. A inventiva teosófica, efetivamente, chega até a dotar a alma de um corpo de desejos e que se organiza de maneira como que para constituir dentro de um regime centenário todo o desenvolvimento de suas teorias, demonstra como é fácil desviar-se quando se abandona o terreno positivo para lançar-se no campo das divagações filosóficas. O verdadeiro é o positivo, o que de alguma maneira constitui uma realidade. A Teosofia despreza o fenomenismo, adiantando em troca afirmações, não abonadas por fatos, sobre estas afirmações levanta um edifício, que tanto mais se distancia da verdade quanto mais se eleva. A Teosofia é, pois, um desvio místico do Espiritismo teórico.



dessas idéias velhas, tão-somente pelo temor egoísta de comprometer sua própria reputação de homem ponderado e de reflexão madura, pelo qual os espíritos conservadores imaginam ser distinguidos pelas maiorias.

O justo e lógico seria que, sem dar saltos, imprimindo estremecimentos bruscos à tranqüila superfície das águas da intelectualidade geral, procurasse cada um provocar um pequeno movimento de avanço ao conjunto das idéias e do pensamento das massas, colaborando pessoalmente assim todo o que escreve, na grande obra do progresso humano, em lugar de contribuir para a paralisação das faculdades superiores do espírito. Devido a tal crença é que me animei a apresentar as manifestações sinceras que deixei acima, com respeito ao que me sucedeu no terreno do fenomenismo medianímico e que designei como casos de alucinação, por falta de controle, único que, estabelecido com rigor, teria podido conduzir-me ao estudo de ditos fenômenos, como de alguma coisa realmente objetiva.

Apesar disso, a mesma índole dessas alucinações e o momento em que tiveram lugar, são de natureza como que para dar algum prestígio ao protagonista da obra que eu haveria de traduzir mais tarde, e à própria obra, arrastando-me de alguma maneira para o sentido religioso de seu conteúdo.

Já que tratamos deste ponto, Vou permitir-me também relatar o que em igual sentido sucedeu com a distinta Senhora Maria Z. De Brignardello, membro ativo da Sociedade Constância.

Encontrava-me algo adiantado na tradução da VIDA DE JESUS, quando esta senhora veio em visita a minha esposa. Julgando-a sabedora do trabalho que estava executando, falei-lhe dele e do entusiasmo geral, manifestado por uma infinidade de cartas, que todos os dias vinha recebendo.

Fui informado que a senhora, não recebendo por aquele tempo a Revista Magnetológica, tudo ignorava sobre este particular, e com o propósito de bem inteirá-la sobre o assunto, li para que ela ouvisse o belo prólogo do Capitão Volpi, e diversos outros fragmentos, entre os quais se encontrava o retrato que Jesus traçara de si mesmo. Ao ler esta parte notei que a senhora a escutava com manifesta contrariedade.

Manifestou-me, sem embargo, a boa impressão geral que a leitura do trabalho tinha produzido em seu espírito, e se retirou levando consigo o que lhe entreguei da tradução.

Alguns dias depois fomos, minha senhora e eu, à sua casa em retribuição à visita que nos fizera, e me recebeu dizendo-me:

*“Estava ansiosa por encontrá-lo para referir-lhe um fato extraordinário que me sucedeu fora de toda a expectativa de minha parte”*. Eu tinha lido a descrição do retrato de Jesus, prosseguiu, em uma obra que tratava dele e que muito me havia agradado, aceitando como absolutamente exato o que a seu respeito na mesma se dizia. Quando ouvi depois o que o senhor me leu com referência ao físico do Mestre, me impressionou muito desagradavelmente a assinalada diferença resultante da comparação que fiz dos dois retratos: o que eu conhecia anteriormente e tinha por certo e o da leitura que me proporcionou. Calei-me não obstante, dizendo para comigo mesma: talvez eu não tenha ouvido bem.

Na mesma noite, logo que cheguei à minha casa e me dispus a deitar-me, resolvi antes tornar a ler o retrato. Sua leitura veio confirmar o meu juízo primitivo, causando-me verdadeiro dissabor o que, sem mais demoras, considerei uma inaudita mistificação.

Deitei-me sob essa desagradável impressão, depois de haver aceso, como de costume, a lamparina da noite. Havia-me deitado há poucos instantes, quando, fixando meu olhar em um quadro de Jesus que tenho em frente ao meu leito, me pareceu que o retrato movia os olhos, olhei com redobrada atenção e o fato tornou-se-me real; os olhos se moviam sem dúvida alguma e me olhavam com uma expressão tão delicada e tão suave, que eu não posso definir.

Via ao mesmo tempo a imagem que se ia engrandecendo e destacando-se do quadro, aos poucos ia tomando corpo e assumindo vagarosamente os caracteres da realidade. A dúvida não era possível, a evidência estava ali diante de meus olhos. E já não eram tão-somente os olhos, senão o rosto todo e depois o corpo inteiro, que se via claramente no centro de uma luz diáfana, tenuemente azulada, que a este tempo tinha inundado todo o aposento.

No centro deste clarão divisava-se nitidamente uma pessoa, e esta era a pessoa de Jesus toda inteira, cobrindo naturalmente o quadro, que desapareceu por detrás de tão inesperada como portentosa visão; o Mestre se deslocou lentamente para o meu lado, como que deslizando, sem tocar o solo.

A luz que rodeava, com uma claridade realmente celestial, a pessoa de Jesus, me permitiu ver com precisão a sua fisionomia, sem igual por sua beleza e pelo idealismo de suas expressões. Os

seus traços, a cor de seus olhos, tudo correspondia em seus menores detalhes com os do retrato que o livro, que ele ditou, fazia do Mestre.

A visão permaneceu alguns instantes diante de mim e durante todo esse tempo, e depois de seu desaparecimento, me senti inteiramente envolvida e penetrada por uma atmosfera salutar, tão tênue e tão suave, que nada que com ela se parecesse havia eu jamais percebido, nem sequer imaginado. Produziu-me aquilo um místico arroubamento que me sinto incapaz de descrever.

Desvanecida a aparição, continuei sentindo-me como que docemente dominada por esses benéficos eflúvios que se tinham desprendido do espírito que me aparecera, e que produziram em mim um bem-estar até então desconhecido, e adormeci como que possuída por um sentimento de devoção, sob a impressão de que realmente tinha sido o próprio Jesus, quem se apresentara em pessoa para testemunhar a exatidão do retrato, que ele nos faz de si mesmo nesta sua história e para dar ao mesmo tempo à obra todo o cunho de veracidade que se pode deduzir de tão extraordinário fenômeno, produzido em seu favor.<sup>7</sup>

Este comovedor acontecimento deixou-me profundamente convencida que a VIDA DE JESUS, DITADA POR ELE MESMO, é realmente verdadeira.

Convém recordar que a Senhora Brignardello se havia retirado de minha casa levando um conceito desfavorável para com o novo retrato de Jesus e que essa má disposição se tornou extensiva a todo o livro quando, relendo-o já em sua casa, disse: isto é mistificação. Recolheu-se, pois, a seu aposento com essa impressão e foi sob a mesma que teve lugar o fenômeno, sob todo ponto inesperado.

O mais curioso é que estas aparições, as chamaremos assim, se repetiram com diversas outras pessoas, freqüentemente,

7 - Se supomos que estas alucinações têm uma causa consciente que se encarregara de fazer ressaltar o valor da VIDA DE JESUS, temos de convir que o objetivo foi alcançado. A única coisa, sem embargo, que nos conduz a essa suposição e o próprio resultado das alucinações que, se quiséssemos catalogá-las como VERÍDICAS, nos encontraríamos diante da absoluta falta de controle. A única coisa que poderíamos dizer, é que existe um acúmulo de circunstâncias, que devido a raras coincidências, todas elas se ajuntam para dar valor à obra e comunicar-lhe um caráter de elevado misticismo. A Sociedade Real de Ciências, de Londres, fez reunir e estudou uma grande quantidade de fenômenos de alucinações verdadeiras e mereceu sobretudo ler-se a obra, que juntamente com o título de Alucinações Telepáticas, publicou a Comissão formada na douda associação, constituída especialmente pelos senhores Turney, Myers e Padmore. Porém tudo isso se refere a questões complicadas das quais não podemos tratar assim em passagem rápida.

durante o sono, porém outras vezes durante a vigília, com pessoas reciprocamente desconhecidas e que nessas ocasiões ficaram surpreendidas pela manifestação, como no caso acontecido à Senhora de Brignardello, por não terem antecedentes de nenhuma espécie a respeito e resultar-lhes completamente inesperado o fato. Porém eu só refiro a que antecede para evitar as que se tornariam inúteis repetições, pois, salvo variantes de detalhe, todas elas se parecem. Como quer que seja, se vê claramente do que ficou atrás, assim como do que vem relatado no belo prólogo da tradução italiana, e do conteúdo e estilo da própria obra, se vê de tudo isto alguma coisa como que o advento de uma era nova de labor cristão, como se o Mestre, reassumindo a direção, tome o lugar que de direito lhe pertence como encaminhador do intenso movimento espiritualista que se evidencia em todas as partes há pouco mais de meio século.

A moral e o sentimento religioso nada são fora da idéia espiritualista, única que lhes empresta verdadeiro apoio, depois de lhes haver dado a existência, senão que ela deve ajustar-se severamente à verdade para possuir valor efetivo em si mesma. Se a idéia espiritualista, para defender os foros de sua tradição, se declarasse contrária às verdades que vão descobrindo-se com o progresso das ciências, como sucede com o espiritualismo inculcado pelas religiões e com o ensinado pela filosofia clássica, perderia todo o seu prestígio, porque a verdade nunca pode ser contrária à verdade.

Esta VIDA DE JESUS vem prestar um importantíssimo serviço neste sentido, deixando de lado, como não existentes, muitos acontecimentos que tornavam inaceitável, para a maior parte dos estudiosos, a pessoa do Cristo, devolvendo-a assim à realidade precisamente no momento em que se fazem os maiores esforços para relegá-la à categoria das lendas.

Ganha deste modo a verdade e ganham principalmente a moral e o sentimento religioso, que se fundamentam e sempre devem fundamentar-se nela.

Certos indivíduos costumam estabelecer uma separação profunda entre o ideal e o real. Assim procedem porque ignoram que geralmente há maior realidade no que não se vê, do que naquilo que se vê, pois no desconhecido se encerra todo um infinito de realidade, ao passo que nossos cinco pobres sentidos só nos põem em relação com uma parte ínfima do que existe; a outra grande parte é para nós como se não existisse. Conformemo-nos entretanto com o que temos alcançado e com o que paulatinamente

vamos alcançando, demonstrando-nos, sobretudo, sempre sinceros, dispostos a aceitar o verdadeiro, venha ele de onde vier.

Convém recordar aqui que se deve ao progresso das ciências, até agora em luta constante com todas as religiões, o grande passo dado para a frente pela Humanidade. É a esse progresso que se deve o rompimento das cadeias que tinham estreitamente acorrentado o pensamento do homem a preocupações retrógradas e a doutrinas perversas, que chegaram a santificar os crimes mais horrendos da INQUISIÇÃO e a inundar o mundo inteiro em rios de sangue, com suas intrigas religiosas na Europa, com as cruzadas na Ásia e com a conquista na América.

Mas uma coisa é o sentimento religioso e a moral e outra coisa são as religiões. Esforçam-se justamente a moral e o sentimento religioso por dirigir por caminho reto a mentalidade humana elevando-a acima dos atavismos de nossa origem bestial. Não culpemos portanto a coisa alguma e a ninguém do que somente é fruto de nossas baixas paixões. Deixemos esse passado de opróbrios, e olhemos frente a frente, impondo a nós mesmos, como dogma essencial de nossas crenças, a obrigação estrita de fazer cada um quanto esteja ao seu alcance em favor da dignificação humana, mediante a cultura da inteligência, a elevação do caráter e o brilho de novos e alevantados sentimentos.<sup>8</sup>

OVÍDIO REBAUDI

8 - Este prólogo foi escrito sem ter à vista as Duas Palavras do tradutor que se encontram mais adiante e que, publicadas dois anos antes, foram em verdade por mim esquecidas, devido aos dolorosos contratempos da revolução do Paraguai, onde me encontrava então, em julho de 1908, voltando a sofrer minha saúde graves transtornos que me obrigaram a regressar a Buenos Aires. Os dois escritos refletem o meu modo de pensar, em dois momentos diferentes; eles se completam; entretanto, se os houvera recordado, um dos dois não teria aparecido. Que sejam tomados em conta do imprevisto e involuntário, casos como este que forem aparecendo na publicação desta obra. — O. R.

## COMUNICAÇÃO DE SARA A HEBRÉIA<sup>1</sup>

Haviam transcorrido muitos dias depois dos fatos referidos e nada havia eu tornado a saber de Jesus, quando tive de ir ao templo devido às festas de Páscoa, que ali se realizavam. No átrio encontrei-me com algumas moças, entre as quais estava Maria, a irmã: vinham desfiguradas e correndo. Eu perguntei a esta: Maria, me dás notícias de Jesus? — Vem, me respondeu, se ainda queres vê-lo. — Corri, e todas partimos juntas. — Aonde me levas? perguntei. — Vem, se queres, me respondeu novamente Maria.

Em meio do caminho nos encontramos com a bela Maria, conhecida pela Madalena, que chorando desesperadamente nos acompanhou, e chegamos assim correndo à porta do palácio do governador de então de Jerusalém, o qual se chamava Pilatos. Havia um gentio tão numeroso diante dessa porta, que era impossível passar, e uns vociferavam, outros batiam ferros ruidosamente, outros gritavam com voz rouquenha, enfim, jamais tinha eu ouvido uma barafunda tão grande — À força de irmos empurrando, chegamos ao pátio e pude ver. — Deus meu! — quem me houvera dito que tornaria a vê-lo, ao meu Jesus, em semelhante estado? Estava quase despido, com todo o corpo ensangüentado, com o cabelo e a barba em parte arrancadas, com os olhos inundados de lágrimas, porém com o semblante tranqüilo; nós, as mulheres, não pudemos resistir a tal espetáculo: Madalena desmaiou, Maria chorava, e eu, eu nada via já.

Saímos de entre a turba e para nos vermos livres mais depressa dela, atravessamos o pórtico do palácio; um homem chamado Saimod estava sentado nos degraus do pórtico; tinha a cabeça apoiada entre as mãos e grandes gotas de suor lhe corriam pela frente e caíam no solo. Eu amava muito a Saimod e por isso me aproximei dele. Ouvi que falava sozinho e parei para escutá-lo: *“O corpo sofre, o espírito ora, o filósofo*

1 - Esta importante comunicação, devo-a à amabilidade de meu distinto amigo, o Capitão Ernesto Volpi. — Nota do Sr. Rebaudi.

*luta; eis Jesus*". — Saimod, disse-lhe eu, a quem falas assim? — Apercebeu-se então de minha presença e me disse: Que fazes aqui, Jones? — Vim para ver Jesus, lhe respondi, mas, por que sucedeu isto? — Vem, prosseguiu ele, agora Jesus descansa, porque seus verdugos estão cansados; vem e te contarei o que tem sucedido, porém lembra-te, ó Jones, que grandes coisas estão por suceder, lembra-te que acontecimentos que não tornarás a ver se apresentarão hoje. Vês o sol que resplandece? — Daqui a poucas horas se escurecerá; vês a Terra imóvel? — Daqui a algumas horas se agitará. — Quem te disse isso?, lhe perguntei.— Os astros e o vento.

Saimod era um homem original e incompreensível, que sempre falava de um modo enigmático; por isso nada mais lhe perguntei, restringindo-me a saber se devia permanecer com ele. — Fica-te, me respondeu, até amanhã. — Entretanto voltou a sentar-se no degrau da escada e eu a seu lado, e não falou nada mais.

Eu pus-me a olhar o que se passava ao redor de mim. As mulheres que me acompanhavam todas tinham saído; Madalena, tendo recuperado os sentidos, entrou novamente, e se havia atirado ao solo, com os cabelos empapando-se no sangue de Jesus, chorava, chorava. Jesus se encontrava sentado ao pé duma coluna, imóvel como um cadáver, com o olhar fixo no solo, apercebendo-se a gente de que estava vivo por um tremor que por momentos lhe percorria todo o corpo; uma infinidade de soldados dava voltas pelo pátio dirigindo palavras ignominiosas a Madalena, enquanto se riam parvoamente entre eles.

Oh! — Quão negras eram suas almas! — Como eram maus todos eles! — O pobre Jesus não os maldizia, pelo contrário calava-se.

Amigos meus, semelhantes recordações não sabeis vós quanto me fazem sofrer; permiti-me, pois, que eu vá retemperar minhas forças nos espaços superiores.

Voltarei outra vez.

SARA

## PREFÁCIO DO SENHOR VOLPI

Em 1885, o Antimaterialista, de Avinhão, revista dirigida pelo Sr. Renê Caillé, publicou esta obra obtida mediunicamente em francês. Eu recebi um volume, que ficou descansando em minha pequena biblioteca sem dar-me ao trabalho de lê-la, durante algum tempo, por não atribuir-lhe valor algum. Somente quando, seduzido pela confiança que me inspirava o excelente diretor do Antimaterialista, que recomendava o livro à séria atenção dos estudiosos, me pus a folheá-lo, recebendo uma profunda impressão de sua rápida leitura. Tornei a lê-lo repetidas vezes, resultando aumentar cada vez mais a impressão, até chegar à mais completa convicção a respeito de sua identidade. O conhecimento cada vez maior que eu ia adquirindo a respeito do moderno espiritualismo me ajudava muito para formar este são critério: Ninguém, a não ser o próprio Jesus, pode haver ditado o livro que tenho debaixo de meus olhos! — Do mesmo modo que, ouvindo-se falar de uma pessoa desconhecida para nós, da firmeza de suas expressões, conformes à lógica das idéias e do amor cálido e enérgico, que nunca se desmente, recebemos internamente o convencimento de que ela não nos engana; idéia que se converte em íntima certeza quando seus ensinamentos são ministrados com o mais completo desinteresse e em contínua harmonia com os fatos e idéias que se agitam no meio das incertezas da mente e da alma; tal como aconteceu comigo diante da obra de Jesus.

Em frente a ele adquire-se também a energia característica, o amor imenso, a constante e admirável força de vontade que levaram ao Gólgota Aquele que assim fala.

Desmente a todos aqueles que querem fazê-lo passar pelo único filho de Deus, enquanto que assegura, em troca, que todos podemos chegar, depois de repetidas existências, à sua elevação, trabalhando nossa alma no sentido da luz divina.

Confirma implicitamente as afirmações do Sr. Allan Kardec, sem se referir ao coordenador, e o explica em certos pontos essenciais, que este ou não tratou ou o fez confusamente.

Houve quem, sem duvidar da sinceridade da senhora



médium, acusou-a de automatismo (qual?) e julgou poder provar que as idéias manifestadas nesta obra carecem da firmeza e da elevação de idéias próprias do grande e genial reformador, como igualmente é combatida por aqueles que crêem que Jesus é o único filho de Deus. Seria necessário alguma coisa mais que um simples artigo de jornal para convencê-los de que todos eles se encontram laborando em um grave erro; porém não podendo fazê-lo aqui, me parece conveniente referir o que disseram deste livro vários personagens ilustres e de idade avançada, acostumados a dar com calma, às coisas, o verdadeiro lugar que lhes corresponde.

José Zolli, um dos mil, professor de Matemática, bem conhecido por suas obras, escreveu-me como segue a respeito da obra (veja-se II Vessillo de fevereiro de 1902):

“Eu li, tornei a ler e reler, muitas e muitas vezes, a belíssima VIDA DE JESUS. Estou entusiasmado com ela, não tendo lido jamais uma obra mais formosa e elevada.

*“Ela exala algo realmente superior. É um livro que reúne a arte à santidade, constituindo talvez em sua admirável simplicidade o livro mais esplêndido. — Quanto mais se o lê, mais se o aprecia”.*

O distinto advogado G. Sforza, membro do Conselho de Apelação, escreveu (veja-se II Vessillo de fevereiro de 1900):

*“Ao começar a leitura deste livro assaltou-me a dúvida a respeito da realidade de sua origem medianímica. Porém não tinha chegado ainda à metade quando toda a dúvida havia por completo desaparecido em virtude deste simples raciocínio: Se negarmos sua origem medianímica teremos que admitir na autora um engenho pouco comum, uma profunda cultura e minucioso conhecimento dos tempos e lugares em que se desenrolou a vida de Jesus, e tudo isto reunido a um esquisito sentimento ético, desenvolvido a tal ponto de constituir sua própria essência pessoal. Porém uma mulher dotada de semelhantes dotes encontra-se com toda a certeza nas condições de produzir uma obra original, e, até prova em contrário, não será jamais crível que ela haja querido negar-se a si mesma apresentando uma obra alheia, cujo mérito em nada poderia corresponder-lhe. Para pôde-lo crer seria necessário ter em mãos uma razão digna de tão grande sacrifício, e esta razão certamente não poderia ser o prurido de aparecer como médium, compartilhando assim uma*

*prerrogativa com muitas outras pessoas, muito inferiores, sem dúvida alguma, aos dotes altíssimos revelados pela escritora. Portanto, não existe nenhum motivo para duvidar da origem francamente medianímica deste livro”.*

O príncipe Wisniewski escreveu-me assim (veja-se “II Vessillo” de outubro de 1899): *“Este livro é a luz vinda do céu. É um verdadeiro acontecimento. Finalmente, depois de tantos sofismas, contradições e superstições contidas em uma biblioteca tão volumosa, que se se arrojara ao Pó seu curso ficaria interceptado e desviado, nos é permitido ler a verdadeira vida, a verdadeira missão de Jesus, depurada das escórias da tradição com que os séculos a têm desfigurado.*

*“Tem você razão em dizer que quem lê este livro tem a sensação de estar falando com o doce Messias de Nazareth, tal é o timbre de verdade que ressalta dele, verdade expressada com a maior simplicidade e o maior desprendimento da vida material, como ele o demonstrou durante sua curta estadia neste planeta”.*

Esta opinião foi manifestada também pela Revista Freya (Argentina), que transcreveu uma parte dela. Deixo de citar outras revistas que se têm manifestado de uma forma sumamente favorável a respeito da obra, para ocupar-me unicamente de L’Harbinger of Light, de Melbourne (Austrália).

O Sr. James Smith, antigo e conhecido colaborador de dita revista, escreveu o seguinte (veja-se II Vessillo Spiritista de dezembro de 1899): Na VIDA DE JESUS, escrita desde o princípio até o fim por uma senhora francesa, traduzida para o italiano por Ernesto Volpi e publicada em Vercelli, se encontram muitas passagens fundamentalmente idênticas a uma série de comunicações que nos demonstram sua comum proveniência de uma mesma fonte, as quais foram recebidas nesta cidade (Melbourne) durante os últimos sete anos, por intermédio de três diferentes médiuns de incorporação, entre os anos de 1892 a 1899 quase, e que foram empregados como intermediários para a sua transmissão.

Isto parece indicar que emanaram de uma mesma fonte.

Como exemplo transcrevo aqui em colunas paralelas as seguintes palavras, que se referem a Judas Iscariote:

## VIDA DE JESUS

*(Tradução de Ernesto Volpi)*

*“Pobre Judas! Em minhas últimas horas, ocupaste mais que ninguém meus pensamentos, e minha alma se inclinava para a tua para falar-te de esperança e de reabilitação.*

*“Perdido; costuma-se dizer perdido ao que traiçooou a Jesus. Oh! Não! Nada se perde das obras de Deus, todas estão destinadas a ser grandes, todas se verão honradas, embora todas comecem arrastando-se penosamente desde a falda da montanha, para iluminarem-se depois com a chama divina ao chegar lá em cima”.*

## VIDA DE JESUS

*Obtida medianimicamente em Melbourne (Austrália)*

*“Pobre Judas! Agora eu tenho piedade e lágrimas para ele.*

*“Até agora todos o têm caluniado e injuriado como a um imperdoável traidor. Não obstante deviam compadecer-se dele; entre-tanto, ninguém tem, em troca, uma lágrima para o pobre Judas. Eu que fui traiçooado por ele, perdoei-o desde então; ele progrediu depois, convertendo-se em mestre como ainda o é, se bem que não costume revelar seu nome quando se comunica, devido à marca cruel de opróbro com que o homem o assinalou.*

*“Saibam eles que nem uma só alma será ou poderá perder-se e que entre os anjos puros e gloriosos que são dignos de se encontrarem em presença do Pai, não há um só que não tenha pecado e sofrido, que não tenha palmilhado o duro caminho do pão da tribulação, exatamente como eu fiz”.*

Temos que lembrar aqui que, segundo as duas vidas de Jesus, Judas não atraçou por cobiça de dinheiro, senão por ciúmes, por inveja das preferências de quem eram objeto por parte do Mestre, João e Pedro. (Veja-se II Vessillo de novembro 1899.)

O Sr. James Smith, entre outras coisas, disse o seguinte: *“Entre as muitas passagens notáveis deste livro precioso, ressaltam esses vivos retratos que Ele faz de João Batista, de Salomé, esposa de Zebedeu, de Sócrates (precursor do Nazareno), de Maria de Betânia, de Maria de Magdala, do apóstolo Marcos, de Pôncio Pilatos e de outros personagens do Novo Testamento, pelos quais se adquire uma idéia mais clara e mais definida nesta VIDA DE JESUS do que nos mesmos Evangelhos, que não nos dão senão um simples esboço, ao passo que nestes retratos vemos quase como se estivessem vivos”.*

Pelo que diz respeito, por outra parte, à eloquência característica que se destaca em toda a obra, a essa unidade essencial que domina em todas as suas partes, a essa sublime eliminação do Eu, jamais olvidada na constante adoração para o Pai, dele e de todos os homens, nesse sentimento divinamente admirável de religião e de moral que inculca, eu não me atrevo quase a falar com essa entusiástica admiração que a religião deste livro me tem inspirado por temor de que me acusem de exagerado. Seria uma verdadeira desgraça para os espiritualistas da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, do Canadá, da Austrália, da América do Sul, França, Espanha, Alemanha, Áustria, Hungria, se este livro não fosse traduzido em inglês, alemão, espanhol e novamente em francês, tendo-se perdido o original e não existindo mais exemplar algum senão o conseguido por mim.

Havendo-me, naturalmente, assaltado a dúvida de que os médiuns de Melbourne tivessem podido chegar a conhecer o livro A VIDA DE JESUS, escrevi ao Sr. James Smith, rogando-lhe que me tirasse as dúvidas a respeito. Eis sua resposta com data de 15 de agosto de 1901:

*“Respondo a sua pergunta sem perda de tempo: é completamente impossível que qualquer das três médiuns (uma delas faleceu) pudesse conhecer o conteúdo de seu livro, porque as duas vivas são analfabetas, e a morta pouco lhe faltava para ser. Nenhuma delas conhecia uma única palavra de francês nem de italiano.*

*“Sucedia, até com frequência, que elas não*

*compreendiam as comunicações que se recebiam por seu intermédio, como médiuns falantes, sempre superiores à sua limitada compreensão”.*

James Smith acrescenta:

“Peço-lhe que desculpe minhas tentativas imperfeitas para escrever o italiano, ao transmitir-lhe estas mal traçadas linhas dando-lhe a última comunicação recebida do Mestre do Círculo<sup>1</sup> em presença de vários visitantes estrangeiros:

*“Queridos filhos, uma vez mais me encontro entre vós, onde quer que se encontrem corações amorosos, eu me apresento. Alguns homens costumam dizer que eu não posso vir à Terra. Mas, por que não? Só por uma má vontade de receber-me. Se o cordão magnético fosse bastante forte, aquele que agora vos fala, viria com muito prazer transmitir-vos as palavras de ternura que vos traz de nosso Pai.*

*“Alguns me chamam filho de Deus; mas, não sois todos filhos de Deus? Credes que o Pai tem filhos preferidos? Jesus de Nazareth não é mais querido do que o paupérrimo ser que se arrasta sobre a Terra. Deus ama todas as coisas que criou, desde o mais pequeno inseto até às obras mais grandiosas saídas de suas mãos. Por isso todos são seus filhos, todos são iguais em seu coração divino.*

*“O sol resplandece igualmente sobre os maus e sobre os bons e vivifica todas as coisas belas e úteis ao homem, para o sustento e a alegria de todos.*

*“Não julgueis nunca impossível que Jesus de Nazareth se comunique convosco sempre que façais vibrar as cordas da simpatia e do amor. Eis-me aqui, estou vivo. — Ah! — Quanto me aflige a nova crucificação que me fizeram sofrer os homens ao pretenderem fazer-me igual ao Pai para adorar-me como a Deus! Que sacrilégio! Que profanação! Que grande blasfêmia a de adorar a criatura em lugar de Deus!*

*“Não acrediteis que é mais surpreendente minha volta à Terra que a de vossos parentes e amigos. A mensagem que vos trago é a mesma que trazia nos tempos antigos.*

*“Amai-vos uns aos outros, e ajudai-vos a carregar os vossos respectivos fardos. Rogo a vosso Pai que vos abençoe e vos ampare agora e por toda a eternidade”.*

Deste modo, verifica-se que os nossos antípodas tiveram manifestações de tal natureza a não deixar dúvida a respeito da autenticidade da obra medianímica VIDA DE JESUS, escrita por uma médium anônima francesa sob o ditado do Messias Nazareno, manifestações superiores às apresentadas pelos Evangelhos e até os esclarecem em diversos pontos. Na Europa me apraz citar: 1º Sara a Hebréia (Anais do Moderno Espiritualismo, págs. 114, 148, ano 1873) em que se descreve o tremendo tumulto produzido pelo povo diante de Pilatos, confirmando com isto nossa comunicação; 2º Herculanium, livro medianímico (2 volumes) de Wera Krijanowski, filha do general do mesmo nome, que vieram esclarecer algumas passagens dos Evangelhos, entre aquelas que, pelo lugar e as circunstâncias, lançam muita luz ao sermão da montanha, tal como o indica a comunicação referida. Recentemente a Sra. Wera Krijanowski recebeu a nomeação de oficial da Academia Francesa.

Os dois médiuns citados não conheciam a VIDA DE JESUS.

Convém citar também o Sr. Aquiles Brioschi, que embora sendo completamente contrário ao espírito do livro, porquanto crê que Jesus é o único filho de Deus, me escreveu não obstante em 1899 o seguinte:

*“Faço-o ciente que nós também temos comunicações sumamente favoráveis a esse livro, obtidas pela mediunidade de uma senhorita, além de instruída e inteligente, médium vidente, as quais afirmam que o livro fará muito bem e que foi obra meritória publicá-lo. Esta senhorita goza da fama de santa”.*

O sacerdote Guido Piccardi, tão contrário à obra elogiada por sua convicção de que Jesus é o único filho de Deus, e tendo-me escrito sobre este particular, como o declarei no Vessillo de agosto de 1899, teve mais tarde que revelar-me que havia recebido repetidas manifestações medianímicas sinceras e contrárias ao seu modo de pensar.

Não quero também esquecer a distinta Virgínia Amélia Marchoni, professora, que eu via pela primeira vez, e que,

procurando amavelmente responder a uma pergunta minha de caráter espiritualista, caiu de improviso em transe, empalidecendo intensamente e enfraquecendo-lhe a voz e me disse que era realmente de Jesus a obra que me interessava. Comprovei de uma maneira a não deixar lugar a dúvidas o estado de transe em que se encontrava a distinta senhorita, que ao tornar a si recuperou sua voz e suas cores naturais.

Eu possuo um quadro medianímico feito a lápis pelo médium Favre e que representa a cabeça de Jesus, em cujo anverso tinha o costume de escrever o que resolvia levar a cabo, sem fazer-lhe depois correções. Depois de quase quatorze anos que eu possuía a VIDA DE JESUS DITADA POR ELE MESMO à médium Sra. X... e depois de algum tempo que acariciava a idéia de publicar sua tradução, efetuada por mim, despertei uma manhã com a resolução firme de levá-la imediatamente à tipografia.

Levantei-me, coloquei o quadro sobre uma mesinha com o propósito de escrever no anverso do retrato a promessa solene de efetuar minha decisão tão depressa estivesse vestido.

Enquanto me vestia lancei um olhar sobre o quadro, cuja cabeça tinha mudado de aspecto e de posição, oferecendo-se-me à vista uma verdadeira cabeça vivente. Ela se dirigia docemente para o céu com uma intensa expressão de adoração e de prece; porém o que mais me impressionou foram seus olhos de uma expressão sem igual, úmidos, dirigidos para as regiões supremas, cheios de uma alegria indescritível.

Escrevi minha promessa e a primeira tradução veio à luz.

Assim, depois de trinta anos de constantes estudos, dos quais doze passei-os como diretor do Vessillo Spiritista, em meio do progresso lento porém seguro, de nossas doutrinas, passando por cima de muitas, banais e grosseiras mistificações, às quais desgraçadamente oferecem oportunidade estas matérias; tomando nota do que dizem cientistas e não cientistas a respeito do Moderno Espiritualismo — que Deus os ajude! — afirmo com plena certeza do que digo: que estou absolutamente seguro da autenticidade medianímica desta obra de luz, a qual me proporcionou tantas alegrias morais como nenhuma outra escrita até agora e me brindou com uma constante e elevada direção, cheia de consolos e de convicção para a marcha da vida terrena.

Com estes pensamentos publico a segunda tradução.

## DUAS PALAVRAS DO TRADUTOR<sup>1</sup>

Eu professo o maior respeito por todas as opiniões sãs e especialmente pelas que tendem a cimentar a idéia do bem, levantar a moral e a propiciar tudo aquilo que pode ser a base ou um meio para elevar os espíritos acima da materialidade das coisas que de contínuo nos rodeiam. Por isso cedi cheio de prazer às instâncias de muitos espiritualistas, desejosos de conhecer a interessante VIDA DE JESUS que vai ler-se, traduzindo-a do italiano para que possa ser publicada em nosso idioma pela Revista Magnetológica, órgão da Sociedade Científica de Estudos Psíquicos.

Se bem que não se trate de um trabalho científico, a Direção de dita revista julgou conveniente encarregar-se da presente publicação em vista dos juízos unanimemente favoráveis que de todas as partes lhe têm chegado a respeito da obra, cuja origem medianímica, por outra parte, lhe dá mais uma perfeição especial, que não tem nenhuma outra história de Jesus.

Um fato muito sugestivo se destaca nela desde o princípio, fato que se adapta perfeitamente ao caráter eminentemente modesto de Jesus, e é o de negar-lhe toda importância na questão dos milagres. Desde logo, como tais milagres, o protagonista os nega rotundamente nesta sua história, a qual não é muito do agrado de alguns fervorosos crentes, que estão acostumados a ver no Mestre, não um homem senão um ser sobrenatural.

Eu só me permito observar-lhes que os Evangelhos, que são os que a cada passo nos falam de tais milagres, foram escritos por adeptos entusiastas, que não viram nem ouviram Jesus, ao passo que a presente obra se diz escrita por ele mesmo. É fácil compreender neste caso que o autor não podia exhibir-se a si mesmo com os contornos eminentemente pretensiosos, que resultariam se ele falasse de sua atuação, como se refere que

1 - Da versão espanhola.



falaram os evangelistas.<sup>2</sup>

Quero dizer que não podia expressar-se de sua própria pessoa, como podiam fazê-lo seus adeptos ao referir-se a ele.

Sem dúvida alguma a questão dos milagres está intimamente ligada à tradição cristã e forma parte integrante do que as igrejas Católica e Protestante entendem ser a vida de Jesus. Os modernos espiritualistas por seu lado nos afirmam que todos os grandes iniciados, pela própria natureza da missão que vieram desempenhar, se viram sempre dotados de poderes psíquicos especiais, dando lugar com freqüência ao que o vulgo chama milagres. Eu nada tenho a dizer sobre este particular, pois não posso provas para afirmar ou negar os fenômenos psíquicos que sob o nome de milagres são atribuídos a Jesus; só posso dizer que muitos deles são explicáveis de acordo com os conhecimentos que já temos das ciências psíquicas e que outros não o são.

De todos os modos, a personalidade de Jesus, ainda sem dar-lhe a importância que lhe atribuem os espirítistas, é altamente simpática e para muitos encarna a idéia de moral e a de religião.

2 - É sabido que os Evangelhos não foram escritos pelos evangelistas, e é por isso que se diz: Evangelho segundo São Marcos, segundo São Mateus, segundo São João, e não Evangelho de São Marcos, ou escritos por São Marcos etc. Os Evangelhos, pois, foram escritos muito depois da morte de Jesus, quando não existia há muito tempo, nenhuma testemunha ocular ou ouvinte das obras e pregações do Mestre. Portanto, esses escritos não representam mais que a tradição corrente da época em que foram efetuados, resultando deste fato que se os Evangelhos se multiplicaram de acordo com o número de escritores que se encarregaram de recolher dita tradição chegando a conhecer-se mais de quarenta, até que a Igreja selecionou dentre eles os quatro que melhor lhe convieram ou entre os que encontrou maior harmonia. Em realidade, em fins do século primeiro da era cristã não existia nada que nos autorize a crer que a palavra Evangelho se usasse em seu sentido atual e não havia coleção alguma que se parecesse ao nosso Novo Testamento. Mais tarde, em meados do século segundo, se menciona algo sob a designação de Memórias dos Apóstolos, porém sem que constituíssem um cânon, e, em fins do mesmo, se encontra a Santa Escritura Cristã, porém não bem definida ainda e diferente dos nossos atuais Evangelhos, porquanto variava em cada igreja e de acordo com cada doutor. Mais tarde, no século terceiro, se classificaram e aceitaram os *recepti in Ecclesiam* (recebidos na Igreja), sem que chegassem ainda à forma do Novo Testamento, até que no primeiro concílio de Nicéia (ano 325 da nossa era) se menciona, sem sancioná-la, uma coleção patrocinada por Atanásio, que depois foi adotada pela Igreja do Ocidente no século quinto. Como se vê, pois, os Evangelhos não têm nenhum valor histórico, nem de autenticidade; não podem servir portanto para combater a autenticidade da presente história. Convém melhor estudar a curiosa relação que se descobre entre algumas passagens pouco explícitas daqueles e a maior clareza que se encontra nesta, como o faz observar Ernesto Volpi.

Como obra autêntica, unicamente as epístolas de São Paulo pode oferecer-nos o Cristianismo e bem merece nos conformemos com isto, pela autoridade indiscutível do autor e pelo testemunho que nos dá de ter visto e falado muitas vezes com Pedro e com Tiago, “irmão do Senhor”, em duas viagens que realizou a Jerusalém, com uns quinze dias de estadia cada vez...

Por minha parte, como dizia ao começar, respeito todas as opiniões e no caso presente me limito ao simples papel de tradutor. O leitor formará sua opinião do modo que lhe pareça mais ajustada à verdade; o que creio verdadeiramente é que todo aquele que se interesse pela personalidade de Jesus, deve ler esta obra.

OVÍDIO REBAUDI



## ÍNDICE

Página do Gama .....	5
“Círculo espiritual do amor de Jesus” .....	7
Preâmbulo da segunda edição.....	13
Preâmbulo da primeira edição.....	19
O retrato de Jesus feito por Públio Lêntulo.....	29
A sentença condenando Cristo à morte.....	31
Introdução à edição castelhana.....	33
Comunicação de Sara a Hebréia.....	45
Prefácio do Senhor Volpi.....	47
Duas palavras do tradutor argentino, Doutor Ovídio Rebaudi.....	55

### PRIMEIRA PARTE

- Capítulo I.** Jesus fala de seu nascimento e de sua família e deixa entrever seu messianismo, com as elevadas tendências de sua alma. Fala também de suas primeiras viagens a Jerusalém e de sua intervenção em uma disputa entre Doutores, no templo..... 67
- Capítulo II.** Assinala o Mestre a manifestação de sua liberdade de consciência, quebrando-se a dependência dos pais, nesse sentido. Refere-se a seus estudos e à sua admissão na Cabala, onde foi apresentado por José de Arimatéia..... 76
- Capítulo III.** Apostolado de Jesus em Damasco, onde foi respeitado e admirado como profeta. De Damasco passou a Tiro. Espalhou o bem nessas cidades e demais lugares por onde andou, com seus ensinamentos e com seus conselhos particulares. Fala também Jesus de João,

o Batista.....	85
<b>Capítulo IV.</b> Fala João, o Batista.....	96
<b>Capítulo V.</b> Ocupa-se o Mestre de seu messianismo, que deu origem ao seu título de Filho de Deus, tomado resolutamente. Suas pregações deram lugar a uma séria oposição e para acalmar a má vontade do Clero resolveu retirar-se por algum tempo para Cafarnaum.....	107
<b>Capítulo VI.</b> Depois da chamada “pesca maravilhosa” aumentou grandemente o prestígio de Jesus, que escolheu em Cafarnaum seus primeiros apóstolos, Cefas, André, Tiago e João. Prática familiar de Jesus com seus discípulos.....	120
<b>Capítulo VII.</b> O prestígio do Messias na Judéia foi devido ao Batista, que foi depois encarcerado por suas exprobrações contra os vícios da corte de Herodes e decapitado afinal por influência de Herodíades. Jesus nada pôde fazer em favor do mártir.....	138
<b>Capítulo VIII.</b> Jesus define rapidamente a origem e desenvolvimento do espírito. Sua ascensão para Deus pelo progresso. Sexta-feira Santa. Jamais Jesus pretendeu passar por Deus.....	153
<b>Capítulo IX.</b> Continua a narração da missão de Jesus.....	167
<b>Capítulo X.</b> O Messias define sua personalidade. Os Messias são sempre originários do mundo em que desempenham sua elevada missão. Os apóstolos não estavam à altura dos fins que tal missão implicava, como também não compreenderam realmente os ensinamentos de Jesus.....	198
<b>Capítulo XI.</b> Jesus foi a Jerusalém, só, apresentando-se a José de Arimatéia, que acompanhou-o por todos os lugares em que convinha fossem vistos, para os fins da obra do Mestre. Necessidade do sacrifício de Jesus, somente por ele compreendida. A parábola do mau rico. Associa seus discípulos mais íntimos à sua glória futura, sempre que souberem fazer-se credores dela com suas virtudes e dentro do conceito de que “meu reino não é deste mundo”, como sempre dizia. Açoita aos	

mercadores do templo e aos hipócritas. Conversão de Madalena..... 223

**Capítulo XII.** Causas da morte de Jesus. Oposição de sua família e amigos a seu decidido propósito de pôr termo a seu messianismo com o martírio. Seus irmãos pretendem fazê-lo passar por louco, mas ele consegue da mãe que os retenha na Betânia. Prossegue entretanto o Mestre com afinco, a exposição de suas doutrinas, fustigando aos sacerdotes, de qualquer religião que eles sejam, que se apóiam na força e chegam até ao homicídio para impor o que eles crêem ser a luz de Deus, quando ele ordena pelo contrário: “Não matarás”. Fustiga do mesmo modo os depositários da força pública, que não a cumprem para o bem de seus subordinados. Jesus, entretanto, pressentia a proximidade de seu fim e não perdia tempo, ativando pelo contrário sua propaganda..... 245

**Capítulo XIII.** Manifesta Jesus o perfeito direito que lhe assiste para ser julgado pelo que ele verdadeiramente disse e não permite à médium a menor troca de suas palavras e tampouco a quem quer que deva intervir na publicação delas. Ocupa-se depois da legislação judaica puramente religiosa e da civil. Refere-se ao inexorável da primeira e das intrigas dos fariseus para perder a seus adversários. A Jesus muitas vezes eles lhe haviam armado laços e ele increpava-os duramente. Em suas pregações, à medida que a ira e a perseguição dos sacerdotes iam precipitando a data de sua condenação, ele demonstrava maior brio em sua propaganda e mais rigor nos ataques contra o Clero e os magnatas, que abusavam torpemente de suas posições contra as teorias democráticas do Mestre, que queria a igualdade e a fraternidade dos homens..... 262

**Capítulo XIV.** Continuava Jesus com seus sermões, alheio a toda ortodoxia, aumentando o ódio e o desejo de o perder por parte de seus inimigos. Ele desafiava-os afinal e denunciava-os perante o mundo por todas as suas maldades, falsidades e prevaricações, pondo Deus como Juiz e testemunho de suas acusações..... 277

**Capítulo XV.** Jesus, resolvido a não fugir do perigo, cede,

apesar de tudo, uma vez mais, aos rogos de seus amigos e concorda em mudar-se para uma casa colonial distante da que ocupava. Os sacerdotes temiam a oposição do povo e queriam prender o Messias inesperadamente e a sós, para o que conseguiram enganar a Judas, que os serviu a contento. Dá o Mestre suas últimas instruções a seus discípulos, promete-lhes seu auxílio depois de morto e despede-se carinhosamente deles. Jesus é preso .....	290
<b>Capítulo XVI.</b> Paixão e morte de Jesus. Seus primeiros instantes ao abrir os olhos do espírito no mundo espiritual. Observações que lhe dizem respeito e referentes às condições da vida humana que se desenvolve em geral no meio das trevas da maldade e da ignorância.....	312

## SEGUNDA PARTE

Batei, e abrir-se-vós-á. Pedi, e dar-se-vos-á.....	320
Prólogo.....	321
<b>Capítulo I.</b> Jesus continua sua missão.....	326
<b>Capítulo II.</b> O Mestre faz alusão a seus primeiros passos no meio das agitações do povo Hebreu, oprimido sob o poder romano, porém manifesta suas idéias opostas a toda a revolta.....	328
<b>Capítulo III.</b> Os homens interpretam mal a pessoa de Jesus e sua atuação; Ele pede que o atendam agora e o escutem pelo que verdadeiramente é.....	330
<b>Capítulo IV.</b> Insiste em que sua nova manifestação entre os homens sob esta forma, não constitui outra coisa senão a continuação da obra começada por ele, em nome de Deus.....	332
<b>Capítulo V.</b> Da Fé.....	335
<b>Capítulo VI.</b> A queda do homem e sua redenção.....	337
<b>Capítulo VII.</b> Refere-se o Messias à sua passagem e predicação por terras distantes e cita Cafarnaum como o ponto onde sua predicação começou a assumir caráter de	

eficácia para seu apostolado.....	338
<b>Capítulo VIII.</b> A propaganda assume maiores proporções e as novas doutrinas fazem prosélitos.....	342
<b>Capítulo IX.</b> Discípulos e Apóstolos de Jesus.....	344
<b>Capítulo X.</b> A missão de Jesus e a participação dos Apóstolos.....	349
<b>Capítulo XI.</b> Assim como o amor eleva o homem, o orgulho o envilece e tira-lhe o discernimento para apreciar a verdade. Com ele anda sempre unido o egoísmo, que é o mau conselheiro. Verdadeiro significado da “Torre de Babel”.....	352
<b>Capítulo XII.</b> Constituição dos seres inteligentes da Criação e seu porvir.....	357
<b>Capítulo XIII.</b> Devendo se servir somente das palavras que encontra no cérebro do médium, deve concretizar-se em suas manifestações às verdades essenciais, para não expor-se à diversidade de interpretações, quando o que ele vem trazer é a manifestação da doutrina dentro do amor, que é a síntese da obra de Deus.....	360
<b>Capítulo XIV.</b> Como foram os primeiros passos do cristianismo antes da morte de seu fundador e depois dela. Os mártires, o “espírito de verdade” e como Jesus se comunica novamente com os homens.....	364
<b>Capítulo XV.</b> Da confissão e da Eucaristia. Deus não precisa de intermediários obrigados para com seus filhos. O verdadeiro sacerdote é o homem de bem.....	375
<b>Capítulo XVI.</b> Sede justos e não vos cegue a paixão em vossos julgamentos. O que é bom o é por si mesmo, pois obra é do Pai; o que é mau não deixará de o ser em sua mínima parte, apesar do beneplácito e das fórmulas com que às vezes se pretende substituir a virtude.....	380
<b>Capítulo XVII.</b> A família e a fraternidade universal. As doutrinas de Jesus sobre este particular.....	385
<b>Capítulo XVIII.</b> A desgraçada condição humana atrai a comiseração dos espíritos de luz. É necessária a desmaterialização do espírito para libertá-lo da escravidão das paixões. Jesus prossegue sua obra de	



redenção, dificultada principalmente pela obstinação dos homens em sua materialidade e falta de fé. Eles, não obstante, como espíritos que são, estão destinados à vida espiritual e tudo o que ao espírito se refere deve interessar-lhes..... 388

**Capítulo XIX.** O verdadeiro espírito da pregação de Jesus..... 392

**Capítulo XX.** Quando Jesus indicou a infância como um exemplo a imitar para conseguir-se a salvação, quis somente referir-se à sua falta de malícia, porém de nenhum modo à sua falta de conhecimentos. Refere Jesus suas impressões no momento da desencarnação e suas manifestações a seus discípulos, sendo Pedro o que melhor as percebia. Contesta a suposição que faz da pessoa de Jesus o resultado das façanhas de três bandidos, que lutavam por manter vivo o patriotismo do povo hebreu e molestar por todos os modos os romanos, que eram afinal os possuidores da riqueza. Se bem tenham existido os tais ladrões e muitos outros, ele nada teve que ver com eles. Depois de sua morte, o que deu unidade à propaganda de sua doutrina foi a sua inspiração permanente no seio de sua igreja, cujos ensinamentos hão de generalizar-se, como já resultou, a despeito do silêncio que os historiadores guardaram dela, chegando ao conhecimento dos homens, e que assim também os mesmos que hoje negam crédito às palavras de Jesus, acreditarão nestas comunicações como sendo a obra de Jesus e as acatarão..... 398

**Capítulo XXI.** Volta a dizer algo referente aos espíritos desencarnados em relação com os encarnados e combate o abuso que se faz dos chamados “mitos” para explicar personalidades que começou por desfigurar para poderem ter o direito de negá-las depois, declarando-as “mitos”, e em consequência evitar o pesado trabalho de investigação. Os povos que teriam criado “mitos” de elevado significado, estariam à altura da concepção desses ideais e facilmente teriam também personalidades dessa elevação. Afirma que seus ensinamentos foram em parte adulterados ao passar para o Ocidente, principalmente em Alexandria. Que nos Evangelhos,

algumas coisas não foram ditas por ele e que em suas comunicações anteriores não quis observar pelo temor de que se duvidasse principalmente da autenticidade de suas novas comunicações.....	406
<b>Capítulo XXII.</b> Fala Jesus dos esforços despendidos por Ele nas cidades da Galiléia e de seu pouco êxito, insistindo no poder da verdadeira fé. Refere-se também à sua limitada atuação na Samaria e dá as razões dessa limitação.....	410
<b>Capítulo XXIII.</b> Volta a referir-se sobre a extensão que abrangeu seu apostolado e à intensidade de seu labor de propaganda.....	416
<b>Capítulo XXIV.</b> Jezeus Cristna e Jesus Cristo. Como se explica a semelhança da revelação cristã com a muito anterior da Índia, contida principalmente nos Vedas.....	421
<b>Capítulo XXV.</b> Jesus assinala o caráter progressivo do Cristianismo, fustigando os que, com enganosos sofismas, se esforçam em demonstrar o contrário.....	424
<b>Capítulo XXVI.</b> O Reino dos Céus sofre violências e somente os violentos entram nele.....	429
<b>Capítulo XXVII.</b> Estão próximos os tempos em que a verdade e a justiça hão de dominar no mundo, vendo-se desalojados os espíritos retardatários que passarão a povoar outras esferas. Os bons sentimentos, as boas idéias elevam a alma, dando-lhe mais clara visão em tudo o que é próprio do ambiente espiritual.....	435
<b>Capítulo XXVIII.</b> A Ressurreição de Jesus. O relato de Pedro.....	438
<b>Capítulo XXIX.</b> Reminiscências referentes aos milagres e profecias de Jesus, ao apostolado de Paulo e à sua atuação com relação aos apóstolos diretamente designados pelo Messias. A Igreja do Oriente e a do Ocidente.....	451
<b>Capítulo XXX.</b> O Apóstolo João explica sua posição em meio da pequena igreja galiléia e a sua atuação posterior, aproveitando o momento para aclarar muitos pontos	

obscuros dos princípios do Cristianismo.....	467
<b>Capítulo XXXI.</b> Algumas palavras do Apóstolo Barnabé.....	487
<b>Capítulo XXXII.</b> Fala Maria, a mãe de Jesus.....	493
<b>Capítulo XXXIII.</b> Comunicação do Apóstolo Mateus. A dupla consciência, a recordação do passado, e os colpinos.....	501

# PRIMEIRA PARTE

## CAPÍTULO I

*Jesus fala de seu nascimento e de sua família e deixa entrever seu messianismo com as elevadas tendências de sua alma. Fala também de suas primeiras viagens a Jerusalém e de sua intervenção em uma disputa entre Doutores no templo.*

Irmãos meus: escutai a narração de minha vida terrena como Messias.

Eu fui o mais velho de sete irmãos.

Meu pai e minha mãe viviam em uma pequena casa de Nazareth.

Meu pai era carpinteiro. Eu tinha vinte e três anos quando ele faleceu.

Tive de ir a Jerusalém algum tempo depois da morte de meu pai; ali, em contato com homens ativos e turbulentos, me meti em assuntos públicos.

Os Romanos governavam Jerusalém como todos os povos que haviam submetido ao seu domínio. Os impostos se estabeleciam sobre a fortuna, porém um hebreu pagava mais que um pagão.

Dava-se o nome de iniciado aos homens de Estado, e o poder destes homens manifestava-se com depredações de todas as espécies.

Os descontentes convenceram-me que eu devia unir-me a eles a ponto que me esqueci de minha própria família. Confiei a

estranhos a tarefa de regular os negócios de meu pai, e, surdo aos rogos de minha mãe, ouvindo e pronunciando discursos próprios para excitar as paixões populares, eu me privei de todas as alegrias filiais e me subtraí a toda a influência de meus irmãos.

Meus correligionários me inspiravam compaixão; esta compaixão não tardou em mudar-se em desejo de corrigir seus erros; fui-me exaltando cada vez mais e Deus me outorgou essa claridade suprema que dá estabilidade à fé, força à vontade e alimento às energias espirituais.

Minhas visões, se este nome pode dar-se à felicidade interna que me acompanhava, minhas visões me afastavam de minhas ocupações materiais para traçar-me uma vida de apóstolo e preparar-me para a glória do martírio.

A respeito dos milagres que me atribuíram, queridos irmãos, nem um só é verdadeiro<sup>1</sup>; porém convém meditar na sabedoria e na grandeza da graça de Deus. Todos os destinos honrados com uma missão precisam ser bafejados por Deus, e a pureza dos anjos cobre com uma sombra protetora a fragilidade do homem.

O pensamento de Deus lança a semente no presente, e esta semente dará frutos no porvir. A solicitude do Pai aspira à felicidade de todos seus filhos, e o Messias é enviado pelo Pai para amparar a seus irmãos em meio dos perigos presentes e futuros.

A razão reconhece um Deus que baixa das alturas de sua potência para compadecer-se dos males de suas criaturas; porém não poderia admitir um Deus que favorecesse uns esquecendo-se dos outros, porém Ele deve negar as honras divinas quando estas honras não se tenham estabelecido para o bem geral e não sejam explicadas pela justiça eterna, de que já tendes as descrições.

A graça tem sempre, como pretexto, os desígnios do Ser Supremo sobre todos, e os Messias nada mais são do que instrumentos nas mãos de Deus.

Deixemos, pois, os contos maravilhosos, as desprezíveis historietas feitas ao redor de minha pessoa e honremos a luz que Deus permite que se faça no dia de hoje, mediante a singela

1 - Os que estão a par do fenomenismo medianímico compreenderão com facilidade o significado do que diz o autor. Nota do Sr. Rebaudi.

expressão de minha individualidade e por meio do luminoso desenvolvimento de minha missão.

Meu nascimento foi o fruto do matrimônio contraído entre José e Maria. José era viúvo e pai de cinco filhos quando se casou com Maria. Estes filhos passaram à posteridade como meus primos. Maria era filha de Joaquim e de Ana, da cidade de Jericó, e tinha apenas um irmão chamado Tiago, dois anos mais moço que ela.

Nasci em Belém. Meu pai e minha mãe fizeram esta viagem, sem dúvida, para tratar de assuntos particulares e por prazer, com o fim de reatar relações comerciais e também para estreitar amizades; eis aí a verdadeira história.

Meus primeiros anos transcorreram como os de todos os filhos de operários remediados, e nada ofereceram como indício da grandeza de meu futuro destino.

Eu era de caráter tímido e de inteligência limitada, tímido como os meninos educados com severidade e de limitadas faculdades intelectuais como todos aqueles cujo desenvolvimento intelectual se descuida. Para minha família era um ser inofensivo, órfão de qualidades de valor, do que resultaram as primeiras contrariedades de minha existência e também as primeiras homenagens que tributei a Deus. Débil e pusilânime diante de meus pais, forte e animoso ante a idéia de Deus, o menino desaparecia durante a prece para ceder seu lugar ao espírito, ardoroso e pronto ao sacrifício.

Dirigia-me a Deus com arrebatamentos de amor e repousava nos braços do desconhecido, da dupla fadiga imposta a meu físico débil e ao meu espírito rebelde.

Da multiplicidade de minhas práticas de devoção resultava naturalmente uma penosa confusão, que estabelecia, cada vez mais, a convicção de minha pobreza intelectual.

Era costume dos habitantes de Nazareth e das outras pequenas cidades da Judéia encaminharem-se para Jerusalém alguns dias antes da Páscoa, que se celebrava no mês de março. Os preparativos, de toda a classe, que se faziam, revelavam a importância que se atribuía a tal festa. Montões de gêneros se vendiam por essa ocasião e se combinavam diversas compras para trazer-se alguma coisa da grande cidade. No ano a que chegamos e que é o duodécimo de minha idade, tinha que participar eu

também da viagem anual da minha família conjuntamente com o primogênito de meus irmãos consangüíneos. Partimos, minha mãe, meus irmãos, e eu, com uma mulher chamada Maria; meu pai prometeu alcançar-nos dois dias depois.

Ao chegar a Jerusalém minhas impressões foram de alegria, e minha mãe observou a feliz mudança que se havia operado em meu semblante. Hospedamo-nos em casa de um amigo de meu pai. Meu irmão, que tinha então vinte e dois anos, merece uma menção especial. Meu pai havia manifestado sempre para este filho o mais vivo carinho, e os ciúmes oprimiam meu coração quando me esquecia de reprimir essa vergonhosa paixão que queria apoderar-se de mim.

Eu tinha sido privado das alegrias da infância devido a esta predileção paterna. Minha mãe se apercebia algumas vezes de meus sofrimentos, porém os cuidados que lhe exigiam uma numerosa família impediam-lhe fazer um estudo profundo de cada um dos seus membros.

Meu pai era de uma honradez severa, de um caráter violento e despótico. A doçura de minha mãe o desarmava, porém os filhos davam trabalho a este pobre pai, que não suportava com paciência a menor contrariedade, e a incapacidade de seu filho Jesus o irritava tanto quanto as travessuras dos outros.

A bondade de meu irmão mais velho teve a vantagem de destruir meus anteriores descontentamentos motivados pela diferença com que éramos tratados por nosso pai e a terna Maria se alegrava ao ver nossa intimidade. A igualdade de gostos e de idéias nos unia mais do que podia parecer à primeira vista, e se não houvera sido por minhas preocupações religiosas, eu teria compreendido melhor a felicidade desta nossa harmonia.

Quando nos encontramos sós, meu irmão perguntou-me a respeito das impressões que eu tinha recebido nesse dia e passou em seguida a querer investigar meus pensamentos, como era seu costume.

Desta vez, porém, causou-me muito mau efeito o sermão que me passou, devido ao meu caráter retraído e pelo abuso que eu fazia da devoção que me arrastava ao esquecimento de meus deveres familiares.

Meu irmão foi deitar-se irritado contra mim e no dia seguinte eu lhe pedi que esquecesse meu descuido dos pequenos

deveres em aras das elevadas aspirações de minha alma. Meu irmão demonstrou-me sua compaixão por mim e grossas lágrimas sulcaram suas faces. . . . .

Não falarei mais de meu irmão, falecido pouco tempo depois deste incidente; mas esta lembrança me comove, ela fica bem aqui para que o leitor tenha uma justa idéia de minhas aptidões, e possa melhor aquilatar de certas coisas que de outro modo lhe pareceriam incríveis se não estivesse preparado para julgar com os elementos que estão em concordância com os desígnios de Deus.

Durante o dia chegaram algumas pessoas que nos vieram visitar, entre as quais se encontrava José de Arimatéia. Ele, como amigo que era de meu pai, depressa se familiarizou conosco. Rico, nobre e hebreu, José se encontrava por estas razões em contato tanto com os ricos como com os pobres e oprimidos da religião judaica.

Falou-nos dos costumes de Jerusalém, da Sociedade preferida, dos sofrimentos do povo hebreu, e a doçura e naturalidade de sua linguagem eram tais que ninguém teria suspeitado a diferença de nossa condição social. Despertou o desejo de minha mãe para o cultivo de minha inteligência e perguntou-me quais eram as minhas aptidões e meus deveres habituais. A fantasia de minhas práticas religiosas fê-lo sorrir e pareceu-lhe que minha inteligência se encontrava em tudo retardada.

*“Sê mais sóbrio em tuas práticas de devoção, filho meu, e aumenta teus conhecimentos para poderes converter-te em um bom defensor de nossa religião. Pratica a virtude sem ostentação, como também sem fraqueza, sem fanatismo e sem covardia. Atira para bem longe de ti a ignorância; embelece teu espírito tal como o Deus de Israel manda, para compreenderes suas obras e para poderes avaliar sua misericórdia. Falarei com teu pai, filho meu, e desejo que todos os anos ele te mande aqui durante algum tempo para estudares o comércio dos*



*homens e as leis de Deus”.*

Desde a primeira conversação de José de Arimatéia com Jesus de Nazareth bem vedes, filhos meus, como Jesus pôde instruir-se não obstante permanecer em sua modesta condição de carpinteiro.

Homens da têmpera de José de Arimatéia atiram a semente e Deus permite que esta semente dê frutos. Homens iguais a José de Arimatéia patenteiam a grandeza da Providência e esta classe de milagres se realiza hoje como se realizava em meus tempos.

Fui pela primeira vez ao Templo de Jerusalém na véspera do grande sábado (a Páscoa); levou-me uma mulher chamada Lia, viúva de um negociante de Jerusalém.

Estávamos os dois acomodados para o lado ocidental do templo. Ali, o silêncio só era interrompido pelo murmúrio de muitos doutores da lei, que se ocupavam dos decretos recentemente promulgados e dos arrestos a que eles tinham dado lugar.

Eu rezava em minha posição habitual, com o rosto entre as mãos e de joelhos. Pouco a pouco as vozes que interrompiam o silêncio do templo interromperam também minhas orações e fizeram nascer em meu espírito o desejo de escutá-las.

Encontrando-me em um lugar sombrio, pensei poder aproximar-me sem que disso se apercebesse Lia. Subi para um banco, ocultando-me o mais que me foi possível. Os doutores da lei discutiam: uns com a intenção de promover uma manifestação a favor dos israelitas presos durante a função do dia anterior; os outros aconselhando a permanecerem alheios ao incidente. Aproximei-me mais dos oradores sagrados; eles se aperceberam de minha presença e ouvi estas palavras:

*“Prestemos atenção a este rapaz, ele nos escuta talvez para pôr-nos de acordo. Deus concede às vezes às crianças o dom de sabedoria em discussões que ultrapassam a inteligência de sua idade”.*

Levantei-me na ponta dos pés para observar melhor aquele que havia pronunciado estas palavras. Ele se aproximou dizendo-

me:

*“A mãe que te criou, ensinou-te que Deus nos ama a todos, não é verdade? E tu relacionas este conhecimento do amor de Deus para com seus filhos, com o conhecimento do amor dos filhos entre eles; pois bem, que dirás de filhos ricos, livres, cheios de saúde, cujos irmãos se encontram na pobreza, no abandono, debilitados por uma enfermidade e escravos em uma prisão?”.*

A estes homens na abundância — respondi sem hesitar, eu lhes diria: *“Ide, irmãos, ide, socorrei a vossos irmãos, Deus vos ordena e vossa coragem será abençoada!”.*

Vi que sorria aquele que me havia falado, o qual disse: *“Deus falou por tua boca, filho meu”*, ao mesmo tempo que me estendia a mão, que eu apertei entre as minhas, trêmulo de emoção. Em seguida fui reunir-me à minha companheira, que estivera me observando desde o princípio desta cena. Ela perguntou-me: Faz-me o favor, menino, de ensinar-me a mim também o que Deus quer dizer com estas palavras:

*“As crianças terão que ouvir sem emitir opinião e crescer antes de pretender elevarem-se à condição perigosa de fabricantes de moral e de dar conselhos”.*

Respondi: *“Teu Deus, Lia, é um déspota. O meu honra a liberdade de pensar e de falar. A fraqueza dos escravos constitui a força dos senhores e a infância prepara a juventude”.*

Li nos olhos de Lia a surpresa plena de satisfação e regressamos.

Com José de Arimatéia, que se encontrava em casa, mantive uma conversação tão fora da habitual em meus lábios geralmente pouco demonstrativos, que minha mãe perguntou a Lia o que era que me havia feito beber pelo caminho.

*“Teu filho, querida Maria, está destinado a grandes coisas, respondeu Lia. Eu digo-te diante dele: És uma mãe venturosa e teu ventre bendito é”.*

Eu me senti enlevado ao ouvir esta predição e minha vida me pareceu mais do que nunca sob o influxo dos desígnios de Deus.

*“Mulher de Jerusalém, o pobre menino que te acompanhou ao templo do Senhor ainda hoje te abençoa!”.*

Na manhã seguinte voltamos ao templo. Grande era o gentio que ali se encontrava e nos deu algum trabalho para atravessar o átrio. Afinal encontrei um lugar e pus-me a observar com espanto tudo o que me rodeava.

A luz penetrava por aberturas feitas a caráter nos pontos de ligação das paredes com a cúpula do edifício. Todas essas aberturas estavam cobertas de ramos cortadas, de tal maneira que a luz ficava interceptada e débil, sendo substituída por fachos de luz vinda de aparelhos gigantescos de bronze.

Na inspeção minuciosa que fiz de todas as coisas, descobri o doutor da lei que me havia interrogado no dia anterior. Minha mãe perguntou-me nesse momento qual o motivo de minha distração e eu dei-lhe esta culpável resposta:

*“Minha mãe, continua com tuas preces e não te preocupes do que eu faço. Nada há de comum entre vós e eu”.*

Eu tirava esta convicção e esta insolência do estado de exaltação de meu espírito, motivado pelo que tinha sucedido anteriormente, em vista de minha futura superioridade, e compreendi, tão pouco, a minha falta, que em seguida voltei minha atenção para outros detalhes. Um doutor falava da justiça de Deus e eu comparei este homem ao anjo Rafael baixado do céu, para fazer compreender aos ouvintes a palavra divina.

Acreditei sobretudo na palavra divina quando ele exclamou:

*“A justiça divina é a tua força contra teus opressores, oh povo! Ela deslumbra teus olhos; levanta-se diante de ti quando contemplas o ocaso do Sol, quando teu espírito se*

*revolta em face das crueldades de teus senhores! Este Sol não se oculta, este mártir não morre, oh homens! Ele vai proclamar em outra parte a justiça de Deus”.*

Eu escutava estes ensinamentos com avidez febril. Afinal fazia-se luz em meu espírito... via, ó Deus meu, teus mistérios resplandecerem diante de mim, lia em teu livro sagrado e compreendia a magnificência de tua eterna justiça! — Edificava em minha mente concepções radiantes, me iluminava das claridades divinas, formava projetos insensatos, porém generosos; queria seguir este sol e estes mártires nos espaços desconhecidos. .

.....  
.....  
.....

Voltei a mim chamado por minha mãe, olhei-a por um instante com a desconfiança de uma alma que não se atreve a abrir-se, porque sabe que o entusiasmo, como o calor, se perde ao contato do frio.

*“Nosso pai celeste, disse-lhe por fim, lança em meu espírito o germe de minhas idéias seguras e fortes. Governa meu coração; tem em suas mãos o fio de minha vontade; dirige para mim a sabedoria de seus desígnios; apodera-se de todos os movimentos de minha vida; quer destinar-me a grandes trabalhos... Em uma palavra, minha mãe, retira-te, acode aos teus afazeres; deixa teu filho ao Pai que está nos Céus”.*

*“Cala-te — disse-me minha mãe! — A ti te deram volta à cabeça, pobre rapaz! Eu digo-te que Deus não precisa de ti ... Vamos, vamos!*

*“Minha mãe teve que recorrer à intervenção de meu pai para poder me levar.*

No dia seguinte voltamos para Nazareth, deixando Jerusalém.

## **CAPÍTULO II**

***Assinala o Mestre a manifestação de sua liberdade de consciência, quebrando-se a dependência dos pais, nesse sentido. Refere-se a seus estudos e à sua admissão, na Cabala, onde foi apresentado por José de Arimatéia.***

Desligado de minha submissão habitual, pelo testemunho que tinha dado de minha liberdade de consciência, coloquei-me fora da lei do respeito filial e tomei a direção espiritual de meus jovens irmãos de maneira a conduzi-los à fé absoluta de que eu me sentia penetrado. Falava-lhes das claridades divinas e meus cuidados não diminuía apesar da pouca atenção que prestavam às minhas palavras e do silêncio desdenhoso de meu pai.

Assim se passou um ano. Cansado de minha pouca inteligência para tudo o que se relacionasse a trabalho manual, meu pai consentiu afinal em mandar-me a Jerusalém. Ficou combinado que estudaria ali durante alguns meses e que, regressando mais razoável a Nazareth, meu pai se valeria deste motivo para deixar continuar minha educação nos anos seguintes.

Recebi esta notícia com entusiasmo. Minha mãe chorou ao abraçar-me; ela se encontrava sob a dupla impressão de minha alegria e de nossa primeira separação.

Pus-me a caminho com ela e bem depressa encontrei colocação na casa de um carpinteiro que devia ensinar-me o ofício de meu pai e conceder-me horas de saída para o estudo sob o patrocínio de José de Arimatéia.

Comecei pela filosofia com idéias precisas sobre a imortalidade da alma. Minhas noções de história eram fracas e custou-me muito trabalho fixar meu espírito no círculo das ciências exatas. A astronomia prendia minha atenção por causa das esplêndidas maravilhas que desenvolvia sob meus olhos, porém a contemplação destas maravilhas me distanciava da curiosidade das demonstrações, persuadido como estava da insuficiência da teoria.

Os romanos e os hebreus possuíam apenas as noções de astronomia dos egípcios; é sabido que nos povos guerreiros e nos

conquistados faz pouco progresso a ciência.

Praticava a observância da lei mosaica com escrupulosa exatidão e as fantasias de minha imaginação se detinham no dogma sagrado. Porém pouco a pouco fortes tendências para um espiritualismo mais elevado me fizeram desejar as grandes manifestações da alma com a alma no vasto horizonte das alianças universais. Devorado por um imenso desejo de descobrimentos que empolgava todas as minhas faculdades e da penosa expectativa do desconhecido, que perturbava meus sonhos e entristecia meus pensamentos de solidão, roguei, supliquei a José de Arimatéia que me explicasse os mistérios da Cabala, também chamada ciência dos espíritos.

Eu tinha ouvido falar desta ciência como de um estorvo para a inteligência, e me haviam assegurado que todos os que abertamente se ocupavam dela se faziam objeto de piedade senão de desprezo.

Porém sabia também que muitos homens de boa posição social demonstravam desprezo pela ciência dos espíritos, unicamente pelo respeito humano para com a opinião geral, opinião que se baseava sobre escrúpulos religiosos mantidos acesos pelos sacerdotes.

José recebeu muito mal minha curiosidade. A Cabala, segundo ele, servia tão-somente para produzir a perturbação, o desassossego, a semente da revolta nos espíritos fracos.

E como poderia eu, tão jovem, distinguir o bom grão do joio, se a maioria dos homens se deixava desviar do reto caminho por uma falsa apreciação desta ciência e por funestos conselhos dados com leviandade e com maus propósitos?

Voltei repetidas vezes à carga até que, vencido por minha insistência, ou iluminado talvez por uma repentina visão, José consentiu em iniciar-me na ciência dos Espíritos.

*“A Cabala, me disse José, vem desde o tempo de Moisés,<sup>1</sup> e depois de Moisés, que mantinha relações com os espíritos, porém que dava aspecto teatral a estas relações, a Cabala serviu sempre aos homens de dotes eminentes para colocar, no seio da Humanidade, as preciosas demonstrações recolhidas na afinidade de suas almas com as almas errantes no Céu de Deus”.*

*“A Cabala vem desde o tempo de Moisés, para nós que nada vemos mais além de Moisés, mas a Cabala deve ser antiga como o mundo. Ela é uma expressão da personalidade de Deus que confere sonoridades ao espaço e aproximações ao infinito.*

*“Ela constitui uma lei tão grande e honrosa para o espírito, que este a define como uma aberração, quando suas aptidões não o levam a estudá-la, ou que ele recebe toda classe de abalos e de aflições se a estuda sem compreender sua utilidade e seu fim.*

*“Os homens que falam a Deus sem ter consciência da majestade de Deus, não obtêm da prece mais que um fruto seco, que a imaginação lhes apresenta como um fruto saboroso.*

*“Porém o amargor faz-se depressa sentir e assim se explica a secura da alma, o isolamento do espírito, a pobreza da devoção.*

*“Na ciência das comunicações espirituais, o espírito que se desvia do princípio fundamental desta ciência, não obtém nada de verdadeiro e útil. Pode dirigir-se a elevadas personalidades, porém lhe respondem inteligências medíocres e caminha como um cego, retardando-se cada vez mais nas escabrosidades do caminho.*

*“O princípio fundamental da ciência cabalística reside integralmente na abnegação do espírito e na liberdade de seu pensamento com relação a todas as noções religiosas adquiridas anteriormente em seu estado de dependência humana.”*

Prometi a José muita prudência e respeito no estudo desta religião, da qual minha alma e meu espírito estavam enamorados, com o fanatismo das grandes aspirações.

1 - Deste fato se encontram provas em diversas passagens da Bíblia. Quanto a Jesus, a Cabala pôde bem servir-Lhe como motivo para despertar Nele as aptidões psíquicas, de que sem dúvida vinha excepcionalmente dotado. Os primeiros cristãos, é incontestável que praticavam as evocações em suas reuniões diárias, o que devia ser fruto dos ensinamentos dos apóstolos. — Nota do Sr. Rebaudi.

José escutava-me com o pressentimento de minha predestinação às honras de Deus (assim, confessou-me depois), tão grande foi a veemência de minhas palavras e tal foi a unção de minha gratidão. Dois dias depois desta conversa, José levou-me a uma reunião composta de homens quase todos chegados à idade madura. Eram cerca de uns trinta e não demonstraram surpresa à nossa chegada.<sup>2</sup> Colocamo-nos todos perto do orador.

As sessões *cabalísticas* eram abertas com um discurso. Nele se fazia, como exórdio, a enumeração dos motivos que impunham a vigilância para que não fossem admitidos à assembléia senão os neófitos por quem pudessem responder os membros mais velhos. Portanto um membro recentemente admitido não tinha o direito de apresentar um noviço. Se necessitavam muitos anos de filiação para chegar ao patrocínio, mas este patrocínio não levantava nunca oposições.

Os jovens menores de vinte e cinco anos não eram admitidos, acontecendo o mesmo às mulheres; porém as exceções, muitas vezes repetidas, tornavam ilusória esta disposição regulamentar.

Eu estava incluído no número destas exceções.

Muitos homens chegaram ainda depois de nós. Em seguida fez-se silêncio e fecharam-se as portas.

O orador expôs circunstanciadamente os caracteres especiais destas reuniões entre uma população que devia temer-se por sua ignorância e enganá-la para trabalhar por sua liberdade. Fez em seguida ressaltar os princípios de conservação, como já o disse, e rendeu homenagem à minha entrada no santuário fraternal, dirigindo-me algumas palavras de carinhosas recomendações.

Tudo isto, menos o que se referia à minha pessoa, se repetia em todas as sessões e tomava pouco tempo.

Tivemos em seguida uma bela argumentação a respeito da luz espiritual e dos meios para transformá-la em mensageira ativa dos desejos do Ser Supremo.

Ser Supremo! — Estas palavras fizeram inclinar todas as frentes e, quando deixou de ouvir-se a voz eloqüente, um estremecimento magnético deu-nos a conhecer uma adoração

2 - Apercebi-me de que nos esperavam.



inefável. Algumas perguntas deram lugar a respostas sábias e conscienciosas. Estudaram-se páginas magníficas, se explicaram e dissiparam contradições aparentes e dúvidas passageiras. Algumas demonstrações profundas depositaram sementes preciosas no espírito dos noviços, e a intensidade do amor fraternal de todos os corações manifestou-se com uma tocante invocação ao Espírito Divino.

Esta sessão deixou minha alma ainda mais desejosa das alegrias de Deus e meu espírito em um profundo recolhimento para merecer estas alegrias.

Não pronunciamos uma só palavra até meu domicílio.

“*Até amanhã*”, disse-me José, separando-se de mim.

No dia seguinte José dirigiu-me meus primeiros ensaios<sup>3</sup>, e demonstrou-se satisfeito dos seus resultados. Meu regresso a Nazareth deu uma trégua às preocupações de meu espírito.

No intervalo que vai dos meus quinze anos de idade, até o falecimento de meu pai, permaneci a maior parte de meu tempo em Jerusalém.

Distinguido por sua probidade e por haver mantido todos seus filhos no reto caminho da honra e da simplicidade, José morreu rodeado da estima geral e do afeto dos seus. Eu tinha, como disse ao começar este relato, vinte e três anos completos e volto a tomar o fio dos detalhes interrompidos pelo olhar dirigido sobre os meus primeiro anos.

José de Arimatéia tomou-me como filho seu quando, longe de minha família, fui pedir-lhe abrigo e proteção. Ajudou-me a obter o perdão de minha mãe. Minha mãe não somente me perdoou como também deu-me permissão para seguir minhas inclinações e uma vida independente.

À medida que a luz do alto penetrava com mais intensidade em meu espírito, ele se via invadido cada vez mais por uma séria aversão pelas instituições sociais dominantes. Reconhecia com segurança a depravação humana, porém considerava também a desgraçada condição dos homens e dirigia

3 - Vê-se claramente que se trata aqui de exercícios medianímicos, porque, se bem estivesse ele em comunicação intuitiva com o plano extracorporal, é incontestável que a materialidade do fenômeno, ou seja, a forma das comunicações, ele aprendia na Cabala. — Nota do Sr. Rebaudi.

meu pensamento para o futuro que sonhava, confundindo-o na ternura do Pai, deles e meu. Minha presença em uma assembléia de doutores foi acolhida favoravelmente e me apresentei desde então em público como orador sagrado. Garantido por meus antigos companheiros de conspiração, pude dedicar-me ao estudo dos homens que governavam e dos acontecimentos.

Em minha casa de Jerusalém pensei em meus trabalhos futuros e procurei adquirir o prestígio das classes pobres sublevando-me contra os ricos, os poderosos e as leis arbitrárias. Porém não era este um trabalho partidário, uma participação dos propósitos de rebelião de um povo, muito embora fizesse a Deus o oferecimento de minha vida para salvar o gênero humano. O arrebatamento de meu coração fazia-me esquecer as dificuldades e, freqüentemente, com o rosto inundado de lágrimas, as mãos estendidas para um objeto invisível, fui surpreendido em uma posição que parecia crítica para a minha razão. Meus amigos me humilhavam nessas ocasiões com tais demonstrações e sarcasmos que eu me retirava das vistas humanas para pedir perdão a Deus de meus transportes, acusando-me de orgulhosos desejos.

As populações da Judéia representavam para mim o mundo, o que era motivo de diversão para os confidentes de meus delírios e não os assombrava menos a reserva que eu me impunha diante de suas zombarias. A posteridade não se ocupou da vida que levei em Jerusalém; ela ignorou sempre as fases da minha existência e só se comoveu com a minha pregação e com a minha morte.

Porém, essas minhas pregações, devia compreender-se que tinham sido meditadas, como também havia sido prevista minha morte como coroamento de meus atos muito antes que se me houvera tachado de revolucionário e acusando-me com inaudita veemência como vaidoso pelos mesmos que me rodeavam. Como podia haver eu aceitado minha missão e meu sacrifício se não tivesse penetrado no conhecimento íntimo das coisas?

Repito-o, pois: a luz de Deus penetrava em mim, removia as dificuldades que se levantavam no mundo humano e não me permitia ver senão o fim, que era o de dirigir a Terra por um caminho de prosperidade e de amor. Elevando minha personalidade, porém atribuindo a Deus esta elevação, desejando a popularidade, porém resolvido a empregá-la exclusivamente no

bem dos demais, medindo com um olhar cheio da luz que lhe dava o estudo das leis e da época, o perigo de morte que tinha de desafiar e os caminhos espinhosos que teria que percorrer, eu havia chegado à convicção profunda da eficácia de meus meios.

Democrático por inclinação mais do que pelos raciocínios políticos, defensor do pobre com a idéia fixa de encaminhá-lo para a transfigurada imagem do porvir e desdenhando os bens temporais porque me pareciam destruir as faculdades espirituais, punha em prática até com as pessoas de minha intimidade, a observância rigorosa dos preceitos que tinha a intenção de estabelecer como princípio de uma moral poderosa e absoluta.

Minava os alicerces da muralha da carne, jurando perante Deus respeitar o espírito a expensas do corpo, sacrificar as tendências da matéria em face das delicadezas da alma, permanecer senhor de mim mesmo em meio da violência das paixões carnis e elevar-me para as altas regiões, puro de todo o amor humano sensual; fugir da companhia de gente feliz no ócio e aproximar-me às corrupções e infelicidades para convertê-las em arrependimentos e esperanças; apagar em mim, todo o sentimento de amor próprio e iluminar os homens com o amor de Deus; ajuntar à moral pregada por espíritos eleitos a moral fraterna pregada por um obscuro filho de operários; irmanar a prática com a teoria, levando uma vida de pobreza e privações; morrer, enfim, livre dos laços humanos e coroado pelo amor divino. . . . .

.....

.....

.....

*“Com tua poderosa mão, oh Deus meu, dirigiste meus atos e minha vontade, posto que teu servo não era mais que um instrumento e a pureza honrava o espírito do Messias, antes que este espírito se encontrasse unido com a natureza humana na personalidade de Jesus.”<sup>4</sup>*

4 - Parece que o que se encontra entre aspas deveria mais bem-estar escrito com tipo bastardinho. — Nota do Sr. Rebaudi.

Irmãos meus, o Messias tinha vivido como homem sobre a Terra e o homem Novo tinha cedido seu lugar ao homem compenetrado das grandezas celestes, quando o espírito se viu honrado pelos olhares de Deus para ser mandado como enviado e mediador.

O Messias tinha já vivido sobre a Terra porque os Messias jamais vão como mediadores em um mundo que não tenham habitado anteriormente.

A grandeza da nova luz, da lei que eu trouxe por inspiração divina, se encerra toda ela em nossos sacrifícios e em nosso amor recíproco que nos elevam fraternalmente para a comunhão universal e para a paz do Senhor nosso Pai. Meu sacrifício foi de amor em sua mais veemente expressão, amor para os homens inspirado por Deus e o amor de Deus que ampara o espírito em suas fraquezas humanas.

Irmãos meus: a tristeza de Jesus no horto das oliveiras e a agonia de Jesus sobre a cruz estiveram misturadas de força e de fraqueza. Mas o amor do Pai inclinou-se sobre a tristeza de Jesus e ele levantou-se dizendo a seus apóstolos: *“Minha hora é chegada”*.

O suor de sangue e as grandes torturas haviam diminuído o amor paterno; mas a ternura do Pai reanimou o moribundo coração, e Jesus pronunciou estas palavras:

*“Perdoa-lhes, Pai meu, eles não sabem o que fazem. Faça-se a tua vontade; em tuas mãos entrego minha alma”*.

Repito-vos, irmãos meus, a pureza do espírito se encontrava na natureza do Messias, antes que ele se encontrasse entre vós como Messias. Repito-vos, também, que os olhares de Deus lançam a semente em um tempo para que ela dê frutos em outro tempo e os Messias não são mais do que instrumentos da divina misericórdia.

A palavra de Deus é eterna, ela diz:

*“Todos os homens chegarão a ser sábios e fortes pelo amor do seu Pai”*.

A palavra de Deus é eterna, ela diz:

*“Amai-vos uns aos outros e amai-vos sobre todas as coisas”.*

Ela diz:

*“O espírito adiantado se envergonha, na matéria, ao tomar parte nas discussões infantis”.*

*“Compenetrado da grandeza do porvir, honra esse porvir e vence os obstáculos que se opõem à sua liberdade”.*

*“Todas as humanidades são irmãs: todos os membros destas humanidades são irmãos e a terra não encerra senão cadáveres”.*

*“A verdadeira pátria do espírito se encontra esplendidamente decorada pelas belezas divinas e pelos claros horizontes do infinito”.*

Irmãos meus: Deus é vosso Pai como é o meu; porém, na cidade florida onde se encontram e recebem os Messias, o título de filho de Deus nos pertence de direito. Chamai-me, pois, sempre filho de Deus, e tende-me por Messias enviado à Terra para a felicidade de seus irmãos e glória de seu Pai. Iluminai-vos com a luz que faço brilhar diante de vossos olhos. Consolai-vos uns aos outros, perdoai a vossos inimigos e orai com um coração novo, livre de toda a mancha, de toda a vergonha por este batismo da palavra de Deus, que comunico a vosso espírito. O Messias torna a ser mandado, em vosso auxílio, não o desconheçais e trabalhai para participar de sua glória. Escutai a palavra de Deus e ponde-a em prática. A divina misericórdia vos chama, descobri a verdade com coragem e marchai para a conquista da liberdade de mãos dadas com a ciência.

Repeli a perigosa apatia da alma para aspirar as deliciosas harmonias do pensamento divino e bebei do livro que vos dito, os princípios de uma vida nova e pura. Fazei o bem ainda que aos

vossos inimigos e avançai, com passo firme, no caminho da virtude e da verdadeira honra. A virtude combate as más inclinações e a honra verdadeira sacrifica todas as prerrogativas do eu pela tranqüilidade e felicidade da alma irmã.

Irmãos meus, vos abençôo ao terminar este segundo capítulo.

### ***CAPÍTULO III***

***Apostolado de Jesus em Damasco, onde foi respeitado e admirado como profeta. De Damasco passou a Tiro. Espalhou o bem nessas cidades e demais lugares por onde andou, com seus ensinamentos e com seus conselhos particulares. Fala também Jesus de João, o Batista.***

Irmãos meus: Minha permanência em Jerusalém durante seis anos consecutivos pôe a descoberto os preparativos de minha missão.

Aos vinte e nove anos saí de Jerusalém para tornar-me conhecido nas povoações circunvizinhas. Minhas primeiras tentativas em Nazareth não foram coroadas pelo êxito. Dali me dirigi a Damasco, onde fui bem acolhido. Parecia-me necessária uma grande distância de Jerusalém para desviar de mim a atenção dos sacerdotes e dos agitadores daquela cidade. Os sacerdotes já tinham principiado a fitar-me demasiadamente; os segundos me conheciam de há muito tempo e eu tinha que evitar as perseguições nesses momentos e abandonar toda a participação nas turbulências populares.

Em Damasco não tive aborrecimentos por parte das autoridades governativas nem por parte dos elementos de discórdia, que se infiltram com freqüência no seio das massas, e menos ainda pela indiferença de meus ouvintes. Felicitado e temido como um profeta, levei daí a lembrança de um pouco de bem espalhado em parte com minhas instruções gerais e em parte

com os conselhos de aplicação pessoal para as situações de meus consulentes. Abandonei essa cidade na metade do verão e me dirigi para outro centro de população.<sup>1</sup>

Estudei antes de tudo a religião e os costumes dos habitantes e pude convencer-me que a religião pagã, professada pelo Estado, fazia devotos verdadeiros. Os homens dedicados ao comércio não eram nada escrupulosos em matéria religiosa. As mulheres, ignorantes e dominadas pelo louco apego ao corpo, consumiam sua existência na triste e degradante escravidão do luxo e da degradação moral. Os sacerdotes ensinavam o dogma da pluralidade dos deuses. Diversos sábios pregavam sofismas, inculcando a existência de uma Divindade superior que tinha outras inferiores sob sua dependência. Alguns discípulos de Pitágoras humilhavam a natureza humana no porvir, condenando-a a entrar no corpo de um animal qualquer. Alguns honravam a Terra como o único mundo e outros compreendiam a majestade do Universo povoado de mundos. Havia os que divagavam no campo das suposições e os que ensinavam a moral baseando-se na imortalidade da alma, cuja origem divina sustentavam. Havia homens condenados fatalmente para o embrutecimento da Humanidade, fazendo predições e anunciando oráculos. Havia, enfim, homens que adoravam o Sol como o rei da Natureza e o benfeitor de tudo o que existe.

Querendo dar um desmentido à maior parte destas crenças, tive de limitar-me, a princípio, ao ensinamento da adoção de um só Deus e do cumprimento dos deveres fraternos. Mas, graças aos protetores de que pude rodear-me entre os interessados em sacudir o jugo dos sacerdotes, bem depressa me encontrei em magníficas condições para ensinar a doutrina da vida futura.

Compenetrado da alta proteção de Deus, minhas palavras levavam a força de minha convicção. Longe de minha pátria e pobre, era procurado pelos homens de boa vontade e as mulheres, as crianças e os velhos disputavam a honra de servir-me e de conversar comigo.

Um dia em que o calor tinha sido sufocante, achava-me sentado, depois do pôr-do-sol, diante de uma casa em que tinha

1 - Tiro. (O nome deste centro de população foi pedido pela médium.)

pernoitado. Densas nuvens corriam para o oeste; aproximava-se o furacão e a gente retardatária passava estugando o passo para chegar às suas casas. Como sempre, eu estava rodeado de crianças e mulheres, e os homens um pouco mais distanciados, esperavam que a chuva, de que caíam já algumas gotas, me obrigasse a entrar na casa. A Natureza, em luta com os elementos, apresentou diante de meu espírito a seguinte observação:

*“Em tudo se manifesta a bondade de Deus e os homens terão que compreender os deveres que lhes impõe o título de Senhores da Terra, com o qual se enfeitam, aproveitando-se das lições que lhes proporciona o Senhor do Universo.*

*“Compenetrarai-vos, irmãos meus, da tempestade que se levanta em vossos corações quando as paixões os invadem, comparando-a com os esforços da tempestade, que aqui se está preparando.*

*“Os mesmos fenômenos se põem em evidência. A mão soberana de Deus é a dispensadora dos dons do aviso, assim como o testemunho das culpas.*

*“A tempestade muito depressa se desencadeará. Onde estão os pássaros do céu e os insetos da terra? — Ao abrigo da tempestade, a respeito da qual a divina providência os preveniu.*

*“Ai dos imprudentes e dos orgulhosos que se descuidaram do aviso para adormecerem na indolência e desafiar as leis da destruição! Serão atirados para longe pelo sopro do furacão.*

*“A tempestade que surge em vossos corações, irmãos meus, anuncia-se com a necessidade de prazeres ilícitos ou degradantes para vossos espíritos. Onde se encontram os homens fracos ou os homens orgulhosos depois do desafogo de suas paixões? — No lugar maldito em que a tristeza do espírito é uma expiação de sua loucura.*

*“A serenidade do céu, irmãos meus, é a imagem de vossas almas, quando se encontram livres das negras preocupações da vida. O furacão seguido da plácida harmonia dos elementos é o do homem vencedor de suas paixões.*



*“Irmãos meus, o furacão tudo estremece, ameaçador... porém, bendigamos a divina providência! — os pássaros do céu se encontram abrigados. As paixões vos atraem, o furacão está próximo, a tempestade se prepara, mas vós estais advertidos e saireis vitoriosos”.*

A voz de uma juvenzinha respondeu à minha voz:

*“Sê bendito tu, Jesus, ó profeta, que demonstras a bondade de Deus e que derramas a doçura e esperança em nossos corações”.*

A familiaridade de minhas conversações permitia estas formas de admiração, ao mesmo tempo que favorecia freqüentemente as perguntas que se me faziam com um fim pessoal.

Um instante depois o furacão se desencadeava com todo o seu furor.

Ficaram-me recordações claras de minhas emoções do tempo em que vivi no meio desse povo, tão diferente dos povos que visitei depois, e não há exemplo dos perigos que só com habilidade evitei ali.

Em todas as partes o Messias, filho de Deus, se anunciava com palavras severas, dirigindo-se aos ricos e poderosos; em todas as partes o filho de Deus era insultado e desprezado pelos que ele acusava, porém, aí as preocupações e a paciência de Jesus lhe valeram o amor sem limites do povo e o apoio dos grandes.

Toda a perspicácia de Jesus foi posta em jogo nessa cidade famosa e dos gozos mundanos, no centro dos prazeres e do luxo mais desenfreado, na parte do mundo mais exercitada nas transações, nas trocas, e demais minuciosos detalhes comerciais. Jamais Jesus despendeu tanta habilidade e se fez estimado de tanta gente como ali. Jamais o apóstolo foi escutado com tão grande atenção como por esses pagãos de espírito frívolo e submerso nos hábitos de uma existência alegre e amena.

O triste objetivo de Jesus, humanamente falando, data tão-somente do dia em que abandonou os povos distantes para dirigir-se unicamente às populações hebréias, sempre obstinadas em desmenti-lo. Poucos são os homens que têm a coragem de aceitar

opiniões que choquem com as da maioria. A maioria dos hebreus acreditava que a autoridade do dogma descansava sobre a autoridade de Deus e que pregar a majestade de Deus independentemente dos vínculos que lhe havia legado a ignorância dos povos bárbaros, era profanar o culto estabelecido, fazendo-o experimentar modificações humanas, desaprovadas por Deus, autor do mesmo culto.

Depois da purificação de minha vida terrestre e do caminho percorrido nas honras espirituais, eu desço com alegria para narrar-vos esta vida quando minhas recordações já se encontram desembaraçadas da ingratidão humana e participo de uma forma mais ampla dos males da totalidade dos seres, quando repouso no afeto de alguns deles.

Afastemos, pois, irmãos meus, o que me separa dos dias que passei no meio desse povo, alegremos ainda minha alma com a lembrança da multidão que me rodeava com tão respeitosa ternura e não antecipemos os dolorosos acontecimentos que principiaram a suceder com a minha saída dessa cidade.

Daqui por diante me encontrareis nesta história como apóstolo, pregando o reino de Deus, pastor que reúne seu rebanho, professor que catequiza seus alunos. Nessa cidade em compensação eu era o amigo, o irmão, o profeta abençoado e consolador.

Os ricos como os pobres, os ociosos como os trabalhadores, vinham a mim e me acumulavam de amor.

Demoremo-nos por um momento ainda aí, irmãos meus, e escutai o doloroso relato da morte de uma jovem.

Eu não a ressuscitei, porém fiz brotar na alma dos que a choravam, a fé na ressurreição e a esperança de tornarem-se a encontrar. Consolei o pai e a mãe, fazendo-lhes compreender a loucura dos que choram pela vida humana ante a suntuosidade da vida espiritual. Incuti em todos os que se encontravam presentes o pensamento do significado de predileção por parte de Deus para com os espíritos que Ele chama para si, na infância ou adolescência, desta penosa estação de nosso destino. Meus amigos mostraram-se ávidos de escutar as demonstrações da natureza humana e da morte, principalmente desta, que deixava em suas almas uma impressão tão dolorosa que destruí-la, rodeando-a de uma auréola de luz, era como que atear uma chama no meio das

mais densas trevas e dar movimento a um cadáver. Para as imaginações ardentes e para os caracteres volúveis não convém chamar a atenção sobre um ponto, senão quando este ponto toma grandes proporções, devido à atualidade dos acontecimentos. Escolhia meus exemplos nos fatos presentes e jamais meus discursos foram preparados com antecipação para esses homens, fáceis de comoverem-se, porém difíceis de serem dominados pela atração de uma ciência privada da excitação dos sentidos.

Ao aproximar-se a morte desta menina, o pai veio buscar-me em meio da multidão e me arrastou até sua casa.

Já o frio da morte invadia as extremidades e a Natureza tinha abandonado toda a luta. O rosto exaurido revelava um mal profundo e os olhos não viam... a vida fugia pouco a pouco. O silêncio da câmara mortuária só era interrompido pelos gemidos, entre cujo murmúrio de extrema tristeza se confundiam os últimos suspiros da juvenzinha. Aproximei-me então da morta e, passando-lhe a mão pela fronte, chamei-a três vezes com a voz de um inspirado. Nesta evocação não tinha a menor idéia de chamá-la à vida. Os presentes não eram vítimas de uma culposa maquinação, posto que meus atos não podiam significar outra coisa a seus olhos senão esforços para convencê-los da vida espiritual. Voltei-me em seguida para o pai com a alegria de um mensageiro divino:

*“Tua filha não morreu, lhe disse. Ela vos espera na pátria dos espíritos e a tranqüila esperança de sua alma irradia no aspecto deste rosto cálido ainda pelo contato da alma. Ela experimentou nestes momentos o efeito das inexoráveis leis da Natureza, mas a força divina a reanimou e levanta o véu que vos oculta o horizonte.*

.....  
*“Oh, meu pai, consola-te! — A alegria me inunda, a luz me deslumbra, a doce paz me envolve e Deus me sorri.*

*“Meu pai! — Os prados adornam-se de flores, o esplendor do sol as inclina e murcha, porém o rocio as reanima e a noite devolve-lhe a frescura.*

*“Meu pai! — Tua filha murchou pelos sóis da terra, porém o rocio do Senhor transformou-a e a noite da*

*morte devolve-te brilhante e forte.*

*“Meu pai! — A mesma alegria te será concedida se repetires e praticares os ensinamentos de minha mãe. Tu és o pobre depositário dos dias maus; eu em troca sou a privilegiada do Senhor, posto que não merecia sofrer por mais tempo sendo que a Providência distribui a cada um as provações e as alegrias segundo seus méritos”.*

A infeliz mãe estava ajoelhada na parte mais escura do quarto. As pessoas da família a rodeavam e ao aproximar-me afastaram-se.

*“Mulher, levanta-te! disse-lhe com autoridade. Tua filha está cheia de vida e te chama.*

*“Não creias nestes sacerdotes que te falam de separação e de escravidão, de noites e de sombras. A luz encontra-se sempre onde quer que chegue a juventude pura e coroada de ternura filial.*

*“A liberdade se encontra na morte. Tua filha é livre, grande, feliz. Ela te seguirá de perto na vida para dar-te a fé e a esperança. Dirá a teu coração as palavras mais apropriadas para dar-lhe calor, dará a conhecer à tua alma a reunião e o doce abraçar-se das almas. Far-te-á conhecer o verdadeiro Deus e caminharás guiada pela luz da imortalidade.*

*“Homens que me escutais, vós todos que desejais a morte em meio da adversidade e que a esqueceis em meio dos prazeres e dos favores terrestres, aproximai-vos deste cadáver, o espírito que o animou curvará sua cabeça sobre as vossas e o consolo, a força e a esperança descenderão sobre vós.*

*“Pai e mãe, declarai publicamente a felicidade de vossa filha elevando preces ao Deus de Jesus. Deus, meu querido Pai, manda a este pai e a esta mãe a prova do teu poder e do teu amor.”*

Todos os olhares tinham se fixado sobre a morta e a pobre mãe se havia adiantado como que para receber uma resposta desses lábios já para sempre fechados... O último raio de sol que

declinava se refletia sobre o leito mortuário e as carnes descoloridas tomavam uma aparência de vida sob esse raio passageiro. O louro cabelo encaracolado formava uma moldura ao redor do rosto da menina e o calor da atmosfera fazia parecer brilhante e agitada essa cabeleira enrolada e úmida, diante da morta. A penosa emoção dos presentes havia-se convertido em êxtase. Eles pediam a vida real à morte aparente e a grandeza do espetáculo inflamava suas imaginações já bastante exaltadas; minhas palavras se converteram em condutores de eletricidade e a gente que enchia o aposento caiu de joelhos gritando: Milagre!

Tinham visto a morta abrir os olhos e sorrir à mãe. Tinham visto agitarem-se os cabelos com o movimento da cabeça, e a razão sucumbindo em sua luta com a paixão do maravilhoso, engrandeceu minha personalidade naquele momento com intensas manifestações de admiração.

O milagre da ressurreição momentânea da jovem ficou estabelecido com a espontaneidade do entusiasmo, e o profeta, levado em triunfo, acreditou obedecer a Deus não desmentindo a origem de seus próximos sucessos.

Pude, desse dia em diante, falar com tanta autoridade, que os sacerdotes se ressentiram afinal e tive de decidir-me a partir. ....

Comecemos a ocupar-nos, irmãos, da preparação de minha primeira entrevista com João alcunhado O *Solitário* por seus contemporâneos e que os homens da posteridade converteram em um *batizador*. As aparências de João eram realmente as de um *batizador*, posto que a mim também me batizou nas águas do Jordão, segundo dizem os historiadores.

Tenho que esclarecer alguns fatos que têm permanecido obscuros por erro dos primeiros corruptores da verdade.

João era filho de Ana, filha de Zacarias e de Facega, homem da cidade de Jafa.<sup>2</sup> Ele era o “*Grande Espírito*”, o piedoso solitário, que era distinguido pelo geral afeto, e os homens tiveram

2 - Era um ano mais velho que Jesus.

razão em fazer dele um Santo, porque esta palavra resume para eles toda a perfeição. Pregava o batismo da penitência e a ablução das almas nas águas espirituais. Havia chegado ao ápice da ciência divina e sofria pela inferioridade dos homens que o rodeavam. Não tinha nada de fanático e a severidade para consigo mesmo o põe a salvo das críticas que poderiam fazer-se-lhe pela austeridade de seus discursos. A fé ardente que o devorava comunicava a todas as suas imagens a aparência de realidade e permanecia isolado dos prazeres do século, cujas vergonhas analisava com paixão. A superabundância da expressão, a hábil escolha das comparações, a força de seus argumentos colocavam João em primeiro plano entre os oradores de então. Mas a desgraçada humanidade que o rodeava levava-o a excessos de linguagem, a terríveis maldições e fanatizava cada vez mais aquele homem forte que compreendia a perfeição do sacrifício.

Homens de hoje, vós estais desejosos das honras das massas. João o estava das honras divinas. Vós ambicionais as demonstrações efervescentes, ó homens afortunados e encarregados por Deus para honrar as qualidades do espírito e a virtude do coração; ele ambicionava somente as demonstrações espirituais e o amor divino. Vós dais pouco valor à moralidade dos atos quando a suntuosidade externa fala por vós diante dos homens; ele desprezava a opinião humana e não desejava senão a aprovação divina, João habitava uma parte do ano nos lugares mais agrestes e os poucos discípulos que o acompanhavam proviam as suas necessidades. Frutas, raízes e leite constituíam o alimento destes homens e roupas de lã grosseira os defendiam da umidade e dos raios solares. João se dedicava na solidão a trabalhos encomiásticos e os que o seguiam eram honrados com suas admiráveis conversações. Ele meditava sobre a generosa bondade das leis da Natureza e deplorava a cegueira humana. Transportava-se dos exercícios de apaixonada devoção à descrição das alegrias temporais, para os homens sãos de espírito e de coração, e o quadro da felicidade doméstica era descrito por esses lábios austeros com doces palavras e delicadas imagens.

O piedoso cenobita coordenava os sentimentos humanos e gozava com as evocações de seu pensamento, quando se encontrava longe das multidões.

O melodioso artista poetizava então os sentimentos

humanos e o amor divino emprestava-lhe a inspiração. Porém no centro das humanas paixões o fogoso atleta, o apóstolo devotado à causa e aos princípios religiosos demonstrava-se irritado e desdobrava o esplendor de seu gênio para abater o vício e flagelar a impostura. No deserto, João repousava com Deus e ali via-se o homem com suas íntimas aspirações; na cidade ele lutava com o homem e não tinha tempo de conversar com os espíritos de paz e de mansidão. A principal virtude de João era a energia. A força de vontade levava-o ao desprezo das grandezas e ao olvido dos gozos materiais; guiava-o no estudo dos direitos da criatura e na meditação dos atributos de Deus; fazia-o considerar o abuso dos prazeres como uma loucura e o sábio domínio sobre as paixões como uma coisa bem simples.

A coragem se encontrava nele, a justiça era o apanágio de sua alma. A elevada esperança das alegrias celestes o atraía para ideais contemplanções e a aspiração para o infinito enchia-o de desejos... Ele não compreendia e não podia compreender a fraqueza e as atrações mundanas. Fazia da grandeza de Deus a delícia de seu espírito e a Terra parecia-lhe um lugar de desterro no qual tinha a seu cuidado as almas.

*“Outro virá depois de mim, dizia ele, e lançará o anátema e a reprovação sobre vossa cabeça, ó judeus endurecidos no pecado, ó pagãos ferozes e impuros, crianças atacadas de lepra antes de nascer... e vós, grandes da Terra, tremei! A justiça de Deus está próxima.”*

A fraude e a depravação dos costumes João atacava-as com frenesi, e a marcha dos acontecimentos demonstrou que ele não respeitava as cabeças coroadas mais que aos homens de condição inferior.

A centelha de sua voz potente ia buscar a indignidade no palácio e revelava o delito faustosamente rodeado. As plagas da ignorância, as orgias da pobreza encontravam-no com uma compaixão exasperada, que se manifestava com a abundância da palavra e com a dureza da expressão.

João pedia o batismo de fogo da penitência e queria o estigma da expiação. Pregava, é certo, o consolo da fé; mas era inexorável com o pecador que morria sem haver humilhado seus

últimos dias nas cinzas de seus pecados. Ele permanecia uma parte do ano na cidade e a outra no deserto. Já vos dei a conhecer a diferença de humor que se manifestava nele por efeito destas mudanças. Resta-me descrever as abluções e as imersões gerais no Jordão.

Os judeus escolhiam para estas abluções parciais e para as imersões totais um rio ou um canal, e as leis da higiene eles as associavam com as da religião. O Jordão, na estação do calor, via correr para suas margens multidões inumeráveis, e João descia do deserto para fazer escutar por essas gentes seus discursos graves e ungidos.

Sua palavra tinha então esse caráter de doçura que ele adquiria sempre na solidão e sua reputação aumentava o interesse das povoações circunvizinhas por praticar as imersões no Jordão.

João recomendava o dever da penitência e da mudança de conduta depois da observância do antigo costume e estabelecia que a penitência devia ser uma renovação do batismo.

Com freqüência ele pregava:

*“Da vossa lavagem corporal deduzi vossa lavagem espiritual e fizeti submergir vossas almas na água da fonte sagrada. O corpo é infinitamente menos precioso que o espírito e, apesar disso, vós nada descuidais para tratá-lo e embelecê-lo, ao passo que abandonais o espírito na imundícia das manchas do mal, da perdição e da morte.*

*“Da pureza de vosso coração, da brancura de vossa alma fizeti maior caso e tapai os ouvidos às vãs honras do mundo.*

*“Ressuscitai vosso espírito mediante a purificação ao mesmo tempo que conservais vosso corpo são e robusto com os cuidados higiênicos”.*

João falará, ele mesmo, no quarto capítulo deste livro e descreverá nosso primeiro encontro, que teve lugar em Betabara.



## **CAPÍTULO IV**

### ***Fala João, o Batista***

Venho a chamado de meu glorioso irmão.

Com o corpo fatigado e a alma entristecida, Jesus precisava de descanso e consolo. Tinha ouvido falar da minha pessoa e desejou ver-me.

Perguntai, irmãos, pelo comedimento grave e docemente familiar de Jesus; Perguntai a Jesus pela força de vontade apaixonada de João. Ambos vos responderemos, que a natureza dos fatos de nossa existência terrestre, guardava o cunho de nossa natureza espiritual. Em Jesus era o reflexo da misericórdia divina e em João era a necessidade de castigar a matéria. A figura de Jesus assumia às vezes a inquietação aflitiva das dores humanas; todos os juízos de João, em compensação, fundamentavam a razão de sua existência na maldade e incapacidade dos homens.

O semblante de Jesus iluminava-se com a grave, porém expansiva alegria de pai e de pastor, no semblante de João não descobrirei mais do que o negro, grande e inalterável pensamento da degradação humana e das vergonhas dos conquistadores. Todas as ternuras se vêem manifestadas em Jesus e sua pureza lhe forma um quadro de poesia divina. João apartava-se com alegria dos homens e sua piedade estava mesclada de ira e desprezo.

Bendizei a Deus, irmãos meus, pelas revelações de Jesus, e quanto a João, que acrescenta a estas revelações o concurso de sua palavra, ficai convencidos da ascendência de Jesus sobre ele, porém, não do desejo de João vir até vós.

Jesus sofria desde que havia deixado a seus bons pagãos, como ele os chamava, e a lembrança dos momentos felizes que tinha passado ao lado deles o entristecia. Mas Jesus era o puro espírito da pátria celeste e os apaixonados movimentos de ternura não tinham que lutar em sua alma com o rígido sentimento de um dever rigoroso.

A missão do apóstolo se mostrava, mais do que em outra coisa, no esforço supremo que o arrancava das fáceis alegrias para lançá-lo nos braços de penas apreensões, de provas humilhantes, de poderosos inimigos, da morte, que ele buscava como o

santuário de seu pensamento fraternal e seu amor divino.

Jesus sabia que depois de sua morte ele pairaria sobre o mundo humano, e media com a paciente emulação de sua alma essa separação com a convicção de que um dia, mediante progressivas luzes, se chegaria à reunião eterna.

Jesus queria todos os horrores da morte para lançar sobre sua vida de virtudes, esse facho derradeiro que se chama martírio, e apresentar-se diante de Deus com os estigmas do sacrifício.

Passemos a relatar a visita que Jesus fez a João na cidade de Betabara. Observemos a figura carnal dos dois apóstolos e fixemo-nos na delicada harmonia de seus espíritos com seus invólucros mortais. Desçamos ao nível dos escritores humanos, para satisfazer vossa curiosidade, e revelemos-nos com um paciente esforço de memória a respeito de coisas perdidas entre séculos de trabalhos espirituais constantes e de sublimes visões. Chamemos nossos pensamentos para a Terra e iluminemos com de-talhes corporais o caminho da alma para as eternas alegrias.

Apresentemos neste livro o retrato da forma aparente do Espírito, e purifiquemos nosso pensamento com humildade e rapidez.

Jesus era alto de estatura, rosto pálido, olhos negros, cabelos castanhos e a barba, que usava comprida, era quase vermelha.

A forma da cabeça era larga e enérgica, a fronte desenvolvida e com pouco cabelo, o nariz reto, os lábios sorridentes e o seu modo de caminhar denotava a nobreza. A pobreza de suas vestes não era suficiente para esconder a riqueza dessa natureza resplandecente de elevação, não obstante a origem humilde de sua família e a modéstia de seu caráter. A palavra atraía e inspirava afeto à pessoa deste filho de carpinteiro, que amava as crianças e que apontava os pobres como os primeiros no reino de Deus. A perversidade estacava diante de seu olhar e numerosos pecadores vinham implorar penitência e compaixão aos pés deste divino dispensador de graças e absolvições.

Houve mulheres atraídas pelo prestígio de sua beleza física e de sua eloquência, mas elas se ruborizavam diante da pureza de seu espírito e o amor carnal se fundiu com o sentimento de exaltação religiosa. Tu só, ó Maria, introduziste uma sombra nesse coração adorável e do alto da cruz Jesus te dirigiu um olhar

de censura e de carinho. Essa cruz era ao mesmo tempo a tua condenação e uma promessa de proteção para o porvir; dela tu guardas a tristeza na alma e uma promessa no espírito; dessa cruz tu guardas uma imagem dolorosa e uma luminosa auréola e a justiça de tua culpa terá sido o deslumbramento de tua alma dentro de um corpo emurchecido.<sup>1</sup> Jesus era o apoio dos fracos, a doçura dos aflitos, o refúgio dos culpados e o mestre de elevados ensinamentos para todos os homens. Alegrias inefáveis produzia sua palavra penetrante nos corações de todos os que o escutavam, assim como sua clarividente familiaridade. Preciosas honras estavam ligadas à sua amizade e as almas simples de seus apóstolos, como as mais bem temperadas entre os seus defensores de Jerusalém, jamais encontraram felicidade mais completa, tranqüilidade mais profunda, que durante suas conversações e depois de suas expansões de alegria e de alento.

A pátria e a família de Jesus se encontravam em todas as partes.

*“Os homens são meus irmãos, dizia, e todos os meus irmãos têm direito a meu amor.*

*“Onde estão as leis e os costumes da família de meu país, da pátria de meus progenitores?*

*“No livro eterno.*

*“E eu vos digo: O que não trate os homens como irmãos, não será recebido na casa de meu Pai.*

*“O que diga: Esse homem não é da minha pátria, não entrará na casa de meu Pai.*

*“O que faça duas partes: uma para sua família e a outra para si, não gozará dos dons e dos favores do Pai.*

1 - Há nesta obra mais de uma passagem, como esta, em que a pouca clareza do estilo torna difícil compreender o que quer dizer-se; mas eu não quero alterar o lagres o que desprestigia a personalidade de Jesus. Ainda que sejam eles ateus ou se a usar de maior liberdade na tradução procurando esclarecer as passagens obscuras. Esta que nos ocupa pareceria indicar que Jesus demonstrou fraqueza amorosa para com alguma Maria, entretanto é de sua mãe de quem se trata, e a exprobração de Jesus se refere à sombra que Maria, com sua presença e com a profunda dor que, como mãe não podia ocultar em face dos sofrimentos do filho, veio imprimir no coração de Jesus nesses momentos de tão terríveis provas. — Nota do Sr. Rebaudi.

*“O que não combata a adversa fortuna em nome da família universal, apegando-se tão-somente aos bens de seu pai e de sua mãe, não verá a alegria da casa paterna e não encontrará outra coisa a não ser o abandono e o isolamento depois da morte. Abandonai, pois, a vosso pai, a vossa mãe, a vossos irmãos e a vossas irmãs antes que condescender no olvido da lei de Deus. Esta lei exige o comovedor sacrifício do forte em favor do fraco e da família espalhada por toda a Terra.*

*“Eis os membros de minha família, eis os filhos de meus irmãos, dizia ele apontando os homens e as crianças que o rodeavam.*

*“Irmãos meus, amigos meus, filhos meus, fizeti vossos preparativos de viagem e marchai para a pátria do Pai Celeste. Os pobres serão recebidos em primeiro lugar e os ricos, que tenham abandonado tudo para seguir-me, tomarão parte na alegria geral.*

*“Irmãos meus, amigos meus, filhos meus, segui-me e mantende-vos firmes na humildade e na pobreza.”*

João era de cor morena, cabelos negros e estatura menor que a mediana. Tinha olhos vermelhos, sombreados de espessas sobrancelhas, o que, unido à sua palidez, davam uma expressão de dureza à sua pessoa. Mas a sonoridade de sua voz e a expressão de seus gestos faziam desaparecer pouco a pouco a primeira impressão desagradável para dar lugar ao atento interesse de seus ouvintes e arrastar ao entusiasmo as massas.

Jesus falou-vos já da palavra de João, e parece-me inútil fazer-vos notar o erro do apelido de batizador que me deram depois.

Minha habitação foi honrada com a visita da afável figura do Messias um ano antes de meu suplício. A misericórdia divina quis apresentar-me o modelo de abnegação, para dar à minha abnegação mais ternura na caridade e maior brandura na expressão. Eu me senti penetrado da misericórdia divina quando vi o filho do carpinteiro de Nazareth (assim ele se anunciou), o qual tomou lugar entre os meus discípulos.

A luz da graça divina iluminava sua fronte e seus lábios sorriram quando me manifestou seu desejo de falar-me em

particular.

*“A justiça de Deus, disse-me, será honrada em seus decretos quando os homens forem capazes de compreendê-la.*

*“A fé será o apoio dos homens quando se liberte de suas atuais trevas e se manifeste plena de promessas.*

*“O poder de Deus imporá a adoração quando ela seja explicada claramente.*

*“Para fazer apreciar a justiça de Deus é necessário estabelecê-la sobre o amor, e o amor justificará o castigo. Rechacemos o tenebroso labirinto dos dogmas e façamos resplandecer o perfeito amor ao Criador. A justiça é o amor e o amor é a perfeição divina. A eternidade do amor torna impossível a eternidade dos sofrimentos. Sem justiça, onde estaria o amor? E sem amor, onde estaria o Pai?*

*“Preguemos, pois, o amor, João, e honremos a justiça atribuindo-lhe a ressurreição do espírito até sua completa purificação.*

*“Apressemos-nos em provar a transmissão do espírito, indicando os males que afligem o corpo, e separemos o espírito do corpo, demonstrando com descrições magníficas as honras de dito espírito.*

*“Expliquemos a penetrante intervenção do poder divino com a tranqüila confirmação da fé, e, quer este poder se manifeste ostensivamente quer se abstenha de manifestações fortuitas, rodeemos-lo de nossa admiração e de nossas esperanças.*

*“A desmoralização dos homens depende de sua natural inferioridade.*

*“Para as chagas do corpo, devemos procurar o bálsamo refrigerante e tanto mais devemos procurar escondê-las dos olhares alheios, quanto mais asquerosas elas sejam.*

*“Para as chagas da alma dispensemos iguais cuidados aos distribuídos às chagas do corpo e purifiquemos o ar empestado, com palavras de misericórdia e esperanças animosas.*

*“Descubramos as chagas a sós com o enfermo e sondemos a ferida para curá-la; porém a multidão deve*

*ignorar as mazelas alheias, e só encontre em tuas palavras, João, expansão de tua virtude e de tua fé.*

*“Que o favor de Deus se demonstre em ti com imagens delicadas e floridas e que a elevação de teus pensamentos não seja ofuscada pela aspereza de tuas demonstrações.*

*“Eis os conselhos de Jesus de Nazareth.*

*“Jesus precisa do apoio de João para que o honrem e o sigam e vem como um solicitante da parte de Deus.”*

Eu escutava-o enquanto ele me prendia a mão em sinal de aliança. Apertei essa mão e disse:

*“Tu és o que há de vir, ou esperamos por outro?”*

*“Tuas palavras se gravam em mim e a bondade se encontra em teu olhar”.*

Jesus levantou para o céu seus olhos úmidos e carinhosos e em seguida disse-me:

*“A paz que vem de Deus se estabeleça entre nós.*

*“A luz pura nos mostre a vida eterna como prêmio de nossos trabalhos.*

*“A justiça divina nos preservará do temor dos homens e o alto poder nos elevará a alegrias perfeitas.*

*“Livremos a Terra de seus obstáculos, libertemos as almas de seus terrores e deixemos de lado os despojos mortais, glorificando a Deus”.*

João compreendeu. A justiça de Deus libertou-o mais do que nunca do temor dos homens. No ano que se seguiu a esta grande manifestação divina João morreu, fortalecido pela graça que o tirava de um mundo corrompido. Demonstrou no suplício a majestade da calma e o ardor da fé. Foi o mártir de sua fé, ao acusar os príncipes da Terra, por seus escandalosos exemplos e os governadores da província que habitava, por seus evidentes delitos.

Irmãos meus, acabo de cumprir para convosco uma nova missão, e retiro-me deste lugar, deixando o posto ao divino<sup>2</sup> visitador, que deseja terminar, ele mesmo, a referência de nossas

relações.

Adeus, irmãos meus, e que a graça vos seja proveitosa. . . .

.....  
.....  
.....

A pureza de João, irmãos meus, é filha de sua vida humana e a santidade de seu espírito aumentou muito depois de sua estada na terra.

A primeira condição do apóstolo é a firmeza. João levou-a tão longe quanto lhe permitiu a natureza humana. A morte de mártir elevou-o diante de Deus e a abundância de suas obras coloca-o na vanguarda dos que se hospedaram entre vós. A terna afeição que o apóstolo demonstrou por mim, desde o princípio, aumentou cada vez mais e a surpresa das pessoas que conviviam com ele se converteu em respeito.

O calor penetrante de minha alma fundiu o gelo que impedia a alma de João de participar das dores humanas, desligando estas dores do princípio de justiça para fazê-las resplandecer do dom misterioso do homem para com o homem, honrando a condição de irmão e convidando todos os homens para o aperfeiçoamento do espírito; dando a todos os espíritos a mesma origem de aliança com Deus e a mesma recompensa no porvir, atraindo para o coração do apóstolo, fanático pela virtude, a ampla expansão da piedade fraterna e do amor humano, pelo desejo do amor divino.

Deixei João recebendo sua promessa de purificar seus pensamentos relativos à fraternidade dos homens; prometi que voltaria a vê-lo e me dirigi para Jerusalém.

Eu contava já em Jerusalém com um partido poderoso e devotado, devido mais aos trabalhos de José de Arimatéia do que aos meus méritos pessoais, Minha personalidade ficava resguardada com a desse homem influente, colocado aí, pode dizer-se, para fazer a metade do caminho que me haviam traçado.

José, que via em mim um simples reformador da moral, muito se assustou quando lhe expus meus projetos de reforma religiosa.

2 - A palavra divino deve tomar-se como a expressão da elevação espiritual a que chegou Jesus. — Nota do Sr. Volpi.

Algo pessimista e clarividente, ele empregou todos os meios possíveis para que eu renunciasse à mesquinha luta, como dizia, da argila contra o cobre, de uma criança contra uma legião de gigantes. José teve nesses momentos de apreensão a visão de minha paixão e de minha morte e do procedimento desse povo que naqueles momentos era favorável às minhas idéias de melhoramento, porém, cuja estúpida ignorância me definiu assim como sua volubilidade, fundamentada em suas inconstantes impressões e na rusticidade de seus instintos. Pintou-me com caracteres de fogo o ódio dos sacerdotes, a defecção das pessoas em quem eu confiava e a ira dos hipócritas desmascarados. Colocou na balança, com elevado critério, a vergonha de uma derrota e a tranqüila esperança no porvir. Definiu, em meio do transporte de seu coração, tanto os tormentos que me esperavam e os ciúmes ferozes de meus adversários, quanto a paz de uma existência, decorrida entre a amizade e a virtude. Fez brilhar diante de meus olhos a terna e deliciosa harmonia dos gozos da alma e colocou-os em frente à fadiga e ao desengano de uma tentativa humanamente privada de toda probabilidade de êxito e cheia de perigos, sem utilidade e sem glória.

As abundantes razões e a lógica decidida de meu amigo caíram por terra diante de minha resolução inabalável.

Ai de mim! — Eu começava a afastar-me da brandura, e a aspereza de meu desígnio dava às minhas palavras a dura expressão da impaciência e da altivez.

José juntou a piedade à aflição e o modo com que suportou meu mau humor deixou-me livre de todo reparo.

Comuniquei-lhe minhas aspirações, meus propósitos, os presságios de minha missão, os imensos desejos de meu espírito, e as tolas fantasias da morte, que perturbavam meus sonhos, e lhe descrevi minhas expectativas com relação à posteridade à qual fazia falta um iniciador que a deslumbrasse. Eu encontrava a defesa da Humanidade na abjeção em que a tinham submergido os orgulhosos fanáticos. Levantei-me para condenar a lei que me condenava a mim mesmo; mas esta lei pereceria para sempre, ao passo que eu percorreria mundos, daria facilidades ao progresso, descobriria amplos horizontes e voltaria a viver no curso dos séculos. Queria a liberdade do espírito; entregava meu corpo no meio das maléficas estreitezas da atmosfera terrestre, cingindo a



fron­te com a coroa do mar­tí­rio, por­ém te­ria an­tes con­quis­ta­do a dupla gló­ria de le­gis­la­dor e de apó­sto­lo.

A lei de Moisés dizia: Que os reis são designados por Deus para governar os homens.

Eu sustentarei que a igualdade dos homens foi ordenada por Deus e que o mando supremo pertence somente à virtude.

A lei de Moisés dizia: *Que os filhos pertencem aos pais, e que a esposa é a escrava do esposo.*

Eu direi: Que o espírito pertence a Deus, e que o filho deve abandonar o pai e a mãe antes que infringir os mandamentos de Deus.

Eu direi que a esposa é igual ao esposo e que não existem escravos na família de Deus.

A lei de Moisés dizia: Que os sacrifícios de sangue são agradáveis a Deus.

Eu direi: Expulsai do templo o que mancha e ofereci a Deus o coração de seus filhos. Caminhai pelo meio das flores do prado, jamais entre o massacre e as chamas. Ofereci a Deus a homenagem de vossas penas, de vossas dores, para ser-lhe agradável; mas não mateis o que foi por ele criado e não profaneis com sacrifícios horríveis o altar do Deus de paz e de amor.

A lei de Moisés dizia: Não tomes a teu irmão nem sua mulher, nem seu boi, nem seu jumento nem coisa alguma do que lhe pertence.

Eu direi: Reparti a metade, com vossos irmãos, dos bens do Senhor. Quem não fizer sacrifício de si mesmo a favor de seu irmão não entrará no reino de Deus. O roubo e o adultério são odiosos porque ultrajam a justiça e a caridade. Não manifesteis pois vossas inclinações, vossos desejos ilícitos; arrependei-vos antes que o olhar de um homem se tenha apercebido desta humilhação de vosso espírito. Praticai o bem ocultamente, orai com a elevação de vossos corações e reconciliai-vos com vossos inimigos antes de entrar na Sinagoga . . . . .

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

Não me encontrava já no tempo de meus tímidos estudos a respeito das necessidades humanas e a natureza de meu

entusiasmo em nada se parecia à temeridade da adolescência. Minha visão do futuro tinha sua origem no ardor de minha vontade. Eu falava com uma emanção divina e gozava de um puro êxtase nas maravilhas da pátria celeste. Depois voltava à realidade, mais empreendedor, mais infatigável, mais heróico que antes, para o cumprimento de minha missão. Minha morte parecia-me útil; fugir-lhe parecia-me vergonhoso e vil.

Poderia acaso esquecer-me a posteridade? — *“Não, me respondia uma voz íntima, a posteridade tem necessidade de ti, o porvir tem suas esperanças na nova lei; os vestígios de teu sangue farão brotar virtudes.”*

Eu devo, irmãos meus, demonstrar-vos os diferentes efeitos de minha pureza que tiveram por móvel causas diferentes em duas épocas de minha vida.

Coloco a primeira época dentro do período transcorrido até o falecimento de meu pai.

A pureza de minha juventude era um reflexo da natureza de meu espírito, lançado para o duro cativo da matéria.

A pureza de meus anos viris foi o fruto de uma vitória e a luminosa auréola que me acompanha é a recompensa dessa vitória.

Minha morte de homem foi a liberdade de meu espírito, e minha elevação foi conquistada no corpo humano.

A lei divina é absoluta e o caminho da Humanidade, da mesma forma que o individual, se cumpre sem desvios, dentro da justiça do Criador.

Cheguemos a esta conclusão, irmãos meus: Permaneci na crença de minha pureza como espírito antes de sua última encarnação; mas humilhai-vos quanto à direção de vossa humanidade, que encaminha todos os seus membros dentro das mesmas condições de existência.

Marcha da humanidade terrestre, tu arrastas em teu rápido movimento tanto as mais belas flores como as mais disformes raízes. Mas se neste movimento a flor perde seu perfume, ah! Quanto tempo é preciso para recuperá-lo! — Mas se neste movimento a defeituosa raiz se abre em belos brotos, ah! Quão suave rócio lho dará forças e a fará crescer em mais propícia temperatura!

Admirável aliança dos espíritos, demonstração da fraternidade, vós descobris a adorável bondade de Deus e explicais

sua justiça!

À humanidade terrestre eu vinha dar-lhe minha vida de *homem*, meus sofrimentos de *homem*, meus pensamentos, meus trabalhos, minha piedade, meu amor... Mas nesta nova peregrinação de meu espírito, *minha memória me negaria o apoio do passado* e minhas *forças* fraquejariam amiúde. Como *homem* sentiria o agulhão da carne; como *homem* sofreria devido à matéria, e as afeições combatidas me pesariam como remorsos; como *homem* me cansaria dos *homens* e sofreria não obstante pelo abandono dos *homens*; como *homem* me chegariam sinais de compaixão dos espíritos de Deus, porém, nada de ostensivo poderia dar-me faculdade para desafiar, para mudar a ordem da natureza; como *homem*, enfim, estaria submetido à lei humana e a *justiça de Deus* não alteraria, por mim, sua imutabilidade.

Irmãos meus, convém que estejais prevenidos contra a infeliz loucura da superstição. Abandonai as condenáveis ficções das paixões da época e os tristes ensinamentos do passado, e alegrai vosso espírito com o princípio absoluto da fé. Este princípio descansa na eternidade das leis naturais e na perfeição de seu autor, na luz levada pela graça e na eficácia desta luz para o bem geral.

Fazei-vos dignos da graça e trabalhai na luz. Aqueles que vos são agora superiores têm ainda um dever a preencher, esforços a realizar em comum, forças a alcançar do seio da Divindade e honras que merecer. As idéias de progresso fazem palpitante sempre o coração dos grandes espíritos. A lei geral das humanidades é a de caminhar sempre para diante; a dos espíritos puros, é a de trazer luz à Humanidade.

Irmãos meus, a palavra de Jesus aí está para trazer-vos a luz. A vida carnal de Jesus trouxe a luz, e os Messias de todos os mundos e de todos os séculos têm sido enviados para distribuir luz. Mas estes *Messias* encarnados na matéria fazem causa comum com a Humanidade a que devem ajudar, têm a mesma semelhança humana que os demais e nada há que possa livrá-los das tendências próprias desta natureza. Fazei pois para todos o mesmo fardo de provas e a mesma fraqueza de órgãos, a mesma delicadeza material e o *mesmo esquecimento do passado na natureza humana*. Honrai a justiça de Deus, majestosa e forte no seu curso. Da pureza de Jesus feito *homem* não julgueis pelas suas

manifestações contando com a pureza anterior de seu espírito, mas procurai compreender a luta do espírito perdido na matéria e constringido a submeter-se às leis de dita matéria.

No quinto capítulo, a continuação desta narração terá por objeto o conhecimento de meus apóstolos e do meu poder como *filho de Deus*, título aparatoso e cheio de temeridade, porém abundante de promessas, aquele que eu dava a mim próprio, para engrandecer minha missão e deslumbrar as massas, título que mereci por minha justa adoração ao Pai nosso.

A lei tinha que castigar-me como blasfemador, ninguém teria podido salvar-me. Eu o sabia e as meditações a respeito de minha morte constituíam minha delícia. Ela levava consigo o voluntário sacrifício das afeições terrenas, e minha mãe, meus irmãos e minhas irmãs se converteram para mim em membros da família humana em meio do pensamento geral e fraterno da união das almas.

Irmãos meus, vos digo: voltarei dentro em pouco.

## ***CAPÍTULO V***

***Ocupa-se o Mestre de seu messianismo, que deu origem ao seu título de Filho de Deus, tomado resolutamente. Suas pregações deram lugar a uma séria oposição, e para acalmar a má vontade do Clero resolveu retirar-se por algum tempo para Cafarnaum.***

Irmãos meus, o título de *filho de Deus* elevava minha missão, purificando minha personalidade humana no presente e assegurava minha doutrina para o porvir. Com este título de filho de Deus eu renunciava a todas as honras, a todas as ambições da Terra e meu espírito tinha que sair vitorioso em suas lutas com a natureza carnal. O título de filho de Deus havia de converter-se em um meio de prestígio para dominar as massas, enquanto que poderia depois explicá-lo oportunamente aos homens mais iluminados. Dito prestígio me proporcionaria a possibilidade de

ampliar meus alicerces e de assegurá-los. Preocupava-me sobretudo a posteridade e seu acolhimento parecia-me depender da fé que eu lhe chegaria a inspirar, considerando-se a minha luz como um reflexo da luz celeste.

Contudo, a solidão suscitava às vezes dúvidas e temores em meu espírito e eu me interrogava a mim mesmo então se consistiria realmente em tudo aquilo o objetivo de minha vida. Espíritos perversos haver-me-iam talvez impellido por um falso caminho? — Seria frutífero o sacrifício de minha tranqüilidade e de minhas alegrias humanas? — Ou meu poder de filho de Deus se despenharia miseravelmente ao solo? — Indecisões fatais, vós pondeis em prova a fraqueza do espírito quando se encontra envolto na natureza corporal!<sup>1</sup>

Jerusalém parecia-me lugar pouco favorável para implantar minha doutrina. Porém antes de deixá-la eu queria experimentar minhas forças e pôr em prática meus meios de ação sobre a multidão; apresentei-me, pois, no templo rodeado de meus fiéis sequazes.

Era costume que todo homem de alguma fama tomasse aí a palavra, cousa que eu tinha feito muitas vezes. Mas devo confessar que a eloquência sagrada me era difícil, e que em todos os meus discursos minha fraqueza se fazia evidente, pela luta que se estabelecia entre minha natureza física e o desejo veemente de manifestar meu pensamento. Os olhares que se fixavam em mim, muito de perto, e as interrupções freqüentes, eram suficientes para perturbar meus sentidos e desviar minha memória. Via-me então lançado em certa desordem de idéias e desenvolvia teorias alheias ao tema que primitivamente me havia proposto. Se bem tenha eu

1 - Por elevado que seja um espírito, sua atuação sobre a Terra tem que ser forçosamente imperfeita e pobre, devendo limitar-se às possibilidades que lhe permitem o organismo que anima e o meio em que atua. A ele conseguem não obstante impor-se as potencialidades da alma, de acordo com a elevação alcançada por ela: porém há de ser à custa de uma luta tenaz, renovada pelo espírito em cada nova encarnação, defrontando as paixões resultantes das condições da vida animal em meio das quais tem que desenvolver-se, ligado como se encontra a todas as suas leis e contingências. Basta esta observação para avaliar-se a excepcional grandeza da personalidade de Jesus, ao vê-lo proceder, constantemente, dentro do mais completo domínio de si mesmo, com um desprendimento tal, com tal elevação de ideais e tão profundo amor para os homens, que nada semelhante pode supor-se. Unia, além disso, sua ação com uma admirável clarividência e uma perfeita consciência a respeito da marcha que seguia e de suas finalidades, repousando o todo sobre uma fé inquebrantável em Deus e no triunfo do que em seu nome pretendia levar a termo. — Nota do Sr. Rebaudi.

vencido mais tarde esta dificuldade, é digno de notar-se que aquele defeito dominava sempre em mim. Mas nesse dia devia preocupar-me muito das aparências. Do efeito que devia produzir diante de pessoas dispostas a causar-me dano e diante de outras prontas a crer em mim, a seguir-me e a defender-me.

Tomei como tema de minha conferência o seguinte: “*A Majestade Divina em permanente emanção com suas obras*”, e me constituí em negador da eterna vingança de meu Pai amado. O terror da gente, que até então me havia tido por um extravagante, cujas máximas não podiam inspirar apreensões, chegou ao cúmulo.

A maior parte dos ouvintes pendia de meus lábios quando desenvolvi a idéia da correlação dos espíritos de Deus na habitação passageira do homem.

Falando a respeito de minha filiação divina, com a ciência das honras de Deus para a criatura, vim colocar-me à frente dos reformadores de todos os tempos e como o precursor de um porvir de paz e de luz. Nessa filiação a favor de um só se encerravam promessas para a humanidade inteira, porquanto, se bem que eu me atribuía a honra dessa filiação, acrescentava que todos os homens adquiririam a mesma honra. Depois, chegando ao último juízo, eu disse: “*Deus virá sobre uma nuvem acompanhado de seu filho e dirá aos justos: “Aproximai-vos de mim, e dirá aos réprobos: Apartai-vos de mim, permaneci no inferno até à purificação de vossas vidas”*”.

Era a vez primeira que alguém se atrevia a admitir a purificação no inferno e a estranheza de meus ouvintes deu lugar a repetidas objeções, às quais eu respondia desenvolvendo minhas doutrinas. Minha presença ao lado de Deus foi interpretada como uma explosão imaginativa, o que aceitei.

A pregação nesse tempo, irmãos meus, não impunha essa atenção muda e respeitosa como atualmente. A má-fé do orador denunciava-se por sua indecisão ao responder às objeções dos ouvintes, e a paciência destes em escutar as demonstrações sábias e religiosas era uma prova do trabalho de seus espíritos que buscavam compreender os preceitos e a moral que deles resulta.

A maior parte dos homens que estavam presentes, nesse dia, às manifestações de meu pensamento, opinaram que eu era uma pessoa muito excêntrica, e que minhas palavras encerravam o

anúncio de uma missão divina. Mas uma minoria de meus ouvintes interpretou meus propósitos como um atentado ao culto que se devia a Deus, e classificou de rebelião minha resolução de esfacular as antigas crenças.

Saí do templo aclamado pela multidão, mas não se me ocultaram os olhares de ódio e as ameaças dos que já se haviam declarado meus inimigos. Ao tornar a entrar fui aclamado freneticamente, ficando nesse momento equilibrado por meus fiéis o poder dos sacerdotes. Creio que, se meus perseguidores houvessem demonstrado naquele momento suas intenções, e tivessem posto em prática a primeira parte de seu programa, minha personalidade se teria colocado imediatamente a uma altura inacessível para os assaltos e para as falsas interpretações daqueles que queriam obscurecer minha fama, quer seja tentando divinizar uma criatura ou combatendo grosseiramente o duplo sentido com a injúria ou ainda sustentando a impiedade ao negar o caráter divino de minha mensagem.

Separei-me dessa multidão que talvez me houvesse aturdido, porém repito que, se tivesse permanecido por mais tempo em Jerusalém, haveria persistido o entusiasmo de meus aliados, e a impotência dos meus inimigos. A mesma forma de morte haveria terminado minha vida, na mesma época, porém, quantos trabalhos se teriam realizado, quantos discípulos inteligentes se teriam reunido, quanta ressonância e que resultados seriam conseguidos! Irmãos meus — peçamos a Deus o advento dessa religião universal tão esperada, que fará resplandecer Deus e a sua providência, Deus e o seu amor!

A natureza humana é viciosa porque o homem nasce da lubricidade. Mas, passando pelas provas da carne, o homem desliga-se desta natureza pela força de sua vontade, e achando-se o sentimento humano subordinado ao sentimento religioso o espírito adquire o desenvolvimento que o aproxima à pura essência de Deus. Trabalhai neste desenvolvimento, irmãos meus, a sublime religião de Deus vô-lo recomenda.

Eu sou o anjo de vida e digo:

*“A vida é eterna, os sofrimentos apenas duram poucos dias; sofri com coragem, a sublime religião de Deus vô-lo recomenda”.*

Eu sou o espírito de luz e digo:

*“A alegria inundará aos que tenham caminhado na luz”.*

Irmãos meus, a sublime religião de Deus vos ordena demonstrar vossa fé, aspirando o ar da liberdade de vossa alma; adornar vosso espírito, buscando o caminho da verdadeira felicidade, humilhar vosso corpo, cansando-o com o exercício da caridade, privando-o das honras faustosas e dos gozos grosseiros, elevando-o acima dos instintos da natureza animal no que esta tem de mais feroz e asqueroso. Pedi à luz a verdade do porvir que está muito acima das mentiras e loucuras da terra. Pedi e recebereis, irmãos meus, porque eu sou o espírito de luz e vos amo. — Purificai vossa natureza carnal, ó vós que quereis entrar em comunicação com os espíritos puros; pedi luz à ciência de Deus, ó vós que desejais viver e morrer na paz e no amor! . . . . .

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

Parti de Jerusalém com destino a Cafarnaum, cidade situada à margem do lago de Tiberíades e quase completamente habitada por pescadores, negociantes e empregados do governo.

Cafarnaum pareceu-me de tal maneira adaptada para meus fins de proselitismo, que desde o primeiro momento fiz dessa cidade o centro de minha ação e da esperança de minha vida de apóstolo.

Os pescadores de Cafarnaum eram-me simpáticos por sua alegria franca e honrada. Os negociantes me pareciam restos de povos diversos atirados para ali talvez por um capricho da sorte, e os oficiais do governo davam-me a impressão de testemunhas, felizmente colocados ali para proteção de um homem, cujos discursos iriam mais além que o permitido pelo Estado.

A medíocre fortuna dos mais ricos de Cafarnaum assegurava-me um tranqüilo ascendente tanto sobre as classes pobres quanto sobre as mais favorecidas. Os costumes simples e as limitadas ambições favoreciam o engrandecimento do círculo de meus ouvintes e meu poder como *Filho de Deus* se



estabeleceria nos corações dos fiéis depositários de minha palavra com maior tenacidade que em nenhuma outra parte.

O benévolo acolhimento que me foi dispensado em Cafarnaum tinha seus motivos nas recomendações de meus amigos de Jerusalém. Meus primeiros protetores foram aqui, estes também, meus primeiros discípulos, e minhas tarefas foram das mais fáceis a princípio .....

.....  
.....  
.....

Façamos por merecer, queridos irmãos, com esforços elevados e com o terno reconhecimento dos nossos corações, que Deus nos aplane os caminhos abertos diante de nosso espírito para levá-lo ao apogeu da ciência e da prudência, porém jamais digamos que a providência nos conduz; não afirmemos que nossos passos estão assinalados e que tal espírito é guiado portal espírito. Não, a justiça de Deus é mais elevada e todos os homens têm direito à sua misericórdia.

Que gênero de aliança com os espíritos de Deus quereis irmãos meus, que engendre vossas alegrias se vós não a mereceis com o ardor e a perseverança de vossas resoluções? — Que manifestações podeis esperar de Deus se entre vós não reinar a concórdia e a justiça? — De quantos erros, em troca, e de quantas mentiras não sereis vós outros o juguete se com vossa vergonhosa vida facilitardes a aliança de vosso espírito com os espíritos embusteiros da Humanidade mortos no opróbrio? — Desligai-vos do erro, desligai-vos dos amores corrompidos e a verdade vos descobrirá seus tesouros e o amor divino manifestará seu calor à vossa alma.

Fazei os preparativos de vossa elevação, adornai a casa em que guardais o espírito de Deus para que ela seja digna dele. Atirai para o lado as cousas malsãs e lavai as chagas por elas deixadas para que o espírito do Senhor não se sinta repellido e se afas-te. Limpai a cabeça, limpai o coração, limpai o espírito, limpai a consciência e facilitai a entrada na habitação com ternos chamados, com firmes promessas e com ardentes desejos.

Ah! Irmãos meus: Quanto se enganam os que crêem que o caminho dos acontecimentos está submetido à *fatalidade* e que

*essa fatalidade, cujos golpes ecoam no coração do homem, fere cegamente, inculcando à criatura a ausência de um Ser Inteligente.*

Uma vez mais. Não. A justiça de Deus existe e para todos a fatalidade não é outra coisa que o castigo merecido. A fatalidade respeita-vos quando vos encontrais sob a proteção de um espírito de Deus, mas esta proteção não se adquire sem sacrifícios e os sacrifícios são *expições*. A supremacia do mando, a servidão, a riqueza, a escravidão, são *expições*. A virtude nos reis é pouco comum, a coragem nos escravos é pouco comum, o vigor do espírito nos deprimidos é pouco comum, a liberalidade nos ricos é pouco comum. Entretanto, todos se livrariam da fatalidade mediante a virtude, a coragem, a energia do espírito e a liberalidade. Todos progrediriam no caminho do próprio melhoramento se estivessem convencidos da justiça de Deus e das promessas da vida eterna. A justiça de Deus a todos nós protege com o mesmo apoio e nos carrega com igual fardo. Ela nos promete a mesma recompensa e nos humilha do mesmo modo, nos alumia com o mesmo facho e nos abandona com o mesmo rigor. Não preludemos nossa decadência intelectual com a aceleração de nossos princípios religiosos; alimentemos em troca nosso espírito com o quadro, colocado constantemente na luz diante de nós, da infalibilidade da Justiça Divina. Peçamos a proteção dos espíritos de Deus, mas não imaginemos que eles hão de proteger uns mais que os outros sem a purificação da alma protegida.

Eu me havia desviado do meu objetivo ao afastar-me de Jerusalém, porém remediei em parte meu erro estabelecendo-me em Cafarnaum. Entretanto, os espíritos de Deus não me haviam guiado nestas circunstâncias, porquanto a parte intelectual de minha obra pertencia-me completamente. O objetivo de minha vida devia honrar-me ou encher-me de arrependimento, e os espíritos de Deus se apartariam de mim se minhas alegrias humanas maculassem sua pureza.

Espíritos de desordem inspiravam-me penosas indecisões, espíritos de trevas agitavam minha mente com dúvidas a respeito de meu destino, espíritos de orgulho faziam resplandecer diante de meus olhos a pompa das festas mundanas e o prazer dos amores carnavais.

Perdido no meio de uma perturbação inexprimível,

levantava os olhos ao céu com olhar esquadrinhador e, mais firme depois da prece, lutava com coragem. Bem o sabem os que dizem: “Jesus foi transportado sobre uma montanha e o demônio mostrou-lhe os reinos da Terra para tentá-lo”.

Irmãos meus, o Demônio, figura alegórica do espírito do mal, encontra-se onde quer que estejam espíritos encarnados na matéria, e eu me encontrava entregue às ondas desse mar que se chama Vida Humana. A lei de perdição, a lei de conservação, os gozos materiais, os gozos espirituais disputam o espírito do homem e a vitória coroa o espírito que soube lutar até sua completa purificação.

Eu reprimia os instintos da natureza carnal, haurindo forças no eterno princípio do poder da vontade, pois a luz do meu espírito só me iluminava durante o repouso que se segue à luta, durante a calma que vem depois da tempestade. Devido tão-somente à minha força de vontade eu era senhor das paixões funestas para o progresso do ser e durante o descanso de minhas forças parecia que a memória espiritual renascia em mim; considerava então a habitação temporária do corpo como um estreito cárcere para o espírito e o ar da liberdade anímica penetrava em meu peito em celestes aspirações.

A facilidade que eu tinha para descobrir as fraquezas dos homens colocava-os sob minha dependência.

Minhas palavras tomavam o caráter de revelações, quando as chagas ficavam a descoberto, e a aparência de predições, quando a indignação transbordava de meu peito. Meus esforços em curar se dirigiam também ao corpo, cujos sofrimentos me era dado apreciar por alguns estudos adquiridos a respeito. Pelo que diz respeito aos meus meios de curar, consenti em admitir, irmãos meus, que sua virtude era *puramente humana*, e deixai que meus milagres durmam em paz.<sup>2</sup>

2 - Perante os homens independentes e sensatos é justamente a questão dos milagres o que desprestigia a personalidade de Jesus. Ainda que sejam eles ateus ou deístas não podem admitir nem ao menos a possibilidade da violação das leis da Natureza ou de Deus. Se as leis da Natureza são imutáveis, com mais razão devem sê-lo se as considerarmos como divinas, porque Deus não pode deixar de ser em suas obras o que é: perfeito e o perfeito não sofre modificações, não pode corrigir-se, não pode ser melhor do que é. Se as leis de Deus sofressem uma transgressão da parte dele mesmo, isto não podia ser senão no sentido do

Estes atiraram sobre mim essa nódoa da qual venho agora livrar-me. O Centurião de Cafarnaum é um personagem tomado dentre os que me deveram a saúde e a tranqüilidade. A tudo o que disseram com referência a este fato<sup>3</sup> eu lhe oponho um desmentido formal, porquanto essas palavras não podiam senão ser favoráveis à crença em minha divindade, enquanto que ninguém em minha vida carnal me tomou por um Deus; porque as multidões eram mantidas por mim na adoração de um só Deus, Senhor e dispensador da vida; porque meu título de filho de Deus não implicava a transgressão do princípio sobre que descansa a personalidade divina, porque a eterna lei dos mundos coloca a morte corporal no abismo do esquecimento, entretanto o pensamento segue o espírito no campo da imortalidade; porque a morte é o termo prescrito pela vontade divina, que não pode desmentir-se; porque a ressurreição deve estender-se tão-somente no sentido da libertação do espírito; porque a ressurreição do corpo seria um passo para trás, ao passo que o espírito caminha sempre para diante. A ressurreição, irmãos meus, jamais tem lugar, a morte nunca devolve sua presa. A morte, emblema da petrificação, é o aniquilamento da forma material. O espírito que abandonou dita matéria não se preocupa mais dela e só a vida que se abre diante dele o cativa e o arrasta.

melhor, o que implicaria que a lei não era perfeita. Por outra parte o caráter da imutabilidade não pode separar-se jamais do da Divindade. Cientificamente considerada a questão, é completamente inadmissível o milagre, e o que se apresentasse como um fazedor de milagres não poderia senão ser considerado como um desprezível charlatão. Daí vem o grande dano que o assunto dos milagres causou a Jesus e daí vem também, sem dúvida, prescindindo da parte que lhe corresponde à modéstia, o esforço que ele faz para despojar de suas curas toda a idéia do maravilhoso, colocando-as ao nível do estritamente humano. Tal fato deve considerar-se como uma reação de parte do Mestre contra as patranhas milagreas espalhadas, segundo parece, por seu discípulo João, na grandiosa atuação do fundador do Cristianismo. É bom advertir não obstante que tudo nos induz a crer que Jesus devia estar eminentemente dotado desses poderes psíquicos que é comum encontrarem-se nas pessoas cuja elevação de idéias e de sentimentos, assim como santidade de vida, as colocam nas condições de grandes iluminados e de santos, para valemo-nos de uma palavra já consagrada pelas religiões. Jesus era por outro lado um iniciado, como ele mesmo o diz. Tudo isto nos leva a crer que deviam encontrar-se ao seu alcance todos os segredos da magnetoterapia e do magnetismo transcendental e que com essas forças pôde produzir muitos dos chamados milagres que se lhe atribuem. — Nota do Sr. Rebaudi.

3 - Diz o Evangelho, segundo S. Mateus: Tendo, porém, entrado em Cafarnaum, chegou-se a ele um centurião fazendo-lhe esta súplica, e dizendo: “Senhor, o meu criado jaz em casa doente de uma paralisia, padece muito com ela”. Respondeu-lhe então Jesus: “Eu irei, e o

Jesus não pôde ressuscitar ninguém. Tampouco foi Jesus quem curou com a imposição das mãos<sup>4</sup> e com suas palavras. — Ele orou, pediu a libertação dos enfermos e consolou os pobres, fez brotar alegrias no coração dos aflitos e esperança na alma dos pecadores. A terna melancolia de suas conversações atraía para junto de si os melancólicos e às vezes sua terna alegria descarregava os mais sinistros semblantes. Os pobres eram seus assíduos companheiros e as mulheres de má vida corriam para ele para beber em suas palavras o olvido, a força, a compaixão e o ânimo. A temerária ousadia do justo não arrastou jamais Jesus para o ridículo, e, sobre a vergonha, ele estendia com rapidez o véu radiante da purificação.

*“Meu Pai, dizia, conhece nossa fraqueza. Ele nos espera e nos chama com carinhoso empenho. Corramos a atirar-nos em seus braços e os maiores delitos serão perdoados. Meu Pai é também o vosso; minha habitação será igualmente a vossa. Deixai pois vossos mortos e vinde habitar com os vivos.”*

curarei”. E, respondendo, o centurião, disse: “Senhor, eu não sou digno de que entres na minha casa; porém manda-o só com a tua palavra, e o meu criado será salvo. Pois também eu sou homem sujeito a outro, que tenho soldados às minhas ordens, e digo a um: Vai acolá, e ele vai; e a outro: Vem cá e ele vem; e ao meu servo: Faze isto, e ele o faz”. E Jesus, ouvindo-o assim falar, admirou-se, e disse para os que o seguiam: “Em verdade vos afirmo que não achei tamanha fê em Israel. Digo-vos, porém, que virão muitos do Oriente e do Ocidente, e que se sentarão à mesa com Abraão, e com Isaac e Jacob no reino dos céus: Mas que os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes”. Então disse Jesus ao centurião: “Vai, e faça-se-te segundo tu creste. E naquela mesma hora ficou são o criado”. (S. Mateus, VIII, v. 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13.). E, tendo chegado Jesus à casa de Pedro, viu que a sogra dele estava de cama, e com febre; e tocoulhe na mão, e a febre a deixou, e ela se levantou, e se pôs a servi-los. E sobre a tarde, porém, lhe puseram diante muitos endemoninhados: e ele com a sua palavra expelia os espíritos, e curou todos os enfermos”. (S. Mateus, cap. VIII, v. 14, 15 e 16.)

Como se vê, a forma sob que se apresenta aqui a Jesus é pouco correta. O modo do centurião expressar-se é pouco sensato e pouco respeitoso e a atitude de Jesus a seu respeito não é própria dele. Com razão, pois, protesta contra o papel de fazedor de milagres que se lhe quer fazer desempenhar. — Nota do Sr. Rebaudi.

4 - Parece, em realidade, que Jesus não fazia uso geralmente da imposição das mãos, senão que dirigia o pensamento, o desejo, no sentido da cura. Por isso pode ele perfeitamente atribuir as curas a outras causas; à ação talvez de seres extracorpóreos. — Nota do Sr. Rebaudi.

Com as palavras vossos mortos eu queria indicar os excessos e os projetos insensatos, as decepções e a nódoa da vida, os gozos desordenados, os infortúnios fatais para a prosperidade material e as más influências do amor, do ódio, do remorso e do terror, do pecado e do temor do castigo. As alegrias inocentes devolviam o sorriso a meus lábios e as crianças eram sempre por mim bem recebidas.

*“Deixai vir a mim os pequeninos”*, dizia, e tomava suas mãos entre as minhas e os enchia de carícias. Os ódios e as discussões acalmavam-se pela virtude de meu ascendente. Todas as rivalidades desapareciam do círculo que eu tinha formado, e a terna simpatia das mulheres lançava sobre minha vida a sombra protetora das mães, pelos cuidados que eram inerentes à minha pessoa.

Eu costumava descansar em uma barca de pesca durante a noite, das fadigas do dia, escutando as alegres palestras de meus amigos. Os deveres do apostolado, os ensinamentos do pastor, deixavam lugar, durante essas horas de repouso, a expansões cheias de atrativos, de confidências e de afetos. Os filhos me entretinham com as alegrias e tristezas próprias de sua idade, e os pais me interrogavam a respeito das aptidões de cada um e da posição que lhes convinha. — Que noites deliciosas nos proporcionavam o esplendor da abóbada celeste, a transparência da água, a ânsia dos corações, a simplicidade das almas, as preces ao Criador e a felicidade resplandecente em meio da mediocridade e do trabalho!

Irmãos meus, eu bebo nestes momentos em minhas recordações, e quisera reproduzir-vos a emoção de meus fiéis quando, de pé sobre uma tábua, colocada através da barca, eu lhes explicava as grandes verdades do porvir. Assim se terminavam com os festejos luminosos do espírito as ardentes festas do coração, e não deixava meus amigos senão rodeado e abençoado por eles.

Minha hospedagem era na casa de certo BarJona, pai de Cefas e de Simão;<sup>5</sup> o primeiro chamado mais tarde Pedro, o segundo chamado pelos homens André; os três eram pescadores.

5 - Se bem conste assim no texto, sem embargo parecia haver-se cometido um erro, porquanto o apóstolo Pedro é conhecido como Simão Cefas e seu irmão, como André, assim encontra-se nos Evangelhos. — Nota do Sr. Rebaudi.

As prerrogativas de Cefas têm sua origem no carinho extraordinário que me demonstrou desde os primeiros dias. O caráter sombrio do irmão não deu lugar à mesma confidente expansão. Poucas fisionomias me ficaram tão profundamente gravadas como a de Cefas. Vejo ainda a expressão dessa careta<sup>6</sup> cheia de franqueza e de certa finura. Seus olhos eram azuis e lançavam relâmpagos de inteligência, por cima dumas faces frescas e rosadas, e seus lábios grossos sorriam freqüentemente, com o descuido ingênuo de um alegre filho da Natureza.

A cabeça de Cefas era grande, seus cabelos abundantes e dourados, largos os ombros e elevada a estatura. Seus movimentos, um tanto vagarosos, denunciavam reflexão. Mesmo no meio dos trabalhos mais ativos sua fisionomia refletia com fidelidade as emoções da alma. Quando pensei em atrair seu carinho para mim, deteve-me com estas palavras: *“Já que a oração é eficaz quando sai de teus lábios, Senhor, ordena aos ventos que me sejam favoráveis durante a noite. Enche minhas redes, e eu acreditarei no Poder de tuas palavras.”*

*“A oração, lhe respondi, honra a quem a eleva; pronuncia tu mesmo, amigo meu, a fórmula de teus desejos e Deus te ouvirá se esses desejos forem a expressão da sabedoria e das necessidades de tua vida”.*

Meu pobre Cefas não estava acostumado à elevação do coração mediante a prece e pouco depois de minha chegada se preocupava das cousas da vida futura. A oração foi-lhe ditada por mim e na manhã seguinte em suas horas médias (da manhã) fui me informar do resultado. Encontrei os pescadores muito atarefados, encontrando-se já na sétima venda pescados, apanhados durante a noite. Receberam-me em festa e Cefas se ajoelhou dizendo: *“Senhor! — Senhor! — Tu és certamente aquele que Deus enviou para fazer-me paciente nas adversidades e alegre na abundância”.*

Levantei Cefas e lhe disse:

6 - Poderia talvez empregar-se a palavra careta em lugar de cara? Em todo o caso assim se encontra no texto. — Nota do Sr. Volpi.

*“Somente Deus é grande, somente Deus merece teus transportes de reconhecimento e de amor. Tão-só Deus, forte e poderoso, distribui a abundância e as bênçãos aos que lhe dirigem suas orações”.*

Retirei-me deixando os pescadores em liberdade de entregarem-se às suas fainas. Não faltou quem, exagerando o alcance deste fato, favorecesse a crença nos milagres.

A religião pura e simples de Jesus não existe mais.

Com fausto delirante, honras tolas e frias relíquias, caiu essa religião ao nível das mais absurdas fábulas. As elevadas verdades ensinadas por Jesus foram substituídas por fantasias e os fanáticos partidários de minha Divindade arrastaram meu nome entre o lodo e o sangue, nos abomináveis espetáculos da Inquisição e sobre os campos de batalhas ímpias.

Pobres mártires! — E vós, intrépidos lutadores da razão, marchai através dos mundos! Correi em busca das verdades eternas! Ascendi sobre as sufocantes humanidades e derramai luz sobre elas! Teus esforços e teu patrocínio serviram para a emancipação de alguns homens, ó jovem e intrépido atleta das arenas da inteligência! E tu em troca... morres pobre, desejoso de viver ainda para dar termo à página começada!

A página começada será terminada em outra parte e tu te verás libertado deste corpo de lodo, distanciado destes estertores de morte, desiludido das sombras, impelido para a luz infinita, saciado de amor e de liberdade!...

Decidido campeão de uma nova idéia, tu vais expiar teu delito... A morte aí está; a morte no meio de uma multidão gritadeira e estúpida... Mas te sustentarão os anjos em tua hora suprema e ascenderás para a luz eterna!...

Desce, irmão meu, os últimos degraus da vida humana, eles te conduzirão para o vestíbulo da eternidade. O túmulo abrirá para ti os esplendores do dia e te serão reveladas as harmonias do poder criador. A velhice de teu corpo é pesada mas a alma jovem está por sair desse túmulo e te será dada, irmão meu, a revelação sublime do que tu tens pressentido. Fala a teus irmãos, sê ainda útil à humanidade. Estuda, pede a Deus a chave que abre a mansão faustosa de sua pura luz, penetra na abóbada dos esplendorosos astros e volta à Terra para dar-lhe a prova de teus novos



descobrimentos.

A vós todos, homens pensadores e homens de ação, a vós, amigos meus, pertence-vos a admiração dos espíritos que vos precederam. A vós pertence-vos a força, o poder e a perseverança na palavra e nos pensamentos de regeneração.

Na manifestação da verdade, irmãos meus, é preciso prevenir-nos contra os excessos da indignação, para os quais pode arremessar-nos a lembrança do passado, e convém demonstrarmos-nos fortes perante o presente para fundar o porvir.

Eu dirijo a todos palavras de perdão e de consolo.

Deponde as armas e amai-vos uns aos outros. Um só laço existe para unir a humanidade inteira: é o amor. Não há mais que uma porta de saída da degradação: o arrependimento, e se na hora derradeira o arrependimento faz curvar a cabeça do culpado, a justiça de Deus, impregnada de sua misericórdia, inclina-se sobre essa cabeça.

A expiação das culpas é inevitável, mas o arrependimento do pecador tira à expiação o caráter ignominioso do castigo e o desespero da vergonha.

Irmãos meus, dou-vos a palavra de paz, dou-vos a promessa de vida e vos abençôo.

## ***CAPÍTULO VI***

***Depois da chamada “pesca maravilhosa” aumentou grandemente o prestígio de Jesus, que escolheu em Cafarnaum seus primeiros apóstolos, Cefas, André, Tiago e João. Prática familiar de Jesus com seus discípulos.***

Já vos dei, irmãos meus, uma idéia de meu encargo como Messias e de meu poder como filho de Deus.

Vós compreendereis agora minha missão, que não terminou, e meu caráter de filho de Deus, que distinguirá a todos os que se alimentarem da graça e se aproximarem à chama divina,

a todos os que propagarem belas doutrinas e praticarem o eterno mandamento do amor, aos que desempenharem missões de espíritos inteligentes no meio de espíritos inferiores e turbulentos, aos que fizerem a luz no meio das trevas e fizerem crescer o grão entre o pó, aos que se tiverem emancipado da dependência odiosa das paixões para elevarem-se à atmosfera pura da espiritualidade.

O título de filho de Deus pertence aos espíritos de pacientes investigações e de abnegação pessoal. O título de filho de Deus pertence aos espíritos de penetrante ardor e de terna humanidade, de emanações benéficas e de forças fecundas, de tendências espontâneas para os sacrifícios pelo bem e de perseverante energia na prossecução dos trabalhos empreendidos.

Todos nós somos filhos do mesmo Pai. As esperanças da alma, os atrativos do espírito, os vícios da natureza carnal nos são comuns, e o poder divino nos chama para a perfeição com a suprema honra de nosso livre arbítrio. Ponhamos à prova nossos recursos, permaneçamos firmes na luta, e peçamos a Deus a proteção de seus melhores espíritos; mas não contemos com esta proteção enquanto não nos emendemos de nossos hábitos fatais, e mediante nossos esforços postos em evidência como um chamamento e como promessa de purificação.

Elevemos nossas preces com fé e simplicidade: obremos com humildade e justiça; destruamos os maus germes e volvamos a empreender a marcha por outras sendas; busquemos a lei de Deus no fundo de nossos corações, e elevemo-nos acima dos costumes de um mundo corrompido, pelos desvios que faz desta lei santa; dirijamos os olhares de nosso espírito no livro das manifestações gloriosas e gozemos do amor dos anjos, cumulando de amor aos que nos desconhecem.

Definamos a religião de maneira que não dê lugar a equívocos, e declaremos com energia que as guerras, os ódios, as vinganças e todas as horríveis carnificinas, quaisquer que sejam as vítimas, são, sem exceção, ímpias, sacrílegas e merecedoras do castigo do Criador.

Os grandes espíritos experimentaram desgostos ante as alegrias humanas em virtude das alegrias da graça. Mas estes espíritos também tiveram que dar seus primeiros passos porque ninguém pode eximir-se dos sacrifícios que solicitam a graça.

Inclinemo-nos uma vez mais perante a justiça de Deus e

continuemos a narração interrompida no final de meu último capítulo . . . . .

Mediante o estudo da Natureza todos os homens podem chegar até à concepção do inteligente autor da mesma. Eis o que me conduzia a procurar os homens que se encontravam em contato com as maravilhas da Criação.

Eu me aproximava a Cefas e a André procurando convencê-los de meu poder moral e intelectual. Preparava meus meios de ação, instruindo a meus êmulos, e deduzia provas para minhas palavras nas obras de Deus e nas manifestações de sua munificência e de seu amor.

O acolhimento cheio de respeito de meus adeptos se havia transformado em um verdadeiro culto depois da pesca milagrosa, como chamavam à abundante pesca que já referi<sup>1</sup> e os cérebros estavam prontos para exaltar-se quando ocorria alguma discussão a respeito da natureza de meu poder.

A luz não se havia feito nestes corações ingênuos e entusiastas e, sem julgar-me senhor absoluto dos elementos, atribuíam-me a influência passageira dos profetas, cuja história fabulosa conheciam. Minhas instruções praticavam-se com a maior deferência para com minha pessoa e a natureza do impulso explicava a fraqueza dos espíritos. Mas eu, de acordo com a minha penosa missão, devia aproveitar-me desta fraqueza e purificar os

1 - Como fiz notar desde o princípio, Jesus empenha-se em todos os momentos em anular a importância atribuída a seus poderes psíquicos, que parece não obstante possuí-los em elevado grau. É que ele dá toda a importância à doutrina e, convencido sem dúvida do grande prejuízo que ela e sua personalidade têm sofrido pela propaganda milagreira que se lhe tem feito, manifesta os efeitos da reação que é sempre algo exagerada, a qual, unida à sua peculiar modéstia, acabou por esforçar-se em ocultar ou desvirtuar tudo aquilo que possa guardar alguma relação com o milagre por mais que se trate muitas vezes de realidades explicáveis em face dos conhecimentos que atualmente se tem a respeito das ciências psíquicas. Contudo, os estudos minuciosos feitos nos demonstram que todos os grandes iluminados, chamaremos assim a todos os grandes espíritos que têm guiado os movimentos religiosos verdadeiros (quer dizer, os que têm por norte, não as paixões humanas, senão a verdade e o bem), se têm demonstrado sempre possuidores de poderes psíquicos e medianímicos especiais. Jesus, portanto, não pôde deixar de possuí-los, e ainda que procure ocultá-los descobrem-se-lhe em várias partes desta mesma obra. — Nota do Sr. Rebaudi.

instintos, sem comprometer o prestígio que tinha. Tinha que apoiar minhas demonstrações, já seja sobre a tradição, já seja sobre os recursos de meu próprio espírito e manter assim a crença nas predições, fazendo-me o apóstolo da nova verdade.

O temerário ardor de meus discursos e os hábitos simples de minha vida ofereciam um contraste que impressionava todos os corações e levava a convicção aos espíritos. Retirava-me muitas vezes no momento de maior entusiasmo e minha desapareição contribuía para estabelecer o sobrenatural de minhas formas oratórias, assim como a luz da nova doutrina que explicava. Convencido de minha missão e desiludido, sem tê-los experimentado, dos gozos mundanos; desmaterializado moralmente com o alimento de meus idealismos e doçuras de imaginação, adiantei rapidamente na espiritualização do pensamento e minha palavra estava impregnada dos ternos ecos da poesia celeste. Tinha ainda algumas ligações humanas e meu coração ficava às vezes indeciso entre a radiante esperança e a realidade da alegria presente; mas estas indecisões eram passageiras e, acionado por uma vontade invencível, adquiria novas forças depois de cada luta . . . . .

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

Os primeiros apóstolos de Jesus, irmãos meus, foram, depois de Cefas e André, Tiago e João, filhos de um pescador chamado Zebedeu.

Aqui devo dedicar uma página a Salomé, mãe dos novos discípulos.

Esta mulher heróica, porém simples no heroísmo, é conhecida tão-somente pela celebridade de seus filhos, e entretanto ela possuía mais grandeza de alma que seus dois filhos reunidos. Esposa carinhosa de um trabalhador, mãe admirável, mulher inteligente e de uma devoção elevada, Salomé foi, entre meus ouvintes, uma das mais assíduas e fervorosas. Eu não elevei Salomé, ela elevou-se sozinha, mediante a intuição de minha missão divina, e ambos nos encontrávamos caminhando unidos na força da fé para o calvário, eu para morrer, e ela para ver-me expirar em meio das torturas. Não é verdade que Salomé me haja

pedido que colocasse a seus dois filhos *um de cada lado meu na mansão de meu Pai*. Se Salomé tivesse formulado semelhante pedido, eu não teria que apresentá-la aqui na forma que o faço.

Os dois irmãos estavam cheios de vivacidade e de ardor. Eu lhes havia posto as alcunhas de relâmpago e de raio e aproveitava com êxito as suas qualidades. Mas, ai! Quantas amarguras depois do prazer! Quantos arrependimentos resultaram de minhas fraquezas! Tiago, o mais velho, não era mais que o modelo de João, quer dizer que os mesmos sentimentos, as mesmas faculdades, os mesmos gostos, os mesmos hábitos se manifestavam nos dois; porém João empregava mais ardor na discussão, mais extravagância em seu entusiasmo, mais paixão na amizade e, também, mais vaidade no apego à minha pessoa. Eu não me preocupava em combater as tendências de João para a exageração, e seu irmão, menos exagerado, me inspirava temores que jamais se realizaram. Fatal cegueira! João era a estrela de meu repouso como Cefas era o instrumento de minha vontade, o braço da ação, e entre estes dois homens estabelecia a mesma diferença que estabeleço hoje. Mas nas discussões que se promoviam entre todos eu costumava inclinar-me de preferência para o lado de João. Não me apercebia que seus caprichos de preferido, que suas exaltações de ânimo semeavam a desordem no presente e preparavam as sombras do porvir!

Irmãos meus, este discípulo, cujas ternuras constituíam minha felicidade, foi realmente o mais querido; porém neste momento eu lhe retiro diante da posteridade o prestígio de discípulo fiel a seu mandato, porque todo o desempenhou com o inverossímil, referindo os fatos, não tal como eles haviam tido lugar senão como ele desejava que houvessem sucedido.

Aos quatro discípulos familiares de Jesus se agregaram outros quatro, cujos nomes são: Mateus, o aduaneiro; Tomé, o mentor de meus apóstolos pela inteligência dos assuntos externos; Lebeu, o mercador, e Judas, célebre por sua traição.

Na criação de minha pequena brigada havia estabelecido que seus componentes deviam ser entre eles irmãos e que o último chegado devia ter as mesmas prerrogativas que o mais antigo.

Uma noite em que, depois de cear, me achava rodeado de todos meus irmãos, o contentamento deles se manifestava com gracejos picarescos e acertados ditos, quando a alguém ocorreu

chamar-me Rabi, que significa mestre e pai, nome mais expressivo que o de senhor.

Para participar do bom humor de meus irmãos, me dirigi a todos e a cada um deles, pesquisando os signos de seu porvir no caráter de cada um, que eu havia estudado. Das cabeças ardentes de Tiago e de seu irmão, da penetração de Mateus, da capacidade administrativa de Tomé, a natural bondade de Lebeu, deduzi horóscopos confirmados mais tarde pelos fatos. Acalmei também os ciúmes de Judas, favorecendo-o mais que aos outros.

A André, dei-lhe ânimo, dizendo-lhe<sup>2</sup>

*“Meu querido André, abraça-te a teu irmão e apóia sobre ele tuas dêbeis mãos. Os passos de Cefas te conduzirão a trabalhos aos que tu só não conseguirás levar a termo; sua força cobrirá tua fraqueza. Livra-te da languidez que debilita tua alma; a fé e a resolução não dependem da fadiga dos órgãos e do pesadume na execução. Honremonos imitando nossos laços fraternais e nossa confiança no porvir. Dos cuidados que demanda a grandeza futura de nossa empresa não te preocupes. Descansa no Mestre e, depois do Mestre, sobre teu irmão, que é a pedra fundamental de nosso edifício”.*

Cefas levantou-se radiante e disse:

*“Mestre, abençoa a pedra fundamental e jamais virá abaixo o edifício”.*

Irmãos meus, jamais saiu de meus lábios o mesquinho jogo de palavras que se me atribuiu a este respeito. A origem do nome de Pedro foi devida simplesmente à facilidade de comparação, que me proporcionou esse momento de confidencial abandono entre homens cujo valor eu havia aquilatado.

O nome de Cefas foi substituído imediatamente pelo de Pedro. Assim o designaremos daqui por diante, como Pedro, o

2 - As palavras: “A André, dei-lhe ânimo, dizendo-lhe” foram acrescentadas na segunda edição espanhola para aclarar a passagem, que doutra forma não teria sentido. — Nota do Sr. Rebaudi.

apóstolo de Jesus, fundador dessa religião, materialmente pobre por seus membros, resplandecente de riquezas por suas aspirações, doce e caritativa, forte e majestosa, terna e paciente para todos, cultivada de todos os deveres, poderosa apesar dos assaltos sofridos, eterna pelos exemplos de virtude, que deviam levá-la até Deus e conquistar o mundo. ....

Meus discípulos, em número de oito, acompanharam-me na minha visita a João, que descia do deserto para presidir as purificações no Jordão. A purificação, como temos dito, praticava-se mediante a imersão completa ou parcial, e minha intenção era a de submeter-me ao uso humilhando-me perante o apóstolo para minha purificação parcial, que em seguida eu haveria de praticar com meus discípulos.

João reconheceu-me logo e me fez caminhar a seu lado, dando-me vivas manifestações de veneração.

A multidão, que observou estes testemunhos, me confundiu sem mais no mesmo respeito que tributava ao Solitário.

A função da purificação foi precedida de sermões e jejuns, o que convém recordar aqui para fazer compreender a meus leitores que a purificação era o que mais tarde se chamou o sacramento da penitência, e não o batismo, que não tinha razão de ser nesta circunstância.

Todas as populações da Judéia parecia que se haviam posto de acordo para concorrer à purificação nesse ano, que foi o último de João. A multidão era compacta, pressurosa e delirante e a animação tomava o lugar do silêncio ordenado. Qual era, pois, o motivo dessa emoção, dessa tendência para o sentimento religioso, desses desvios do pensamento estranhos ao princípio da fé?

A pregação de João vos explicará.

Depois de um exórdio em que os atributos de Deus haviam sido desenvolvidos com uma potência de palavra e um entusiasmo do coração tais, que ninguém, além dele, era capaz de manifestar, o orador, baixando das alturas da espiritualidade para as imperfeições humanas, humilhou seu próprio gênio com

injuriosas alegações e ameaças proféticas.

A impureza dos vínculos, o luxo das festas da Corte, a desmoralização dos governantes, a pesada opressão das leis arbitrárias e cruéis foram exibidas em uma forma tal como que para lançar os espíritos para o caminho da revolta. João tinha seguido uma vez mais o caminho fatal que conduz a virtude ao erro. João havia contemplado as torturas do povo e introduzido o fogo de sua alma no fogo que se alimentava escondido na alma do povo. João havia transgredido a ordem que estava prestes a romper-se. João seria encarcerado, julgado, condenado à morte e decapitado no decorrer do ano destes sucessos; dois antes da crucificação de Jesus.

Minhas recordações levam-me para a purificação dos hebreus no Jordão. Vejo barracas levantadas por todas as partes para albergar os homens durante a noite e servir-lhes de abrigo durante o dia. O poder humano curva-se perante o poder divino e os pecadores vêm implorar o arrependimento, a paz e o esquecimento. A palavra de João entusiasma a multidão e, se eu me entristeço por suas comparações inoportunas, elevo-me em troca na sublimidade de seus ímpetos e identifico-me com seu delirante entusiasmo para a magnificência divina. Os homens que afluíram ali para a purificação das chagas de suas almas purificaram também o corpo com muitas imersões saudáveis nesta estação ardente. Durante a purificação dos homens, as mulheres permanecem nas barracas. Mais tarde, depois de alguns dias, elas também cumprirão com o preceito da lei, para regressarem em seguida todos satisfeitos para seus lares, se todos souberem tirar proveitosas luzes espirituais. As exterioridades da penitência e as resoluções manifestadas nada valem. É necessário a penitência no coração e o cumprimento das promessas.

Irmãos meus, a cabeça de Jesus inclinada e protegida sob o signo da purificação, a cabeça de Jesus que recebeu a ablução das mãos de João, ficou humilhada com a recordação de suas faltas passadas, porém levantou-se animosa para contemplar o porvir que era necessário merecer.

Os preparativos de Jesus para receber a água das mãos de João foram-lhe inspirados pela necessidade de demonstrar-se como discípulo de um homem cuja santidade era universalmente reconhecida, e sua iniciação na penitência devia salvá-lo da



censura de haver-se colocado acima de um costume tomado da antiga lei e apresentado pelo Solitário sob uma nova forma. A penitência desse tempo era uma manifestação pública que significava, como conseqüência, a reparação das culpas cometidas e o esquecimento das ofensas. A purificação desenvolvia os bons sentimentos e restabelecia a concórdia nas famílias; purificação queria dizer limpeza e alívio das fadigas da alma. A lavagem do corpo e a explicação da função que rodeava o ato constituíam o símbolo da fé. A penitência dos judeus, como a dos cristãos mais tarde, exigia disposições humanas, cujo fruto devia ser a purificação do coração. Mas — ai! — No ano seguinte deviam tomar-se as mesmas disposições para o cumprimento dos mesmos deveres e a fraqueza de espírito teria que encontrar-se em frente das mesmas demonstrações banais.

Irmãos meus, meus queridos irmãos, detenhamo-nos aqui. Examinemos a penitência da alma e expliquemos nosso pensamento sobre este ponto.

A penitência quer a expiação e a tendência dos homens para o orgulho impede a expiação. A penitência exige a resolução e a resolução nunca é sincera no cumprimento da penitência. A penitência favorece a alma quando a alma vê o perigo e o afasta. O adiantamento é o resultado da verdadeira penitência. A penitência converte-se tão-somente em uma fórmula religiosa ridícula quando não converte os humildes em fervorosos e fiéis servidores da causa santa de Deus. O humilde não sente já a necessidade do fausto das riquezas e ele emprega essas riquezas em facilitar a instrução e no bem-estar material das pobres crianças da grande família humana, e desenvolve no coração de seu filho o sentimento da fraternidade. O fervoroso pede a Deus sua lei. Deus lhe responde e ele proclama a lei de Deus para tornar melhores os homens. O carinhoso suporta com resignação a miséria, as privações, a perda dos seus; olha com desprezo o luxo que o esmaga e permanece tranqüilo diante da morte que lhe dá a liberdade.

*“Irmãos meus, dizia Jesus a seus discípulos, caminhei pela estrada humana com a vista fixa na pátria da alma. Permaneci pobres e sede pacientes na prova. Vivei entre os homens para consolá-los e reconciliá-los uns com os*

outros.

*“Acalmai o crepitar das paixões com palavras de misericórdia. Descobri as chagas para curá-las e demonstrai vossa força com os impulsos de vossos corações para levar alívio a todos os sofrimentos. Conquistai o mundo com o amor. Permanecei unidos na graça e fortes sob sua influência; defendei vosso espírito contra os assaltos do pecado; mas, se o pecado invadir vosso espírito, arrojai-vos entre os braços de vosso Pai e ele vos perdoará.*

*“O espírito eleva-se por meio da penitência.*

*“Dizei isto a todos.*

*“Solicitai os dons do Senhor com as mãos puras de todos os bens da Terra. Deponde na porta do templo as honras que vos tributem e esquecei-as ao sair.*

*“Depositai as oferendas que vos façam no tesouro dos pobres e sacudi o pó de vosso calçado para não levar partícula alguma para vossa casa.*

*“Deponde aos pés de vosso Pai celeste as fraquezas e os rancores de vossos espíritos e dizei: Deus meu, eu quero elevar-me acima dos desejos da Terra para não desejar senão a ti; e acima das injustiças dos homens para fazer resplandecer a seus olhos a força que de ti me vem.*

*“Fazei praticar as virtudes que eu vos ensino, praticando-as vós mesmos, e regozijai vossos espíritos participando das alegrias de minha mansão divina.*

*“Solicitai meus colóquios e honrai-me como se me encontrasse ainda no meio de vós.”*

Depois da morte de Jesus, seus apóstolos foram desmaterializados moralmente. Conversavam com o preferido e pediam a Deus os dons da pregação para conquistar o mundo, como Jesus lhes havia dito. Mudavam de residência e se separavam uns dos outros para desviar as perseguições. À minha natureza, à minha presença, eles atribuíam o êxito de sua missão. Esta grande idéia enchia de brios sua fé e a sublimava por sua valentia e dom de persuasão. Viam-se estes homens, pouco eruditos e simples de espírito, valerem-se de nossas conversações de outros tempos para entabular uma conversação espiritual e

animada a respeito da elevada filosofia da alma. Eles honravam meu lugar vazio. Evocavam meu espírito, que gozava da felicidade deles. O terror de meus apóstolos durante minha paixão não havia deixado lugar a que se suspeitasse essa força e essa tranqüilidade que demonstravam depois de minha morte. De que provinha isto senão da ressurreição do espírito? E por que os sucessores de meus apóstolos foram degenerando cada vez mais? Porque caminharam com o orgulho de quem dispõe de bens; porque subiram, com a cabeça que só devia adornar-se para o serviço de Deus, os degraus do poderio humano; porque imaginaram dogmas absurdos e deram em terra com minha doutrina com o exemplo de seus vícios, que ela condena; porque desmentiram minha moral de amor com o ódio e a vingança: porque favoreceram as orgias dos reis e os assassinatos fratricidas; porque fomentaram a discórdia entre os povos e alimentaram o fogo destruidor.

Irmãos meus, a penitência de todos trará a paz sobre a Terra . . . . .  
. . . . .  
. . . . .

Mulher e mãe, segundo a natureza humana, Maria, mãe de Jesus homem e Espírito da Terra, chegou por esse tempo a Cafarnaum e nós a encontramos no seu regresso da cerimônia do Jordão. Maria empregou todos os recursos de sua ternura e todos os raciocínios da autoridade materna para persuadir-me da loucura que fazia em cerrar meu coração às alegrias da família para acariciar um propósito quimérico, posto que era tão formoso, acrescentava minha mãe. Maria chorou pelos perigos que eu afrontava. Vendo suas lágrimas, eu sentia uma profunda dor, um deslumbramento, alguma coisa que me atraía para as alegrias da adolescência, mas subitamente fugi do prestígio do amor materno, pronunciando estas cruéis palavras:

*“Minha mãe, roga por teu filho, já que se distancia neste momento do dever traçado pela natureza humana.*

*“Mas nota bem a forma de minha repulsa: Não tenho mais nem mãe, nem irmãos, nem irmãs, nem parentes, e a potente voz de Deus me chama para o martírio.*

*“A mulher deve retirar-se e a mãe consolar-se para*

*deixar ao homem e ao filho a plenitude e a liberdade de seus atos.*

*“Vai-te, pois, minha mãe, e fazei a Deus o sacrifício de teu filho, como eu lhe faço o de minha vida”.*<sup>3</sup>

Em meu ardor pelo serviço de Deus, esquecia a virtude do espírito encarcerado na matéria e jamais me foi tão penosa a contradição assim resultante entre a fraqueza corporal e a atração do fardo divino. Sentia-me dominado e perplexo entre o dever filial e minhas elevadas esperanças, vendo-se assim turbada a paz da consciência do missionário ante os desmentidos que isto poderia significar para a realidade de sua temerária missão.

Baixava meu espírito das festas da celeste habitação para o árido caminho das harmonias terrestres e sofria pelo abandono de uns deveres para o cumprimento de outros.

Uma vez que se foi minha mãe, procurei recobrar essa calma e também essa alegria que me eram habituais; porém meus esforços só conseguiram tornar mais dolorosa minha incerteza. Decidi então estabelecer algum laço entre minha felicidade corporal e minhas aspirações espirituais, entre minha dependência humana e minha elevação de pensamento para o único bem do porvir, entre minha mãe da Terra e meu Pai celeste. Quero dizer que renunciei repentinamente ao meu isolamento a respeito dos meus, e acedi ao desejo de minha mãe de receber um de meus irmãos como apóstolo, e o irmão de minha mãe como administrador de meus interesses pecuniários, em meio de minha vida de pobreza nômade e de caprichosas mudanças.

Fiz-me acompanhar de dois de meus apóstolos. João, filho de Zebedeu, designado como o preferido, e Mateus, o aduaneiro, e depois de haver encarregado a Pedro do cuidado de minha pequena brigada, aumentada de três membros, me dirigi para Nazareth.

3 - Jesus falava como um iluminado, com a convicção profunda de sua missão. Esta idéia dominava tudo nele e nos explica o porquê desta sua forma de linguagem para com a mãe. Os homens chamados equilibrados não podem julgar os gênios e de que Jesus o fora nos prova a visão clara dos resultados de seu sacrifício, que ele aceitou justamente por julgá-lo necessário para o seu intento. Resulta disto que não somente Jesus era uma grande alma, senão também um gênio. Representava, pois, a encarnação de um espírito verdadeiramente elevado. — Nota do Sr. Rebaudi.

Minha mãe cumulou-me de provas de amor e de testemunhos de perdão — Pobre mãe! — O rocio de tua bênção caiu em meu coração como o fogo devorador do remorso e, pela vontade de Deus, sofria tormentos inauditos recordando-me o anterior abandono e preparando meu sofrimento futuro.

Minha doce fadiga, no meio das privações, das humilhações, dos trabalhos, não seria de natureza divina, minha mãe, se nós houvéssemos dividido juntos as mesmas privações, as mesmas humilhações, os mesmos trabalhos; se teu martírio não tivesse sido formado por todas as torturas da paixão; se teu filho houvesse misturado a ternura dos braços maternos à força deslumbrante dos transportes divinos.

Sim, minha mãe, a abundância da graça e a abundância dos desejos de minha alma me afastavam de ti, mas a fraqueza do homem me devolvia ao teu amor e o destino de minha missão se viu frequentemente comprometido por esta minha fraqueza.

Sim, minha mãe, a majestosa filiação que me cobiçava, humilhava meus laços terrenos, porém o calor de meu coração te chamava quando a frieza de minhas palavras te afastava.

Sim, minha mãe, eu te amava... mas tinha que apoiar-me na rigorosa defesa de meus sentimentos em frente da calorosa expressão dos teus.

Sim, minha mãe, as lágrimas inundavam meu coração enquanto que minhas aparências demonstravam tranquilidade e quando formas abstratas escondiam as pungentes emoções de minha alma. Mas isto era necessário. Meu amor fraternal devia estabelecer-se sobre as ruínas das demais formas de amor, minha filiação divina tinha que esmagar minha filiação terrestre; minha missão de espírito tinha que matar meus gozos humanos e a alegria espiritual de minha alma devia preparar a pureza de meu ser!

Maria acreditava na volta do filho à casa paterna, porém sabia que este regresso só anunciaria o remorso pelas faltas cometidas em nossa última conversação e havia recebido forças de Deus para estar preparada para uma separação que lhe parecia dever ser definitiva.

Quando ficou viúva, Maria tinha contado com os filhos de seu marido para encaminhar aos seus, isto é, para colocá-los honrosamente nas fileiras de uma classe laboriosa. Minhas duas

irmãs se haviam casado há pouco tempo e dos quatro filhos de Maria, unicamente o mais jovem, chamado Tiago, tinha permanecido inativo, chegando por isso minha mãe a pensar em confiar-mo.

Desde o momento que a firmeza de minha vocação, dizia minha mãe, me havia impedido até esse momento de ajudá-la, era necessário, pelo menos agora, que tomasse a meu irmão mais moço sob minha proteção.

Examinei o jovem, que se me apresentava como meu futuro discípulo, e fiz um rápido exame de seus defeitos e aptidões. Tiago tinha as aparências de um homem, porém não era mais que um rapaz. Alto e robusto, de olhar indeciso e de gestos bruscos, manifestava seus pensamentos sem elaborá-los. Desprovido de instrução, sua memória retinha, tão-só mediocrementemente, as impressões de sua alma. Estava embebido de preconceitos a respeito da personalidade de Deus, porém era de coração terno, desejoso de progredir e enfatueado pela honra de seguir-me. Era-me necessário tornar a fundir a cera que revestia este espírito. Minha mãe se alegrava desta união que ela vinha assim a formar e me enaltecia aos olhos de meu irmão, designando-me com os qualificativos de poderoso e de inspirado nos caminhos do Senhor.

Meu tio, o único irmão de minha mãe (sublinho isto como um desmentido à versão que atribui a Maria uma irmã com o mesmo nome de Maria), meu tio, digo, era o mais convencido entre os membros da família, a respeito de minha missão; queria acompanhar-me até à morte, dizia, e cumpriu sua palavra.

Heróica grandeza! Fervoroso fanatismo! — Devoção de natureza superior! vos haveis manifestado neste homem como revelação espontânea do sentimento e expressão singela de um verdadeiro servo de Deus.

Oh, meu Deus, tu me reservaste esta alegria e eu aceitei, feliz, o oferecimento desta dedicação, deste fanatismo, desta grandeza!

Meu irmão Tiago tinha vinte anos. Meu tio viúvo e pai de duas filhas já casadas, era dois anos mais jovem que minha mãe.

Tiago, meu tio, acompanhou-me até o Calvário; Tiago meu irmão fugiu louco de dor. Maria de Magdala e Maria minha mãe foram as duas únicas mulheres que contemplaram minha

agonia sobre a cruz.

Cleofas era um filho de José, nascido do seu primeiro matrimônio com Débora, filha de Alfeu. Este particular é tão insignificante como o erro que lhe deu lugar e o deixaremos aí.

Tiago, meu tio, desejava participar do caráter sagrado da obra, reservando-se o humilde papel de encarregado das funções materiais e recusou o título de apóstolo, que o teria impedido, dizia ele, de manter convenientemente o equilíbrio de meus meios de subsistência.

De antemão minha mãe me havia deixado entrever este desejo, claramente manifestado depois por ele, e eu pude compreender desta conjuração dos irmãos o delicado sentimento de carinho, cheio de compaixão, que a ambos inspirava.

Passsei alguns dias no seio da família e muitos habitantes de Nazareth se apressuraram em convidar-me para suas refeições. Cumularam-nos de distinções a mim e aos meus discípulos, com o fim de poderem examinar-nos mais de perto e apreciar, cada um segundo seus conhecimentos, o valor de nossas personalidades.

De minhas irmãs, uma vivia em Nazareth e a outra em uma pequena cidade chamada Canaã.

Fomos a Canaã; conta-se que fui atraído por umas bodas em cujas circunstâncias teria chamado a atenção sobre minha pessoa por meio de um milagre — Milagres. — Sempre milagres!

Oh, irmãos meus, quão doloroso é ter que ocupar-me de tal impiedade! — Como sofre meu sentimento de homem ao ter que desmentir as aberrações dos homens!

Em quase todas as particularidades de minha vida terrena se encontram semelhanças que surpreendem, com o que sucede agora em uma parte do mundo civilizado.

Minha presença no casamento de Canaã foi um simples efeito de minha deferência para com os desejos de minha mãe. Minha presença era efeito de minha própria vontade. Minha presença humana na humana família, foi apenas notada. Minha presença nesse pequeno recanto do universo bem poderia negar-se. Mas, que se precisava para arrastar os homens para o fanatismo? — Milagres. — Pois eles fizeram milagres.

Que se requer para que seja admitida minha identidade, agora? — Uma prova material, entendendo-se por prova material o aniquilamento de uma lei fundamental da organização física dos

elementos.

Na natureza espiritual, nós não dispomos dos elementos da natureza terrestre e não podemos fazer milagres com o único objeto de entreter os homens; mas podemos dar-lhes forças para que creiam em nós. Atribui-se minha presença entre os homens a efeitos de minha natureza espiritual, sem ter em conta as impossibilidades materiais, e se pedem efeitos materiais à minha natureza de completa espiritualidade, sem ter em conta as leis divinas que governam esta natureza de espiritualidade.

Que espíritos que se encontrem no estado de espiritualidade transitória excitem a curiosidade e façam nascer a surpresa nas assembléias humanas, com demonstrações físicas, que a maior parte dessas assembléias fiquem convencidas da presença dos desencarnados, é cousa útil para levar claridade no meio da escuridão. Porém os espíritos de Deus não vão para a escuridão e não se apoderam jamais do espírito humano com jogos de prestidigitação. Descem de sua espiritualidade para honrar os espíritos encarnados desmaterializados já dos desejos. Eles fazem a luz nas consciências; eles emancipam a alma; desencadeiam as vontades; desenvolvem o sentido da verdade divina, conduzem para a alegria, para a felicidade e a paz eterna.

Irmãos meus, em minha vida carnal eu não podia ter forças divinas, que me haveriam elevado ao apogeu das honras humanas, e em minha vida de espírito não devia exercer um poder humano para tornar evidente minha essência espiritual. Adoremos o poder de Deus, porém não lhe peçamos jamais o que é contrário à ordem estabelecida. Adoremos a graça, porém não queiramos ver nela mais que um meio para chegar à elevação do espírito. Adoremos a sabedoria dos decretos divinos e pensemos discretamente com a idéia que Jesus não veio à Terra e não volta agora para ela para deprimir o bom senso humano e comprometer a justiça de seu Pai. Deprimir o senso humano seria arrastá-lo para as crenças da antiga barbaria ou infância dos povos, comprometer a justiça de vosso Pai seria chamá-lo para comprovação de minha palavra de outras maneiras que pelos meios divinos e pela edificação de minha doutrina.

Permaneçamos em uma piedosa expectativa e não participemos do erro comum entre os espíritos humanos, pedindo novos milagres semelhantes aos milagres antigos e estúpidos



como o das núpcias de Canaã.

No festim de ditas núpcias os homens se embriagaram tanto, que me arrependi de haver ido para o meio deles. Minha mãe disse-me: Mesmo que se convertessem as fontes de água em fontes de vinho, eles as esgotariam. Estas palavras, ouvidas por um dos presentes, andaram de boca em boca à volta da mesa.

Modos de moralidade duvidosa, propósitos de má lei, gracejos descabidos a meu respeito e de meus apóstolos deram fim a uma festa durante a qual haveria transformado seguramente o vinho em água, se me houvesse sido dada a possibilidade de fazer um milagre.

Saí de Canaã na manhã seguinte e de Nazareth poucos dias depois.

Cansado de manifestações populares, tinha pressa em voltar a entregar-me aos meus trabalhos, no meio de meus discípulos, sem deixar-me distrair por honras fanáticas e por sonhos ambiciosos; honras destinadas aos homens cuja vaidade queria lisonjear-se, sonhos manifestados nas intimidades do apóstolo preferido com o doce mestre, como João me chamava.

Irmãos meus, Mateus encontrou-se também, como João, nas núpcias de Canaã; porém somente João se apoderou deste fato para lançar a dúvida nos espíritos. Foi João quem me expôs à adoração dos homens com a narração de mentidos milagres. Foi João quem se deixou surpreender em flagrante delito de incapacidade, quer seja em seus discursos, quer seja por motivo do silêncio que guardava quando as circunstâncias lhe exigiam o dever de falar. João é o responsável pelas forçadas humilhações de Jesus em face dos desmentidos e dos juízos humanos. É a João a quem as novas gerações devem culpar pelos erros das gerações passadas, porque foi ele quem espalhou as palavras de fanatismo, foi ele quem rebaixou minha missão aos olhos dos contemporâneos e que as tornou impossível de reconhecer aos olhos da posteridade. Eu tinha por este discípulo a fraqueza que têm as mães pelo filho cuja constituição física exige mais cuidados que a dos outros e não me preocupava das vergonhas futuras que me preparavam suas loucas ambições, quando o fato das núpcias de Canaã veio abrir-me um vasto campo de reflexões funestas. Em minha pobre estada humana, irmãos meus, o caminho de minha missão foi sempre embaraçado pelos homens que me rodeavam, e

minha deferência para os desejos dos demais tomou uma aparência de fraqueza. Mas agora é necessário divulgar a verdade sem restrições humanas, tal o espírito de Deus a vê e a compreende. Mas agora devem deixar-se as atenções de lado com respeito aos erros que têm ocasionado os tristes resultados que se apalpm. Mas agora convém semear com a palavra divina e desenvolver a maturescência dos frutos para aprovisionar com eles aos filhos da Terra.

Definirei a maneira de ser de João dizendo que era ela como a da generalidade dos homens, que desejam ver o maravilhoso encadeamento dos designios da Providência e são insaciáveis de graças e promessas, a ponto de atribuírem-se exclusivamente o mérito das graças e promessas espalhadas pela graça divina.

Concretizemos: João foi de boa-fé em seus desejos até que os sonhos de sua imaginação delirante o impeliram a dar vida às divagações de seu espírito, e me amou por todas as razões que fizeram dele o mais terno e entusiasta de meus discípulos . . . . .

.....

Em nosso regresso a Cafarnaum, encontrei todos os meus discípulos reunidos na mais perfeita inteligência. A animação a que deu lugar meu regresso encheu-se de atrações para meu coação. João, humilhado a princípio pela recordação de sua falta, voltou a assumir suas prerrogativas habituais, que consistiam em colocar-se a meus pés, quando os outros me rodeavam, e a meu lado durante as refeições. Já hei dado a conhecer o suficiente sobre Tiago meu tio e Tiago meu irmão. Devo mencionar agora o nome de meus outros três discípulos. Eram: Deodoro ou Dídimo; Filipe ou Eleazar, mais conhecido pelo primeiro nome, e Judo, primo de Pedro. Com o fim de distinguir aos dois Judos se designou ao outro com o nome de Judas.

Durante o dia percorríamos a campina dos arredores e à tarde voltávamos a Cafarnaum. O descanso e a acolhida fraternal nunca nos faltaram ali. Todos os pobres desejavam tocar as vestes e a capa daquele que dizia: *“Felizes os que sofrem neste mundo, porque verão a Deus. Desgraçados daqueles que vivem aqui na*

*abundância e na alegria, porque a justiça de Deus prepara-lhes privações e tristezas”* .....

.....

.....

.....

Mas nenhum enfermo foi curado pela aplicação<sup>4</sup> de minhas mãos sobre ele, nem jamais a autoridade de minha voz fez recuperar a vista aos cegos e o ouvido aos surdos, nem a morte jamais restituiu sua presa, pois eu o disse: “*As leis de Deus são imutáveis*”.

Concluo aqui este capítulo, irmãos meus.

## CAPÍTULO VII

***O prestígio do Messias na Judéia foi devido ao Batista, que foi depois encarcerado por suas exprobrações contra os vícios da corte de Herodes e decapitado afinal por influência de Herodiades. Jesus nada pôde fazer em favor do mártir.***

Meu prestígio na Judéia o devia à personalidade de João. É evidente que, a não ter sobrevivido a morte de João, Jesus não teria conseguido influenciar as massas para que o seguissem em um país onde o povo honrava o piedoso cenobita. E, por outra parte, está provado, por isso, que a celebridade de Jesus teria ficado circunscrita entre a proteção do Mestre e a terna afetuosidade de algum discípulo, se João houvesse conservado por mais tempo seu prestígio na Judéia. Mas, por efeito da vontade divina, a morte de João veio favorecer a missão de Jesus. A perda do apóstolo era fácil ele prevê-la em vista de sua estranha

4 - Isto poderia significar simplesmente que Jesus nunca empregava as aplicações e que seguramente também não empregou as fricções nem as insuflações e nem ainda os passes, senão simplesmente as imposições e a ação direta do pensamento. — Nota do Sr. Rebaudi.

pregação; mas o gênero de morte que lhe impôs uma mulher escandalosamente desonrada, tornou esta perda mais cruel para os amigos do mártir.

João foi preso e encarcerado por ordem de Herodíades, que se havia casado com Herodes, por causa de um crime. Desde sua prisão, João, que podia comunicar-se com seus discípulos, mandou-me muitos dentre eles para dar-me a conhecer sua penosa situação e confiar-me o poder que tinha na Judéia. Meus apóstolos acolheram com frieza aos discípulos de João. A narração dos sucessos e a apreensão de uma sorte igual à do Mestre para mim causou-lhes estupor e despertou neles um vergonhoso egoísmo. Desconhecendo a fraternidade da dor, desprovidos dessa elevação na fé, que mais tarde conquistaram, suplicaram-me todos que renunciasse ao encargo que João queria confiar-me e que permanecesse como um espectador neutral em uma tragédia cujo desenlace não podia ser mudado, de maneira alguma, por minha influência.

Assustado pelas conseqüências da prisão de João, desesperado pelo provável fracasso de minhas tentativas, porém resolvido a ensaiá-las e forte sobretudo pelo legado que me deixava o apóstolo de Deus, encaminhei-me com os discípulos do prisioneiro para colocar-me em condições de poder-lhe servir e para receber suas últimas instruções.

Meus apóstolos e os discípulos de João tinham a mesma fé. Porém estes, robustecidos por privações maiores, exaltados por mais fortes tensões de espírito, tinham que superar aos meus em todas as circunstâncias de extremo infortúnio e de fulminante adversidade.

A cólera de Jesus prorrompeu em amargas exprobrações. Ele chamou vis e perjuros aos maus servidores de Deus, aos que faltam à delicadeza, à honra, à amizade e predisse o abandono e o isolamento de sua alma aos que os chamaram com o medo e a fuga.

Mas a cólera de Jesus tinha que acalmar-se na solidão, porque uma elevada manifestação inspirava-lhe palavras como estas:

*“Perdoa-lhes, Deus meu, porque não me conhecem. Ampara-me porque tu és o único forte. Defende-me contra*

*a fadiga, contra a irritação, contra o desespero e consolida minha vontade que vacila. Tu és meu único refúgio, tu és minha única esperança”.*

Jesus encontrava amplas compensações, na adorável bondade de Deus, às tristezas que invadiam seu espírito, e as más impressões desapareciam na prece.

*“Irmãos meus, o mais belo dos heroísmos humanos é o esquecimento de si mesmo para levar aos outros a palavra de paz e de consolo.*

*“As maiores virtudes encontram-se nos caminhos dolorosos e a marcha da alma para seu Criador não se realiza senão à força de sacrifícios.*

*“Honrai a desventura, inclinai-vos diante da miséria, fazei brotar a esperança nos corações febricitantes, trabalhai com empenho em servir os enfermos e abrandai seus sofrimentos; destruí o mal em suas obras e esforçai-vos na libertação do justo”.*

Cheguei ao lado de João com a passageira esperança de salvá-lo, mas ele afogou esta esperança dando-me as mais espantosas informações a respeito do poder que o mantinha em custódia.

O que eu devia fazer, disse-me João, no interesse de nossa causa, era manter-me distanciado do centro da perseguição e continuar fazendo partidários nas classes mais ínfimas.

Fiquei a sós com João, não havendo nada em minhas aparências que pudesse causar a menor suspeita aos guardas do prisioneiro, e escutei a palavra do apóstolo inspirada já pelos resplendores, que ele entrevia, do Além, entre as sombras da morte. De joelhos, como pouco tempo antes, durante a penitência do Jordão, inclinei a cabeça diante dessa grande figura da história dos séculos. João levantou-me, abraçou-me, deu-me ânimo e fez-me prometer que seguiria seus conselhos.

Resolvido a morrer antes que renegar de suas palavras, fez-me saber assim a condição que se lhe impunha para conceder-lhe a vida e a liberdade.

*“Não vejo a hora de afastar-me da justiça dos homens e deixo-te o cuidado de minha glória perante a posteridade. Filho de Deus, continua minha missão. Anda depressa! Os dias estão contados e nossa aliança deverá receber o prêmio na pátria celeste, de pois do êxito. Anda depressa! A causa de Deus está em perigo e o Messias João a confia ao Messias Jesus. Adora a causa de Deus que nos lançou aqui e caminha para a morte com o olhar fixo no porvir. No porvir, o nome de Jesus será glorificado e sua fê triunfará, porque o Deus de Justiça e de amor designou-o Messias da religião universal”.*<sup>1</sup>

A voz de João tomou então um tom profético, passaram-se visões diante dele e fez ressurgir em mim a segurança de minha futura elevação.

Oh fê santa! — Tu despertas a coragem e as virtudes, proporcionas o desprezo das honras e dos sofrimentos, realizas milagres de amor e de sacrificio; adquires forças e devoção; levas liberdade ao espírito e tranqüilidade aos corações. Tu és a porta da esperança, a chama da caridade, a estrela maravilhosa que brilha no céu escuro dos naufragos!

Oh! Amor de Deus santo — Tu só te manifestas à alma crente e a todo espírito forte e desligado das trevas!

Oh Deus meu! — Torna fácil a fê aos homens que leiam estas palavras e manifesta-lhes todo o teu amor!

A coragem de João não se enfraqueceu, pois ele recebeu a morte com a tranqüilidade que dá a fê.

Tendo ficado só depois da morte de João para dirigir os homens na nova crença, eu recobrei forças nas recordações das brilhantes promessas de meu amigo e reuni os princípios de sua severidade para os pecadores com uma moral cuja base era a fraternidade.

1 - A “Religião Universal” deve ser a aspiração, no sentido religioso, de todos os homens de espírito progressista e independente. Jesus deu-nos já sua fórmula imortal com as palavras: “Ama a Deus sobre todas as coisas e a teu próximo como a ti mesmo”. Nada melhor nos ditou depois nenhuma doutrina. — Nota do Sr. Rebaudi

Engrandecido pela fama do solitário, segui o costume da purificação no Jordão, tomando abertamente o título de filho de Deus e deixando a João o nome de Precursor que ele havia tomado espontaneamente. Designando a habitação de meu paino céu, apresentava esta imagem com colorido que convinha aos filhos da Terra desse tempo. Hoje não mais poderia dizer: o céu e o inferno; as portas do inferno não prevalecerão contra mim; a morte é eterna para o pecador; o Demônio o arrastará a um abismo sem fundo, e não verá jamais a Deus, porque ele o terá amaldiçoado, e porque a luz não penetrará no inferno; a luz é Deus; o Demônio reina nas trevas e o réprobo lança gritos de angústia, chamando Deus, o qual permanecerá, não obstante, eternamente surdo a eles.

Mas digo em troca:

*“Irmãos meus, o céu é uma designação vaga da morada de Deus. O inferno não existe. A morte é o termo de uma etapa do espírito; as existências sucessivas operam paulatinamente a purificação na natureza dos espíritos, aos quais a justiça de Deus dá a todos, por igual, uma manifestação confusa da verdade, a qual, palmo a palmo, se aperfeiçoa à medida que eles caminham na presciência do porvir, pelo abandono dos instintos materiais e pela pureza dos desejos”.*

Meus preceitos de hoje são os mesmos de outrora, mas se apóiam sobre o ponto fundamental de uma doutrina, cuja exposição não teriam podido compreender os homens que então me rodeavam, e eu devia purificar seus espíritos sem preocupar-me dos meios. Tinha de apresentar-me como filho de Deus, porque a palavra reformador não teria sido suficiente, sendo-me de necessidade conquistar um princípio divino para elevar-me perante a posteridade, para a qual talvez tivesse passado ignorado sem este princípio. Em minhas primeiras pregações em Jerusalém, havia certamente adiantado a negação do inferno, durante minhas demonstrações a respeito da bondade divina, mas ali me ouviam homens familiarizados já com dito pensamento, filho da própria razão. Aqui a tradição do inferno imprimia a meus discursos a tétrica energia de que as massas se manifestam sempre desejosas, e eu queria atrair para mim a confiança dessas massas. Durante

minha permanência em Jerusalém havia, é certo, explicado a manifestação do espírito para com o espírito, mas aqui eu falava do espírito de Deus e do espírito das trevas, do espírito puro e do espírito impuro, da ressurreição dos corpos e da presença de Deus no julgamento de cada homem depois de morrer e insistia na minha presença à direita do Pai Celeste, quando ele vier para julgar os vivos e os mortos.

Irmãos meus, os inimigos de Jesus tiraram partido destas contradições para acusá-lo e o expediente que Jesus empregava para dominar as massas valeu-lhe que o considerassem como um ambicioso dos favores populares. Porém as provas a respeito das verdadeiras intenções de Jesus encontram-se em suas invariáveis demonstrações quanto à fraternidade e igualdade entre os homens, em sua contínua familiaridade com os mais pobres e mais desavergonhados, em sua fácil renúncia às lisonjas da carne, em seu alheamento das riquezas e da dissipação mundana, em seu modo de apresentar-se, em seus hábitos, em seu suplício, que podia evitar, e enfim, na suprema honra que recebeu de Deus ao designá-lo como vosso Messias e vosso iniciador nas novas doutrinas, em sua felicidade, suas dores, suas alegrias, sua glória.

Sabei-o, irmãos meus, a pura luz de Jesus o conduzia a estabelecer uma crença baseada na lei divina da associação fraterna dos espíritos. Mas, não era chegado ainda o tempo desta elevada demonstração e Jesus tinha que apegar-se aos únicos meios que podiam consagrar sua popularidade. Sabei-o também: Jesus tinha como guia a inspiração dos espíritos do Senhor; apesar disso, Jesus chamava para si a inspiração mediante a emulação de sua própria vontade, e, muitas vezes, erros, cuja lembrança lhe impõe sua memória, foram cometidos, sendo sua causa o desvio de seu juízo, em circunstâncias em que somente o livre arbítrio deve governar o espírito. Manifesto-me agora com a alta proteção de Deus. No mundo terrestre também falava com a alta proteção de Deus. Entre minhas duas aparições decorrem dezenove séculos e minha filiação, assim como minhas palavras, não podem ser as mesmas.

O filho de Deus é um espírito inteligente chegado ao seu mais alto destino pelo cumprimento dos deveres traçados a todos os espíritos de sua ordem, e as palavras de Jesus aos homens dos tempos presentes têm que assinalar a distância existente entre estes



e os povos da Judéia, aos quais se dirigia Jesus em sua vida corporal. Emoções de elevada significação atraíam Jesus para a família espiritual por ele merecida e ao mesmo tempo as emoções de sua vida carnal durante sua missão humana o incitam a manifestar a origem e o fim desta aos homens de hoje.

Que seria necessário para fazer desaparecer as dúvidas da grande maioria destes homens?

Seria necessário repetir minhas conversações familiares de outros tempos e suas divagações nos discursos destinados a honrar a humanidade futura com a exposição dos deveres e da revelação das verdades prometidas ao homem inteligente.

Seria necessário humilhar mais ainda minha natureza e descer ao nível da manifestação dos espíritos que permanecem na atmosfera material, onde seu lugar lhes está indicado de longa data. Seria necessário oferecer pormenores sobre os acontecimentos futuros e fazer emprego vergonhoso da graça divina destinando-a a manifestações insensatas. Seria necessário obrigar a fé da Humanidade com um milagre autêntico e arrojar o relâmpago da chama sobre a revelação, da qual eu sou o mensageiro.

Expor minha opinião sobre o papel não vale nada, assim como descrever o caminho que eu segui. — Dar a penetração do porvir? — Que importância poderia ter isso para homens cuja vida se passa no desperdício da inteligência, no embrutecimento que origina o abuso da força, nos permanentes desejos ambiciosos e imorais, no grotesco desdém por tudo o que lhe recorda a fragilidade da existência presente e a pesada responsabilidade do espírito imortal, na negação de Deus e no desafio atirado à sua justiça, com abomináveis divagações e com exemplos mais abomináveis ainda, no esquecimento completo das atribuições do homem e no olvido de todo pudor, de toda delicadeza, de toda probidade, de toda honra, de todo sentimento humano?

Coloco-me ao nível intelectual do médium que escolhi; mas alguns homens de grande inteligência encontrarão fraqueza nas minhas manifestações e outros de mais modesto talento farão notar as dificuldades que surgem destas mesmas manifestações. Outros, e são os mais numerosos, me acusarão de ter enganado ao povo hebreu com ensinamentos que o animavam a abraçar uma crença que eu mesmo não tinha.

A isso respondo:

Em quase todas as circunstâncias de minha vida obtive minha coragem da convicção que tinha dos favores divinos, e era necessário tornar-me digno desses favores com um desprendimento completo dos gozos da família, e de toda ambição própria do homem. Tinha que sustentar lutas para chegar ao estado que eu desejava, porém a firmeza de minha fé tinha que triunfar, porque Deus era meu apoio e o prêmio a que aspirava. A misericórdia divina não me mandava para desempenhar uma missão fraternal?

E não bastava acaso a força deste pensamento para levantar-me cheio de ardor depois de um momento de depressão?

Quanto aos meios para persuadir e convencer os homens, empreguei os que requeriam a situação das cousas e a inteligência de meus ouvintes. Convencido da assistência dos espíritos de Deus, não podia associar esta definição com os dogmas fundamentais da lei judaica, posto que os sacerdotes, cuja arrogância estava de acordo com seu poder, vigiavam para o fiel cumprimento da lei e estes sacerdotes me haveriam feito morrer antes da hora estabelecida, antes do cumprimento da obra, se houvesse começado demasiadamente cedo a ceifa da messe do Senhor. Tinha a convicção da assistência dos espíritos de Deus, mas ao mesmo tempo estava seguro do perigo que corria por esta revelação em uma época em que os espíritos não estavam dispostos a recebê-la, e fundei uma doutrina mais em harmonia com o desenvolvimento do espírito humano, persuadido de que mais tarde estas verdades abririam caminho. Tinha a convicção da assistência dos espíritos de Deus, porém em Jerusalém os meus amigos que tinham a minha mesma crença haviam-se recusado a sustentá-la em público. Isso não significava mais, apesar de tudo, que um rejuvenescimento de crenças! Isso, apesar de que as revelações se encontram na ordem natural das forças humanas e das forças espirituais, dos desígnios de Deus e dos caminhos abertos pela Providência! — Mas neste mundo de enganos e de falsos profetas, quantos obstáculos há que vencer-se para demonstrar a verdade! — Quantos vícios e quantos desvarios se opõem às noções trazidas pela virtude e pela razão! — Oh! Mártires de todos os séculos que me haveis precedido! — Oh! Mártires de todos os séculos que me haveis seguido! — Baixai das

regiões em que agora vos encontrais para dizer comigo: Pobre Humanidade! — Quando, pois, chegarás a ser digna dos esforços dos que querem emancipar-te? — Quando terás a coragem de levantar-te e olhar para Deus! — De amaldiçoar a ignorância e de lançar-te para a imortalidade com fé e com amor?

Irmãos meus, a vida de Jesus tem que ser explicada por ele mesmo para desfazer as dúvidas, que existem ainda, a respeito de sua natureza e de sua sinceridade. Jesus o disse: Fui o apóstolo de João e, depois da morte do Solitário, procurei reunir os antigos preceitos com os que lhe ditava a alta sabedoria dos mundos. O amor fraterno, a solidariedade humana, a justiça e a misericórdia de Deus, tais eram os dogmas estabelecidos por Jesus. Mas, para pregar estas cousas com algum desenvolvimento, era necessário romper com os dogmas antigos, com a idéia da criação de um só mundo, a dependência da alma com relação ao inferno, a condenação eterna, o poder do demônio, as demonstrações pueris, os sacrifícios ímpios, em uma palavra, era necessário destruir e reconstruir, e não tinha eu o tempo nem os meios para levá-lo a termo.

Em minhas conversações com João tinha combinado que lançaríamos a semente no meio da gente plebéia e que o título de filho de Deus serviria para atrair as multidões no porvir, para que minha missão fosse proveitosa e imortal. A doutrina de Jesus tinha que apoiar-se sobre o prestígio da filiação divina, com o propósito de que ela ficasse absolutamente estabelecida e religiosamente observada a fim de humilhar todas as misérias morais. Podia acaso o Messias Jesus lançar o anátema contra o poder e a crueldade dos ricos?

Não. As turbas tantas vezes enganadas pelas aparências da virtude, não teriam admitido a moral do pobre Nazareno e o teriam acusado de invejar os mesmos que ele apontava para desprezo dos adoradores de Deus. — Podia acaso o Messias Jesus lançar o anátema contra a escravidão e a justiça humana? — Não, visto que a multidão não teria compreendido a um homem que intentava derrubar as instituições até então respeitadas. Mas o que o Messias Jesus não podia intentar poderia intentá-lo o filho de Deus e o porvir recompensaria a Jesus pela derrota e contrariedades de sua vida presente. Ao filho de Deus correspondia-lhe o dizer: *“meu reino não é deste mundo”*.

*“O céu e a Terra passarão, porém não passarão minhas palavras.*

*“Permanecei na paz do Senhor, caminhai dentro de suas leis e crede na ressurreição dos espíritos.*

*“Pedi, e dar-se-vos-á, a mão de Deus não tem fim e seu amor é imenso.*

*“Baixai até o fundo de vosso coração e arrancai dele tudo o que tenha de impuro. As impurezas corrompem o coração e a alma.*

*“Semeai, arrancai a erva má. Eu vos digo, homens de boa vontade: os que tenham semeado aqui, colherão em outra parte, Digo-vos ainda: Abandonai os bens da Terra, pois que os ricos não entrarão no reino de meu Pai. Mas entrarão os que tudo tiverem dado para seguir-me. Mas entrarão os que tenham compreendido minhas palavras e as ponham em prática”.*

Eu era o enviado da justiça de meu Pai e me fazia o intérprete de sua misericórdia.

*“Vinde a mim, vós que haveis pecado, e vos perdoarei. — Vinde! — A liberação de vossas almas se efetuará por obra de meu amor.*

*“Eu sou o bom pastor e o bom pastor dá a vida por seu rebanho.*

*“Eu sou a fonte do consolo, e a meu lado não se devem temer os perigos; porque Deus está em mim e eu estou nele.*

*“Sereis arrastados pelos espíritos das trevas para a morte do pecado, mas eu sou a luz, a verdadeira luz até à consumação dos séculos.*

*“Ide, dizia aos pecadores, ide e não pequeis mais. O Senhor vos perdoa por meus lábios, porque eu sou seu filho predileto e tudo o que eu perdoar na Terra será perdoado no céu.*

*“Sou o intérprete de meu Pai e do vosso, porque a pátria celeste é minha pátria.*

*“Vim para trazer-vos a verdade, para que a verdade seja conhecida de todos os homens no presente e no porvir.*

*“Deus conhece vossos mais secretos pensamentos. Rogai pois com pureza de coração para que vossas orações sejam ouvidas.*

*“Praticai o bem ocultamente e que não saiba a tua mão esquerda o que dá a tua direita.*

*“Não imiteis os hipócritas que levantam os olhos ao céu e têm um rosto esquelético, para demonstrar a todos que oram e que jejuam.*

*“Porém quando fordes à Sinagoga, tomai uma atitude modesta e entrai com a alma livre de toda a venalidade e desligado de todo rancor.*

*“Quando derdes expansão a vosso espírito e a vosso corpo com o descanso e em meio das distrações, fazei-vos fortes contra tudo o que seja baixo e grosseiro, porque isso desenvolveria em vós as tendências bestiais e faria retroceder vosso espírito.*

*“Quando vos encontréis em aflição, dizei: Deus meu! Seja feita tua vontade e não a minha. Em seguida Deus vos mandará a alegria e a força.*

*“Quando vos encontréis na abundância, distribuí o necessário aos que não o tenham e quando vos encontréis na necessidade recorrei a vossos irmãos. Todos os homens são irmãos e Deus lhes disse: Amai-vos uns aos outros e amai-me sobre todas as cousas”.*

Minhas preferências me levavam às reuniões populares e com freqüência a curiosidade que acompanhava minha pessoa, alterava minhas palavras arrojando-as às paixões entusiastas dos amigos do maravilhoso.

Meus inimigos tomavam nota do ruído que se fazia em torno de meus milagres e mais tarde acusaram-me de haver deixado que se acreditasse nestes milagres por não tê-los negado em sua mais insignificante parte.

Minha natureza de filho de Deus, irmãos meus, é para vós matéria de estudo e tenho que vô-la definir completamente. Porém vou antes explicar-vos dois milagres referidos em vossos livros, e, se os prefiro, é por encontrá-los de uma inventiva mais exagerada que os demais.

Na cidade de Jericó um cego encontrou-se no caminho de

Jesus e começou a clamar: Jesus filho de Deus faz que me seja dada a vista.

Jesus lhe disse: Te é restituída a vista e ele viu.

Irmãos meus, o cego de Jericó é uma quimera.

O homem enfermo encontrava sempre em mim consolos e também alguns meios de alívio, devidos a meus estudos sobre as enfermidades humanas. Destes milagres eu não tive conhecimento senão pelo que escreveram vossos historiógrafos.

A história dos cinco peixes e dos dois pães multiplicados e distribuídos entre muitos milhares de homens deixou perplexo meu espírito ao ver tão grande insensatez humana.

Ah! — Irmãos meus, Jesus, como acabo de dizer, encontrou-se com freqüência no meio de reuniões populares, porém jamais houve algo de sua parte que pudesse dar lugar a semelhantes fábulas. Com que objetivo teria provocado a crença nestes transtornos da natureza material, ao passo que dizia que o poder do Pai residia no esplendor da criação e nas inexoráveis leis naturais da matéria?

No princípio deste livro referi-vos a ressurreição de uma menina, ressurreição que somente existiu na imaginação dos assistentes, mas que eu deixei passar como um fato real porque não via então inconveniente algum nisto. A menina não havia tornado à vida, eu o sabia, porém aproveitei-me da ilusão dos pais para inspirar-lhes a fé na ressurreição do espírito. Porém quanto ao que sucedeu em Jericó e em todas as circunstâncias em que se me faz aparecer como violando as leis da existência material, insisto em minha negação absoluta a respeito de minha participação em tais mentiras.

Insisto nestes princípios de alta filosofia religiosa: que Deus não transpôs jamais os limites fixados por ele mesmo; que Deus não concedeu a ninguém a faculdade de transgredir as leis divinas, as quais repousam sobre leis imutáveis, que Deus é um ser demasiadamente perfeito para enganar-se, demasiado justo para favorecer uns e deixar os outros de lado, demasiado adorável para baixar a combinações do gênero das que se encontram a cada passo em vossos pretendidos livros sagrados. — Oh! Certamente Deus me protegeu! — Sim. Deus me conduziu para o porvir para que fosse a luz e o guia; porém nem sempre fui digno dessa honra, e é porque cheguei a sê-lo que pude preceder à Humanidade, em

seguida baixar desde essa luz até a Humanidade para abençoá-la com meu sangue e emancipá-la com minhas palavras.

Será também filho de Deus o homem que saboreia a paz no meio da tristeza e dos sofrimentos, porque ele é livre de pensar, livre de adorar a Deus, livre de levar alívio a seus irmãos com a força do espírito e a efusão do coração, porque ele é livre de viver sem apostar de sua fé e de morrer confessando-a, livre de caminhar para a frente durante a vida e depois da morte.

Será também filha de Deus a mulher da Terra que tenha sofrido todas as decepções com dignidade, que tenha defendido todos os seus direitos com a consciência de seu valor espiritual, que tenha subido os degraus da ciência divina e multiplicado suas boas ações para oferecê-las ao Deus do Universo. Será filha de Deus e poderá conservar este nome tanto perante o mundo que haja deixado, quanto perante o mundo para o qual tenha sido chamada pela vontade divina. Desejava eu com demasiado ardor a felicidade dos homens e era demasiado absoluto em meus propósitos para justificar a opinião dos que empregam com excessivo rigor o qualificativo de impostor ou dos que dissimulam o propósito desta injúria com expressões mais favoráveis para a leitura de seus livros.

Tomando o nome de filho de Deus, sabia que tinha o direito de fazê-lo: adiantando-me para o abismo, sabia que tinha caído nele. Era-me agradável a amargura da morte, como homem obrigado a morrer, e predizia a meus apóstolos o abandono de que mais tarde se fizeram culpados. Pedia forças à minha elevada proteção espiritual e em minhas alianças humanas descia a fraquezas comuns a todos os homens. Minha natureza era, pois, como todas as naturezas humanas, dividida entre a atração da Divina Providência e a atração das alegrias humanas, porém o progresso de meus pensamentos, cada vez melhor e mais intensamente dirigidos para o horizonte celeste, tinha que destruir minhas tendências corporais, convertendo-me no Messias imortal.

O homem desvinculado dos estorvos mundanos, é realmente o filho de Deus. João o havia dito antes que eu, e ele não tinha só em vista o porvir conquistado, quando me fez prometer que respeitaria minha denominação, e de sustentá-la perante todos e contra todos.

Minha posição de filho de Deus, irmãos meus, é mais

compreensível para os adeptos da religião universal<sup>2</sup> que para as almas enclausuradas no círculo estreito de uma religião humana.

A religião universal funda-se na Justiça de Deus, não levanta templos para uma fração de homens, não tem cultos externos forçados; porém dá a paz depois da oração, porque a oração está despida de todas as superstições que acompanham as religiões humanas.

A religião universal define Deus com seus atributos de grandeza e de poder; as religiões humanas definem Deus com as fraquezas inerentes à Humanidade.

A religião universal tem sua base na alma, como em um santuário. As religiões humanas estão condenadas ao erro e à ascensão da razão.

A religião universal manifesta-se com elevação nos pensamentos e o desejo de perfeição. As religiões humanas exigem a fé sem proporcionar o sentimento da fé. Elas acabam por converter o homem em fanático e incrédulo.

A religião universal, irmãos meus, vos diz que todos somos iguais, em virtude de nossa origem. A religião universal vos eleva no porvir e vos defende contra o orgulho, falando-vos do passado.

A religião universal vos dá a definição exata de vosso ser e vos salva do desespero, vos inicia na glória de vosso Deus e vos promete alegrias em sua casa.

2 - Muito me agrada esta expressão de religião universal, e em minha longa, ainda que modestíssima atuação dentro da forma nova de evolução do espiritualismo, me hei esforçado sempre por permanecer desligado de tudo o que possa parecer estreiteza de círculo, escola ou religião (grifo as palavras porque são as mesmas por mim repetidas mil vezes em artigos, conferências e discursos sempre modestos, sempre sem pretensões, porém sempre cheios de sinceridade). Certamente não é este o caminho para se encontrar lisonjas para a própria vaidade, defeito com o qual não tenho que lutar pois uma pessoa encontra-se sempre escassamente acompanhada e poucos se manifestam dispostos a prodigalizar um pequeno elogio aos esforços que fazem os que não são do seu credo; porém eu já me acostumei a encontrar-me entre as minorias, embora muitas vezes acompanhado por maiorias envergonhadas, digo mal, quero dizer maiorias prudentes, que temem que as precipitações produzam mal em lugar do bem que eles desejam. Eu penso de forma diferente, creio que é tempo de entrarmos inteiramente no que Jesus chama RELIGIÃO UNIVERSAL e encontro-me no mais perfeito acordo com o Sr. Fauvety pela campanha que há bastantes anos leva por diante com seu periódico intitulado justamente A RELIGIÃO UNIVERSAL. Por isso também agrada-me a denominação Moderno ESPIRITUALISMO, que emprega a Revista Magnetológica e a Sociedade Científica de Estudos Psíquicos da qual é órgão, pois seu significado parece bastante amplo e liberal para que possa servir de bandeira a um exclusivismo qualquer. — Nota do Sr. Rebaudi.



A casa de Deus é a casa das inteligências que tenham alcançado a perfeição e o apogeu. É a pátria do filho de Deus. Dali vem Jesus neste momento para explicar-vos sua natureza. Dali baixou em um dia de misericórdia, para ser Messias, vosso guia e consolador. Dali também vos abençoa todas as vezes que vossos olhares pedem a luz de Deus para mandar-vô-la. Dali também vos chama a todos, sim a todos, uns depois dos outros.

Eis o céu, o porvir da religião universal, eis a manhã deliciosa de vossa noite atual, o fim de vossos esforços, o trabalho de vossa existência. Conquistar a luz, conquistar um lugar no sol dos sóis, uma voz no concerto das harmonias divinas, conquistar a perfeição do espírito e não baixar das altas regiões senão para ajudar as almas débeis, libertar as almas escravas, senão para demonstrar aos ignorantes a grandeza de Deus e o elevado destino do espírito.

Ah, irmãos meus! — Merecei esta ventura e recreai vossa alma com esta esperança.

Durante vários séculos, depois da última humilhação de seu espírito, Jesus assistiu aos procedimentos contrários a toda lei divina dos depositários da autoridade religiosa e se não impediu esses excessos é porque Deus deixa a cada um a responsabilidade de suas ações perante a justiça, é porque Deus confirma suas leis não intervindo no exercício da liberdade individual. As forças ocultas podem bem sacudir um mundo, os Messias e os agentes superiores da autoridade divina podem bem ser os mensageiros de luz, porém a luta é sempre rude e a matéria resulta a mais forte. A materialidade apaga o sentimento de espiritualidade nos mundos inferiores, do mesmo modo que a espiritualidade apaga a materialidade nas altas regiões. Por todas estas razões não pôde pôr freio ao comércio que se fazia de sua doutrina e teve que ouvir suas falsas definições, contemplar os delitos e as abomináveis vinganças, com a alma imobilizada pela vontade divina.

Irmãos meus, meus queridos irmãos, bendizei o pensamento misericordioso que me manda novamente entre vós. Não indagueis a Deus seus segredos, mas aproximai-vos ao fogo de seu amor, ao fulgor de sua luz, à inteligência de sua natureza e desprendeis-vos o mais possível das tendências da natureza carnal. A natureza carnal arrasta-vos para amores desonestos, a ambições abjetas, a intentos deleitosos, a demonstrações hipócritas, a

alegrias humilhantes para a alma e à perda de vossa dignidade espiritual. Homem como vós outros, eu também estive submetido às leis da matéria e venho dizer-vos que Deus quer a posse de vossa alma toda inteira. Acumulai tesouros para o porvir em Deus e desprezai as riquezas terrenas. Destruí vossa ambição pelas honras humanas e mereci as celestes. Começai a reforma de vossos prazeres depravados, de vossos hábitos licenciosos, destronai o orgulho e o egoísmo para fazer resplandecer a modéstia e a caridade. Adorai a Deus, como a luz e a liberdade, como a calma e a força, a inteligência e a pureza, e não o insulteis mais com orações feitas sem a compreensão de seus predicados, que querem a liberdade, a calma, a força, a inteligência e a pureza de vossos desejos, de vosso amor, de vossa fé e de vossa esperança.

Permanecei na paz comigo, vós que quereis seguir-me e pronunciai com a efusão de vosso coração a prece que vos vou ditar para terminar este capítulo:

*“Deus meu, faze que este mundo se me represente tal como é realmente: um lugar de proações, um fardo doloroso, uma habitação fria e temporária; mas abrande as amarguras da prova, alivia o fardo, com o concurso das almas irmãs da minha, e descobre a meus olhares o quadro deslumbrante das faustosas recompensas, devidas à eterna gravitação dos espíritos, para conquistar a espiritualidade pura em tua auréola e em tua glória”.*

Em meu oitavo capítulo começarei a tratar da questão da dependência dos espíritos da Terra e de sua desmaterialização.

## **CAPÍTULO VIII**

***Jesus define rapidamente a origem e desenvolvimento do espírito. Sua ascensão para Deus pelo progresso. Sexta-feira Santa. Jamais Jesus pretendeu passar por Deus.***

Definamos hoje, irmãos meus, a graça inerente à natureza humana e ascendamos os escalões que levam ao conhecimento da criação do homem.

Parto de um princípio e digo que o livre arbítrio e o sentimento de responsabilidade das ações são dados ao homem no estado natural e primitivo. Digo que a alma humana os desenvolve à medida que sua luz intelectual se torna mais viva, e acrescento que esta luz intelectual é própria do espírito.

O espírito é uma criação de Deus, da qual a alma foi a promotora e a matéria sua expressão.

O espírito adquire cada vez maior lucidez para desenvolver seu princípio espiritual e amortecer suas primitivas tendências, inteiramente animais.

O espírito do homem novo não pode conceber as alegrias espirituais, porém mantém-se, em suas relações materiais, alheio a toda demonstração de ferocidade, quando traz de sua precedente habitação instintos brandos e em harmonia com o estado social que abraça. O espírito do homem novo torna-se delinqüente quando traz de sua precedente habitação o desejo das demências atrozes e o gosto pelas lutas furiosas.

O homem novo deve seu fácil adiantamento ou seu embrutecimento prolongado à intervenção dos espíritos de que está rodeado e o progresso do mundo encontra-se entravado pelo baixo nível moral de todos. A Terra deve a seu Criador o justo tributo de seu próprio progresso e, entretanto, retarda sempre este progresso como se lhe fosse dificultoso o descobrir a meta e a origem, como se desconfiasse do porvir e quisesse ignorar o passado.

Todos os homens se têm ocupado do destino do homem, mas todos lançaram um sombrio olhar de desalento sobre a sua origem. Eu vou dar-vos algumas noções a respeito de dita origem, ainda que estas noções sejam acolhidas com o ceticismo próprio da época, cujo triste resultado moral eu deploro. A criação, irmãos meus, não se encontra tão acima do alcance de vossa inteligência que não se possa explicar-vô-la com um raciocínio humano.

Ofereço-me, portanto, a vós, como um filósofo da Terra, como um espírito, cujas investigações se viram coroadas pelo êxito e chamo para isso vossa atenção. Voltarei a tomar depois meu nome e meu título; agora não sou senão um amigo vosso, que

vem comunicar-vos as impressões recebidas em regiões mais propícias para a educação moral e intelectual dos homens. Apresento-me como um professor de belezas desconhecidas e tomo a palavra com o desejo de iluminar-vos. Estudo há muitos séculos, adoro o poder divino e alimento com sua luz a lanterna que eu possuo.

Irmãos meus, para que o quadro da criação seja compreensível para vós é necessário admitir como ponto de partida: a alma, como faculdade sensitiva; o espírito, como faculdade pensante; a matéria, como faculdade demonstrativa, no mundo em que habitais.

A alma, como dependência do princípio vital universal; o espírito, como criação deste princípio vital; a matéria, como expressão da sensibilidade e da inteligência.

Minhas demonstrações a respeito do espírito constituirão o tema deste capítulo. É necessário, por conseguinte, estabelecer uma base para a demonstração e determinar as funções do espírito, completamente distintas das da alma.

A alma é o princípio do movimento e das sensações. A alma é o sopro divino que se desliza e se reanima pela força da matéria, que se alimenta das forças da natureza carnal e que se extingue com o seu enfraquecimento.

O espírito é uma dependência da alma e da matéria, no princípio caracteriza-se pela recordação, que estabelece a personalidade, convertendo-se em uma criatura inteligente, pelo contínuo desenvolvimento de sua natureza, desenvolvimento inerente à transformação e emancipação de suas demonstrações exteriores e de seus desejos íntimos.

Nas raças de espíritos inferiores a memória está circunscrita a hábitos naturais e a combinações pueris. Nas raças mais elevadas a memória converte-se na fonte do progresso, dirigindo sua luz sobre as faltas cometidas no passado. Nas regiões inteiramente espirituais a memória tira do passado ensinamentos preciosos para compreender e fazer compreender o porvir. O espírito converte-se em um iluminado com respeito aos desígnios de Deus e se eleva sem descanso para as verdades eternas, cujas profundidades já mediu.

Nas primeiras manifestações de sua personalidade, o espírito procede como as crianças nos mundos carnis; caminha

com temor e dirige olhares de surpresa sobre tudo o que ainda não chega a conhecer; harmoniza sons cujo significado ninguém compreende senão os espíritos de sua categoria; foge da luz, que lho inspira temor, e acerca-se da chama, que o diverte; presta pouquíssima atenção aos ensinamentos de sua vida e não o atraem senão os gozos presentes; nada prepara e muito pouco recorda.

Durante o completo exercício de suas forças, o espírito torna-se mau por cálculo, de mau que era pelo ócio ou pelos desordenados desejos de seus instintos materiais. No meio da luz de seus deveres, o espírito converte-se em delinqüente, olvidando-os para satisfazer paixões cuja perniciosa influência ele conhece, e a partir desta degradação moral o espírito cai na perturbação da morte para despertar entre as angústias da dúvida e nas trevas do erro. Quando o espírito humano cai no meio dos gozos bestiais, ainda que sem delinqüir, porém ingrato para Deus, perde a pureza de sua alma. Engolfado em divagações enfermizas, o espírito humano perde amiúde, de vista, o verdadeiro objetivo da vida carnal e sua ciência, tão estimada pelos homens, não lhe proporciona a paz do coração e a saúde da alma. Que é a alma senão a parte sensível do ser, o direito de sentir e de respirar, a capacidade de gozar e de sofrer?

O espírito do animal que vos segue como primeiro depois de vós, homens novos, é incapaz sem dúvida de arbitrar melhores e fantasias de comodidades, porém quem impedirá a sua alma de conhecer a dor, de chorar a separação, de alegrar-se pela maternidade e de entregar-se às expansões do amor?

O espírito desse homem novo, ó homens velhos, encontra-se certamente desprovido das faculdades adquiridas por vós outros no exercício dos dons de Deus; porém sua alma não tem nenhuma diferença da vossa, quando são iguais as forças morais. Explico-me melhor: Se vosso espírito, no exercício dos dons de Deus, quero dizer, no caminho dos gozos e dos conhecimentos adquiridos, deixou vossa natureza humana cheia de vícios, porque se tenha inclinado ao mal o livre exercício de vossas faculdades, a alma se ressenteste deste embrutecimento e permanece inerte na sensação das alegrias que lhe são inerentes e como que deserdada pelo distribuidor destas alegrias. O espírito concebe as boas ações e a alma felicita-se por isto. O espírito descobre a verdadeira energia e a verdadeira justiça, fortalecendo-se a alma pelo impulso

que elas lhe dão. O espírito honra a lei dos mundos e afasta de sua natureza brutal o gosto pelas infrações dessa lei e a alma empresta-lhe a sensibilidade de sua essência para harmonizar os preceitos da lei com o sentimento do benefício e o horror à crueldade. Se o espírito titubeia em seguir a luz da evolução, a alma sofre e chora. A alma eleva a voz no silêncio, na solidão e esta voz chama-se consciência.

A alma é a consciência do espírito, a alma é a elevada expressão da moral, colocada no ser como semente do porvir.

A alma nos animais destruidores parece asfíxiada pela ferocidade do espírito, mas logo que o espírito melhora, a alma toma a feição que lhe é própria, quer dizer, que domina os instintos grosseiros, até onde lhe permite o desenvolvimento da inteligência. Ela anuncia-se por meio da potência das emoções ternas e pela manifestação de saciedade dos prazeres corrompidos. A alma se assenhoreia da situação quando as faculdades do espírito<sup>1</sup> perdem seu prestígio sobre a matéria, mas neste caso a marcha humana se debilita e a derrota torna-se completa por causa da ruptura da trindade, a alma, o cérebro<sup>2</sup> e o corpo. O espírito não oferece mais que demonstrações e a dilatação dos órgãos, dos que precisa por não tê-los mais, os sons do pensamento se desviam como os sons de uma voz escutada por ouvidos atacados de surdez.

O pensamento é o labor do espírito, o espírito pensa sempre. O espírito caminha para a frente pelo engrandecimento de seu pensar. O espírito não perde seu equilíbrio na loucura senão quando a fraqueza de seu instrumento torna imperfeitas ou nulas suas manifestações. O espírito agita-se durante a febre porque seu organismo se encontra enfermo. O espírito perde seu poder de iniciativa na velhice pelo desgaste de seu meio de manifestação. O espírito também durante a loucura ilumina com seus relâmpagos, porém depressa se cansa da luta e esta luta determina o fim da vida corporal. O espírito não se revela na infância porque o cérebro não

1 - Pensa dizer sem dúvida a razão, porquanto o desequilíbrio entre ela e o sentimento traz o que em seguida diz: a paralisação do progresso humano por falta de harmonia entre o coração e o cérebro, quer dizer, entre o sentimento e a inteligência e o meio de sua realização no mundo, que é o corpo. — Nota do Sr. Rebaudi.

2 - Pensa dizer sem dúvida a inteligência. — Nota do Sr. Rebaudi.

tem o desenvolvimento conveniente, do mesmo modo que na velhice o sentimento da animalidade domina a natureza humana; porém à medida que se adquirem forças, o espírito<sup>3</sup> se evidencia através do nevoeiro que o envolve, demonstrando seu caráter e suas aptidões. O espírito não permaneceu inativo depois de sua última etapa em um mundo carnal, mas o estado de torpor produzido por uma nova emigração tira-lhe a sensação de seu poder, e aí, como em outra parte, a memória se enfraquece no sentido da manutenção dos decretos de Deus. A memória da criança e a memória do homem guardam do passado tão-somente as tendências e os gostos, dos quais a presente existência oferece a prova inegável. A memória da criança manifesta-se em suas inclinações, a memória do homem umas vezes ilumina com a luz do gênio sua nova carreira e outras evidencia faculdades pueris ou alumia sua rota com a luz sinistra de delitos vergonhosos ou imundas orgias do espírito.

Se em um momento dado aparecem resplendores da memória do espírito no cérebro humano, o ser se encontra elevado em um êxtase de poesia no meio de visões de longínquas harmonias; se são outros os reflexos dessa memória que relampagueia no cérebro, o homem pode converter-se em um inovador.

O poder da memória leva consigo a luz que ilumina o caminho humano e a sensação do ser no vasto horizonte dos descobrimentos é uma lembrança confusa dos anteriores esforços de cada um. O homem sente-se impelido para o progresso pela memória e nada fica perdido para ele, apesar das interrupções momentâneas de suas forças intelectuais. As privações da inteligência não levam consigo a anulação de seus esforços e o repouso do espírito nada lhes tira de sua penetração e de sua atividade futura.

O sentimento das luzes intelectuais é consequência do adiantamento do espírito. A tendência moral para as belezas da Natureza demonstra a sensibilidade da alma e esta sensibilidade

3 - Se bem observarmos, de tudo o que está dito se deduz que o princípio volitivo, sensitivo e pensante tem sua base e seu ponto de partida na alma, porém é o espírito quem no-lo manifesta. Isto ficaria esclarecido com a doutrina outras vezes manifestada pelo Mestre, de que o espírito é a personalidade, constituída pela alma e pelo perispírito. — Nota do Sr. Rebaudi.

encontra-se quase sempre associada ao progresso do espírito.

A luta dos instintos carnis com o princípio espiritual que anima o espírito adiantado é o trabalho imposto a este espírito. O testemunho de sua vitória assegura-lhe um aumento de faculdades morais e intelectuais para sua nova peregrinação.

O fracasso repentino do princípio espiritual na luta, submerge o espírito no estupor, no repouso humilhante, no enfraquecimento das aspirações divinas, no remorso e no abatimento da alma.

Não quero acompanhar em sua expiação aos espíritos que hajam desmerecido de si mesmos, porque o argumento de minha exposição é alheio à descrição dos tormentos inerentes a toda culpa, correspondendo-me tão-somente tratar das graças derramadas sobre o espírito do homem, que tenha permanecido firme no meio da luz alcançada, em suas anteriores existências.

Tomo o encargo de provar o elevado ensinamento, da chamada, com propriedade, graça, da graça outorgada à natureza humana de conhecer sua origem e seu destino, mediante a aprendizagem de seus deveres e em virtude das manifestações da verdade.

Na natureza humana, já disse, existem seres novos e seres renovados, espíritos saídos recentemente do embrutecimento material, sem outro reflexo de luz que os guie a não ser o instinto da alma, que, dominando o espírito, se encontra por sua vez dominada pela matéria, espíritos que passaram por esperanças de vida, por sofrimentos de degradações, por desânimos, por alegrias, por lampejos, por quedas, por êxtases de felicidade, por tristezas, por glórias, por martírios. Espíritos cujos sofrimentos foram filhos de seus excessos e aos que o horror da morte os arrojou no meio do terror e do arrependimento. Espíritos que estão chamados a sustentar a seus irmãos e a ascender os degraus do poder espiritual. Espíritos fortes pelo desenvolvimento de sua inteligência. Espíritos dispostos ao bem pelo desenvolvimento de suas faculdades, preparados para a felicidade por seus sentimentos de justiça e dominados pelos desejos das investigações.

Fundamento minha definição sobre a dependência das forças intelectuais da natureza espiritual e digo que o grau da inteligência é proporcional à extensão dos conhecimentos adquiridos pelo espírito, nos desenvolvimentos alcançados nas



sucessivas existências temporais e de alianças produtivas, no caminho ascendente das faculdades da alma e na atividade do elemento divino.

A ciência humana chegou a demonstrar a influência efetiva das funções do cérebro sobre as manifestações intelectuais, porém este fato, material para os olhos dos humanos, guarda dependência com o organismo<sup>4</sup> espiritual, porquanto, o cérebro não é mais que o espelho do espírito e o espírito vê-se colocado em um meio que lhe é favorável para cumprir os decretos de Deus e preencher os fins de sua criação.

Todos os espíritos devem descobrir o poder de Deus e a dependência de sua própria natureza. Todos os espíritos devem estudar a origem e o objeto da existência, porém devem ao mesmo tempo dominar o instinto natural da matéria para converter esta descoberta e este domínio no pedestal de sua grandeza espiritual. Todos os espíritos humanos, ainda que tenham de permanecer séculos na ignorância, não sairão desta ignorância senão quando suas tendências carnis<sup>5</sup> hajam sido finalmente anuladas, mediante esforços de paciência e provas de pureza em presença da elevada esperança dos bens faustosos da espiritualidade.

4 - Os espiritistas crêem que os espíritos, mediante o perispírito, têm uma forma real que os individualiza e lhes serve para suas relações. Os modernos espiritualistas levam além sua crença, acreditam que o espírito é dotado de um verdadeiro organismo de natureza apropriada ao meio em que deve atuar. — Nota do Sr. Rebaudi.

Allan Kardec, na introdução ao estudo da Doutrina Espírita, diz o seguinte: “O laço, ou perispírito, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, mas que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede ao fenômeno das aparições” (Livro dos Espíritos).

5 - Estas tendências, sempre que não sejam viciosas, são inerentes à natureza animal do homem e asseguram a persistência da espécie, posto que seja todavia um instinto, apenas depurado, o que preside à formação da família pela atração sexual inconsciente. Se a teoria do amor livre é uma teoria, mais que imoral, bestial, a constituição da família é mais uma necessidade social que uma virtude. Assim também é só o nosso atraso o que nos faz considerar o amor materno como o mais sublime dos sentimentos, conquanto seja tão-somente filho da relação carnal que medeia entre os pais e os filhos. Esse amor seria verdadeiramente sublime se a mulher mãe o manifestasse para crianças que não fossem seus filhos, como às vezes acontece. Quanto às tendências carnis, são inerentes ao grau de evolução em que nos encontramos. Um grau superior talvez dê o resultado de ele não precisar mais da reencarnação, porquanto o perispírito precisaria da materialidade suficiente para se poder relacionar com o plano físico. — Nota do Sr. Rebaudi.

Irmãos meus, no mundo em que habitais, as influências do círculo de vossas alianças e a cegueira do espírito não permitem ao pensamento elevar-se até os deliciosos gozos da espiritualidade. Ele não é capaz de desprender-se dos objetos materiais e poucas vezes lhe é dado meditar sobre a potência de Deus, sentindo-se em seguida desviado pelas aparentes contradições recolhidas no mesmo seio da natureza terrestre; mas a força da graça está aí, a luz de Deus fende as trevas, a vontade do espírito despedaça o jugo que o aprisiona. Então, o espírito humano, pobre ainda, porém resolvido a conquistar seu engrandecimento, rasga o véu que lhe esconde a adorável imagem de Deus.

Oh divina natureza da alma! Atira teus laços e tuas doçuras sobre o caminho do homem, no meio das tribulações materiais, e concede os dons da ciência aos que te reconhecem como elemento de vida e de felicidade! Sê a alegria dos crentes e provoca entre eles as idéias de reformas, apura seus gostos, amplia seus pensamentos e procura-lhes honras de alta moralidade! Faze baixar entre as sombras das paixões a tranqüila claridade, acalma a febre das paixões, destrói as causas do delito, aplicando a todos os males o bálsamo da palavra celeste! Converte-te em consolo dos justos, mas dá também aviso aos pecadores e faz a luz na noite de seus espíritos! Bela e santa poesia da alma! Domina as humilhações da matéria carnal e converte-te na fonte dos melhoramentos do espírito humano! Irmãos meus, a dependência do espírito humano, da natureza espiritual da alma é a base do pensamento eterno de Deus para converter as criaturas no objeto de seu amor. O princípio da religião universal descansa sobre esta base, que vos demonstra o homem em seu porvir, livre do jugo dos vícios da natureza carnal e resplandecente dos atributos da alma, cuja natureza é divina.

Afasto de meu pensamento a lembrança do embrutecimento do homem e apresento a seus olhos o desenvolvimento futuro de sua natureza espiritual, colocando como princípio o indicado resultado dos esforços do ser e da multiplicidade de conhecimentos adquiridos. Mas devo deduzir de tudo o que disse que os esforços do trabalho e a multiplicidade das luzes determinam o adiantamento do espírito e descrevem o círculo de suas atribuições no eterno pensamento divino. Aparto de minha natureza o quadro dos humilhantes erros do espírito

humano, porém aspiro à sua regeneração e esta aspiração chegará a ser uma realidade. Desvio a vista dos hábitos monstruosos, dos negócios desonrosos, das prepotências, dos delitos, dos horrores, das corrupções e vejo no fundo do céu de minha alma, desenvolvimentos, mudanças, elevações, honras e forças para conquistar o poder espiritual.

Retardados para com sua natureza espiritual, os homens convertem-se em fratricidas e ímpios: voltados à felicidade que proporciona a memória da alma, compreenderão o destino de seus espíritos e a justiça da carga que constitui as provas da vida corporal. Saberão harmonizar as potências do impulso carnal, com a solidez dos preceitos da ordem superior, colherão o doce fruto da oração, quando esta oração seja dirigida ao Criador do Universo, cujas obras serão respeitadas e observadas suas leis.

Todos colaborarão nos propósitos divinos quando se entreguem ao trabalho reconhecendo-o como a causa do aumento da força e da inteligência, que nos aproximam a Deus. Os homens encontram-se afastados de Deus. Os espíritos da Terra são inferiores como famílias e como individualidades. A elevada expressão da inteligência divina encontra-os frios e céticos, o desenvolvimento de seu órgão auditivo não está em relação com as harmonias da graça, de cujos dons estão rodeados, e a pureza do elemento espiritual fá-los parecerem larvas que se arrastam por cima das carnes putrefatas de um cadáver. Mas, já o dissemos, a graça da força está ali... a luz de Deus penetra através das trevas, a vontade do espírito despedaça o jugo que aprisiona, e portanto o espírito humano, pobre ainda, porém resolvido a engrandecer-se, rasga o véu que lhe esconde a adorável imagem de Deus. O fim dos espíritos é progredir e pouco lhes importa a natureza dos obstáculos que os rodeiam. Que pode importar-lhes as ambições mesquinhas de sua passagem momentânea na vida material? A desproporção dos avanços intelectuais com relação à idéia da verdadeira justiça e das elevadas graças, que por todas as partes os rodeiam, há de desaparecer por efeito da vontade e há de evidenciar-se a natureza espiritual quando se apagar a materialidade sob o império de maiores progressos e de alianças mais nobres em manifestações da alma.

Os espíritos da Terra encontram-se afastados de Deus por causa da inferioridade de sua natureza que os submete a leis

monstruosas de impiedade e a costumes de bárbaros gozos. Porém espíritos de mais elevada natureza vêm emancipar o pensamento e ampliar o critério dos espíritos da Terra e com freqüência lhes são concedidas forças de luzes especiais que lhes permitem, mediante auxílios de natureza intermediária, poder sustentar-se no meio desses espíritos atrasados no meio do ambiente escuro e do sofrimento da Humanidade.

Pobres espíritos terrestres! Humilhai-vos perante a ciência dos delegados de Deus, para abreviar o caminho para vossa espiritualidade. Permanecei na expectativa dos bens futuros, caminhando de uma maneira altiva e consciente em meio das paixões e dos males da Humanidade, para reprimir as tendências perniciosas de vossa natureza e para aliviar aos mais miseráveis entre vós. Aprendei a conhecer a finalidade de vossa existência e prossegui o trabalho de vossa regeneração, apesar da pressão que o espírito deve suportar por efeito da luta e da indiferença dos homens entregues aos gozos e ao orgulho. Buscai auxílio e consolos na fonte da Divindade e aliviái o fardo das dores próprias da natureza corporal com o emprego das forças da natureza espiritual.

Sim, irmãos meus, é realmente Jesus quem vos fala, mas a alegria intelectual derivada das manifestações de seu espírito não pode ser concedida senão aos que tenham começado a tarefa de sua purificação, o trabalho de sua desmaterialização, aos que tenham entrado já pelo caminho das reformas de sua própria natureza animal e pelo das lutas contra si mesmo, contra todas as paixões desorganizadoras da alma, contra todos os vícios que fazem o espírito baixar ao nível dos brutos, contra a ambição dos bens terrestres, contra a faculdade pensante que fomenta tão-somente culpáveis ficções, más doutrinas, delírios de imaginação dignos de lástima, falsos estudos filosóficos, tristes soluções, desprezíveis negações da existência de Deus.

Descobri vossos destinos, irmãos meus, na manifestação espiritual. Praticai excursões ao centro da luz e libertai vossas almas dos laços que as oprimem. Permanecei defensores do livre pensamento, ó vós que desejais a emancipação do espírito! Porém fazei participar da discussão o grande nome de Deus e inclinai-vos perante os testemunhos de seu poder e de seu amor. Acumulai tesouros de ciência, porém lembrai-vos que sem a devida

participação do espírito não existem verdadeiros triunfos para o homem e abandonai o tolo orgulho e o insolente desprezo das naturezas inferiores pelo que sabem e pelo que não sabem, por não conseguirem percebê-lo.

Influí em favor da educação geral das massas e empregai vossas faculdades para o bem geral. Arrebanhai crentes para a religião universal, fazendo-vos seus apóstolos. Ela quer a fraternidade entre os homens e a devoção para com Deus. Buscai o elemento divino em sua pureza e a paz no mundo, relacionai o amor da família com o amor entre todos os espíritos, aproximai-vos à habitação humilde, do mesmo modo que à faustosa morada, e explicai o porquê do rigor das provas a par da abundância dos dons; o porquê da grandeza das idéias a par da desnudez do espírito, do caminho das honras a par do estacionamento das faculdades, da posse de grandes inteligências a par do desenvolvimento puramente vegetativo do homem em suas fases de crescimento e de pausa. Humilhai a natureza carnal no que ela tem de bestial. Destruí a vergonha no matrimônio substituindo-a pela sinceridade e a delicadeza do amor.

Fugi da glória adornada de sangue, das alegrias compradas com o preço da desonra, dos vapores da embriaguez e das tentações da carne.

Fazei que desçam sobre vós as forças da pátria celeste, pedindo-as com o fervor de uma alma cheia de esperança e orai, como oram os anjos, sem vestígios de fraqueza e com a abnegação das grandes almas.

Empregai no cumprimento das leis humanas a força demonstrativa do espírito, que luta contra a sensibilidade da alma, porém deixai que a alma fale para dar provas de fraternidade. Castigai o assassinato, porém jamais mateis o assassino: o direito de morte só a Deus pertence.

Fazei repousar a lei humana sobre a lei divina e levantai o culpado depois da expiação para induzi-lo a seguir o caminho da reabilitação e da liberdade.

Despojai o homem velho de todas as suas velharias, rejuvenescendo-o em todo sentido, e escrevei sobre o seu rejuvenescimento esta máxima religiosa, humanitária e fundamental: Deus para todos e cada homem para seus irmãos.

Dizei a todos os espíritos que a graça adquire-se pelo bom

emprego de todas as faculdades e ponde em execução, para a regeneração social, a penosa, porém gloriosa atividade dos nobres filhos de Deus, dos inteligentes e dos fortes mandados em auxílio dos ignorantes e dos fracos.

Então, irmãos meus, Jesus não vos parecerá mais tão distante de vós e as manifestações de seu espírito enraizarão as convicções nos vossos, assim como a doce piedade de sua alma atrairá os entusiasmos de vossos corações.

Despeço-me de vós, irmãos meus, até ver-nos no nono capítulo desta história.

### ***Sexta-feira Santa — 19 de abril de 1878***

Honremos a memória de minha morte corporal e afirmemos novamente que Deus é de tal sorte superior à Humanidade que não poderá misturar-se materialmente com ela.

Insisto sem cessar sobre esta falsa direção impressa às cousas pelo espírito humano, porque transtornou o bom sentido de homens levados para o sentimento religioso e porque deu em resultado ser uma fonte inesgotável de impiedade e de delitos.

Jamais Jesus pretendeu passar por Deus e os milagres que se lhe atribuem são uma pura invenção.

*“Eu sou o filho de Deus, dizia ele, mas todos os homens devem preparar a elevação de seu espírito até atingir a honra espiritual que é atualmente uma glória para mim.*

*“Sou o filho de Deus, mas mereci este título com minhas obras e a família humana conta com trabalhadores, que assim como eu empregarão esforços para alcançar uma pátria mais formosa.*

*“Meu lugar não é aqui, mas vim até vós para trazer-vos a luz e a boa nova.*

*“Voltarei ainda, porque muitos que não podem compreender-me agora, me compreenderão mais tarde, pois minha missão divina não tem termo, porque*

*representa o amor de Deus para com todos os homens.*

*“Sou filho de Deus, mas, acatando vós outros minha superioridade, não rompeis os laços de irmandade que nos ligam.*

*“Todos os homens são irmãos; os fortes têm que prestar seu apoio aos mais fracos; os instruídos têm a obrigação de ensinar a moral e a lei divina; os ricos têm o dever de fazer participar os pobres de suas riquezas.*

*“Muitos entre vós verão o reino de Deus, porque o homem torna a nascer para cumprir seu destino. Todo o que tenha vivido tornará a viver, pois a morte só tem domínio sobre a carne.”*

A doutrina de Jesus demonstrava o caráter imutável de Deus e a perfectibilidade dos seres mediante suas transformações, através da matéria e de suas estadas nas moradas espirituais adaptadas aos seus sucessivos estados de desenvolvimento moral.

O caráter imutável de Deus determina a inviolabilidade de suas leis.

A perfectibilidade do espírito criado é uma prova do amor e da inteligência do Espírito Criador.

A fraternidade deduz-se da doutrina de Jesus.

Compreende não só a aliança dos espíritos de um mundo, senão também a aliança dos espíritos de todos os mundos.

A morte corporal não enfraqueceu em nada o amor de Jesus para com a humanidade terrestre, e responde aos infelizes que o imploram, explicando-lhes os erros religiosos e a causa de seus sofrimentos.

Deus, cheio de misericórdia para o pecador, permitiu que eu aqui me manifeste ostensivamente e a graça renovada constitui uma promessa de novas graças.

NOTA (do original) — A manifestação da sexta-feira Santa de 1878 foi transcrita para aqui porque afirma a não divindade de Jesus, de acordo com o igualmente estabelecido na narração inteira de sua vida; constitui isto mais um laço de continuidade do que uma sanção. Mais tarde se entenderá.

## ***CAPÍTULO IX***

### ***Continua a narração da missão de Jesus***

No presente colóquio, irmãos meus, continuaremos com a exposição de minha missão.

Durante sua curta aparição como Messias no meio dos homens, Jesus teve de renunciar de dar-se a conhecer porque seu poder residia no título de filho de Deus, título cheio de promessas, porém cheio também de obscuridade do desconhecido, do qual se servia como motivo para adquirir ascendência sobre as massas. Mas em suas conversações particulares Jesus deixava compreender que a filiação de que se honrava, honraria também a todos os espíritos chegados à emancipação da alma em meio da natureza carnal.

A unidade de Deus jamais se viu comprometida por Jesus.

Os que fizeram os milagres foram os que converteram Jesus em Deus.

Deus distribui a cada um a força e a inteligência na proporção das honras ganhas na luta dos instintos da matéria com as emanações divinas da imortalidade espiritual.

A imortalidade da alma, ao pôr em evidência ante o espírito o objetivo de suas existências sucessivas na matéria, o impele ao desprezo de toda a dependência carnal, elevando-o em compensação para a glória da missão divina.

Os messias são os filhos de Deus porque demonstram a Deus, o explicam.

Agora posso falar assim, porém antes era necessário que me rodeasse de prestígio, para o qual não convinha que se explicasse o princípio sobre que descansam as honras de Messias. Era necessário dilatar o sentido moral da Humanidade e não convinha proporcionar-lhe a possibilidade de discutir meus direitos de filho de Deus. Era necessário conseguir o resultado sob proporções fora do comum, sob pena de ser impedido aos



primeiros passos.

Apesar disso, repetidamente me repreendi a mim mesmo por essa tortuosidade de caminho e, quando me encontrava a sós com algum de meus discípulos, se me apresentava como uma ocasião favorável para lançar em um espírito perspicaz o germe da verdade, eu me confiava por partes, pronunciando frases misteriosas, de cujo significado esperava que, talvez, o porvir tirasse algum proveito para a verdade. Dizia-me o confidente dos profetas e dos mártires, surpreendidos pela morte; em seguida, chamado pelo sentimento de minha posição, reprimia manifestações e recomendava aos que haviam sido testemunhas de minhas expansões entusiastas, guardarem o maior segredo a respeito do que tinham ouvido.<sup>1</sup>

Em minhas conversações procurava associar a crença nos dogmas estabelecidos com a doutrina das encarnações sucessivas dos espíritos, falando ao mesmo tempo do inferno e da santidade de meus direitos de filho de Deus. Mas no dilatado horizonte que se estendia diante de meus pensamentos os fatos viam-se justificados pelos propósitos. Eu dirigia minhas esperanças para o porvir e colocava as deliciosas emoções de minha alma diante das harmonias com que sonhava, vendo-se elas justificadas ainda neste mesmo momento em que volto para completar minha obra, valendo-me novamente de Deus.

Eu misturava a lei antiga com a nova, das quais resultavam essas parábolas que freqüentemente careciam de clareza, essas contradições aparentes, envoltas na rapidez de minhas exposições e mal advertidas pela pouca perspicácia do

1 - Compreende-se como devia ser delicada a posição de Jesus, abandonado às suas próprias forças no meio de um povo inculto, inteiramente materializado, e nada disposto para as inovações. A Bíblia era para ele o código infalível de toda a sua sabedoria e nada havia acima de seus profetas e da palavra de Jeovah, de quem aqueles constituíam o portavoz obrigado. Era necessário pois revestir-se de muita autoridade e sabê-la fazer valer, a despeito da condição humilhante do meio em que atuava o Mestre, para poder ser escutado e seguido. Algo devia haver de superior, sem dúvida alguma no filho do carpinteiro de Nazareth, para que tal sucedesse, fazendo triunfar a doutrina de devolver bem por mal em oposição à do olho por olho e dente por dente de Moisés. Mas, tendo que valer-se de meios puramente humanos, como conseguir esse prestígio que lhe era tão indispensável? Eis a causa destes conflitos que vemos surgir a cada passo no espírito desse ser excepcional, que foi mártir desde seu nascimento pelo simples fato de ter que viver em um mundo tão atrasado. — Nota do Sr. Rebaudi.

auditório, e essas apreciações sobre a justiça divina, cheias ao mesmo tempo de misericórdia e de eterna vingança.

Irmãos meus, inclinemo-nos perante a majestade de Deus e confessemos a pobreza de nossa natureza.

Eu dizia a meus discípulos:

*“Vós todos sois filhos de Deus e o último de vós terá que trabalhar para chegar a ser grande e forte.*

*“Faz-se mais festa na casa de meu pai quando entra nela um espírito recém convertido do que pela perseverança de dois justos.*

*“A vontade e a emulação livram o espírito das humilhações da carne. O amor de Deus inspira o amor das criaturas, que são a obra de Deus.*

*“Convertei-vos em depositários de minha lei; ela é uma lei de amor. A lei de amor não diz: dente por dente, olho por olho; ela diz: perdoai a vossos inimigos; orai pelos que vos caluniam; levai, sem fazer alarde, vossa esmola à casa do pobre. Se vos esbofetarem uma face, apresentai a outra, porque os homens cedem antes à ternura da virtude do que à justiça das represálias.*

*“Habitaí com os inimigos de Deus e não eviteis as mulheres de má vida, posto que o dar exemplo é uma obrigação para os que trabalham na vinha do Senhor, e a proximidade do vício não pode manchar o justo”.*

Eu apresentava exemplos favoráveis para as inteligências daqueles a quem eles iam dirigidos e atraía com conversações familiares, nas festas, encontrando com freqüência aí em que aplicar meus preceitos.

Lembro-me de um fato que teve lugar em uma casinha da montanha que domina o vale de Sichem.

Estava cansado e enquanto repousava esperando meus discípulos que tinham ido renovar nossas provisões, comecei a elogiar a limpeza que se observava no meio de tanta pobreza, com o propósito de entabular conversação com uma mulher que se mantinha respeitosa de pé diante de mim.

Para estes lados de Jerusalém havia muita população samaritana, desprezada pelos hebreus.

*“Senhor, disse-me essa mulher, já que és profeta, ensina-me a mim também, porque a lei de Deus está encerrada no templo de Jerusalém, ao passo que nós temos que adorá-lo aqui.*

*“Mulher, lhe respondi, Deus não tem mais que um templo e esse templo está em toda parte.*

*“Os homens adorarão a Deus em espírito e em verdade; a hora não chegou ainda; mas a luz dará origem à verdade, e eu vou predicando a luz.*

*“Crede-me, sobre esta montanha, como no templo de Jerusalém, Deus vê os corações e favorece os justos. Sobre esta montanha, como no templo de Jerusalém, não há uma fibra de erva que passe inadvertida aos olhos de Deus. A lei de Deus não está encerrada em um templo, ela resplandece em todos os corações.”*

Irmãos meus, a melhor prova de vossa aliança com Deus é a de reconhecer dita lei em todas as partes, inclinando-vos sob a prova como em presença de suas bênçãos, adorando o Pai com os pensamentos e com as obras, louvando-o tanto no meio dos sofrimentos como no meio da prosperidade.

Demonstrei a lei de Deus com a retidão de vossa vida; converti os homens em justos, fazendo-os felizes, e sede felizes vós mesmos mediante a fé. Recordo-me ainda de uma festa em que a abundância e a alegria reinavam entre os presentes, esquecendo-se todos dos cuidados e dos sofrimentos da vida. A alegria desenhava-se em todos os semblantes e a mesa colocada no meio de um pátio que formava jardim, era banhada por alguns raios de sol, apesar da abóbada verdejante que a cobria. Os jovens dirigiam-me tímidos olhares, os homens, as mulheres e as crianças rodeavam-me e todos queriam dar-me o lugar de honra. Eu aceitei, assentando-me à cabeceira da mesa, indo meus discípulos, que me haviam acompanhado em número de quatro, ocupar o outro extremo. Demonstrei-me amável e conversador nessa noite. Meus olhares e meus sorrisos se dividiam entre os comensais, iluminando-se com o brilho da geral alegria.

Assim procedi sempre, tomando as atitudes que correspondiam às circunstâncias em que me encontrava e jamais em uma festa ou em uma reunião de amigos me viram desejoso de

silêncio ou distraído por penosas preocupações.

Acostumado à vida nômada, renegava da família e da pátria para melhor honrá-las, na elevada expressão destas palavras: — Família de homens — Pátria universal!

Eu tinha fanatismo pelos direitos da alma até à renúncia completa das esperanças humanas; porém nos casos de minha presença entre os homens, dava as seguranças do apoio divino para os que soubessem dirigir bem suas famílias e para a justa e amorosa direção das mães.

Minha doutrina baseava-se na fraternidade humana e as massas comprimiam-se ao meu derredor para ouvir estas palavras, das quais eram pródigos meus lábios:

*“Deixai que se aproximem a mim os mais pequenos e os mais fracos.*

*“Eu vim para alegrar aos tristes e para dizer aos felizes: Sede os servos dos pobres, que o Deus de amor e de justiça vos recompensará.*

*“Vós todos sois irmãos e o servo vale tanto como o senhor na casa de meu pai.*

*“O que se humilha será elevado. Humilhai-vos para servir a Deus; tão-somente os humildes serão glorificados.*

*“Chamai, e responder-se-vos-á; batei, e abrir-se-vos-á. Aprendei minha lei e divulgai meus mandamentos por toda a Terra, amando-vos uns aos outros. Não procedais como os hipócritas que se prosternam diante de Deus para serem observados pelos homens, que oram com o coração cheio de cólera e ciúmes; colocai diante das portas do templo de Deus, vossos desejos de fortuna terrestre, vossas esperanças de alegrias mundanas, vossas fraquezas de amor próprio, vossos pensamentos impuros, vossas baixas concupiscências, para que a graça desça sobre vós com a prece.*

*“Amparai a viúva e o órfão.*

*“Livrai ao pecador de sua vergonha, mostrando-lhe os braços sempre abertos para recebê-lo.*

*“Descobri o vício, desmascarai a impostura, mas fazei penetrar em todos os culpados as palavras de*

*misericórdia, a promessa de perdão.*

*“A esmola feita com ostentação não é agradável ao Senhor, nosso Pai, e o óbolo da viúva tem mais valor aos seus olhos do que os milhões do rico.*

*“A esmola não é proveitosa para o que a dá, senão quando se a rodeia do maior mistério. Guardai portanto o secreto respeito das misérias que tiverdes aliviado, e que vossa mão esquerda não saiba o que a vossa direita tenha distribuído.*

*“Dizei: creio e obrai. A atividade está para a fé, assim como o calor está para o amor; um sinal de vida.*

*“Meditai sobre minhas palavras e não lhe deis um sentido diferente daquele que têm.*

*“O fervor não consiste na abundância das palavras e na petulância da ação, senão na modéstia da caridade. Ele honra o espírito sem fazê-lo brilhar entre os homens. Ele dá à alma um terno ascendente sobre as almas, porém, não a impele para a opressão, para a dominação, para a prepotência do mando. Faz florescer a sabedoria, não arrasta o espírito para a perturbação do orgulho e do poder, para as paixões tumultuosas da grandeza humana, na temeridade da ambição das honras humanas.*

*“Pregai em meu nome e garanti minha presença, porque meu espírito continuará ainda em vosso meio.*

*“Permanecei fiéis à minha palavra e consolai-vos dizendo: O Senhor está conosco.*

*“Tomai-me como exemplo; sou pobre, permanecei pobres; sou perseguido, sofri perseguição, e que o Deus de paz dite vossas palavras.*

*“Esquecei os ultrajes, praticai o amor e orai com um coração puro.*

*“O ferro e o fogo, o abismo e o espírito das trevas não prevalecerão contra vós.*

*“Eu sou aquele que Deus enviou para dizer a verdade aos homens.*

*“Sou o laço de amor.*

*“Sou a porta da pátria feliz e as portas do inferno não prevalecerão contra mim.*

*“Sou aquele que foi, que é e que será.*

*“Não explico estas palavras porque vós não as compreenderíeis; mas dia virá em que todos os homens poderão compreender a verdade.*

*“Permaneci fortes no amor. Sou vosso Senhor e vosso pai e estarei convosco durante todos os séculos mediante o poder de Deus e por efeito de minha vontade.*

*“Não desembainheis jamais a espada; quem fizer uso da espada perecerá sob seus golpes.*

*“Melhor seria que não tivésseis jamais nascido do que esquecer meus ensinamentos, porque a justiça de Deus pesa com maior rigor sobre os pais do que sobre os filhos; sobre os ministros infiéis do que sobre a massa dos pecadores.*

*“Ide por toda a Terra e anunciai a palavra de Deus, proclamando-vos seus profetas. Perdoai os pecados. Tudo o que vós perdoardes aqui, perdoado será no céu, e a graça acompanhar-vos-á enquanto segurdes minha lei”.*

A justiça de Deus quer todavia que Jesus seja vossa estrela condutora em meio dos erros e perigos, porém manda que as palavras de outros tempos sejam arrancadas da treva que as envolvia para resplandecerem de luz divina e para iluminarem os espíritos que se encontram agora mais bem dispostos para receber a luz do que na época em que Jesus vivia como homem entre os homens.

A doutrina de Jesus demonstrava a igualdade entre os espíritos ao sair da mão do Criador, sendo a diferença que se estabelece depois entre eles o resultado do adiantamento mais ou menos rápido de cada um de acordo com a irradiação do amor para com a família universal, cujos membros são todos irmãos e devem ajudar-se por meio da caridade e da abnegação. Quanto maior é o progresso dos espíritos, tanto mais sentem os deveres da fraternidade. Quanto mais adiantados são os espíritos, tanto mais sentem a tendência generosa e o ardor do sacrifício em favor de seus irmãos como expressão do amor fraternal. Com a palavra caridade eu não entendo tão-somente a esmola e a falta dos sentimentos do ódio senão a compaixão íntima da alma por todo o sofrimento. Com a palavra devoção não quero designar

unicamente a exaltação passageira da alma em busca de Deus, impelida talvez por um sofrimento momentâneo, senão o sentimento da prece na associação contínua com todos os sofrimentos e a tendência permanente de participar de todas as misérias, todas as vergonhas, todos os conflitos da alma. A palavra amor não encerra a explicação das ternuras entre os aliados terrestres, senão que impõe o bem por meio da palavra, das obras do esquecimento de si mesmo em benefício dos demais mediante a firmeza na proteção de nossos semelhantes e o cumprimento de todos os nossos deveres fraternos, humanos.

A doutrina do amor, baseada na igualdade e na fraternidade; eis a causa do prestígio de Jesus no meio da Humanidade. Veio trazer a lei de Deus a um mundo muito novo para podê-la compreender, porém lançou os alicerces de sua obra, que seria imortal, e essa obra continua seu desenvolvimento. Ele veio para ensinar a lei de sacrifício, e, se bem que os sucessores de seus apóstolos, que estavam na obrigação de caminhar entre a humildade e a pobreza, para honrar a lei e obedecer ao mandamento, não respeitaram a palavra do mestre, virão discípulos mais dedicados que saberão cumprir ditos ensinamentos, repetindo suas palavras, as quais não terão jamais contraditores.

Irmãos meus, eu sou o Messias e o fundador da Igreja Universal.

Retorno agora para repetir tudo o que já disse, imprimindo o cunho da grandeza divina às palavras humanas.

*“A presença do espírito resplandecerá no meio das trevas e as trevas serão dispersadas. A luz ilumina a todo homem de boa vontade.*

*“Os homens não me conheceram porque não possuíam a verdadeira luz, porém me reconhecerão ao adquirir mais luz, iluminados pelas claridades do espírito enviado pelo Senhor.*

*“Felizes os que acreditarem, porque caminharão na minha lei; felizes os que seguirem meus mandamentos, porque verão a Deus.*

*“É um erro fatal afirmar que Jesus veio trazer a espada pois eu sou o laço de amor, tendo dito: Amai-vos uns aos*

*outros e meu Pai vos amará.”*

Erros realmente fatais são os que têm dado lugar a alegrias sacrílegas no meio do sangue e dos horrores das hecatombes humanas, oferecidos ao Deus dos exércitos, quando não são mais que delírios pela possessão de bens efêmeros no meio do triunfo das baixas paixões e da própria submissão ao império da maldade e dos gozos vergonhosos do vício!

Eu disse:

*“Permanecei humildes; não vos deixeis dominar pela ambição dos bens terrenos, nem pelo desejo de poderes mundanos.*

*“Os que se apegam à Terra não me podem seguir. Meu reino não é deste mundo.*

*“Apoiai-vos em mim e eu vos conduzirei à vida, e vos darei a vida, porque a vida sou eu.*

*“Eu sou o bom pastor; quando uma ovelha se tresmalha, eu procuro-a e conduzo-a ao rebanho.*

*“Minhas ovelhas são os filhos dos homens; fazei como eu faço e reine a alegria na casa do patrão quando uma ovelha extraviada volta ao redil.*

*“Deixai vir a mim as crianças e também os pobres, os pecadores e as mulheres de má vida,<sup>2</sup> porque se a infância precisa de luz e de apoio, os pobres são meus preferidos, os pecadores pedem auxílio para poder entrar na nova vida, e as mulheres de má conduta apegam-se a um vaso de argila, quando têm ao seu alcance um vaso de ouro. O vaso de argila é o falso amor dos homens, e o vaso de ouro é o amor de Deus que não perece.*

2 - Não compreendo o porquê desta diferença entre as culpas do homem e as da mulher, sendo afinal o espírito, que não tem sexo, o que delinqüe. Quando o amor dos homens é falso, são os homens os que delinqüem; quando as mulheres provocam essa falsidade no amor, são elas as que delinqüem; mas é bom não esquecer que, se há mulheres de má vida, é porque existem homens que as excitam, porque por si sós não poderiam levar essa má vida. Em realidade é na *intenção que consiste o mal e a miúdo julga-se com demasiado rigor o que não é mais do que uma fraqueza na mulher, ao passo que desculpa-se a mesma fraqueza no homem, chamando-a necessidade.* — Nota do Sr. Rebaudi.



*“Permaneei fiéis à minha doutrina e propagai-a por toda a Terra para que os homens não estejam divididos e só exista uma religião e um templo.*

*“Fazei o que vos digo, arrancai a erva má, lançai ao fogo a planta seca, separai o trigo do joio e caminhai pelo meio das ruínas edificando de novo.*

*“Mas cumpri a lei com doçura e amor. E preciso compadecer-se da pobre avezinha e recordar também que, como ela, tudo o que vive depende de Deus.*

*“Caminhai e repeti minhas palavras. O céu e a terra passarão, porém minhas palavras não passarão, porque a voz do espírito deve repercutir em todo tempo.*

*“Façamos resplandecer minha identidade, irmãos meus, com o paciente encadeamento dos pensamentos e a franca exposição de minhas obras. Humilhem-nos juntos. Aceitai-me como mediador, posto que me vos ofereço e venho para libertar-vos dos homens de má vida.*

*“Rompei a cadeia que vos liga ao egoísmo, ao orgulho, ao vício, à tibieza, ao desalento, porque venho libertar-vos do pecado e da morte”.*

Eu sou sempre aquele que conduzo para a vida e vos digo:

*“Vinde a mim, os que chorais, pois eu vos consolarei.*

*“Vinde a mim, pobres e pecadores, humildes e abandonados, e eu vos darei a paz e o calor”.*

Meus discípulos estavam cada vez mais convencidos da grandeza de minha missão, e a familiaridade de nossas conversações particulares não diminuía o respeito de suas demonstrações diante dos homens. Imitadores de minhas maneiras e de meus gestos no modo de falar, eles recebiam honras de todas as partes, refletindo-se sobre minha pessoa, a quem não perdiam as contínuas oportunidades que se lhe apresentavam para designarem-me com os qualificativos de Senhor e de Mestre, querendo com isto demonstrar o lugar que me reservavam no meio deles.

Eu resignei-me à honra desse cargo de mestre para dirigi-los, porém empregava todos os argumentos para fazer-lhes

compreender a divina essência da palavra irmão, reconhecer a elevação da alma no meio das mais humildes posições do espírito e a saber adquirir toda a força necessária para suportar todas as humilhações presentes com a celeste esperança da glória futura.

*“Eu sou vosso pai espiritual, porém este caráter me obriga, mais que a vós mesmos, o emprego de maior paciência e doçura.*

*“Sou vosso Senhor, quero dizer, vosso diretor, vosso defensor; mas se alguém entre vós me julgasse indigno destes títulos, estaria no dever de advertir-me, porque o discípulo vale perante Deus tanto como o mestre, e porque é indispensável que exista entre nós uma confiança ilimitada, para poder alcançar o objetivo que nos temos proposto.*

*“Oremos juntos para que Deus nos ampare, mas seria preferível que o discípulo percesse antes que o mestre, porque a cabeça é mais útil do que o braço e porque a ruína do senhor produziria também a ruína de seus servos.*

*“Honrai-me, porém não me prodigalizei juramentos que se refiram ao porvir, porque o espírito está pronto, porém a carne é fraca. Eu vos digo: muitos de vós me abandonarão no caminho do sacrifício.*

*“Os dispersos não se reunirão senão para tornarem-se a dispersar. Tão-somente a cabeça é forte. A cabeça sou eu, os membros sois vós.*

*“Não temais. A prova que está para chegar suportai-a como a rajada de um furacão.*

*“Os messias ressuscitarão em espírito e este espírito brilhará no meio das trevas, guiará vossa nau por cima das agitadas ondas, sua voz dominará a tempestade e sua palavra anunciará o novo dia.*

*“Vós perceberéis o espírito pela influência de doces esperanças que se filtrarão em vossa alma e pela força que duplicará vossas forças.*

*“Percebereis o espírito pelo sopro divino que passará por cima das vossas cabeças e pelo calor que penetrará em vossos corações. Vereis o espírito no meio dos*

*resplendores, que iluminarão vossas almas e ninguém poderá enganar-se.*

*“Mas escutai-me e preparai o reino de Deus praticando a dedicação e o amor, a prudência e o desprezo pelas honras.*

*“O mundo encher-vos-á de escárnio e muitos vos odiarão, porém sofri-o por meu amor, dizendo sempre: O Senhor está conosco e nós somos seus membros. Tenho ainda outros membros: são os pobres e quando vejais aos pobres, lembrai-vos destas minhas palavras.*

*“Dentro em pouco eu não existirei mais; porém meu espírito vos acompanhará e vos ditará minha vontade como se eu estivesse ainda entre vós.*

*“Não acuseis ninguém por minha morte. Meu pai me mandará o cálix da amargura e eu o exaurirei até o fim.*

*“Mas ponde em prática, depois de minha partida, o que até agora temos praticado juntos, e espalhai minhas palavras como as tenho dito, sem substituir-lhes nada nem acrescentar-lhes nada.*

*“A Terra se renovará e minhas palavras serão compreendidas através dos séculos; eu vos repito: o espírito ajudará ao espírito e o reino de Deus se estabelecerá, por obra do poder do espírito.*

*“O espírito lançará a palavra e a palavra será semente.*

*“Muitos de vós verão o reino de Deus.*

*“Estas palavras não podeis compreendê-las e tenho que deixar-vos na ignorância, porque o momento não chegou para que vos sejam explicadas; porém muitos as comentarão e eu voltarei devido a isto e a outras cousas, porquanto meu dia não está concluído e deixarei, morrendo, erros e dúvidas que meu Pai me permitirá dissipar.*

*“A verdade semeia-se em um tempo e os frutos da verdade recolhem-se como colheita, em outro tempo. Mas a palavra de Deus é eterna, e todos os homens a receberão, porque a justiça de Deus é também eterna e porque sua presença manifesta-se em todos os tempos.”*

Aprendamos hoje, irmãos meus, a justiça destes

ensinamentos e honrai-me com a mesma atenção que prestavam meus discípulos. Avancemos pelo caminho do engrandecimento e deixemos divagar os pobres de espírito, convertendo entretanto a palavra de Deus em nosso alimento espiritual. Deus manda a todos os mundos instrutores, mas a cada mundo lhe estão destinados como instrutores espíritos do mesmo mundo. Os Messias são instrutores avançados, cujos ensinamentos parecem utopias. Minha missão não podia impor uma regra de conduta em um século de ignorância, tendo que limitar-se a fazer nascer idéias de revolução nos espíritos e prepará-los para a renovação do estado social futuro. Meus apóstolos não deviam ser homens de gênio, nem homens do mundo. Era necessário que eu os escolhesse entre a gente simples e trabalhadora, para instruí-los e imprimir-lhes uma direção justa, sem ter que obrigá-los à renúncia dos gozos do espírito e das comodidades da fortuna. Meus laços de família não me embaraçavam a execução de minhas resoluções, porque desde a infância sentia-me dominado pela idéia de sacrificar tudo em aras desses ideais e porque me impelia o desejo do bem de uma família mais preciosa para o apóstolo do que possa ser a família carnal para o homem.

Minha resolução inabalável de sacrificar minha vida com o martírio, parecia-me uma ordem à qual devia obedecer sob pena de me ver retirado o título de apóstolo, o patrocínio de Messias e esse prestígio de Salvador e de Filho de Deus, com que o Pai me havia agraciado e do qual a Humanidade esperava especiais benefícios.

Meus conhecimentos de apóstolo concentravam-se para o porvir, e a miúdo, enquanto falava aos homens do presente, dirigia-me indiretamente aos homens do porvir.

Minha voz tornava-se então profética e meus discursos sofriam a influência da difusão de meus pensamentos quando atingiam as alturas da verdade e que esta verdade tinha que ser levada com a rigidez dos dogmas estabelecidos.

As perguntas que tinham o objetivo de fazer-me cair em contradição, eu respondia de maneira tal como que para desconcertar ao que perguntava, procurando ao mesmo tempo infundir respeito nas multidões com a autoridade do olhar, do gesto e da palavra, sempre resoluto e incisiva.

Atacando de frente todos os poderes e todos os prejuízos

sociais, do nascimento e das riquezas, haveria facilitado a revolta, se ao mesmo tempo não tivesse predicado a glória que se encontra nas humilhações diante da felicidade eterna. Pobre e livre, eu falava com firmeza, impelido por um entusiasmo indescritível ao referir-me às liberdades espirituais.

*“Dai vossos bens aos pobres e segui-me. É mais difícil um rico entrar no céu do que um camelo passar pelo fundo de uma agulha.”*

As figuras atrevidas, as comparações de colorações fortes eram apropriadas para um povo mais fácil de comover-se do que compreender razões, por cujo motivo a miúdo tinha eu que lançar mão destes meios poderosos para abrir brecha no espírito de meus ouvintes.

Meus discursos, que sempre terminavam com uma citação apropriada ao caso ou com uma sentença, ficavam como que estampados, e minhas formas de linguagem em nada se pareciam com as dos outros oradores.

Eu fazia denúncia perante a Divindade de todos os vícios que descobria.

O castigo do mau rico inspirava-me quadros sombrios e eu lançava anátemas contra a exploração do homem sobre o homem; mas nada havia de preparado em minhas palavras, cuja elegância de associação como brilhantismo de pensamento foram sempre por mim descuidados, porquanto dirigia-me a espíritos que convinha mais bem surpreender do que seduzir com as belezas das formas.

Os puros gozos de minha alma tinham sua manifestação exclusivamente em meio dos amigos, e as conversações tranqüilas e afáveis faziam-se-me cada vez mais necessárias.

Irmãos meus, santas companheiras minhas, tornai a ser novamente nestes momentos a fonte das alegrias retrospectivas do espírito. Sede o descanso em meio de minhas agitadas recordações, para que as imagens consoladoras, ao apresentarem-se diante de meus olhos conjuntamente com as sombras pavorosas, evitem o esforço para abreviar a narração sob a influência do dissabor e das passadas amarguras, a qual seria uma deficiência histórica e um ponto negro para a luz do meu espírito.

Irmãos meus: Oxalá possais compreender o valor de minhas palavras e ligar-me a vós, como irmão vosso na adoração de um só Deus; como irmão vosso na reforma de vossos hábitos e nas meditações de vosso espírito. Como irmão vosso no desejo e esperança de vossa parte para a aquisição das conquistas do espírito de que, com felicidade, eu desfruto, e como irmão pelo perfeito acordo de vossas vontades com a minha, podendo-se assim imprimir à marcha das cousas uma direção mais conforme com a natureza humana dignificada por uma emanação divina.

Não ignoro que esta minha fraternal demonstração terá o efeito, no primeiro momento, de uma pura ilusão de meu espírito, mas conto com Deus para dissipar este erro. Deus não me deu o poder de manifestar-me hoje para abandonar-me logo, deixando-me na impotência de dar provas de minha revelação. Deus vos olha e espera nossos olhares.

Homens dominados pela vertigem e pela cegueira pedem a continuação das honras e riquezas de que desfrutam e o direito de cuja posse se originam faltas e delitos. Homens devorados pelas paixões brutais e egoístas afirmam que nada existe além da matéria<sup>3</sup> e que as crenças religiosas não constituem mais que mantidas aparências ou ridículas aberrações do espírito. A luta é a que distribui as honras. A luz do dia e a escuridão da noite envolvem o crápula embriagado e a criança que morre de fome.<sup>4</sup>

3 - No "Congresso Universal do Livre Pensamento" afirmei que estes homens são de cérebro deficiente, pelo menos sob o ponto de vista da falta de uma consciência clara a respeito de sua personalidade e sua própria espiritualidade, comparando-os aos daltonianos, que confundem as cores, e com os que carecem de ouvido musical, que não podem portanto apreciar as associações harmônicas dos sons. Do mesmo modo estes pobres seres nada alcançam conceber fora da absurda materialidade das coisas que os rodeiam e, ainda que possam ser grandes monopolizadores de conhecimentos e até cheguem a brilhar como mestres nas ciências naturais, dão provas de sua escassa evolução pelo simples fato de sua incapacidade para as grandes concepções do espírito e até para o simples conhecimento de sua própria natureza íntima. Ao afirmar isto, recordei as numerosas provas que sobre este particular venho apresentando em minhas conferências públicas na sociedade Constância e na Sociedade Científica de Estudos Psíquicos e acrescentei, que o fato de que os mais notáveis livres pensadores materialistas tinham morrido, abjurando suas idéias, entre os braços da igreja católica, ao passo que nem um só livre pensador espiritualista, dos que se tenham dado a conhecer, haja caído em semelhante aberração do caráter, era prova da melhor consciência que de si mesmos tinham os segundos e de sua melhor constituição cerebral, filha de sua maior evolução. — Nota do Sr. Rebaudi.

Que demonstra tudo isso senão o horrível transtorno da dignidade dos espíritos dada pelo Criador dos espíritos? — Senão a decadência do espírito inteligente que deprime ao espírito novo!

O espírito de Deus comove-se diante desta situação e faz-se visível sua intervenção. De que maneira será esta acolhida pelos homens? Com zombarias, desgraçadamente! Mas o espírito de Deus é uma força que domina o intérprete de sua palavra e é uma luz que penetra através das trevas. Em meio da natureza humana poucos seres são favorecidos pelos dons do espírito puro, porque poucos são os que têm o valor e a vontade de desafiar as potências mundanas, ao passo que o espírito puro foge das ruidosas agitações, da dissipação e do vício para aproximar-se dos que sofrem e dos que investigam em silêncio. Nas manifestações dos dons de Deus o espírito humano nada tem que fazer, e a alma deve orar para unir-se ao pensamento do espírito puro. Durante a adoração da alma o desejo dela por conhecer a verdade é irresistível. Devido à nulidade do espírito, a luz vê-se livre dos obstáculos da imaginação e a revelação obtém-se unicamente no meio destas condições da alma e do espírito humano e as impressões do homem encontram fria a esperança ao lado da palavra de Deus que a ilumina. O espírito iluminado pela palavra divina goza na solidão, porém deve sacrificar este gozo

4 - Quer dizer Jesus que este modo de comportar-se de certos espíritos, relativamente velhos e intelectualmente adiantados, exerce uma ação depressiva sobre os espíritos novos e por conseguinte pouco evoluídos ainda. Isto compreende-se facilmente, ainda que na realidade, como disse em minha nota anterior, esses espíritos velhos fizeram um uso rotineiro de seu fósforo cerebral, porquanto não souberam desenvolver essas aptidões superiores, que conduzem forçosamente para o espiritualismo e que resultam em parte do domínio sobre si mesmo, do estudo de sua própria personalidade, do cultivo, em uma palavra, de tudo o que nos separa da animalidade de nossas origens. — Quem duvida que quanto mais evoluído é o ser, tanto mais distanciado se encontra de seu ponto de partida, na animalidade? — Pois bem, nada há que se distancie mais da animalidade que as concepções de um espiritualismo superior. Porém não se deve confundir o espiritualismo com o sectarismo religioso ou com o animismo dos selvagens, em que incidem muitos materialistas ao quererem combater o verdadeiro espiritualismo. O materialismo inspira o egoísmo e a cobardia e faz o homem retroceder para o instinto e os impulsos animais, porquanto tende a proclamar o direito da força, como entre os animais, o amor livre como entre os animais, o abandono das crianças ao desenvolvimento espontâneo de seus impulsos naturais, como entre os animais, a luta para a satisfação, não só de nossas necessidades senão de nossos caprichos, como entre os animais, e enfim, por onde quer que se procure, ver-se-á que as tendências do materialismo são as de bestializar a Humanidade. Entretanto, do choque desta bestialização com os ideais nobres e elevados, que são próprios da nossa natureza espiritual, nasce essa doutrina híbrida que se chama anarquismo. Não há um só espiritualista que seja anarquista. Não há nem pode haver. — Nota do Sr. Rebaudi.

em aras da expansão do princípio de fraternidade e de caridade, visto que a ele corresponde-lhe fechar as chagas, cicatrizar as feridas, estudar as necessidades, insinuar-se nos corações, apaziguar os ódios, encobrir as vergonhas, dar brilho à esperança e afirmar a idéia da vida futura.

Todos os espíritos de Deus se reconhecem pela elevação de suas manifestações. Nenhum deles concede a seu intérprete<sup>5</sup> a faculdade de falsear as leis que regem a natureza humana e todos procuram robustecer em si mesmo o sentimento de justiça e de abnegação.

A revelação é uma honra que Deus concede a seus filhos e manifesta-se pela inspiração do espírito no espírito; torna-se ostensiva pelo engrandecimento do desejo e da vontade; impõe-se mediante as missões confiadas aos espíritos. A revelação constitui uma parte da lei de amor que se desenvolve no meio das humanidades. Deve acrescentar-se que a revelação não pode ir mais além da compreensão de seu intermediário e que ela proporciona a luz necessária segundo as necessidades da época em que ela tem lugar. A manifestação do espírito puro é generosa, porém, permanece dentro dos limites traçados pela sabedoria e santidade de sua missão. Não associa jamais a promessa dos bens temporais com a promessa das graças merecidas com o adiantamento do espírito; não responde às perguntas ditadas pela curiosidade inconsiderada, por isso afasta-se dos intérpretes indignos e são pouco freqüentes suas manifestações. É justamente pela escassez destas manifestações que eu insisto na efetividade de minha luz. A participação de Jesus nas alegrias infinitas conferiu-lhe o direito de falar mais divinamente do que quando falava como filho da Terra; mas, nestas páginas, em que Jesus evoca as expansões de sua natureza humana, tem que expressar-se na forma em que o fazem os homens perante os homens, demonstrando suas alianças de família, sua vaidade de filho rebelde, suas fraquezas de espírito, suas ilusões de coração como se ainda se encontrasse no mundo dos humanos.

5 - Refere-se ao médium.



O poder de minha voz associa-se hoje com a emanção de minhas recordações de homem. Não vos preocupeis da distância que nos separa, irmãos meus; destruí vossas crenças errôneas; levantai uma barreira intransponível entre Jesus homem, sua mãe mulher e as fábulas que têm desnaturalizado a personalidade de Deus.

No transcurso de minha vida terrena fiz discípulos e amigos, derramando palavras de paz e censurando, com a consciência de um espírito iluminado, a vaidade e a hipocrisia dessa sociedade potente e faustosa, que predominava, acendendo nos cérebros a chama do desejo para os gozos espirituais, praticando a caridade do coração com todos os enfermos, levantando a voz em defesa de todos os fracos, aproximando-se a todas as misérias, descendo a todas as vergonhas, inspirando aos pecadores o arrependimento. Por que não haveria de conseguir eu agora discípulos e amigos mediante a emanção de minha espiritualidade? Minhas palavras do tempo passado foram adulteradas ou mal compreendidas; minhas palavras de hoje se honrarão porque recebem a luz divina. Minhas palavras de outrora tiveram que esfacelar-se ao chocarem-se contra a ignorância; minhas palavras de hoje trazem atrás delas o testemunho de um Deus.

Procedamos, irmãos meus, a uma revista fácil e rápida de meus hábitos, de minhas fadigas, de meus entretenimentos, de minhas expansões fraternas, e honremo-nos mutuamente, vós por meio de uma justa atenção e eu com minhas confidências e com meu livre trabalho de espírito.

Durante uma vida humana não é possível levar-se a termo trabalhos imensos, mas a marcha no sentido do progresso pode reanimar-se sob um sopro regenerador. No período da decadência de um mundo o pensamento reformador surge de improviso, como o vasto horizonte que, ao separarem-se as nuvens, se oferece repentinamente diante de nossa vista. A atuação humana de Jesus tinha preparado o horizonte que hoje ao abrigo de sua manifestação Divina se patenteia diante dos olhares da humanidade terrestre e sua voz, hoje, na plenitude de sua potência, fará desaparecer todas as sombras que obscureceram sua aliança com Deus e com os homens. — Aliança de Deus! — Sim, porque Jesus tinha que emancipar as ordens de Deus. — Aliança com os

homens! — Sim, porque Jesus vinha falar-lhes de amor, de fraternidade, de paz, de justiça, e o amor, a fraternidade, a paz e a justiça dão origem à sabedoria, à força, à ciência das alegrias futuras e dos favores de Deus. Jesus agora demonstra à posteridade sua natureza humana, dando-lhe ao mesmo tempo provas de sua existência de espírito. Repitamos, pois, as palavras pronunciadas por Jesus homem, mas acrescentemos-lhes as noções do espírito de Deus, para que vos compenetreis bem da elevada missão que Jesus veio começar como homem e que o mesmo Jesus vem agora continuar como espírito .....

.....

.....

.....

Jerusalém me atraía, não obstante as poucas probabilidades de êxito que oferecia às minhas tentativas de proselitismo. Eu me esforçava para apresentar-lhes sob alegres cores, a meus discípulos, a viagem para ali, conhecendo bem a repulsa e o terror que essa idéia lhes provocava. Pedro manifestou com gritos, como costumava, seu desagrado quando se lhe falou de voltar a Jerusalém. Os dois filhos de Zebedeu derramaram lágrimas sinceras, suplicando-me que desistisse de tal propósito. Os dois Tiagos, irmão e tio de Jesus, fizeram-lhe o completo sacrifício de sua vontade. Todos os outros deram-me a certeza de sua fidelidade e dedicação, instando comigo para que permanecesse no meio de um povo onde havia encontrado tanta docilidade e tanto amor. Cansado desta oposição, porém, resolvido a vencê-la, deixei que se acalmassem estas primeiras emoções de meus apóstolos e não lhes tornei a falar de Jerusalém.

Mas em nossas conversações, como em minhas práticas, eu dava a medida das preocupações de meu espírito, insurgindo-me contra a fraqueza dos que preferem o repouso à luta, o êxito fácil aos trabalhos do pensamento e às fadigas corporais.

*“A luz, exclamava eu, deve ser espargida com profusão.*

*“Envergonhai-vos vós que a ocultais debaixo do alqueire, homens pusilânimes, homens de pouca fé.*

*“A abundância dos dons divinos vos enche de alegria, mas quando se torna necessário demonstrar a verdade*

*com o trabalho e a graça mediante sacrifícios vós permanecéis no meio da ociosidade e do egoísmo.*

*“O cultivador que dá com terra estéril, leva suas esperanças para outra terra mais produtiva; pois bem, eu sou o cultivador e a terra estéril sois vós”.*

O nível de meus conhecimentos não era alcançado pelas multidões; mas seguiam-me alguns discípulos mais clarividentes nas casas onde eu e meus apóstolos encontrávamos hospedagem, já seja na mesma Cafarnaum, já seja nos campos dos arredores. No meio deste círculo de íntimos eu fazia as confidências de minhas tristezas humanas e de minhas esperanças divinas. Quanto mais próxima me parecia estar minha morte, maiores eram as advertências que ela me sugeria.

Minha obra pereceria, eu o sabia, se depois de morto, Deus me não permitisse colaborar ainda nela como espírito.

Minha fé e minha confiança arrastavam a fé e confiança dos que me ouviam e entregava-me às visões serenas e doces, assim como à dolorosa perspectiva da ignomínia e do martírio. Eu imprimia na alma desses ouvintes, meus ideais e meus propósitos como esses estigmas de fogo, que jamais desaparecem, e imprimia em seus espíritos a imagem de meus olhares, que eram sempre ternos, de meu sorriso, quase imutável, de minhas maneiras e de minha delicadeza ao consolá-los e ao demonstrar-lhes meus afetos. Via neles o povo do porvir e sonhava no despertar do mundo, no êxito de minha missão, o triunfo de minha doutrina, apesar dos desastros de meus amigos e da má-fé de meus inimigos.

Os homens, cuja crença na divindade de minha pessoa fomentava meu discípulo predileto João, eram meus próprios amigos, pouco avisados, que dariam lugar mais tarde à fundação de um culto idólatra, com o mistério da Trindade, da Encarnação e da Redenção.<sup>6</sup>

6 - Certamente estes amigos não fizeram mais, e talvez inconscientemente, que preparar o terreno para a implantação destas curiosas doutrinas, posto que em realidade elas existiam já no Egito e na Índia, de onde se divulgaram pela Judéia e pelo Ocidente, quase sem variação; do mesmo modo foram copiadas nos Evangelhos, mais tarde a concepção virginal de Maria, por obra do Espírito, a matança dos inocentes e a transfiguração, copiado tudo, quase ao pé da letra, dos Vedás. Assim também instituiu-se o sacramento da Eucaristia, por uma falsa interpretação das palavras de Jesus, quando quis significar que o pão repartido

Irmãos meus, convertei-vos em verdadeiros adoradores de Deus interpretando com sabedoria as leis da Natureza. Honrai o caminho do vosso espírito; acumulai provas da grandeza de Deus e rechaçai tudo o que seja contrário a esta grandeza.

Eu não discuto convosco a respeito de minha identidade, porém, emprego todas as potências de meu espírito para arrasar a falsa e irrisória denominação<sup>7</sup> que ligaram a meu nome de homem. Vinde, irmãos meus, à casa em que Jesus, enquanto espera a refeição da noite, está sentado no meio de homens ávidos de escutá-lo ainda, depois do dia passado em segui-lo e de escutá-lo, seja nas sinagogas, seja nos centros mais populosos dos lugares percorridos. A conversação gira sempre em torno das práticas recentes. Jesus tinha pronunciado as seguintes palavras depois da parábola do filho pródigo:

*“A reconciliação de um pecador com Deus produz maior alegria no céu que a perseverança de dez justos”.*

Agora Jesus completa seu pensamento. A natureza humana, segundo os dogmas da lei judaica, é chamada a uma recompensa estacionária no céu, ou uma condenação eterna no

entre os irmãos, assim como o vinho bebido em comum, à maneira de um símbolo de união, quer dizer: a confraternização, de que esse pão e esse vinho, assim repartido e distribuído no final da ceia, eram o símbolo, constituíam a mesma carne e sangue de sua doutrina e o que não comesse e bebesse deles, quer dizer, o que não praticasse suas máximas de amor, não veria o reino do céu.

Além do mais, a ceia pascal era um costume hebreu muito generalizado e que não tinha maior alcance que o da confraternização, como sucede agora com os nossos banquetes, se bem que os hebreus davam-lhe ao mesmo tempo o caráter de festa religiosa, recordando sua libertação da escravidão. Como pode supor-se no plácido Jesus a idéia de converter-nos em antropófagos, ou pior, visto que se trata de comer o próprio Deus? Haverá alguém capaz de comer o seu próprio filho? — Não, certamente. — Como então se poderá transformar em um fato virtuoso comer-se a Deus?

A confissão é outra interpretação errada que os católicos deram às palavras de Jesus, que se esforçava sempre em ser claro e jamais lhe ocorreu dizer uma coisa para que se compreendesse outra. Quando, pois, disse: confessai-vos uns aos outros, não quis dizer senão o que estas palavras exprimem, isto é, que confessemos reciprocamente nossas faltas, de cuja confissão nasce a necessidade do arrependimento e da reparação, porque o confessar-se aos outros e ao ofendido uma falta, é natural e acrescentar: não o farei mais e procurarei ressarcir o dano. O que não tivesse tais idéias não se confessaria, porque a confissão não teria razão de ser. — Nota do Sr. Rebaudi.

7 - Refere-se sem dúvida à denominação de Jesus Deus.

inferno. Porém, Jesus, de acordo com o sentimento humano que vê em Deus a onipotência unida à suprema bondade, determina contradições às suas próprias palavras para afirmar sua fé diante de seus discípulos e combater o princípio consagrado em outro lugar da lei. Porém, Jesus, de acordo com a alta inteligência de Deus, abandona a letra dogmática das baixas regiões e expande seu espírito para o contato dos espíritos facilmente iluminados por ele.

— *“O filho pródigo, disse, é o pecador levado ao arrependimento, é o homem enfermo restabelecido na posse de suas forças e da saúde. Expliquei-me para fazer compreender as delícias da reconciliação, mas escutai o verdadeiro sentido de minhas palavras.*

*“O destino do homem chama-o a numerosos trabalhos e sua liberdade opera-se lentamente por meio das ligações de seu espírito e da expansão de suas faculdades.*

*“Na vida carnal esse destino e essa liberdade aparecem agora enfraquecidos, porém, tornar-se-ão corporalmente mais fortes e desembaraçados dos terrores imaginários do espírito. A demora vê-se com freqüência dilatada pela negligência e a emancipação pelo amor sensual.*

*“A justiça divina deixa ao homem o livre emprego de suas forças, porém, se ele abusa delas para empobrecer sua alma, faz-lhe sofrer o peso do fardo de suas misérias e de suas dores, depois de tê-lo ajudado por um momento.*

*“Em um estado mais avançado do espírito humano há espíritos que podem permanecer inativos, devido a ligações perniciosas ou fraquezas morais, no cumprimento de uma elevada tarefa. Eis os justos de que quis falar.*

*“Em meio da degradante humilhação da natureza humana, um espírito pode tornar-se repentinamente heróico na justa apreciação dos dons de Deus. Eis o filho pródigo.*

*“Merece muito de Deus o que se levanta com coragem; o que desenraíza a árvore velha e lança-a ao fogo; o que lava seu lugar para que nada do passado se note nele; o que do fundo do abismo sai à luz do sol no pleno domínio*

*de sua vontade e mediante seus esforços.*

*“O Festim, o Céu, é a festiva acolhida que se faz ao pecador arrependido em sua chegada entre os espíritos do Senhor. A árvore desarraigada é o pecado, o lugar lavado é o coração que estava manchado; o abismo é a morte da alma, como a luz é a sua ressurreição.*

*“Na abundância dos consolos dados a mãos cheias aos aflitos, Jesus havia dito: Felizes os pobres de espírito, porque o reino de meu Pai pertence-lhes”.*

Volto a tratar desta expressão para fazer ressaltar seu alcance:

*“Os pobres de espírito são os que fogem do poder e da dominação dos gozos mundanos e do repouso egoísta na posse dos bens da terra.*

*“A pobreza de espírito proporciona o sentimento da humildade para diminuir-se diante dos homens, elevando-se espiritualmente, para desprezar todas as demências do orgulho e da presunção. Felizes, pois, exclama ainda Jesus, os pobres de espírito! Felizes também os que compreendem e praticam a palavra de Deus.*

*“— Quem de vós outros, amigos meus, não quererá contar-se entre os pobres de espírito, desde que a modéstia e a força no sacrifício os coloca acima dos demais homens?”*

Jesus define depois uma palavra lançada por ele em um momento de indignação.

A multidão apartou-se e um homem do povo se aproximou de Jesus e disse-lhe:

*“Mestre: Pagaste tu o tributo a César? — Se o pagaste, por que o fizeste desde que não reconheces alguma outra autoridade senão a de Deus? — Se não pagaste, por que proíbes a rebelião, se dás o exemplo dela?”*

Jesus compreendeu que tinha que tratar com um desses homens grosseiros e maus, cujo desejo era obrigá-lo a

manifestações contrárias ao governo estabelecido. Mas conservou a calma exterior, apesar da indignação que fervia em seu interior, e respondeu:

*“Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”.*

Os discípulos sorriam-se ao lembrarem-se do gesto e acento do mestre, tomado assim tão de surpresa; em seguida a palavra de Jesus torna-se grave e tira desta resposta motivo de ensinamentos cheios de moralidade.

*“Façamos depender nossa felicidade, disse, do cumprimento de nossos deveres, quaisquer que sejam as responsabilidades que resultem daí.*

*“Caminheemos sem preocupar-nos dos defeitos alheios, a fim de nos livrarmos de nossas imperfeições, para a liberdade de nossa alma.*

*“A fraqueza dos homens arrasta-os a julgar as intenções dos outros e apóiam-se na possibilidade da fraude, para eles fraudarem; e falam de injustiça enquanto fazem transbordar a injustiça de seus corações e de seus lábios. Há quem veja um argueiro no olho de seu vizinho e não enxergue uma trave no seu; outros queixam-se do egoísmo e do abandono, ao passo que fecham a alma aos lamentos dos infelizes, ao desespero dos náufragos, à vergonha do arrependimento dos pecadores.*

*“Eu vos digo, amigos meus, a probidade honra o espírito, assim como a delicadeza nos conceitos honra o coração.*

*“Pagai vossas dívidas, sede fiéis a vossos compromissos, tanto com os justos como com os injustos; com os fracos e com os deserdados, do mesmo modo que com os fortes e os poderosos; não condeneis, não digais Raca a vosso irmão, e confirmai vossa fé adorando a Deus com a prece, a prece de pensamentos, de palavras e de obras.*

*“O pensamento deve ser o guia da palavra e das obras, o fruto da resolução, rogai juntos ou separadamente, mas fazei-o sem ostentação.*

*“A prece do orgulhoso se assemelha à do hipócrita.*

*“O hipócrita é sempre encontrado nos primeiros lugares na Sinagoga, para que os outros vejam sua fronte inclinada e suas faces pálidas, para que se diga que jejuou e que ora com fervor.*

*“O orgulhoso ajoelha-se diante de Deus, porém seu espírito está cheio de planos para conseguir deslumbrar aos outros e pede a graça expondo os direitos que tem para receber a graça.*

*“Senhor, diz ele, a correção de minha conduta e a elevação de meus designios merecem que tu lhes prestes tua sanção e teu apoio. Nunca prevariquei nas leis de meus pais; nada subtraí da herança paterna em detrimento de meus irmãos; eduquei minha família no temor e na justiça e emprego meus haveres em aliviar as necessidades dos pobres. Sou forte e poderoso, porém concedo minha proteção aos fracos, sinto-me inclinado para as honras, porém humilho-me diante de ti.*

*“Digo-vos, amigos meus, a oração destes homens é repelida. Deus acolhe em troca a prece do pecador que honra seu arrependimento com a humildade de sua presença e com a simplicidade de suas palavras.*

*“Deus meu, diz ele, eu adoro-te em todos os teus decretos e peço-te o perdão de minhas culpas.*

*“Faze sentir o peso de tuas mãos sobre teu servo, mas concede-lhe a esperança de poder abrandar tua justiça e de merecer tua misericórdia.*

*“Digo-vos, amigos meus, este homem gozará de sua reconciliação com Deus, tirando luz de sua própria fé e arrependimento.*

*“A prece em ação é o trabalho, e a conformidade é a esmola, e o sacrifício por amor de Deus é a penitência e a expiação para remediar o dano causado a si mesmo e ao próximo com o pecado.*

*“Fazei aos outros o que desejais que se vos faça a vós mesmos e encaminhai as almas para Deus com a edificação de vossa vida.*

*“Honrai-me porque eu não me encontrarei sempre em vosso meio, mas recordai-vos sempre destas palavras: eu voltarei e estabecerei minha lei e todos os homens*



*acreditarão em mim e não haverá senão um só rebanho e um só pastor, porque Deus não me mandou para um só tempo senão para os séculos futuros.*

*“Eu sou aquele que fui, que é e que será e digo:*

*“Feliz o homem que renascer com novas forças, visto que terá semeado para colher.*

*“O homem renascerá até que consiga libertar-se da escravidão da matéria, pela abundância dos desejos espirituais. Crede e sereis fortes para as lutas do espírito com a matéria.”*

Irmãos meus, as predicções de Jesus provocam dúvidas pelas contradições que nelas encontra o observador e ele converte-se em um personagem obscuro cujos atos participam do humano e do divino ao mesmo tempo.

Desejo estabelecer minha personalidade sobre a Terra de maneira a não deixar a menor fraqueza de espírito referente à minha doutrina e à minha natureza. Vou dar o resumo sucinto de meus ensinamentos para libertar minha pessoa dessa falsa luz no meio da qual a mantêm os idólatras e os mal intencionados. Escutai-o, pois, todavia, a Jesus e esta vez seja ainda sobre a montanha, como quando, só com Pedro, João e Mateus, explicou as manifestações dos espíritos da Terra, pela atração da alma e do poder da vontade.

Nesses breves ensinamentos Jesus indicou a seus apóstolos o meio de estabelecer comunicação com os espíritos livres da envoltura corporal<sup>8</sup> e iniciou-os na felicidade de experimentar o contato divino, adorando o fogo da vida e pedindo-lhe a liberdade mais além dos horizontes humanos.

Convida-os como a um banquete fraternal com os espíritos que viveram na Terra e que dirigem-lhe agora um olhar de comiseração.

8 - Esta deve ser a origem das práticas medianímicas a que se entregavam em comum os cristãos primitivos, segundo dados conhecidos e de acordo também com comunicações autênticas, que nos referem que os fiéis da primitiva igreja se reuniam nos templos para orar e evocar em comum, achando-se muito em voga a psicografia, como sucede em nossos centros. — Nota do Sr. Rebaudi.

*“Elias, Elias, exclama ele, eu te chamo e espero a prova de tua presença.*

*“Honra a ti, Elias, e que Deus nos permita comunicar-nos aqui contigo, nesta solidão, para efetuar a aliança de nossos espíritos e a emanção de nossos desejos.”*

Durante o êxtase em que caiu minha alma, parecia que raios de luz me rodearam e me confundiram com os tons de fogo das nuvens douradas e purpúreas que se espalhavam sobre nossa cabeça e a alegria que inundava meu semblante comunicou-se aos apóstolos, que exclamaram:

*“Elias está entre nós, o Senhor no-lo mandou, seja bendito seu santo nome”.*

Ao dizer isto caíram de joelhos, com o rosto para terra, dominados por uma mistura de medo e de adoração, de cujo estado tirei-os com estas palavras:

*“Levantai-vos, amigos meus, e honrai a graça como os espíritos fortes.*

*“A justiça de Deus vos elevou acima dos demais homens para dar-vos a virtude de instruí-los e de consolá-los, nada digais por ora a respeito do que acabais de ver; poucos vos acreditarão e muitos zombarão e os insultarão; mas fazei compreender a todos que o fervor atrai a graça e que a fé levanta a vontade”.*

Jesus preparou-se em seguida para o sermão da montanha no meio de uma compacta multidão.

Ele assentou-se e seus discípulos, assentados como ele, defendiam-no dos manifestantes demasiado entusiastas.

As mulheres e as crianças tomaram os primeiros lugares e a palavra do Mestre as autorizou a tomá-los.

Os homens de pé dominavam o centro da assembléia, de maneira que as palavras tinham que chegar a todos e que a ordem se demonstrava como em uma casa bem governada, que se prepara para receber hóspedes muito desejados.

A tarde estava deliciosa, os semblantes eram iluminados

pelos últimos raios resplandecentes; os peitos se dilatavam com as primeiras brisas da noite e as emanações da florida natureza aumentavam os atrativos daquela reunião.

Jesus estava sorridente, seus olhares repousavam sobre olhares amigos; sua palavra começou ensaiando-se em incutir entre os ouvintes idéias de consolo e de esperanças, percorrendo com o pensamento o vasto campo dos favores divinos e dos deveres do homem.

*“Amai-vos uns aos outros e meu Pai vos amará.*

*“Pedi a Deus o que vos faça falta e não deixeis jamais entibiar vossa confiança.*

*“Aproximai-vos ao que sofre e não lhe digais que merece seus sofrimentos; procurai, pelo contrário, aliviá-lo. A verdadeira caridade não olha para o passado, fixando-se tão-somente no presente.*

*“Fechai vossa alma à tristeza e por maior que seja o rigor de vossos inimigos, pensai na recompensa que se vos há prometido se fordes pacientes e misericordiosos.*

*“A Terra é um lugar de desterro para os que têm direito a uma posição melhor; a Terra é um lugar de purificação para a maior parte; mas todos devem ajudar-se para conhecer o patrocínio da fraternidade e o princípio do amor universal.*

*“A liberdade de muitos tem lugar mediante o amor; o egoísta será castigado, e muito se perdoará ao que muito tenha amado.*

*“Honrai a virtude, desmascarai o vício; mas perdoai aos que vos tenham ofendido, para que a vós também seja perdoado na vida futura.*

*“Não invejeis o lugar de honra, Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros, na casa de meu Pai; quem quer que se exalte será humilhado e somente o humilde será glorificado.*

*“Ide à casa do pobre e abraçai-o como a vosso irmão. Desdenhai as distinções das riquezas e mostrai-vos superiores à má fortuna.*

*“Diminuí-vos para fazer sobressair aos outros, porém não imiteis aos hipócritas, que andam atrás dos elogios com*

*as aparências de modéstia.*

*“Felizes os que choram por causa de injustiças dos homens, porque a justiça de Deus os fará resplandecer.*

*“Felizes os que desejam a vida eterna, porque ela os iluminará desde já. Felizes os que têm fome e sede, porque eles serão saciados.*

*“Felizes os que compreendem e praticam a palavra de Deus.*

*“Aprendeí, amigos meus, a suportar a adversidade com coragem. Deus é a fonte das alegrias da alma e a alma eleva-se com as privações dos bens temporais, buscando os dons de Deus com o desprendimento das ambições terrestres. Facilitai os dons de Deus com o desprendimento das ambições e orai com um coração devorado pelos desejos espirituais. Vosso Pai que está nos céus encontra-se também entre vós, ouve vossa oração e acolherá vosso pedido se ele estiver de acordo com o que deveis a Deus e aos homens.*

*“Eu vos digo, não cai um cabelo de vossas cabeças sem a vontade do Pai Celestial, e a Divina Providência que alimenta as aves, jamais vos abandonará, se tiverdes fé e amor.*

*“Repito-vos outra vez. O poder de Deus manifesta-se nas menores cousas, como também nas maiores, e seu olhar penetra vosso pensamento no mesmo instante que percorre a imensidade da Criação.*

*“A palavra de Deus será espalhada sobre toda a Terra. Os que a procuram a encontrarão, porque a Terra está destinada a progredir por meio da palavra de Deus, à qual todos têm direito.*

*“Ide, pois, meus fiéis, dirigi-vos à erva em flor.*

*“Apascentai minhas ovelhas. A erva tornará a florescer eternamente, porquanto a lei de Deus diz que o espírito é imortal.*

*“A geração presente será a luz para a vindoura.*

*“Os homens de hoje verão o reino de Deus, porque o homem tem que renascer, e a Terra deve receber ainda a semente da palavra de Deus.*

*“Honrai minhas demonstrações, praticando o que vos*

*digo, e não me pergunteis cousas que vós não podeis compreender.*

*“Permanecei presos com firmeza a estes dois mandamentos: o amor para com Deus, o amor para com os homens.*

*“Nisto se encerra toda a lei e todos os profetas.”*

Irmãos meus, a doutrina de Jesus é hoje a mesma que ele predicou na montanha. Todos os que deixam de pôr em prática o amor e a fraternidade, não são discípulos do Messias.

Acostumai-vos a compreender a extensão e a aplicação da fé, do amor, da solidariedade, da justiça e da doçura, para que a graça das emanações espirituais desça sobre vós.

Homens de todas as religiões humanas, de todos os povos, de todas as classes, todos vós sois filhos de uma só pátria e o leite de um mesmo seio deve amamentar-vos a todos.

Homens de todas as religiões humanas, de todos os povos, de todas as classes, todos vós sois irmãos, e os mais ricos em bens temporais, os mais são de corpo e de espírito, os mais iluminados, devem hospedar os pobres, curar os enfermos, sustentar os fracos, instruir os ignorantes.

Iniciai-vos uns aos outros nos conhecimentos da igualdade primitiva e da igualdade futura, que proporciona ao espírito o sentimento de humildade e a consciência de suas próprias forças para sofrer os efeitos de uma desigualdade passageira e para não ensoberbecer-se de uma elevação também passageira.

Adorai a Deus em espírito e em verdade. Pedi, e dar-se-vos-á; batei e abrir-se-vos-á. Lutai contra as emanações grosseiras. Libertai vossa alma das paixões humanas e aguardai o porvir; ele está cheio de promessas.

Entregai à ciência de Deus a aplicação de vossos espíritos. Aprendei a palavra de vida e enxugai as lágrimas com essa palavra. Desprendeí-vos de todo o rigor e ainda da frieza em vossas demonstrações, aproximando-vos a todo infortúnio, qualquer que seja sua origem, e atraí para vós tanto a confiança do delinqüente, quanto a curiosidade do malvado e a gratidão do aflito.

Acalmai os clamores de vossa consciência com a reparação da fraude e da injúria. Esperai o perdão de Deus

purificando-vos com o arrependimento.

Elevai-vos caminhando pela estrada da virtude, vós que tendes expulsado os hábitos do homem velho; aproximai-vos à luz, vós que haveis compreendido o vácuo que o espírito encontra no meio dos erros: aliai-vos comigo, vós que sentis que sou eu quem vos fala aqui. Caminhemos para a glória de haver fundado a religião Universal sobre a Terra e de ter feito penetrar no espírito humano o desprezo pela morte corporal, com a esperança divina dos bens eternos.

Honremos, irmãos meus, o fim deste discurso com uma invocação de nossos espíritos ao Espírito Criador e detenhamo-nos no recolhimento e na adoração de nossas almas. Deus nos abençoará juntos, se vos elevardes às alturas da graça<sup>9</sup> e se prestardes fé às minhas palavras. Deus vos dará forças se orardes com fervor e se praticardes o amor.

Deus do Universo, pai nosso misericordioso e todo poderoso, fazê descer a luz de teu olhar sobre teus filhos. Faze descer sobre seus espíritos a glória, a grandeza, as perfeições de tua natureza, para que eles se curvem ante teus decretos e para que gozem da esperança em meio das provas e das dores humanas. A todos proporciona-lhes a tranqüilidade e o perdão. Prodigia-lhes a todos a abundância dos consolos. Que tua justiça ilumine mais e mais o dom das alianças fraternas e que tua misericórdia baixe a socorrer os desviados!

Envergonhemo-nos da idolatria! — Nós queremos adorar um só Deus. Envergonhemo-nos do egoísmo. Nós queremos sacrificar-nos, cada um por todos e todos para com o dever!

Envergonhemo-nos do nosso apego aos bens perecedouros! — Queremos viver no cumprimento da justiça e amontoando tesouros para a vida futura. Envergonhemo-nos do ócio! — Nós queremos amar-nos, ajudar-nos e respeitar as obras de Deus.

9 - Não pode caber a menor dúvida a respeito da diferença fundamental que existe entre o significado que Jesus atribui à palavra graça e ao que se dá na chamada doutrina da graça dos católicos e dos protestantes. A graça para Jesus significa uma posição elevada do espírito, conquistada por seus próprios méritos, ao passo que para os católicos e protestantes é um presente, um favor, feito por Deus a quem lhe caía em agrado, sem merecimento algum. — Nota do Sr. Rebaudi.

Façamo-nos fortes contra os instintos da animalidade! Vivamos sobriamente no seio das riquezas de Deus e honradamente no amor ditado pela natureza material!

Sublevemo-nos contra o cativo do pensamento e a escravidão do espírito! Queremos lutar em favor da emancipação e do progresso, em favor da aliança universal dos povos e da marcha da Humanidade para Deus.

Faze, pois, ó Senhor, que o poder de teus espíritos de luz baixe sobre nós!

## **CAPÍTULO X**

***O Messias define sua personalidade. Os Messias são sempre originários do mundo em que desempenham sua elevada missão. Os apóstolos não estavam à altura dos fins que tal missão implicava, como também não compreenderam realmente os ensinamentos de Jesus.***

A demonstração de minha personalidade, irmãos meus, exige a confidência de meus sofrimentos íntimos como homem, e de minhas alegrias espirituais como espírito.

Tenho também que precisar a diferença que existe entre minha revelação anterior e minha revelação atual. Atribuíamos a Jesus homem as paixões do homem; atribuíamos a Jesus mediador a calma bebida no seio das instituições divinas, a força do sacrifício, a resignação do mártir; atribuíamos a Jesus homem os impulsos do coração para as atrações da natureza humana; atribuíamos a Jesus mediador a força repulsiva contra toda a impureza.

Atribuíamos a Jesus homem o desgosto para com a humanidade perversa e covardemente delinqüente; mas vejamos a Jesus mediador proclamando-se o irmão e amigo dos culpados, o consolador dos aflitos, o amparo dos desgraçados, a arca aberta dos pobres, o consolo de todos os arrependidos.

Coloquemos neste livro, sob os olhos do leitor, a dupla

condição de Jesus como espírito elevado e como criatura carnal, para fazer compreender bem a laboriosa coragem do espírito em luta com a matéria, e livremos a justiça divina das trevas com que a rodeou a ignorância humana, para elevar o espírito do homem à altura de nossa intervenção.

A natureza de Jesus, irmãos meus, é vossa própria natureza.

O espírito de Jesus define a emancipação de uma criatura nova. O favor de Deus não existe, a denominação de privilegiado não tem sentido algum.<sup>1</sup>

A desproporção das forças encontra-se na relação com a ancianidade e o trabalho de cada um. A dependência produz a dependência e a liberdade nasce de uma vitória definitiva da natureza espiritual sobre a natureza animal. A perfectibilidade faz-se mais rápida quando se consegue dominar a natureza animal; mas a perfeição encontra-se tão-somente em Deus, e todos os seres, tendo sido criados por Deus, têm direito a esta luz.

A decadência do espírito é apenas momentânea, pois a lei do progresso arrasta consigo todas as individualidades para um objetivo de engrandecimento, mediante o equilíbrio geral das criações. A indiferença e a depressão são ocasionadas pela dispersão e pelos contatos malsãos. Os mundos juvenis, como a Terra, entram no período de seu desenvolvimento moral quando a aproximação das idéias se produz com o regresso proveitoso dos espíritos desligados da matéria, aos quais se lhes deu a faculdade de retornar para acelerar os movimentos e a vida do espírito nas condições da escravidão humana. Os Messias não tornam já a ser chamados para a vida material; porém têm a suprema honra de dirigir aos pequenos Messias.

O número dos Messias aumenta progressivamente, de forma que eles, multiplicando-se, injetam por todas as partes, inoculam, espalham por todas as partes a luz, e o período de desenvolvimento, de que já falamos, se efetua forçosamente.

O avanço dos mundos indica o avanço das individualidades.

1 - Com estas palavras a doutrina da graça fica completamente desautorizada. — Nota do Sr. Rebaudi.



A energia, a luz espiritual, a ciência universal se amparam mutuamente e produzem o amor, a força, o sentimento religioso, a revelação. A desmaterialização do espírito se efetua com o desenvolvimento de sua razão. A natureza animal vai cedendo pouco a pouco ante a natureza espiritual, quando domina a razão e o progresso é notável. O progresso recebe maior força das luzes divinas quando o espírito alcança maior elevação, abandonando a sensualidade da matéria e acumulando honras sobre si mesmo pelo acordo da razão com a fé.

Aproximo-me de vós, irmãos meus, livre para sempre da natureza carnal, mas sofri, como vós, as humilhações e os desesperos de dita natureza, e se minha vida de Messias foi gloriosa em virtude das obras do Messias, as alianças, os desenganos do homem foram realmente cruéis. Minhas culpas me proporcionaram remorsos e os sofrimentos fizeram nascer em mim dúvidas e enganos. Se minha vida de Messias saboreou as delícias do amor humano em suas dependências espirituais, as ternas afeições do homem viram-se esmagadas sobre suas carnes e o espírito triunfou na luta, mas tão-somente depois de largos suplícios e feridas profundas.

Se, finalmente, a luz do Messias viu-se turbada pelas trevas da natureza humana, a luz do espírito pôde elevar-se acima delas, devido à sua completa liberdade a respeito dessas trevas e às forças progressivamente adquiridas no estudo das leis divinas.

Estabelecida a diferença existente entre minha revelação como Messias e minha revelação presente, continuemos a narração dos acontecimentos, reproduzindo-os aos homens sob seu verdadeiro aspecto.

Pedro, em primeiro lugar, o mais ciumento de meus discípulos, me renegaria. Não era portanto completamente crente, desde o momento que negou sua aliança com Jesus.

João, o mais terno de meus amigos, desnaturava minhas palavras e me apresentava como dotado de poderes sobrenaturais. Não estava por conseguinte dominado pela fé, visto que teve que empregar a fraude para honrar melhor diante de todos minha pessoa e engrandecê-la perante o espírito humano.

Tiago, irmão de João, seguia o impulso que recebia de seu irmão, mais fanático que ele.

André não era mais que uma pálida cópia de Pedro.

Os dois Judas estavam em constante oposição, tanto sob o ponto de vista das idéias, quanto por sua mesma exterioridade.

Judas, primo de Pedro, era tímido de espírito, de constituição débil, fácil de comover-se, predisposto a ser influenciado por todos os afetos, a imitar todas as virtudes, a humilhar-se diante de todas as superioridades; porém sem iniciativa e sem forças para lutar abertamente contra a adversidade.

Judas, o que se chama ordinariamente Judas Iscariote, não tinha as aparências de uma natureza perversa, e devemos corrigir a opinião dos homens a respeito deste discípulo oprimido sob o peso de uma reprovação universal. Possa nosso juízo fazer penetrar nos espíritos essa terna piedade, que desculpa todos os extravios, esse desprezo pelas prevenções, que proporciona a sabedoria. Possa nosso juízo demonstrar a fraqueza dos juízos humanos, quando julgam de uma vida inteira pelo efeito de um só ato, ainda que este ato tenha sido delituoso. Judas era moreno e seus cabelos caíam naturalmente sobre seus ombros. Tinha a fronte larga, os olhos grandes e bem abertos, a tez pálida, as formas sem defeitos; sua voz, bem timbrada, tornava-se eloqüente, quando se inspirava em assuntos graves. Na intimidade era ele quem provocava a alegria nos semblantes, com suas anedotas e observações cheias de agudeza. Jamais se lhe viu em proveito próprio a mais insignificante parte do nosso reduzido pecúlio, o que, por outra parte, ele nunca administrou; meu tio Tiago era o encarregado especialmente disso.

O mau conceito que persegue Judas neste sentido é o resultado de um dado inteiramente falso com respeito às suas atribuições entre nós. Excessivamente ciumento e aspirando honras e alegrias vaidosas, desejoso de estabelecer sua superioridade em uma associação fraternal, cujos membros se consideravam iguais; eis os defeitos daquele que mais tarde me atraçou, para satisfazer um ressentimento de cuja causa sou o culpado.

Por que dava eu a Pedro provas de uma confiança tão evidentemente exclusivista? Por que permitia a João essas maneiras de preferido que acusavam uma manifesta parcialidade de minha parte para com ele? Por que, quando eram poucos os que deviam acompanhar-me, escolhia sempre os mesmos? Por que, enfim, tendo descoberto o mau efeito que isto produzia em Judas,

não soube remediá-lo?

Sim, digamos bem alto: Jesus, o irmão protetor de Judas, não deteve suficientemente a atenção em sua natureza sensível, ainda que desviada. Jesus não compreendeu que era necessário combater o ciúme, a vaidade, o orgulho desse homem, por meio de uma extremada doçura em todos os casos e com uma justiça severamente igualitária nas manifestações de todos para com um só e de um só para com todos. Coloque-se Judas no lugar do discípulo predileto e este no lugar de Judas: João, não vendo-se já apoiado por minha excessiva debilidade, ter-se-ia mantido nos limites de uma afeição santa, e não houvera ofendido a verdade com o extravagante desejo de querer-me estabelecer um culto divino; Judas, entretanto, dirigido no sentido que lhe era mais conveniente, não teria atraído. — Pobre Judas! — Eu afastava-me dele à medida de seu maior ressentimento; o mal ia-se agravando; o abismo abria-se quando eu justamente podia encontrar o remédio em meu amor, evitando a queda desse espírito fraco. — Pobre Judas! — Em minhas últimas horas tu, mais que tudo, ocupaste meu pensamento, e minha alma se inclinava para a tua para falar-te de esperança e de reabilitação.<sup>2</sup>

Perdido, se disse, perdido está o que atraçou a Jesus. — Oh, não! — Nada se perde das obras de Deus. Todas volverão a encontrar-se purificadas pelo arrependimento, glorificadas pela resolução reparadora, luminosas depois do perdão. — Oh, não! — Nada se perde das obras de Deus. Todas chegarão a ser grandes, todas serão honradas; todas se arrastam penosamente pelas encostas da montanha para iluminar-se afinal, chegadas que sejam lá acima, com os esplendores do fogo divino.

O abandono cheio de ingenuidade e o caráter feliz de Alfeu contrastava com a obscura fisionomia de Filipe, o qual se obstinava em vaticinar um porvir infausto e o fracasso de nossas doutrinas.

2 - Para os espíritos verdadeiramente grandes é fácil o perdão das ofensas, porém isso de querer tomar a seu cargo a culpabilidade recebida para minorar a culpabilidade do ofensor e, o que é mais ainda, pensar, no meio do mais horrível dos martírios, pensar, preocupar-se profundamente pela sorte daquele que foi a causa desse mesmo martírio, isto é somente próprio de um Jesus. Basta esta passagem, ainda que não tivesse lido uma só linha mais da obra, para que eu diga a mim mesmo: Ninguém senão Jesus pode ter escrito isto. — Nota do Sr. Rebaudi.

Tomé nunca acreditou na revelação divina, porém havia-o fanatizado a grandeza da obra.

Mateus, o mais bem preparado de meus apóstolos, foi também o mais sincero ao referir nossos discursos.

Meu irmão Tiago era sempre o primeiro em responder sim a tudo o que eu propunha. Minha paciência e minha coragem seriam recompensadas por este filho de Maria, e a graça coroaria o espírito de meu irmão nos últimos dias de minha vida mortal.

A familiaridade que reinava entre todos nós não impedia sentimentos de outra índole, como o do reconhecimento da superioridade, embora na mais íntima amizade, e bem me lembro, emocionado, a constante dedicação de Mateus para com Tomé e a paternal proteção de meu tio Tiago para com Lebeu.

*“Eu dizia a Pedro: “Caminhemos para a conquista da Humanidade. — Por que repousarmos em calma e juntar alegrias dentro da tranqüila posse do que já temos alcançado quando novas possibilidades estão reservadas ao nosso ardor e a nossos sacrifícios? — Por que pedir forças a Deus e não empregá-las depois para a conquista de seus desígnios?”*

*“Jerusalém! — Esperança de minha vida! — Cidade venturosa! — O grito sublime de chamada sairá de teu seio e teus filhos serão os verdadeiros adoradores do Deus vivente e eterno.*

*“Os delitos e as ruínas darão origem à sabedoria e à magnificência, a Terra dirigirá para ti seus olhares desolados e tu a encherás de consolos e de luzes. Os homens te chamarão a glória das glórias, porque a paz, a liberdade, o poder e o amor se confundirão e reinarão unidos, só por tua virtude.*

*“Ainda que os justos pereçam nas mãos dos verdugos, que teus escravos forjem suas próprias cadeias; que teus tiranos adormeçam sobre suas vitórias; nada, nada será capaz de retardar a hora da liberdade, e o amor fraterno se estabelecerá entre todos os homens.”*

Pedro, enquanto eu lhe expunha meu pensamento sob formas simbólicas e proféticas, participava do meu entusiasmo e

me haveria seguido até o fim do mundo; porém, muito depressa esse entusiasmo se arrefecia e ele voltava a ser o apóstolo dos primeiros dias, que ocultava debaixo do aspecto da devoção o medo que o dominava. Minha predileção por Pedro tinha-se formado devido à retidão de seu caráter, ingenuidade de espírito, delicadeza de sentimentos e à sua excessiva probidade. Falando-lhe com palavras singelas, das quais mais tarde se serviram como motivo de acusação por um delito futuro, eu não fazia mais que ler com meu natural discernimento o que se passava nesse coração leal, nesse espírito débil e pouco desenvolvido.

Em nossas reuniões familiares (assim designávamos as horas da refeição e minhas conversações à noite) Pedro, sempre colocado na minha frente, parecia querer defender-me do trabalho das respostas e evitar-me a banalidade das cousas materiais. Tornava-se todo ouvidos quando eu falava e seus olhares se esforçavam em ler meus pensamentos, quando eu me calava. Cuidava de minha pessoa como faz uma terna mãe pelo filho, e quando mais tarde eu queria permanecer em vigília, ainda que aparentemente cansado, empenhava-se em demonstrar-me que devia cuidar mais de minha saúde, perseguindo-me com uma solicitude que chegava a ser incômoda por exagerada. Durante nossas caminhadas, em nossas excursões mais distantes e nos momentos de descanso, sempre consultava-se Pedro a respeito de todos os detalhes, do que ele se aproveitava para opor conselhos de prudência e de calma ao meu ardor e ao meu calor pelas obras, empregando a maior lentidão nos preparativos para assegurar, dizia ele, o êxito de nossa missão.

Um dia nos encontrávamos todos reunidos, dirigi-me a Pedro e lhe disse:

*“Tu serás o primeiro de meus sucessores, porém resultará, para vergonha tua, que decairás de teu dever abandonando a teu mestre. O abandono não consiste unicamente na separação material, senão que se demonstra também e com muita crueldade, com a separação dos espíritos.*

*“Felizes os que não viram e creram!*

*“Mais felizes ainda são aqueles que vêem e compreendem sem o concurso dos sentidos materiais!*

*“Felizes os que sofrerem por causa da verdade, porque deles é o reino de meu Pai!*

*“Felizes os livres e os fortes! — A liberdade e a coragem adquirem-se com a renúncia dos bens da Terra pelos bens eternos.*

*“A fé demonstra-se com os trabalhos e brilha diante das perseguições.*

*“A graça deve ser espalhada para atrair com seu aroma sobre quem ainda não desceu.*

*“Os dons de Deus devem fortificar-se mediante as provas para fecundar o porvir.*

*“De que valem a Deus vossos protestos e aos homens vossa doçura, se há de permanecer estéril?*

*“Como quereis que Deus acolha vossas preces na graça se esta graça só é aproveitada por vós?*

*“Com que fim pretendeis que Deus vos encha de dons, que vós mantendes ocultos?*

*“Homens de pouca fé! A Terra vos prende porque careceis da verdadeira convicção da vida futura.<sup>3</sup> Homens indignos da graça! A graça deixa-vos frios e enfadados porque não a compreendeis! Homens fracos e embrutecidos! Os dons de Deus são para vós o que seriam as pedras preciosas para os animais imundos.”*

Pedro arrojou-se a meus pés, pronunciando estas palavras:

*“Senhor, amado Senhor, faze de mim o que melhor te convenha. Sou teu servo e não tenho outra vontade senão a tua”.*

Nesse momento Pedro era sincero como sempre, senão que ele obedecia a um sentimento e eu não me iludia com promessas tão a miúdo renovadas. Contudo, procurei constrangê-lo mais que de costume a abracei-o dizendo-lhe:

3 - Esta carência de convicção é consequência da escassa evolução do espírito humano, que não chegou a sê-lo o suficiente para viver definitivamente no plano dos espíritos. Assim o provam os “quadros de além túmulo”, que unicamente se referem a assuntos do plano físico. — Nota do Sr. Rebaudi.

*“Jura-me que me seguirás ate à morte e que me escutarás ainda depois dela, como inspirador de teus atos, para a continuação do que estamos realizando”.*

Juro, respondeu Pedro, amar-te e seguir-te até à morte e que seguirei tuas instruções depois de ti, como se estivesse aqui. Assim, pois, Pedro não havia compreendido a segunda parte do juramento que eu lhe exigia desde que falava de minhas instruções presentes, ao passo que eu lhe prometia novas inspirações depois de minha morte.

Continuei insistindo desde esse dia sobre a ressurreição de meu espírito,<sup>4</sup> com tanta perseverança, que as formas por mim empregadas foram aproveitadas mais tarde para impor a crença de minha ressurreição corporal.<sup>5</sup>

*“Voltarei, me sentarei a esta mesa para dar-vos a paz e a força, para preparar-vos para a Páscoa, para fazer-vos saborear as delícias dos favores divinos e facilitar-vos a pregação com o auxílio da luz que vos darei.*

*“Digo-vos: a vida corporal do homem é curta, porém, seu espírito viverá eternamente.*

*“A casa torna a encher-se e o dia sucede à noite, em todos os tempos e em todos os lugares.*

*“A família reconstitui-se com os membros espalhados de outra família antiga<sup>6</sup> e a próxima estação dará bons frutos aos que tenham sabido semear em momentos favoráveis.*

4 - Refere-se naturalmente à sua volta como espírito. Era de certo modo uma ressurreição desde o momento que voltava a manifestar-se depois de se haver ausentado pela morte.

5 - De acordo com o critério dominante então, e que ainda domina entre nós, era incompreensível o regresso de Jesus entre seus discípulos a não ser com o mesmo corpo que conheciam. Ainda agora os católicos não concebem a vida do espírito sem a materialidade das sensações, só perceptíveis com os sentidos corporais. Por isso, para a plenitude dos gozos dos eleitos e dos tormentos dos réprobos, a igreja católica devolve seus corpos, no juízo final, a uns e a outros. Este modo estreito de ver as coisas é devido precisamente à ridícula mania de querer tomar como norma de existência a humana e como norma de percepções a que resulta de nossos sentidos, de acordo com o qual toda sabedoria e todas as potencialidades divinas se teriam esgotado na formação do homem. Bem pobre, por certo, a idéia da divindade que assim pudesse determinar! Os modernos espiritualistas, pelo contrário, sabem que são infinitas e infinitamente diversas as percepções de que é incapaz o homem de apreciar e nem sequer de suspeitar. — Nota do Sr. Rebaudi.

6 - Jesus insiste freqüentemente nisto de família, deixando patente o critério superior com que ele a entende, não muito conveniente por certo, para estreitar seus vínculos. Sem

*“Aceitai as provas passageiras como uma necessidade para vossas naturezas, e quando já não me vejais, honrai-me lembrando-vos, na distribuição de bens, antes dos pobres que de vós mesmos.*

*“Já seja que vos separeis ou que permaneçais reunidos para os fins da consolidação de vossas doutrinas, eu estarei sempre onde vos encontréis; mas não altereis nem dividais nada do que eu tenho formado ou reunido, de outro modo meu espírito se afastará de vós.*

*“A vergonha e o opróbrio serão o resultado de vossa ingratidão e o desprezo a resposta à vossa iniquidade, se vos deixardes influenciar pelas paixões da Terra. Vós deveis ensinar o caminho para a vida eterna, praticando a virtude e desdenhando as honras do mundo.*

*“Minha vida de homem tem que terminar de uma maneira miserável; mas meu espírito seguirá a marcha dos séculos e dominará o ruído da tempestade para amparar-vos na luta ou para reconstituir o que vós tendes destruído; para resplandecer em meio da plenitude dos vossos triunfos, ou para arrojare luz entre as trevas que tendes fomentado, para defender-vos, ou para dar-vos o beijo fraternal, ou para repelir-vos; para dizer-vos: eu estou convosco, ou para dizer-vos: eu sou contra vós.*

*“Eu sou a vida, o que crer em mim viverá. Eu sou o espírito de verdade e estou de posse da verdade de meu Pai.*

*“A Terra passará, porém minhas palavras não passarão, porque a verdade é de todos os tempos, de todos os mundos, ao passo que a Terra não é mais que uma habitação momentânea.*

dúvida alguma os laços de família são passageiros, pois que se rompem com a morte, ao passo que os laços do amor, pelo contrário, se consolidam, se engrandecem e se aperfeiçoam, são as únicas ligações que perduram; a prova disso é que o amor constitui a lei suprema do Universo. No caso presente, Jesus quer dizer que os claros deixados pela morte nas famílias se preenchem facilmente mediante o parentesco com famílias anteriores, sobretudo com os matrimônios, que a miúdo determinam a fusão de duas famílias em uma, com os filhos que nascem e até com as adoções; porém com a virtude perdida não sucede o



*“Não digas jamais: nós somos mestres. Sede, pelo contrário, modestos e praticai os princípios de fraternidade, amando a todos os homens e ajudando-os.*

*“Quaisquer que sejam vossas penas e tribulações dizei: Deus meu, que se faça tua vontade e não a minha.*

*“Em meio dos sofrimentos vos darei a alegria e sempre que orais estarei no meio de vós.*

*“Sede pacientes na adversidade e nunca desejais a ruína e a desgraça de vossos inimigos. A força nasce da adversidade e a resignação facilita o adiantamento do espírito.*

*“A malícia e a má-fé vos impelirão para as insídias e os homens vos oprimirão com injúrias por minha culpa; mas eu estabalecerei minha morada entre vós e juntos prepararemos o reino de Deus sobre a Terra, posto que se disse de mim: Eis a aliança do passado com o porvir.*

*“Eu vos repito, o espírito será visto novamente e a Terra estremecerá de alegria.*

*“A marcha do espírito se efetuará tanto em meio do silêncio e das trevas da noite como em pleno dia e em meio do tumulto das paixões humanas. A voz do espírito far-se-á ouvir por todas as partes e o pensamento de Deus se revelará com manifestações visíveis e próprias de seu poder e de sua vontade.”*

Eu falava sempre neste sentido e concluía a maior parte das vezes com um pretexto moral ou com alguma consolação profética, cujo significado temerário ou valor real posso explicar agora.

Irmãos meus, pareciam-me definitivas as formas de minhas alianças e de meus laços humanos e jamais pensei em separar-me dos que se me haviam associado em minhas tentativas de reforma; porém nessa época foi tanto o que tive de lutar,

mesmo, e o quebrantamento de suas doutrinas, por fraqueza ou falta de fé de seus apóstolos, seria um mal muito mais difícil de remediar.

Se fora possível no mundo atual o império das idéias de Jesus, não haveria necessidade de rodear de tantas garantias a constituição do lar, mas, não sendo assim, é preciso convir que a família legal é a base primordial das sociedades civilizadas. — Nota do Sr. Rebaudi.

cansado dolorosamente, contra o desalento, que me arrependi de ter-me ligado a espíritos demasiado novos para compreenderem-me, demasiado dependentes da família para que pudessem sacrificar-se-me por completo. Pedro era casado. Os dois filhos de Salomé sustentavam a mãe. Somente Judas e Lebeu estavam livres de parentela que pudesse pesar sobre eles por sua pobreza. Meus dois Tiagos, já se sabe, não tinham outras esperanças senão aquelas que depositavam em mim, nem outros temores e cuidados. Aprovei com facilidade todos os projetos de meus apóstolos, cujo fim era o de amenizar em algo nossa vida em comum; porém, eu recomendava-lhes uma probidade escrupulosa em suas relações com os estranhos e o abandono de seus direitos diante da falsidade e da prepotência dos outros.

*“Nosso pai que alimenta as avezinhas, dizia-lhes, vos mandará vosso pão quotidiano se colocardes nele toda vossa confiança.*

*“Pedi o perdão, perdando vós também aos que vos tenham ofendido. Louvai a Deus quer quando vos encontréis de boa saúde, quer encontrando-vos enfermos, tanto em meio da alegria como da tristeza, e mesmo na pobreza que na opulência.*

*‘Livrai vosso espírito das tentações da carne e segui a lei de amor e de justiça.*

*“Deus está em todas as partes, ele vê vossos pensamentos mais secretos. Privai-vos portanto de dirigir-lhe vossas preces somente com os lábios. Meditai sobre estas minhas palavras. Encontrareis assim a regra de uma conduta edificante e a fonte das orações agradáveis ao Senhor nosso Deus.”*

Irmãos meus, a oração dominical não foi ditada por mim. Nossas preces eram feitas com o pensamento e com a prática dos deveres que nós nos impúnhamos. Orávamos em todos os momentos do dia, quando oferecia a Deus o sacrifício de minha vida, para semear com meu sangue a Terra prometida à humanidade do porvir. Orava a toda a hora para aliviar minha alma, que buscava Deus, e para purificar meu espírito das emanações terrestres. Porém, não tinha que formular orações que

meus ensinamentos preparavam, e restringia-me simplesmente a assuntos de moral e às explicações referentes à nova lei que queria que substituísse a antiga.

A nova lei tinha seus fundamentos em máximas que eu tinha recolhido e sobre o trabalho de meu próprio espírito quando percorria as esferas da espiritualidade, diante das verdades divinas.

A nova lei inculcava o amor universal e abolia todos os sacrifícios de sangue.

A nova lei favorecia o livre desenvolvimento de todas as faculdades individuais para que concorressem para o bem geral, e honrava a todos os homens, dizendo-lhes:

*“Sede iguais diante de Deus. O poder dos homens não dura mais do que um momento, ao passo que a justiça divina é eterna.*

*“Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros para dar esplendor a esta justiça.*

*“A pobreza dá direito às riquezas. Felizes os que são pobres voluntariamente para a glória de Deus.*

*“A escravidão será banida da terra, porque a mulher é igual ao homem e o servo vale tanto como o senhor, diante da sabedoria divina.*

*“Esta sabedoria é a que rege os destinos, recompensa e castiga, envia a palavra de paz no meio de todas as humilhações, no meio de todos os sofrimentos, de todas as torturas da alma, do espírito e do corpo”.*

Eu unia-me tão intimamente com a pobreza que dizia:

*“Os pobres são meus membros”.*

E buscava com tanta avidez a vergonha, para dar-lhe a esperança da purificação, que mulheres de má vida, vagabundos de toda laia, converteram-se no cortejo permanente de minha pregação durante este período de minha vida, desde o dia de minha vitória sobre as indecisões de meus apóstolos até o de minha acusação perante o Sinedrim de Jerusalém, ordenada pelos príncipes da lei e pelos sacerdotes de Deus.

Eu estava convencido de que a morte me esperava em

Jerusalém e queria rodeá-la de tal maneira que meus apóstolos guardassem dela a recordação vibrante de minha atitude, de minhas palavras, de minhas demonstrações de amor, dos atos de humildade e de todas as ferocidades.

Era necessário demonstrar a grandeza da minha doutrina e explicar minha força de espírito<sup>7</sup> no meio dos acusadores e dos verdugos, para morrer com as honras do êxito.

Eis por que eu misturava no projeto desta viagem tantos estremecimentos generosos do coração, com tantas amarguras do pensamento; tantas emoções felizes com tantas energias em estigmatizar a covardia e o abandono; tão agradáveis e persuasivas lições com tão duras e ameaçadoras profecias; tanta ternura no sorriso e tanta tristeza no olhar.

Esgotado pelas fadigas do apostolado, com o espírito devorado pela ambição das alegrias celestes, via no martírio a promessa de um glorioso repouso, e não procurava retardar a hora de sua chegada, porque sabia que a hora estava marcada e que a elevada felicidade da espiritualidade pura que me esperava começaria com os derradeiros espasmos de meu corpo material.

Podia, é certo, subtrair-me aos horrores do suplício, porém, isto me haveria obrigado a vegetar na impotência e o porvir seria sacrificado por tão pueril fraqueza.

Irmãos meus, esse fanatismo constituía o sentimento de minha missão. Do vosso mundo, eu sou o único Messias a quem lhe foi concedido poder continuar ostensivamente sua obra, porque fundei-a com minha vida de trabalho e com minha vontade para o sacrifício. . . . .

. . . . .

Estabeleçamos aqui, irmãos meus, uma comparação entre Sócrates e Jesus, ambos mortos pela glória de uma doutrina, de razão sã e honrada pela luz divina.

7 - Aqui emprega-se a frase força de espírito como força de ânimo e nada há que observar, porém a miúdo se descobre certa confusão no emprego das palavras alma e espírito. Esta confusão é muito entre nossos escritores moderno-espiritualistas. Eu, por minha parte, seguindo a outros autores, entendo por espírito a alma revestida por seu corpo astral, tal como se lhe descobre nas experiências medianímicas. É a entidade completa, a alma provida de seus meios de individualidade e de realização. — Nota do Sr. Rebaudi.

Sócrates fez-se afetuoso e filósofo dominando suas paixões; fez-se religioso compreendendo a Natureza; fez-se forte falando com os espíritos de Deus.

Sócrates morreu perdoadando a seus verdugos e abençoando a morte que lhe restituía a liberdade; mas não pôde fundar um culto para com o verdadeiro Deus, nem demonstrar a utilidade de sua morte para os homens do futuro, e não resta dele mais que uma escola, famosa, é certo, porém, sem preponderância no Universo, porque a palavra emanava aí de homens cheios ainda de superstições, apesar dos princípios de moral postos por eles em prática. A doutrina da existência de um só Deus ensinada por Sócrates e mais tarde por seus discípulos não se elevou acima das ruínas da idolatria e não lançou os fundamentos de uma sociedade nova.

Ao fazer ressaltar assim minha superioridade como Messias, devo não obstante inclinar-me diante deste Sábio e apontá-lo à Humanidade como um dos seus membros mais dignos de respeito e de amor.

Sócrates viveu na pobreza e jamais seus lábios foram manchados pela mentira. Foi puro de todo o ódio e de todo o desejo humilhante para a consciência; jamais sua palavra se elevou para acusar e jamais seu coração guardou ressentimentos. A piedade para o infortúnio, o desinteresse em suas relações, a força e a justiça contra a insolência e a falsidade, honraram a vida de Sócrates, e a morte transportou-o no meio de torrentes de luz para as fontes de todas as honras. Sócrates tem um ponto de semelhança com Jesus, e é de haver dado o exemplo das virtudes que pregava e de ter morrido pela verdade. Mas Jesus, mais adiantado que Sócrates no conhecimento do espiritual, tinha que dar maior impulso a seus sucessores e projetar mais luz em seu derredor, e na luta com os instintos da natureza carnal em presença das invasões das esperanças divinas, Jesus teve que demonstrar-se mais forte, porque se encontrava menos sujeito à matéria, por direito de ancianidade de espírito. A marcha de Jesus, desde sua infância até o Calvário, foi em todos os momentos a consagração de sua idéia. Sócrates, pelo contrário, não pôde ver-se inteiramente livre das superstições e permaneceu escravo das idéias de sua época na presença das maiorias populares, apesar de que adorava a Deus com seus discípulos. Porém, aí também se descobre um

ponto de semelhança. Sócrates, do mesmo modo que Jesus, não podia desafiar a opinião pública sem incorrer na severidade das leis, e se Jesus se demonstra em suas doutrinas menos distanciado da religião judaica do que Sócrates nas suas, da pagã, isso em nada diminui o justo valor, desde que ambos se viam obrigados a não contrariar demasiado a religião dominante. Se Jesus correu para a morte, ao passo que Sócrates a viu simplesmente aproximar-se sem estremecimento, é porque Jesus estava convencido de sua missão Divina. Nisso consiste sua superioridade indiscutível sobre Sócrates, sendo esta precisamente a auréola de sua glória e a causa de sua nova mediação.

Jesus bem sabia que podia evitar a morte, porém a filiação divina que ele se havia dado, a radiante esperança que demonstrava para inspirar a futura docilidade a seus apóstolos, a palavra profética que lançava como uma chama sobre o porvir, tudo constituía uma lei que o impelia a morrer dolorosamente e por sua própria vontade . . . . .

Resolvemos ir antes que tudo a Nazareth; eu tinha pressa de ver minha família. Minha próxima visita à minha mãe formava o argumento de minhas meditações durante o caminho e meus discípulos respeitavam meu silêncio.

Previa as repreensões que minha mãe me dirigiria ao conhecer minha resolução de lutar com os sacerdotes de Jerusalém. Eu havia abandonado os meus para entregar-me a todos, tinha descuidado os deveres de família para desligar-me dos impedimentos carnis. Mas, tinha eu realmente o direito de proceder assim? Seria bem vista aos olhos de Deus a transgressão da lei humana, no que ela tem de mais justo e solene, qual é o amor e a docilidade dos filhos para com a mãe? Por que, Deus meu, essa angústia da alma se eu obedecia à tua voz? Por que estas aflitivas recordações retrospectivas, se minha missão de Messias devia sobrepor-se à minha natureza humana, a meus deveres de filho e às minhas aflições terrestres? Por que tanta atividade para preparar o sacrifício, se ele constituía um ultraje à moral universal, baseado na dependência dos seres e em suas relações fraternais?

Por que, Deus meu, este desânimo no momento das honras e por que este falso caminho levado a termo por teu poder e por tua justiça?

Eu orava. A oração acalmava estas agitações de minha natureza humana, engrandecendo os desejos espirituais e alimentando meu coração com o fogo do amor divino. Orava e a esperança das alegrias celestes escondia-me as sombras de minha vida de homem, e a divina missão apresentava-se-me como uma chama devastadora das ternuras da alma e das alianças do espírito em meio da matéria.

Depois de haver orado, só me ocupava de Deus. Depois destes delírios e destes recolhimentos eu sentia-me mais forte e meu pensamento era transmitido com mais nitidez ao meu cérebro.

Aproximava-me a meus companheiros e fazia-os participar de minha liberdade de espírito. Reunia-os tão estreitamente em minha felicidade futura, que inclinavam a cabeça diante de meus olhares inspirados e beijavam minhas vestes com tal fê e entusiasmo que minha alma se alvoroçava.

Chegamos a Nazareth. Deixei meus apóstolos em uma casa próxima à cidade e com meu tio e meu irmão apresentei-me na casa paterna.

Toda a família estava reunida para receber-nos e pressentimos uma oposição mais viva nesta concentração de forças. Meus irmãos consangüíneos, cujo número de cinco se havia reduzido a três (deplorava eu o mau humor de meus outros irmãos, assim como eu, filhos de Maria), tinham pensado poupar-me um acolhimento demasiado frio. O irmão que me seguia em idade vivia em um lugar distante cinco estádios de Nazareth. Eu não podia conhecer as qualidades de seu coração, nem as relações que se mantinham entre ele e os demais irmãos; porém em seguida, li em seus olhares o profundo desprezo que lhe inspiravam minha vida errante e meus trabalhos de apóstolo. Ia para abraçá-lo, porém ele repeliu-me e pronunciou estas palavras:

*“Eis-te! Vens agora para permanecer muito tempo ou por uma hora? Voltas a ser nosso irmão ou segue sendo o filho de Deus? Devemos absolver-te ou resignarmo-nos a uma separação definitiva?”*

*“Teus irmãos são filhos de José e de Maria, que tens tu*

*demais que eles? Teus irmãos têm cumprido seus deveres de filhos e de parentes, que tens feito tu de tua parte?"*

Inclinei a cabeça ante esta recriminação que envergonhava minhas divinas esperanças e em seguida, dirigindo-me à minha mãe, disse-lhe:

*"Pobre mãe, teu filho Jesus te inunda em lágrimas, porém ele chama Deus em testemunho da pureza de seu coração e da lealdade de suas intenções; seu espírito está abrasado pelo desejo espiritual e te amará a ti muito mais na pátria celestial do que pode amar-se sobre esta Terra".*

*"Sim, interrompeu meu irmão, na pátria celestial não se precisa de nada, o amor de Deus alimenta, e nossa mãe será amada pelo filho de Deus. Que honra para todos nós, se isso fosse algo mais que um sonho de um insensato!"*

A estas palavras meu tio e meu irmão Tiago se aproximaram a mim dizendo: *Nós também somos insensatos!*

Aproximei-me à minha mãe e, passando-lhe o braço debaixo do seu, conduzi-a em direção do pequeno jardim que se estendia por baixo da janela do compartimento em que nos achávamos; nossos irmãos nos acompanharam.

Meu cansaço, a pobreza demonstrada por minha indumentária excitaram a compaixão das três mulheres e começaram a prodigalizar-me, ali mesmo, uma série de atenções delicadas e de cuidados, que me fizeram sofrer muito mais que a frieza de meus irmãos.

Eis os nomes de meus irmãos e irmãs por ordem de idade: Efraim, José, Elisabete, Andréa, Ana e Tiago.

Quanto a meus irmãos consanguíneos, os que a história nebulosa de minha vida converteu em primos, recordo-me com um sentimento de felicidade de seus afetos. Chamavam-se: Matias, Cleofas, Eleazar.

José e Andréa seguiram-me mais tarde para opor aos meus meios de propaganda a negação de meu título divino e acusarem-me de loucura. Meus irmãos Matias, Cleofas e Eleazar



demonstraram-se-me mais tarde, porém só com o desejo de arrancar-me à morte, sem combater minha fé.

Permanecemos vários dias em Nazareth. Minhas irmãs, a mais jovem das quais vivia com minha mãe, disputavam o prazer, diziam elas, de servir-me, e meus irmãos andavam atentos à minha voz. Minha mãe inspirava-se em meus pensamentos e elevava-se em aras de pureza da prece, quando lhe demonstrava a necessidade do meu sacrifício.

*“Oh, Deus meu, dizia ela, submeto-me à tua vontade, mas ampara minha resignação e proporciona-me provas evidentes de que meu filho se encontra na luz!”*

*“Dá à minha fé o apoio que lhe falta, à minha esperança uma luz que possa torná-la segura e então meu amor de mãe sucumbirá sob o poder de teu amor divino.”*

Um dia em que nos encontrávamos sós minha mãe e eu, mostrei-lhe a areia que cobria a terra e nossos pés e depois, com urna varinha, tracei alguns caracteres, cujo sentido era o seguinte:

*“Jesus tem que morrer para glorificar a Deus, ou viver para ser desonrado diante de Deus”.*

Expliquei à minha mãe a fonte de minha ciência e a prova material de minhas inspirações divinas. Deixei-a sob a impressão da surpresa e arrastei-a em seguida para a convicção de meu espírito e entusiasmo de minha alma. Impressionei sua imaginação enquanto dava satisfação à sua inteligência. Preparei-a para o sacrifício com a exaltação de minhas crenças e da luz das ordens de Deus.

Minha mãe ficou convencida, ainda que não de todo resignada.

Durante nossa estada em Nazareth, tínhamos todas as noites conversações com muitas pessoas e respondíamos com doçura às objeções e ao curioso desejo de encontrar-nos em faltas. A familiaridade de meus discípulos com meus irmãos, deu o resultado de sermos espiados e molestados em todos os lugares, por onde tivemos de passar depois. Minha independência não foi pois

completa, como se crê geralmente, posto que, impellido aos extremos da contrariedade, que me suscitava minha família, cheguei a criar-me um direito de minha própria liberdade de espírito e a proclamar que não conhecia irmãos, nem parentes, nem aliados.

Deixo Nazareth pela última vez.

Levo comigo a dolorosíssima recordação do sofrimento de minha mãe e das lamentações carinhosas de minhas irmãs.

Meus queridos irmãos acompanharam-nos até certa distância e nos separamos com lágrimas nos olhos.

Torno a levar comigo meu tio e meu irmão Tiago, que querem acompanhar-me até à morte.

Íamos silenciosos ao afastar-nos de Nazareth. Estas expansões no seio da família tinham feito recordar a meus discípulos a família ausente, e a alma de Jesus curvava-se com dor sob o peso do amor filial e fraterno.

Tínhamos que colocar-nos nas condições de homens que tudo sacrificavam pelo triunfo de uma idéia, sendo que meus discípulos conservavam a esperança de tornar a ver aos que tinham deixado, enquanto que eu apoiava sobre minhas recordações e sobre minhas aspirações a mão gelada da morte, fugindo-me ao mesmo tempo toda imagem consoladora para encontrar-me olhando no vácuo... O vácuo se animava por minha obstinação em dar-lhe vida e, deste modo, do sofrimento extremo eu me transportava aos resplendores divinos.

Oh, Deus meu! — Quanta felicidade nessas visões! — Mas também quanto abatimento na realidade! — Quantas honras depois da vitória, porém, quantas amarguras durante o combate!

Irmãos meus, não poderia repetir-vos suficientemente, a luz de Jesus era momentânea, fugaz, e a natureza humana arrojava seu espírito no meio de cruéis perplexidades, para honrar nele, como em todas as criaturas, o eterno princípio da justiça divina.

Meu projeto ao abandonar Cafarnaum era o de visitar a todos os meus amigos de Jerusalém e de procurar novos aliados para dar às minhas doutrinas maior exterioridade. Queria demonstrar meu título de filho de Deus com as explicações de meu título de Messias, junto aos que se encontrassem em condições de compreender esta aliança, baseada sobre a razão e a justiça divina, porém, estava bem disposto a não fazer uso a não ser da primeira

destas prerrogativas, a de filho de Deus, em todos os casos de agitações tumultuosas das massas ignorantes e de exaltações fanáticas de meus mais sinceros servidores. Era necessário assegurar o porvir e um reformador; um Messias teria caído depressa no esquecimento, sobretudo depois das manifestações cheias de maledicência do povo, que meus inimigos não deixariam de sublevar contra mim.

Nesta última parada em Jerusalém eu tinha que afirmar a crença em meu poder espiritual, sem proporcionar base para acusações de parte da posteridade no sentido deste poder espiritual, quer dizer que minha presença entre os homens devia fundar uma religião universal,<sup>8</sup> deixando em todos os espíritos o germe indestrutível do amor fraternal, de que era o iniciador e o mártir.

O filho de Deus que libertava seus irmãos da escravidão e que morria para dotá-los de uma lei de amor; o filho de Deus que revelava seus mandamentos no meio dos pobres, dos enfermos, dos pecadores; o filho de Deus que salvava a mulher adúltera da primeira pedra com estas palavras: Atire-lhe a primeira pedra o que se sinta livre de pecados! — O filho de Deus que levanta a pecadora com estas palavras:

*“Vem, a casa de meu Pai está preparada para receber-te, já que detestas teu passado”.*

O filho de Deus que dirá a todos:

*“Amai-vos uns aos outros e todos os vossos males cessarão, e todos as vossas ofensas a Deus vos serão perdoadas”.*

Este filho de Deus não tinha necessidade de ferir a imaginação com fantasmagorias, porém, tinha que afirmar seu prestígio divino e conquistar a Humanidade, apoiando sua moral com o exemplo.

8 - Volta Jesus a apresentar-se como o fundador da Religião Universal, razão pela qual, com esta sua história, chamou sobre si a atenção e as mais intensas simpatias dos moderno-espiritualistas. — Nota do Sr. Rebaudi.

Que este prestígio tenha alcançado seu coroamento aqui e tenha obscurecido sua memória em outra parte. Nada importa! — Este prestígio fica com a sanção da obra e é o que Jesus queria.

Que a Humanidade não tenha sido ainda conquistada por culpa dos sucessores de Jesus. — Não importa! — Porque Jesus está aí, e quer reconstruir sua igreja.<sup>9</sup>

Jesus disse e eu o repito:<sup>10</sup>

*“Trago a palavra de vida. Todo o que ouça esta palavra terá que espalhá-la.*

*“Apresentai-me a verdade e eu vô-la direi agora e mais tarde, posto que a verdade é de todos os tempos, e eu sou a alegria e a esperança, o presente e o futuro”.*

Eu me detive imediatamente nas margens do Jordão. Entregamo-nos às práticas da purificação, encontrando-nos na época dos maiores calores do ano. Além disso, sempre com o propósito de conduzir os homens para a crença na ressurreição<sup>11</sup> do espírito, pronunciei muitos discursos no sentido de minha participação futura na libertação da Humanidade e do estabelecimento de minha doutrina na Terra.

9 - Aimé Martin disse muito bem, que Jesus não veio acrescentar uma religião mais às que já dividiam a Humanidade, senão procurar a unidade moral de todas elas, ou, o que afinal é o mesmo, a unidade moral entre todos os homens. O acerto deste conceito ressalta melhor ainda agora ao apresentar-se-nos Jesus como o fundador da Igreja Universal de uma maneira mais explícita, como não aparece nos Evangelhos, se bem seja indubitável que as tendências da pregação de Jesus foram sempre as de universalismo, sem estreitezas sectárias, como as que resultam de todos os cultos e de todas as escolas, que se dão o nome de cristãs. O catolicismo, por exemplo, consagra um sem número de ritos e de práticas que nada têm que ver com o “ama a Deus sobre todas as coisas e a teu próximo como a ti mesmo”, sucedendo geralmente que esse complicado formulismo toma as vezes do único fundamental na doutrina do Mártir do Gólgota, isto é: o amor do próximo, o esquecimento das ofensas e o retribuir bem por mal. Fora das religiões oficialmente constituídas existem numerosos adeptos da idéia cristã, que não obstante isso, nada parecem haver feito no sentido de se lhe adaptarem, posto que os vemos sempre dispostos a combater com o primeiro contendor em lugar de procurar o triunfo de suas idéias pelo amor e pela justiça. — Nota do Sr. Rebaudi.

10 - Como se terá observado numerosas vezes, Jesus apresenta-nos duas personalidades da sua única. O Jesus da encarnação não é o Jesus do espaço, o Jesus espírito. E em realidade o Jesus da pregação possuía peculiaridades que faziam dele um ser distinto do espírito que no espaço se encontra na posse de todas as suas faculdades e livre dos estorvos com que o meio humano o limiava em todo sentido. — Nota do Sr. Rebaudi.

11 - Ressurreição do espírito por sua reabilitação mediante o arrependimento e os desejos sinceros de não tornar a incorrer nas mesmas faltas. — Nota do Sr. Rebaudi.

*“Ninguém, dizia eu, crê agora na ressurreição do espírito, porém, acreditar-se-á certamente quando eu voltar para acusar e amaldiçoar aos falsos profetas, as perniciosas doutrinas, os ferozes dominadores, os depravados e os hipócritas.*

*“Acreditar-se-á certamente quando Deus acalmar a tempestade com a minha palavra e que esta palavra seja repetida, de boca em boca, até à consumação dos séculos! — Quando os mortos despertem de seu sono para anunciar a vida! — Quando a Natureza exausta receber um novo impulso e que o sangue não brote mais de suas entranhas!*

*“A ressurreição efetua-se também agora, porém, se evidenciará melhor quando possais conservar a lembrança de vosso passado, e afirmo-vos: muitos dos que me escutam me verão e me reconhecerão.”<sup>12</sup>*

A purificação, novo batismo, como dizia João, não tinha também a predileção de meus pensamentos. A culpa e o delito, todos os vícios, principalmente a hipocrisia, sugeriam-me preces fraternas para obter um arrependimento verdadeiro; porém, como João pronunciava com palavras severas a condenação do pecador submerso na impenitência final.

De minha diferente forma de falar, segundo os homens a que me dirigia, creio, irmãos meus, ter-vos já dado a razão, e as contradições postas em evidência mais tarde, como acusações perante o povo de Jerusalém, explicam-se facilmente. Mas as contradições cessam desde o momento que anuncio o reino de Deus, que muitos verão e que confirmo a ressurreição do espírito, desataviando-a das formas nebulosas que lhe dera a princípio, para fugir de uma perseguição muito extremada.

Eu coloco-me neste instante como demonstrador da justiça divina e acuso com maior energia as instituições humanas, posto que aponto as riquezas como um escolho, o poder como uma aberração e o princípio sobre que descansam as leis humanas

12 - Nesta passagem compreende-se que a palavra ressurreição foi empregada no sentido de reencarnação. — Nota do Sr. Rebaudi.

como um flagrante delito de lesa-majestade divina. Deito abaixo todas as posses baseadas no direito do mais forte e proclamo a escravidão a mais vergonhosa demonstração do embrutecimento humano, anuncio o reino de Deus que muitos verão e confirmo a ressurreição do espírito dizendo:

*“A liberdade do homem obtém-se gradualmente, com a força de sua vontade unida às luzes de seus predecessores na vida espiritual.*

*“Estas cousas não podem, entretanto, ser compreendidas agora, mas virá tempo em que todos compreenderão e então o reino de Deus se estabelecerá sobre a Terra.*

*“Muitos dentre vós verão o reino de Deus e o Messias repetirá as palavras que hoje pronuncia.*

*“O homem novo renascerá até que o princípio carnal tenha sido extinto nele. Todo aquele que nasce tem que renascer e os que tenham vivido bastante irão viver em outro lugar.*

*“O espírito do homem tem que abandonar seu corpo; porém o espírito voltará a tomar outro corpo. Por isso, quando vós me perguntais se eu sou Elias, respondo-vos: Elias voltará, mas eu não sou Elias, sou o filho de Deus, e meu Pai me mandará novamente<sup>13</sup> para fazer resplandecer sua justiça e seu amor, porém somente me mostrarei a alguns e meus discípulos terão que repetir minhas palavras e afirmar minha presença.*

*“Sou o Messias e o Messias morrerá sem haver terminado sua obra; porém concluí-la-á depois de sua morte.*

*“Recomendo-vos que vos liberteis do temor da morte, porque a morte se reduz a uma mudança de residência, e fazei da ressurreição do espírito uma honra para os que não tenham prevaricado contra minha lei.*

*“O espírito caminha sempre para diante enquanto estiver amparado pela fé nas promessas de Deus, que concede também a graça de poder persuadir aos homens, aos que têm fé.*

13 - Em espírito.

*“Não vos amedronteis com minha morte e caminhai para o Espírito com fé e com amor.*

*“Não espereis dos homens a recompensa dos vossos trabalhos; ponde somente em Deus vossas esperanças.*

*“Deus jamais permanece surdo à prece e aos desejos de um coração puro e agradecido”.*

Irmãos meus, no exercício do apostolado Jesus teve que ser desprezado dos ricos e dos poderosos (excetuando alguns casos dos quais já vos falei e que farei novamente ressaltar), porém, no último período de minha missão, o povo, cujos direitos Jesus tinha sustentado sempre acalmando seus sofrimentos morais, o povo foi seu acusador e seu verdugo.

É que a ignorância converte o povo em cúmplice de seus mais cruéis inimigos. É que a hipocrisia, baldão espantoso da humanidade terrestre, emprega como instrumentos para oprimir o pensamento, algemar o braço, ferir o coração, aqueles mesmos a quem devera aproveitar o trabalho do pensamento, a força do braço, o amor do coração.

Eu tinha que cair tão-somente pela malevolência das multidões, sabia igualmente que esta malevolência se manifestaria e para isso preparava meus discípulos.

*“Sede meus guardiães e meu consolo, dizia-lhes, rodeai-me de ternura, pois que me vejo entre as garras da má-fé dos grandes, e da ingratidão dos pequenos, do ódio dos maus e do abandono dos melhores.”*

A clara interpretação de minhas forças e de minhas esperanças produzia-se cada vez mais no espírito de meus fiéis e a respeitosa deferência para com meus desejos favoreceu minha liberdade de ação e meus meios de proselitismo durante o espaço de tempo que decorreu entre minha chegada a Jericó e minha prisão no monte das Oliveiras.

Conte-se sete meses entre estas duas épocas.

Gostava de Jericó, seja por sua situação e pela afabilidade de seus habitantes, seja pelas lembranças que despertava em meu espírito. Porém aqui também tenho que fazer notar alguns erros.

A Zaqueu, o aduaneiro, e a Bartimeu, o mendigo, deu-se-

lhes uma denominação convencional.

O título de filho de David, com que me denominaram em Jericó e em outras partes, não produziu em mim mais que piedade e impaciência. O título de filho do Homem pretende-se que tenha sido escolhido por mim; porém, eu jamais quis outro patrocínio que não fosse o das denominações de Messias e de filho de Deus. A condição de Messias está cheia de claridade; a de filho de Deus compreende em sua obscuridade o direito de todo homem à filiação divina, tal como já expliquei. A força do porvir, o triunfo da verdade tinham que surgir destas palavras: Messias filho de Deus.

Que podia importar a Jesus o título vaidoso de filho de David e o outro título, ao qual se quer dar uma forma dogmática?

Direi mais tarde como e por quem me foi dada a denominação de filho do Homem. Irmãos meus, aproveito-me de minha permanência em Jericó para terminar o capítulo décimo.

Começaremos o undécimo entrando em Jerusalém; a seguir vos apresentarei meus hospedeiros de Betânia, Maria de Magdala, e muitas personagens que vos são desconhecidas.

## CAPÍTULO XI

*Jesus foi a Jerusalém, só, apresentando-se a José de Arimatéia, que o acompanhou por todos os lugares em que convinha fossem vistos, para os fins da obra do Mestre. Necessidade do sacrifício de Jesus, somente por ele compreendida. A parábola do mau rico. Associa seus discípulos mais íntimos à sua glória futura, sempre que souberem fazer-se credores dela com suas virtudes e dentro do conceito que meu reino não é deste mundo, como sempre dizia. Açoita aos mercadores do templo e aos hipócritas. Conversão de Madalena.*

Entrei só em Jerusalém. O lugar para nossas reuniões havia sido fixado em Betânia. Eu tinha assim que sair todas as



tardes. Privado de notícias desde algum tempo, aproximei-me da casa de meus amigos com muita apreensão. José de Arimatéia recebeu-me com expansão de alma e nobre veneração de espírito. Acompanhou-me por todos os lugares em que tínhamos de ser vistos, como iniciadores da liberdade e da verdade, de que todos tinham sede e cuja manifestação todos desejavam. José era agora de minha opinião, porém contava que se atingiria o objetivo sem que sucumbíssemos materialmente na empresa.

Respeitei a ilusão de meu amigo, porque, se tivesse intentado destruí-la, a indecisão de José haveria fatigado minha alma e talvez enfraquecido minha resolução. Faziam-me falta testemunhos das laboriosas manifestações de meu espírito. — Que me importava, depois do êxito moral, a ruína material? — Que me importava um pouco mais ou um pouco menos de celebridade no presente, se só me preocupava o futuro?

*“O sacrifício de Jesus, dizia para mim, não compreendido no momento de sua realização, será mais tarde um convite para a resignação, para o sentimento da fé, para o desafogo da alma e para a paz do coração, para todos os infelizes. Por maior que seja agora a solidão de Jesus e o silêncio da história contemporânea, sua personalidade terá ditado leis de fraternidade e de amor a todos os homens e essas leis serão imortais.”*

Por intermédio de José conheci muitos personagens importantes e a Marcos, de quem falarei mais tarde.

Nicodemus era um rico das proximidades de Jerusalém, Recordo-me de suas liberalidades, quando eu vivia separado de minha família e que me havia comprometido como revolucionário.

Fui à sua casa. Ele, sua esposa, seus filhos, seus irmãos, toda a sua família receberam-me com a maior cordialidade. Ampla hospitalidade, ternura ativa, harmonia de coração e de vontade. — Quão doce e consolador é o honrar-vos por meio da recordação!

Irmãos meus, acusando os depositários da autoridade religiosa, os depositários da lei, os afortunados e poderosos, eu tinha em vista tão-somente reformas sociais. Glorificando a pobreza, exortando aos ricos a sacrificar os bens da Terra para conquistarem os tesouros da luz de Deus, eu estava convencido

que o espírito se emancipa quando sofre o martírio da pobreza, com o conhecimento e com a resignação; e meu desprendimento das riquezas tinha sua razão de ser por minhas observações da fraqueza humana e pelas vergonhas inerentes aos gozos carnis. Porém, então como agora, eu sabia que em todas as classes se encontram naturezas fortes, dignos mandatários, espíritos independentes capazes de fazerem germinar os desígnios de Deus, e meus amigos faziam-me a justiça de tomar-me por um filósofo religioso e não por um utopista ou sonhador.

Minhas parábolas a respeito dos maus ricos e da participação dos pobres à majestosa felicidade do céu, tinham todos os caracteres da estreiteza que me impunham as condições dos espíritos, e a figura de Lázaro como a de Abraão me eram familiares para fazer ressaltar a justiça das represálias e a participação dos grandes homens, que eram venerados pelo povo hebreu, nas manifestações desta justiça.

Lázaro, abreviativo de Eleazar, era um nome muito espalhado na Judéia, e Abraão, a quem a lenda convertia em um pai desumano, um sacrificador ímpio, representava ante os olhos destes homens cruéis, na infância espiritual, a idéia da obediência passiva e o modelo das virtudes religiosas.

*“Lázaro, o pobre, coberto de úlceras, apanhava as migalhas que caíam da mesa do rico, e o rico, cheio de alegria e rodeado de numerosos comensais, desvia seus olhares do pobre e fecha seu coração a toda piedade.*

*“A morte desce sobre o rico e o pobre. O rico sofre os tormentos sofridos pelo pobre, e muito mais, enquanto que do fundo da Geena, onde se encontra encerrado, retumbam seus gritos. Depois sua voz se enternece suplicando uma intercessão.*

*“O céu abre-se, porém, somente para aumentar os sofrimentos do rico. Avista Lázaro e depois desta visão as trevas fecham-se em seu redor”.*

Por Geena eu queria significar um lugar lúgubre, sinônimo de inferno. A palavra Geena era ainda mais expressiva que a de inferno, em algumas localidades.

Na época a que temos chegado, irmãos meus, minha

posição podia permanecer estacionária ainda por muito tempo. Pelo que convinha-me criar uma escola e esperar, no meio de lutas surdas e pacientes, um novo estado de cousas. Meus amigos assim me aconselhavam. Diziam-se meus discípulos e falavam-me sem descanso das aspirações do povo para a liberdade, do ódio do povo contra a família sacerdotal que reinava então. Mas eu não queria apoiar-me em probabilidades, embora não fossem tão-somente aparentes, e tinha que garantir-me contra a vergonha de escudarme detrás da amizade, salvaguardando minha vida a expensas de minhas aspirações espirituais, entretanto era necessário afirmar meu título de Messias com a força da publicidade de meus ensinamentos, assim como meu título de filho de Deus, com a auréola do martírio.

José, e com ele alguns homens de boa vontade que compreendiam minha doutrina, cujos preceitos divulgavam, tiveram que submeter-se à minha resolução quando se demonstrou que não era possível mudá-la por meio de raciocínios. José, e com ele alguns homens de boa vontade que me rodeavam em Jerusalém, amavam-me e davam-me provas diárias disso. Depois de terem-me franqueado o caminho das honras populares, defenderam-me contra os ódios de casta. Depois de haverem-me defendido dos sectários e dos hipócritas, intentaram defender-me do furor das multidões. Depois de minha morte apoderaram-se de meus restos mortais com a intenção de honrá-los com piedosas demonstrações e impedir uma profanação à minha memória que tornava provável a crença em minha ressurreição corporal, divulgada por fanáticos, aos quais os acusadores e os negadores de Jesus, filho de Deus, teriam querido dar-lhes um grosseiro desmentido.

Meus amigos, pois, não foram culpados de nenhuma maquinação, porém preferiram dar pábulo à superstição antes que abandonar meu corpo à possibilidade de uma mácula, sem dúvida insignificante diante da razão, porém dolorosa para a alma penetrada da emanção humana, para o próprio espírito, comovido ainda pelas expressões fraternais.

Dei livre curso a meus pensamentos, cada vez mais desprendidos da vida de relação e livres dos temores humanos. Minhas formas oratórias tomaram desde este momento uma grande semelhança com as negras imagens e proféticas ameaças

de João. Separei-me repentinamente dessa agradável e plácida expressão do semblante que atraía para mim a confiança e afeto de meus ouvintes, dessa dicção cheia de humildade e de benevolência, que cicatrizava as feridas da alma e provocava as resoluções do espírito. Lancei anátemas, não já como antes, no meio de transições habilmente explicadas e medidas, senão permanentes, por assim dizer, em todos meus discursos. A severidade de minhas afirmações a respeito dos tormentos da vida futura tinha o propósito de evidenciar os excessos da força bruta, certa, em lugar do direito comum. Eu acometia contra todas as alturas, queimava todos os ideais, derrubava todas as autoridades, denunciava todas as potestades da Terra diante das iras de meu Pai predileto.

*“Meu reino não é deste mundo. Os que quiserem seguir-me devem distribuir tudo o que possuem pelos pobres. Felizes os que empobrecem voluntariamente; a luz acompanha-os e a força ampara-os; a graça acumula-os e a virtude coroa-os. Eu sou o consolo e o maná celeste; a luz e o pão da vida.*

*“Os que acreditarem em mim viverão na abundância, o que fugir das honras do mundo será honrado na casa de meu Pai.*

*“Todo aquele que ame aos homens como a seus irmãos, será recompensado, porém os egoístas, os orgulhosos e os hipócritas, os senhores e os poderosos do mundo serão amaldiçoados e atirados como lenha seca no fogo eterno.*

*“Ouvir-se-ão gritos e ranger de dentes, blasfêmias e queixumes; mas Deus permanecerá surdo a todos os brados das trevas e a paz dos justos não será perturbada.”*

Associei à minha glória futura meus discípulos mais íntimos, mas fazia depender o cumprimento de minhas promessas do cumprimento de seus deveres.

*“Reconhecer-vos-ei, dizia-lhes, se tiverdes prestigiado minhas doutrinas com vossas obras e tiverdes semeado virtudes com vossos exemplos, mais do que com vossas*

*palavras; se me houverdes honrado com a humildade e pobreza de vossa vida, com a marcha para Deus de vossos espíritos e com vosso amplíssimo amor para com todos os homens.*

*“Proclamai minha lei, porém dai ao mesmo tempo provas de vossas esperanças, desprezando os bens da Terra e dizendo como eu: nosso reino não é deste mundo.*

*“Acostumai-vos a defender vosso mestre, pondo em prática o que ele mesmo pôs em prática. O exemplo impõe a fé e produz o respeito, muito melhor que as belas harmonias da linguagem e que as mais sólidas demonstrações de espírito a espírito. Os dons do espírito são improdutivos quando não emanam da ciência adquirida em um estado de pureza de intenção e de certeza de vistas; são efêmeros quando não determinam cada vez mais a emanção da fé e do amor.*

*“Predicai minha doutrina, porém sustentai corajosamente o direito que tendes para predicá-la. Este direito consiste no abandono de toda supremacia humana e no sacrifício completo de vossos interesses terrestres.*

*“Dar-vos-ei forças para triunfar de vossos inimigos e minha casa será vossa casa; porém, se vos tornardes prevaricadores da lei, me retirarei de vós.”*

Meus discípulos alcançaram-me e rodeado de todos eles, foi como eu tive um círculo de ouvintes no Templo, e principalmente nas dependências do Templo. Entre eles havia mais denunciadores que verdadeiros crentes.

O costume desses tempos, irmãos meus, era que os homens colocados em evidência por sua erudição e inclinação do espírito para as cousas públicas, se vissem honrados com a atenção dos outros homens, em todas as circunstâncias que lhes permitissem estabelecer novas idéias e sustentar uma opinião já formulada. No templo, as piedosas demonstrações eram seguidas freqüentemente de discussões científicas e de atraentes conferências, porém essas discussões científicas e essas conferências de alto valor não tinham em geral o povo como testemunha. O povo preferia as análises rápidas do que tinha havido nas assembléias, dentro das mesmas assembléias, e a

multidão, quer dizer, o povo menos iluminado, porém mais impressionável, alimentava-se de emoções nos lugares públicos, e principalmente nas galerias do Templo, onde se encontravam reunidos os acessórios de uma devoção ignorante e de excitação para todos os atrativos banais da curiosidade e da vaidade humanas. Como simples chefe de escola eu teria podido inspirar confiança aos homens mais letrados do povo, expondo-lhes o extrato das douradas assembléias e não misturando, senão com prudência, às opiniões de cada um as expansões de meu próprio espírito; mas o sentimento de meu destino era demasiado dominante em mim, para que eu me submetesse à lentidão de um êxito demorado (já falei disto ao referir-me às instâncias de meus amigos ao chegar a Jerusalém). E coloquei-me em frente dos ódios e das vinganças.

A lei judaica não representava a meus olhos senão o código grosseiro de um povo escravizado pelas forças especulativas de duas aristocracias: a da inteligência, guardiã severa da superioridade relativa; a da matéria livre, lutando sem descanso pelos direitos que dão e conservam a posse do mando feroz. Usurpação de classes privilegiadas, ações restritivas da liberdade do espírito humano criado para a liberdade, fanatismo degradante, devotas impiedades, holocaustos sacrílegos, delações e hipocrisias, eu empregava para combatê-las todo o ardor de minha alma, todas as potências de minha vontade, todos os recursos de meu espírito, através das vergonhas morais e das ignominiosas exações.

Sustentava-me nesse ardor de alma calculando os poucos instantes de vida que me restavam e alimentava e mantinha, vivas, essas energias de minha vontade, esses estremecimentos de cólera na lembrança e na contemplação de delituosos desejos, de contagiosas depravações, de covardias e de asquerosidades humanas. As sujeições do espírito me inspiravam um profundo desgosto pela humanidade inteira. Não dizia já: *“Respeitai a lei de César”*, senão: *“Não há mais que uma lei e essa é a que vos trago. Todos os homens são iguais e têm que dividir-se entre eles todos os bens da Terra”*.

A contínua tensão de meu espírito para as honras espirituais ocultava-me o que estes ensinamentos tinham de defeituoso; e depois de dezoito séculos não vejo ainda o mundo de

minhas aspirações senão com a intervenção da ótica de minhas esperanças.

Irmãos meus, a dependência dos espíritos da Terra terá lugar até o momento de sua elevação na hierarquia dos espíritos da pátria universal e façamos ressaltar aqui a aberração do espírito de Jesus, aberração própria de todos os espíritos adiantados, além de examinar as causas e os efeitos destas aberrações. A desproporção das luzes espirituais de um espírito, com a situação temporal deste espírito na natureza carnal, estabelece lutas e transições que se assemelham a perturbações intelectuais.

O espírito oprimido por uma ciência que se excede da força de concepção dos que o rodeiam, desvia com frequência seu olhar dos horizontes luminosos e deixa invadir seu pensamento pelas combinações de ordem material, para associar forças diferentes para a consecução de um objetivo, senão glorioso imediatamente, ao menos aproveitável para uma glória futura. O espírito honrado por produtivas alianças no passado, de visões e de realidades cheias de promessas na hora presente, caminha com passo seguro, especialmente no meio das dificuldades e das insídias que lhe criam e lhe levantam os ignorantes e os perversos. Em seguida este espírito desfalece e não recobra sua coragem senão convulsivamente e atira-se nas extravagâncias das idéias, de acordo com as opiniões dos homens, e dá à lâmpada que possui as dimensões de um facho incendiário. Assim procedeu o espírito de Jesus nos últimos anos de sua vida de Messias.

Para que a aplicação dos preceitos de igualdade e de fraternidade tenha força de lei, em um mundo, é necessário que a maioria dos espíritos desse mundo esteja penetrada da mesma força moral para conseguir idêntico fim. Convém que a espiritualidade se encontre muito acima da materialidade e que esta se encontre livre de todas as deprimentes formas de conservação, assim como de todas as estreitas modalidades do gosto e dos desejos.<sup>1</sup>

1 - Quer dizer que não seja dominado pelo apego à vida material, senão que se mantenha superior ao instinto de conservação e a todas as atrações, gostos e desejos da vida dos sentidos. — Nota do Sr. Rebaudi.

Em uma palavra: A lei de Deus, em sua expressão mais pura, não pode ser posta em prática senão por espíritos perfeitos, que se encontrem em um meio também perfeito.

Jesus era, pois, um mau espírito quando dizia: Todos os homens são iguais e devem repartir entre si os bens da Terra.

Jesus, e depois dele todos os que pronunciavam esta máxima, se têm equivocado de época: Jesus e todos os que queriam ou querem o adiantamento de uma humanidade, não deviam e não devem, em circunstância alguma, determinar ações com teorias não apropriadas à inteligência dos membros dessa humanidade. Permanecemos firmes, irmãos meus, sobre as idéias procriadoras do porvir; façamos resplandecer na solidão de nossa alma o raio de ouro que há de aquecer todas as almas; porém não arrojemos nossas esperanças, nossa ciência, nossa felicidade como brinquedo dos estudos juvenis e procuremos não expor a chama nas paragens em que sopra o vendaval.<sup>2</sup>

O porvir começa na hora seguinte, preocupemo-nos em saber medir bem a parte de cada hora. Não confiemos nossos tesouros sem saber antes a quem os entregamos; não introduzamos no mundo a confusão de línguas; falemos de conciliação e de esperança a todos, porém falemos de liberdade tão-somente com os sábios. A fraternidade sem a luz da fé é impossível. O amor separado da fraternidade universal nada mais é que um simulacro de amor. Descobri a Deus e o sabereis adorar. Descobri vosso destino e vos amareis uns aos outros e Deus vos amará. Consultai a moral que se deduz da lei de Deus e destruí as armas homicidas, em nome da fraternidade dos povos.

Sempre existirão pobres e ricos, chefes e subordinados no mundo Terra, mas a emancipação gradual dará a todos a compreensão, e da emancipação completa surgirá o bem-estar geral.

2 - Do mesmo modo falam os teósofos, ao passo que os espíritas, de acordo com as palavras do mesmo Jesus, “Não coloqueis a lâmpada debaixo do alqueire”, praticam a mais ampla propaganda de seus ideais. Os modernos espiritualistas, pelo contrário, tomam o caminho do meio termo e talvez interpretem melhor assim a idéia de Jesus. — Nota do Sr. Rebaudi.



Jesus tinha que contemplar com impaciência o espetáculo da falsa devoção, da incúria moral, das ilógicas crenças, do embrutecimento dos espíritos e tratava com dureza, nas galerias do templo, aos detentores dos pobres animais destinados ao suplício, aos mercadores de objetos fúteis, de amostras de amuletos de sortilégios e de supostas imagens religiosas.

*“Vós converteis a casa de meu pai em uma caverna de ladrões, dizia ele; e atirava ao chão as bancas, juntando o furor do gesto à cólera da voz e dos olhares.”*

Os corrompidos hipócritas faziam-no sofrer ainda mais e não os perdoava em nenhuma circunstância.

*“Vós sois sepulcros caiados. O olho dos homens não se detém senão nas aparências; porém Deus vê a podridão que reina sob elas.*

*“Vós tendes a doçura nos lábios e o ódio no coração; vossas esmolas, vossas preces, vossas penitências não são senão meios para enganar os homens e gozar de prerrogativas no meio deles. Porém Deus se cansará e vós sereis esmagados sob as ruínas do templo que diariamente profanais. — Sim! — Este templo será destruído e eu construirei outro, que será imortal, porque todos os homens adorarão nele a Deus, como irmãos; porque todos os homens se reunirão na fé, sendo a palavra de Deus eterna e sou eu quem a trago.*

*“Pobres loucos! — dizia Jesus aos homens entregues à vida alegre e ao orgulho; vós destruí o porvir em favor do presente e o presente foge como uma sombra; adornais vosso corpo e desnudais vossas almas; buscais as honras do mundo quando Deus solicita em vão as honras de vosso Espírito. Ajoelhai-vos diante do bezerro de ouro enquanto vossos irmãos carecem de alimentos e de roupas. Agora vos digo: aqueles que agora não pensam senão em cousas inúteis, se verão mais tarde completamente privados do necessário. Os que gozam de honras humanas, no dia de hoje, não poderão pretender senão humilhações no dia de amanhã. E todos os que se comprazem nos gozos carnis,*

*e todos os que colocam sua felicidade na posse das riquezas e do mando, serão os pobres, os deserdados, os párias de uma nova habitação temporal; vós tereis fome e sede, ó ricos egoístas; pedireis descanso, folgazões orgulhosos; e continuareis no trabalho, sem aplacar a fome e a sede.”*

Ai de mim! — Corromperam-se meus discursos, mutilando-os e aumentando-os. Deram-se elementos ao erro, preparou-se a ignorância com a mentira, atribuindo-me as seguintes palavras:

*“Se eu quisesse, destruiria este templo e o reconstruiria em três dias”.*

Quiseram responsabilizar-me por todos os milagres de que me faziam o autor alguns amigos meus e dos quais meus inimigos se valeram para perder-me. Nunca disse nem fiz nada, conscientemente, que pudesse servir de base às pueris crenças na alteração das leis da Natureza, e se eu tivesse cometido este erro, me acusaria dele do mesmo modo que me acuso de fraqueza em minhas relações de afetos, de imprevisão em meus princípios, de loucos entusiasmos em meus últimos atos e do desorientado desespero em minha hora suprema.

Irmãos meus, recordemos aqui as palavras que pronunciei no decurso de minha vida de Messias; tenho que explicar seu alto significado, que não foi compreendido então, e que surge destas mesmas palavras. Referindo os fatos de minha vida de Messias, tenho que repetir palavras já pronunciadas, porque estas repetições delineiam a verdade e só a verdade deve preocupar-nos nesta confiança dada e recebida com a firmeza do livre querer e da respeitosa dependência do espírito humano na luz de Deus. Quais são as fraquezas da natureza e a vaidade dos homens em geral, eles o saberão com real sentimento de verdade, quando esta verdade lhes seja demonstrada pela simplicidade do escritor, pela modéstia e sabedoria do moralista, pela força dos princípios, pela equidade do juízo e pelo acordo da idéia com a expressão da idéia. Terão o sentimento da verdade, quando a verdade não seja mais desfigurada pela mesquinhez e ambições mercantis e pelo esforço

para adquirir honras de celebridade humana.

Da minha livre vontade, da minha tranqüila coragem para demonstrar a verdade no meio dos conflitos terrestres, pensai, irmãos meus, em recolher os frutos e não agraveis vossas culpas, vossa desgraçada situação de espírito, com uma falsa opinião da dignidade humana, e com um deplorável uso dessa pobre razão, de que sempre alardeais tão fora de propósito. De minhas instruções praticai uma análise séria. Não vos atenhais à forma, fazei uma anatomia de seu fundo.

Não critiqueis as palavras, nem as repetições destas palavras; compreendei seu valor e indagai o que elas vos exigem, o que vos trazem, e tudo o que vos prometem em nome de Deus.

Eu era pouco conversador durante minha vida de Messias e meu método de insistir nas afirmações atraiu para mim o apoio dos homens de boa vontade, assim como o desprezo dos homens frívolos, dos homens de orgulhosas prerrogativas, assim como as zombarias odiosas dos devotos hipócritas, a vingança dos ferozes depositários das leis sociais, iníquas e antireligiosas.

Eu repetia-me, é verdade: porém, fazia-o com intenção, e hoje mesmo não poderia penetrar o espírito de meus leitores com os princípios da felicidade espiritual na luz divina, senão com repetições. Hoje mesmo não saberia tornar a dizer suficientes vezes a seguinte máxima que contém todos os elementos da ciência e da felicidade:

*“Mantende-vos na fé e no amor. A fé pede vossa adoração para um Deus forte e poderoso; o amor vos dita os deveres de fraternidade. A fé ilumina o espírito; o amor faz as honras da alma. Vós não alcançareis a sabedoria a não ser pelo estudo de Deus; vós não sereis fortes senão pela concepção da fraternidade”.*

Desanimado a miúdo e enfermo do corpo e do espírito, eu repousava no seio de uma família de três pessoas, da qual a posteridade se tem ocupado tanto, que me parece indispensável endireitar, também neste ponto, muitos erros e suposições.

Saiba-se antes que tudo que meu hospedeiro de Betânia chamava-se Simão e não Lázaro; que se encontrava de perfeita saúde à minha chegada e não leproso. Saiba-se que, durante a

enfermidade contraída depois por ele, Simão nunca chegou aos extremos de ter que passar por morto, e saiba-se finalmente que eu não me prestei de maneira alguma a esta invenção de um milagre.

Eu não conhecia a família de Simão, tampouco a Simão, antes de minha última viagem a Jerusalém, e aceitei a hospitalidade deles de preferência a qualquer outra, porque sua casa situada no sopé da colina, sobre a qual se levantava a cidade de Betânia, oferecia-me uma solidão cheia de atrativos, com a perspectiva, cheia de movimento, de Jerusalém a meus pés. Simão e Marta, sua esposa, não tinham ainda ultrapassado os vinte e cinco anos; Maria, menina de treze anos, era irmã de Simão. Ela reunia a uma grande doçura de caráter e grande tendência para o espiritualismo. Os avós dos dois ramos tinham falecido, pouco tempo antes, muito próximo uns dos outros. O lar tinha o aspecto de uma dor profunda, ainda que silenciosa, quando eu ali me instalei. Marta, encarregada especialmente da direção interna da família, empregava em suas tarefas tanta minuciosidade e um trabalho tão uniforme e executado como que com fadiga, que parecia obedecer mecanicamente a uma força motriz do mecanismo da alma. Simão era de caráter tétrico e a pequena Maria se demonstrava sempre triste, assim como os servidores, que participavam do mesmo pesar de seus patrões. Quis fazer penetrar em meus novos amigos minhas doutrinas e o consegui. Marta foi a mais difícil de convencer. Com essa mulher ignorante e obstinada em sua ignorância, tive que renunciar a toda demonstração séria referente à vida futura; porém manifestei-me tão agradecido a seus cuidados, tão desejoso de satisfazer sua curiosidade, contando-lhe os incidentes e as fadigas de minha vida nômade, tão feliz no que me rodeava que Marta, incapaz para analisar a fé de Jesus, abraçou esta fé como o náufrago que alcança uma terra desconhecida que lhe oferece segurança e repouso.

Maria compreendia minha missão, escutava minhas conversações, ajoelhava-se diante de mim quando os demais me rodeavam e procurava apoderar-se de meu pensamento, antes que ele tivesse tomado as formas da expressão. Meu olhar se fixava ternamente nesse semblante fresco, coroado por uma fronte pensadora, como uma auréola reveladora do passado e do porvir. Quando Marta se assombrava da atitude livre e grave da menina,

eu a repreendia docemente, fazendo-lhe compreender que as diferenças no modo de manifestar-se nascem das distâncias que separam os espíritos.

*“Honra-te, Marta, pelo cumprimento de teus deveres, porém deixa esta menina expandir-se em meu amor. Cada um de nós deve acumular tesouros no meio da posição que lhe foi indicada pela divina justiça.”*

As relações de Jesus, irmãos meus, têm dado lugar muitas vezes a afeições moderadas, porém com freqüência também a afeições entusiastas, que repousavam umas sobre a fé religiosa manifestada com uma voz simpática, sobre uma doutrina amplamente aplicada às necessidades do coração e as aspirações do espírito, as outras sobre a difusa aliança da esperança em Deus e do impulso para a criatura; sobre a dilatação dos sentimentos humanos, evitada sua explosão pelo pudor da alma, ou dirigidos para um nobre objetivo por uma natureza superior à que os exteriorizava.

Vejo-me obrigado a ocupar-me dos atrativos carnavais dissimulados pelo cunho religioso, porque desejo afinal falar de Maria de Magdala.

Se não pude ainda informar meus leitores a respeito de uma personalidade tão intimamente ligada com a minha, é porque devia fazê-lo de uma forma seguida, com a ilação necessária para conservar-lhe a importância que os fatos lhe deram. O momento parece-me agora oportuno para esta referência.

Em todas as cidades e povoações da Galiléia reuniam-se, em dias fixos, homens de boa vontade com o objetivo de fazer leitura da lei e explicar seu espírito. Estas assembléias livres, em que todos podiam pedir e obter a palavra, adquiriam novos elementos de discussão com a presença de oradores estranhos ao lugar. Estas assembléias chamavam-se sinagogas. As sinagogas convertiam-se freqüentemente em ponto de reunião dos que procuravam popularidade, e não estava em realidade a gente suficientemente compenetrada da santidade do lugar. Deixando de lado estes abusos inevitáveis, a sinagoga oferecia o quadro consolador da ligação do mundo religioso com o mundo material, da humanidade que se humilha diante de Deus, com o fim de

pedir-lhe a ciência para compreendê-lo e adorá-lo.

Certa ocasião em que eu visitava uma sinagoga no perímetro que se estendia de Tiberíades a Cafarnaum, senti-me quase importunado pela atenção de que me fazia objeto uma mulher. Essa mulher, colocada em minha frente e a curta distância, dirigia-me um olhar, cuja luz e persistência obrigavam-me a baixar o meu. Esta mulher era alta, jovem e bela. Esta mulher, nascida na Galiléia, havia chegado recentemente de Sídon.

Tendo ouvido falar a meu respeito, divertiu-se muito ao saber das prerrogativas que eu atribuía a mim mesmo; depois ela pretendeu estudar-me primeiro para unir-me depois à vergonha de sua vida. A terceira experiência de Maria relativa à minha pessoa teve por efeito fazer-me sua alma querida e que esse espírito, ainda distante da alma, pareceu-me digno de alcançá-la. A alma de Maria sofria pela abjeção de seu espírito. O espírito de Maria estava pervertido pelo amor impuro, bestial e delituoso dos homens. Quis dar a essa alma e a esse espírito o impulso de um amor que resplandece da chama divina, para resplandecer na imortalidade do porvir; mas, ai! Maria, dando o adeus, para sempre, aos seus desejos de loucas uniões e de alegrias intemperantes, caiu sob o jugo de uma paixão humana, da qual a alma não teve consciência, e que o espírito se obstinou em chamar paixão divina.

Depois do nosso terceiro encontro, Maria pediu-me permissão para seguir-me como faziam algumas outras piedosas mulheres que se juntavam aos meus discípulos. Eu consenti e prometi facilitar-lhe sua conversão com meus conselhos e meu apoio. Muito tempo depois me apercebi do amor carnal de Maria. Deus deu-me a força para manter-me em minha posição de pai e de consolador; mas ela, pobre mártir, tinha que esgotar todas as amarguras do remorso, sofrer todos os desvanecimentos do espírito, todas as desesperações da alma.

Maria de Magdala levava uma vida desordenada, andava já por sete anos, quando a conheci. Ela confessou-me seu envilecimento sem acrescentar à sua confissão detalhes fastidiosos, que nos teriam embaraçado, e em seguida narrou-me sua infância com a delicada franqueza de uma alma ingênua e pura. Eu nunca me havia enganado em meus primeiros juízos a respeito deste conjunto de graças comovedoras e de crueldades

vergonhosas. Eu não me enganava descobrindo um tipo nobre e casto sob a nódoa de imundos amores. Mas caí no engano ao crer que Maria seria toda de Deus, e tive necessidade de ser amparado por poderosas alianças espirituais para não ser vencido por uma afeição terrestre. Maria tinha vinte e quatro anos quando a vi pela primeira vez. Quando minha mãe veio a Cafarnaum, Maria de Magdala já havia sido recebida por meus discípulos e constatei com alegria o acolhimento natural e benévolo das duas mulheres que amei mais que tudo sobre a terra. Quando tive que demonstrar aspereza à minha mãe porque queria fazer-me renunciar a meus trabalhos de apóstolo, encontrei Maria banhada em lágrimas entre os braços da abandonada. Elas prometiam-se mutuamente uma dedicação inalterável e mantiveram sua palavra.

Maria não se encontrou comigo nas núpcias de Canaã, porém, acompanhou-me em minha última visita a Nazareth e nunca mais me deixou desde então. Voltaremos a vê-la em Jerusalém e a introduziremos na casa de Betânia, onde foi testemunha de tudo o que se passou entre a família de Simão e eu.

Esta família, constituída de três pessoas, cumulava-me de cuidados e de respeitosa ternura, multiplicava-se externamente com naturais afinidades e com simpáticas relações sociais. Esta família de três pessoas, cujos corações eu tinha reanimado e iluminado os espíritos, demonstrava-me diante de todos a homenagem de uma gratidão entusiasta, e é a um excesso de honras tributadas a meu caráter de apóstolo que deve meu amigo a mancha que acompanha sua lembrança entre os homens.

No número dos parentes de Simão, cuja lembrança me é cara, cito Dalila, esposa de um irmão de Marta, Eleazar, primo de Simão e Alfeu, também primo de Simão, porém que vivia em Jerusalém, ao passo que Eleazar habitava em suas cercanias. Do mesmo modo que Simão, também Eleazar não era leproso.

Alfeu tornou-se um dos meus fervorosos discípulos. Era um homem de elevada moralidade e lhe sou devedor de tanta felicidade íntima pela união de nossos espíritos, como de gratidão pelos atos exteriores de sua obsequiosidade.

Dalila, santa e sublime mulher; Ana, minha querida Ana, sempre tão ativa e enérgica, recebi as duas, aqui, o testemunho de minha palavra como reconhecimento de vossa virtude na fé e no amor!

Ana não fazia parte do parentesco de Simão; mas ela e seu marido foram-me dedicados desde a época em que os encontrei na casa de Betânia; o marido prestou-me muitos serviços em Jerusalém. Chamava-se Gabes.

Meus amigos de Jerusalém palmilhavam com freqüência o caminho de minha morada em Betânia, por haver julgado eu, depois de alguns dias de agitação, que se tornaria necessário afastar-me do meio das massas para fazer que meus discípulos se compenstrassem melhor da grandeza do ato que estava para cumprir. Eu o procurava assim com graves discursos, com a solenidade do enviado divino, com formas simbólicas, com palavras profundas e fáceis de interpretar de diferentes maneiras, para reunir todos os homens, fortes e fracos, livres e supersticiosos, no sentimento de meu elevado destino. Se tivesse falado unicamente de maneira a fazer-me compreender dos que raciocinavam a respeito de minhas doutrinas e dos títulos que eu tomava, haveria fracassado ante a posteridade e minha luz ter-se-ia apagado com o sopro do furacão que estava por arrebatá-lo corporalmente.

Eram-me necessários os partidários do maravilhoso para sustentar o pedestal sobre o qual se levantaria minha filiação divina. Eram-me necessárias massas ignorantes para arrastar as fantasmagorias dos homens mais ou menos sinceros em seus juízos, mais ou menos interessados em seus cálculos. Eu compreendia a necessidade de empregar um silêncio hábil com respeito aos erros que assinalariam minha personalidade com um distintivo divino, e o interesse do porvir seria o que me indicaria as atitudes que devia tomar, os gestos, a frieza, a força, em meio das demonstrações furiosas, das acusações estúpidas brotadas do ódio, da embriaguez amorosa, dos dislates da credulidade, da alteração das leis naturais. Porém, confiava no meu caráter de Messias para aplinar o caminho a meus sucessores, contando com sua clarividência e com sua probidade. Eu queria, ao oferecer-me como vítima sobre o altar de Deus, agitar mais e mais essa multidão de ímpios e delinqüentes que em todos os tempos sujam seus lábios com a mentira e fazem transbordar o ódio de seus corações; porém tinha sobretudo em vista o confiar a meus fiéis mais inteligentes a consolidação de minha obra depois de minha morte.



*“Esta obra é vossa obra, eu dizia-lhes. Meu Pai nos abençoará juntos e a graça nos fará os guardiães do porvir até à consumação dos séculos. A graça adquire-se com a renovação das provas e com os espontâneos impulsos da alma para as verdades eternas.*

*“A graça converte-se no santuário do pensamento, na barreira intransponível da virtude, quando o pensamento se alimentou, de habitação em habitação, com as investigações intelectuais do espírito, referentes à sua sorte, e quando também a virtude aumentou, de etapa em etapa, com a segurança de sua marcha no meio da escuridão e dos perigos.*

*“O pensamento não se apaga. Segue através dos mundos, comunica-se nos espaços, liga entre si os espíritos, sanciona o princípio de fraternidade e realiza milagres de amor.*

*“Permaneci, pois, convencidos de minha presença, ainda quando já não me vejais, e chamaí-me sempre o Senhor nosso Pai; reparti o pão e o vinho, como se meu corpo ocupasse o lugar que hoje ocupa, e dissei: este é seu sangue; esta é sua carne. E meu espírito se alegrará e o lugar vazio será ocupado, porque o desejo determina o desejo e o pensamento se introduz no pensamento, mediante o mútuo desejo.*

*“Agora vos digo: A graça obtém-se com a fé e com o amor. Aquele que crê em minha palavra que dê às minhas palavras um sentido que eu não lhes dou agora, com o propósito de semear divisões entre os homens para tomar uma posição de autoridade no mundo, se converterá em meu inimigo e eu lutarei contra ele e derrubarei seus projetos. Suceda isto em um tempo ou em outro, Deus medirá a intensidade da derrota a infligir-se de acordo com a duração da ofensa. Deus fará resplandecer sua luz no meio das trevas de acordo com a quota dos desejos que se agitarem no seio das sombras e com a quota dos pedidos que se tenham formado. Então Deus chamará a seu filho amado e o filho voltará em espírito entre vós, e línguas de fogo passarão sobre vossas cabeças, para*

*instruir os homens de boa vontade, como eu faço hoje.”*

.....  
.....  
.....

Nicodemus dava às suas visitas uma forma misteriosa que acusavam seu coração e seu espírito de fraqueza e de considerações humanas. Favorável a meus projetos do porvir, temia as efervescências do momento. Admirador apaixonado de minha doutrina, não se haveria, sem embargo, atrevido a sustentá-la diante dos demais; porém comigo e com meus discípulos, Nicodemus expandia-se e levava aos espíritos a convicção de que se sentia honrado por minha amizade, porque eu mesmo me via honrado pela filiação divina.

José de Arimatéia amparava-me com todo o calor de sua alma, com toda a veemência de um pai terno e infatigável, como assim também com toda a sua importância social. Fazia causa comum comigo e se haveria também exposto à morte, se eu não lhe houvesse demonstrado, de uma maneira peremptória, a inutilidade de seu sacrifício e a necessidade, pelo contrário, de seu concurso depois do meu desaparecimento. José de Arimatéia era com quem eu mais contava para dirigir o que eu havia fundado e tudo o que pretendia afirmar com minha morte corporal e com minha ressurreição em espírito. José era o meu confidente mais seguro e precisava de sua inteligência para tirar partido das menores circunstâncias favoráveis à nossa causa, como também de sua dedicação em cumprir e em fazer cumprir minhas últimas disposições. José me havia recebido menino para ajudar os desígnios de Deus a meu respeito; ele teria também que, ao receber meu corpo privado de vida, continuar a servir a Providência com os obstáculos que poria aos propósitos delituosos dos homens.

Marcos pertencia a uma família de boa posição de Jerusalém. O pai ocupava um emprego importante de governo apesar de ser hebreu, porque os romanos nesses tempos não estabeleciam diferenças entre os homens de nacionalidade e religião diferentes, sempre que eles lhes pareciam merecer serem elevados, pela inteligência do espírito e elevação do caráter. Os

romanos, por outra parte, desdenhavam a opinião dos homens que submetiam sob seu domínio, e buscavam sempre os mais hábeis para desempenhar os deveres dos cargos importantes.

Jerusalém tinha sido agitada por graves sedições populares; porém, na hora a que chegamos, ela apresentava um aspecto de completa calma. Persuadidos da inutilidade de seus esforços, os hebreus suportavam com paciência um despotismo orgulhoso. Este despotismo não chegava a exercer pressão sobre as crenças religiosas, pois, pelo contrário, todos os credos encontravam apoio na indiferença dos governos. Jerusalém, como todas as dependências do Império, encontrava-se sob a tutela de um depositário dos poderes de César, governante sem controle e absoluto, em seus juízos como em suas disposições. A responsabilidade da administração civil pertencia, certamente, a uma magistratura tirada das escolas sustentadas pelo Estado, porém a mesma lei se curvava diante destes invasores arrogantes, que não conheciam outra moral a não ser a sua própria vontade e não conheciam outro obstáculo para sua vontade que o da força material.

O direito, a lei, eram letra morta para esses bárbaros quando se tratava de satisfazer um capricho do superior ou de esmagar um escravo rebelde. Os tempos destes bárbaros atropelos não desapareceram ainda e isto é o que me faz deter aqui para condená-los. A guerra e seus horrores devastam ainda o mundo da Terra; eis por que aproveito a ocasião para amaldiçoar as instituições de minha época; eis por que me refiro à história geral ao escrever a minha.

Para ingressar nas escolas era necessário ser parente próximo de algum soldado morto ao serviço da pátria ou que se encontrasse ainda sob as armas. Qualquer outra consideração, como seja: condição social, religião, nacionalidade, não tinha importância. Os estudantes tinham que exercitar-se no manejo das armas e recebiam uma soma em dinheiro se se alistavam voluntariamente. O serviço militar obrigatório não estava em vigor para eles.

Marcos, o estudante, era quase um revolucionário, tanto detestava todas as opressões. Eu o conduzi para o sentimento religioso, fazendo-o saborear os atrativos de uma doutrina que ensinava a fraternidade entre os homens sob a dependência da

paternidade divina, que aconselhava o valor na adversidade, a modéstia no meio da fortuna, o desprezo pelas injúrias, a comisseração para todos os culpados. Marcos não me amou, senão que me adorou. Eu havia-me ligado muito facilmente a duas naturezas ingratas. Recolhi horríveis desenganos, devido principalmente à minha primitiva facilidade de observação. Derramei amargas lágrimas pela fragilidade de algumas relações, pela fraqueza de minhas preferências, mas gozei também das delícias de profundos e duradouros afetos, e nesta história, com freqüência penosa, elas voltam à minha memória, com emoções igualmente agradáveis, às que experimentava quando a sua realidade reanimava meu espírito intumescido, consolava meu coração, levantava minha coragem, apresentando-me à Humanidade sob seu mais nobre aspecto.

Marcos esqueceu por mim sua fortuna, que não podia oferecer-me, porque ainda não gozava dela, sua família, que o tratava como um visionário, seus companheiros de prazeres, seus hábitos ociosos, suas fantasias, suas distrações e também suas horas de trabalho, que dizia substituí-las vantajosamente permanecendo a meu lado. O belo caráter de Marcos deveria ter produzido a mais favorável impressão em meus discípulos; pelo contrário, muitos tiveram ciúmes devido ao nosso recíproco afeto; outros não viram no abandono de sua posição mundana mais que uma fraqueza momentânea de suas faculdades intelectuais; outros procuraram os motivos deste abandono na paixão que devia ter-lhes inspirado alguma das mulheres que faziam parte do círculo de meus ouvintes. Em troca José de Arimatéia regozijava-se do que ele chamava uma conversão, e os mais clarividentes, os mais preparados, amaram e respeitaram ao valoroso discípulo de Jesus, que o seguiu até o Calvário, que beijou seu corpo ensangüentado e desfigurado, que ajudou a José e a Nicodemus na tarefa noturna, que morreu jovem, oprimido pela dor, cheio de esperanças, porque Jesus tinha morrido e ele bem depressa tornaria a vê-lo.

A facilidade de juntar-nos dava atrativo às nossas reuniões e nossa liberdade não foi nunca perturbada por visitantes indiscretos, nem por preocupações de perigos imediatos. Meus discípulos de Galiléia e eu formávamos uma só família. Nesta família é preciso incluir as mulheres vindas também da Galiléia, a qual constituía um conjunto bastante complexo; porém a casa de

Simão era vasta, posto que muitas casas coloniais dependiam da habitação principal. Nomeemos as mulheres vindas de minha querida Galiléia para servirem-me até à minha morte. Passemos rapidamente por cima das primeiras informações e fechemos este capítulo, irmãos meus, com o sentimento de nossa grandeza espiritual. Breve nos tornaremos a ver por efeito desta grandeza, que derrama a luz divina sobre as fraquezas humanas. As mulheres vindas da Galiléia eram: Salomé, Verônica, Joana, Débora, Fatmé e finalmente Maria de Magdala. De Salomé já falei; Verônica era viúva, ela havia cuidado de mim como a um irmão e respeitado como a um apóstolo de Deus, desde os primeiros dias de minha permanência em Cafarnaum. Joana, Débora, Fatmé, muito jovens para encontrarem-se ao abrigo das calúnias, riam-se delas, porém com afabilidade, derramando sobre todas, e sem preferências, os atrativos de sua espiritualidade, a generosidade de seus corações. As três gozavam de um discreto bem-estar e diziam, rindo-se, que nós éramos seus irmãos e nos correspondia uma parte desse bem-estar, como mais tarde o teríamos no reino de Deus.

Minha mãe encontrava-se em Jerusalém desde alguns dias, porém eu não o sabia. Eu havia-lhe exigido o sacrifício de que não me seguisse e que esperasse um aviso meu. Porém Maria de Magdala mantinha relações com minha mãe, e, para combinar melhor os meios de arrancar-me à morte, ela pediu com insistência para que se trasladasse para uma casa das proximidades de Jerusalém. Meus irmãos José e Andréa foram também a Jerusalém. O firme propósito deles era o de apostrofar-me e de desmentir publicamente minhas palavras, insinuar à multidão de que eu me encontrava tomado de loucura, para reclamarem a força a fim de separarem-me da companhia de meus discípulos. Esta conspiração era por mim bem conhecida, assim é que preparei-me para fazê-la fracassar e resolvi para este fim permanecer mais tranqüilo ainda em meu retiro. As duas Marias ignoravam o projeto de meus irmãos. Elas tinham esperanças na intensidade de seu amor, para fazer-me descer da glória de Messias à ignomínia da fraqueza. Para mim, o perigo era este e a luta tinha que ser horrível.

Irmãos meus, no duodécimo capítulo deste livro vos exporei minhas últimas lutas da carne com o espírito; minhas supremas angústias de homem; minhas indecisões no sacrifício e,

finalmente, a vitória definitiva da espiritualidade sobre a matéria.

Nós faremos também de minha morte, precedida de tantas tentações dirigidas à natureza humana, o objeto de um estudo profundo sobre o martírio imposto a um homem pelo homem, e tiraremos esta conclusão indestrutível, que a vida humana encontra-se sob a dependência de Deus, e que destruí-la é infligir um insulto ao Criador.

Irmãos meus, vos abençôo em nome de Deus nosso Pai.

## CAPÍTULO XII

***Causas da morte de Jesus. Oposição de sua família e amigos a seu decidido propósito de pôr termo a seu messianismo com o martírio. Seus irmãos pretendem fazê-lo passar por louco, mas ele consegue da mãe que os retenha na Betânia. Prossegue entretanto o Mestre, com afinco, a exposição de suas doutrinas, fustigando os sacerdotes, de qualquer religião que eles sejam, que se apóiam na força e chegam até ao homicídio para impor o que eles crêem ser a luz de Deus, quando ele ordena pelo contrário: “Não matarás”. Fustiga do mesmo modo os depositários da força pública, que não a cumprem para o bem de seus subordinados. Jesus, entretanto, pressentia a proximidade de seu fim e não perdia tempo, ativando pelo contrário sua propaganda.***

Irmãos meus, as causas de minha morte podem definir-se assim:

*“O delito de Jesus, no passado, foi o de facilitar as sedições populares, propalando por intermédio dos sacerdotes, suspeitas de conivência com os pagãos.*

*“O delito de Jesus, mais tarde, foi sua inclinação para o culto fundado pelo próprio Deus, e esta inclinação para o culto resultou de maior gravidade e de maior poder de*

*sedução pela qualidade de filho de Deus que Jesus se atribuía.*

*“A lei mosaica tinha que alcançar a Jesus a quem tinham que infligir-lhe o suplício da lapidação. Porém, a opinião da casta sacerdotal precisava da adesão dessa mesma autoridade que com freqüência se desinteressava das questões que suscitavam entre os hebreus, e precisava-se também do concurso popular para o cumprimento da vingança do clero. Pelo que tomaram-se das últimas pregações de Jesus provas de culpabilidade como perturbador e abolicionista das leis civis, além das religiosas, para fazê-lo cair sob a jurisdição de Pôncio Pilatos, procurador romano. E perante o povo Jesus foi acusado de sedução e pacto com o espírito das trevas”.*

Refiro aqui os motivos de minha condenação, motivos cujo valor discutirei depois, ao mesmo tempo que darei uma explicação de cada um dos delitos que me imputavam, por efeito de uma reprodução inexata de meus ensinamentos. Isto nos conduzirá a extensas explicações e terei que honrar a coragem de meu intérprete, que sofrerá por estes minuciosos detalhes, mais do que tenha sofrido por causa das anteriores pressões de meu espírito.

José e Andréia preparavam as humilhações que amarguei mais tarde, referindo lamentáveis episódios de minha infância, referentes aos últimos dias de meu pai e ao abandono de minha mãe. Eles agregaram à expressão de sua falsa piedade pelo que designavam como minha pobreza intelectual, a difamação de minha vida íntima e de minha qualidade de filho de Deus, por meio de vis espionagens, com juízos desleais e com uma designação burlesca em lugar da que eu havia tomado.

Não busquemos, irmãos meus, nos livros do antigo estilo uma explicação do título de filho do homem, que se me outorgou por escárnio, como acabo de dizer. Desembaracemo-nos das tenebrosas histórias para poder elevar nossa narração até à simplicidade do espírito, que tudo o esclarece, Não levantemos, por outra parte, uma desaprovação demasiado severa sobre certas personalidades desde que o fermento das idéias e o impulso do espírito resultam muito a miúdo de causas obscuras para a

inteligência humana. Defendamos nossa alma e nosso espírito contra todos os entusiasmos e contra todo o preconcebido. Façamos distinção entre as diversas graduações, porém não maldigamos ninguém. Façamos da vida de Jesus um código de moralidade para todos os homens e esforçemo-nos em demonstrar que a vida humana deve ser respeitada, porque ela é uma emanção da alma divina. A vida humana encerrada nos limites impostos pelo Criador é um descanso em meio do caminho da imortalidade. A vida humana deformada pelo vício, encurtada pelos excessos, torturada pelos ódios, despedaçada pelo delito, representa uma espantosa falta de razão que revela a bestialidade da natureza, ainda não domada a tendência para a bestialidade primitiva, por causa de um regresso na ordem ascensional; as duas, bestialidade de natureza e bestialidade regressiva, constituem os verdadeiros flagelos do mundo. A primeira revela a força brutal da besta; a outra dirige as tendências da besta como que para fazê-las mais mortíferas. As duas desenvolvem, mediante o contato, os males asquerosos da alma, do espírito e do corpo; as duas marcham entre o sangue, alimentam-se de orgias, adormecem, vencidas pela saciedade, sobre ruínas.

Representando-vos a Jesus nos últimos momentos de sua vida de Messias, irmãos meus, não alimento a idéia de chamar vossa atenção tão-somente sobre Jesus, porém, sim, peço que todos os que leiam estas páginas reflexionem profundamente a respeito dos ensinamentos que elas oferecem à sua consideração. Não tenho mais que um propósito, e este é o de converter em melhores aos homens, propósito que será alcançado se eles meditarem sobre minhas palavras.

Defino as feridas de minha alma para caracterizar a aproximação que existe entre as almas humanas. Explico a culpável intenção dos que me desconheceram para voltar a trazer para uma suave resignação aos que se vêem caluniados. Declaro inimigos meus aos perspicazes, aos orgulhosos, aos depravados, reconhecendo em troca como novos discípulos aos homens de boa vontade, aos humildes, aos deserdados de bens do mundo, aos famintos dos tesouros eternos. Sempre digo: O que não é por mim é contra mim. Felizes os que fazem provisões para a vida futura e que caem na pobreza voluntariamente durante a vida presente; o reino de Deus pertence-lhes. Buscai, e encontrareis; batei, e abri-



se-vos-á. A luz e a verdade são dons de Deus, espalhai-as amplamente entre todos os que as solicitam, com o ardor de uma alma livre e com um espírito desejoso das cousas celestes. Porquanto eu sou sempre o Messias, filho de Deus, que baixa da luz para amparar tudo o que já amparei, para defender tudo o que já defendi, para combater tudo o que por mim já foi combatido. Porquanto eu venho para destruir e para reconstruir, para demonstrar a meus discípulos qual é o reino a que eles devem aspirar. Tal reino não é deste mundo. Não há mais lugar para equívocos. O espírito liberto das sombras da natureza humana ilumina-se de luz divina, não lhe sendo já possível desviar-se por ignorância nem diminuir-se por temor das crueldades dos espíritos humanos. Este espírito, desde a elevação no meio da qual Deus o admitira, baixa a este mundo para trazer-vos a concórdia e a esperança, proclamar a imortalidade e o amor universal, em nome de Deus.

Volvamos, irmãos meus, ao ponto em que vos deixei no final de meu último capítulo.

A tranquilidade de que eu gozava na Betânia parecia-se ao silêncio que precede às explosões, porque em Jerusalém, o ódio surdo dos sacerdotes começava a manifestar-se ostensivamente e o povo, de cujas simpatias eu gozava desde as bravatas que lançara nas proximidades do Templo, prestava ouvidos complacentes aos murmúrios que se faziam correr a respeito da inépcia e falsa virtude de minhas máximas, da vaidosa pretensão de meu espírito, que eu me haveria comprazido em evidenciar, conjuntamente com as demonstrações de minha pobreza e abnegação corporal. Minha mãe encontrava-se em Jerusalém devido a um chamado de Maria de Magdala. Ela era tomada nesses momentos duma inquebrantável vontade. Negou-se a voltar para Nazareth e me vi obrigado a contemplar até minha morte essa sua tristeza que constituía uma viva censura para meu sacrifício, essa dor que penetrava em minha alma, enfraquecendo-a. Maria de Magdala empregava, ante mim e minha mãe, toda essa energia que pode arrancar-se da paixão e de toda essa doçura e suavidade que nasce da prece. Retorcia-se nos espasmos do desespero ou ajoelhava-se piedosamente para pedir a Deus o poder de abalar minha resolução. Ela arrojava-se a meus pés, para manifestar-me, com voz baixa e trêmula, toda a felicidade de um amor puro, porem

invasor dos ímpetos da alma e das faculdades do espírito. Depois levantava-se, abraçava minha mãe e cobria-a de beijos frenéticos e suplicava-me que salvasse as duas da morte e do inferno, aonde seriam arrojadas por meu suplício e minha glória.

A repetição de tais demonstrações produzia no meu espírito o efeito de acidentes que interrompem o curso dos pensamentos. Sentia-me prostrado pela emoção quando algum feliz abalo vinha arrancar-me dos braços maternos que pretendiam reter-me com seu contato ardente, capaz de tornar-me louco ou covarde.

Maria de Magdala não era estimada somente por minha mãe: todos os meus discípulos e as mulheres vindas da Galiléia a estimavam. Marta, Simão, a jovem Maria notavam nela as sólidas condições da mulher desenganada e cansada dos prazeres mundanos, ao mesmo tempo que descobriam-lhe o semblante resplandecente pela graça e suaves condições da alma. Maria de Magdala era mais instruída que a maior parte dos que me rodeavam. Ela me era devedora do desenvolvimento de seu espírito e da certeza de seu conhecimento, porém, ainda antes de nos havermos encontrado, ela possuía já mais conhecimentos do que possuíam em geral as mulheres desse tempo. Maria teria sido perfeita sem a concentração de sua alma para uma pessoa, se bem que amava, apesar de tudo, a Deus com sinceridade. — Pobre Humanidade!

Propus a minha mãe que me acompanhasse a Betânia, para que não oferecesse a meus irmãos um apoio com sua presença, porquanto não dissipava neles o desatinado propósito de seguirem-me. Pus deste modo fim às nossas penosas reuniões.

Minha mãe dedicava-me mais carinho do que aos seus outros filhos. A elevada opinião que ela formara a respeito de meu destino, quando meu tio Tiago quis participar de meus trabalhos e de meus perigos, serviu para exaltar esse sentimento filho dos cuidados e inquietações que lhe havia proporcionado o mais débil e menos simpático dos membros de sua numerosa família.

Depois de nossa última entrevista em Nazareth, minha mãe alimentava um só desejo: salvar-me da morte. A descoberta que ela fez do profundo afeto de Maria proporcionou-lhe uma esperança à qual associou todos os outros recursos pessoais, que considerou úteis para seus fins. — Mãe infeliz! — Cem vezes

mais infeliz que se houvesse compreendido desde o princípio a inutilidade de seus esforços. — Mártir humilde! — Mártir cujo martírio foi cem vezes mais cruel do que se houvesse aceitado, como uma ordem de Deus, a renúncia e a separação.

Irmãos meus, a expansão de uma alma de Deus não basta para dar-lhe a suprema compreensão da fé, e minha mãe, minha terna mãe, impregnada das teorias de uma religião imperfeita, não podia, apesar de sua confiança em mim, renunciar a tudo o que havia acreditado e praticado até então.

A liberdade da alma adquire-se por meio da força intelectual do espírito. Por força intelectual não entendo as aptidões mais ou menos pronunciadas para o estudo das ciências exatas, senão o impulso positivo da idéia para a solução de tal ou qual problema colocado no campo do infinito; entendo determinar a força intelectual do espírito, alimentando-a com o desejo fervoroso de conhecer as origens e imprimindo-lhe o cunho de uma vontade inalterável de avançar sempre e mais.

Repelir uma crença que se apóia tão-somente sobre velhos preconceitos e errôneas referências, para abraçar uma fé radiante de verdade, no meio de um céu de luz fascinadora e infinita, é um fato que não pode produzir-se senão com a derrocada das aspirações materiais, com a absorção do princípio terrestre do espírito efetuado pelo princípio espiritual do mesmo espírito. É então que se rompem as sujeições da alma e que ela, possuída de sua liberdade, segue o espírito que se encontra na posse de suas forças.

Deus não se revela à alma que, embora amante, se torna escrava de um espírito que age unicamente por solicitações e não por própria ciência e consciência. Deus, pois, não se revelava senão em parte, à mulher piedosa, porém ignorante das fadigas que transportam para as delícias da fé, dessa fé sem contradições e sem terrores, que paira acima dos perigos e sorri no meio das torturas, que recebe luz de origem divina para cumprir todos os deveres, destruir todas as humilhações, avançar para todos os heroísmos.

Se minha mãe houvesse facilitado minha missão com sua fé, irmãos meus, ter-me-ia poupado uma grande amargura durante as lutas de meus últimos dias, entre as recordações da vida que fugia e as promessas da vida que se aproximava. Se minha mãe e

Maria de Magdala se tivessem associado em toda a plenitude da fé, dentro de minhas crenças, meu espírito ter-se-ia mantido à altura de minha família espiritual, mas pelo contrário a tendência carnal desses dois amores diminuiu minhas forças e preparou minha fraqueza sobre o madeiro do sacrifício. Minha fé não se dobrou. Quando a fé se estabelece sobre a realidade demonstrada materialmente, não pode enfraquecer-se; mas a natureza humana humilhava tão profundamente o espírito agitado sob a pressão das fantasias contraditórias, que tinha que fazer um esforço para reconquistar essa liberdade tão querida e tão necessária para um apóstolo de Deus.

A dependência dos espíritos aumenta em relação com a inferioridade do mundo em que habitam, e acrescento que apesar das luzes espirituais e da força intelectual de um espírito, ele tem que sofrer mais ou menos deploravelmente pelas sombras lançadas sobre seu ideal e pelos assaltos dados às suas convicções, em um mundo em que todas as crenças religiosas se traduzem tão-somente com demonstrações referentes ao passado, ao porvir, ao presente e à honra do espírito.

A família dos homens é constituída de alianças sem homogeneidade e sem força coletiva para alcançar seu objetivo. Estas alianças se convertem em lamentáveis provas para os espíritos honrados com a elevação alcançada precedentemente na jerarquia moral e intelectual.

No exercício de sua liberdade o espírito encontra a calma necessária para a sua fé, o ardor para as concepções atrevidas e a decisão para dirigir sua obra. Porém, pode acaso esta liberdade ser completa e duradoura? Desgraçadamente, não! — Não, porque a triste dependência dos espíritos, uns dos outros, deve existir para o estabelecimento da justiça de Deus nos mundos em que a destruição das espécies inferiores por outras espécies superiores, assinala uma marcha progressiva até chegar ao homem; nos mundos em que a enorme desproporção dos espíritos entre si provém de causas laboriosamente definida pela ciência que demonstramos, ciência que reconhece a imutabilidade das leis naturais. Agora, constituindo uma lei deste mundo a dependência material para os espíritos, ninguém pode iludi-la, e o espírito superior que se encontra aqui de passagem, conquista uma liberdade provisória ou se entristece na escravidão de sua vontade.

As fraquezas da fé são inerentes a toda a crença sustentada com o auxílio de concessões da razão. As fraquezas na fé constituem motivos de constantes esforços para todos os que praticam uma religião sem compreendê-la. O fanatismo, que consiste em uma fé ardente privada da razão, deve ser considerado como uma enfermidade do espírito. A fé verdadeira jamais se separa da razão. Ela assinala uma personalidade convencida dos atributos divinos e esta personalidade vê-se obrigada a curvar-se perante os deveres que daí lhe resultam.

Qualquer que seja a causa diretriz do dever, ela é o resultado de lutas, de claudicações, de faltas anteriores do espírito, e os deveres futuros do mesmo espírito se constituirão do mesmo modo, sobre a base de seus meios atuais. Somente com muita lentidão a natureza humana pode desprender-se de suas tendências carnisais, pois só a fé verdadeira proporciona o estímulo da coragem, a perseverança nas empresas, o desprezo pelos perigos, e o estudo dos deveres torna-se cada vez mais fácil, a matéria desgasta-se ao conquistar o espírito novas posições, o qual se eleva de etapa em etapa até o aniquilamento da matéria. Irmãos meus, a fé verdadeira honra a inteligência laboriosa que percorreu diversos caminhos, os quais lhe serviram de protetores. A fé verdadeira é o prêmio de todos os espíritos anciãos, cujo adiantamento intelectual não se vê deprimido pela decadência moral.

Fé resplandecente! Tu nos confias o segredo de nossos destinos. Tu nos dás a explicação de Deus, da sublimidade de suas leis, do poder de sua justiça e de seu amor; tu apontas o dever com a certeza de seres compreendida... O dever descansa no cumprimento da lei geral e nas obrigações morais, estabelecidas em nome dos princípios do direito individual. A lei geral, princípio de direito individual, emancipação, deduzida de uma criação inteligente; imortalidade, consequência da perfectibilidade; vós exibis o espírito humano ao desprezo das grandezas universais, porque o espírito humano pratica ou aprova o homicídio.

A família humana ultrapassa todos os erros da razão, quando afirma o direito de morte.

Deus, árbitro soberano dos espíritos, concede-lhes o corpo como instrumento, e o corpo conserva-se mais ou menos tempo,

segundo a direção que lhe é impressa pelo espírito e o lugar habitado pelo espírito e pelo corpo.

Decrescimento antecipado de forças, ou debilidade de nascimento, intermitência de saúde e de enfermidade, desenvolvimento feliz ou extenuação prolongada, amplitude de manifestação ou opressão servil, decadência natural ou acidentes fortuitos, tudo isto demonstra o cansaço atual ou o cansaço precedente, tudo isto explica a disciplina universal por meio da prova e da reabilitação, e rechaça os nomes, os mais monstruosamente estúpidos como: Deus dos exércitos, Deus vingador, Deus ciumento, Deus terrível.

Vis assassinos, defensores embrutecidos de uma causa má, defensores sagazes de uma causa incompreensível, heresiarcas realmente convencidos ou valentes apóstolos de uma falsa religião, que julgais verdadeira, todos vós sois mais ou menos culpados diante de Deus e Deus vos julgará.

Delinqüente endurecido, hás de permanecer perturbado enquanto não apareça o arrependimento como indício de castigo e a expiação voluntária te seja levada em conta como atenuante. Mas, chegado a este ponto, poderás trabalhar sob as vistas de Deus e teu trabalho será recompensado. Pobre ignorante! Hás de vegetar entre inquietações e indecisões, até à aparição de uma luz distante que irá aproximando-se e tornando-se cada vez mais visível. Livres ou encarcerados, mestres de verdade, discípulos conscientes do erro, Deus vos terá em conta as circunstâncias desses erros, da causa de vossas fraquezas e reparareis vossas culpas e gozareis das honras devidas às reparações.

Assim é a justiça de Deus. Ela levanta os maiores culpados, ordena a emancipação, leva em conta os trabalhos, pesa os atos de valor, prepara novas glórias a seus Messias, depois de haver purificado seus espíritos, ofuscados pelas glórias precedentes.

Justiça dos homens, quando chegarás a ser uma cópia da justiça de Deus?

(Irmãos meus, emprego aqui a palavra justiça, para designar vossa força social; mas vossa força social, encontrando-se privada da idéia que representa a palavra justiça, reconheço que esta palavra é deficiente e continuarei empregando-a tão-só para ser compreendido.)

Justiça dos homens, a que deixa envilecer-se com todos os vícios uma forma humana, e que, em um momento dado, toma esta forma humana e mata sob o pretexto de dar um exemplo de que precisa a sociedade, embebida das mais abomináveis máximas de imoralidade e desprovida do sentido intelectual até o ponto de, por uma parte, os mandamentos de Deus, continuamente repetidos, não serem jamais observados, e, por outra parte, negar-se a existência de Deus; justiça dos homens, a que decreta a morte com o sentimento do dever cumprido, que se apóia na mentira ao invocar a Deus para matar, e que resulta sempre como uma conseqüência dos instintos da natureza bestial, qualquer que seja a crença religiosa de que se alardeie!

Depositários da força social, os postos que vós ocupais neste mundo de provas são conseqüência natural das dependências humanas e preparam outras dependências humanas. A expressão de vosso poder, não havendo tido jamais causa motriz à emancipação dos espíritos e à justa distribuição dos auxílios materiais, constituirá sempre uma vergonha e uma condenação para vós. Alcançareis o sentimento de vossa inferioridade na lembrança das explosões de vaidade de vosso orgulho e sofrereis a terrível pena de talião, aplicada inexoravelmente em todos os casos de sangue derramado deliberadamente ou com a fria crueldade de uma inteligência humana. Eis, ó depositários da força social!, os castigos aplicados a todos os homens que tenham dirigido outros homens, sem antes iluminarem-se com o sentido moral e intelectual dos seres superiores.

Justiça de Deus, a misericórdia te acompanha, posto que deixas uma porta aberta para o arrependimento. Justiça dos homens, acompanha-te a mais espantosa demência, pois que, ou nada sabes da imortalidade, e então jogas a um precipício sem fundo todos os pensamentos cuja origem não podes explicar, essas pulsações que fazem palpitar outros corações, essas forças que parecem destinadas a produzir mais do que têm produzido até este momento,<sup>1</sup> ou tens noções a respeito da imortalidade, e por que

1 - Refere-se naturalmente à doutrina das reencarnações, única que pode explicar o encadeamento dos fatos, dando explicação da maior parte deles, que de outro modo resultariam como as páginas espalhadas de um livro, que, separadamente, nada significam. Assim, como se explicam os ódios ou simpatias inatas que se manifestam entre duas pessoas que se vêem pela primeira vez? Por que em uma mesma família, a despeito da lei

então te atreves a dificultar o caminho para a immortalidade? Espantosa demência! Já o disse, Justiça humana, Jesus como todos os condenados, que têm tempo para isso, podia tentar iluminar-te para salvar sua vida, somente que Jesus devia considerar-te suficientemente iluminada, e não se defendeu. Justiça humana, pergunta a teus mártires pelas diversas fases de sua agonia; todos te dirão que jamais tinham amado tanto como nesse momento, aos que estavam para deixar. Todos oferecerão minuciosos detalhes a respeito da calma fingida e dos alardeados atos de coragem, que depõem em favor de sua valentia no mesmo momento em que o coração geme despedaçado pelas ansiedades da dúvida, da vergonha, dos remorsos e a naufragada esperança; quando a alma treme em frente da horrível visão que lhe proporcionam os aparatosos acessórios do suplício, inventados pela maldade no meio de suas orgias.

Grande Deus! Quanto sangue derramado sobre esta terra! Tremo ao pensar no passado, no porvir, no presente, em todos os países, em todas as religiões, em todas as origens, em todas as castas, em todas as sucessões, em todas as ambições e até em todos os caprichos manchados de sangue, e dirijo a todos os mártires minhas reminiscências de mártir, e elevo, com força, minha voz a Deus, suplicando: Piedade, misericórdia, Pai meu, para estes homens, que uma sociedade perversa impeliu para o delicto, por meio do ateísmo, e aos quais castiga imediatamente com o delicto. Digo a todos os justos: Como vós, sofri pela separação da carne, como vós fatiguei meu espírito na contemplação das misérias morais, como vós duvidei da utilidade de minha vida. E nesse momento solene em que a natureza luminosa do espírito se turba sob o peso das aflições da vida corporal, nesse momento precursor de minha liberdade, a elevada idéia de Deus pareceu fugir-me e meu espírito encheu-se de dor e de pesaroso recordar.

Ai de mim! As explosões de uma alegria grosseira, os insultos de um povo enganado, o abandono da maior parte dos que

hereditária e apesar de igualdade do meio e da educação, uns filhos saem perversos, outros virtuosíssimos; uns intelectualmente deficientes, outros chegam a ser gênios, etc.? Só a doutrina das reencarnações explica estas diferenças. Nota do Sr. Rebaudi.



me amavam, o desespero das mulheres que assistiam minha morte, a opressão de uma intensa sufocação, todas as lívidas harmonias das últimas torturas da alma e do corpo, lançaram em meu espírito uma profunda tristeza que rompeu nesta queixosa prece:

*“Pai meu, por que me abandonaste? — Mártires, maior que a vossa, foi minha fé; mas se desmaiei ante as atrocidades da ingratidão humana, se senti entorpecer-se minha vontade e titubear meu amor fraterno, foi porque as dependências dos espíritos se convertem em escolhos para os grandes caracteres, quando a força do alto não os ampara suficientemente contra os embates que os assaltam de baixo. É que tinha ainda demasiadas ligações para que pudesse concentrar-me somente em Deus. Mártires, a grande voz de Deus vos diz por minha boca: O espírito eleva-se rapidamente no estudo das leis eternas, devido a uma morte imposta violentamente, quando esta morte não é o termo de uma vida manchada pelo homicídio.”*

Irmãos meus, que um homem depravado levante sua mão sacrílega contra uma vida humana, não significa de maneira alguma que uma quantidade de homens tenha o direito de matar o assassino, porque o direito de morte só pertence a Deus e não pode ser um meio para uso das criaturas. Qualquer que seja a forma dada ao assassinato, o direito de assassinato não pode existir, porque Deus não pretendeu alterar tacitamente e segundo as circunstâncias, as palavras: Tu não matarás. Conclusão: A aplicação da pena de morte é um insulto ao Criador.

Outra conclusão derivada do mesmo mandamento, tu não matarás, é: A guerra e todos os atos que inundam a terra de sangue constituem negações do princípio divino e ao mesmo tempo asquerosas saturnais do espírito em delírio. . . . .  
. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

A este respeito, irmãos meus, é necessário fazer ressaltar a lucidez da alma, a penetração do espírito. Nunca deveis atribuir a

causas sobrenaturais as faltas que são o fruto de vossa incúria, as faltas cometidas por vosso livre arbítrio, os acontecimentos derivados de uma ação da vontade, de um acordo ou confusão de idéias, de um capricho furioso ou de um estado de sonolência. Nosso destino, é certo, apóia-se no passado, mas é também incontestável que ele melhora ou se agrava devido às honras ou às vergonhas do espírito e que estas honras e estas vergonhas preparam o porvir. Minha morte voluntária cerraria minha obra, porém nada me obrigaria a uma morte voluntária. Eu era entretanto um Messias destinado a sofrer pelos homens e também a morrer por eles, posto que na época que eu vim à Terra como Messias, os homens conduziam à morte a seus Messias. Porém, repito, eu podia fugir, e se minha hora estava próxima era porque, querendo elevar-me pelo martírio, via que não era possível alongar a luta.

Judas atraçou-me, não porque estivesse fatalmente predestinado para semelhante ato, dependente do meu ato pessoal, senão porque, seu caráter ciumento o impelia à vingança. Se eu tivesse evitado o suplício, Judas teria encontrado outro meio para demonstrar seu ressentimento.

Suponhamos que os homens são menos cruéis agora que quando eu vim à Terra como Messias, do que deverão resultar algumas modificações nos sofrimentos preparatórios da morte e nos da própria morte. Por que os Messias estão destinados a grandes sofrimentos nos mundos inferiores? Porque os Messias trazem verdades e nos mundos dominados pelas tradições da ignorância não podem ser aceitas as verdades senão à força de trabalhos, de humilhações, de lutas heróicas e de longa desesperação, até à morte, quaisquer que sejam as peripécias desta morte.

Regressei a Betânia contente por encontrar ali os que eu havia deixado e evoquei as felizes disposições de todos para festejarem meu regresso.

Chegamos à tarde e não obstante a primorosa acolhida de meus discípulos, o abraço efusivo de minha mãe, a emoção das outras mulheres, apercebi-me de um mal-estar geral.

*“Mas Simão, exclamei, onde está Simão?”* — Marta, inundada de lágrimas, saiu de um aposento contíguo ao que ocupávamos. *“Vem, disse ela, pelo menos ele morrerá tranqüilo,*

*visto que te chama.”*

Maria, minha pobre pequena Maria, atirou-se aos meus braços gritando: “*Salva-o, Jesus, salva-o!*”

Arredei Marta e Maria e entrei no quarto de Simão. Meu amigo era presa de uma febre ardente, porém tranqüilizei imediatamente a todos tornando-me responsável pelo seu restabelecimento. Coloquei-me a seu lado, permanecendo assim durante algumas horas<sup>2</sup> e fiz-me senhor desse delírio, que não anunciava nenhuma lesão mortal. Qualquer outro, conhecedor como eu das ciências médicas, teria obtido o mesmo resultado.

Seis dias depois Simão encontrava-se convalescente e a eficácia de minha cura foi reconhecida com o mesmo entusiasmo que sempre dava a meus atos mais singelos, uma transcendência funesta para minha segurança presente e para minha dignidade de espírito perante a posteridade.

Para celebrar o restabelecimento de Simão, Marta teve a idéia de dar um banquete no qual deviam honrar-me, a mim especialmente, e para dissimular a meus olhos o que havia de ofensivo em tal ato para meus princípios, Marta recordou-me um costume ao qual tínhamos deixado de submeter-nos à minha chegada, devido à tristeza que reinava na casa.

Este costume designava o visitante como a um amigo esperado desde muito tempo antes; estavam prescritas demonstrações a que não podia subtrair-se o hóspede, sob pena de desmerecer no conceito do amigo que lhe conferia a hospitalidade.

Éramos muitos neste banquete. Tomaram parte nele vários parentes, alguns notáveis da povoação, todos os meus discípulos da Galiléia, Marcos, José de Arimatéia, minha mãe, Salomé, Verônica, muitas amigas e companheiras de Marta, formando enfim um total de trinta e nove pessoas. Marta, que devia completar o número quarenta, preferiu, segundo seus desejos ao terminar os preparativos, a honra de servir-me, conjuntamente com Maria de Magdala, Joana, Débora e Fatmé.

2 - Este processo eu o tenho empregado e emprego, com êxito, a miúdo. Todos podem igualmente empregá-lo, com a ajuda de um benévolo e intenso desejo de beneficiar o enfermo. Isto não quer dizer que sempre se obterá a cura nem que nossa ação possa ser comparável à do Mestre, porém, bem sempre produz. Nota do Sr. Rebaudi.

Maria, irmã de Simão, permanecia quase constantemente detrás dele, o qual estava sentado à minha frente, no centro da mesa. Sua intenção bem decidida era a de contemplar meu semblante, de surpreender meus mais insignificantes gestos, de saborear minhas palavras, estudando todas as gradações de minhas impressões, de abandonar-se finalmente a esse instinto indagador da alma, que despreza as formas exteriores para insinuar o pensamento no pensamento e concentrar o desejo no ideal.

A conversação devia naturalmente girar em torno do motivo da reunião. Meus conhecimentos espirituais, minha dependência divina, exaltaram as imaginações e me vi obrigado a explicar a origem de minha força moral, da maneira de lutar contra a efervescência popular que pretendia descobrir o dom de milagre onde apenas existia a harmonia das qualidades sensitivas da alma com fácil penetração do espírito.

Para melhor convencer a meus ouvintes, passei em revista minha vida de apóstolo e dei a cada um de meus atos, tidos por sobrenaturais, o justo valor que lhes correspondia dentro de minhas afirmações. Demonstrei-me como o Messias preparado para sua missão com sólidos estudos sobre o poder dos elementos, sobre a propriedade das plantas, a fraqueza do espírito humano e o império da vontade. Fiz depender todas as minhas alianças espirituais de uma mesma fonte: a longa vida do espírito, e todas minhas manifestações ostensivas do encadeamento prático e sábio das causas e dos efeitos.

Deduzi da ciência humana os caracteres ostensivos de meus meios curativos e da ciência divina, a felicidade de minha alma, a qual arrojava seus reflexos sobre as almas oprimidas e os espíritos enfermos. Estabeleci finalmente a grandeza de minha fé, a imensidade de minhas esperanças com tão vivas imagens e com tais ímpetos de entusiasmo, que Simão, apresentando-me uma taça cheia, suplicou-me que molhasse nela meus lábios, a fim de misturar o sopro divino com o sopro mortal, e de confundir o salvador com ele, o humilde ressuscitado, honra que ele pedia, graça que receberia com ardente fé, com o amor inextinguível que lhe inspirava o filho de Deus.

Nesse momento e depois de haver contentado a Simão, ouvi como um soluço a meu lado. Voltei-me e vi Maria. Ela se

havia separado de seu irmão para acercar-se de quem havia sido chamado salvador; sua gratidão, seu culto se traduziam em acentos entrecortados, em espasmos da voz, e seu espírito sobreexcitado por minhas demonstrações, vinha implorar o apoio de minha força contra a violência de suas ilusões. Tomei a menina em meus braços, sua cabeça inclinou-se e seus cabelos soltos formaram uma moldura de ébano a seu rosto inanimado. Todos os olhares ficaram fixos e os peitos ansiosos, à espera do desenlace de tal crise, cujo termo se anunciou com algumas lágrimas e um fraco rubor da pele. Maria despertou como de um sono, sem compreender a emoção de que havia sido causa, e também com um sentimento de felicidade. Expliquei a Simão a extremada sensibilidade da irmã e indiquei-lhes, com insistência, que não deviam jamais contrariá-la bruscamente em suas excentricidades, a essa alma tão exuberantemente dotada, a esse espírito tão despoticamente governado pela alma.

Apenas tornada a si, Maria desapareceu. Encontrava-me, por conseguinte, em boas condições para falar de um acidente que me sugeriu numerosas observações sobre as naturezas corporais dominadas por visões demasiado fortes da alma e por ambições demasiado fortes do espírito. Em seguida deixei-me transportar, como sempre, por minha volúvel fantasia, falando com frases sentenciosas e proféticas, em evocações de meu espírito para o Ser Supremo.

Hávamos chegado ao final do banquete e ninguém já comia, nem bebia, senão que todos tinham ficado suspensos de minhas palavras.

Elevei-me vagarosamente para o absoluto de meus ideais referentes às alianças dos mundos e dos espíritos. Pouco a pouco senti-me como que separado dos que fraternizavam comigo nesse banquete, vendo-me rodeado dos homens do porvir, e apresentou-se-me através do suceder dos séculos minha emancipação desta terra. Depois, atraído pelo sentimento da atualidade, falei de minha morte, rodeando-a de todas as seduções da glória imortal. Anunciei-lhes que quase todos me abandonariam, prometi-lhes que os honraria em seus esforços ou os consolaria em seus arrependimentos que os dirigiria para a luz com o auxílio dos dons do espírito para com o espírito e que os elevaria com a persistência de meu amor.

João, como sempre, encontrava-se à minha esquerda e esforçava-se nesse momento por conhecer aos que eu havia querido aludir ao falar de abandono. A este desejo, manifestado em uma forma de pergunta, respondi que a presciência a respeito dos sucessos se torna fácil por meio do esforço do espírito no estudo dos homens e das cousas.

*“Muitos me abandonarão, acrescentei, porque muitos são fracos e medrosos.*

*“Alguns me renegarão, outros me atraiçoarão, talvez para iludir a responsabilidade ou para satisfazer seu fastio.*

*“Os homens não acreditam suficientemente na minha força de Messias e a proximidade do perigo os separará de junto de mim.*

*“Porém, depois de minha morte, os homens de quem falo compreenderão a covardia de sua conduta e meu espírito se lhes aproximará novamente para continuar a obra que fundei.”*

Irmãos meus, eu não assinaei de um modo mais preciso aos que me haviam de abandonar, renegar-me, atraiçoar-me. A razão vô-la dou com minha resposta a esse discípulo tão audaz em seu fanatismo, como exagerado em seus testemunhos de amor. A luz que brilha da ciência espiritual é a guardiã das forças humanas para perseverar nas atividades da alma e no heroísmo do espírito, mas não poderia determinar uma violação da lei que quer que a matéria seja um obstáculo para a visão completa da alma e do espírito. Eu gozava deliciosamente com as honras que me prodigalizavam e, quando Marta derramou água perfumada sobre minhas mãos e que sua jovem irmã me borrifou a cabeça e as roupas, demonstrei-me feliz ao contemplar a felicidade que elas experimentavam. A tarde terminou no meio de uma alegria expansiva, que nada veio turbar.

Irmãos meus, no capítulo treze deste livro passaremos em revista as causas do ódio dos sacerdotes e de minha condenação. Depois continuaremos a exposição dos fatos que precederam a minha morte.

### CAPÍTULO XIII

*Manifesta Jesus o perfeito direito que lhe assiste para ser julgado pelo que ele verdadeiramente disse e não permite à médium a menor troca de suas palavras e tampouco a quem quer que deva intervir na publicação delas. Ocupa-se depois da legislação judaica puramente religiosa e da civil. Refere-se ao inexorável da primeira e das intrigas dos fariseus para perder a seus adversários. A Jesus muitas vezes eles haviam armado laços e ele increpava-os duramente. Em suas pregações, à medida que a ira e a perseguição dos sacerdotes ia precipitando a data de sua condenação, ele demonstrava maior brio em sua propaganda e mais rigor nos ataques contra o Clero e os magnatas, que abusavam torpemente de suas posições, contra as teorias democráticas do Mestre, que queria a igualdade e a fraternidade dos homens.*

Irmãos meus, revelando as causas de minha condenação e os juízos errôneos de meus atos, desejo que minhas palavras não sejam defendidas, a não ser por mim somente; é preciso, pois, deixá-las tal como as exponho.

Honremo-nos com o nosso respeito para as ordens de Deus, não procuremos nem facilitar a admiração dos homens nem diminuir a maliciosa pretensão de alguns dentre eles. Que unicamente o escritor seja o responsável. À depositária de minha narração, não lhe permito nenhuma adição ou correção. A todos os que formulem suas dúvidas e à vontade séria de se iluminarem responderei eu mesmo.

Sede os discípulos dóceis do enviado de Deus. Suavizai sua repentina aparição em meio de um mundo frívolo e cético atribuindo sua aliança com os espíritos cuja luz vós outros haveis já demonstrado; mas não altereis nada em seu modo de apresentar os acontecimentos. A vida de Jesus deve ser precedida de

comentários humanos, para explicar o pensamento que presidiu a esta obra divina, e deve ser separada de toda a comunicação que não seja do mesmo espírito.

Passemos ao exame dos motivos de minha condenação.

*“Eu tinha facilitado as sedições populares, fazendo cair sobre os sacerdotes suspeitas de inteligência com os pagãos.”*

Sim, eu me havia associado a uma multidão de revolucionários, cujo objetivo comum, idêntico ao meu, não excluía intenções culpáveis e perigosos excessos.

Porém, já o invasor se cansava nas repressões das sublevações, como na sanção dos juízos do tribunal sagrado. O direito político se estabelece sobre o direito humano; os cargos, os empregos, fizeram-se acessíveis a todas as capacidades, e as facções se enfraqueceram pouco a pouco sob um governo mais cuidadoso do bem geral. Tão-somente o elemento religioso começou a semear a desordem nos espíritos. O caráter eminentemente dominante do Grande Sacerdote criava numerosos inimigos ao poder sacerdotal; mas estes inimigos, divididos pela espionagem, empregavam suas forças em revoltas parciais, que atraíam sobre si sangrentas represálias, resultando inúteis para a obra definitiva. Por prudência, Hanan foi deposto, porém continuou exercendo sua influência durante o pontificado de Caifás, seu genro. Nas discussões dos artigos da lei, o princípio religioso, sobre o qual descansava a mesma lei, era inexpugnável. Os chefes de escola encontravam numerosos opositores, cujo objetivo era o de conduzi-los para a negação e os fariseus sobressaíam neste infame ofício. O Sinedrim, tribunal sagrado, julgava os delitos de lesa-majestade divina. Todas as infrações referentes à lei civil ficavam dentro do círculo de atribuições dos tribunais ordinários. As penalidades ressentiam-se da diferença estabelecida entre os delitos religiosos e os delitos previstos pela constituição do Estado. O fanatismo tinha que demonstrar-se mais desapiedado que o princípio da ordem social. Uma lei decretada pelo poder romano castigava com a morte ao assassino e ao bandido armados; porém sucedia freqüentemente que circunstâncias habilmente aproveitadas pela defesa desviassem da cabeça do culpado a terrível expiação.



Ante os príncipes dos sacerdotes e dos fariseus toda a sublevação ostensiva contra as prescrições do culto mosaico tinha por conseqüência a morte. A lei era precisa, inexorável. Nas causas maiores, aos sessenta príncipes dos sacerdotes, fariseus e doutores da lei que compunham o Sinedrim, agregavam-se alguns membros suplementares.

Chamavam-se príncipes aos sacerdotes nobres de nascimento ou reconhecida capacidade exercida de longa data (enobrecimento).

O farisaísmo era uma seita piedosa e respeitável em aparência, hipócrita e depravada na realidade. Os doutores da lei representavam a casta mais erudita e mais inteligente da nação judaica. Dividiam entre si as funções difíceis do apostolado e da magistratura sagrada. No templo eles exerciam a verdadeira autoridade, porquanto os sacerdotes não eram mais que servidores autômatos, mais propensos às honras mundanas e aos gozos materiais, que desejosos das prerrogativas da ciência e da virtude. Nas sinagogas os doutores da lei faziam preceder suas conferências de algumas incitações para a curiosidade, que se referiam a tais ou quais personalidades. Na vida privada davam conselhos e na vida pública davam demonstrações de suas crenças com eloqüentes discursos. As funções da magistratura sagrada os submetiam aos deveres de juízes, de acusadores<sup>1</sup> e de defensores. O prestígio de seu talento estabelecia convicções<sup>2</sup> e a marcha dos processos dependia unicamente deles.

Irmãos meus, as participações de Jesus nas sublevações populares, que tiveram lugar quando tinha vinte e quatro anos de idade, foram uma conseqüência de sua educação e das idéias religiosas que ele se empenhava em erigir como uma doutrina.

Jesus era revolucionário porque dizia: *“Os poderes da Terra são mantidos pela ignorância das massas”*.

1 - Equivalente aos nossos promotores públicos.

2 - Quer dizer que o talento deles formava a convicção do público a respeito da culpabilidade ou inocência dos acusados. — Nota do Sr. Rebaudi

Mas Jesus havia bebido o princípio democrático que o fazia agir no princípio divino das alianças celestes; mas o democrático Jesus queria a igualdade e a fraternidade entre os homens porque os homens são iguais diante de Deus, que é seu Pai; mas o democrático Jesus professava o desprezo pelas honras mundanas, porque essas honras paralisam as manifestações que adquirem as honras espirituais, porque apoiava o elevado destino do espírito sobre os deveres que incumbem a este espírito, em sua marcha ascendente.

O revolucionário Jesus combatia a opressão, porque a opressão é contrária à lei de Deus; porém, ordenava o perdão, porque o perdão encontra-se na lei de Deus. O revolucionário Jesus amava os pobres, porque os pobres eram para ele irmãos desgraçados, compadecia-se dos ricos, porque os ricos eram para ele irmãos extraviados.

O democrático Jesus dizia:

*“Os poderosos deste mundo serão os párias do outro mundo”.*

E dizia também:

*“Amam-vos uns aos outros e meu pai vos amará. Na casa de meu pai não há pobres nem ricos, nem patrões, nem servidores, senão espíritos, cuja ciência aperfeiçoará sua própria virtude”.*

Aplicai, irmãos meus, as palavras de Jesus e sede revolucionários como eu; é uma cousa heróica o sê-lo.

Povos e governos de povos, deponde as armas e refleti finalmente no objetivo da existência temporal.

Infelizes envilecidos, tenebrosos negadores da Providência divina, levantai-vos e adorai a Deus! Ricos, honrai a pobreza, e vós outros, pobres, não invejeis as riquezas.

O poder e a grandeza humana fazem decair o espírito não penetrado do poder divino e das grandezas espirituais. A adversidade eleva o espírito que reconhece a justiça de Deus. O espírito não pode adquirir a força senão por meio das provas da vida corporal; o espírito forte torna-se em pouco tempo digno da

glória de Deus.

Explicuemos, irmãos meus, o caráter e o valor do delito do desvio do culto divino imputado a Jesus. Desde tempo imemorial, o culto divino é uma mistura de supersticiosas devoções e interessadas mentiras. Desde tempo imemorial, têm existido homens que têm demonstrado em nome de Deus que a razão deve submeter-se a todos os erros grosseiros do sentido intelectual, para a edificação de tal ou qual doutrina religiosa. Desde tempo imemorial, a força suprime o direito, a noite devora a luz, e a ajuda de Deus é invocada pelos assassinos e pelas trevas.

Deus é imutável. Novas sementes encham o vácuo; a luz se reproduz no meio das trevas; e a vida gerada pela morte, a luz vitoriosa sobre a noite, depositam sobre a superfície de um mundo os vivos do Senhor, os lutadores das verdades eternas. Isto deve suceder, isto sucede e chama-se progresso.

Todas as humanidades atravessam pelas fases da infância no meio de horizontes nublados, todas as humanidades distanciam-se do objetivo e se detêm indecisas; porém, então, luzes repentinas iluminam o caminho, o caminho volta a ser empreendido e a verdade prepara seu reino definitivo, sob os olhares e o apoio de Deus.

Jesus devia a preceptores ilustres seus primeiros estudos sérios e tinha amadurecido seus meios de aperfeiçoamento, com profundas meditações. Jesus devia a inspirações secretas, honradas por demonstrações palpáveis, a revelação de sua missão divina, e ajoelhava-se sobre o limite da pátria celeste para escutar as ordens de Deus; com o pensamento, voava por cima dos séculos de ignorância para facilitar aos séculos seguintes a luz e a felicidade. O espírito, chegado ao desenvolvimento moral e intelectual, permanece fiel às convicções adquiridas por ele mesmo, até que a ciência de Deus lhe dê a imortalidade da força e o impulso do fanatismo para sacrificar o presente ao porvir, para preparar o porvir com o preço das mais amargas desilusões humanas. O espírito desenvolvido em um mundo carnal designa um Messias e este Messias não pode fugir da perseguição senão desertando da causa a cujo amparo se tenha dedicado. Desprezando a morte corporal, o espírito adiantado no caminho da perfectibilidade, fraqueja também diante dos assaltos dos seres inferiores, e sua confiança enganada, seu amor mal correspondido pesam-lhe como remorsos.

Permaneçamos, irmãos meus, na crença absoluta das forças individuais, desenvolvidas com o exercício da vontade<sup>3</sup>. Permaneçamos na afirmação da justiça de Deus, seja que ela se estabeleça com provas ou com benefícios, porém afirmemos sobretudo com energia, a liberdade dada ao homem, quer quando ele luta contra as pressões desorganizadoras da alma, quer quando ele tenha que combater principalmente contra as manifestações tumultuosas da ignorância e do ódio. O espírito adiantado desliga-se das dependências humanas e alimenta-se das forças de Deus, à medida que são melhor compreendidos o nada da matéria e a extensão das possessões espirituais.

Justiça de Deus, glória a ti, tu és explicável e tudo explicas. Justiça de Deus, honra aos que te dedicam sua coragem e sua resignação; eles marcham pela via afortunada do engrandecimento da dignidade do espírito.

Jesus, irmãos meus, tinha consciência de seus atos e a força de sua sincera natureza, quando acusava os sacerdotes e os fariseus.

Compenetrado do respeito pelo culto divino, porém contrariado em seu respeito pela avidez e arrogância dos ministros desse culto, pela hipocrisia oficial de uma seita religiosa com grande poder, Jesus procurou na mesma origem do culto e na inexata ponderação dos deveres humanos, as verdadeiras causas da dissolução moral e das vergonhas intelectuais que ele ia notando. Nesta investigação Jesus viu-se ajudado por trabalhos anteriores aos seus e por ligações novas ou renovadas na vasta associação dos espíritos e dos mundos. Jesus absteve-se a princípio de investigar os mistérios da religião mosaica, depois deixou-se arrastar por opiniões que correspondiam ao seu sentido moral; logo depois, circunstâncias cada vez mais favoráveis à sua missão abriram-lhe o caminho entre os escombros que ruíam e as pedras brutas do porvir.

3 - Quer dizer que devemos confiar em nossas próprias forças e trabalhar pelo desenvolvimento delas, sem esperar tudo de Deus. O que realmente apalpamos é o resultado de nossos esforços, resultados nos quais precisamente se manifesta a justiça de Deus, dando a cada um o que merece, o que é por certo, sobre todos os pontos, contrário à doutrina da graça, sustentada pelos católicos e pelos protestantes. — Nota do Sr. Rebaudi.

Jesus compreendeu que era necessário conservar alguns vestígios do passado para não encontrar obstáculos à sua tarefa de construtor; mas a miúdo faltava-lhe a paciência e dizia:

*“Não se podem fazer roupas novas com panos velhos”.*

Jesus adorava a seu pai em espírito e em verdade, e quando o povo ignorante pedia-lhe explicações, respondia:

*“Deus não tem senão desprezo para os oferecimentos e para as práticas exteriores, quando não as acompanham a virtude e a força dimanada da ciência.*

*“Deus proíbe o orar somente com os lábios, e os que entram em uma sinagoga com o coração cheio de ódio e com as mãos sujas pela rapina e o sangue, merecem o castigo de Deus.*

*“Permaneeci humildes e pacientes sob o peso da vida mortal. Amai-vos uns aos outros, libertai vossa alma dos laços vergonhosos, vossos espíritos das ambições injustas, e tereis servido a Deus e Deus vos abençoará neste mundo e no mundo que para vós outros sucederá a este.*

*“Deus quer vossos corações por templo; adorai a Deus no templo por ele escolhido.*

*“As funções do culto põem em evidência, as mais das vezes, a incapacidade, a vaidade e a hipocrisia.*

*“A adoração interna conduz sempre o espírito pelo caminho da simplicidade, da doçura, da sabedoria.*

*“Vós podeis orar juntos, porém não façais pompa com vossas orações e não mistureis as pompas mundanas com as cousas de Deus”.*<sup>4</sup>

4 - A prece não deve ser motivo de exibicionismo, pois isto significaria um contra-senso. Que motivos de elogios ou que brilho pode comunicar-nos o fato da manifestação implícita de nossa fraqueza e de nosso desejo de proteção, ao dirigimo-nos humildemente, em súplica, perante o Altíssimo? — Porém é que até da humildade, quer dizer, da virtude que implica o reconhecimento da nossa inferioridade, se faz um motivo de exibicionismo. Isto é prova evidente do assombroso atraso em que ainda vegetam muitos espíritos que se prejudicam olhando para trás em lugar de fazê-lo para a frente e para cima. Quanto ao de aumentar eficácia à oração por meio de pompas mundanas, como sucede com o aparato

Irmãos meus, Jesus explicava Deus com a elevada inteligência que de Deus lhe vinha, porém bem sabia que não podia preservar-se dos ódios e vinganças dos que ele acusava por seu orgulho e picardias, dos que estavam compreendidos em suas demonstrações.

Jesus definia o amor como o grande motor da religião universal, e ensinava a igualdade dos espíritos, a comunidade de seus interesses perante Deus, o desenvolvimento, o emprego das faculdades pensantes. Combatia portanto os poderes fundados sobre o desprezo das leis de Deus e a imobilidade do espírito decretada por estes poderes.

As religiões baseadas sobre a divindade de Jesus, do mesmo modo que todas as doutrinas alheias a essas religiões, estão impregnadas de defeituosas apreciações a respeito de Deus. Para que uma religião seja a fonte definitiva da felicidade humana, é necessário que ela seja a conseqüência da própria razão, essência de Deus. Façamo-nos novamente fortes com a enunciação do elemento constitutivo da razão divina e da razão humana em sua pureza.

A razão divina é a preponderância do amor na obra da criação. A razão humana, firmemente estabelecida, é a emulação do amor que o Criador espalha sobre a criação. A justiça divina é uma conseqüência do amor divino; os efeitos desta justiça demonstram o infalível raciocínio de um poderoso trabalho de concepção infinita.

Que os mundos formados para determinadas categorias de espíritos, recebam outros mais desmaterializados que o que comporte a generalidade; que as moradas humanas abriguem, de tempos em tempos, luminosas inteligências; que as provas carnis representem uma cadeia contínua de intermitências de

culto exterior do catolicismo, é mais ridículo ainda, porque, sendo o orar uma ação exclusivamente espiritual, nada tem que ver com tudo o que não seja obra do espírito, como o incenso, o tanger de campainhas, todo o ouropele amontoado ao redor dos que oram ou deviam fazê-lo, e as complicadas manifestações do ritual católico. Se fizéssemos tanta farsa ao redor de nossos pais carnis ou de nossos superiores, ao pedir-lhes algo, positivamente nos expulsariam sem consideração alguma. Além disto não deve esquecer-se que a oração não consiste precisamente em pedir e sempre pedir, não: A oração é a elevação do nosso sentimento para Deus. — Nota do Sr. Rebaudi.

repouso e de espantosas catástrofes, que importa, desde o momento que a justiça de Deus é a que resolve e é o amor que dita sua justiça! Que importa, desde o momento que os Messias expressam o amor de Deus para todas as inferioridades e que os sofrimentos humanos representam atos de reparação para a justiça de Deus.

Jesus, já o disse, fustigava os poderes estabelecidos pelo esboroar das consciências e pelo abuso da força e encontrava em si o mais ardente patriotismo da alma, para abater todos os despotismos e para compadecer-se de todas as misérias da Humanidade. Mas os inimigos de Jesus afirmavam que ele havia atacado o dogma da unidade de Deus, ao dizer-se filho de Deus e que havia enfraquecido a fé religiosa favorecendo a revolta. Aqui, irmãos meus, vamos resumir os principais ensinamentos de Jesus; mas não volveremos sobre o caráter de filho de Deus, tão mal interpretado em todos os tempos e que já expliquei suficientemente.

Quando Jesus deixou Jerusalém pela primeira vez e foi a países distantes, adquiriu a certeza de que as religiões não dividiam esses povos, porquanto o amor das artes e das riquezas obtinha a preferência respectivamente a qualquer outra aplicação do espírito. Quando Jesus abandonou Jerusalém pela primeira vez, viu-se livre e feliz no meio dos povos livres e cheios de fantasia. Ele começou proporcionando abundantes consolos e manifestando seu caráter afável e expansivo. De sua doutrina, expôs somente o que era necessário para estabelecer o amor como base do equilíbrio humano, porém não determinou o amor como uma obrigação do completo sacrifício, desde que sabia muito bem que, para homens extenuados pelos gozos mundanos, devia fazer concordar a habitual expansão de seus espíritos com as primeiras exigências da razão do espírito.

Jesus tornava indispensável o amor pela necessidade que tinham os homens de ampararem-se uns aos outros. Acaso o amor não protegia os interesses do pobre, assim como defendia o rico contra os insensatos desejos de igualdade material?

Jesus definia a esperança como um remédio para todos os males. Dirigia os olhares do espírito para a felicidade do porvir, com palavras de misericórdia e de alento. Ele fazia da morte uma luminosa transformação. Pelo espaço de dois anos Jesus evitou as

críticas do mundo frívolo e a desconfiança da gente séria. De bom grado escutava-se ao doce profeta, que prometia a abundância aos que proporcionassem alívio aos pobres, que concedia o perdão de Deus aos que perdoassem aos seus inimigos, que anunciava a paz e a felicidade para todos os homens de boa vontade, em nome de Deus, Pai deles. Seguiam-no nos lugares públicos e na plataforma dos edifícios, ao atraente revelador dos destinos humanos, que explicava a igualdade primitiva e a beatífica imortalidade. As jovens levavam-lhe seus filhos e ele os abençoava; os enfermos o mandavam buscar e ele se aproximava deles; os pobres tomavam-no como arrimo e os ricos se detinham para ouvi-lo pregar a fraternidade e o desinteresse. Oferecia-se sempre generosa hospitalidade ao dispensador da graça de Deus e, tanto nas famílias como no meio do povo, Jesus convertia-se no pai, no amigo, no conselheiro e na alegria dos pagãos, aos quais jamais falou do castigo e da cólera divina.

Ele guardou a lembrança consoladora desse tempo no meio da agitação e da tristeza que, mais tarde, o oprimiram. Mas Jesus não podia chamar a atenção do espírito humano sobre as pessoas que o rodearam nesse tempo, e isto porque o espírito humano não teria nenhum fruto que colher do conhecimento das intimidades de Jesus, quando essas intimidades não se encontram ligadas a acontecimentos conhecidos ou que mereçam sê-lo. Conheceu a João, pela primeira vez, na idade de trinta anos e na de trinta e três anos e alguns meses, morreu. João dissipou as irresoluções de Jesus a respeito de sua missão como filho de Deus, e ele prometeu a João que se sujeitaria a algumas práticas externas, se sobrevivesse ao apóstolo, o que mereceu do apóstolo as seguintes palavras:

*“Eu sou o precursor, tu és o Messias.*

*“Esperava-te para continuares a obra e torná-la imortal.*

*“Agradeçamos a Deus que nos reuniu, e fundemos o porvir com o preço das tribulações e das torturas da morte. As tribulações, a morte, serão nossos títulos para a glória imensa, para o poderio eterno”.*

João morreu assassinado pelos que ele havia apontado ao desprezo do povo, um ano depois da sua entrevista com Jesus.



Este quis então tomar a direção dos discípulos de João e juntá-los aos seus; porém teria que vencer a obstinação de espíritos sem capacidade e sem grandeza moral pelo que se viu obrigado a renunciar a isso. Jesus o havia dito: seus discípulos de Galiléia somente mais tarde o compreenderam, e sua conformidade verdadeira na fé não teve lugar senão depois da morte daquele que abandonaram, quase todos, no caminho da dor. Mantidos na gratidão pelo respeito que professavam para com a memória de seu mestre, os discípulos de João seguiram-me a distância e deram-me provas de afeto. Dois anos consecutivos trasladei-me às margens do Jordão para observar o jejum e dar a costumada solenidade às práticas de João. Das duas vezes fui acompanhado pelos discípulos de João, cujo número não havia diminuído. Eram quinze e o mais velho presidia as reuniões da doutrina, com o recolhimento a que o havia acostumado seu preceptor de prudência e saber. Estes homens sóbrios e severos davam à virtude as lúgubres aparências de vinganças celestes; depositários da vontade de João, tinham que sofrer pelas contradições que resultavam entre eles e nós. Eles queriam a exterioridade da contrição, o rigor da forma, a evidência do culto, nós a humildade na penitência, a prece do coração, a liberdade dos exercícios religiosos, a abstenção completa de pompas nos sacrifícios e método nos ensinamentos.

De nossos hábitos, de nossa existência alegre com relação à deles, os discípulos de João não tiravam induções tristes para o porvir e continuaram chamando sempre Messias a quem seu mestre havia designado com o nome de Messias.

Repito, os discípulos de João demonstraram-se muito superiores aos discípulos de Jesus. Deixando de lado o fanatismo que afastava o pecador da esperança em Deus e o exagero censurável das práticas, eles possuíam todas as qualidades do espírito que determinam a inviolabilidade da consciência. Os discípulos de João não me acompanharam durante os dias nefastos que precederam ao meu suplício, porquanto encontravam-se dispersos e errantes. Um decreto lançado contra eles, quando me encontrava em Betânia, tinha-os expulsado da Judéia. A perseguição religiosa foi sempre em progressão desde essa época, ela anunciava a ruína de Jerusalém e a decadência do povo hebreu.

Minhas instruções, desde a separação de João até minha

partida para Cafarnaum, provam os meus conhecimentos da ciência divina, posto que dirigia-me a homens capazes de me compreenderem. Estes homens, desgraçadamente, eram tímidos aliados ou déspotas depravados, e os primeiros não me podiam amparar senão com a ajuda do povo. Apoiar-me no povo teria sido, tenho disso, hoje, a convicção, criar-me segurança, durante o tempo necessário, para a fundação de minha glória humana como Messias e revelador da lei universal.

Cometi um grande erro ao afastar-me de Jerusalém, e deste erro dimanam as superstições que têm mantido desviados os espíritos do propósito latente de todas as humanidades; a adoração de um só Deus, o amor fraterno, o progresso na adoração e no amor.

Dos ensinamentos de Jesus nessa época, deduzimos que o pensamento que neles dominava, destruíra, desde cima até a base, os preceitos da antiga lei para substituí-los pelos da nova. Pronunciaram-se então estas palavras:

*“A luz vem de Deus e eu sou a luz. Deus pôs em mim todas as esperanças, no sentido de que a verdade se faça evidente para vós.*

*“Felizes os que compreendem a verdade. O homem não seria homem, se não tivesse aprendido alguma coisa antes de nascer. Fazei-vos sábios para descobrir o que precedeu à vossa atual existência. O futuro vos será revelado pelo conhecimento que adquirirdes de vosso passado.*

*“Crede na purificação por meio das provas e jamais duvideis da misericórdia divina; porém guardai bem isto: A purificação opera-se lentamente e a misericórdia divina não poderia contrariar a lei da organização e da desorganização.*

*“Segui minha lei. Ela diz: Orai em segredo, perdoai a vossos inimigos e ajudai a vossos irmãos.*

*“Repetir-vos-ei sempre: O que abandona o pobre será por sua vez abandonado. O que mata será morto, o que amaldiçoa será amaldiçoado. Isto é um segredo divino que explica-se, não em uma vida mas em muitas vidas.*

*“Defendei-vos das superstições inferiores da infância dos*

*povos, que assimilam a Deus com os membros da humanidade,<sup>5</sup> e adorai a vosso Pai, sem pedir-lhe que altere cousa alguma de seus desígnios.*

*“Os homens de boa vontade levantarão um templo a Deus e o reinado de Deus se estabelecerá sobre a terra. Digo-vos: Muitos de entre vós verão o reino de Deus; mas compreendi bem minhas palavras; estas palavras são de todo o tempo, porque o espírito é imortal; a vida sucede à morte; a luz dissipa as trevas; o santo nome de Deus será bendito por toda a Terra.*

*“Afastai-vos dos falsos profetas. Reconhecê-los-eis facilmente. Eles anunciam sempre a fome, a peste e todos os flagelos. Invocam a cólera de Deus sobre os que tenham prevaricado e sobre os homens que investigam os desígnios deles, para dar a conhecer sua velhacaria. Afirmam que Deus protege seu poder e afetam grandes aparências de virtude, enquanto que seu coração encontra-se sobrecarregado de ódios. Agora vos digo: Deus não tem senão amor para suas criaturas. Ele castiga-as sem pesar para conduzi-las ao arrependimento. Todos colhem em um tempo o que tenham semeado em outro tempo. Todos devem cuidar da sementeira, para que o bom grão não seja abafado pela erva má. Segui a lei de amor e Deus falará a vossos espíritos e vos mandará mensageiros de seu amor. A graça de Deus é obra de justiça.*

*“Felizes os que desejam a graça e saibam merecê-la. A verdade lhes será revelada e eles a espalharão para confundir os maus e os hipócritas, para instruir os ignorantes, para consolar os pobres e os pecadores, para facilitar aos justos os meios de fundarem o reino de Deus sobre a Terra.*

5 - O texto (em italiano) diz: “assimilano Dio agli aderenti delle umanità”; e traduzido literalmente não teria significado. O que lhe dou na tradução (em espanhol) é o da idéia que quer manifestar e que se refere aos deuses antropomórficos, com alusão evidente aqui ao próprio Jesus, em quem se quis ver a Deus convertido em um membro da Humanidade. — Nota do Sr. Rebaudi.

*“A verdade se recomenda por si mesma, desde que fala em nome da razão, da igualdade, da fraternidade e da imortalidade, pois que demonstra a felicidade futura, apoiando suas demonstrações na justiça, no amor, na sabedoria do Criador; pois que ela separa a justiça de Deus das ferozes vinganças, o amor de Deus das fraquezas das predileções, a sabedoria de Deus das indecisões e inconstâncias da vontade”.*

Irmãos meus, estas instruções, todas elas cheias da chama divina, estas expansões de um espírito penetrado das grandezas espirituais tinham de resultar bastante incompreensíveis para muitos homens, mas estes homens compreendiam a oposição que eu lhes fazia e a todos os abusos de autoridade e amavam-me por isso; mas estes homens diziam que eu era o Messias anunciado pelos profetas e criam em mim. Se eu houvesse consentido em deixar-me rodear e defender e, não obstante meus triunfos populares, houvesse permanecido senhor de mim mesmo, minha morte, inevitável resultado da volubilidade das opiniões humanas, teria sido a consagração da aliança dos mundos e dos espíritos.

Nos preparativos de minha alma para sofrer esta morte, travaram-se grandes lutas dentro de mim mesmo. — Devia eu revelar publicamente minha ciência ou deixar a meus fiéis o encargo de divulgá-la? — O silêncio que guardei acusa-me de uma culpa, não muito grave, qual a de haver abandonado Jerusalém quando era necessário permanecer ali.

*Eu devia ter gravado meu aspecto de Messias sobre o porvir, enchendo de espanto a meus verdugos, com palavras que eles teriam sido impotentes para corromper. Eles, do mesmo modo que os propagadores de minha origem celeste, não teriam podido demolir um conjunto de princípios por mim desligados dos erros das primeiras apreciações, e das contradições estabelecidas dentro do propósito da segurança necessária.*

Dediquemos, irmãos meus, uma atenção séria às faltas de Jesus. Elas dão a medida das concepções do espírito espiritualizado, porém circunscrito pelas enfermidades humanas; põem em evidência a justiça eterna que concede ao missionário a

livre direção de sua tarefa; provam a *cegueira da clarividência, a fraqueza da força, a decadência da superioridade*, pelo efeito de duas naturezas opostas no mesmo ser. Jesus arrastou o peso destas duas naturezas, e se alguma vez sucumbiu sob a pressão de correntes opostas, sempre se levantou depois da queda, fortalecido pelo pressentimento de sua próxima glória.

Em Cafarnaum e seus arredores, tantas e tantas vezes percorridos por mim, meus ensinamentos se haviam colocado ao nível das pessoas às quais me dirigia. Comecei, a princípio, com máximas isoladas e com conselhos aplicáveis a todas as situações morais e a todos os sofrimentos físicos. Ninguém em Galiléia se ocupava da medicina propriamente dita, porém todos os homens que queriam estar no apogeu para com o povo, deviam estabelecer sua superioridade sobre o mesmo com demonstrações ostensivas de alguma ciência, e a arte de curar era o que excitava, no mais alto grau, a emoção popular.

A Natureza oferecia-me em abundância, nesses campos, plantas preciosas, e guiado por alguns estudos anteriores, obtive êxitos, que mais tarde se tornaram como milagres e exorcismos. Com meus discípulos empreendi excursões nos arredores de Cafarnaum. Visitei sinagogas, estudei a capacidade intelectual do povo e fiz uso, para fazer-me estimar, de uma doçura familiar, que me impelia tanto para as festas quanto para a procura de enfermos e de gente abandonada.

Minhas parábolas se inspiravam nas próprias paixões de meus ouvintes, por meio de um estilo imaginativo e breves comparações. Minhas descrições dos tormentos do inferno, meus êxtases pelas belezas do céu, os exaltavam e acreditavam-me então quando lhes dizia:

*“Os que me amam me seguirão e eu os conduzirei à verdadeira vida.*

*“Eu sou o bom pastor. Quando o bom pastor se apercebe que uma ovelha se extraviou, deixa por um momento as outras ovelhas para procurar a que se perdeu e a conduzir ao aprisco.*

*“Pedi, e dar-se-vos-á. Batei, e abrir-se-vos-á. Eu sou o distribuidor das esperanças e das consolações”.*

Eu misturava com frequência o que se encontra, entre linhas, na Doutrina pura com os dogmas ortodoxos; porém nas instruções mais íntimas, livrava a Doutrina das obscuridades de que a via rodeada. O anúncio do reino de Deus tornou então a figurar com frequência em meus discursos e repisei com energia as seguintes palavras:

*“Muitos dentre vós verão o reino de Deus.”*

Repito, irmãos meus:

*“O reino de Deus se estabelecerá sobre a terra e muitos de vós verão o reino de Deus”.*

Por que deram às minhas palavras um significado absurdo? — Para descobrir-me em erro ante a presente geração e ante a posteridade. Mas, encontrando-se já claramente definida agora minha doutrina, dai lugar aos homens de boa vontade, vós outros homens intrigantes, homens de má-fé! — Dai lugar à verdade, ela trará novamente à Terra o reinado de Deus!

No décimo quinto capítulo seguiremos os dias dolorosos que levaram Jesus até o Calvário e assistiremos ao grande *ato da expiação dos delitos de Jesus*.

No capítulo décimo sexto nos ocuparemos da glória do Messias e diremos os motivos que o estimularam para revelar-se agora.

Irmãos meus, eu vos abençôo.

## ***CAPÍTULO XIV***

***Continuava Jesus com seus sermões, alheios a toda a ortodoxia, aumentando o ódio e o desejo de o perder, por parte de seus inimigos. Ele desafiava-os afinal e denunciava-os perante o mundo por todas as suas maldades, falsidades e prevaricações, pondo Deus como Juiz e testemunho de***

**suas acusações.**

Irmãos meus, o limite que fixei para este trabalho não me obrigará ao silêncio, se algum de vós tiver o desejo de maiores esclarecimentos ou de uma nova confirmação dos fatos que vos tenho referido. Em segundo lugar, o curso dos acontecimentos até o final deste livro me dará motivos para numerosas digressões com respeito ao assunto que nele se desenvolve. Nós limparemos o caminho e aplanaremos o terreno; semearmos por Deus. Edificaremos a casa de nossos filhos na luz e acumularemos riquezas para eles, derramando tesouros divinos sobre as riquezas humanas. Revelemo-nos tanto pela simplicidade de nosso estilo, como pelo ardor de nosso amor. Expliquemos nossa defesa diante dos homens que nos acusam, nossa força diante dos que nos negam, nossa afetuosa piedade ante os que deformam nossa personalidade. Digamos-lhes a todos, infelizes ou culpados, ignorantes ou malvados:

*“Aproximai-vos, amigos meus, dar-vos-ei a felicidade de crer em Deus nosso Pai, princípio e adorável fim da criação, aliança e movimento das invisíveis harmonias e incomensuráveis grandezas do Universo.*

*“Demonstrar-vos-ei a superioridade gradual e a afinidade dos espíritos entre eles, a diversidade dos elementos e a superioridade absoluta da direção dos globos planetários, dos fosforescentes astros errantes, das reconstituições luminosas, do decrescimento e da regeneração dos mundos.*

*“Ensinar-vos-ei a vida espiritual na matéria e fora da matéria, contar-vos-ei minhas dúvidas, minhas esperanças, minhas faltas, minha gloriosa coroação, o martírio de minha alma, o triunfo de meu espírito, as lutas de minha natureza carnal com as aspirações do meu pensamento, a tendência humana ardendo em meu coração completamente cheio de desejos de uma pureza imortal. Descrever-vos-ei a Jesus como o mais adiantado dos Messias vindos à Terra e farei resplandecer a casa de Deus, livre de toda a superstição filha das criaturas; conduzir-vos-ei ao sentimento do dever e vos convencerei*

*da felicidade que espera aos fortes, humildes e religiosos observadores das leis de Deus.*

*“Ao ouvir minha voz sereis consolados, vós que chorais, e caminhai sob minha terna proteção, ó vós que gemeis no isolamento e na ingratidão, no abandono e na injustiça, no esgotamento das forças físicas e na amarga sensação da lembrança e do remorso! Eu quero minar toda a crença no maravilhoso; fazendo-me conhecer tal qual sou e afirmando a graça como um efeito da justiça divina”.*

A graça é o benefício da força; a força resulta do progresso do espírito e todos os espíritos se elevam por meio das provas da vida carnal, quando compreendem seus ensinamentos. Jesus, desde a felicidade espiritual para a qual o conduziram os opróbrios humanos, teve que preparar seus direitos a uma glória cada vez mais luminosa, e assim sucederá a todos os que chegam ao desenvolvimento das forças por intermédio da vontade.

Neste capítulo, irmãos meus, teremos que expor a doutrina pura de Jesus, fazendo notar as manchas impressas nesta doutrina pelos sucessores de Jesus e pelo próprio Jesus em sua última estada em Jerusalém.

Rodeado em Betânia de seus amigos mais queridos, Jesus não lhes abriu bastante o caminho do porvir mediante um amplo desenvolvimento de sua doutrina e em Jerusalém cometeu o erro de não se proclamar o fundador de uma nova religião. Jesus tinha que repudiar toda a coesão com o povo judeu e morrer afirmando sua fé sobre outros princípios, que não eram os da lei mosaica.

As palavras de sentido ambíguo, as palavras desprovidas de elevação, porque derivavam da vida exata e regular de povos laboriosos, os discursos obscuros, a sublime teoria da igualdade, da fraternidade, da liberdade individual, que parecia até então urdida com pouca habilidade, e a organização viciosa e incorrigível da sociedade humana, tudo tinha que desaparecer e iluminar-se em meio dos últimos preparativos da separação. Ai de mim! Deus foi testemunha das dores de minha alma, dos arrependimentos de meu espírito; mas ele consolou a minha alma com sua força e reservou para meu espírito o encargo de um perfeito cumprimento. — Regozijo-me das trevas ao sair das deslumbradoras luzes! — Quero desafiar o desmentido brutal



depois de haver deixado os eflúvios do amor independente e generoso, entrego-me à humanidade terrestre para despedaçar suas cadeias e mostrar-lhe seu Criador!

Coloquemos debaixo de nossos olhos as semelhanças que existem entre a época das provas humilhantes de Jesus e os tempos de espantosas e convulsivas torturas do estado social. A desconfiança do povo de Jerusalém apoiava-se nas provas que se lhe davam a respeito de minhas contradições. Minha firmeza em rechaçar toda a participação nos fatos milagrosos que se me haviam atribuído, influiu ainda mais para aumentar a desconfiança do povo. — Por que, repetia o povo, permitiu ele que o apresentassem como um curador inspirado, quando afirma agora não haver curado ninguém de um modo sobrenatural?

José e Andréia atribuíam-se a honra, por troca, de serem os filhos de Deus; Maria, minha mãe, parecia oprimida pela vergonha e o desgosto; as mulheres que me acompanhavam tremiam, escudando-me com seus corpos, e meus novos amigos interpunham-se entre a multidão irreverente e meus discípulos de Galiléia. Tais foram os preliminares de uma justiça que se fez forte com o grande nome de Deus, para ir contra o seu Messias e contra os interesses de seu povo, para abater o defensor do povo.

Hoje, irmãos meus, a doutrina de Jesus, mal compreendida no princípio, tanto pela natural fraqueza de Jesus, como por efeito de seus mais zelosos defensores, A DOUTRINA DE JESUS, REPITO, É MAL CONHECIDA ATÉ O PONTO DE QUE JESUS É UM DEUS PARA ALGUNS, UM LOUCO PARA OUTROS E UM MITO PARA OS DEMAIS. Os homens que se julgam capazes de dirigir a Humanidade discutem o poder soberano ou não falam dele jamais; os de espírito mais independente se inutilizam nas orgias, ou dão demonstrações de si com ações miseráveis; os menos irreligiosos sustentam todas as instituições em opróbrios ao Deus de amor e de paz; e a NEGAÇÃO DE MINHA PRESENÇA AQUI DESCANSA NA PRETENDIDA IMPOSSIBILIDADE DAS RELAÇÕES ESPIRITUAIS. Neste dédalo de negras heresias, de desprezíveis defecções, de absurdos erros, domina, como nos dias da revolta do povo de Jerusalém contra Jesus, o louco orgulho das paixões inconscientes e o desafio de delinquentes concupiscências. Jesus, preparado para a luta e profundamente convencido de sua missão

divina fazia depender demasiado sua coragem, da coragem dos que ele amava, e a idéia democrática bebida por ele em um sentimento religioso exaltado, porém sensato, não se levantava o suficiente acima das alegrias do coração. A ingratidão, o abandono, a calúnia encheram a alma de Jesus de uma altaneira compaixão e selaram seus lábios quando justamente houvera sido da maior habilidade o anunciar a religião universal a todos os povos da Terra.<sup>1</sup>

Neste momento Jesus olha para a Humanidade, presa toda ela, parte ao ateísmo e parte à superstição, e por mais que ele se sinta tão maltratado pelos cétricos quanto pelos relaxados e pelos hipócritas, permanece impassível no poder da idéia, na força da ação, as quais não estão já sujeitas às fraquezas da natureza humana. O amor torna-se uma força de entidade espiritual, e se do ensinamento prático de sua vida de abnegação, Jesus não pôde alcançar as honras populares com que contava, nem por isso resulta menor o doce apoio dos pobres e dos humildes, o juiz severo dos prevaricadores e dos conquistadores.

Ditemos as principais passagens das últimas predicções de Jesus e tiraremos em consequência que as falsas avaliações provêm sobretudo das omissões e das referências apócrifas.

Quando ele quis dar testemunho de seu prestígio de filho de Deus em Jerusalém, pronunciou estas palavras:

*“Eu sou aquele que meu pai enviou para dar-vos sua lei; quem quiser me seguir verá Deus. Eu caminho pela estrada da verdade e a luz resplandece em mim.*

*“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis. Isto quer dizer que Deus é uma ciência e que responde aos que trabalham.*

*“Estudai a origem dos males e as dos benefícios e reconhecereis a justiça de Deus.*

*“Afastai-vos do orgulho e dos tumultos da Terra para interrogar a Deus e ouvir o que vos responderá.*

1 - Apresenta-se novamente aqui a designação de religião universal, ou, como eu sempre escrevo, Religião Laica Universal, livre de todas as estreitezas de círculo, escola ou seita. Compraz-me fazer ressaltar esta insistência do Mestre. — Nota do Sr. Rebaudi.

*“Eu sou o filho de Deus, porém esta honra foi merecida por mim e vos digo: Todos os homens de boa vontade podem chegar a ser filhos de Deus.*

*“Não me pergunteis aonde vou nem de onde venho.*

*“Somente meu Pai conhece meu porvir, e meu passado permanece oculto para mim, enquanto o pó que envolve meu espírito se mistura com o pó dos mortos.*

*“Destruí em vós o homem velho e deixai falar o homem novo. Enquanto existir em vós algo do homem velho, as paixões serão mais fortes e o vento soprará sobre vossos projetos.*

*“Humilhai-vos diante de Deus e não procureis o domínio entre os homens.*

*“Arremessai para longe de vós as cousas inúteis e cumpri a lei do amor.*

*“Diminuí vossos gastos para socorrer os pobres; o que tudo tenha dado aos pobres será rico na presença de Deus.*

*“Levantai longe daqui vossa vivenda; posto que, vos digo, o homem é viajante sobre a Terra. Sua família espera-o; sua família o seguirá em outro lugar e terá ainda que trabalhar para reparar as perdas presentes.*

*“Não enfraqueçais vossa fé, com investigações estéreis,<sup>2</sup> com uma passagem mais estéril ainda, mas praticai os mandamentos da lei de Deus e a luz chegará a vós, pois que a luz é um olhar de Deus.*

*“Todo aquele que cumpra a lei e deseje a luz, conquistará a ciência, não essa ciência banal que resolve todas as cousas deste mundo, senão outra ciência que tudo explica.*

*“Felizes os que compreendem estas palavras.*

*“Felizes os homens de boa vontade, o reino de meu Pai lhes pertencerá.”*

Com estes sermões, alheios a toda a ortodoxia, os doutores da lei ameaçaram fechar-me as portas do templo.

2 - Refere-se sem dúvida a essas investigações destinadas somente a satisfazer a vaidade ou filhas de uma estéril curiosidade. — Nota do Sr. Rebaudi.

Se o povo me houvesse parecido deseioso de conhecer a definição da ciência e da luz, das quais falava, eu teria desafiado a proibição e teria feito valer os direitos de um professor religioso que não atacava nenhum dos dogmas reconhecidos, porém as más disposições do povo me surpreenderam e resolvi retirar-me para Betânia.

Durante o período transcorrido entre a primeira defeccão do povo e os atos atrozes de que o mesmo povo foi autor, Jesus não estabeleceu limites às suas expressões e o mesmo sentimento de sua elevação inspirava-lhe ímpetos de furor e profecias de desastres. Ele fustigava a seu gosto aos que chamava hipócritas e perversos, e apontava com antecipação, quase como para oprimi-los depois com o terror, os frágeis no amor, os indecisos na fé, os desconfiados, os ingratos, a toda essa massa de ignorantes e vis que haviam de oprimir seu corpo, semear a indecisão em sua alma e enfraquecer, quase, sua confiança em Deus.

*“Sois sepulcros caiados, a ferrugem e os vermes corroem seu interior.*

*“Possuís roupas, os pobres encontram-se desnudos, e vós rides quando as crianças choram de frio e de fome.*

*“Andais anunciando em altas vozes vossas obras, entretanto no interior de vossas casas escondem-se a orgia e o delito.*

*“Denunciáis ao mundo a mulher adúltera e enganais a Deus com as aparências de castidade, enquanto vosso espírito encontra-se turbado por desejos impuros e ambições desonestas.*

*“Condenais o vício dos pobres, porém guardais silêncio a respeito dos escandalosos excessos dos imperadores e do vergonhoso servilismo dos cortesões.*

*“Chamais a vós mesmos os sacerdotes de Deus, os privilegiados do Senhor, e amontoais riquezas sobre riquezas e incensais aos déspotas e conquistadores.*

*“Eu sou o Messias, filho de Deus, e vos anuncio que este templo será destruído, que não ficará pedra sobre pedra de vossos edifícios; uma nova Jerusalém se levantará sobre as ruínas da antiga; vossos descendentes procurarão o lugar onde se exercitava vosso poder e os*

*fastos de vosso orgulho se desvanecerão como uma sombra.*

*“Quer me decreteis honras, quer me condeneis à morte, meu nome sobreviverá aos vossos e a lei que trago prevalecerá sobre a que vós predicais, sem cumpri-la.*

*“Hipócritas, que tendes a boca cheia de mel e o coração cheio de ira e de ódio. Déspotas, assassinos sem fé, vil manada de escravos encarcerados durante a noite, covil infecto de animais venenosos, desprezível caterva de gente embrutecida e depravada, sois o mundo que está por terminar e eu proclamo um mundo novo, uma terra prometida, a verdade, a justiça, o amor. Intérpretes de um Deus vingativo, implacáveis provedores da morte, a ciência da imortalidade dir-vos-á a todos que Deus é bom e que a vida humana tem que ser respeitada.”*

No meio de outros excessos de linguagem, Jesus acusava os pobres de seguir uma miséria aviltante, sem combatê-la com o trabalho e com as economias do trabalho.

*“Desejais o descanso e passais o tempo no ócio e na embriaguez. Detestais vossos patrões, porém invejais sua fortuna, e se vos encontrásseis em seu lugar, procederíeis como eles, porque não possuíis a fé que proporciona a coragem no meio da pobreza e a modéstia no meio da opulência.*

*“Queixai-vos do orgulho e da crueldade dos ricos, e eu digo-vos que vós tendes a alma encouraçada, o espírito prevenido, próprio das naturezas baixas e ciumentas.*

*“Os que entre vós estão compreendidos no nada das riquezas e na lista dos pobres, serão os primeiros no reino de meu pai; mas, repito, embora muitas vezes o tenha dito: Muitos serão os chamados, porém poucos os escolhidos.*

*“Opróbrio para os comerciantes de má-fé; o roubo, sob qualquer nome que se disfarce, é uma falta ante as prescrições mais elementares da lei divina; somente a restituição e a caridade podem descarregar a consciência do depositário infiel, do mercador desleal, do falsário, do*

*homem ambicioso e injusto.*

*“Pecadores de todas as condições, homens de todos os tempos, a moral encerra-se nestas palavras: Fazei aos outros o que quereíeis que fizessem a vós.*

*“Para trás, traficantes das cousas santas no templo do Senhor!*

*“A casa de meu Pai é uma casa de oração e vós a converteis em covil de ladrões.*

*“Retirai-vos, retirai-vos, vos digo, deste lugar de paz e de retiro.*

*“Os sacrifícios de carne são ímpios; a prece é um perfume da alma, um brado do coração, um arrependimento do espírito, que os tumultos do mundo não poderão aproximar-se-lhes sem afastá-lo de Deus.*

*“Ai de vós e de todos os que desviarem de seu verdadeiro objetivo as obras do Criador! Ai de vós e de todos os que converterem a religião em um meio para adquirir fortuna temporal!”*

A voz de Jesus tomava então uma entonação vibrante e seus gestos tornavam-se ameaçadores. Em nenhuma época de sua vida de apóstolo encontrou tanta amargura em sua alma e tanta indignação em seu espírito, ao revelar as vergonhas da Humanidade, armando-se contra ela com as prerrogativas que lhe davam a sua missão e a ciência divina.

*“Sois fracos e ferozes. À ignorância da juventude ajuntais a perversidade do orgulhoso, do avaro, do ambicioso, do dissoluto, do assassino.*

*“Combateis pela glória alheia! — Que é essa glória?*

*“Uma espantosa demência, um monstruoso assassinato.*

*“Adorais um Deus! — Quem é esse Deus?*

*“Uma imagem formada por espíritos em delírio, um ídolo freqüentemente furioso, sempre fácil de tranquilizá-lo, acessível a todas as queixas, disposto a todas as concessões. Um ídolo adornado com vossos próprios vícios.*

*“Os altares de vosso Deus estão inundados de sangue e vós lhe dedicais até sacrifícios humanos.*

*“Ah! — Causai-me horror! — Empenho-me por adiantar o momento de minha morte, sabendo bem que ela será dolorosa, pois somente depois dela eu me verei livre de vosso vínculo, rota uma fraternidade que me é odiosa, e entrarei na glória de meu Pai.*

*“Poreis em desnudez meu corpo para alegrar vossos olhares, submetereis à sorte minhas vestes para que possa dizer-se que nada do que é meu deixastes a meus servos; meus servos desaparecerão e morrerei abandonado pelos homens, pois que está dito: o Messias morrerá ignominiosamente; o Céu e a Terra guardarão silêncio.*

*“Não penseis que eu temo a morte; mas assusta-me vosso porvir.*

*“Não penseis que eu abrigo a intenção de livrar-me de vossos ódios, mas compreendi e recordai isto: Eu voltarei depois de minha morte. Os que me reconheçam serão perdoados. Compete ao Filho de Deus levantar o pecador e abençoá-lo, facilitar-lhe o arrependimento e proteger os fracos.”*

Irmãos meus, a palavra de Jesus torna-se sentenciosa e profética à medida que ele se vai aproximando do termo de sua vida terrestre, ao mesmo tempo que suas afirmações se vêem livres prontamente do temor pelas perseguições e pelas preferências de seu espírito em favor dos deserdados. Anunciando ele mesmo a ressurreição de seu espírito e prometendo sua participação nos progressos da família humana, ditava sua sentença de morte. Seus amigos, desde logo demasiado tímidos e descoroçados pela confusão dos espíritos, sentiram-se, sob todos os pontos, impotentes diante desta terrível imputação.

*“Declarou-se Deus. Todos ouviram. Tem que morrer.”*

Determinemos a confusão dos espíritos e façamos distinção entre os partidários e os defensores de Jesus.

Os partidários de Jesus amavam o homem e teriam querido salvá-lo do perigo inerente às prerrogativas de Messias. Os defensores de Jesus deduziam a prova de sua superioridade das demonstrações do apóstolo; mas esta superioridade cada um a

explicava a seu modo e a lógica era sacrificada com frequência, ante o espírito de partido e de disputas.

Uns ignoravam a doutrina que havia proporcionado a Jesus suas mais formosas definições da grandeza de Deus e o tomavam por sábio, cuja vida havia transcorrido no estudo das leis orgânicas e das dependências destas leis. Admiravam o ardente professor de moralidade tão pura, mas rechaçavam tudo quanto lhes parecia sair do círculo dos descobrimentos permitidos à inteligência do homem. O destino humano, depois da morte corporal, era para eles um mistério que ninguém podia penetrar. Atacando este mistério, eu me convertia em interrogador, a seus olhos; sustentando minhas convicções, volvia-me um fanático por um erro concebido no paroxismo da vaidade. Outros conheciam as fontes de minha ciência, porém não reconheciam a esta ciência o poder de estabelecer demonstrações tão absolutas e classificavam de orgulhosa pretensão minhas alianças de espírito com espíritos mais elevados.

Os primeiros tinham a franqueza de suas opiniões, os últimos misturavam à consagração de um fato inegável as reticências de espíritos acanhados e ciumentos. Os defensores reais de Jesus eram ao mesmo tempo seus partidários mais instruídos. Já nos referimos a José de Arimatéia, Nicodemus, Marcos e Pedro. Nos últimos dias que permaneci em Betânia, Pedro e José receberam de mim instruções definitivas a respeito do que tinham que fazer depois de minha morte. Demonstrar, cada vez mais, minha mensagem divina a estes dois depositários de minha última vontade, era minha constante preocupação.

*“Que jamais desmereçam no cumprimento de sua missão, dizia eu, mas que estejam convencidos de minha ressurreição espiritual, e esta doutrina, no seu princípio, fraca como eles, se consolidará. — Oh sim! — O porvir terá a colheita de tudo o que eu ajuntei e pus em evidência. O porvir verá generosos espíritos combater o que eu tenho combatido e pôr em prática o que ensino, e eu me converterei em seu apoio, como os que vieram na minha frente o fizeram para comigo, a fim de dar perseverança à ação, a calma e a força no meio dos vendavais.*



*“Oh, sim! Sairei vitorioso da morte e revelarei perante o mundo as provas de minha imortalidade.”*

Meus discípulos de Galiléia (excetuando a Pedro) me pareciam incapazes para seguir minhas prescrições. Sua inaptidão tornava-se ainda maior pelos deploráveis ciúmes, e sempre me havia custado muito trabalho uma aparência de união entre eles. João e o irmão preocupavam-se mais que tudo, em procurar os meios de elevar-me ante a posteridade e prediziam que eu ressuscitaria, corporalmente,<sup>3</sup> aos três dias depois de minha morte. Mateus e Tomé me estimavam, me veneravam com uma espécie de adoração; porém não acreditavam em minha lucidez a respeito do que se relacionava com o porvir. Felipe dizia que era impossível realizar alguma fundação com elementos conservadores tão limitados. Judas e Simão, irmão de Pedro, Alfeu e Lebeu, permaneciam indecisos sobre muitos pontos da doutrina. Judas buscava mais que nunca, poucos dias antes de nossa saída, algum testemunho de afeto. Ai de mim! Olvidei-o no meio de tantas preocupações. Meus amigos de Galiléia eram superiores, em méritos espirituais, a todos os meus discípulos de Galiléia.

A casa de Simão havia-se enchido, devido a mim, de consolos e esperanças; porém aí, como nas outras partes, os espíritos careciam de homogeneidade na fé. Todos os que encontrei nesta casa foram-me fiéis e serviram-me com dedicação. Maria morreu pouco tempo depois de mim. Maria e Simão encontraram forças nas manifestações espirituais, que eu lhes havia prometido.

Irmãos meus, permaneçamos compenetrados da graça divina, porém procuremos não ver nela um desvio da Natureza. A demonstração dos destinos humanos pode ser feita somente pelos delegados de Deus a espíritos preparados para receber esta demonstração; e todos os espíritos terão que percorrer o caminho

3 - Na realidade, desde que se fala em ressurreição, não pode entender-se senão a volta à vida material, posto que, não se falando de morte espiritual, também não há motivo para falar de ressurreição espiritual. O que deve compreender-se, no meu entender, é que Jesus quis referir-se ao desaparecimento e reaparecimento de sua personalidade eclipsada por um momento devido à desencarnação. Para os homens Jesus tinha morrido e seu reaparecimento não podia ser considerado senão como uma ressurreição pelos hebreus. Este é o fato. — Nota do Sr. Rebaudi.

que leva às honras da revelação, feito pelos delegados de Deus. A idéia manifestada com a palavra milagre não existe em nossa pátria, onde as leis do desenvolvimento e as da desorganização são reconhecidas como invioláveis e onde a manutenção do equilíbrio universal se define por meio de um estado permanente das propriedades de cada elemento, as harmonias de cada atmosfera, dos princípios conservadores e das causas mórbidas inerentes à matéria, das afinidades e das repulsões próprias do espírito, dos caminhos abertos à inteligência coletiva e às investigações individuais, para conservar, preservar, reparar, curar e vencer a destruição, mediante a conquista da espiritualidade pura.

A doutrina de Jesus explicava o fasto da imaginação para descrever as alegrias da espiritualidade pura; mas no ensinamento da adoração humana por meio da divindade e no ensinamento dos deveres fraternos, a doutrina de Jesus, positiva em seus princípios, desafiava os equívocos mediante a aplicação de seus preceitos. Ela tirava das perfeições de Deus a causa motriz da perfectibilidade do espírito humano. Reunia os atributos divinos para fazer com eles um código de moral universal. Proclamava a igualdade, explicando as origens e os destinos. Dizia que o amor das criaturas, entre elas, é o único meio para atrair sobre as humanidades o amor do Criador.

*“Em vossa adoração a um Deus justo, dizia Jesus a seus discípulos, sede alheios aos desejos contrários à justiça.*

*“Em vossa adoração ao Autor de todas as cousas, rechaçai as profanações e as crueldades.*

*“Em vossa adoração a Deus forte, poderoso, imutável, aliviiai vossa consciência, dilatai vossa alma, olvidai as necessidades da vida corporal.*

*“Em vossa adoração a um Deus de amor e de misericórdia, lançai-vos nos braços de um ardoroso amor filial, de um amor grato, e perdoai aos que vos tenham ofendido.*

*“Reuni os fiéis em meu nome e repeti minhas palavras sem tirar-lhes nem acrescentar-lhes nada.*

*“Ide à casa do pobre para consolá-lo e abençoá-lo.*

*“Não vos intrometais nas cousas temporais a não ser para reunir novamente o que tiver sido desunido e para*

*facilitar a concórdia entre os homens.*

*“Sede sóbrios e discretos, porém não vos imponhais sacrifícios inúteis.*

*“Desprezai as honras do mundo e não sejais escravos de preconceitos. Habitai com os inimigos de Deus para edificá-los com vossa conduta e nunca maldigais de alguém.*

*“Tomai-me como exemplo e segui-me, do contrário não sereis meus discípulos. Sou pobre, permaneci pobres, sou perseguido, sofri as perseguições, e espalhai entre todos os homens a esperança, a paz, a luz do espírito.”*

Irmãos meus, o amor de Deus converte a alma humana em criadora, depois de havê-la subjugado sob as provas de um desenvolvimento dolorosamente laborioso. A inteligência humana criadora é a aproximação do espírito criado e do espírito criador, é a perfectibilidade orgânica, o desenvolvimento das faculdades, tal como o pensamento estático havia ousado sonhá-lo; é a quimera de um vasto ideal convertida em uma poesia sincera da alma, dilatação devoradora do espírito.

Oh, Deus meu! Quanta distância entre este pedestal levantado por teu amor às gerações ascendentes e os abismos formigando de insensatos mal-humorados, de inimigos desapiedados, de heróis monstruosos. Quanta distância entre o esplendoroso vestibulo de tua morada de glórias eternas e estas trevas de espanto, onde teu nome, pronunciado com hipócrita doçura, é acolhido pelas risadas estúpidas de uma multidão que exala nuvens de pó e rios de sangue.

Dentro de pouco voltarei. Concluo aqui meu décimo quarto capítulo.

## **CAPÍTULO XV**

***Jesus, resolvido a não fugir do perigo, cede, apesar de tudo, uma vez mais, aos rogos de seus amigos e concorda em***

***mudar-se para uma casa colonial distante da que ocupava. Os sacerdotes temiam a oposição do povo e queriam prender o Messias inesperadamente e a sós, para o que conseguiram enganar a Judas, que os serviu a contento. Dá o Mestre suas últimas instruções a seus discípulos, promete-lhes seu auxílio depois de morto e despede-se carinhosamente deles. Jesus é preso.***

A última vez que Jesus voltou de Jerusalém a Betânia, manifestou a intenção de não lutar mais, de não fugir mais, e de esgotar o cálice da amargura para obedecer a seu Pai Celeste.

*“Não me desvieis do objetivo, disse, porém caminhemos juntos. Rodeai-me de carinho e de honras para ocultar a meus olhos a ingratidão do povo e para facilitar o remorso de meus acusadores.*

*“Todos dirão: Pois que o amam, o seguem, tributam-lhe honras, há de ser porque vêem sempre nele o Messias, filho de Deus.*

*“Não vos aflijais pois demasiado por nossa separação carnal, e cumpri minha lei como se ainda me encontrasse entre vós. Minha lei é uma lei de amor; o espírito a ditará em todo tempo.*

*“Paz aos homens de boa vontade!*

*Eis o que entendo com estas palavras.*

*“O homem vê-se continuamente agitado por desejos e arrependimentos. Sua alma jamais se vê satisfeita, seu espírito é ávido de bens efêmeros, sua vida passa entre a ignorância e a ambição.*

*“Mas se o homem se inicia mediante a vontade na emanção divina, sua alma torna-se livre e feliz, seu espírito percorre caminhos até então desconhecidos, sua vida aspira somente a uma posse, a da ciência.*

*“Sim. — Paz aos homens de boa vontade! — Eles são os obreiros de Deus, os preparadores de seu reino na Terra.”*

A festa da Páscoa devia ter lugar, nesse ano, nos últimos dias de março e primeiro de abril (exprimo-me de modo a ser

entendido). Quis, como era costume, ir a Jerusalém; porém, não ignorava que a ordem de prender-me seria expedida e que o decreto de morte já tinha sido pronunciado.

Nicodemus, José de Arimatéia e seus amigos, em número de quatorze, haviam-se abtido de qualquer deliberação, não querendo comprometer os meios de servirem-me nos últimos momentos, de salvarem-me talvez. Depois de terem-se esforçado em fazer mudar as disposições do povo a meu respeito, eles recorreram a Pôncio Pilatos, que lhes deu esperanças.

Os dezesseis foram substituídos e ao tribunal reuniram-se dez membros suplentes. Todos condenaram a Jesus como impostor, sedutor, aliado do espírito das trevas.

O defensor escolhido pelo tribunal para fazer valer as causas atenuantes de meu delito, havia-se alongado em uma difusa dissertação sobre a monomania religiosa e tinha chegado à conclusão, de acordo com a opinião da gente de Nazareth, que eu não era mais que um extático digno de lástima e desprezo.

*“É necessário que este homem morra, exclamou o Sumo sacerdote Anás, porque é culpado de lesa-majestade divina, com todo o conhecimento de um doutrinário. — Por que motivos nos vêm falar de monomania, de demência, quando tudo demonstra uma rara perspicácia, uma ambição devoradora, um caráter dos mais perigosos? — Ainda que a demência estivesse provada, é preferível a morte de um homem inconsciente à queda do Sacerdócio e à ruína de uma nação.”*

No domingo, 27 de março, teve lugar nossa partida de Betânia. O trajeto foi o mais animado, e as honras tributadas a minha pessoa acariciaram as ilusões de meus discípulos. A pouca distância de Betânia encontramos alguns estrangeiros, cujo número foi aumentando à medida que nos íamos aproximando da cidade. Cedi aos seus desejos de os deixar seguir-nos e entramos em Jerusalém como triunfadores.

Não é verdade que eu estivesse montado em um jumento, porém é certo que me foi proposto, recusando eu o oferecimento. Muitos se apinhavam a meu redor. Ramos com folhas e flores caíam a meus pés, e o povo de Jerusalém unia-se ao povo nômade para cumular-me de entusiastas demonstrações. O povo é sempre

imitador e instrumento. Reproduz-se com seus instintos atávicos e obedece a interesses que não são os seus. Por momentos escravo embrutecido ou déspota insensato, o povo conhecerá a verdadeira força somente mediante os benefícios da educação moral. A educação moral encadeia os instintos e desenvolve a razão. Quando ela se encontra na ordem do dia, as classes dirigentes terão compreendido o verdadeiro progresso e a Terra se elevará para Deus.

Uma das primeiras pessoas que reconheci no meio da multidão, que vinha ao nosso encontro dos arredores da cidade, foi meu irmão Eleazar. Tive que supor que meus irmãos mais velhos estavam juntos e procuravam combater a má influência produzida por meus outros irmãos.

Este dia converteu-se depois para mim numa responsabilidade gravíssima. O povo que se havia demonstrado entusiasmado por minhas últimas honras, acusou-me depois, perante Pôncio Pilatos, de haver levado minhas pretensões humanas tão longe, até fazer que me chamassem rei.

A sabedoria e boa vontade do juiz romano levaram a cousa de brincadeira.

*“Provavelmente, disse Pôncio, Jesus se julga o primeiro dos hebreus e a palavra Rei exprime sua idéia. Seja pois Rei dos hebreus! — Mas este rei não pode, sob nenhum pretexto, causar prejuízo à segurança do Império.”*

Na tarde de domingo (27 de março) combinamos passar a noite em Jerusalém. No dia seguinte me vi assediado para que deixasse aquelas paragens para sempre; permaneci imperturbável e essa espécie de delírio que precipitava minhas palavras, passou mais tarde como profecia.

Prometi a Marcos chamá-lo o mais depressa possível ao reino de meu Pai, e às mulheres que se ajoelhavam diante de mim, disse-lhes: *“Vós tereis a coragem de acompanhar-me até à morte e Deus colocará sobre vossas frentes, como sobre a minha, a coroa do martírio”*.

Meus discípulos de Galiléia juravam todos que me rodeariam e me defenderiam até derramar a última gota de seu sangue. Acolhi estas manifestações com um melancólico sorriso e

nada respondi. Depois, dirigindo-me a minha mãe, disse-lhe:

*“Tu tens entre os companheiros de teu filho, minha mãe, um filho e um irmão que te recordarão o ausente e viverás para que não seja negada minha ressurreição como espírito. Da resignação de meus discípulos, da vossa principalmente, depende a conservação de minha doutrina no presente, do mesmo modo que o porvir desta doutrina depende dos sucessores de meus discípulos”.*

Consenti em evitar meus inimigos ainda mais uma vez e fomos hospedar-nos em uma casa colonial, onde já em outras ocasiões havíamos encontrado boa acolhida.

Gethsemani, situada em uma paragem elevada de onde se avistava o mar Morto, o Jordão, as planícies e as montanhas de Galiléia, havia de oferecer-nos um abrigo tranqüilo, ao menos por algum tempo.

O povo nos tinha afeição, e os sacerdotes, que temiam mais que tudo as manifestações populares, hostis a seu poderio, ter-se-iam abtido, seguramente, de proporcionar-lhes um pretexto para uma agressão brutal. Procuraram um meio para apoderarem-se de minha pessoa sem testemunhas e sem ruído e a vergonhosa defecção de Judas foi obra deles.

De meus discípulos de Galiléia, Judas foi o único que não me acompanhou a Getsemani, na manhã de segunda-feira. Alcançou-nos à tarde e sua atitude chamou a atenção de Pedro, que me disse: *“Que tem, pois, Judas? Olhai-o quão preocupado está”.*

Aproximei-me dele e perguntei-lhe por que nos havia deixado no momento de nossa partida de Jerusalém.

*“Tinha ainda que visitar algumas pessoas, disse-me, e por outra parte eu tinha desejos de me informar das últimas disposições tomadas a nosso respeito. Elas são de tal natureza que nos tiram toda a esperança de poder fugir à vingança dos nossos inimigos.”*

*“Tu não deves estar triste por uma solução que eu tenho procurado, disse eu. Mostra-te animoso no momento do perigo e*

*guarda a lembrança do Mestre quando já não me encontre convosco.”*

Estendi a Judas a mão, que ele apertou fracamente; seu olhar esquivou-se de mim. Entendi...

Indeciso a princípio, tomei depois o partido de dissimular para com ele e de o trazer sob uma pressão a todos os instantes. Entreteinha-o, estimulava-o a expansões, para observar melhor suas reticências e suas perplexidades.

Na quarta-feira, Judas propôs visitarmos as plantações de oliveiras que cobriam o flanco da montanha de Getsemani pelo lado de Jerusalém e deu como pretexto de sua lembrança as modificações por que devia ter passado esta localidade. Propus que o passeio se efetuasse no dia seguinte . . . . .

.....

.....

.....

O lavapés era uma das instituições de João; uma demonstração da igualdade humana. O senhor é o irmão de seu servo. A posição social deixa de existir quando se trata de adorar a Deus. A força moral determina a elevação e o homem demonstra-se muito maior com o cumprimento de seus deveres, que com esplêndidas demonstrações de suas faculdades diretivas. Dei provas do meu respeito pelo apóstolo, adotando muitas de suas práticas religiosas, porém conservei somente as que me pertenciam, pela diferença que estabeleci entre elas. O lavapés era celebrado por mim e meus discípulos, todos os anos, somente na véspera do grande sábado de Páscoa. A Ceia, a grande refeição da noite, precedia a este ato. Nossa refeição da noite tinha uma espécie de solenidade, devido à exclusão de toda outra pessoa, que sempre mantivemos durante nossa vida nômade, quando nos encontrávamos todos reunidos. Meus primeiros doze discípulos e meu tio Tiago manifestavam-se felizes pela resolução tomada por mim de não admitir a nenhum estranho em nossa refeição noturna, e eles aproveitavam esses instantes, que alongavam a seu gosto, para identificarem-se melhor com as palavras e as intenções do Mestre. Nesses momentos, precisamente, disseram-se e repetiram muitas recomendações. Muitas promessas, e também muitas



prédicas, baseadas no conhecimento profundo da natureza humana. A sexta-feira anual do lavapés parecia-me muito longe. Sentia que um perigo iminente me ameaçava, e queria dar a meus últimos dias os caracteres de uma fatal precisão dos acontecimentos. Por isso, pedi a meus discípulos que procedessem nessa mesma noite ao lavapés. A surpresa de todos afligiu-me, porque deixava-me entrever seus pressentimentos e Judas me inspirou ainda mais piedade que desprezo nesses momentos solenes, em que manifestei a quase certeza de ser, muito breve, aprisionado. O afeto de meus discípulos de Galiléia era sincero; mas duvidei, com razão, de sua firmeza.

Nessa reunião da tarde, que foi a última, eu lhes conferi o título de apóstolos, entrando em particularidades referentes ao que meu espírito entendia dos trabalhos e sacrifícios que deviam levar-se até o fim, do que minha alma encerrava de solicitude e amor, prometendo-lhes o poder de governar o mundo.

*“Fazei de minhas instruções a regra de vossa conduta e chamai-me quando tendes que discutir com os homens de má-fé.*

*“Ou seja que permaneçais unidos, ou seja que vos separeis pela boa causa, eu me encontrarei no meio de vós e com cada um de vós.*

*“A fé não perecerá nunca, porém se tornará obscura pela falsa direção dada a meus ensinamentos.*

*“Aos que sustentarem a verdade, eu lhes retribuirei com liberalidade meus consolos e esperanças; porém, ai daquele que se distancie de mim! A voz do espírito retumbará no espírito e os acontecimentos se encadearão de tal maneira, que a verdade se restabelecerá e os impostores serão confundidos e os fervorosos serão recompensados e castigados os tíbios.*

*“A malícia e a perversidade do mundo vos preparam maus dias. Conservai vossa fé pura de todo o fingimento e não ponhais limites à vossa caridade. A força vem de Deus e eu vos transmitirei a força.*

*“Pedi os tesouros de Deus e desprezai as riquezas da Terra. Quem pretenda elevar-se entre os homens, será humilhado diante de Deus.*

*“Vós sois meus apóstolos; pregai a palavra de Deus e anunciai seu reino por toda a Terra.*

*“Vós sois meus discípulos queridos; ajudai os pobres, eles são meus membros; facilitai o arrependimento, prometei o perdão em nome de Deus, nosso Pai.*

*“Tudo o que perdoardes, será perdoado e a graça vos acompanhará na paz e nos perigos.*

*“Não devolvais jamais mal por mal, mas forçaí a vossos inimigos que vos respeitem. Comprovai vossa fé mais com obras que com discursos, e no extremo infortúnio recordai minhas promessas e meu martírio.*

*“Estas promessas as cumprirei se tiverdes sido fortes e tiverdes compreendido e praticado o que ordeno e o que eu mesmo tenho praticado.*

*“Uma vida tranqüila não é uma vida de apóstolo e a regularidade da conduta não constitui a virtude de um discípulo. São necessárias ao apóstolo forças e coragem para afrontar o escárnio, o desprezo, a perseguição, a escravidão, a morte; e o heroísmo deve caracterizar os discípulos de Jesus.*

*“O apóstolo demonstrará Deus e sofrerá pela verdade.*

*“O discípulo abandonará os bens do mundo e as honras do mundo. Abandonará o pai, a mãe, a mulher, os filhos, antes que renegar minha doutrina, já seja com os atos, já seja com as palavras, já seja com a abstenção e com o silêncio.*

*“Vós sois meus apóstolos e meus discípulos; eu terei que contar convosco e não obstante... eu sei desde já que muitos de vós me atrairão.”*

Encontrava-me à mesa, rodeado pelos doze; meu tio Tiago formava o décimo terceiro e estava para partir o pão e começarmos a refeição. Meus apóstolos levantaram-se bruscamente:

*“Senhor! Senhor! — prorromperam. — Por que nos causas esta tortura? — Por que chamar-nos traidores, depois de haver-nos confiado o êxito de tua obra?”*

*“Os que me atraíçoarem por fraqueza, respondi eu, se arrependerão; somente o que me tenha atraído por vingança, sucumbirá sob o peso de seu delito”.*

Judas mantinha os olhos baixos, porém ninguém lhe prestou atenção além de mim. Recomendei a meus apóstolos que guardassem a lembrança dessa noite e ofereci-lhes o pão; Judas, que se encontrava à minha direita, serviu-se em primeiro lugar. João, colocado à minha esquerda, como sempre, inclinou-se para mim e disse: *“Em qual de nós pensaste tu, agora, ao falar de traição?”*

Respondi a João:

*“O que me atraíçoará ocupa neste momento um lugar de honra, porém, outros também me atraíçoarão mais tarde e muitos me abandonarão covardemente ao longo do caminho do sacrifício.”*

Continuei servindo os meus apóstolos e insisti para que me deixassem nessa tarefa. Pedro, à minha frente, estava distraído; não comia nem bebia; dirigi-lhe estas palavras:

*“Tu já não és o pescador de peixes, amigo meu, estás aqui convertido em pescador de homens. Tuas redes serão agora os argumentos e recolherás em tua barca aos pobres náufragos; teus companheiros te ajudarão na árdua luta, que haverá que sustentar contra os elementos; vós outros não imitareis a esses espíritos arduamente orgulhosos e céticos, que se preocuparão das causas da queda e da enfermidade, antes de socorrer ao ferido e de aliviar ao enfermo.*

*“Feliz daquele que compreenda estas palavras e que as ponha em prática!*

*“Felizes os fortes! Eles submeterão suas paixões à razão e verão outros tantos irmãos em todos os homens. Conduzir para Deus os insensatos que o desconhecem, os ímpios que o ultrajam e livrar a Terra do fermento da dissolução, é cooperar poderosamente para a concórdia universal.*

*“Convertei-vos em pescadores de homens vós todos, amigos meus, e reuni o maior número de espíritos que possais.*

*“Para ser hábil no ofício de pescador de homens é necessário ter o dom da doçura e da firmeza, o direito de falar e de se fazer ouvir.*

*“Tereis o direito de falar quando vossa consciência se encontre tranqüila, e sereis ouvidos se vós mesmos estiverdes convencidos da verdade que ensinais.*

*“A elevada posição de um servo de Deus não ressalta no mundo porque a força e a luz que se encontram nele, não as emprega jamais para proporcionar-se nenhum poderio. As honras e as riquezas não poderão portanto ser o privilégio de meus apóstolos e, se eu lhes asseguro o império do mundo, é com a condição de que sejam ternos de coração, firmes de espírito e que conservem o direito de falar e o dom de serem escutados.*

*“Os preguiçosos se converterão fatalmente em hipócritas. Não havendo tido a coragem de me seguirem deixarão que se espalhem dúvidas a respeito de minha pessoa; e o desejo de alegrias mundanas, a sede de honras, o amor das riquezas, os arrastarão às prevaricações, à vergonha de parecerem discípulos meus, entretanto me negarão também com ações ocultas.*

*“Porque haverá preguiçosos e hipócritas, Jesus se manifestará novamente para separar o trigo do joio.*

*“O que não é por mim é contra mim. Todo o equívoco é uma mentira; a verdade sou eu.*

*“Nada temais, vos ampararei e vos auxiliarei, e meu espírito manterá o lugar que ocupam agora meu corpo e meu espírito no meio de vós.*

*“Eis a hora cuja aproximação me enche de angústia, não por mim, senão por vós. Nunca, como agora, vos hei amado. Honrai-me quando não estiver já entre vós, amando-vos uns aos outros e perdoando aos que vos tenham ofendido.*

*“Permanecei fiéis à minha voz e adorai ao Senhor nosso Pai, predicando em todas as partes a paz e o amor.*

*“Não tomarei mais deste suco de uva convosco; mas*

*quando vos reunirdes em minha memória, sentireis minha presença na alegria que se infiltrará em vossas almas, na certeza de vossos espíritos sobre todas as cousas.*

*“Penetrarei minhas palavras na atividade do apostolado do mesmo modo que no silêncio de vosso recolhimento, e o que tiverdes de pedir para o culto de Deus vô-lo recordarei. Mas não enfraqueçais vossos conhecimentos das cousas espirituais, misturando-lhes cousas da Terra. Nossa aliança é a este preço, quer dizer, que deveis desprezar o que eu tenho desprezado e honrar o que eu tenho honrado.*

*“Os discípulos não são mais que o mestre, ensinai pois minhas doutrinas sem tirar-lhes nem acrescentar-lhes nada e refutai as dúvidas e os erros de maneira a convencer aos incrédulos a respeito de vossa ciência. Esta ciência não vos abandonará; o espírito beberá no espírito, e, até o fim dos séculos, a graça resplandecerá para os homens de boa vontade.*

*“Meus queridos discípulos: amanhã talvez nos separaremos. Amai-me como vos tenho amado e confundi a todos os homens no vosso amor, na minha lembrança. Dou-vos o mundo para conquistar e minha luz vos guiará. Prometo-vos a glória de Deus.*

*“Nomeio-vos meus sucessores e vos abençôo.*

*“Que a paz seja convosco e com vosso espírito.*

*“Vinde dar-me o beijo da despedida”.*

Meus apóstolos precipitaram-se sobre mim. Eu permaneci de pé e meu semblante refletia uma intensa emoção. Judas beijou-me como todos.

Era meia-noite quando enxugamos os pés de meus apóstolos. Digo enxugamos porque meu tio Tiago, cuja ternura por mim se associava a um profundo sentimento de devoção prática, me ajudava todas as vezes que devia manifestar com uma tarefa pessoal, o culto de uma idéia religiosa. Nesta ocasião suplicou-me que lhe cedesse a maior parte do sacerdócio; é a palavra que empregou.

Eu limitei-me a servir a Judas, Pedro e Filipe, dando como motivo de minha preferência a idade mais avançada desses três

apóstolos.

Todos os meus esforços tinham que ser em vão. Judas não quis acreditar em meu carinho, nem compreender que eu o havia adivinhado, nem admitir que me sentia pesaroso por minhas anteriores predileções, nem aplacar o orgulho para escutar a consciência.

Na quinta-feira pela manhã me senti algo consolado da ingratidão, devido a uma prova de amor.

Simão de Betânia e seu parente Eleazar vieram visitar-me. Minha mãe e as demais mulheres mandaram-me suplicar que as recebesse em meu retiro e meus três irmãos mais velhos desejavam reunir-se a mim no meio da sorte adversa, Marta encontrava-se entretanto em Betânia, devido à sua fraqueza, encontrando-se cada vez mais enfermiça, na casa da irmã, a quem havia ocultado minha fuga de Jerusalém. Confiei a Simão o encargo doloroso de preparar meus amigos para o fatal desenlace e volvi sobre o tema de que o dia estava próximo, que minhas horas estavam contadas e que a reunião de nossos espíritos teria lugar na casa de meu pai.

Estas palavras provocaram a terna emoção de Simão, tive-o abraçado por largo tempo e minhas lágrimas se confundiram com as suas. Alguns instantes depois Simão e Eleazar empreendiam o caminho de regresso a Jerusalém.

Eu havia negado a todos a permissão para me acompanharem a Getsemani, porque queria consagrar o tempo que me ficava livre, às expansões de minha alma diante dos que escolhi para meus sucessores. Existia ainda outro motivo para esta disposição de meus últimos dias; a presença de minha mãe e de minhas santas companheiras teria constituído um perigo real nos momentos em que o apóstolo, o fundador, o homem, devia encontrar suas forças para preencher a missão de Deus. Jamais minha confiança e meu amor se haviam traduzido em tão grande abandono e ardor, jamais a demonstração do porvir se manifestou tão clara de entre o encadeamento de minhas visões espirituais.

*“Vós sois minha carne, sois meu sangue, dizia eu, meu espírito está em vós e todas as potências da Terra não conseguirão predominar sobre o vosso poder, que será universal.*

*“Se não recordais todas as minhas palavras, conservai seu espírito, escolhei entre minha pessoa e o mundo, para não servir a dois senhores.*

*“Ainda que vos separeis de mim por algum tempo, mais ou menos longo, minha doutrina não deixaria, por isso, de ser a luz do mundo, porque outros virão depois de vós, os quais reporão o que vós tiverdes tirado e escutarão minha voz. Eu lhes direi tudo o que vos disse e Deus terá seu templo em toda a Terra.*

*“O mundo está povoado de hipócritas. Eles fazem o contrário do que se manda; outros honram publicamente o que renegam no íntimo de sua consciência; meus discípulos terão que proclamar a verdade e seguir a moral que ela encerra; a estes eu os reconhecerei.*

*“O mundo está povoado de fanáticos, de supersticiosos e de incrédulos; meus discípulos terão que instruir os ignorantes e convencer os incrédulos, com exemplos de virtude e com a referência de nossa aliança, antes e depois da morte corporal.*

*“Favorecerei somente àqueles, cujo espírito seguir meu caminho e que compartilharem, do fundo de sua alma, de todos os infortúnios.*

*“Concedo-vos meu poder; porém, se vos tornásseis infieis, eu vô-lo retiraria, e minha luz seria retardada no mundo, e o nome de Deus seria blasfemado, e a desolação, a confusão, o delito e a impiedade reinariam em todos os lugares.*

*“Sede meus substitutos, e não somente meus sucessores, e dissei: Somos sua carne, seu sangue, seu espírito: O que fazemos em sua memória, o Senhor o ordena e o cumpre em nós.”*

Irmãos meus, o sentido destas palavras: Vós sois minha carne, meu sangue, meu espírito, o sentido destas palavras, repetidas muitas vezes durante meus últimos dias, foi tergiversado, com o fim de erigir um dogma ímpio e ao mesmo tempo falho de razão.

*“Fazei todas as cousas em meu nome, obrai como se me encontrasse visivelmente entre vós”,* são formas que eu

empregava com freqüência, para dar à presença de meu espírito a autoridade da lembrança de minha vontade imutável; para incrustar no pensamento de meus apóstolos o mais irresistível de meus meios de ação, sobre suas práticas futuras. É justamente ao império exercido por minha promessa renovada, de encontrar-me sempre entre eles, que se deve atribuir a docilidade fervorosa de meus representantes imediatos.

O passeio projetado devia ter lugar ao cair do dia. Meus apóstolos pareciam tê-lo esquecido e o próprio Judas permanecia sob o encanto das melodias da alma.

Eu evocava a realidade do passado e os fantasmas do porvir. Todos participavam por igual de meus transportes de ternura, e meus olhares, meus sorrisos, os enchiam de alegria.

Eu tinha a certeza de que se ocultava uma surpresa sob as aparências de uma descuidada curiosidade, quando lembrei a meus discípulos a hora favorável para que nossa excursão não fosse turbada por importunos, nem ameaçada por uma completa escuridão ao regressarmos.

Sáímos, uns alegres com a idéia de que meus pressentimentos do dia anterior não fossem confirmados, os outros silenciosos, quase tristes.

Manifestei a Judas meu desejo de percorrer com ele o caminho até o jardim de Getsemani e apoiei-me em seu braço. Falamos de cousas inteiramente secundárias, durante quase quarenta minutos de caminhada, depois sentei-me à sombra de uma figueira e meus apóstolos tomaram assento sobre diversos montões de pedra. Judas afastou-se de mim; eu havia previsto isto. Dirigia ao redor olhares distraídos para os espessos bosquezinhos de oliveiras, cuja extensão e espessura impedia a vista por todos os lados.

Levantei-me depois de alguns instantes de descanso, chamando Judas meu companheiro de jornada. Foi chamado inutilmente.

Então pronunciei palavras de acusação que não podiam ser alteradas por nenhuma dúvida, dada a sua clareza.

*“Aquele que vós chamais está aqui perto, ele está para chegar. Quando o vejais, a vítima será entregue ao verdugo.”*



Os gritos, as imprecções de meus apóstolos ouviram-se ao mesmo tempo que chegava até nós o ruído do passo pesado de muitos homens. Judas não apareceu; tinha-lhe faltado a audácia do delito no último momento.

Os soldados, com divisas romanas, eram em número de oito; dois familiares do Santo Ofício os acompanhavam; estes últimos apontaram-me à tropa armada e um soldado deitou-me as mãos. Pedro agrediu este homem; eu me apressei em repreender a meu apóstolo com estas palavras:

*“Acalma-te, amigo meu, a resistência é inútil. Sem curvar a cabeça como culpados, convém saber sofrer a lei humana com resignação”.*

João enlaçou-me com os braços, meu tio Tiago implorava a Deus, de joelhos, e meu irmão deitou a correr em direção a Jerusalém. Todos os outros pareciam presa do terror. Mateus, Tomé, Alfeu, Tiago, o irmão de João, acompanharam-me até à casa do Sumo- Sacerdote Caifás; Lebeu, Filipe, Judo, Simão, irmão de Pedro, voltaram a Getsemani. Depois de minha morte foram juntar-se com os que estavam escondidos em Jerusalém.

Fizeram sentar meus discípulos em um banco do pátio e a mim introduziram-me em uma espaçosa sala, onde se encontravam reunidos Caifás, o Sumo sacerdote Anás, genro de Caifás, e uma delegação do Sinedrim composta de vinte membros. O Sumo-Sacerdote procedeu imediatamente ao meu interrogatório:

*“Jesus de Nazareth, és acusado de sedução, de profanação, de malefícios e como tal se vos condena à pena de morte.*

*“Para obedecer à lei que te castiga, devemos ouvir tua defesa pessoal e facilitar a tua confissão ante a exposição das acusações que pesam sobre ti. Aqui está o resultado dos depoimentos que recolhemos.*

*“O nazareno Jesus associou-se principalmente a fatores de desordem, que tinham o propósito provado de sublevar o povo contra as leis do Estado.*

*“Além disso o nazareno Jesus pronunciou-se publicamente contra o respeito devido aos poderes civis.*

*Disse-se reformador da lei mosaica, mediador entre Deus e os homens, filho de Deus, afinal.*

*“Apoiado neste título monstruoso, por sua impiedade, o nazareno Jesus converteu-se em ídolo de um povo ignorante ao qual anunciava o pretendido reino de Deus, conseguindo cativá-lo cada vez mais, com a aparência sobrenatural de seus atos e de suas predições.*

*“Jesus de Nazareth, ousas sustentar que és filho de Deus? — Interrogo-te, responde.”*

Esta frase era provocada por meu silêncio; meu silêncio continuou.

*“E teus milagres, demonstra-os, pois, acrescentou com dureza o Sumo sacerdote. Dize o que possas para atenuar teus delitos e demonstrar a ciência de que pretendes ser possuidor”, continuou Anás.*

*“Se produzires um milagre, continuou Caifás, acreditaremos em ti e proclamaremos tua filiação divina.”*

Um desprezível sorriso acompanhou estas palavras. Levantei a cabeça e encarei meus juízes.

Muitos gritaram: Provoca-nos, não liga importância à justiça de Deus, merece o suplício destinado aos maiores delinquentes, aos mais endurecidos malfeitores! Ordenaram aos soldados que me levassem.

De um quarto baixo, que dava para o pátio, me foi fácil compreender os propósitos que abrigavam meus apóstolos e os subalternos da casa do Sumo-Sacerdote. Os soldados da guarda foram jogar e parecia haverem-me esquecido.

*“Acompanhais o condenado?”* — Perguntou alguém a Pedro.

*“Não conheço esse homem”,* respondeu meu apóstolo. João e seu irmão pareciam estar em boas relações com uma pessoa que os aconselhou a sair para não se comprometerem. Eles

seguiram o conselho.

Meu tio Tiago renovou diante de todos o juramento de antes morrer que renegar sua aliança comigo. Arrastados por este ato de coragem e lealdade, Marcos, Alfeu e Tomé assentiram que eram meus discípulos e acrescentaram que não me abandonariam. Pedro e os dois filhos de Salomé eram os que mais haviam demonstrado, exteriormente, sua ternura por mim, dando à amizade as delicadas formas da feliz expressão do semblante e das doces inflexões da voz. Fazendo da submissão o melhor atrativo para a ocupação de seu tempo, tive que vencer muitas dificuldades, para que a excessiva ingenuidade de Pedro desse lugar à independência do pensamento, para que a fogosa imaginação dos dois irmãos se aproximasse ao entusiasmo das naturezas generosas, para guiá-los, até confundir comigo sua vontade e suas esperanças. Esta fraqueza de última hora ultrapassou minhas previsões.

As diversões dos soldados abafaram os ruídos exteriores, e depois de assistir a cenas triviais de jogadores ébrios, fizeram-me o alvo dos gracejos grosseiros desses homens estúpidos e ferozes.

Quando amanheceu, muitos dormiam, outros estavam novamente bebendo e queriam obrigar-me a que bebesse com eles.

Ataram-me juntas as mãos para conduzirem-me à presença do procurador romano.

A arquitetura do pretório era de estilo grego, do qual mostrava suas colunas carregadas de ornatos; blocos de pedra simulavam balcões em todas as janelas, entablamentos em todas as plataformas que ligavam, em todos os pisos, dois corpos paralelos de construção.

O pretório ocupava um espaço bastante extenso.

Uma sala aberta para o público, que oferecia a facilidade de reunião e de palestrar, enquanto não chegava o momento de comparecer, por si ou por intermédio de outros, para algum assunto contencioso ou delituoso.

As sentenças civis eram, prévia apelação, confirmadas ou reformadas pela alta magistratura civil, que tinha seu assento no pretório e que se pronunciava, resolvendo, em última instância.

Os castigos corporais e a pena de morte, qualquer que fosse a religião do condenado e a autoridade que houvesse imposto o castigo, deviam receber a confirmação do delegado da

soberania imperial romana, e este delegado era então Pôncio Pilatos.

Pôncio tinha quarenta e dois anos. Era um homem de reto sentir, de caráter débil, terno e afável; porém ambicioso e sempre pronto a sacrificar suas convicções para conservar o lugar que se havia tornado de difícil desempenho, devido às dissidências que diariamente se suscitavam entre os interesses opostos de um povo misto e em luta com as exigências do partido hebreu. Pôncio detestava os hebreus; porém não queria colocar-se muito abertamente em conflito com eles, porque havia sido já apontado por antigas comunicações partidas do ex-Sumo-Sacerdote Anás, como um inimigo sistemático das formas religiosas e das disputas teológicas, questões, diziam as comunicações, que não pertenciam ao procurador.

Apenas Pôncio me viu, passou a mão pela fronte como para desfazer um pensamento, cuja lembrança o fatigasse. Em seguida dirigiu-me as perguntas do costume às quais respondi singelamente e sem excitação.

*“Que delito cometeu este homem?”* — Perguntou Pôncio, dirigindo-se a um personagem cuja missão parecia ser a de acusar-me e a de estipular a natureza de minha condenação.

*“Jesus de Nazareth, respondeu o interpelado, é um revolucionário, um renegado, um fabricante de milagres. Comprometeu a ordem pública e atribuiu-se o poder divino.”*

*“O subornador, o impostor foi julgado por direito sagrado, porém o demonstrador das liberdades humanas, que está por cima das potências humanas, o devastador das leis sociais, o predicador da igualdade, o desmoralizador das classes pobres, encontra-se sob juízo perante o representante do imperador Tibério.*

*“Jesus, o filho de Deus, será lapidado como ímpio, ou Jesus de Nazareth, culpado perante Deus e perante o imperador, sofrerá melhor o suplício da cruz? — Nós apelaremos para o povo se for necessário.”*

Pôncio ficou estupefato ante tanta audácia. Desta maneira

nem mesmo sua opinião se pedia, antes de apelar para o povo. Este povo acolhia, gritando desaforadamente, as palavras que o instituía juiz supremo, palavras que haviam sido pronunciadas ao ar livre, sobre uma das plataformas de que falamos.

*“Que se crucifique!” — Este grito foi imediatamente repetido de todos os lados.*

*“Intitulou-se Deus e Rei; fez alarde de destruir o templo e reedificá-lo em três dias!”*

Pôncio respondeu que o título de rei parecia-lhe um termo de elevação somente entre os hebreus; este modo de iludir a questão do cargo político que se me reprochava, levantou contra mim as mais formidáveis ameaças, os mais amargos sarcasmos.

*“Pois bem, se é nosso rei, ponhamos-lhe uma coroa, demos-lhe um cetro e saudemo-lo ao mesmo tempo, Rei dos hebreus e filho de Deus.”*

*“Diz-nos pois, filho de Deus, seria pelo menos necessário esconder tua mãe, teus irmãos e irmãs. Ah! Já te daremos reinado, até tua entrada no reino de teu Pai, duplo Rei, duplo impostor!”*

Pôncio estava desesperado pela inutilidade de seus esforços.

De repente deu ordem para que me desatassem as mãos e anunciou que queria interrogar-me a sós.

Entrei, precedido por Pôncio, em uma sala mobiliada com severidade, cujas saídas estavam todas fechadas. A porta foi fechada pelo lado de dentro pelo procurador, que me ordenou amavelmente que me sentasse, declarando-me que ali não estavam mais que dois homens, dos quais um perguntava ao outro os motivos que o induziram a buscar a morte, atacando a própria essência da lei mo-saica e a persistir no propósito de morrer, pois que havia desprezado as possibilidades de fugir de seus inimigos.

Expliquei a Pôncio minhas inspirações de criança, meus estudos de homem, minhas alianças, minhas esperanças de espírito

na luz infinita; fiz-lhe, a grandes traços, um extrato de minha doutrina, das relações entre os mundos e os espíritos, e apresentei a morte ignominiosa, que me esperava, como o glorioso coroamento de minhas honras como Messias.

*“E se eu conseguir salvar-vos?” — interrompeu Pôncio.*

*“Não o intentes, respondi-lhe eu, tu mesmo te verias arrastado pelo furacão popular... escuta...”*

*Pôncio sorriu desprezivelmente. “Consente em viver retirado, disse, ganharei tempo e empregarei a força.”*

*“Por outra parte, acrescentou Pôncio, tive um sonho a noite passada a teu respeito e sinto que uma pesada responsabilidade me pertence no presente e para o porvir.”*

*“Esses sacerdotes que querem a tua perdição me desprezarão por haver tido medo deles; este povo se arrependerá e a posteridade me acusará, quando menos, de fraqueza.”*

*“A posteridade, exclamei, saberá que tu me ofereceste a vida e que eu quis morrer.”*

*“Para mim a morte é uma auréola; para mim a vida seria uma deserção, uma covardia, uma queda irreparável.”*

Levantei-me indicando assim eu mesmo o fim da entrevista, e acrescentei:

*“Da casa de meu pai, na qual estou para entrar, te abençoarei, porque compreendeste a verdade e a defendeste com coragem.”*

Voltamos ao lugar que havíamos deixado há pouco menos de uma hora. A multidão era mais compacta e o clamor se tornava sedicioso; ameaçava-se a Pôncio, pedia-se que eu lhes fosse imediatamente entregue.

Havendo conseguido um pouco de silêncio, Pôncio

pronunciou estas palavras:

*“Este homem, cuja morte vós pedis, é um justo.”*

*“Não tereis de mim um decreto afirmativo em nome do imperador. O sangue inocente que estais para derramar, caia sobre vós; lavo minhas mãos por tudo o que suceder.”*

E Pôncio Pilatos fez derramar água sobre suas mãos em presença do povo que redobrou em vociferações.

Pôncio entrou novamente em seus aposentos. A pessoa encarregada de dirigir os preparativos das execuções perguntou ao povo qual dos quatro delinqüentes, cuja morte estava marcada para esse dia, queria que se lhe concedesse graça de acordo com o costume.

*“Não a nosso rei, exclamou a multidão; libertai aquele, dentre os três restantes, que mais vos agrade.”*

Entretanto, como entre esses três se encontrava um ladrão e assassino dos mais perigosos, e perfeitamente conhecido, tiveram a idéia de opor-nos um ao outro; para despertar, se ainda existisse nesse povo, um sentimento de justiça.

Pois bem. O povo condenou-me uma vez mais ainda!

Desde esse momento fui convertido em brinquedo de uma multidão insensata e os soldados, encarregados de minha custódia, uniram-se ao populacho. Sobre minha cabeça foi colocada uma coroa de espinhos, sobre meus ombros um pano de cor escarlate (isto passou-se em um dos pátios do pretório), e todos se inclinavam diante de mim dizendo: *“Saúdo-te, Rei dos hebreus.”*

Muitos me bateram, um cuspiu-me no rosto.

Ao cabo de duas horas de diversões abjetas e cruéis me despiram de minhas vestes e sobre meu corpo, completamente nu, aplicou-se a tortura da flagelação. Duas lágrimas me queimaram as faces. Foram as últimas.

Era meio-dia quando cheguei ao Gólgota.

Minhas forças estavam exaustas e não me haviam permitido levar o instrumento de meu suplício, que era um tronco de árvore, dividido e ajustado em forma de cruz, e eu mal podia

suster-me em pé, quando meu corpo desnudo foi exposto às zombarias mais ignóbeis da mais asquerosa plebe. Mas desta vez, pelo menos, meu espírito, concentrado em radiantes perspectivas, perdia de vista os homens e suas espantosas demências.

Meus pensamentos sobre a cruz tiveram principalmente por objetivo os autores de meu martírio, os ingratos e os fracos, e exclamei:

*“Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem!”*

Meus sofrimentos sobre a cruz foram a causa da fraqueza do espírito, e disse:

*“Meu Pai: Por que me abandonaste?”*

Minha consolação sobre a cruz foram a recordação de meus amigos, minha confiança em suas promessas. Divisando minhas santas companheiras e minha mãe protegida e amparada no meio delas, Tiago, o digno irmão da heróica Maria, Marcos, Pedro, os dois filhos de Salomé, abençoei os arrependidos e, mais do que nunca, acreditei na inquebrantável fidelidade futura de todos.

Continuavam injuriando-me sempre... Um leiteiro com estas palavras: Eis o Rei dos judeus! foi colocado sobre minha cabeça.

Dois delinquentes sofriam a meu lado o mesmo suplício; porém, contrariamente ao que se diz, eles não me insultaram.

Os soldados que me haviam crucificado repartiam minhas vestes entre si e lúgubres gracejadores dirigiam-me palavras como estas:

*“Desce da cruz e acreditaremos na tua divindade.*

*“Chama teu pai para que venha libertar-te e pronuncia nossa condenação fazendo-nos morrer antes que tu.*

*“Dá-nos um cartão de entrada, Jesus, a fim de que nos seja concedido gozar de teu triunfo no reino de teu Pai.”*

Meus olhos se nublaram: uma opressão mais violenta que as outras me confundiu e adormeci nas trevas humanas para



despertar no seio das luminosidades divinas.  
Eram mais ou menos três horas.

## CAPÍTULO XVI

***Paixão e morte de Jesus. Seus primeiros instantes ao abrir os olhos do espírito no mundo espiritual. Observações que lhe dizem respeito e referentes às condições da vida humana que se desenvolve em geral no meio das trevas da maldade e da ignorância.***

Irmãos meus, a morte revela ao espírito o seu passado e o seu futuro.

A morte desprende a alma da matéria e liga-a estreitamente ao espírito, de maneira que o espírito torna-se invulnerável por meio da alma. Quer dizer que não tem mais falta de memória, ímpetos furiosos, interrupções ou diminuições em sua penetração e atividade, porque a alma, livre das quedas que lhe imprimia a natureza corporal, dilata-se constantemente ao contato das perfectibilidades da inteligência.

A alma associada ao corpo se atrofia na atmosfera das causas mórbidas e o espírito torna-se pesado pela embriaguez dos sentidos materiais, deixa de ser produtor e arroja-se nos braços de extravagantes demonstrações.

A morte devolve a alma e o espírito à natureza que lhes é inerente; uma contemplativa, a outra laboriosa; as duas se alimentam do princípio espiritual, até sua próxima nova dependência da natureza humana. A morte guarda ao espírito suas lembranças consoladoras e do mesmo modo as funestas. Para um ser malvado a lembrança é um castigo; para os fortes e os justos é o consolo e o engrandecimento. O remorso toma formas diferentes, todas fundamentadas sobre as impressões das recordações, e o benefício da esperança não existe para os infelizes que se encontram embargados pela visão do delito e do temor da represália. A luz do porvir faz-se mais ou menos clara

para os espíritos volvidos à liberdade devido à morte corporal.

A liberdade conquistada na luta da inteligência com os instintos carnis prepara o espírito para a audácia de todas as tentativas e a alma para a força de todas as sensações.

A ciência nasce da liberdade do espírito e da força da alma. Ela desilude a criatura das grandezas efêmeras e dá-lhe o desprezo pelas cousas humanas.

Os desviados do sentido moral, os famintos de alegrias mundanas, os indignos possuidores das faculdades intelectuais, os heróis assassinos, todos os ímpios por ociosidade, todos os incapazes por covardia, encontram-se dominados pelo terror na vida espiritual, até sua primeira correção do orgulho, que assinala a primeira impressão corroborante de sua alma, o primeiro esforço de seu espírito, para compreender algo mais do que os rodeia.

A fácil compreensão de sua transformação abrevia para o espírito o momento da penosa surpresa, ao mesmo tempo que certa presteza de raciocínio o dispõe para a resignação, para a coragem, para o estudo. Em todas as mansões espirituais encontram-se misturados espíritos de aptidões diversas. Em cada etapa da vida humana mantêm-se espíritos superiores à generalidade do povo. A Terra recebe espíritos novos, obrigados a se emanciparem com provações, cuja duração e rigor são estabelecidos pela justiça de Deus.

A Terra recebe em seu seio espíritos pervertidos, marcados com um estigma pela justiça de Deus e que somente se apagará depois de numerosas estadas entre os homens.

Além destes dois aspectos da humanidade terrestre, os espíritos se distinguem por seus graus de adiantamento.

Imediatamente depois dos espíritos demasiado novos para compreenderem o princípio espiritual, temos o espírito preguiçoso, o espírito cético por orgulho, o espírito supersticioso por fraqueza, todos responsáveis por seus atos e que podem melhorar na vida espiritual. Os inteligentes, os investigadores, os sábios, os apóstolos e os Messias adejam nas mansões materiais e constituem os focos do progresso. Os espíritos considerados capazes de colaborarem no progresso universal, encontram-se repartidos e colocados nos mundos carnis, de acordo com as forças de que cada um dispõe e segundo o adiantamento moral que deve resultar de sua ação nos determinados centros humanos,

mediante o bom cumprimento de sua missão. A esses corresponde penetrar o mistério da vida e da morte, não obstante as trevas que os rodeiam; corresponde-lhes também fazer reconhecer e adorar o princípio criador e inteligente, fonte de ciência e de imortalidade, reduzir a pó os ídolos e levantar um templo a Deus.

Se desviam seus olhares do objetivo que lhes está assinalado, se se apartam do progresso para seguir as velhas contendas das paixões corporais, se se formam um ideal de glória pessoal com o desprezo dessa sublime tradição de seus antecessores, isto é: *“Que é preciso vencer ou morrer, pela verdade, qualquer que seja o cortejo imposto às vitórias ou às derrotas; que é preciso sacrificar o interesse pessoal pelo interesse geral e elevar-se entre os homens, humilhando-se diante de Deus”* se, finalmente, eles perdem a fé e a coragem, se sucumbem, Deus os separa, momentaneamente, da grande falange de seus mandatários.

A Terra teve e tem ainda muitos Messias, apóstolos, cientistas, investigadores e inteligentes. Mas podem-se contar facilmente os espíritos que, mediante uma força de vontade persistente, hajam determinado movimentos sensíveis na marcha ascendente da Humanidade.

Estes espíritos meditativos ou agitadores, que trazem a boa nova para o futuro, raras vezes se vêem honrados e seguidos durante sua passagem humana. Quase sempre se extinguem em uma obscuridade miserável ou morrem ignominiosamente diante do povo.

Já fizemos a narração da morte de Jesus tendo por espectador o povo; ocupemo-nos, irmãos meus, da felicidade de Jesus depois de sua morte corporal e das recordações que conservou, depois de séculos de transfiguração, sem exagerar a parte desta confiança de meu espírito para com os vossos espíritos.

Demonstrei-vos minha personalidade, afirmei-vos minha identidade, contei-vos minhas fraquezas, meus sofrimentos, minhas horas agradáveis, meus lampejos entre as sombras da natureza humana e meu martírio sobre a cruz. Não terei que completar agora minha obra iniciando-vos nas delícias de minha alma, nas honras de meu espírito, ávido de amor e de descobrimentos?

A morte corporal causa o aniquilamento da faculdade pensante e dos ímpetus da alma. A matéria dorme para sempre, a alma e o espírito dormem durante uma temporada limitada pela justiça divina.

A alma e o espírito de Jesus dormiram durante algumas horas.

O apagar-se das cenas terríveis a que havia assistido Jesus como ator principal foi o primeiro benefício de seu despertar e a certeza de sua felicidade veio-lhe da recordação de sua memória.

Jesus esquecia seu recente passado, entretanto recordava as promessas feitas à sua laboriosa atuação. Jesus nada percebia já das torturas humanas e sua alma parecia voltar a um formoso sonho ao mesmo tempo que seu espírito buscava o motivo do movimento que se produzia a seu derredor e a causa das excitações de sua vontade para sacudir o entorpecimento que o mantinha imóvel.

Pouco a pouco o sentimento de sua própria força se misturava com os desejos de Jesus, e manifestou sua presença com uma invocação de poucas palavras:

*“Meu Pai.”*

Muitas vozes lhe responderam:

*“Deus te ama e te abençoa!”*

Muitos rostos se inclinaram sobre o meu, reconheci-os e lhes sorri... E a luz feita tornou-se mais intensa.

Espíritos dispersos se reuniam; a harmonia das cores e dos sons inundou a alma de Jesus em um êxtase divino e seu espírito clarividente mediu a extensão das conquistas da inteligência, chegada à posse da força espiritual, livre das fraquezas da natureza material. A subordinação de sua alma descobriu a Deus e sua liberdade espiritual entreviu no infinito os trabalhos inumeráveis da ciência infinita.

As emanções sensitivas das perfeições de Deus resultam como uma alavanca para alcançar as honras da perfeição de Deus e a vida espiritual, sem regresso possível à vida material, constitui um êxtase completo, formado pelos tesouros do amor de Deus.

Jesus começou com demonstrações limitadas no meio de sua família espiritual, depois elevou-se na hierarquia espiritual, estudando os princípios gerais do Universo.

Todos os espíritos, em tal estado, sem possível regresso à vida carnal, estão dispostos para o estudo e colocam em comum suas forças para fecundar o caminho dos mundos.

Todos estão ligados pelo amor fraterno e se fortalecem com uma contínua dedicação para as cousas inferiores dentro da ordem universal, todos devem ou podem descrever as harmonias da criação. Porém, se os seres no estado espiritual permanecem intimamente ligados em suas forças para concorrer à glória do Criador, acontece com eles o que sucede com todos os seres de uma mesma categoria: os entusiastas vão na frente dos tímidos e os retardatários se vêem estimulados pelo exemplo e animados pelo amor.

Que uma sombra entre tantas sombras, que uma luz no meio de tantas luzes, atraia mais especialmente as investigações do espírito; este espírito, apesar de precedido e seguido por milhares de outros, pode iniciar-se entre os primeiros nas causas da sombra, nas fases da luz.

Geralmente a sombra anuncia um germe de futuras explosões, ou um mundo espiritual transitório ou ainda um mundo carnal em decrepitude.

A luz indecisa e parcial indica a incerteza dos princípios conservadores e frutíferos, tanto seja de um mundo espiritual, como de um carnal. A magnificência de Deus manifesta-se principalmente onde resplandecem os sóis e os mundos de primeira magnitude. Estes sóis e estes mundos não são iguais, e suas evoluções seguem a posição, ou estão em relação com a posição que ocupam nos planos do Éter.

Jesus devia recordar sua anterior mansão muito cedo para cumprir as promessas que havia feito a muitos; muito tarde para que seu espírito não se visse turbado por imagens de morte.

Da elevada esfera habitada por ele, Jesus avistou a Terra e procurou os meios para revelar-se a seus amigos. A manifestação do pensamento poucos preparativos exige do pensamento, desde que só faz falta alguma semelhança dos desejos do mesmo instante, para que o espírito, livre dos vínculos materiais, se identifique facilmente com o espírito humano.

As manifestações mais raras do pensamento para com o pensamento, evidenciadas com formas ostensivas, dependem de uma faculdade preventiva ou acidental, que o espírito humano honra e da qual faz mau uso.

Não é esta a oportunidade para indicar os perigos e os escolhos de qualquer manifestação provocada com propósitos fúteis de curiosidade ou de interesses materiais, porém, o que devo afirmar é que os espíritos de luz não empregam as manifestações materialmente comprovadas senão para a glória de Deus e em cumprimento de um dever fraternal.

Jesus, acostumado a ler no espírito de seus amigos mais estimados, encontrou-os dispostos a reconhecer os benefícios de suas inspirações e os consolou e amparou nas provas que tiveram que suportar e consolidou sua fé; colocou também na alma de muitos dos que o haviam perseguido, o remorso do delito e o desejo de sua reparação. Jesus iluminou os ignorantes e os fracos; Jesus comunicou-se com as almas amantes e estas almas amantes arrancaram-se da visão da cruz para entreterem-se com seu predileto. Jesus honrou a todos os que lhe haviam dado uma parte de sua confiança e afeto. A morte corporal de seus perseguidores arrependidos não lhe fez esquecer a dívida do coração e o apoio fraternal que lhes devia. Através dos diferentes povos por que passaram, através das honras e humilhações que atraíram para si com seus trabalhos e virtudes, todos descansaram com freqüência em uma mansão preparada por Jesus. A cada etapa espiritual da viagem, eles gozaram das doçuras da reunião.

Firmemente convencido dos decretos de Deus e da justiça destes decretos, Jesus permaneceu tranqüilo espectador das fraquezas, dos erros, dos delitos... e, sempre, honrado por sua missão, esperou com paciência que chegasse a hora de demonstrar-se.

No meio das perseguições, entre os esplendores sinistros das chamas, os povos dormem no embrutecimento. Despertados pouco a pouco pelo eco das alegrias principescas, os povos aspiram o ódio e semeiam o terror entre os representantes da ordem social. No repouso que segue às revoluções humanas, a sabedoria se impõe e o escritor, o pensador, o filósofo, pedem ao passado ensinamentos para o porvir. A liberdade dos povos, mediante as luzes da razão, efetua-se também, progressivamente; e

a aliança dos mundos carnis com os mundos espirituais estimula a marcha intermitente do progresso.

Jesus havia conservado relações de século em século, porém não podia deter os movimentos de revolta, nem moderar os efeitos do abuso de autoridade, pois que sua mediação direta e persistente não conseguia vencer as dificuldades da hora muito prematura, para desempenhar-se como verdadeiro parlamentar.

Muitas vezes, no século em que nos encontramos, tentou manifestar-se. Estas experiências foram funestas; e ainda no dia de hoje sua narração contém abstrações de forma, juízos incompletos, porque o espírito depositário, lutando sem descanso contra obstáculos materiais, precisava que Jesus usasse de cautela ao fazer chegar sua palavra, para que o mesmo depositário não tivesse que sucumbir sob o peso de emoções fortes e muito repetidas.

As honras da mediunidade não se adquirem sem causar transtornos ao organismo humano e esses transtornos determinam freqüentemente o desequilíbrio das faculdades mentais.

Os escolhos contra os quais tropeçam tantos espíritos, ainda que predispostos para a mediunidade, tinham que ser evitados por aqueles que Jesus favorecia com sua palavra; mas, não obstante o poder de princípio espiritual, quão necessário foi alentá-los continuamente, ampará-los, prometer-lhes e até rodeá-los de precauções! Acaso a natureza humana não é presa de todos os sofrimentos da contradição, de todos os flagelos dos estados mórbidos, de todas as causas, de todos os efeitos das paixões terrestres e carnis?...

Espantosos sofismas preparam as tempestades; Jesus faz ouvir sua voz de apóstolo de Deus à Humanidade, da qual é sempre o Messias, e isto pelas expansões de seu espírito em um espírito humano. Este espírito depositário possui todas as faculdades inerentes à compreensão das obras de Jesus. É de condição obscura entre os homens e encontra-se ligado a Jesus por dependências de ordem espiritual.

Apesar disto, como as disposições de todo o espírito depositário se prestam para as manifestações de ordem superior ou as esgotam rapidamente, o espírito humano depositário da palavra de Jesus tinha que preferir o isolamento ao bulício e fazer prevalecer as luzes da verdade sobre os interesses temporais, sem

o que as tentativas de Jesus teriam resultado vãs.

Irmãos meus, abençoei a majestosa aliança de vosso Messias com Deus e colhei os frutos da doce aliança de Jesus com um espírito humano.

Cumpri minha palavra em manifestar-vos porque vim neste tempo e em tal lugar, melhor que em outro.

Devo acrescentar que vossa atual situação atrai a compaixão de todos os espíritos dignos do amor de Deus.

Que a paz seja convosco, irmãos meus.

Jamais esta palavra foi de uma aplicação tão necessária. Que a paz seja convosco e que a ciência vos abra os caminhos da felicidade.

Que a paz seja convosco! E que a morte daqui vos dê a vida livre sob os olhares de Deus.

### ***FIM DA PRIMEIRA PARTE***



## **SEGUNDA PARTE**

### ***Batei, e abrir-se-vos-á Pedi, e dar-se-vos-á<sup>1</sup>***

*“Não somente foi adulterada minha palavra até na letra, como também em sua própria essência a desfigurou o atraso dos homens, desses mesmos que a ouviram de meus próprios lábios.*

*“Não é orar o repetir palavras com o corpo curvado para terra e o semblante coberto pela máscara da devoção e da humildade.*

*“Não oravam os escribas e os fariseus, porquanto sua linguagem não era a da alma e somente é a alma que até ao Pai se eleva pelo amor.*

*“O que muito ama já orou; o que deseja o bem de seus semelhantes, já orou também, e o que faz propósito firme de não pecar dominando a natureza carnal, o egoísmo e todas as baixas paixões, esse bateu, e abrir-se-lhe-á, esse pediu, e dar-se-lhe-á.*

*“Pedi assim com a alma, elevando o espírito para Deus pela sinceridade de vossos propósitos e pelo amor que deve reinar em vossos corações, assim também tereis orado como eu vos ensinei.”*

1 - Comunicação publicada pela Revista Magnetológica no número correspondente ao mês de janeiro de 1911 e recebida pelo Mèdium XX, da Sociedade Científica de Estudos Psíquicos.

## PRÓLOGO

Nenhuma obra teve tanta ressonância nestes últimos tempos como a medianímica, intitulada VIDA DE JESUS, DITADA POR ELE MESMO.

Basta dizer que todas as revistas que se ocupam de estudos psíquicos e psicológicos tributaram-lhe grandes elogios, tanto pelo estilo e natureza transcendental da obra, quanto pela abundância das provas colhidas em apoio de sua autenticidade<sup>1</sup>

Eu mesmo, tão inimigo do livro e até do autor,<sup>2</sup> tive que curvar-me ante a evidência dos fatos de caráter medianímico<sup>3</sup> e pessoal, que me assediavam sem cessar, corroborando o que já tinha sucedido em torno da mesma obra e aumentando consideravelmente seu valor como obra medianímica, pela evidente autenticidade de sua origem.

1 - É sabido que tanto a 1ª como a 2ª parte foram recebidas pela mediunidade de escrita mecânica e submetidas a um rigoroso controle.

2 - Muitos, guiados exclusivamente por sua boa-fé, tomaram a mal minha opinião contrária à personalidade de Jesus; porém eu creio que merecem mais respeito as opiniões formadas por meio da investigação e do estudo, com inteira honradez e sinceridade e sem outro propósito que o de chegar à certeza, que as opiniões aceitam, como por herança, com os olhos fechados e sem o menor esforço intelectual.

Considero, não obstante, dignas do maior respeito todas as crenças sinceras, porém me ocorre perguntar ao leitor se não lhe parece que algo de muita transcendência deve haver sucedido, para que eu, contra meus interesses e tendo a meu favor os argumentos, provas e dados numerosíssimos, que os investigadores modernos lograram amontoar ao redor da tese que eu defendia, que algo de muita transcendência, repito, devia ter sucedido para que eu mesmo me confessasse em erro, passando-me com armas e bagagem ao campo contrário.

3 - Inútil seria dar aqui maiores detalhes sobre este particular, a não ser que o fizesse com muito desenvolvimento, pois, não se compreenderia, pela forma inteiramente espiritual das manifestações, que se afasta um tanto da materialidade tão procurada no fenomenismo.

Um só exemplo vou apresentar (o de menor valor talvez) pelo curioso e inesperado de sua manifestação.

Em minhas constantes discussões contra a personalidade de Jesus costumava dizer que não era possível crer que a Inteligência Suprema, Deus mesmo, fosse tão pouco hábil que mandasse seu Messias, revelador da nova doutrina, a Jerusalém, desconhecendo as vantagens que poderia ter alcançado sua predicação, do prestígio e domínio que Roma e Atenas exerciam no mundo, a primeira por seu poderio militar e a segunda por sua cultura, porquanto nenhuma força de expansão teriam de adquirir as novas doutrinas no meio de um povo que carecia do menor prestígio no mundo civilizado, não contando com poderio militar, nem com um comércio de importância, nem com riquezas, nem com indústrias, artes, letras, nem ciências capazes de dar-lhe alguma notoriedade.

As contestações que recebi a este argumento, levado ao próprio terreno do adversário, encontrei-as sempre frouxas e mais me pareciam evasivas. Porém, eis que muito tempo depois, um ano talvez, de haver repetido o argumento e quando me encontrava em sessão experimental na Sociedade Científica de Estudos Psíquicos, completamente alheio meu pensamento a questões filosóficas ou religiosas, ou que simplesmente se relacionassem com Jesus, ofereceu-se por minha própria mão, a seguinte comunicação semimecânica:<sup>4</sup>

*“Querem hoje os homens ver no Messias, a quem antes negaram, não já o mediador, como a vontade do Pai havia estabelecido, senão a personificação nele, do próprio Pai que o enviou.”*<sup>5</sup> Jamais, porém, saíram dos lábios de Jesus tão temerários ensinamentos; mas preciso é, irmãos meus, curvarem-se perante os altos desígnios de Deus, que por meios incompreensíveis para o homem, cerca a verdade em cada tempo da forma de prestígios

4 - Fiz já declaração pública de que obtive a convicção no mais além, devido à minha própria mediunidade de escrita mecânica, a qual perdi uma vez adquirida minha completa convicção. Em troca escrevo sob ditado com assombrosa facilidade, porque recebi desenvolvimento especial para isto. Tudo isto é dito não sem grande esforço, pois, no meio da ignorância que a respeito destas coisas ainda nos rodeia é grande o prejuízo que soffro como profissional. Mas estas coisas devem sabê-las os adeptos que me honraram com sua companhia e ajuda.

5 - Sendo um enviado de Deus, converteram-no depois no próprio Deus. É o que quer dizer.

que mais lhe convém, para que sejam cumpridos os propósitos de seu novo ensinamento entre seus filhos; honrai, pois, assim ao Messias, nessa época de sua filiação divina na Terra, honrai-o com a verdade que o dito por ele comporta, no meio do tempo e dos acontecimentos que o rodearam . . . . .

.....  
.....  
.....

A superstição e o desejo do maravilhoso, fomentados pelas fantasias de um discípulo que muito distante se encontrava dos verdadeiros propósitos do mestre, rodearam a minha pessoa dos prestígios da Divinidade, pela divulgação de falsos milagres, concorrendo com isto para que corresse as turbas ao encontro do portador da boa nova, do novo Profeta, do Messias tantas vezes anunciado, do salvador prometido e esperado tão pacientemente pelas gerações que se sucediam. Eis, pois, explicado o verdadeiro milagre, do qual dependia a notoriedade avassaladora do filho de humilde carpinteiro de Nazareth, a rápida divulgação de seus ensinamentos e a prova de tão indiscutível autoridade que se levantava frente a frente das Sagradas Escrituras, frente a frente do orgulhoso Sinedrim e frente a frente da tradição inteira com todos os seus profetas e com todos os seus divinos mensageiros. Assim também teve que suceder, pois a criança só comporta a linguagem da criança e não era possível que se tornassem estereis os esforços do celeste semeador da nova semente, ao revelador da palavra do Senhor, que vinha em seu nome estabelecer a paz entre o império da Terra e os impérios dos Céus. Se certamente sua palavra não estava destinada a ser compreendida e seguida inteiramente durante o tempo de sua presença entre esses homens atrasados e rudes da Judéia, ela não obstante tinha seu papel de importância que desempenhar no seio do único povo que fazia da religião uma necessidade e da prática de suas doutrinas uma parte inerente à sua vida diária. Era daí, de onde devia tirar sua força de expansão, e tirou-a, não sem que dela algo aproveitasse também o mesmo povo hebreu tratado com bastante dureza mais tarde, em consequência do horrível crime de haver empapado as mãos no sangue do Enviado Celeste, que vinha levantá-lo da abjeção em que se encontrava, pelas rudes condições de sua vida devidas ao

atraso moral e intelectual, em que gemia.

*“Erro é o afirmar a falta de oportunidade para a nova revelação na Judéia, porquanto não era o prestígio do êxito, não era a vitória do forte contra o fraco, não era o triunfo das paixões sanguinárias e o domínio estabelecido pelo terror, o que podia dar força de expansão à doutrina do amor aos nossos semelhantes, do perdão das ofensas e do retribuir o bem por mal. São justamente os fracos e os vencidos, os que sofrem, os que têm sede e fome de verdade e de justiça, são estes, justamente estes os únicos que elevam seus olhares ao céu e suas preces ao Senhor, e foram justamente os pobres e os deserdados, os enfermos e os perseguidos, os que eram vítimas da opressão dos poderosos, foram estes os que recolheram minhas palavras e as levaram aos quatro ventos.*

*“Oh!... Não me rechaceis agora, vós outros porque não me apresento com os sinais da evidência material e com o prestígio dos grandes fenômenos.*

*“Sempre o milagre, sempre o maravilhoso para dar valor à verdade!*

*“Eu não posso deixar minha natureza espiritual para entregar-me a exercícios de um fenomenismo material, magnífico para vós, porém indigno da elevada missão que venho novamente desempenhar entre vós ao abandonar as elevadas regiões onde a vontade do Pai me colocou.*

*“Oh! Não me rechaceis, pois, não rechaceis minha palavra, que é hoje a mesma de ontem, porquanto fui sempre vosso Messias, o Filho de Deus que haveis desconhecido, o Enviado de meu Pai, o Revelador da eterna verdade, assim como da vontade divina. Não rechaceis, pois, minhas palavras, porque rechaçaríeis a palavra de Deus. Vinde a mim de preferência pela humildade e pelo amor; chamai-me com a alma, que sempre me encontrarei onde dois ou mais se reúnam em meu nome. Não vos enganeis, pois, porque o que agora vos digo já antes vos disse. Não vos ofusquem a vaidade e os interesses mundanos. Desprendeis-vos de vossas paixões e do apego dos bens materiais. Pensai em mim*

*com sinceridade e com amor e me reconhecereis.”*

JESUS DE NAZARETH.

Tão acertada e sábia resposta demonstra um perfeito conhecimento de causa de quem a produzia que não podia ser outro senão o mesmo protagonista. Demonstra ao mesmo tempo que a Judéia tinha sido escolhida realmente com muita antecedência para pedestal da nova revelação e que ao ser escolhida se procedeu, não ao acaso, senão com inteira consciência das vantagens que oferecia. A manifestação, portanto, resulta inteiramente oposta ao modo de pensar do instrumento por cujo intermédio foi recebida. Por outra parte, a perfeita consciência que demonstra dos detalhes da obra, não somente prova, com muita clareza, que é de Jesus em verdade de quem se trata, senão que a simplicidade, cheia de elevação, assim como a certeza e a veemência das afirmações, produzem a mais profunda impressão de verdade e de sinceridade. A dúvida torna-se impossível e tem-se que admitir como verdadeira a assinatura daquele que deu tal comunicação. Porém, se isto não bastasse, a “*Sociedade Científica de Estudos Psíquicos*”, onde se recebeu a série de comunicações que formam, com a presente, o segundo tomo da “*VIDA DE JESUS*” (intitulado: Complemento), constitui por si só a melhor garantia de seriedade e veracidade, além das numerosíssimas e continuadas provas de autenticidade que a favor da obra se tem recebido sob formas diversas e por meio de vários intermediários.

O Sr. Ernesto Volpi, cavalheiro e distinto chefe do exército italiano, também diretor do Vesillo Spiriti, disse que nenhum cristão deve carecer de um exemplar da VIDA DE JESUS DITADA POR ELE MESMO e que dela deveriam publicar-se numerosas edições em todos os idiomas, não se podendo fazer maior bem que o de sua divulgação.

Por minha parte, posso assegurar que não conheço ninguém que haja lido este livro e não se tenha convertido em seu entusiasta propagandista.

OVIDIO REBAUDI

## **CAPÍTULO I**

### ***Jesus continua sua missão.***

Pensam os homens que a missão do Messias ficou terminada com o sacrifício de sua vida, porém sua morte não foi mais que o remate com que devia ficar consagrada a grandeza de sua obra, recém começada por ela. Sua morte significa, pois, mais que outra cousa, o grande compromisso de futuras alianças entre Deus e os homens, pelo esforço destes para o acatamento das leis divinas e pela elevada manifestação do Pai no que tem de compreender-se como sua vontade, para ser acatada e cumprida sobre a Terra. Venho assim novamente entre os homens, como já disse outras vezes, para continuar a tarefa começada, confirmando o que já disse, retificando o mal compreendido, ampliando também aquelas manifestações e esclarecendo-as em tudo o que permite a compreensão dos homens.<sup>1</sup>

Não duvideis de minha filiação divina, porque o Pai me havia honrado assim ao mandar-me como Messias entre vós, para que as elevadas alianças espirituais, que me rodeavam, e os altos compromissos contraídos, que me apoiavam ao descer à Terra, lograssem assegurar a obra de redenção humana, muito retardada já. Mas não acrediteis na redenção do pecado pela maneira que se disse, porque o pecado só se redime pelo esforço de quem pecou.

Irmãos meus, sois espíritos tão materializados ainda que nada vos ocorre fora da matéria e resumis entretanto vossa felicidade na posse dos bens materiais. E é só pela decidida renúncia de tudo quanto forma um atrativo para a carne e para

1 - Os ensinamentos de Jesus são de tal natureza, que guardam sempre algo mais para o que mais sabe alcançar, pois seu espírito tanto mais se eleva quanto mais nossa compreensão se alarga. Basta observar, por exemplo, a comunicação referente à fé, da qual algum proveito recolhem os espíritos simples, maior conhecimento alcançam os inteligentes e intensas cintilações de inesperada luz brilham para as almas mais evolucionadas. — Nota do Sr. Rebaudi.

vossos mal dissimulados desejos de predomínio, que conseguireis elevar-vos o suficiente para ingressar pela nova via de vossa regeneração. Sois espíritos jovens ainda; vossos pensamentos, vossos desejos e os mesmos laços carnis que vos ligam à família, tudo vos traz agarrados à terra que habitais. Porém podeis, pouco a pouco, levantar-vos acima dessa materialidade com o arrependimento de vossas faltas e com o cumprimento de vossos deveres, porque é assim como o espírito começa a sua elevação e na elevação espiritual encontra-se o desprendimento da matéria. Recordai-vos do que antes já vos disse: *“Eu não trago a paz senão a guerra. Levantai, pois, esta bandeira de guerra e não a enroleis”*.

Irmãos meus: — Oxalá possais compreender o significado de minhas palavras e ligar-vos a mim, como irmãos, na adoração do verdadeiro Deus. Como irmãos meus na reforma de vossos hábitos, nas meditações de vosso espírito e no acordo de vossa vontade com a minha, para honrar vossos pensamentos e vossas ações com a elevada emanção divina.

Eis-me, pois, entre vós para o cumprimento do que escrito está a respeito de minhas palavras e de meus ensinamentos para o porvir, que é hoje o presente, cumprindo a vontade do Pai que não me haveria enviado antes se não me houvesse de permitir mais tarde ajudar a frutificação do que eu havia semeado em seu nome. Vêm assim a constituir estas manifestações como que o resultado natural de meus primeiros trabalhos da vinha do Senhor.<sup>2</sup> Crede,

2 - Desde então Jesus não cessou seus trabalhos, sendo ele o Diretor deste intenso movimento espiritualista que se vem produzindo sob a denominação de “Moderno espiritualismo”, mas que na verdade não constitui outra coisa senão manifestações do próprio Cristianismo dentro de sua orientação constantemente progressiva, pois que, segundo palavras do próprio Mestre, “tudo ressurgente dentre as mesmas aparências da morte para a confirmação mais completa da vida e de seu aperfeiçoamento, para sua aproximação paulatina para Deus”.

Essa tendência, constantemente progressiva do Cristianismo, se deduz também, entre outras muitas coisas, do Espírito de Verdade do Consolador prometido por Jesus, que revelaria e explicaria o que os homens da Judéia não podiam compreender.

A incansável laboriosidade do Mestre sobre esta rota por ele empreendida há cerca de dois mil anos, vê-se claramente manifestada em todas estas comunicações e muito especialmente também na de S. João, que se encontra no final da obra, sendo esta nota agregada recentemente em 1992, para a reimpressão do II tomo, editado na Espanha pela Sociedade “A Verdade pela Ciência”. — Nota do Sr. Rebaudi.



pois, em minha palavra porque eu vos falo pelo amor, e o amor é a essência de Deus. Assim como antes vos disse: Amai-vos uns aos outros, agora repito-vos: Só pelo amor será salvo o homem.

## ***CAPÍTULO II***

***O Mestre faz alusão aos seus primeiros passos no meio das agitações do povo Hebreu, oprimido sob o poder romano, porém manifesta suas idéias opostas a toda a revolta.***

Duas correntes de opinião se formaram desde o princípio para com a minha pessoa: a dos que me exaltavam e a dos que me combatiam. Pouco a pouco, o círculo dos que me conheciam e escutavam minha palavra, ia aumentando. Com isto aumentavam as simpatias e a consideração, por um lado; os ciúmes, a inveja e a murmuração, por outro.

Minha obra era santa, pois era a obra do Pai, era de amor e não de ódios; podiam talvez os dominadores da Judéia duvidar de meus propósitos, que algumas vezes chegaram a ter as aparências de um nacionalismo perigoso para o dominador estrangeiro.

Mas, na realidade, minha alma era completamente alheia a todo o espírito de violência, a toda a idéia de revolta armada. Minha idéia comportava um propósito, esse propósito era o bem e a finalidade era o Pai, fonte de todo o bem, aspiração suprema do verdadeiro espírito de verdade, não Espírito de Verdade, como pretenderam personificá-lo depois; e ainda quando a princípio, levado pelo espírito ardente do meu sentimentalismo avassalador, comprometi os elevados propósitos de minha missão com manifestações abertamente hostis para com os opressores do povo, que gemia e clamava a Deus por justiça, foi sempre o amor o móvel de minhas palavras e jamais houve, detrás delas, idéias de sangue e de represálias.

Comprendiam meus verdadeiros propósitos os que me seguiam?

Sim, com certeza, pois eram desprotegidos do poder e da fortuna, gente simples, que via fechadas na Terra todas as vias de suas aspirações e que se precipitavam ansiosos para os esplendores do porvir, cujas portas, em nome do Pai, eu lhes abria de par em par. Mas, se compreendiam meus propósitos, longe estavam da elevação requerida por eles, porquanto a ambição do bem, mais que o próprio bem, inspirava seus propósitos de seguirem-me, pois que buscavam grandeza antes para si mesmos que para os fins que o Pai me enviara a propiciar sobre a Terra; buscavam para si o que deviam buscar para os outros; suas aspirações eram grandes, porém essa grandeza não comportava a idéia do Pai, senão a dos homens, e levava em si os germes de sua própria destruição, disto foi prova a desgraçada traição de meu querido Judas. A traição de Judas filha foi dos ciúmes como já vos disse, de nenhum modo do amor ao dinheiro; esses ciúmes vieram comprovar os germes de destruição que vos digo e que já outras vezes se demonstraram, dando motivos a pequenas dissensões que chegaram a dividir entre si, ainda que por pouco tempo, a meus amantíssimos discípulos.

A compreensão, pois, dos que me ouviam e seguiam, pouco se elevava do nível geral do sentimento dos homens da época, e é assim que o espírito de minha doutrina melhor frutificou depois de minha morte, com a qual, com já vos disse, começou verdadeiramente o mais importante de minha obra, tanto pela influência que ela exerceu, quanto pela luz que derramou sobre meu espírito e sobre os meus discípulos, que outros se sentiram desde esse momento. Filhos meus, irmãos meus, admiremos e adoremos os desígnios de Deus, que de tudo e a todos os momentos fazem brotar o bem e o amor, a harmonia e a luz, ainda quando tudo parece desfalecer e até a morte põe seu selo, aterrador para vossos olhos, como que cortando toda a esperança e matando toda a fé; é então, quando tudo rejuvenesce e se renova no Pai e pelo Pai, que é, finalmente, o princípio e o termo de todas as cousas.

Nada morre, irmãos meus, tudo ressurgente dentre as mesmas aparências da morte, para a confirmação mais acabada da vida e de seu aperfeiçoamento por sua aproximação paulatina para Deus. Para Deus, pois, elevem-se constantemente vossos pensamentos e seja a oração, em todos os momentos, o laço que a Ele vos una; mas deve ser a oração tal como já vos disse: o que ama, já amando

ora e o que ama sabe antes que tudo enxugar as lágrimas dos seres amados; estes são vossos irmãos, os homens todos, todos os espíritos do Universo.<sup>1</sup>

### **CAPÍTULO III**

***Os homens interpretam mal a pessoa de Jesus e sua atuação;  
Ele pede que o atendam agora e o escutem pelo que  
verdadeiramente é.***

Querem hoje os homens ver no Messias, a quem antes negaram, não já o mediador como a vontade do Pai o estabelecera, senão a personificação nele, do mesmo Pai que o enviara. Jamais, porém, saíram, dos lábios de Jesus, tão temerários ensinamentos; mas preciso é, irmãos meus, curvarem-se antes os altos desígnios de Deus, que por meios incompreensíveis para o homem rodeia a verdade em cada tempo, da forma de prestígios que lhe convém, para que sejam cumpridos os propósitos de seu novo ensinamento entre seus filhos; honrai pois, assim, ao Messias, nessa época de sua filiação divina na Terra; honrai-o com a verdade que o dito por ele comporta, no meio do tempo e dos acontecimentos que o rodearam. Irmãos meus, os justos desígnios de Deus, já vos disse, permitem que por muitos diversos caminhos chegue o ser ao conhecimento do que ele precisa para a sua salvação. Esses caminhos, que são freqüentemente desviados em suas aparências, conduzem muitas vezes à certeza, no fim, porquanto, se não foi

1 - Este elevado conceito da oração, estão longe de compreendê-lo tanto os rezadores de ofício como os que combatem a oração com o ridículo argumento de ser ela inútil, porque o que há de ser — dizem como os fatalistas turcos — há de ser, não valerão rogos e mais rogos para desviar a rota dos acontecimentos. Não compreendem estes senhores que a verdadeira oração é uma força poderosa, que por si mesma pode determinar os fatos mais assombrosos. Eis, pois, que tais pessoas não compreendem o espírito do cristianismo. Eles são os mesmos que confundem a caridade com a esmola e a humildade com o servilismo. Para poder distribuir esmolas basta ter dinheiro, para ter caridade é preciso ser espírito evoluído. Ninguém foi tão pobre como Jesus e ninguém fez tanta caridade como Jesus.  
— Nota do Sr. Rebaudi.

Jesus o Deus que lhes falou e os dirigiu em pessoa, foi entretanto Deus mesmo quem o fez por intermédio de seu filho. A superstição e o desejo do maravilhoso, fomentados pelas fantasias de um discípulo, que muito longe se encontrava dos verdadeiros propósitos do mestre, rodearam a minha pessoa dos prestígios da divindade, pela divulgação de falsos milagres, concorrendo com isto a que corresse o povo ao encontro do portador da boa nova, do novo profeta, do Messias tantas vezes anunciado, do salvador prometido e esperado tão pacientemente pelas gerações que se sucediam. Eis, pois, explicado o único, o verdadeiro milagre, do que dependia a notoriedade avassaladora do filho do humilde carpinteiro de Nazareth, a rápida divulgação de seus ensinamentos e o selo de tão indiscutível autoridade, que se erguia frente a frente das Sagradas Escrituras, frente a frente do orgulhoso Sinedrim e frente a frente da tradição inteira, com todos os seus profetas e com todos os seus divinos mensageiros. Assim também devia acontecer, pois que a criança só compreende a linguagem da criança e não era possível que resultassem estéreis os esforços do celeste semeador da nova semente, do revelador da palavra do Senhor que vinha em seu nome estabelecer a paz entre o império da Terra e os impérios dos Céus. Se, certamente, sua palavra não estava destinada a ser compreendida e seguida completamente durante o tempo de sua presença entre esses homens atrasados e rudes da Judéia, tinha ela, entretanto, seu papel importante no seio do único povo que fazia da religião uma necessidade e da prática de suas doutrinas uma parte inerente de sua vida diária. Era daí, de onde devia tirar sua força e expansão e tirou-a, não sem que dela algo aproveitasse também o mesmo povo hebreu, tratado com excessiva dureza mais tarde, em consequência do horrível crime de haver tingido as mãos no sangue do Enviado Celeste, que veio para levantá-lo de sua abjeção e das rudes condições de sua vida, pelo atraso moral e intelectual em que gemia.

Erro é o afirmar a falta de oportunidade para a nova revelação na Judéia, porquanto não era o prestígio do êxito, não era a vitória das paixões sanguinárias e do domínio estabelecido pelo terror, o que podia dar força de expansão à doutrina do amor aos nossos semelhantes, do perdão das ofensas e do retribuir o bem por mal. São justamente os fracos e os vencidos, os que sofrem, os que têm fé e fome de verdade e de justiça, são estes,

justamente estes os únicos que elevam seus olhares ao céu, suas preces ao Senhor, e foram justamente os pobres e os deserdados, os enfermos e os perseguidos, os que eram vítimas da opressão dos poderosos, foram eles os que recolheram minhas palavras e as espalharam aos quatro ventos.

Oh! ... Não me rechaceis agora vós outros porque não me apresento com os sinais da evidência material e com o prestígio dos grandes fenômenos.

Sempre o milagre, sempre o maravilhoso para dar valor à verdade!

Eu não posso deixar minha natureza espiritual para entregar-me a exercícios de um fenomenismo material, esplêndido para vós, porém indigno da elevada missão que venho novamente desempenhar entre vós, ao abandonar as elevadas regiões onde a bondade do meu Pai me colocou.

Oh! Não me rechaceis pois, não rechaceis minha palavra, que é hoje a mesma de ontem, porquanto fui sempre vosso Messias, o Filho de Deus que haveis desconhecido, o Enviado de meu Pai, o revelador da eterna verdade, assim como da vontade divina. Não rechaceis, pois, minhas palavras porque rechaçaríeis a palavra de Deus. Vinde a mim de preferência pela humildade e pelo amor; chamaí-me com a alma que prontamente a vosso lado estarei e sempre me encontrarei onde dois ou mais se reúnam em meu nome. Não vos enganeis pois, porque o que agora vos digo já antes vos disse. Não vos ofusquem a vaidade e os interesses mundanos. Desprendeí-vos de vossas paixões e do apego aos bens materiais. Pensai em mim com sinceridade e com amor e me reconheceréis.

#### ***CAPÍTULO IV***

***Insiste em que sua nova manifestação entre os homens, sob esta forma, não constitui outra cousa senão a continuação da obra começada por ele, em nome de Deus.***

Já vos disse, irmãos meus, que, pois que Deus consentiu em enviar seu filho para a salvação do homem, caído tão abaixo de sua pureza primitiva, devido à sua falta de progresso, ele não pode deixar sem cumprimento seu propósito. Assim, pois, truncados pela morte do corpo esses divinos propósitos, só podiam ser cumpridos no momento, pois não podia a vontade do Pai estar sujeita à dos verdugos de seu enviado senão enquanto a obra deles pudesse servir de instrumento eficaz, embora cego, para o cumprimento da vontade divina,<sup>1</sup> que nunca pode deixar de ser cumprida. Cumpre-se, pois, novamente agora repito-vos, a obra do Pai, aparentemente interrompida por minha ausência material de entre vós e comporta especialmente dito cumprimento em estabelecer a verdade, tal qual ela foi dita. Se certamente a palavra que recolhestes de minha anterior predicação, cheia era de ambigüidades para vossos entendimentos tão atrasados então, e de contradições aparentes com relação ao que agora vos digo, preciso é que compreendais que a verdade há de buscar-se na essência do ensinamento e não em sua forma, posto que esta há de ser da que se aproveite o meio em que se fala e o ambiente em que o ensinamento se produz. É, portanto, no que à palavra se refere, dando a entender sobre as chamas eternas, sobre as potestades infernais e outras cousas que foram ditas, que se deve compreender a necessidade, para o Mensageiro, de falar a língua dos que suas mensagens haviam de receber e preciso lhe era também ainda vestir seus ensinamentos com a roupagem das idéias imperantes. Se outro houvesse sido o modo de minhas palavras, ninguém as teria escutado e estéril teria resultado a vinda do Messias, o que não podia acontecer pelo que já vos disse com relação ao necessário cumprimento dos desígnios de Deus. Assim, pois, tudo aconteceu como devia acontecer. Assim também acontece, hoje, que minha palavra não é acreditada, como já antes disse: Mas quando vier o Filho de Deus, pensais que encontrará fé na Terra? Esses também, os que se dizem mestres de minhas palavras e os que se julgam o porta-voz de meus ensinamentos,

1 - Efetivamente, foram os verdugos de Jesus quem, com o martírio do Gólgota, engrandeceram e imortalizaram a obra do Nazareno, contribuindo involuntariamente para que a vontade do Pai se cumprisse. — Nota do Sr. Rebaudi.

vão mal, porque lhes falta a fé, que só é dada aos humildes de coração, aos que sofrem perseguição pela justiça, aos que resignados choram e aos que padecem sede e fome de verdade e de amor.

Onde estão vossas aflições pelo bem? — Onde estão vossos grandes sofrimentos pela verdade? — Onde vossos sacrifícios para que frutifique em vossa mísera morada a semente que semeiei e que hoje volto a regar com lágrimas ardentes, por vossa pertinaz cegueira?

Recordai o que antes vos falei do homem que tinha uma figueira em sua vinha, foi buscar seu fruto e não o achou. E disse ao que lavrara a vinha: Olha, três anos há que venho buscar fruto nesta figueira, e não o encontro; corta-a pois; para que há de ocupar ainda a Terra?

Venho pois agora buscar o fruto da figueira que plantei na vinha do Senhor, e não o encontro. Esperais que a figueira seja cortada pela raiz e lançada ao fogo?

Oh! irmãos meus, crede de uma vez na palavra que novamente vos trago, para recordar-vos o nenhum valor das cousas humanas, o enganoso de toda a felicidade que não seja do espírito, a falsidade de toda a aspiração posta nas cousas passageiras da vida e o vazio de toda a esperança que não veja mais além do corpo.

Muitas cousas vos poderia dizer, mas, de que vos valeriam se cegos vos obstinais em permanecer, com a alma acorrentada aos torpes apetites do corpo? — De que vos serviria que vos mostrasse melhor luz, se vós teimais em manter fechados vossos olhos?

Não acreditais muitos de vós que sou eu quem vos fala, e nem mesmo vendo-me o acreditaríeis e tampouco o acreditaríeis se novamente crucificados vos exibissem meus pobres despojos; porém, isto é porque fechados conservais os olhos de vossa fé, fechadas as portas da humildade, fechados os caminhos de vosso coração!

Oh! — Quão distante vos encontrais de onde deveríeis encontrar-vos! — Por isso muda é minha palavra para vós, sem calor meu sentimento, sem eco a voz de meu constante chamado.

Sede sábios, porque de Deus vem também a ciência. Mas não olvideis que toda a sabedoria e toda a grandeza nada são sem a fé, sem a humildade e sem a caridade. Pedi, pois, a Deus sobre

todas as cousas, estas três: fé, humildade e caridade.

## ***CAPÍTULO V***

### ***Da Fé***

Pedi, sobre todas as cousas, estas três: fé, humildade e caridade. Assim vos disse, queridos irmãos meus, e também vos havia dito já que a fé transporta montanhas e é deste poder da fé que pretendo falar-vos agora. Mas deve-se compreender qual há de ser a fé, não a que se encerra somente em crer as cousas, que foram ditas em nome do Pai e por quem do Pai havia recebido mandato para que as ensinasse e divulgasse, mas a fé que é de Deus e que em nome dele há de ser recebida, aquela que para Deus eleva em essência os espíritos e não em palavras. Crer na palavra que de Deus vem, muito é já, mas elevar-se até ela, bebendo seus preceitos como a própria essência do próprio ser, muito mais é; e quando por meio dessa fé se vêem as cousas de Deus com tanta clareza como por meio dos olhos do corpo as cousas do mundo, e quando nessa fé vive o espírito vida de luz e o invade, nela e por ela, intenso calor de amor e de sentimento puro da verdade e do desejo de justiça, de maneira que essa fé, por si tão intensa que com a própria essência do Pai nos confunde, porque até ele nos eleva, participantes nos faz dos divinos atributos e proporciona-nos tudo o que em Deus existe até onde a intensidade e a pureza de nossa fé alcança.

Em grande erro estão pois os que ensinam que a fé unicamente se encerra na crença do que não se viu, porquanto mau e bom se viu e não se viu, pois que até a verdade e até o amor, não em crença, mas sim em sentimento, faz-nos levantar a fé, sim, certamente esta fé há de ser a fé. Se tão simples cousa fosse a fé, que bastasse fechar os olhos e dizer sim do que não se viu, para estar nela, que justiça teria havido no Pai ao premiá-la de vida eterna, se dito foi em seu nome que as portas do céu sofrem violência e somente os violentos entram por elas?

Deve-se entender que a violência há de ser contra as



nossas próprias paixões e não materialmente contra as portas do céu que não as tem, porquanto a casa de meu Pai é o que chamado foi o firmamento, e não tem limites; sem portas é portanto.

A fé transporta montanhas, também foi dito; ensinando com isto o grande impulso que em si mesma encerra a fé, e sendo assim, que de maior pode opor-se-lhe? — É pois a virtude suprema, porque as encerra a todas e vem depois de todas, mas há de ser tal como eu vos ensinei, fé que percorreu já vitoriosa a encosta da montanha, chegando ao seu cume e dominando do alto o que está abaixo do ser, em apetites desordenados, em aspirações de uma materialidade sem horizontes.

Que todas as gentes, ou senão todas, muitas dentre elas procurassem arrimar-se ao Messias porque tinham fé, que saísse dele virtude que os curasse de suas enfermidades, certo foi muitas vezes, e certo também chegou a ser em mais de uma ocasião que fizera sua fé o milagre de que iam em busca junto ao Messias. Portanto foi dito por ele muitas vezes: tua fé te salvou; quis dizer porventura, a minha fé te salvou? — Assim, quando dito foi “*a fé transporta montanhas*”, é porque grandes cousas foram e são obtidas por virtude da fé, porque nada chega até onde ela chega; e quando vós tiverdes fé igual à do Filho de Deus, igual a ele vos vereis; tanto é grande a fé que por ela somente tão alto ascendereis. Mas tende isto por certo, que semelhante fé, que até o Pai alcança, tão-somente espíritos do Senhor, os que anjos foram chamados, têm-na conseguido, porque muito viveram, muito caminharam, muito sofreram, muito aprenderam e só no bem pensam e para o bem obram. Tão-somente eles, porém nenhum homem até agora, compreendem a fé, e a têm como a que aqui se entende e a que pode fazer milagres, ou o que assim chamais, como agora também pode fazê-los, e os faz. Nunca Jesus os fez.

Quando se disse que só pela fé sereis salvos, deste modo entendeu-se que devia de ser a fé;<sup>1</sup> mas vós mesmos que recebeis o

1 - Bem entendido, isto significa que somente por nosso próprio progresso havemos de ser salvos, posto que unicamente ele nos há de elevar para a verdade e para o bem, até o infinito, quer dizer, até Deus. Eu disse muitas vezes que ninguém pode crer o que quer, senão o que pode, querendo significar com isto que a Fé é tanto mais elevada quanto mais elevado é o ser que a possui. Resulta, como se vê, um grave erro o dos católicos que pretendem opor o cristianismo à ciência, porquanto é ele precisamente o que mais propende

que estou dizendo não o entendeis, porque se o entendêsseis mais elevados estaríeis, compreendendo o que excede da crença à fé e dessa fé, de que todavia sois capazes, até à fé de que agora vos falo.

## CAPÍTULO VI

### *A queda do homem e sua redenção*

*“O homem caído de sua primitiva pureza”, tem-se dito, “porquanto toda obra saída das mãos de Deus há de ser naturalmente pura; caindo na impureza tão depressa ele se verá por si mesmo amparado e guiado, porque o seu pensamento é curto, acha-se em trevas a fé, e a visão da alma entravada pela falta de conhecimento do espírito. Essa primitiva pureza é pois com relação ao que se refere ao ponto de partida do ser como obra do Pai, porém pobre dos dons do espírito, que tão-só pela queda e pela regeneração, pelo sacrifício e pelo esforço, hão de ser alcançados.”*

Difere portanto a primitiva pureza do ser, que lhe foi dada, da que ao ser lhe pertence por sua própria aquisição, com o esforço e o sacrifício, com a queda e a penitência. Mas quando muito fundo a alma mergulhou na impureza e no erro, muito andou a desordem e muito intimamente se entregou às baixezas da materialidade do corpo e das paixões carnis e satisfações de desejos impuros, converteu-se então a alma em escrava da matéria e do corpo; nada já por si mesma pode e preciso lhe é um Salvador, o que portanto aconteceu com o Filho de Deus.

à ciência verdadeira, porém não à que freqüentemente o atraso humano pretende impor como ciência e que é consequência de falsas miragens, devidas aos pontos de vista errôneos de que costuma partir por seu materialismo, não já pela observação severa e experimentação conscienciosa, senão por meios primitivos e antigas preocupações dos que alcançam compreender o que podem ver e tocar. Este superficialismo e falso critério de observação é o que tem conduzido para o materialismo muitas mentes pouco profundas, demasiado amigas de detalhes e escravas das aparências. — Nota do Sr. Rebaudi.

A redenção humana não era já possível somente pelo esforço do homem e necessária era a vinda do Messias prometido, para encaminhá-lo novamente pelo direito caminho que o conduzirá para sua salvação, no além.

O homem espírito é encarcerado no cárcere da matéria, mas para vida de espírito foi criado; fora da matéria há de ser sua liberdade e sua grandeza.

Os anjos no céu moram e anjos também os espíritos dos homens hão de ser.

Nos espaços é o céu, mas não são os espaços o céu. Os espíritos do Senhor estão nos espaços e no céu. Os espíritos do Senhor estão em Deus e o que em Deus está no céu está também.

Irmãos meus, filhos meus, amigos meus, ouvi pois minhas palavras, que a salvação vos traz, com o conhecimento das verdades necessárias para alcançá-la. Abri vossos espíritos à confiança, acreditai em minha palavra que é a palavra do Pai. Melhorai-vos em vossos hábitos e em vossos desejos, elevai vosso pensamento a Deus e fazei penitência de vossos pecados, confessando-vos também uns aos outros.<sup>1</sup>

## **CAPÍTULO VII**

***Refere-se o Messias à sua passagem e pregação por terras distantes e cita Cafarnaum como o ponto onde sua pregação começou a assumir caráter de eficácia para seu apostolado.***

1 - Deduz-se claramente do que aqui se diz, que a queda do homem não é tal como o Catolicismo o entende, senão que tal expressão possui um significado muito relativo. Compreende-se que o ser possui em embrião todas as faculdades ao vir à vida; inocente como uma criança, é perfeito em sua relatividade, porque não cometeu erros, porém a mesma falta de desenvolvimento em suas faculdades faz que seus primeiros passos sejam seus primeiros erros e a pertinácia consciente neles constitui mais tarde a verdadeira queda. Mas chegou a tais extremos o domínio que, pela obstinação no erro, lograram as baixas paixões sobre o homem que este não pode já emancipar-se delas, sendo necessária a vinda do Messias para ajudá-lo a retomar o domínio de si mesmo. — Nota do Sr. Rebaudi.

Cafarnaum, da tribo de Nephtali, sobre a costa do Mar de Tiberíades, ou também Genezareth, onde me foi dado encontrar meus primeiros discípulos no Senhor, foi também a pedra primeira do edifício de meus trabalhos na fé daquele que me enviou. As gentes simples e ignorantes, mais dadas às ocupações em proveito do corpo que do espírito, entregues estavam ao mercantilismo de seus afazeres para conseguirem bens terrenos, e as palavras do Messias saído das mesmas terras na Judéia, mais faziam ruído em seus ouvidos que entretenimento eficaz para o bem de seus espíritos. Foi-me possível, não obstante, estabelecer alianças dos sentimentos dos que escutavam minha palavra, entre os rudes pescadores do lugar principalmente, com os propósitos de minha sementeira na fé do Pai e no amor que dele vem.

Depois da larga estada em Jerusalém que minha educação exigira, meus ensinamentos, levados mais além do território da Judéia, se certamente encontraram acolhimento de afeição e reconhecimento, apenas recolheram elementos para a obra futura; não ganhou aí em alianças nem meios para o cumprimento do que o motivara, a vinda à Terra do Filho de Deus e o que devia ter repercussão em todos os âmbitos do mundo. Mas os propósitos do Messias chegaram a formas melhor definidas e fizeram-se mais apropriados ao objetivo proposto, conseguindo também firmar-se melhor em seu espírito, pela afabilidade com que ele se viu acolhido, escutado e atendido; sem dúvida mais amado que compreendido era justamente o que os secretos desígnios de Deus lhe haviam preparado nessas terras distantes, como para a conservação, por sua lembrança mais tarde, do valor que o devia acompanhar na empresa de tanta transcendência para a qual destinado era. Na mesma Cafarnaum não podia encontrar sua verdadeira base meu apostolado, cujas raízes em Jerusalém tão-somente haviam de achar-se, para dar nascimento, no porvir, à árvore frondosa de minhas doutrinas, sob cuja sombra benéfica se haviam de acolher as gerações futuras, saboreando seus doces frutos de amor e de verdade.

Havia-me sentido, não obstante, débil no grande centro da Cidade Santa, débil pelas insídias do fanatismo, pelas prevenções do clero, que em repetidas ocasiões havia levantado desconfianças e resistências contra mim; entretanto via-me quase órfão de elementos de valor que me apoiassem. Meus primeiros passos

tinham sido, no entanto, afortunados e as vezes que fizera ouvir minha palavra no templo foi sempre com vantagem para as novas doutrinas. Mas assim também aumentou contra mim a mal dissimulada cólera dos sacerdotes. Isto foi justamente o que afastado me teve por algum tempo de Jerusalém, andando por Damasco, Tiro, Sidon e outras cidades distantes, onde certamente muito melhor se vira Jesus acolhido que nas terras de seu próprio nascimento. Mas, ainda que seguido e agasalhado, não foi daí, senão recentemente de Cafarnaum, de onde a doutrina do Messias começou a tomar realmente corpo, dando expansão ao que já de Jerusalém trazia, principalmente no que, como conjunto de ensinamento, se podia compreender.

No tempo de minha educação em Jerusalém também no que se refere ao alívio dos males do corpo havia-me ocupado, porque as ciências, então ainda em sua infância, todas estavam reunidas, e assim também dos ensinamentos da Cabala, muito tinha aprendido para tudo o que havia de ser em benefício do povo; tudo o que tinha contribuído para o prestígio da fé como que me iam envolvendo. Essa fé pôde bem fazer milagres, porquanto já dito está que a fé transporta montanhas, mas se certamente algumas curas inesperadas, porque julgavam-se enfermos incuráveis, cercaram o Filho de Deus da admiração e quase até da adoração de alguns homens excessivamente entusiastas, não menos certamente vos asseguro que tais cousas não foram filhas de uma virtude especial do Messias, que o tornasse superior aos demais homens neste caso, mas sim quanto à atmosfera benéfica que a seu redor espalha todo espírito puro e desejoso do bem de seus semelhantes. Isto é justamente o que aproveitado foi por meu discípulo predileto para erigir ao Filho de Deus o culto que só a Deus mesmo é devido.

Irmãos meus, filhos meus, amigos meus, pelo grande amor que vos professo e pela ternura dos sentimentos que me inspira a desgraçada situação vossa, peço-vos que isto compreendais de uma vez para sempre: *“Que um só é o Deus criador do Universo e a fonte de todo o poder, de toda a grandeza, de todo o saber, de todo o amor e de toda a justiça. Só a ele portanto toda a adoração deve ser consagrada. Só dele todo o bem havemos de esperar. Só nele a pureza de nossa fé há de descansar. Tão-só para seu excelso trono nossas orações devem se elevar e de suas mãos tão-*

*somente hão de baixar sobre a Terra todos os dons que hão de elevar até o céu todos os seus filhos”.*

Crede, pois, na palavra desse Deus único, que pela boca de seu filho vos diz:

*“Tende fé no porvir da alma, porquanto para todos os homens, ela há de chegar até à cúspide da montanha, cuja encosta destinados estais a subir penosamente. Mas o passo com firmeza dado antes de vós por aquele que haveis chamado O Mestre, vos sirva de guia, de ensinamento e de amparo para vossos próprios passos, que atrás dele hão de ser dados, se diretamente e com presteza ao fim quereis chegar.*

*“Desprendei-vos de vossas paixões, colocai-vos acima dos vossos desejos imoderados e contrários aos interesses de vossa alma, que é do único de que deveis cuidar. Mova-vos em vossos atos mais o amor por vossos semelhantes que o interesse por vossas pessoas. Tende como bem certo que quanto por vosso próximo fizerdes, centuplicado vos será devolvido por meu Pai que está nos céus.*

*“A alma sopra é que de Deus vem e o que de Deus vem, eterno é como a mesma essência de que saiu. Mas só é a essência aquilo que de tão alto recebeu, porque tudo o que mais tarde há de conseguir do que em seu caminho encontre há de consegui-lo com paciência e trabalho. Tão-somente o amor é viático que as jornadas abrevia e que forças dá ao homem para com maior presteza os maiores obstáculos vencer. Portanto, quanto mais ameis mais próximos vos encontrareis da libertação da vossa alma, das cadeias que a sujeitam à maldade e ao vício, que dificultam a emancipação da alma, pela cegueira que vos produz e pelo domínio que sobre vós têm estabelecido. Por isso assim foi dito, e bem o foi: Ama a Deus sobre todas as cousas e a teu próximo como a ti mesmo, estes são os profetas e os mandamentos”.*

Com estas palavras de amor, amorosamente me despeço

hoje de vós.

## **CAPÍTULO VIII**

### ***A propaganda assume maiores proporções e as novas doutrinas fazem prosélitos.***

A partir de minha estada em Cafarnaum, a semente de minha predicação parecia haver chegado ao ponto da sementeira, pois o povo acudia cada vez mais pressuroso a ouvir minhas palavras e mais disposto parecia também para a aceitação, na prática, dos ensinamentos que iam assim recebendo.

Cafarnaum, terra querida, albergue de meus melhores momentos, desde que abandonado havia as terras dos pagãos. Muitas vezes a idéia e o afeto voaram para ti em meus momentos de angústia!... Quando, entrado eu no desfiladeiro inexorável que não tinha outra saída para mim senão a do calvário e da cruz, a lembrança de tuas noites agradáveis, rodeado pelo mistério dessas horas silenciosas e pelo ambiente de terna veneração com que me distinguiam os simples pescadores de tuas margens, enchia minha alma de doce melancolia, fazendo-me exclamar ao mesmo tempo: — Há também amor, há sentimentos ternos e benévolos nesta mísera morada terrestre e eles farão que não se torne estéril o sacrificio de minha tranqüilidade e de minha vida! — Quando o pensamento dulcíssimo da amorosa contemplação desse passado, tão próximo ainda, levantava diante de meus olhos a apinhada multidão de pequenos semblantes sorridentes e olhares angélicos, de mães carinhosas simbolizando a própria ternura, tímidas juvenzinhas e galhardos e formosos mancebos, pais de olhar indulgente e veneráveis anciãos, formando uma grinalda brilhante e viva, pendente toda ela da palavra ungida do Filho de Deus, e mais do que nunca nesses momentos o era, então parecia por um momento querer meu espírito fechar os olhos ao brilho da luz que me apontava o caminho da redenção passando pela ponte do martírio, porém, ao mesmo tempo surgia todo o vigor desse

brilhante princípio para amparar-me e estimular-me para o êxito no porvir. Todo esse amor, todo esse sentimento e as aspirações vagas, porém unânimes, a um mundo melhor, que fixas em seus olhares me haviam demonstrado a porção mais sincera desse povo, eram para mim a prova evidente do caminho que devia seguir.

O fim que me aguardava resultava demasiado evidente e tampouco tratava de ocultar-mo. Em vez disso, havia-me firmado no deliberado propósito de ir de encontro à morte, que por lei correspondia a todo aquele que ensinasse e propagasse doutrinas contrárias à religião do Estado, tanto mais arrogando-me eu o título pretensioso de Filho de Deus.

Certamente uma força invencível agia nas profundidades de minha consciência, elevando meu espírito a tais condições de superioridade sobre o finito que me rodeava, que as brilhantes aspirações de minha alma tomavam a eficaz aparência da própria realidade, vendo-se então meu ser pairar na imensidade do amor e da verdade eterna, no próprio seio das grandiosas manifestações do Pai, de quem me sentia realmente o enviado.

Filho de Deus resultava realmente, segundo a idéia messiânica e pelas extraordinárias coincidências que haviam rodeado meu nascimento e as que também na idade adulta e viril acompanhavam a minha pessoa.

Coincidências disse, mas no reino de meu Pai, que o Universo inteiro comporta, nada por coincidência sucede, porquanto a mais leve brisa e o diminuto grão de areia não se movem sem sua vontade. O messianismo, portanto, e a filiação divina deviam confundir-se em uma entidade só, como o era, isto é: na pessoa de Jesus.

Toda a abnegação e grandeza de alma que tal estado comportava, somente a mesma pessoa de Jesus, assim iluminada, amparada e elevada, podia valorizá-lo, dando-lhe também sua prática execução. Por isso mesmo vinha já preparado, antes de seu nascimento, mediante numerosas e elevadas alianças no Senhor, que lhe deviam aplainar o caminho da redenção humana, iluminando-o também e amparando-o em tão árdua missão. Este propósito que guiara o Messias em sua vinda à Terra, é hoje o mesmo de então; o pensamento primordial que abriga em seu ser, e a ele, agora como antes, avassala tudo o mais, que outra coisa não comporta senão o meio e o tempo para a sementeira e a



colheita da semente do amor fraternal, em que devem alimentar-se, fortalecer-se e engrandecer-se até alcançar o reino de meu Pai. Felizes os que por tal caminho marcham, porque deles será o porvir, que somente a obra do amor há de ser. Certamente estreita é a porta que até o Pai leva, ao passo que espaçosa vê-se a que à perdição conduz.

Vós, avezinhas sois que os primeiros passos haveis dado já pelas vias do Senhor, mas não intentastes ainda o auxílio de vossas asas. O amor são vossas asas, apoiai-vos pois nelas e levantai-vos acima das estreitezas do caminho, para chegar ao ninho onde o cálido afeto de quem vos deu o ser vos aguarda; Pai, é esse que jamais olvida a suas criaturas, porquanto pequeninos e fracos ante Ele sempre hão de ser, como sempre vós, como eu, sempre filhos de Deus, fostes, sois e sereis.

Filhos meus queridos, compreendi pois de uma vez, que o amor a única base há de ser que sobre si comporte o peso do inteiro porvir vosso. As obras inspiradas assim, sobre o amor de nosso próximo, devem levar consigo o suave aroma do sentimento que lhes deu vida.

## ***CAPÍTULO IX***

### ***Discípulos e Apóstolos de Jesus***

Muitos começavam a ser já os que se intitulavam discípulos do NAZARENO e depois nazarenos se chamou aos partidários de suas doutrinas. Mas diferente cousa eram os que apóstolos se chamaram mais tarde, sendo destes, como já vos disse, Cefas e Simão, os dois primeiros; Tiago e João seguiram a estes, os quais em pescar ocupavam-se também, sendo pescador com eles seu pai Zebedeu, de quem a mulher tão cheia era de dons espirituais que teve a visão clara em seu coração do que tinha vindo restabelecer o Filho de Deus sobre a Terra.

Os apóstolos, escolhidos dentre os discípulos mais dispostos a abraçar a nova causa, vinham formar ao redor de Jesus

uma nova família humana em que os laços efêmeros da carne substituídos se viam pelos mais sólidos e duradouros da fé e do amor. É por isso que dito foi (na ocasião em que a mãe e irmãos de Jesus foram procurá-lo entre os que o escutavam) *“que a mãe, os irmãos, a família de Jesus eram aqueles que sua palavra ouviam e seguiam”*. Assim, queria dizer que as relações e os elos da fé e da verdade que de Deus vêm e do amor verdadeiro que é no Universo o mais puro, resultam muito superiores às uniões tão-somente filhas da carne.

Longe vos encontrais ainda, vós mesmos, de compreender todo o alcance destas palavras; porém, deveríeis ao menos compreender que nos laços de natureza espiritual vos elevais como espíritos acima da matéria, enquanto que nos laços de outro modo materiais (quando a carne só forma a família) ficais deprimidos como espíritos que vêm constituir a família sob a influência das atrações do organismo, e sob o mesmo regime de dependências que distinguimos nos animais.

Minhas distantes viagens deram ainda maior proporção ao desprendimento da família, que o devia necessariamente sobrepujar o sentimento do amor filial e do amor fraterno. Também era então a cidade de Tiro de muita e grande religião em seu culto e em sua filosofia, maior nomeada sendo já que Sidon nestas cousas e também em suas permutas de comércio e movimento de fabricação, que também em quantidade e diversidade se faziam para conduzir em embarcações aos mais distantes povos do outro lado do mar. Mestres não poucos eram que ensinavam doutrinas muitas vezes curiosas; outras vezes muito aproximadas do certo; mas a adoração do Pai, tal qual devia ser, ou sequer o conhecimento de um só Deus, como nas terras da Judéia persuadido era, não chegou aos meus ouvidos enquanto vivi nessas terras. De muitos deuses maior era a voz pública e com relação também a muitos deuses eram os ensinamentos dos públicos predicadores; um, entretanto, era em honrarias e louvores superior aos outros apresentado, sendo também voz geral o quanto pelo poder e dignidade mais elevada consideração lhe era devida. Este o deus maior em toda a nação parecia ser. O nome pelo qual o hei de designar, não o encontro no cérebro humano que serve de instrumento para minha nova manifestação entre vós. Nesses tempos cada cidade tinha seus deuses, da mesma maneira seu rei

muitas tinham, formando governos distintos dos que noutras cidades governavam. Mas aos deuses principais eram tributados honras e oferendas em muitos lugares ao mesmo tempo, e ao deus principal de toda a região, seu maior templo, grande em verdade e ricamente ornamentado, em Tiro levantado era, e grandes cultos, continuadas honras, sacrifícios numerosos e grandiosas festas eram-lhe consagradas. Isto também, movimento e importância acrescentava à dita cidade. Mas, como já disse, ruído e aparência era, mais que outra cousa, a religião de quase toda a gente e a filosofia baseada se via em princípios vagos, confusos e muito contraditórios de um mestre para com outro mestre. Muitos afirmavam não existir sequer a alma, outros que de animais e homens e de homens e animais, as almas tinham nascimento, segundo o merecido em cada vida vivida entre os homens. Reuniões havia também de certos sacerdotes do Grande Templo, que designado era “*O Templo*”, onde doutrinas superiores ensinadas eram, segundo as vozes correntes, mas muito se guardou o ensinamento com referência aos conhecimentos profanos. Do que se dizia reservado para eles, era que havia um só Deus, porém, três entidades distintas o formavam; não pareciam três pessoas como dito foi mais tarde, e em verdade, o próprio Deus e as entidades direis vós também que pareciam melhor figuras alegóricas ou símbolos que pessoas.

Meu espírito, de antemão preparado já que missão de tanta transcendência do Pai trazia, nada a minha observação descuidava, de tudo tomando argumentos para meus ensinamentos mais tarde entre meus discípulos que muitos eram, ainda que nunca os mesmos, nessa querida cidade, de onde tão agradáveis lembranças levou. Até das púrpuras, de que tanta fabricação se fazia e tanto comércio para o outro lado do mar, tirava eu argumento, assim como de outros artigos para o luxo e vaidade destinados. Demonstrava-lhes quão pobre cousa é o apego que por esses meios se forma com a vida terrestre, a qual nada representa para o espírito, sim somente, quanto às obras dirigidas em sentido contrário, isto é, pela humildade e pela caridade. Minhas demonstrações chegavam a ser enérgicas e ardentes quando me detinha na observação de tanta imoralidade e de tão asquerosas chagas sociais como as que ocultavam essas púrpuras, esse ouro, pedrarias e todos os reluzentes atavios, feitos para simular o brilho

que jamais brotara do antro escuro das asquerosidades humanas. Na mesma cidade de Tiro, alcunhada da religião, a vida, apesar do caráter benévolo de seus habitantes, era na sua generalidade licenciosa, se bem que Cidade Santa, como Jerusalém, na Judéia, era tida nessa nação opulenta. Havia contudo menos corrupção na gente média, e ao povo laborioso principalmente não faltava sentimento de moralidade, mas distinguiam-se principalmente pela simplicidade e afetuosidade de suas maneiras, assim como por sua hospitalidade, com o que feliz me havia sentido durante todo o tempo que durou minha estada entre eles. A atenção afetuosa com que escutavam a palavra do estrangeiro e a singela espontaneidade com que em grande número se reuniam a meu derredor, davam-me confiança para minhas manifestações. Assim, dolorosa tornou-se depois a separação do centro de adeptos que eu tinha formado aí. Mas há de convir-se, se bem não poucos quiseram seguir a Jesus para as terras de sua origem, que não era desse povo de onde poderia tirar os trabalhadores para a grande empresa de que se encarregara o Messias, que só tinha ido para essas regiões para melhor preparar, longe dos que muito de perto o haviam conhecido, o plano que deveria depois desenvolver nas povoações da Judéia e em Jerusalém principalmente, formando ela o objetivo final e verdadeiro de meu apostolado.

Segui-me, pois, para as povoações da Judéia, deixando de lado minha peregrinação pelas terras distantes dela, que não poucas foram na realidade as povoações, grandes e pequenas, que percorri nesta minha longa peregrinação; o essencial de minha obra e suas finalidades, repito-vos, que na Judéia encontrar-se deviam, pois era a região em que principalmente honrada era a causa religiosa e seus profetas; somente que tudo havia de ser em seu tempo. Assim também em seu tempo volto agora para restabelecer as cousas tal como elas foram ditas, as ditas; negar as não ditas; explicar as mal compreendidas e recordar as esquecidas.

Como dito está, Cefas,<sup>1</sup> Simão,<sup>2</sup> Tiago e João primeiros foram, dentre os que minhas palavras escutaram, em receber o nome de apóstolos, passando a participar das intimidades da vida

1 - Cefas é o apóstolo Pedro.

2 - André, irmão de Pedro.

de Jesus, formando com ele uma verdadeira família. Pouco a pouco aumentando foi a família com novos apóstolos até chegar ao número de doze que eram, como sabeis, além dos referidos, Mateus, Tomé, Tadeu, Judas, Bartolomeu, Filipe, Alfeu<sup>3</sup> e Simão de Cananéia.

Eles, mais que ninguém, de perto e continuamente ouviam minha palavra. Nunca o ensinamento se interrompia, porque todas as cousas e todos os acontecimentos do dia motivo eram de observação para que resplandessem perante eles as verdades do Senhor. A vida diária é grande livro para o estudo de Deus, a observação do povo, grande o é também e o exame da Natureza ainda é maior que eles. Assim, portanto, sem repouso, mas com variedade e amenidade, contínua era a instrução para meus discípulos, de maneira que breve lhes pudesse outorgar poderes para o ensinamento como recebido eu o havia do Pai. Ide, lhes dizia, e tende primeiramente fê, oração fazei-a também antes de toda a obra e com o pensamento em Deus descerrai vossos lábios em seu nome, e sua graça convosco estará. Falai com o calor que dá a convicção e a fê e vereis repetir-se com vós outros o que em volta de mim acontece, pois vos escutarão, vos seguirão e em grande honra também vos terão. Sede, não obstante, prudentes, porque a maldade e a inveja depressa levantarão contraditores contra vós e se fará maior a inimizade dos que não andam pelo caminho do Senhor contra quem encarregado vem para encaminhar por essa senda os homens. Assim lhes dava encargo a três juntos, e mais a miúdo a dois, para que ensinassem a nova doutrina aos que no campo ou em seus pequenos povoados moravam.

Antes da partida, recordava-lhes os pontos mais essenciais de meus ensinamentos e aconselhava-os quanto me era possível para que bem cumprissem o que encarregado lhes havia.

3 - Alfeu é Tiago, filho de Alfeu.

## **CAPÍTULO X**

### ***A missão de Jesus e a participação dos Apóstolos***

Tem-se dito que o cumprimento das profecias só o é em aparência; pela convenção que se fez dos fatos com elas. Assim também tem-se dito que somente a credulidade em Jesus concebeu o cumprimento das profecias e o acontecido com Jesus.

Mas eu digo-vos que, ainda que as profecias não tivessem existido, o humilde carpinteiro de Nazareth destinado por Deus era para a obra da redenção dos homens, para colocá-los no conhecimento do que lhes era preciso fazer para corrigir o passado de erros e de opróbrios que deixaram atrás de si, e para espalhar luz no caminho de seu porvir.

Mas eu digo-vos que as potestades do céu, obedientes aos mandatos daquele que tudo é e tudo pode, estreitas alianças de elevados seres haviam constituído em redor do Divino Mensageiro, para facilitar a grandiosa obra que se lhe encomendara e que vós ainda não compreendeis.

Mas eu digo-vos que tudo quanto há de acontecer, designado com antecipação se descobre no ambiente espiritual, podendo portanto discerni-lo todo o espírito de alguma penetração, ainda que não seja espírito do Senhor, senão espírito das trevas.

Não é portanto a profecia o que chamar se possa um milagre, o qual não existe, senão previsão do que há de acontecer, porquanto designada está já muito antes sua época para todo o acontecimento.

Em minhas visões muitas cousas chegaram certamente ao meu conhecimento que somente haviam de ter lugar no porvir. Assim também acompanhava-me especial dom para o conhecimento dos homens, o qual me serviu para a escolha de meus apóstolos, entre os quais, se certo é que um traidor houve, mais foi ele vítima de circunstâncias, que não soube vencer, que de natural disposição à falsidade e à maldade.

Assim, bem foram escolhidos os que em minha obra santa me deviam acompanhar. Eles foram propriamente os eleitos porquanto, como já vos disse, uma só família com Jesus formaram.

Naqueles dias em que completado havia o número de

meus apóstolos e cheios de projetos nos encontrávamos, ao fazer eu, na noite em que chegara e no meio das expansões da conversação, um estudo ligeiro das condições particulares de cada um deles, pus o nome de Pedro a Cefas e alguém chamou-me a mim RABI, que quer dizer Mestre, e desde então as duas denominações prevaleceram. Assim, muitas vezes chamavam-me RABI, mas a Cefas depois sempre lhe chamaram Pedro.

Os habitantes de Nazareth, que, por conhecerem meus pais e meus irmãos, escarneciam de minha filiação divina, alcunhavam-me o Filho do Homem, sendo nisso acompanhados por meus próprios irmãos, que em certa ocasião chegaram até a intentar fazerem-me passar por louco com o auxílio também de minha própria mãe. Assim disse então com energia Jesus: Se certamente ninguém é tido como profeta em sua terra, tampouco faz Deus dádiva de suas graças aos que desconhecem sua luz, ainda que possam discerni-la, e que, enganando-se a si mesmos, surdos e cegos permaneceram ao lado do Messias para não ouvi-lo nem vê-lo, dando demonstração de ignorar o seu elevado ministério; mas do mesmo modo, por não ouvidos, nem vistos e ignorados portanto, lhes aconteceu de passar, quando chegou o tempo da colheita nas sementeiras do Senhor e mal ainda por muito tempo lhes haveria acontecido, se não fora pela ajuda do mesmo labrego a quem desconheceram. O afeto e a dor, nas horas derradeiras, em que de coração verdadeiramente me acompanharam em meus terríveis sofrimentos e até a sinceridade com que afinal a doutrina também foi por eles acolhida e a celeste missão reconhecida, muito remediou do isolamento moral que a princípio me fizeram sofrer os que, pela carne, de minha família eram; mas na balança da divina justiça nada passa sem o equilíbrio de seu peso no oposto prato de suas ações. Certamente na primitiva incredulidade de Maria muito havia do amor materno que queria ocultar a perigosa realidade a seus próprios olhos e desviar-me da rota em que me via colocado. Mas quando a luz, que do alto para os mortais baixa, principalmente veio iluminá-la, ela com sublime resignação aceitou tudo o que o amor de mãe lhe fazia descobrir como perigos e sofrimentos que por seu filho adorado devia passar.

Desde muito antes, deixando de lado suas primitivas prevenções, confundido se havia, pelo sentimento, na própria obra

do filho, participando afinal de todas as amargas vicissitudes até o desenlace, horripelmente doloroso, da grandiosa obra da redenção humana.

Por fim, de meus irmãos partiu ainda a idéia de fazerem-me passar por louco, mas não já com o propósito de escárnio, mas com o afetuoso desejo de minha salvação, e com tal objetivo desesperados esforços fizeram em meu favor, prejudicando talvez, ainda que involuntariamente, a missão de Jesus.

Mas longe vou com isto aqui, entretanto é meu propósito, ao trazer-vos minhas novas manifestações no mundo da carne, executar o propósito formado e comunicado nos primeiros escritos, propósitos, referentes à doutrina que como Novo Cristianismo alguém entre vós quis definir, embora o ensinamento seja o mesmo e mais que Cristianismo novo ou velho é a palavra do Pai.

Assim, pois, dando como conhecido de vós o que à existência de Deus e da alma se refere, cousa que onde Jesus mora são mais verdadeiras ainda que para vossos olhos a luz, passarei a ensinar-vos o que é a doutrina e o que o porvir encerra para vossas almas, quando tenham deixado, transitoriamente primeiro e definitivamente depois, a habitação terrestre, dando lugar ao dito que muitas moradas tem a casa de meu Pai, que Deus não quer a morte do pecador, senão que viva e se arrependa, porque... no fim, todos serão salvos; como também o do cego de nascimento, e o da vinda de Elias, e muitíssimas outras cousas mais, que foram ditas, porém não recordadas e outras muitas mais ainda que para trazer-vos venho.

Apesar de muito me ajudarem meus apóstolos no ensinamento e divulgação do que lhos encomendara, sua obra era deficiente porquanto, como já vos disse, longe se encontravam da elevação de alma e da inteligência precisa e mais longe ainda encontrava-se seu auditório. A vontade, porém, jamais eles a tiveram de menos, o que principalmente demonstraram ainda depois de minha morte. Mas a obra da redenção humana a eles não foi encomendada e sim ao Messias, que à sua frente há de encontrar-se ainda durante muitos séculos. Com muitos defeitos, portanto, transmitida vos foi a palavra de Jesus. Mal compreendida, malconservada, pois que de simples memória foi durante muito tempo e mal transmitida, somente suas cinzas até



vós chegaram. Voltê-las ao que foram é agora obra essencial para vosso Messias, dando-lhes ao mesmo tempo o engrandecimento que pede a maior elevação dos homens nas vias do progresso.

Meus apóstolos, tão pobres de instrução como ricos de fé, muito fizeram certamente na sementeira que lhes encarregara em nome do Pai, mas não podiam oferecer de si o que não tinham, isto é, a sabedoria, que acrescentada à fé e aos sentimentos de amor que o Filho de Deus lhes inspirava com sua palavra e com seu exemplo, muita grandeza teriam dado à predicação das doutrinas que reveladas eram à Humanidade por sua mediação. Portanto, entre a gente simples e sem instrução somente sua palavra era escutada e pouco brilho se levantava em volta do chefe da nova missão que lhes era trazida para sua salvação e sucedia que os homens de instrução e os que escreviam, ignorantes permaneciam da nova palavra, nada ficando assim dela escrito com prejuízo do que foi dito de quem o disse, porquanto chegou tempo que fora da tradição nada ficou com a autenticidade das cousas ditas e ouvidas por de quem ditas e ouvidas foram.

Certamente o que verdade é, imperecível também é por toda a eternidade. Portanto, a verdade sempre seu caminho veio percorrendo, muito ganhando em seu progresso com a morte do Messias, como já vos disse, porquanto meus apóstolos se centuplicaram pela grandeza de sua fé e pelo grande auxílio espiritual que receberam sob a direção daquele que a eles mesmos em vida os dirigira e do céu depois, com mais luz e maiores alianças o continuara fazendo.

## **CAPÍTULO XI**

***Assim como o amor eleva o homem, o orgulho o envilece e tira-lhe o discernimento para apreciar a verdade. Com ele anda sempre unido o egoísmo, que é o mau conselheiro.***  
**— Verdadeiro significado da “Torre de Babel”.**

Se é certo que toda a doutrina, todas as leis e os profetas,

concretizados estão nas palavras “*ama a Deus sobre todas as cousas e a teu próximo como a ti mesmo*”, não menos certo é que nada de bom poderá buscar-se que do amor não reconheça dependência. Só o mal ou o interesse hão de estar fora do amor. O mal por si só o é, mas o interesse filho é do egoísmo. Assim também as obras que somente pelo interesse se praticam não elevam o homem e não outro galardão, mais que suas próprias conseqüências, hão de recolher, no entanto gelam a alma pelo frio do egoísmo que as inspirou.

Somente pois as obras pelo amor ditadas enaltecem a alma e dão-lhe grandeza, abrindo-lhes as portas que à perfeição conduzem, isto é, até o Pai.

A perfeição no amor, porque é infinita, somente no Pai é compreendida, não outra cousa sendo a criação mais que o reflexo de seu amor.

O amor humano cheio de erros é, pois, enquanto que deseja o bem da pessoa amada, mal entretanto lhe ocasiona muitas vezes, e é porque ainda não chegou ao justo discernimento do certo e do incerto, do bom e do mau. Contudo, também o simples desejo sincero do bem, o movimento de afeto que espontaneamente move o homem para outro homem para servi-lo em seu interesse e sem interesse por parte de quem o pratica, já muito caminho andado significa nas vias que para o Pai, isto é, para a perfeição conduzem. E se esse sentimento ainda e do mesmo modo sentis para os que bem e para os que mal procedido hajam para convosco, então mais, muito mais avançados nessas vias vos encontrais.

Oh, irmãos meus! — Quanta luz ao espírito traz o obrar assim! Quanto o próprio engrandecimento da inteligência com isto ganha! De quanto o caminho para a perfeição assim se abrevia!

Já vos disse, amigos meus, que a nova vinda de Jesus pela razão de sua aliança com os homens cujos cérebros poderiam servir-lhe de meio e como instrumento de interpretação de suas idéias na linguagem terrestre, teria de resultar mais explícita em suas manifestações, mais clara e mais humana em sua forma, não pela mudança de Jesus, senão pela mudança dos homens mais dados agora à observação na matéria e aos trabalhos que relacionam o cérebro com o movimento da vida orgânica, que à contemplação da natureza e à elevação do espírito pelas idéias

religiosas. Ao mesmo tempo muito mais adiantamento há no presente entre vós e muitas grandes cousas encontrais em grau de conseguir. Portanto, tudo o que há de dar engrandecimento à pessoa do homem é útil, somente que nada há de separar-se da idéia de Deus se o que chamais progresso tal é realmente. A verdade à verdade conduz, o progresso a progresso maior arrasta; toda a verdade, portanto, e todo o progresso que apouquem a idéia de Deus, nem verdade nem progresso são, senão mentira e retrocesso de ouropel ataviados, como para simular as aparências do bom e do verdadeiro. Acontece também muitas vezes que a verdade mal compreendida, contra a verdade a luta é arremessada, e assim somente se compreende que muitos homens no caminho da ilustração, tenham seguido para a descrença em lugar de elevarem-se para a fé, que de Deus vem. Igualmente o orgulho e a vaidade envolvem o espírito com as trevas da alma e o tornam incapaz do justo equilíbrio da razão e do sentimento, porquanto, se a verdade dos fatos descobrem, as harmonias de suas relações não percebem e cegos também permanecem com relação à luz de suas finalidades.

Mau companheiro o orgulho é; egoísmo em si sempre traz porque é de sua origem e ambos são pecados; um, venda para a luz do espírito e o outro, tropeços em sua marcha, cego e torpe, entram o progresso. Aquele que verdadeiramente ama, livre se vê destas misérias.

Sede portanto humildes de coração, sede mansos e ao mesmo tempo generosos com os que mal vos querem, devolvendo sempre bem por mal.

Jamais pode o homem ser inimigo do homem, é somente o atraso o que impele um contra o outro. Se esse atraso não houvesse, conhecimento teríeis, não de palavras mas de entendimentos e de sentimento, pois que, entre quem faz o bem e quem o recebe maiores benefícios colhe o primeiro que o segundo. Mais que virtude, pois, conveniência é fazer o bem. Praticar o bem, semear é em proveito de quem o praticou. Quem mal faz mal recebe, porque semente de má sementeira e jamais a semente do mau fruto deu o bem. — Oh, irmãos meus! Quão feliz me sentiria se tão-somente compreendido me visse!... As palavras compreendeis, mas não penetra sua essência nas profundidades de vossas almas.

Vossa falta de compreensão é em grande parte devida a que julgais das cousas em relação sempre com a vida terrestre, esquecendo que nesta não há realidade senão aparências pelo que à pessoa se refere. Já vos disse que a pessoa é a alma e a alma não a vedes nem sequer no meio do que chamais vida e que morte melhor é para o espírito, pois que até sua realidade diminuída fica que até a desconhecê-la chegais e a negá-la, no entanto veste-a um corpo.

Falo-vos com toda a simplicidade própria da verdade, bem vejo porém que dispostos estais a encontrar exagero em minhas palavras e isto falta é, porquanto não pode Deus, nem em muito nem em pouco, enganar-se nem enganar-vos e de Deus a palavra é, quanto em seu nome seu filho vos traz nesta sua nova manifestação entre os homens. Crede, pois, que: A personalidade é a alma e que o corpo só à alma aparências dá, e ao que chamais forma entre a matéria, sem ser realidade absoluta, também lhe dá. A entidade inteligente, vivendo de sua vida própria, livre do que chamais matéria, manifesta-se com uma envoltura que a circunscreve e que lhe proporciona maneira de perceber e de manifestar-se; porém, corpo não é propriamente; podeis como “*corpo astral*” designá-lo entretanto, chamando então espírito à alma revestida, e usar da palavra alma quando se fale do princípio inteligente, sentimental e volitivo do homem, o qual não obstante, sob forma de espírito (alma revestida) e não de alma, separa-se no ato impropriamente chamado morte por vós.

Tudo isto, para dar clareza às idéias que resultam poder abordar assim, com simplicidade, os problemas mais árduos, justamente porque as idéias tanto mais simples são quanto mais próximas da verdade estão.

Temos chegado portanto à definição das novas doutrinas, isto é, à aclaração do que foi dito, porquanto nada foi dito que certo não seja, mas nada também se disse que o “*espírito de verdade*” não devesse esclarecer e ampliar mais tarde, sendo que o “*espírito de verdade*” próprio é de cada época, como próprias são das diferentes idades do homem o que em cada uma delas produz; sem que o homem deixe de ser o que é.

O “*espírito de verdade*” chega assim a constituir como se fosse a personificação do que em síntese têm de verdadeiro as doutrinas; trata-se pois das próprias doutrinas depuradas, pelo

progresso, de seus erros e imperfeições. Cada século portanto tem seu “*espírito de verdade*” superior ao do século que o precedeu, mas não diferente; como maior é de ano para ano o homem, sendo sempre o mesmo entretanto.

Na expressão “*progresso*” entender-se deve, pelo que à doutrina se refere, a verdade revelada segundo a elevação do homem em seu adiantamento alcançada. Refere-se propriamente às manifestações do “*espírito de verdade*”, que definitivamente de Deus vem por intermédio de seus Messias, apesar de ignorados muitas vezes. Assim, pois, muitas são as doutrinas verdadeiras, mas elas devem ser passadas pelo tamis do “*espírito de verdade*”, que em cada época, sob diversas formas, se manifesta aos homens por mandamento divino. Profetas, Messias, Anjos, Santos, quando verdadeiros são, de Deus vêm e iluminados pelo “*espírito de verdade*” falam. Mas a verdade, como quer que seja manifestada e por mais pura que ela seja, desfigurada resulta sempre no meio do ambiente humano, bem depressa aparecendo em todas as partes variedades e até contradições, sendo entretanto uma verdade revelada, e assim tendes e assim tereis por muito tempo ainda o que comparar se podia com a confusão de línguas na Torre de Babel: — A obra que a Humanidade há de levar avante é uma... a obra de seu progresso, isto é: a obra da Torre de Babel; mas em lugar da harmonia dos operários manifesta-se a conhecida confusão e torna-se forçoso abandonar a obra; porém Deus, obrando como tal e não como a Bíblia falsamente vos transmite, manda-lhes um Messias que os ponha em inteligência uns com os outros; a todos, com o fim de que levem a cabo sua torre, a obra do humano progresso, na verdade e no bem<sup>1</sup>.

1 - O homem faz-se não obstante de desentendido, dando as costas ao único caminho que o Messias lhe apontou como conducente à sua salvação, quando lhe disse: Só pelo amor será salvo o homem. Afirma-se, entretanto, que os cataclismos sociais são indispensáveis para o progresso humano, quando, pelo contrário, somos nós mesmos os que temos preparado suas causas, procurando cada um de ensinar e de aproveitar-se dos demais. Grandes e pequenos, ricos e pobres, todos procedem com falsidade e cada qual, no posto em que se encontra, busca explorar aos demais em proveito próprio. Se os patrões são tiranos com os trabalhadores, estes, os que chegam a impor-se sobre seus companheiros, são piores tiranos ainda com seus iguais, que os piores patrões. Em nossas democracias muito fácil seria formar bons governos, que chegariam às mais vantajosas reformas sociais, porém o povo, longe de procurar os homens virtuosos para elegê-los, ri-se deles, apontando-os com o dedo como malucos, porque os homens virtuosos amam a justiça e não se poderia obter deles dádivas imerecidas, prebendas injustas, encobrimentos vergonhosos. As palavras verdade e justiça servem muito bem para encabeçar a revolta sanguinária, a base do ódio e vingança,

## **CAPÍTULO XII**

### ***Constituição dos seres inteligentes da Criação e seu porvir***

Como dito foi, a personalidade inteligente da Criação, dupla é em sua constituição, da alma sendo formada e de sua envoltura, de cuja reunião resulta assim o espírito. Palavra é vossa, a de astral e bem poderíeis chamar-lhe astral à envoltura da alma. Ter-se-ia portanto a alma com seu astral formando o espírito. A alma depois, por meio do seu próprio astral, liga-se com um corpo material especialmente elaborado para ela. Assim, o trabalho da vida na matéria, ao dar forma a um organismo por meio das leis que ides estudando, põe ao serviço do espírito um instrumento material, bom para sua obra no meio da matéria mas ao qual ele mesmo deve ir aperfeiçoando, enquanto por outro lado adquire o crescimento que por lei orgânica lhe corresponde. De tal modo é o trabalho do espírito que consegue moldar o corpo sobre si mesmo, de sorte que, intimamente unidos, resultam como a mão e a luva, sendo que a luva não cresce e o corpo cresce e recebe o esforço do espírito que lhe imprime, pouco a pouco, todas as aptidões necessárias para todas as manifestações de que é capaz. Assim, portanto, o espírito (já sabeis de alma e astral formado) vê-se estreitamente relacionado com a vida dos sentidos, mediante os sentidos que lhe dá o corpo, e estes sentidos o enriquecem com impressões sempre novas que formam o cabedal para seu

cataclismos. Se atiramos uma pedra para o alto e permanecemos debaixo é fatal que ela nos parta a cabeça, e assim também são fatais os cataclismos sociais, cujas causas foram preparadas por nós mesmos. Assim também, com uma má legislação, os homens bons saberiam viver em paz e felizes, ao passo que com a mais perfeita legislação, os homens maus viverão em perpétuo motim. O que primeiro havia que reformar não são as leis, senão os homens, porém isto é precisamente o que se não quer. Contudo, o homem melhora paulatinamente e quando as hostes do mal acendem a fogueira dos ódios e das paixões sanguinárias, arrasando tudo a ferro e fogo, não faltam espíritos do bem que façam ressurgir, do meio mesmo da horrível hecatombe, os resplendores da verdade e o doce aroma da paz e do amor. — Nota do Sr. Rebaudi

progresso no porvir. As particularidades, contudo, que estes fatos comportam e as leis de que dependem, não é do encargo de Jesus comunicar-vos.

Só lhe corresponde portanto a verdade dos fatos, como acaba de ser dito e em poucas palavras também repetido o que segue:

*Alma:*<sup>1</sup> princípio inteligente não individualizado, no sentido humano.

*Astral:*<sup>2</sup> Não existe separadamente, somente existe como envoltura da alma, a qual individualiza, no sentido humano.

*Espírito:*<sup>3</sup> Personalidade inteligente da Criação, composta da alma e de seu astral.

*Homem:* É a união do espírito com uma envoltura material organizada, o que é o mesmo que dizer que o homem resulta da união da alma com o corpo, mediante o anel do astral.

O dito, certo é, de absoluta certeza, fora de toda a religião ou doutrina humana. Assim, portanto, como a verdade é, já antes foi revelada ao homem e o próprio Jesus fê-lo também, porém os homens eram incapazes ainda de o compreender e resultaram confusões de idéias por entenderem as cousas de modo diferente uns dos outros, até moverem-se guerras entre si, as gentes, pela fé revelada, que havia sido entretanto a mesma para todos.

Assim também se disse dos nascimentos, que muitas vezes haviam de suceder para cada espírito, até chegar a todas as cousas que o espírito possa alcançar, a cúspide do melhor, “*porque, como escrito está, quando ressuscitarem dentre os mortos... são como os anjos que estão nos céus*”. Mas antes, como também se escreveu, “*necessário vos é nascer de novo, renascer e tornar a nascer*”. “*O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do espírito, é espírito*”, mas “*não pode entrar no reino de Deus, senão o que renascer de novo*”. Não vos maravilheis portanto do que já antes vos disse: “*Necessário vos é nascer outra vez*”.

Mas não façais questão de palavras que transformem o fundo das cousas. Tendes assim, com as palavras escritas sobre o dito por Jesus, muitos de vós alterado aquilo que Jesus disse, tanto

1 - Alma é o espírito ligado a um corpo humano.

2 - Astral ou corpo astral é o perispírito, dos spiritistas, segundo explica Allan Kardec nos §§ 93 a 95 do Livro dos Espíritos.

3 - Espírito: — Alma livre dos liames da matéria humana.

que até o contrário uma cousa da outra resultou. A vida é uma, costuma-se dizer, mas da vida da alma pensou-se falar, à qual servem as vidas carnisais como noites da alma, porquanto as faculdades da alma todas embotadas se encontram, porque tudo percebe, não já com as suas próprias faculdades, senão por meio do corpo. Assim também, se dais à alma outro significado como alguns dão da própria manifestação da vida da matéria, isto é, das simples manifestações de matéria organizada, recordai que esse não é o significado que aqui lhe dou; e se também à palavra espírito emprestais diferente maneira de expressar, como a dos que querem ver nela somente o valor de uma força, um princípio gerador, tendo também presente que não é isso o que agora penso dizer, senão como disse; não é pois nas palavras, senão no significado que lhes dou, que se deve dar atenção. Se em outras ocasiões outro significado eu mesmo lhes dei, é no significado e não nelas mesmas no que deveis o pensamento vosso deter, porquanto eu, de vossa linguagem, só tenho o que me proporciona o cérebro humano que me serve. O pensamento, a idéia, o ensinamento, a verdade, isso sim, de Jesus é e de Deus vem.

Sabeis, pois, que a vida é da alma e as existências carnisais os meios de sua realização, com a ajuda do trabalho que conduz à verdade e ao bem.

Tomais por trevas o que não é: Assim, se disse que “*no princípio havia trevas e o caos*”. As trevas, portanto, são a negação, o que não é; e à medida que se avança na existência, mais distantes se encontram os seres das trevas, isto é, no meio de maior luz, porém é que também muito mais sofreram, mais trabalharam, mais praticaram o bem e lições maiores também colheram de sua experiência. Fugi pois, irmãos meus, das trevas da alma, que são as únicas verdadeiras, e não olvideis que é a bondade o que maior luz dá à alma.

A criatura humana, feita, certamente como foi dito, à semelhança de Deus, o é justamente por sua essência divina, por sua alma imortal, não pela passageira e torpe forma material que somente como provação lhe é dada e como instrumento de seu adiantamento nas vias do Senhor que são as que, pela luz, para a eterna luz, conduzem os filhos de Deus por ele criados para compreendê-lo e para amá-lo, no meio da felicidade completa que haveis, com segurança, de alcançar, pondo unicamente em prática



e de verdadeiro coração o que já vos disse: *“Ama a Deus sobre todas as cousas e ao próximo como a ti mesmo”*; mas asseguro-vos também que, quando tiverdes compreendido o sentido em toda a sua pureza, e em toda a sua grandeza essa máxima, de tal modo que ela seja essência de vossa própria essência, como Jesus sereis vós também e à altura do Filho de Deus, filhos de Deus também sereis. Isto será quando espíritos velhos já sobre a terra e todo o adiantamento nela possível, vosso for e tampouco voltareis a ela com as cadeias da carne, mas sim como espíritos livres e dominareis por cima dela, no meio do etéreo ambiente de luz e de felicidade que de muito longe a envolve.

Podeis, portanto, grandemente encurtar o caminho e o tempo para o vosso triunfo definitivo sobre a matéria, caminhando diretamente para o exato cumprimento dessa máxima que tudo encerra e que é a religião única que, trazida do céu, tenho querido e firmemente quero implantar em vossa morada, para a salvação vossa e que nela unicamente haveis de encontrar.

### ***CAPÍTULO XIII***

***Devendo se servir somente das palavras que encontra no cérebro do médium, deve concretizar-se em suas manifestações às verdades essenciais, para não expor-se à diversidade de interpretações, quando o que ele vem trazer é a manifestação da doutrina dentro do amor, que é a síntese da obra de Deus.***

Já vos disse, irmãos meus, que as palavras valem somente pelas idéias que querem significar e que Jesus unicamente dispõe das palavras guardadas no cérebro humano que se lhe empresta para instrumento<sup>1</sup> de sua nova manifestação entre os homens. Insisto nisto porque os homens muitas vezes de simples palavras fazem fundamento de discórdias.

1 - Segundo uma infinidade de comunicações de além-túmulo, recebidas todas de perfeito

O que se disse, a verdade é do que nos próprios espíritos se vê, porém resulta também lógico para o vosso entendimento, porquanto, como se há de individualizar o princípio inteligente sem algo que o individualize, separando-o dos demais?

Se esse algo o separa de tudo o que o rodeia, é porque o envolve e se o envolve é para ele como o corpo para vós.

Isto também, dito está, fora de toda a religião e doutrina, porquanto a religião unicamente do Pai vem e não falha, um só sendo o rebanho e um só pastor; porém isto é quanto ao que há de observar-se e quanto ao que para o Pai é devido em acatamento e adoração. Convém, não obstante, conhecer alguma cousa também do modo de existência dos espíritos no espaço para a mesma inteligência do que à religião se refere, evitando, porém, tudo o que como doutrina possa dividir os homens, quando a missão de Jesus, antes, agora e sempre, é reuni-los no amor, reuni-los na adoração de um só Deus e no cumprimento de suas santíssimas leis. Resulta assim, que todos haveis de ser uno com Jesus no reconhecimento de um só Deus, criador do Universo e Pai de todas as criaturas que o povoam; uno com Jesus no amor essencial e maior para Ele e uno com Jesus no amor entre todos os seres; no qual há de resumir-se o fim das cousas, porquanto a finalidade é o amor. A própria Criação outra cousa não é mais que o reflexo do infinito amor divino, isto é: a sua manifestação permanente. Os defeitos que vos parece descobrir na Natureza, defeitos são de vossa imperfeita observação; os erros que a cada passo descobris, somente o limite de vossas capacidades como tais vô-lo representa, e é a obscuridade própria de vosso atraso o que vos faz descobrir pontos obscuros na constituição do Universo, tanto moralmente como materialmente. Nada pode haver melhor que o que existe, saído das mãos de Deus; somente nas restrições,

acordo entre si, os espíritos, valendo-se do mesmo agente ou fluido que lhes dá forma no espaço (o corpo astral de São Paulo), apossam-se do cérebro do homem que lhes serve como instrumento para suas manifestações na Terra. Confundem pois seus próprios fluidos com os fluidos do intermediário, ficando assim de fato na posse do cérebro deste. O intermediário perde a vontade e a consciência enquanto dura o fenômeno, porquanto seu cérebro se converteu em laboratório da vontade e idéias do espírito, sendo o papel do cérebro humano o de dar forma material às idéias, quer dizer, de conformá-las de acordo com esse mecanismo ideorgânico que materializa as idéias em um conjunto de sons, capazes de serem percebidos materialmente pelo ouvido humano para impressionar outros cérebros, despertando neles idéias correspondentes que os espíritos recolhem. — Nota do Comitê argentino.

unicamente no finito, filho dos seres também finitos, é que o imperfeito existe. O desconhecimento de Deus é entre os homens chegados a certa altura, a causa principal de seu atraso, porquanto sendo Deus a primeira e a maior das verdades, somente sua negação representa fechar os olhos à luz para arrojarem-se no meio das trevas. Crede, irmãos meus, que até suicídio para a alma, se isto possível fosse, significa a descrença voluntária como sempre é. Crede, irmãos meus, porque Jesus lê nos corações como em livro aberto assim vô-lo assegura, que a descrença é sempre o resultado de um esforço do espírito para ocultar a si mesmo uma verdade que se atravessa no caminho de seus apetites e de seus caprichos. Como se bastasse não ver a luz para que ela deixasse de existir! Não vos enganéis, filhos meus queridos, porquanto nada existe fora da verdade e do bem; fora da luz são as trevas, o caos, o nada.

Abri, pois, vossos corações às doces aspirações da alma. Abri a arca santa de vossos sentimentos às ternas influências dos espíritos do bem. Abri os olhos da inteligência, para que penetrem por eles caudais de luz de verdade. Abri as molas de vossa fé, para que recebam forças da que do alto desce para os homens de boa vontade. Abri o campo nobre de vossas naturais inclinações para o progresso, para que com mão pródiga o beneficie a bondade divina. Abri de par em par as portas de vossa alma, para que cheguem até ela todos os benefícios para elas criados e que só aguardam se lhes franqueie o caminho. Abri a Jesus, irmãos meus, abri vossos braços fraternos, para que neles se precipite, cheio todo o seu ser de nobres aspirações para vós, de grandes desejos para vós, disposto ainda a uma nova morte, se isto for necessário para vós; consagrado enfim por inteiro ao amor vosso, somente vosso amor e vossa confiança vos pede. Vinde pois, a mim, para que o Pai vos encaminhe; afastai todo o temor e desconfiança; ponde em Deus vossas aspirações e em seu enviado vossa confiança. Nada temais jamais do amor porque ele a essência é de Deus e para ele conduz; mas seja vosso amor tal como o amor há de ser, sincero e puro, sem dissimulação, sem reticências, sem cálculo, tal, enfim, como o que eu vos professo no mesmo momento em que duvidais de mim e me abandonais, porque não vos seduz a simplicidade de minhas manifestações e porque vos apraz ser, vós mesmos, o conduto obrigado da verdade, ou recebê-

la entre o estrépito e o fausto das vaidades humanas, jamais dentre a humildade e o silêncio dos que se escudam detrás da solidão, para que brilhe em toda a sua pureza a palavra de quem vos fala em nome de Deus, com a mesma autoridade que dele vem, não já com as aparências de autoridade que vossas cousas têm pelo falso brilho das simulações e dos aparatosos processos de vossa literatura.

A linguagem de Jesus é a linguagem da alma porque de sua alma nasce e para as vossas almas é dirigida. Elas devem portanto abrir-se ante seus ternos chamados, se é que em verdade sentem e escutam sua voz, que com tanta instância e com tanto amor vos chama para o caminho da luz e da vida.

Levantai-vos pois, amigos meus, até às alturas do sentimento com que procuro iluminar vossos espíritos e honrai-me com vossa franqueza e confiança para que possais estabelecer estreita aliança com quem, desde séculos destinado vos foi para vosso guia e para vosso Messias.

Oxalá vos fosse dado descobrir o fulgor com que as almas vossas brilham no espaço da luz da alma quando nobres sentimentos a arrebata! Não basta a obscuridade da matéria que a rodeia para ocultar sua radiante beleza, por mais encarcerada que ainda se encontre no mundo dos sentidos.

Escutai-me pois, uma vez mais vos suplico, escutai-me com espírito sereno e com a alma livre de prevenções! — Não blasfemeis contra Deus ao supô-lo de cumplicidade com algum espírito mistificador para induzir-vos ao erro! — Não cometais tampouco o grave desacerto de crer que os espíritos do Senhor possam enganar-vos com um nome usurpado, ainda que isto fosse com o propósito do bem! — Jamais a falsidade pode servir de pedestal para levantar sobre ela monumento de verdade e de bem!

Sede humildes de coração e abri vossos espíritos às inspirações que do alto vêm para os homens de boa vontade e de sentimentos sãos, e me reconhecereis porque eu não deixei de ser o que era e o que agora vos digo já antes também vos disse. Orai com perseverança e com fê e lede depois o que aqui está escrito em meu nome para que não vos suceda que me desprezeis, abrindo em troca as portas de vosso ser à perfídia do espírito do mal que sem descanso vos espreita. Elevai portanto vossos pensamentos ao Altíssimo, com adoração, com reconhecimento e devotamento,

para receber a bênção que com toda a sua alma e em nome de Deus vos dá Jesus.

## **CAPÍTULO XIV**

***Como foram os primeiros passos do cristianismo antes da morte de seu fundador e depois dela. Os mártires, o “espírito de verdade” e como Jesus se comunica novamente com os homens.***

Já vos disse e vos tenho repetido muitas vezes, que minha missão não está terminada e nunca tampouco foi interrompida, pois sem cessar, enquanto vivi no meio de vós, dela me ocupei com o ardor de que somente Jesus era capaz e quando me vi no espaço livre das cadeias da carne e senhor de todas as minhas faculdades, com mais clareza ainda pude avaliar a grandeza de minha obra e a ela continuei consagrando todo o poder de minha alma ardente.

Muitos corações me acolheram desde o princípio, pois minha morte abriu os olhos de muitos, sendo isto o resultado do que me havia proposto ao aceitar a morte que bem podia ter evitado, como já disse por outro conduto<sup>1</sup> para dar testemunho da verdade de meu apostolado.

Muitos deste modo falavam, entre a gente sincera e de bons sentimentos: *“Um homem de quem não há recordação de jamais haver feito mal a ninguém e que somente de ensinar o bem e de praticá-lo se ocupava, perdoando até aos que lhe deram morte horrível e ainda pedindo a seu Deus por eles, não pode ser senão outro Deus, porque homem nenhum da Terra é capaz de tanta grandeza”*.

Não poucos cérebros à altura desses pensamentos e não poucos corações, elevados de sentimentos nobres iguais a esses

1 - Sem dúvida refere-se à médium pela qual transmitiu a primeira parte.

pensamentos, iluminaram com ele, desde os primeiros momentos de minha partida, o vasto campo do porvir que o aguardava à religião do amor; com a qual o Messias viera à Terra para a redenção humana. Com todo o direito deve ela chamar-se Religião Universal, e assim é chamada porque nada há tão universal como o amor, representando ele em síntese toda a obra do Universo inteiro, pois que a manifestação é do Infinito Amor.

Muito depressa, por efeito mesmo de minha morte, rodeada dos maiores prestígios viu-se minha memória de parte dos humildes e dos pobres, de todos os que principalmente viviam sob o despotismo e a insolência dos ricos e poderosos, que manejavam tudo sob o império de suas conveniências e caprichos. Se antes, pois, chegaram minhas doutrinas a formar a religião de todos os pobres, de todos os humildes e de todos os deserdados que a conheceram, o prestígio de meu martírio e de minha morte deu-lhes depois ascendência sem limites entre a humanidade toda enferma, que enferma é toda a vossa mísera humanidade. Chegou-se, portanto, a considerar o Messias como a vítima mais inocente e de maiores afetos, pelo cruel sacrifício feito por ele em aras do cego fanatismo e do mais brutal egoísmo dos sacerdotes que queriam continuar gozando de seu império sobre as ignorantes massas populares. Foi assim consagrado pelas multidões como a representação verdadeira do amor, o escudo dos fracos, o protetor dos perseguidos, o defensor da inocência, o amparo dos desfalecimentos, o consolo para os que sofrem e a esperança para os caídos no erro do pecado. Uma intensa corrente de simpatia foi estabelecendo-se paulatinamente para os que o haviam acompanhado em seus trabalhos, haviam escutado sua palavra, ensinando-a também sob a própria direção do Mestre.

Decorrido pouco tempo da morte de Jesus, a natural perturbação que se apoderou da pequena igreja, a dor e o terror de seus membros ante o horrível, embora previsto desenlace da obra levada a cabo com tanto sentimento e com tanto afeto para os homens, converteram-se em um fogo intenso de apostólica união que chegou a vivificar todas as molas da pequena comunidade, convertendo a cada um de seus membros em um gigante da idéia, em um herói para o seu apostolado e em um mártir capaz dos maiores sofrimentos pela religião de Cristo, pela verdade de Cristo e pelo amor de Cristo.

Se não foi repentina a mudança ante os olhos profanos, quase, pode dizer-se, que o foi no meio da Comunidade. A obra exterior devia necessariamente depender de diversas circunstâncias que exigiam preparativos difíceis de afrontar para os que repentinamente haviam ficado sem chefe visível. Eu disse: chefe visível, o que implica na existência conhecida de um chefe invisível. Eis justamente a causa da mudança radical, que pouco a pouco se deu a conhecer fora do círculo dos apóstolos, pondo-se em evidência depois em toda a Judéia e estendendo-se também pelo Ocidente. É que as manifestações do Messias, tão depressa o permitiram as condições de seu recente regresso à vida dos espíritos, foram de tal maneira tão continuadas e tão cheias de fé, entusiasmo e energia, que seus discípulos viram-se desde logo lançados para uma intensa atividade apostólica, cheios eles também de fé na palavra de quem lhes dera provas tão evidentes do conhecimento das cousas que havia colocado entre suas mãos, e de tudo o que com elas se relacionava, no presente, no passado e no porvir; porque realmente, havia-lhes anunciado tudo o que havia de acontecer e também as cousas que com antecedência haviam preparado o advento do que sucedeu enquanto Jesus viveu entre os homens e o que havia de acontecer depois de sua morte. Tudo isto nada tinha de milagroso, pois outra cousa não era mais que o fruto do conhecimento que Jesus tinha dos homens e de sua história, auxiliado também pela clarividência própria de todo o espírito de minhas condições.

O que principalmente foi digno de nota era o entusiasmo com que as novas doutrinas se propagavam entre os pagãos melhor que entre os hebreus. Entre estes, resistências maiores encontrou o espírito dos ensinamentos do Messias, que levava um cunho de liberalidade e indulgência pouco adaptável ao apego que da lei tinham os verdadeiros filhos do povo de Jeová. Da nova doutrina somente com grandes dificuldades aceitavam um ou outro preceito que não tinha harmonia com a Bíblia, encerrando-se neste que dito foi por Jesus: *Eu não venho destruir a lei, senão confirmá-la*. Palavras pela necessidade do momento mais certamente ditadas que pela intenção do Messias.

Assim pois, entre as populações dos pagãos, no meio das classes inferiores principalmente, a nova revelação teve grande acolhida, conquistou adeptos entusiastas e defensores valorosos

que venciam todos os obstáculos para o maior conhecimento do que entre eles se chamava a *boa nova*.

Deste modo sem demora das classes inferiores, a palavra do Filho de Deus, morto sobre a cruz para a salvação do homem, encontrou eco abundante e decidido nas esferas mais elevadas desses povos pagãos, e seu espírito de amor, de humildade e de mansidão foi infiltrando-se no meio dessas sociedades cansadas já de sua própria corrupção, de suas discórdias permanentes, de seus egoísmos sem limites, de seus ódios implacáveis e do caos cada vez mais ameaçador e profundo para o qual se viam arrastados. Foi então quando o espírito velho, assustado pelo avanço das novas idéias, se levantou em defesa dos interesses que representava e que, filhos da usurpação e das violências, apoiados na opressão e sustentados pela injustiça, viam-se perigar diante do avanço da onda do espírito novo, que de baixo vinha subindo e engrossando, apesar da resistência permanente que lhe opunha o próprio instinto de conservação social. Começou assim uma luta constante e sem tréguas, ainda que sem violência, contra os nazarenos. Eram alvo de burlas contínuas, não se pagavam os serviços de suas ocupações, quase sempre humildes, e negava-se-lhes justiça perante as autoridades, porque todos julgavam lícito testemunhar contra eles; depois começaram a encarcerar-lhes os predicadores que nas praças e nos caminhos sempre atraíam a atenção do povo que às vezes os rodeava em grande massa, distraíndo-o de suas tarefas normais, dizia-se, com doutrinas opostas à tradição e aos bons ensinamentos. Outras vezes provocavam discussões e fazia-se intervir a autoridade, que começou também a agredir alguns predicadores, por causa de desordens, dizia-se; até que finalmente acabou por produzir-se o choque entre o espírito velho e o espírito novo. Foi o choque da força com a resistência passiva. Venceu a resistência passiva; mas em verdade vos digo que a pessoa de Jesus se manteve alheia a esse sacrifício injustificado de tantas vidas, vítimas não de meus ensinamentos, senão de seu próprio fanatismo. A natural simpatia colocava-me ao lado dos fracos e dos perseguidos e era intensíssima a minha dor ao contemplar o martírio dos que morriam pelo nome de Jesus. Não, irmãos meus, essa não é a virtude, não são esses os ensinamentos do Messias. Sede fortes na verdade, sim, e mais fortes ainda nas boas obras; preferi a morte



antes, que manchar vossas consciências com más ações; porém, perder o precioso dom da vida que vos foi dada para vosso próprio progresso, somente por um capricho de palavra; é um gravíssimo erro que faz das vítimas novas vítimas no espaço, pelo reconhecimento do erro cometido. Podeis imaginar quão triste espetáculo era para mim a prolongação, neste lado, das sangrentas cenas que enchiam de vítimas os anfiteatros. Esses pobres seres, no meio de uma permanente e dolorosa tensão de espírito, enchiam o ambiente de quadros tristíssimos, no qual não era possível a seus protetores levar-lhes um consolo e um auxílio eficaz, porquanto tomavam suas palavras por insinuações do espírito do mal, tal era o fanatismo que os dominava. Toda a idéia que se procurava levar-lhes, com o objetivo de lhes dar luz a respeito da sua situação, era rechaçada como tentação infernal. Inútil era todo o esforço, pois somente o tempo e a alguns unicamente a volta à vida em um corpo material, conseguiu apagar por completo tão perniciosa obsessão.

Prevejo a dúvida em alguns dos que isto leiam, pois muitos crêem, em sua simplicidade, que devia necessariamente aguardar a felicidade aos que alcançam a coroa do martírio.

Acreditais porventura que as leis divinas possam sofrer transgressão pela temeridade dos que, na certeza de alcançarem a felicidade eterna por meio do momentâneo sofrimento da morte material, entregam sua cabeça ao verdugo ou seu corpo ao tormento ou às feras? Acreditais acaso que a eterna justiça há de curvar-se diante da sedução dos que se dizem seus campeões pela defesa que proclamam fazer de Deus e de seu culto? — Oh! — Não! — Não confundais os atributos de Deus com as fraquezas de vosso caráter. Não pretendais levar ao Infinito o que só é filho do reduzido papel que desempenhais na limitadíssima vida terrestre. Não, não; Deus não se curva perante nenhuma classe de lisonja, não tem parcialidade nem faz exceções. Suas leis são eternas e imutáveis, e é tal a sua estrita justiça, que cada obra, cada esforço, toda a intenção tem como conseqüência o que há de ser seu próprio prêmio ou seu próprio castigo.

Grande e meritório teria sido o sacrifício dos mártires se esse sacrifício tivesse sido previamente meditado e examinado com um objetivo benéfico, se ele tivera sido — por que não dizê-lo? — como o sacrifício de Jesus que aceitou a morte, não com a

perspectiva de um bem maior para si mesmo no qual nem sequer sonhava, porém com a completa certeza e plena consciência de que unicamente nela repousava o triunfo de sua doutrina, a qual era por sua vez necessária para a salvação do homem. Eis pois, como as cousas devem ser olhadas e consideradas. Tudo há de levar sempre o propósito da verdade e do bem, jamais as intenções egoístas da própria pessoa.

Agora, em sua nova manifestação do Messias entre os homens, têm-se tornado indispensáveis e urgentes as aclarações que a respeito de seus ensinamentos, tão desfigurados e tão mal compreendidos, vem trazer aos sinceramente desejosos da verdade e aos que certamente humildes são de coração, o qual converteram no santuário da fé. A fé que de Deus vem e a fé que para Deus vai. A fé que dos homens vem, entre os homens fica. Não é a religião que se professa a que forma o sentimento do homem, senão que o próprio adiantamento deste determina a qualidade de sua fé e a elevação de seus sentimentos. Por isso há homens bons em todas as religiões e em todas há consciências limpas e corações sinceros. Estes são os que de fato ficam consagrados como representantes dos meus ensinamentos sobre a terra, segundo o que se disse: *pelo fruto conhecereis a árvore.*

Todo o ser alcança da verdade o que seu próprio adiantamento comporta e sempre há ao seu alcance muitas mais verdades que as que ele pode possuir. Portanto, unicamente o criminoso desejo de predomínio brutal e egoísta tem podido sobrepor umas categorias de homens sobre as outras, impondo-lhes o que hão de crer e o que hão de executar, quando somente de Deus é o encargo de, desde toda a eternidade, conduzir por caminhos de luminosidades crescentes para a Eterna Luz, as humanidades por ele criadas e por todo o infinito espalhadas. Em seu nome, pois, é que para vós volve o Filho de Deus para dizer-vos: Elevai-vos em vossas alianças para com Jesus até Deus mesmo, pelo caminho que vos tem indicado e do qual em vossas próprias consciências guardais a bússola que diretamente vos terá de conduzir somente consultando-a. Elevai-vos, mediante a fé e o amor, acima das cousas humanas as quais deveis considerar unicamente como meios de vosso adiantamento. Jamais ensinou Jesus o desprezo pelo corpo, mas sim o desprezo pelas imposições que da natureza carnal resultam para o espírito. O corpo, meio é

para a reabilitação e para o adiantamento do espírito; deve-se portanto cuidá-lo para tirar dele as maiores vantagens possíveis para a personalidade da alma, que é o essencial, o único que é realmente, pois que tudo o mais são formas passageiras, amparadas, quando de corpos vivos se trata, pela mesma função da vida, porém destinadas a desagregarem-se tão depressa esta desapareça.

Certamente foi dito: *“Se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti; porque melhor te é perder um de teus membros do que todo teu corpo seja arremessado ao fogo do inferno.” “E se tua mão direita te escandaliza, corta-a e atira-a para longa de ti...”*

Mas estas cousas e outras foram ditas e compreendidas como uma força de expressão, não realmente como conselho que se devia cumprir e para o qual não teria havido motivo, porquanto nem o olho, nem a mão, senão a pessoa era a culpada do fato. O modo de falar desses tempos comportava com muita naturalidade essas expressões e é grave erro o dos que põem seu pensamento na letra antes que no espírito de meus ensinamentos, apesar de que muito pobre teria sido minha predicação e meus ensinamentos se todos eles se encerrassem no que chamais Evangelhos. Não pouco do aí dito não o foi pelo Messias e muitíssimo mais por ele ensinado falta completamente em tais escritos, os quais, por outra parte, somente se referem a um curto tempo de minhas tarefas na vinha do Senhor, entretanto elas muito mais larga duração tiveram, mais larga extensão alcançaram e mais fortemente repercutiram nas longínquas povoações dos gentios.

As comunicações que se faziam então entre as povoações não eram tão escassas como supondes, mantendo-se assíduas relações de comércio e políticas entre Roma e Jerusalém. Erro há, portanto, ao supor-se que meus ensinamentos recém chegaram ao conhecimento dos romanos depois de minha morte. Entre a gente mais pobre e humilde, já alguns haviam levado a palavra do que se dizia enviado de Deus e em cujo nome prometiam aos deserdados da Terra a grandiosa herança do reino dos céus, asseguravam justiça aos oprimidos, proteção celeste às vítimas das injustiças humanas e eterno galardão de felicidade sem fim aos que sofressem perseguição pela defesa da verdade e da justiça, convertendo-se em apóstolos da boa nova. Mas isto, muito pouca

repercussão teve certamente ainda entre a gente do baixo povo romano, demasiado áspero de caráter e duro de costumes para poder formar ambiente favorável às doutrinas do amor e do perdão sem limites. Mas não obstante, entre os servos e os escravos principalmente, algum caminho fizeram já antes de minha crucificação, esses ensinamentos.

Agora, o que difícil vos será compreender é o modo desta nova vinda do Messias entre vós. Ela não é mais que o cumprimento de minha promessa que foi feita certamente aos homens, mas não nos termos, inteiramente exagerados e muito longe daquilo que aparece nos Evangelhos. Isso, muito depois escrito foi de minha morte, por um diácono dos muitos que havia já, que teve diante de si anotações truncadas e confusas das quais só ficava em substância a promessa de minha vinda no meio do esplendor e do entusiástico alvoroço do triunfo, sobre formosas nuvens de diáfanas luminosidades que limitariam para sempre o reinado das trevas, preparando seu completo desaparecimento da Terra, assim como o domínio definitivo da palavra de Deus e de sua lei no meio da humanidade terrestre, que seria chamada, por sinais evidentes dos novos tempos, a participar amplamente da vida celeste.

Mais ou menos essas tinham sido as palavras ao redor das quais, em mais de uma ocasião, haviam girado minhas dissertações, algo confusas geralmente, referentes à promessa que fizera de minha nova vinda entre os homens, a que haveria de ser em condições muito diferentes das desses momentos.

Em verdade, oferecia-se-me o porvir com tal clareza diante de meus olhos que não o percebe mais claramente um espírito puro, livre no espaço, porém oferecia-se-me com o mesmo erro na apreciação do tempo (erro com relação a nossos cálculos) que é próprio dos espíritos em suas relações para com as cousas temporais. Para nós, o tempo não tem medida e só vemos a ordenada sucessão dos fatos. Tudo se vê ligado em perfeito encadeamento, porém sem idéia de tempo. Portanto, os acontecimentos futuros estavam muito próximos para minha vista. Por isso dizia freqüentemente a meus discípulos: *“Em verdade, em verdade vos digo, que todas estas cousas sucederão dentro desta geração e muitos de vós as vereis”*. Mas meus presságios não são tais como aparecem e se bem que minha linguagem era

em extremo idealista e poética, cheia de figuras atrevidas, de comparações hiperbólicas e de brilhantes afirmações, caldeadas por um intenso entusiasmo, uma só vez saiu de meus lábios a afirmação de que eu desceria sobre uma nuvem à direita do Pai. De mais a mais, ao que eu claramente queria referir-me é ao atual estado de cousas, em que uma brilhante nuvem de luminosas promessas no sentido de um porvir próximo, em que o triunfo do direito, o predomínio da verdade e o desaparecimento dos ódios e dos rancores sejam uma realidade preparando o domínio definitivo da lei do amor, quer dizer, de Deus sobre a terra. Os tempos atuais representam a luz, ante as trevas que então me rodeavam; a mansidão, ante as asperezas muito maiores daqueles homens; a verdade, ante o atraso, inconcebível agora, dos que me escutavam; a liberdade, frente à escravidão desses povos sob os cruéis caprichos dos que mandavam, e a igualdade, frente às irritantes injustiças com que as leis protegiam uns em prejuízo de outros. Tempos são estes, comparados com aqueles em cujo meio então se desenvolvia o Messias, que autorizam amplamente as previsões e a indicada promessa de Jesus, a qual vem cumprindo-se desde algum tempo mediante numerosas manifestações efetuadas em algumas localidades do planeta por meios análogos ao que me serve atualmente e do qual estou plenamente satisfeito.

É tal a facilidade e a exatidão de minha manifestação por este meio, que o aproveitamento para declarar categoricamente que a obra intitulada *Vida de Jesus, ditada por Ele mesmo à médium X* é realmente obra de Jesus, exata quanto pode ser uma obra medianímica, o que quer dizer que, se bem deve padecer de algum defeito, principalmente de forma, pelo fato de ter que me servir de um cérebro alheio, é em grande parte tão exata como se diretamente eu mesmo a tivesse escrito.

O que resulta algo inexato nessa obra é o referente aos milagres que, se bem eles jamais existiram como tais, e nisto diz a verdade, a fama popular afirmava muito diferente coisa. Aconteceu realmente mais de uma vez que enfermos que tocavam minhas roupas sararam de improviso e ainda fatos mais assombrosos aconteceram também, envolvendo o Messias em uma auréola milagrosa que arrastava para ele as multidões entusiasmadas. Porém, tudo isso não foi mais que efeito da fé intensa e da confiança sem limites que a palavra de Jesus

inculcava a seus ouvintes. O que o Messias possuía realmente era uma grande penetração que lhe dava a conhecer com exatidão o pensamento e sobretudo as intenções dos que o rodeavam, e possuía também algo do que designais como dupla vista. Isto, unido às aptidões adquiridas para o tratamento das enfermidades, para o que muito uso se fazia então da imposição das mãos, contribuiu para dar fundamento à ridícula e reprovável pretensão de meu discípulo João de fazer prestar ao Filho de Deus o culto que somente a Deus é devido.

Certamente, as elevadas alianças, que com a mesma personalidade de Jesus compartilhavam desde o alto com a grandiosa missão de que ele estava diretamente encarregado, chegavam às vezes a tanto brilho em suas esplendorosas manifestações, que pareciam até formar uma só cousa com a Divindade; podia, pois, quase dizer-se que era a própria mão de Deus a que por si mesma agia nesses assuntos.

Mas, como é possível renovar agora essa presença do Mestre entre os homens sem que tenha tomado um corpo mediante novo nascimento no mundo?

Eis, pois, que estas cousas acontecem como foram prognosticadas que haviam de acontecer quando se disse que vossos anciões profetizariam, vossos jovens teriam sonhos e vossas filhas visões; e o que foi dito do Espírito de Verdade também com o mesmo guarda relação, porque não tem ele o significado de uma pessoa só, senão que são os espíritos do Senhor que vêm por estes meios para restabelecer a verdade; isto é, pois que o conjunto dos ensinamentos que de Deus vem por intermédio de seus mensageiros celestes na nova forma de revelação que conheceis<sup>2</sup> constitui o espírito de verdade, que tudo aclara, colocando cada cousa em seu lugar. O espírito de verdade está também no progresso de todos os conhecimentos humanos que veio colocar o homem em condições de juízo e discernimento muito superiores aos que o Messias encontrou na época de sua última encarnação sobre a terra, porquanto as revelações sempre têm lugar de acordo com o progresso do povo destinado a recebê-las. Somente como causa de perturbação entre os homens, haveria

2 - O Mestre refere-se ao medianismo, do qual podem adquirir-se conhecimentos seguros no Livro dos Médiuns, de Allan Kardec.

de resultar toda a revelação prematura; porém Deus não quer senão o bem de seus filhos e em sua excelsa sabedoria dispôs que todas as cousas sejam de tal maneira que tudo chegue a seu tempo, quer dizer, no melhor tempo para o bem que dele deve resultar. Formam portanto o espírito de verdade as vozes que do céu vos chegam, trazidas pelos mensageiros do Senhor aos homens mais adiantados destes tempos, os quais se tornam assim solidários com o mesmo espírito de verdade, formando todos um com ele.

Meu espírito, em relativa consonância com o espírito do homem que me serve de intérprete, dita o que deseja comunicar aos homens, e o outro espírito que eliminou de antemão seus próprios pensamentos, entregando-se passivamente aos meus, percebe estes como se fossem os seus próprios e os escreve. A cada momento sua consciência pretende reagir, porém, como ignora por completo o que Jesus quer escrever, apenas resultam pequenos entorpecimentos vencidos facilmente pelo perfeito acordo das duas vontades.

Irmãos meus, amigos meus, filhos meus, admiremos os desígnios da Divina Providência que permitem a vosso Messias dirigir-vos e fazer-vos chegar de tão longe a lembrança exata de épocas muito próximas para mim, porém muito remotas para vós, com o propósito generoso de iluminar-vos as vias do porvir com as claridades que resultam da perfeita associação do que antes se vos disse, do que depois se vos disse também e do que também agora se vos torna a dizer, porque a palavra de Deus é sempre acorde consigo mesma; assim, pois, a luz de hoje não substitui a de ontem, senão que a aumenta, e a luz de amanhã não substituirá a de hoje nem a de ontem, senão que a elas há de reunir-se, aumentando novamente sua luminosidade, porquanto o passado, o presente e o porvir, tudo é um nas vistas do Senhor para realizar a felicidade de seus filhos.

## CAPÍTULO XV

***Da confissão e da Eucaristia. Deus não precisa de intermediários obrigados para com seus filhos. O verdadeiro sacerdote é o homem de bem.***

Muito numerosas têm sido já as vezes que Jesus se tem comunicado com os homens nesta sua nova aproximação até vós, porém quase sempre seus ensinamentos têm sido desestimados por encontrarem-se freqüentemente em oposição com o que se atribui como tendo sido dito por ele, segundo o testemunho dos Evangelhos e, pior ainda, de acordo com a interpretação caprichosa que desses mesmos escritos faz o clero atual, sendo, portanto, um obstáculo para que não chegue até vós sua verdadeira palavra, como já antes o foi para dificultar sua predicação até sacrificá-lo cruelmente. Pouca cousa significa que o clero atual obedeça a diferente culto que o da Judéia, porque sempre clero é no fundo, o que quer dizer que se trata de uma associação de homens interessados na conservação do que lhes confiaram como cabedal comum; esse cabedal é o que lhes deram como “*a revelação*”, interpretada e ensinada na forma que pôde ser a mais acertada segundo os tempos e os meios de que antes se dispunha, porém que os novos dados trazidos pela investigação e a luz sempre em aumento no mundo, a colocam em condições desfavoráveis em frente de todas aquelas verdades que o mesmo homem descobriu por seus próprios meios. Vem então o dogma, isto é, a obrigação de crer, sob penas severíssimas, em tudo quanto o clero veio ensinando como “*a verdade revelada*”.

É o cabedal de sua própria existência o que eles defendem assim, porquanto a menor concessão que fizessem ao progresso das idéias, reconhecendo em parte, ainda que mínima, os erros de sua Igreja, bastaria para a perda total de seu prestígio, pois o pedestal de sua infalibilidade se teria despedaçado em mil fragmentos. Isto quer dizer que muito diferente cousa resultam a



ser a religião e o clero. A verdadeira religião vem de Deus, o culto do clero é no fundo filho dos interesses do mesmo clero e por isso a única revelação admitida é a que não se opõe a esses mesmos interesses, interesses freqüentemente confundidos também com as doutrinas e até em doutrina convertidos. Mas não acrediteis que significa isto o desconhecimento da sinceridade com que muitos do clero procedem, não, pois muitas vezes choro ante as torturas que em si mesmo sofrem muitos corações puros que entendem como a maior necessidade seu submetimento ao dogma, que, não obstante, repele sua consciência.

A igreja católica, que rapidamente substituiu até os singelos ensinamentos de Jesus, resultado foi de alianças do espírito velho com o espírito novo e seu culto foi antes uma adaptação do culto idólatra dos gregos e dos romanos principalmente que das idéias chegadas da Judéia. A obra dos nazarenos que não admitiam nenhuma representação mundana das cousas celestes, ficou portanto quase anulada, detrás das práticas formulistas das religiões dos gentios. Estas alianças foram em seu tempo mais que uma trégua benéfica no meio da luta cruel entre a religião do Estado, que pretendeu imperar pelo sangue e o fogo, e as doutrinas estrangeiras que lhe opunham a resistência passiva da humildade, da resignação, do perdão e de devolver bem por mal, que foram em seu tempo um sensível progresso nas idéias religiosas dos pagãos que, sob um nome novo e com alterações pouco profundas de seus ritos, ganharam tudo o que dos ensinamentos do Messias vedes no catolicismo. Certamente, são estas cousas muito complexas para encontrar solução em tão singelas palavras, mas crede-me que isto comporta o essencial no acontecido. Posso também assegurar-vos que os melhores espíritos dentre os que povoam vossa Terra rodearam a nova bandeira, emprestando todo seu decidido apoio às doutrinas que cobiçava. Foi portanto o cristianismo, que não se chamou assim a princípio, um grande progresso para os povos do Ocidente porque era um convite enérgico contra as práticas e leis de favor para com os poderosos e de opressão contra os deserdados, práticas que acostumavam o homem ao egoísmo, à injustiça e à prepotência, envolvendo-o ao mesmo tempo em idéias e em sentimentos despidos de toda a elevação e somente cheios desse apreço de si mesmo que é próprio dos néscios e dos cegos à luz que do céu

baixa sempre para os homens de boa vontade, que são humildes, porque vêem-se pobres de tudo o que unicamente pela graça lhes é dado. O homem cordato não deve portanto ignorar o seu nenhum valor e que somente a humildade lhe abre os olhos para ver, com certeza, o caminho que há de seguir e o trabalho que há de fazer para seu melhor merecimento nas cousas que de Deus vêm e que para Deus conduzem, pelo adiantamento do espírito.

Longe estamos, na verdade, dos ensinamentos e da influência trazida pelos nazarenos da Judéia até à Grécia e Roma, ensinamentos de uma mansidão e humildade muito contrárias ao espírito guerreiro e vingativo dos romanos especialmente. Em substituição do que Jesus dissera “*os primeiros serão os últimos e os últimos os primeiros*”, estabeleceram-se jerarquias na própria igreja que se disse de Cristo e interpretaram-se as palavras do Messias contra o espírito por ele demonstrado, que de humildade e de caridade mais que tudo estava impregnado, rodeando-se a religião e o clero de toda a suntuosidade, de todo o ouro e de todas as riquezas que se pôde. Consagrou-se o sacerdote com o poder de perdoar todos os pecados, por grandes que fossem, e com o outro, maior ainda e mais incompreensível, de converter o pão e o vinho na carne e sangue do que se chamou o cordeiro pascal, sem deixar de ser vinho e pão, porém passando a ser na realidade a mesma carne e o mesmo sangue de Jesus, com todas as suas propriedades.

As doutrinas do Messias deixaram de estar assim com eles certamente, para esconderem-se outra vez entre os pobres e os deserdados, entre os humildes, entre os que a Deus somente elevam seus corações em demanda do amor que os vivifica e que unicamente dele vem. Acreditais, porventura, que a ação física do que chamado foi Eucaristia, e por mais que freqüentemente a fê a acompanhe de um elemento também moral, acreditais, porventura, que sua ação ao lado do perdão dos pecados, tão facilmente obtido e sem intervenção das vítimas, será de algum proveito real para o espírito? — Só o será quando signifique um sacrifício, um mérito real para o crente que de boa-fé fez um esforço em tal sentido, mas de maneira alguma, por esses meios enganosos e contrários às minhas palavras, poderão alguns adquirir posição mais fiel e segura, para alcançar a sua salvação, que os chamados hereges pela igreja católica, apesar de encontrarem-se geralmente eles mais próximos que ela dos ensinamentos de Jesus.

Tende bem fixo sempre no entendimento vosso que só o amor foi a base e também o objetivo dos ensinamentos de Jesus, pelo que eu vos disse, que *“só pelo amor será salvo o homem”*. Que há, pois, de amor no tratamento que se dá a Jesus com a eucaristia, renovando sua dolorosa paixão e convertendo seus despojos em alimento dos fiéis? — Que há de amor na obrigação e necessidade que se impõe ao crente de receber o perdão de suas faltas unicamente por intermédio do sacerdote? — Nada há pois nisto que se relacione com meus ensinamentos e tende a certeza que jamais teve Jesus a idéia destas cousas quando, sempre pelo contrário, ensinou que todos iguais éreis perante o Pai, e que agradável era-lhe o ouvir as vozes de suas criaturas elevando-se em demanda de sua paternal proteção. A oração que chamais dominical não saiu certamente dos lábios de Jesus que muito orou e muito ensinou a orar, mas eram suas orações de menos egoísmo e materialidade e de maior elevação moral.

A Ceia Pascal, queridos filhos meus, tinha para os hebreus elevada significação de confraternidade com o Senhor. Com dificuldade poderia definir-se a feição peculiar com que assim a alma do povo a consagrava, sem muito cuidar-se da austeridade com que oficialmente a cercavam, pelo que recordava a reconquista da perdida liberdade do povo de Jeová subjugado pelas armas egípcias, que o mantiveram sob largo cativeiro. Mas o fraternal entusiasmo da família hebréia novamente escravizada por armas estrangeiras, encontrava nesse ato oportunidade melhor para as expansões da alma popular. Se, pois, cheios eram esses momentos de religiosas evocações, mais ainda transbordavam de sentimentos de confraternização. Não poderia dar-se portanto melhor oportunidade para as elevadas manifestações das doutrinas de Jesus que são, do próprio amor, a expressão. E certamente, os que a essa ceia se aproximaram e com esses sentimentos o fizeram, ao comer o pão, pão de vida eterna comiam, e ao beber do vinho, vinho de eterna vida bebiam, minha própria carne comiam, pois, e meu próprio sangue bebiam, entrando na própria natureza do Pai, como eu vos disse, porque o princípio e o fim e o meio e tudo, no Pai se encontra compreendido.

Mas não busqueis nos atos materiais dos homens a sua verdadeira essência, porquanto sofre ofuscação a mente, muitas vezes, e é levada a atos em aparência incompreensíveis como o de

quem traga a hóstia consagrada, crente de que traga a Deus e está convencido de fazer obra boa assim. — Esse homem obra bem em sua consciência e, freqüentemente, a preparação para esse ato, que ele classifica de santo, implica em uma verdadeira e encantadora purificação, que oxalá tivesses tu, que fazes motivo de zombaria dele, meios com que substituí-lo.

Assim também não acrediteis que a paixão, que não encerra uma estrita justiça, pode ter entrada no coração de Jesus que é um igual para com todos seus irmãos e cuja felicidade é somente a que aspira com todas as suas forças. Quanto vos disse, a verdade há de ser portanto, e isto é o que desejo fazer-vos observar, já que muitas vezes se tem invocado o espírito de Jesus para expulsar novamente os mercadores do templo; crede-me, pois, que entre esses mercadores há ainda muito mais virtude, muito mais grandeza de alma e elevação de espírito que entre vós e nas faustosas habitações levantadas por vossa ciência tão limitada, como orgulhosa e digna da maior lástima. Honrai, pois, ao Messias, com a aceitação de suas palavras que a estrita verdade encerram; honrai-o com o cumprimento do que vos é necessário cumprir para com o Pai, elevando diretamente a ele vossas orações, porquanto nenhuma intervenção estranha vos é necessária para o cumprimento do que ao Pai é devido e porquanto assim também vos hei ensinado. A maior das orações é aquela que o coração mesmo traduz, sendo os sentimentos que comovem o coração os que melhor o Pai compreende. Na sinceridade da intenção, no esforço, no bom desejo, já a oração está que ao Pai agrada. No entanto, bom é que consulteis o recôndito de vossas consciências, quando vos acalorais na defesa do que tomais pela verdadeira doutrina, para ver se não estais faltando com a caridade no mesmo momento em que como seus defensores vos apresentais, pois observei em mais de uma ocasião, sacerdotes do culto protestante e católico, sinceros e crentes do que ensinavam, receberem em silêncio e com humildade os ataques dos que se apresentavam como defensores das idéias novas, da luz, do progresso, chamando obscurantistas a seus contrários, e imputando-lhes, sem conhecê-los sequer, todos os vícios imagináveis, os quais, entretanto, em maior quantidade e mais encobertos, neles mesmos se encontravam; vendo finalmente que os tais sacerdotes não abandonam sua calma e humildade, dizem-

lhes que tudo é feito por hipocrisia. Poucos espíritos há, na verdade, como os apontados entre os sacerdotes do culto protestante e do culto católico, porém muito mais raros certamente, se algum há ainda, hão de ser os encontrados entre aqueles que se chamam liberais e que o são no sentido de romper toda a cadeia que seja um estorvo para a conquista de tudo o que os deleite ou lhes convenha. Estes liberais que nem sequer do sentimento religioso têm uma idéa, espíritos jovens são que muito pouco ainda têm caminhado pelas vias do progresso e seu próprio orgulho prova é do atraso de seus espíritos; inimigos demonstram-se eles de todo o sacerdócio, não por fazer guerra contra o obscurantismo, senão porque toda a religião freio é sempre para o vício. Assim, pois, em toda a cousa e a todo momento é sempre o espírito o que deveis buscar. Quando tratardes, portanto, de explicar-vos as cousas de minhas doutrinas ou das que se me atribuem, observai principalmente se a idéa achada encontra sua adaptação com o espírito dos ensinamentos de Jesus. Facilmente vereis que o que se diz da confissão, da eucaristia, do inferno, etc., não encontra verdadeiro lugar no meio dos ensinamentos do Messias.

## **CAPÍTULO XVI**

***Sede justos e não vos cegue a paixão em vossos julgamentos. O que é bom o é por si mesmo, pois obra é do Pai; o que é mau não deixará de o ser em sua mínima parte, apesar do beneplácito humano e das fórmulas com que às vezes se pretende substituir a virtude.***

Se tiverdes prestado atenção, irmãos meus, à minha anterior comunicação, tereis compreendido quão fácil é confundir a paixão com a virtude, ainda quando a paixão possa arrastar aos piores extravios do espírito. Ai! pois, daquele que abandona o próprio raciocínio entregando-se ao impulso do cego fanatismo, porque para sua perdição caminha certamente. Que foi a morte de

Jesus? Obra aziaga da paixão que fecha os olhos do homem à luz do raciocínio e faz insensível o espírito ante os lampejos da verdade. Que foram os mal chamados mártires do Cristianismo? — Vítimas, não estéreis, porque a abnegação nunca é estéril, porém desnecessárias, de seu próprio fanatismo e da cega paixão de seus vitimários. De um lado e do outro a paixão, ainda que sob diversos aspectos. Que foram as bárbaras e sangrentas guerras para a reconquista do que se chamou Terra Santa? — Foram o resultado das paixões enfurecidas, legitimadas com o nome de Deus, que jamais lançou o homem contra o homem em horrível mortandade, senão que, por boca do Messias, mandou-o amar a seus semelhantes e devolver bem por mal; legitimados sob o nome de Deus e sob a bandeira da mal chamada Igreja de Deus, disposta sempre a santificar o que aumentasse seu poderio e sua grandeza. Que foi o Santo Ofício, dos pretensos Vigários do “*Manso Cordeiro*”, e a Santa Inquisição? Foram as manifestações mais legítimas e boas para a paixão feroz assenhoreada das posições do poder, da paixão convertida em fanatismo e tomando o lugar da razão. Sede razoáveis, pois, irmãos meus, e jamais vos ofusque a paixão, porquanto o que é bom, bom é por si mesmo e sem violências; o que não é justo, inutilmente o legitimareis sob o império da força porque nada que seja injusto deixará de o ser pela convencional legitimação humana. Bem deveis entender que o homem nada pode tirar e nada pode acrescentar às leis de Deus que a própria essência da verdade e do bem formam. Assim, portanto, “*com a mesma medida com que medirdes, sereis medidos*”, e como castigada é a igreja católica com a sua decadência e completo desprestígio a que vai chegando, pelo mau uso que dela foi feito com os meios de domínio e ensinamento que em suas mãos estiveram, assim vós também castigados sereis se abusardes, como às vezes o fazeis, do lugar vantajoso em que vos encontrais colocados ante os conhecimentos humanos, ante a lógica e a história, armas empregadas agora em vez de ferro, e que certamente melhores e mais duradouros êxitos alcançam nas guerras das religiões.

Não sejais, pois, injustos com os adeptos dessas já velhas religiões, se bem que de curta vida ainda, porém velhas quanto ao atraso de suas doutrinas com relação a muitas verdades perfeitamente conhecidas pelo homem e ainda desconhecidas ou

negadas por elas, tais como: a igualdade perante Deus de todos os homens, sem eleitos e sem graça especial para ninguém; a pluralidade de vidas carnis e de mundos habitados; Deus eternamente igual a si mesmo e não diferente em personalidades, ao ponto de assumir uma delas, o filho, uma natureza finita e mortal; que cada espírito é filho de suas próprias obras, única maneira que permite existir verdadeira responsabilidade e verdadeira justiça na distribuição do prêmio e do castigo. Porém, ainda assim, apesar da desvantagem no atraso de suas doutrinas, é entre os católicos onde se notam os maiores esforços para aumentar o império do espírito sobre a natureza carnal do corpo; entre eles observa-se ainda a maioria dos que desprezam seus próprios interesses pelos interesses do próximo e dos que lutam e trabalham para desgastar as asperezas da pessoa humana, suas tendências para o predomínio bestial; dignificar o amor pelo respeito para o lar constituído; dar brilho, enfim, grandeza e elevação à alma humana, feita, a alma não o corpo, à imagem da do próprio Deus. Observai com sinceridade e discerni as cousas com justiça e vereis, como prova do que vos digo, que dos povos de onde desaparece o catolicismo, antes que as novas religiões tenham podido exercer a necessária influência sobre eles, a imoralidade aumenta, os crimes e os suicídios se multiplicam e a sociedade dá um passo para trás pelo caminho do torpe materialismo.

Muitas vezes o sacerdote católico tem-se levantado frente a frente dos potentados em defesa dos direitos do povo, ao passo que os ricos e os mesmos costumes sociais que deles sofrem predomínio, toda a sua influência derramavam aos pés desses mesmos potentados em defesa do que se chamou seus foros; a opulência, o fausto, a gente de distinção, como chamais aos homens que por seu dinheiro mais vivem com o corpo que com a alma, os bons costumes e até as leis, têm dado muitas vezes em apoiar o erro contra a verdade; mas tudo isto e quanto se fizer, nada tirará de sua maldade ao que é mau. Esses virtuosos sacerdotes, muito poucos certamente, que desafiando tudo, o ouro, as preocupações, a influência das maiorias, seus próprios interesses, as ameaças e até a legislação feita pelos homens do que eles combatem em defesa dos interesses dos deserdados e dos oprimidos, esses virtuosos sacerdotes, que assim entregues vivem

ao serviço da verdade, ministros são realmente do Pai, porquanto obra do Pai é a que assim eles levam avante. Mas não é obra do Pai certamente aquela em que o mesmo clero católico vos brinda com frívolas formas em lugar da verdade que deveria ensinar, porém que desconhece pela cegueira em que caiu ao apartar-se dos simples e humildes ensinamentos do Messias. As mais das vezes, ou sempre, o dogma obscurece a inteligência desses seres tão grandes às vezes nas cousas da alma. Mistério a miúdo insondável, porquanto não pareceria possível que espíritos de luz, ao revestirem-se de um corpo material na Terra, percam seu são juízo a ponto de aceitar como verdades inquestionáveis, absurdos inadmissíveis ante a sã razão. Sucede portanto que, com grave responsabilidade para a igreja católica, as verdades mais fundamentais de meus ensinamentos vêm-se profundamente alteradas, até originarem-se conceitos universalmente opostos a elas e constituir-se um critério religioso que nem sequer relação remota guarda com o que Jesus inculcava; é assim que, aceita-se como boa a instituição da eucaristia e da confissão, quando a elas se opõe o espírito de meus ensinamentos; que consideram-se justas as chamas eternas do inferno, quando disse Jesus que Deus não quer a morte do pecador, senão que viva e se arrependa, *“porque finalmente todos serão salvos”*; dá-se por satisfeita, a crença imperante, com uma só vida de encarnação quando as próprias diferenças sociais e as diferenças de aptidões entre os homens, demonstram claramente que os que mais sofrem é porque maiores males terão ocasionado em uma existência anterior, e o fato dos nascimentos sucessivos foram por Jesus confirmados quando disse: *“Em verdade vos digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o reino dos céus”* e também: *“Vos é necessário nascer de novo, renascer e tornar a nascer”*. E também há grande diferença entre o que foi ensinado da religião, como elemento da alma e aroma do espírito que para Deus se eleva pela perfeição de seus sentimentos e pela adoração íntima e sincera do filho para o Pai celestial, e o que por fim resultou dos ensinamentos da igreja católica em que as formalidades e as convenções tomaram o lugar do que Jesus inculcara no ânimo de seus ouvintes. Do mesmo modo, com o chamado dogma da Imaculada Conceição tomou-se um fato falso e antinatural, em uma ordem de cousas em que o mau e o bom não existem, pois



que trata-se simplesmente de fenômenos orgânicos, tornou-se como excepcional caráter de superioridade a errônea crença de que Maria pôde ser mãe sem ser esposa. Se tal fato tivesse sido possível e seu cumprimento certo fora, em que haveria avantajado a virtude ao que hoje é e em que teria sido superior a personalidade de Maria ao que hoje é? Por que confundis o que é do corpo com a virtude, que filha é do esforço do espírito? — Estabelecei o domínio do espírito até onde alcance o do corpo, mas não maculeis os atributos da alma com as torpes materialidades da vida orgânica. O homem tem podido transformar em vício o que unicamente encerra os meios de sua renovação corporal, por meio da descendência, mas nada há nele que se refira propriamente à natureza superior do espírito. O dizer de virgindade, falando de virtudes da alma, choca ao espírito. Deixai, pois, ao corpo o que é do corpo e não rebaixeis as elevadas concepções da alma, que busca Deus, com as grosseiras manifestações do corpo que se arrasta no meio do cumprimento das leis que regem a sua evolução, como meio unicamente de progresso do espírito, mediante as vidas sucessivas no seio da natureza organizada, até chegar à conquista do seu caráter definitivo de espírito, que não precisa já da condição humana e não volverá portanto a um corpo para participar da vida intermediária entre o espiritual e o material. Crede, pois, que rebaixais vossa própria natureza com a virgindade ou não virgindade, porquanto é sempre grosseira a idéia, principalmente quando se refere ao que menos nobreza apresenta quanto à forma. Com relação ao objetivo, sabido é que a intenção sã tudo enobrece e os sentimentos nobres tudo elevam, mas não mancheis o ideal com o que somente é próprio da grosseira materialidade do organismo humano.<sup>1</sup> Riscaí, pois, as palavras virgem e virgindade no referente à religião para não rebaixar o elevado conceito desta.

1 O que se considera como uma virtude é o esforço que se deve fazer para resistir às tendências naturais do corpo que conduzem para o cumprimento do preceito bíblico: *crescite et multiplicamini*; ou mais naturalmente dito, à renovação da espécie. No fato mesmo não há, pois, virtude ou pecado, sendo uma consequência de nossa própria organização e obedecendo a uma lei natural, que deve cumprir-se, somente que pode por nós ser dirigida e dominada até suprimir seus efeitos em si mesmos, ou pode deixar-se dominar por ela como escravo. É questão de evolução: para alguns o domínio sobre sua própria natureza é impossível e fazem cúmplice a fisiologia para fazê-lo crer assim; para outros isto exige somente um pouco de vontade, resultando vigorizada sua saúde, sua inteligência e seu caráter, a despeito do que a fisiologia afirma. — Nota do Sr. Rebaudi.

## CAPÍTULO XVII

### *A família e a fraternidade universal. As doutrinas de Jesus sobre este particular.*

Se humanamente não se ser consideradas as cousas, poderia crer-se que as doutrinas de Jesus se haviam de muito antecipado ao tempo que lhes fora oportuno, porquanto agora mesmo não compreendereis o amor mais além do círculo de vossos parentes e amigos. Se muito se observasse no coração vosso, ter-se-ia ainda de chegar à dúvida de se amais realmente alguém além de vossa própria pessoa. Quando, pois, Jesus dizia que todos os homens são irmãos e que deviam portanto afeto uns para os outros, como membros de uma mesma família, colocava-se na posição de um iludido desde que sem cessar via-se o homem em guerra contra o homem, muitas vezes por mesquinhos interesses, dominando entre eles a mentira, as desconfianças e o egoísmo apropriado certamente para desunir os homens, jamais para constituir família entre eles. É por isso justamente que o Messias era pródigo na repetição desta parte essencial de suas doutrinas, dizendo:

*“Justo é e santo, o amor que prodigalizais a vossos pais, mas na verdade vos digo que o Pai Universal muito acima há de ser amado que o pai de uma só família humana. E em verdade também vos digo que se justo é o amor entre os irmãos desta família humana, justo é também que os irmãos da família universal sejam amados acima dos irmãos dessa única família humana, porquanto a família universal é permanente, o Pai Universal é também permanente, e os irmãos desta família universal são também para toda a eternidade; ao passo que a família humana e tudo o que a ela se refere, é transitório, como tudo o humano é transitório. Deveis, não obstante,*

*ensaiar vossos sentimentos na família, sendo que quem não ama o pai e a mãe como há de amar o próximo?*

*“Vós todos sois, pois, filhos de Deus, antes que de vossos pais e o último de vós há de chegar a ser grande por meio de seu trabalho.*

*“Faz-se maior festa na casa do Pai por entrar nela um de seus filhos recém-trazidos ao bem, que pela perseverança dos justos.*

*“O amor de Deus inspira o amor das criaturas que são a obra de Deus.*

*“Os que muito tenham amado porque muito têm vivido e sofrido, superiores chegam a ser do círculo estreito das afeições de família; eles hão de ser os porta-vozes do Messias, abandonando todo o laço da carne para irmanarem-se com ele no Pai. Felizes dos que assim compreendam minha palavra que não veio para edificar sobre o restrito senão sobre o que dá vida eterna e é da vida eterna”.*

Compreendam meus ouvintes o significado contido nestas palavras? Não o compreendiam sem dúvida e por isso, justamente, ele não vos foi transmitido. Mas, ainda assim, com o que se dá como tendo sido dito pelo Mestre, chega-se contudo a compreender: Que o amor há de ser a base de uma sociedade bem constituída.

Que os laços carnis da família hão de deixar-se de lado quando se trate de toda a família humana para a qual a todos vos liga o dever, enquanto que a cada membro somente de cada família, liga o dever particular no seio da mesma.

Mas a essência verdadeira do ensinamento permanecia oculta para esses pobres entendimentos e é esse justamente o motivo por que, na tradição que vos chegou de minhas palavras, não ressalta patente essa essência; falta assim o verdadeiro espírito do que foi dito por Jesus.

Falando-lhes dos homens, era de sua condição permanente de espíritos do que entendia falar. Assim, portanto, é de todos formada a família dos espíritos, sendo também eterna porque os laços da matéria se destroem, enquanto que nada é a morte do espiritual, senão a volta à vida. Quanto maior é o adiantamento

dos espíritos nas cousas do Pai, mais garantidos se encontram entre os laços do sentimento e da luz da alma, ligados por eles dentro da própria condição que esse mesmo adiantamento lhes deu e unidos a seus semelhantes tanto mais estreitamente, quanto maior é a atração do carinho e das afinidades que arrastam aos diversos núcleos de espíritos para rumos também diversos, ainda que sempre dentro da família comum, que formam todos os espíritos.

Assim, pois, só transitória é a condição do espírito que tomou um corpo e, formando famílias carnavais, consegue nelas a formação de laços espirituais, que são os do amor, os que persistem depois da morte do corpo, ligando-o melhor, dentro da família espiritual, que é o objetivo, enquanto que a carnal constitui apenas um meio.

As condições da família carnal encerram os altos propósitos do Pai, que, mediante elas, sabiamente fazem brotar os mais belos sentimentos entre os esposos, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãos, transformando os ódios, momentaneamente ocultos pelo véu da matéria, em estreitos laços de afeto que vão depois entrelaçar os membros da família espiritual em pontos em que a recordação de ofensas ou o desejo de vingança deixaram manchas de obscuridade no meio de campos de luz.

Nem outra cousa nisto se encerra senão o que outras vezes simplesmente disse: “Na verdade, na verdade vos digo, que só o que renascer de novo verá o reino dos céus”. Porém tampouco nesta simplicidade fui compreendido. Encerra-se sem embargo nisto, a chave para o porvir da Humanidade, na vida eterna que lhe está reservada por toda a eternidade. É portanto na fraternidade universal sobre o que o espírito há de repousar, encontrando nela o fim dos tropeços na rota e sobre ela a base eficaz para a sólida edificação de seu porvir, como anjo de luz, mensageiro do Senhor.

Irmãos meus, vede no que ficou dito a sublime religião de Deus que a todos alcança, inundando de luz vossas consciências e indicando-vos o caminho para a felicidade, pelo cumprimento da lei de justiça, que integralmente se traduz na lei do amor, porquanto sendo Deus a justiça é também o amor e é no amor universal onde toda a justiça repousa e tampouco há amor fora da justiça. Ela constitui a religião universal que a todos alcança e a todos está destinada a elevar para o Pai, que vos manda procurar o

caminho da felicidade mediante a liberdade de vossa alma que se consegue pelo desprendimento dos gozos materiais para vivificar no espírito o desejo do bem, a aspiração para a verdade e o domínio absoluto sobre tudo o que é da carne, humilhando vosso corpo para obrigá-lo a que vos sirva unicamente como instrumento, jamais como senhor de vossa vontade e de vossos gostos.

Desprezai as dores passageiras da carne em benefício dos gozos verdadeiros e eternos do espírito. Tudo passa na vida humana com rapidez vertiginosa, somente se recolhe o bem que se faz e tudo o que dá engrandecimento à alma.

## ***CAPÍTULO XVIII***

***A desgraçada condição humana atrai a comiserção dos espíritos de luz. É necessária a desmaterialização do espírito para libertá-lo da escravidão das paixões. Jesus prossegue sua obra de redenção, dificultada principalmente pela obstinação dos homens em sua materialidade e falta de fé. Eles, não obstante, como espíritos que são, estão destinados à vida espiritual e tudo o que ao espírito se refere deve interessar-lhes.***

A desgraçada condição vossa, filha principalmente da cegueira com que vos apegais às cousas terrestres, move-nos a piedade por vós, aos que vivemos já no meio das intensas claridades da alma, que demonstram ante nossos olhos as torpezas que como pesadas cargas de chumbo, oprimem vossos espíritos, impedindo-lhes o vôo para permitir-lhes somente arrastarem-se pelo imundo lodaçal das baixezas próprias dessas capas inferiores, que unicamente por cobardia não haveis ainda abandonado. Vossa teimosia, mais que tudo é, pois, o que vos tem acorrentado ao próprio montão de pó que pisais.

Amigos meus, filhos meus, queridos irmãos meus, refleti

com seriedade alguma vez sobre a mísera situação a que vos encontrais submetidos por não quererdes fazer um pequeno esforço de espiritualidade, isto é, um pequeno esforço de vossa personalidade sobre os instintos carnis e tendências mundanas inerentes à vossa natureza terrestre.

Essa desmaterialização é a que vos há de encaminhar para o grandioso destino que vos aguarda e ante o qual, não obstante, perplexidade demonstrais, ou temor e cobardia, em vez de decidido impulso, como devera acontecer. Fugi portanto dessa prejudicial perplexidade e empreendei com valor e confiança a conquista do império que nos céus vos está destinado e cujos caminhos o próprio Filho de Deus vos ensinou, e volve ainda ele sobre seus passos, para guiar-vos pela própria mão.... Chegareis ainda até rechaçá-lo novamente?... Tapareis vossos ouvidos a suas palavras, vossos entendimentos a seus conselhos e vossos corações ao calor intenso de seu sentimento?...

Oh! Não seja, pois, novamente vossa pertinácia e vossa cegueira, causa de profunda pena para o ser que tanto por vós já sofreu, que a vós consagrado vive e em cujo porvir principalmente, fixos estão com empenho seus constantes olhares.

Desprezai a vaidade e orgulho que vos ofuscam, impedindo a vossos sentimentos o confundirem-se com os meus e aos olhares de vossa fé o descobrir-me detrás das singelas palavras, porém cheias de amor e de sinceridade, com que volto agora a me apresentar ante vós.

Se certamente cumpre agora o Messias seu mandato divino em melhores condições das que lhe serviram em sua anterior sementeira e se certamente também o rodeiam com muito maior eficácia as elevadas alianças espirituais de que no princípio vos falou, não deve tampouco olvidar-se a maior clareza de visão e a maior sutileza de exame que passou a ser natural nele, oferecendo-lhe com maior rudeza nos detalhes e mais profunda verdade no fato, a ingratidão, a falsidade, as vergonhosas claudicações, os torpes vícios, a negra teimosia no erro, os ódios fratricidas, as traições nefandas, as horríveis vinganças e os asquerosos desafogos das paixões carnis; todo esse escuro abismo da louca fantasia do homem no erro e no mal, claramente exibido se encontra diante de meus olhares angustiados, tendo adquirido brilho inusitado ante meus olhos os últimos e mais

recônditos escaninhos da consciência humana.

Acreditais porventura que no meio da condição vossa, tão longe ainda de vislumbrar a verdadeira luz do espírito, acreditais porventura que a alma de Jesus possa permanecer indiferente e fria? Não, certamente e tampouco o podem os celestes mensageiros que o acompanham no cumprimento de sua sagrada missão.

Só o amor e o perdão traz como armas Jesus, para o cumprimento do que em suas mãos lhe foi confiado, *“porque não enviou Deus seu Filho ao mundo para julgar o mundo, senão para que o mundo se salve por ele”*.

Mas este é o preceito: *“Que a luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas que a luz; porque suas obras eram más”*. *“Porque todo homem que procede mal, aborrece a luz, e não vem à luz para que suas obras não sejam censuradas.”* Assim portanto, hoje também acontece, com grande pesar para mim, que ausentes vejo de meu lado muitos espíritos que deveriam ter conquistado maior elevação e grandeza e retrocederam entretanto do caminho que com tanta vontade empreenderam.

Volvi, pois, sobre vossos passos, vós os pusilânimes, recordando o que já antes disse: *“O céu e a terra passarão; mas minhas palavras não passarão”*. *“Olhai pois por vós, não aconteça que vossos corações se encham de glotonaria, e de embriaguez, e dos afãs desta vida, e que venha de repente sobre vós aquele dia”*... dia de responsabilidades, que para todo o espírito chegará, como os dias da Terra, mas que dentro de si mesmo tem suas limitações, pelo que significa quanto ao que o espírito tem de receber como prêmio ou como castigo, assinalando também uma nova etapa para seu porvir.

Não vos assombre do que em ocasiões dissera com palavras como estas: *“Na verdade vos digo que não passará esta geração sem que sucedam todas estas cousas”*, porquanto Jesus olhava muitas vezes mais para o ambiente do espírito que para o do homem e apesar de mudado o homem por encarnação diferente, o mesmo espírito discernia freqüentemente. Assim também, seus juízos formados eram, mais para o ambiente espiritual, que lhe resultava mais propício e mais harmônico, que para o da carne. Portanto sua apreciação de tempo, diferente era por completo da

dos homens, pois via-se levado a considerar todas as cousas quase como presentes, tal como com o espírito acontece.

E dizia Jesus aos hebreus, que nele haviam acreditado: *“Se vós perseverardes em minhas palavras, verdadeiramente sereis meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres.”* Dessas palavras saídas dos lábios de quem chamado foi o Mestre, há de sair luz novamente, porquanto está dito nelas verdade e sabedoria maiores que as que o homem possa produzir.

O próprio saber, na ordem física, de grande proveito para a alma também resulta porquanto é dele, ao lado das boas obras, que a alma vive e não de incentivos puramente materiais.

O homem alma é revestido de um corpo pela cadeia de seu astral, como já vos disse e unicamente pelo corpo participa da natureza carnal, para motivo de adiantamento. Toma assim adaptação entre as cousas da Terra para o enriquecimento, com elas, de sua própria pessoa de espírito. Mas vós, em vez de enriquecer dessas cousas o espírito, formais com elas correntes que à Terra o atam e sobre ele exercem pressão para impedimento de seu vô. Dominar, pois, antes que tudo, o corpo e seus apetites e elevar-se, superior na vontade e no caráter, por cima de tudo o que lhe oferece sua passageira morada da Terra, o primeiro que tudo e o principal deve ser para vós espíritos, desde que, como tais, destinados sois para a vida gloriosa dos espíritos, partícipes da grandeza e da sabedoria do Pai, que até vós manda a seu próprio Filho para vô-lo dizer.

Elevai, pois, constantes orações ao Pai para que ilumine vossas consciências e vos faça ver claramente a verdade do que vos digo e a verdade de minha própria natureza; ante a qual vos obstinais novamente em fechar os olhos entrvando os amorosos propósitos do mesmo Pai que brilhantes reflexos fazem brotar do Filho, que com constante empenho vos chama, tendo ele depositado também em vós todo o apaixonado calor de seus sentimentos.



## **CAPÍTULO XIX**

### ***O verdadeiro espírito da predicação de Jesus<sup>1</sup>***

Tenho que repetir-vos uma vez mais, queridos irmãos meus, que nunca o espírito de meus ensinamentos foi compreendido, resultando em parte justamente o contrário do que o Messias se propusera, porquanto chegaram a ser eles motivos de maiores dissensões entre os homens quando buscavam pelo contrário estabelecer a unidade da doutrina, mediante a unidade do sentimento, elevado este à causa primeira e essencial da própria doutrina. Não era, pois, seu propósito trazer uma nova religião, senão A Religião como que do Pai para isto recebera mandato. Dentro da Religião, depois, tudo o que ao sentimento e à moral se refere, haveria de encontrar seu lugar para a mais acabada glorificação do Altíssimo, mediante o cumprimento de suas sagradas leis.

1 - O verdadeiro espírito da predicação de Jesus nunca foi compreendido, tendo seus ensinamentos servido de motivos de discórdia, enquanto que seu objetivo foi o de procurar a harmonia de todos os filhos de Deus sobre a base de uma religião, que, por isso mesmo, havia de ser a RELIGIÃO UNIVERSAL, da qual justamente ele sempre disse ser o fundador, religião sem templos nem altares, que radica no sentimento e nas consciências, constituindo uma cadeia de união entre todos os filhos de Deus, que, pelo fato de o serem, estão destinados a buscarem-se e amarem-se como irmãos que são. Declara que jamais passou por sua idéia o que a igreja católica entende a respeito da eucaristia, que ele só fez referência à confraternização, quis dizer, talvez, que o pão e o vinho que repartiam amigavelmente, como representação de afetos recíprocos, constituíam para ele como sua própria carne e seu próprio sangue. João afirma que se adulteraram suas palavras. Acrescenta também o Mestre que o progresso intelectual é igualmente necessário, porém pareceria deduzir-se de suas palavras que o moral e o intelectual se acompanham, pois no homem virtuoso tudo tende para a atividade e o progresso. O pensamento toma no cérebro somente a forma que lhe permite ser traduzido por palavras, porém não é o cérebro que forma o pensamento. As sensações são unicamente excitantes da faculdade de pensar e prestam-lhe novos motivos de desenvolvimento, porém o pensamento é próprio somente do espírito. — Nota do Sr. Rebaudi.

Com o andar do tempo, entretanto, corromperam principalmente seus ensinamentos os mesmos que se apresentavam perante os homens como mestres e depositários deles, levantando templo de desunião com práticas que não comportavam os propósitos do Messias, tais como os demonstrara, quando praticado havia obras de amor no dia de sábado, enquanto que o proibia a lei mosaica que ele tinha vindo não obstante restabelecer e não para destruir. Assim também quando bebeu a água da samaritana e quando demonstrou que o próximo era o samaritano que se apiedou do ferido da parábola e o curou e lhe prestou toda a sua proteção, e quando disse também à samaritana: *Mulher, acreditai-me, que é chegado o tempo em que nem em Jerusalém, nem neste monte prestareis a meu Pai a adoração que lhe é devida.* Com isto e com o anteriormente assinalado e outras muitas cousas ditas em igual sentido, claramente referia-se Jesus à *Religião Universal*, que reuniria em seu seio, pelo amor, a todos os homens, filhos de Deus e portanto irmãos destinados a conhecerem-se e amarem-se. Templo de todos e para todos era portanto o que viera levantar o Messias e a esse se referia quando, inspirado por sua visão interna, disse à samaritana: *Mulher, acreditai-me, que é chegado o tempo em que nem em Jerusalém, nem neste monte prestareis a meu Pai a adoração que lhe é devida.* Significa isto dizer que têm vindo preparando-se paulatinamente os tempos que próximos estão agora a chegar, em que nem dentro de lugar determinado nem dentro de religiões diferentes hão de elevar-se preces ao Senhor, senão no único templo e religião de vossos corações e de vossas consciências, isto é, dentro de uma mesma religião para todos, *religião universal*, portanto, cujo único preceito para todos se encerra dentro da sinceridade e elevação de sentimentos, unido a um veemente desejo de progresso para a verdade e o bem. Isto que tão simples parece, muito tem que andar ainda, para que pela generalidade dos homens seja compreendido, sendo por isso necessária a nova presença de Jesus a fim de destruir os falsos conceitos que a ela se opõem e que vão ensinados como por ele ditos. Assim, falsa é sob todos os pontos, falsíssima a insistência com que meu querido, porém obcecado discípulo João, dá cor material, realidade carnal, ao dito referente à transubstanciação do pão e do vinho na própria carne e sangue de Jesus.

Não há de duvidar-se certamente que o escrito muito diferente é do que realmente por ele foi dito; mas ele que teve de meus lábios a forma figurada de minhas palavras pelas que unicamente o conceito espiritual da frase evidenciava, podia bem deixar mais claramente expressa a verdade. Diz ele entretanto que nada disse que pudesse tomar-se materialmente e jamais acreditou tampouco que pudesse ter lugar algum dia tão estranha cousa, como a de mudar em carne do Mestre o pão e tragá-lo para salvação das almas. Confessa outros erros cometidos, embora sempre com bom desejo e com acendrado amor ao Mestre, confessa-se culpado de exagerações e de arranjos de milagres que tais não foram, porém, a respeito do que deu origem à eucaristia, ele não falou no significado material da carne e do sangue; foi tão-somente sua vontade a de dar relevo, dar vida à expressão, como que assim também o havia feito o Mestre.

Já vos disse, pois, e vô-lo confirmo com veemência, qual era o espírito da predicação de Jesus e quais propósitos ela comportava, sendo que procurava como base primeira o sentimento mais universal: o amor. Quando o amor fosse o elemento essencial das relações humanas, todos os corações palpitariam sob os impulsos de uma só religião, que certamente seria a do amor e que outra cousa não resultaria mais que o laço de união entre as amorosas solitudes do Pai e suas agradecidas repercussões no coração dos filhos, os quais elevariam assim ante o excelso trono do Senhor a mais pura e significativa das orações, a única que certamente é de seu agrado: a prece que do coração sai até Deus chega, tal como lhes repetia em meus ensinamentos a todo o que me escutava.

Assim portanto, pela porta aberta da simpatia e do afeto, facilmente passam novas verdades para o conhecimento do homem, que de boa-fé se entrega às novas doutrinas, que sobre o amor também se tem elevado como conseqüência do mesmo. Isto é certamente ao que à virtude e à moral se refere, porquanto não há de olvidar-se que, ao mesmo tempo que pela moral, pelo saber também há de elevar-se o espírito, sendo que é na moral, pela religião essencialmente, que se encerra a missão oficial de Jesus, como que foi e é nela e dela o fundamento e o meio de sua elevação espiritual. Oh!... Crede-me, pois, irmãos meus, que o que se eleva às alturas da mais pura concepção moral em toda sua

amplitude do bem e da religiosidade, crede-me, que participe é, desde logo, de todos os resplendores que a inteligência divina derrama nessas alturas, a que o espírito chegou, sendo que tampouco há de olvidar-se que na virtude se encerra também o trabalho, pois que a inércia e o ócio hão de encontrar-se sempre com as trevas do atraso, jamais no meio dos resplendores do verdadeiro apostolado do progresso humano. Eis que, como tudo há de ser adquirido pelos próprios esforços de cada um, vejo-me forçado, eu mesmo, a manifestações de índole também alheia ao meu verdadeiro ministério. É assim que já vos tenho manifestado a maneira da aliança do espírito livre com o espírito unido a um corpo, para o ensinamento do que convém saber ao homem para seu adiantamento. Assim também dei explicações da maneira como o espírito estreitos laços assume para com o corpo, dando nascimento ao homem. Só resta dizer que o homem, sendo primeiro criança, desde a concepção perdeu já a consciência própria do espírito livre e começa o desenvolvimento da consciência humana, a qual se localiza no cérebro e parcialmente (em sua função mecânica, isto é, quanto ao impulso) também no coração, por mais que assim não vos pareça; este é seguramente quem antes percebe o que se traduz pelo sentimento no homem e é porque o espírito tem laços muito estreitos para com ele, mais ainda que para com o cérebro, se bem que é neste sobre o qual o espírito mais continuamente e mais conscientemente age; porém, os laços que melhor o unem ao corpo são os que se acham relacionados com essa porção do corpo de grande conjunto de nervos que está sobre o estômago. Aqueles, os últimos também são em soltar-se do recíproco aprisionamento de ambos os princípios, o espírito e o corpo, quando sucede a morte. A inteligência e a vontade individual é no cérebro certamente, como tantas vezes se tem dito, onde obra, tomando formas de pensamentos humanos, porquanto deveis saber que o pensamento não tem forma de palavras, sendo que no cérebro é que assim se converte para humanizá-lo, o que quer dizer que lhe dá roupagem material para que possa circular praticamente no mundo dos sentidos. Se ao pensamento não lhe alcançassem formas materiais, não poderia ser traduzido em palavras e a linguagem não teria aparecido e o pensamento teria permanecido órfão de alianças para com o corpo humano, o que não teria podido acontecer, porquanto

faltaria o propósito da encarnação se não tivesse o pensamento meio para seu exercício e adiantamento.

Não acrediteis nas aparências que supõem o pensamento como filho das sensações que de fora para dentro recebe a alma, não, o exterior desperta no espírito a idéia que ele já tem em embrião. Isso que chamais sensação é antes a excitação para o pensamento e depois sugere-lhe uma forma nova que se grava no cérebro para sua associação mais tarde com impressões novas, todas as que, encontrando pouco a pouco suas relações recíprocas, concluem em um conjunto harmônico, dando lugar ao raciocínio. O cérebro é, pois, o órgão material do pensamento, como os órgãos vocais são o da palavra, porém o pensamento existe antes que a cerebração e a palavra existe na mente antes que a formulem os lábios. Sem dúvida são cousas muito intimamente ligadas ao homem e não pode dividi-las, mas fá-lo a morte, sem que perca o espírito a sua faculdade de pensar que antes melhor resulta, acrescentada por sua liberdade dos entraves da matéria, encontrando-se também enriquecida em seu haver de idéias pelo progresso reportado dos trabalhos e lutas da encarnação. O que é, pois, do espírito, do espírito é e o que é da matéria, da matéria é, um e a outra se enlaçam sob o império das leis que do Pai vêm de toda a eternidade, porém, jamais um é a outra, sendo que a outra instrumento há de ser para o adiantamento do espírito e cumprimento da suprema lei do progresso, preenchendo-se assim a vontade do Pai, que é a causa última e a primeira, o motor único do universo inteiro.

*“O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do espírito, é espírito.*

*“O espírito sopra onde quer; e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai.”*

Se verdade é que estas, ou palavras mais bem parecidas a estas, foram ditas pelo Messias, dando a conhecer os novos nascimentos que a alma toma na Terra por motivo de seu adiantamento, elas encerram portanto não a mesma intenção que então, e agora ele fez e faz, quer dizer, que quis explicar que o corpo material vem da matéria, porém a alma, que lhe dá

personalidade, vem do mundo dos espíritos; não nos é dado vê-la e tocá-la com os sentidos do corpo porque também a alma somente por suas percepções da alma é apreciada, porém, enquanto se dá o nascimento pela união do espírito com um corpo que há de ser seu instrumento.

Portanto, o que é da matéria, matéria é e o que é do espírito, espírito é; porém tudo é um para o progresso, que é a glorificação do Senhor. Tudo é um e certamente, nada é sem o autor; o espírito não alcançará adiantamento e a matéria estéril seria em seu desenvolvimento sem o fim da inteligência.

De tudo isto se vê que a pessoa propriamente é o espírito, o qual com o tempo, com o trabalho e com a regeneração dos pecados que cometeu por sua torpeza, chega a elevar-se até a verdade e à justiça, não em uma vida seguramente, senão em muitas. Não traz recordações em cada vida de sua vida antecedente, porque ele mesmo foge dessas recordações, o que pode fazer por seu encarceramento na matéria e porque em seu cérebro tudo vai formando-se de novo, pelas impressões que vai juntando e irmanando para que resulte cadeia ordenada deles, isto é, raciocínio, porém raciocínio com os elementos novamente colhidos, na recente vida corporal. Podia bem o espírito, com algum esforço seu e ajudado por suas alianças do outro mundo, manter a recordação de seu passado, mas isto jamais pode acontecer-lhe, porquanto ocuparia seu cérebro e gastaria suas forças para a recordação daquilo que justamente lhe convém olvidar, e que voltou à Terra para esquecer. Assim, pois, os que guardam recordações, e muitos há, é por causa espontânea, devido à sua elevação moral.

A elevação moral certamente é a que dá maior progresso ao espírito, porquanto ela coloca-nos no meio exato das maiores verdades, as que se lhe colocam em evidência com tal clareza que não somente as compreende, senão que participa delas, como se interviessem em seu governo por mandato de Deus. Ah! Sede, pois, grandes de alma, sede verdadeiramente bons e não temais, porque o Universo inteiro vos pertencerá, como verdadeiros filhos do verdadeiro Pai. Não vos confundais com tantas doutrinas, porque são os fatos os que valem, e estes governados são pelo Pai e não pelas doutrinas saídas de vossas cabeças. E vos disse e novamente vos repito: amai, amai sempre, perdoai sempre, e fazei

o bem, fazei-o sempre, até aos que vos fazem mal. Vereis assim vossos espíritos, uma vez chegada sua hora, elevarem-se sobre nuvens de luz para Deus, no meio da felicidade perfeita de que só aos anjos de Deus é dado desfrutar.

Quisera o Messias poder introduzir-se em estreita união com vosso ser para que suas palpitações encontrassem eco decidido em vossos corações e que a luz que justamente ilumina sua inteligência pudesse igualmente brilhar na vossa; mais acima de seus desejos está o cumprimento da lei de justiça que rege o mundo moral; é pois que a seus desejos devem responder os vossos com igual intensidade e não o fazem. Vedes, entretanto, que a palavra é difícil a Jesus, encontrando-se tão distante de vós que não o atráis pelo magnetismo da simpatia, isto é, pelo amor sincero. Custa a meu próprio intérprete sua tarefa, pela enorme distância que nos separa, pelos muitos intermediários que formam a cadeia que de Jesus até ele chega e pela completa falta de ajuda por parte dos que o rodeiam e para quem estas palavras são não obstante dirigidas.

## CAPÍTULO XX

*Quando Jesus indicou a infância como exemplo a imitar para conseguir-se a salvação, quis somente referir-se à sua falta de malícia, porém de nenhum modo à sua falta de conhecimentos. Refere Jesus suas impressões no momento da desencarnação e suas manifestações a seus discípulos, sendo Pedro o que melhor os percebia. Contesta a suposição que faz da pessoa de Jesus o resultado das façanhas de três bandidos, que lutavam por manter vivo o patriotismo do povo hebreu e molestar por todos os modos os romanos, que eram afinal os possuidores da riqueza. Se bem tenham existido os tais ladrões e muitos outros, ele nada teve que ver com eles. Depois de sua morte, o que deu unidade à propaganda de sua doutrina foi a sua inspiração permanente no seio*

***de sua igreja, cujos ensinamentos não de generalizar-se, como já resultou, a despeito do silêncio que os historiadores guardaram dela, chegando ao conhecimento dos homens, e que assim também os mesmos que hoje negam crédito às palavras de Jesus, acreditarão nestas comunicações como sendo a obra de Jesus e as acatarão.***

Se certamente a inocência dos que chegaram a participar do reino de meu Pai havia de ser como a das ternas crianças “*porque delas é o reino de Deus*”, não se quis dizer do atraso intelectual da criança, mas sim unicamente de sua falta de malícia para com o pecado, do que o Messias havia falado, e não é certamente a malícia do pecado a que possa acrescentar grandeza ou algum adiantamento da inteligência aos espíritos. Má interpretação dão portanto os que crêem que o conhecimento das cousas e os trabalhos da inteligência não são necessários para a salvação vossa. “*Preciso é que compreendais, que a verdade há de ser procurada na essência do ensinamento e não em sua forma, posto que esta seja a que sirva ao meio em que se fala e ao ambiente em que o ensinamento se produz.*” Assim também, se acompanharam sempre os ensinamentos de Jesus, mais que outra cousa, a mansidão, a humildade, o perdão, a resignação, a pureza da consciência, alcançando até a inocência das ditas crianças, foi porque estas cousas eram mais que todas necessárias nesses tempos no meio desses povos de tanta dureza de coração, de tantas maldades e de tantas falsidades. Agora ainda esses ensinamentos são mais que tudo necessários, porquanto o egoísmo, a ambição e as próprias necessidades fazem pressão contínua no espírito para seu adiantamento na inteligência e assim naturalmente o avanço desta, primeiro é no espírito que o da moral. Tal se vê na maneira das cousas e tal crê o homem em seu egoísmo; porém, em verdade vos digo, que aquele que a maior altura chega, maior felicidade terá alcançado ao encontrar-se novamente no mundo dos espíritos, será maior também a extensão de suas percepções e mais clara sua visão. Quer, pois, isto dizer que nele também tem de se encontrar o adiantamento intelectual.

Muitas vezes percebi vossos desejos para o conhecimento da natureza do espírito depois de abandonado o corpo material e



deixei esse desejo ir-se madurando principalmente até chegar eu mesmo ao conhecimento da falta de fé nas revelações recebidas, que comportam, entretanto, a verdade até onde a palavra humana consente.

A atual revelação tão amplamente vem, que a todas as partes chega e de tal sorte é seu efeito, que em todas as classes consegue insinuação, porque é próprio da caridade o ataviar-se como para ser recebida dos que tem de favorecer. Assim, portanto, não acrediteis que toda a verdade vos é dada, senão unicamente aquela que vosso adiantamento comporta e ainda esta mesma ataviada de maneira que não provoque choque violento com vossas idéias anteriores. O adiantamento dos espíritos comporta maneiras muito diferentes e deve-se, portanto, demonstração continuada de tolerância e resignação em todo o possível, porque uma igual verdade, vista e aceita por dois espíritos, o é de diferente maneira pelos dois; buscai que a mesma o seja em sua essência.

Chegando enfim ao desejo vosso, vou dizer as cousas tal como se recentemente eu mesmo houvesse partido de entre vós. Apesar de ser completa minha lucidez, a intensa dor física e moral tinham proporcionado o enfraquecimento da vontade; mas improvisadamente se fez presente para mim muita luz e muita claridade de espírito. Não era, portanto, a minha penetração acostuada nas pessoas e nas cousas, senão melhor a presença de todo o meu passado e de suas relações de lugar e de pessoas. Tudo me era, com a maior clareza, presente. Tomou-me depois uma sensação de frio muito grande, que penetrava até os ossos; a língua parecia presa em sua raiz; o corpo teve sacudidelas; escureceu-se a vista e os ruídos com rapidez se distanciaram; ouvia ainda os últimos sons de vozes longínquas e apagadas, quando uma nova sacudidela, que me pareceu a mais forte, mudou por completo minha situação. Uma calma deliciosa invadiu todo o meu corpo e uma brisa fresca acariciava minhas faces. Pareceu-me ouvir um tênue murmúrio de vozes a meu redor e ocorreu-me rapidamente então, no meio de um profundo suspiro, pronunciar estas palavras:

*“Piedade de mim, Pai meu!...” “Fica tranqüilo, Deus te ouve e está contigo”,* responderam-me várias vozes carinhosas, conjuntamente. Permaneci durante algum tempo cheio certamente

de algo como evidentes promessas de uma felicidade indizível, porém sem dar-me conta de meu estado. Compreendi que a morte se havia produzido, porém a mudança repentina na maneira de perceber o ambiente e de sentir-se a si próprio me enchiam de confusão, porém uma confusão sem agitações, porquanto, pressentia-se detrás dela a calma e o bem-estar da alma. Muito depressa, entretanto, fui compreendendo o meu novo estado, e, ao cabo de algumas horas talvez, me incorporei, toquei meu corpo, que o mesmo continuava a ser como sempre, e olhei tudo em volta de mim, sem compreender que tudo já tinha visto ainda antes de abrir os olhos, os quais me parecia tê-los tido sempre abertos, antes de incorporar-me e antes de mover-me. Assim, portanto, tudo o que interesse tinha para meu espírito, tudo claramente via diante de meus olhos. Ao mesmo tempo foi se descerrando o véu que me ocultava o passado, ocultação, entretanto, muito menor que nos demais mortais, e um intensíssimo pesar se apoderou de mim por alguns instantes, ao considerar a imensidade do sacrifício feito, agora e antes, para conduzir a Humanidade por caminhos direitos, terminando sempre por arrastarem-me como vítima das torpezas humanas. O que disto resulta, segundo a lei justa de Deus, é que o pobre, o mártir, a vítima, vê-se elevada até o sétimo céu de seu progresso, ao passo que os poderosos que desprezaram sua palavra e o fizeram sofrer, seguem rastejando entre os acontecimentos humanos, principalmente inferiores. Entretanto, tudo em minha pessoa me parecia igual como anteriormente, porém tudo aperfeiçoado, mais leve e mais formoso no aspecto, como se de luz fosse todo o próprio corpo. Levantei-me e comecei a andar como quando entre vós me encontrava. Os espíritos amigos rodeavam-me silenciosos, se bem que com semblante de terníssimo afeto e comiseração. Nesse momento senti imprevisito e intenso desejo de ver aos de minha Igreja e nesse mesmo instante no meio deles me encontrei. Foi esta uma das coisas que contribuiu para o esclarecimento da maneira de minha nova existência, pois de súbito deduzi que toda essa materialidade aparente do que me rodeava, obra era de meu próprio espírito, que empenhava-se em arrastar-se quando o chamavam os espaços superiores. Voltei, pois, a compreender que no espírito o pensamento é tudo, ao passo que em meio da matéria assemelha-se somente a um pássaro engaiolado. Assim, desde esse momento

concedi ao meu pensamento toda a amplitude de sua ação e desde então acabou-se para mim a chamada perturbação espiritual, apesar de que depois de passados três dias e um pouco mais, algo faltava ainda para o completo domínio do que me rodeava.

Devo fazer-vos presente que, quando me encontrei entre os meus, vi-me como inteiramente material, como se a morte não houvesse ocorrido; era, pois, tal como os demais, apesar de que bem depressa tive a dolorosa impressão de meu isolamento relativamente a eles. Pedro era quem ouvia realmente minha voz e compreendia minha palavra, os outros somente a intuição de meu pensamento e a influência de minha presença percebiam, apesar de que seu amoroso empenho deu à minha presença no meio deles a maior realidade material. O que desde esse momento todos claramente percebiam era a inspiração do que tinham de compreender e ensinar de minhas doutrinas. A isso justamente se deveu a unidade de critério na pregação que muito depressa os apóstolos começaram a levar avante com o tema de meus ensinamentos. Fracamente e com algum temor primeiro, porém logo depois com grande e real entusiasmo. Certamente, misturava-se o ressentimento e certas tendências para o desejo da vingança com o perdão das ofensas e com o amor para os inimigos que a doutrina impunha, e escapavam-lhes também, de vez em quando, ameaças encobertas e prognósticos que mostravam o Filho de Deus como pronto a lançar sobre a torpe humanidade os raios das iras do Pai; mas, à força de constância nas influências continuamente dirigidas sobre os apóstolos, com as inspirações que de Jesus recebiam,<sup>1</sup> pôde-se suavizar os sentimentos naturalmente ásperos desses homens pouco cultivados, cujas modalidades meus ensinamentos e meus exemplos não chegaram a modificar por completo, tanto mais que o próprio Mestre havia-se mostrado, em duas ou três ocasiões, duro e até inexorável com os pecadores recalcitrantes, com os hipócritas e traficantes da palavra de Deus. Jesus certamente, nessas ocasiões, olvidando a natureza do homem, duplo em sua essência de alma e de corpo e imensamente atrasado em sua hierarquia espiritual por sua

1 - Tão só um Jesus, seguramente, podia elevar-se acima das paixões, a ponto de que parecesse ele favorecido com a indulgência dos demais. — Nota do Sr. Rebaudi.

submissão cega aos instintos animais e aos impulsos da carne, havia-se abandonado a esses ardores da alma, próprios do ser que se asfixia em meio de pesada atmosfera e profundas trevas que o vício e a ignorância comportam, no mesmo momento em que contempla muito próximas, ante seus olhos, as claridades do elevado ambiente espiritual que lhe correspondem por seu adiantamento e que ele veio para oferecer aos homens em troca de sua situação de trevas e podridão, mediante o preço de um pouco de trabalho, um pouco de moralidade e um pouco desse bem compreendido amor a si mesmos e que faz amoroso ao homem para com os demais homens, rodeando-o por isso de afetos que sempre voltam para seu próprio benefício... Oh!... Quando compreenderão os homens que somente no amor espiritual hão de encontrar seu engrandecimento e sua felicidade no porvir?

Quanto é difícil para o homem a compreensão das cousas mais simples, se é que elas guardam relação com o sentimento de amor, ao qual é ainda refratário. Eis que tropeço agora, no cérebro do homem que me serve de instrumento, com uma estranha exposição que se lhe fez referente às façanhas de três ladrões famosos, que na Índia alcançaram grande renome, lutando pelo nacionalismo hebreu. O que deles se diz e se supõe, vem coincidir com o prestígio que Jesus alcançou nesses tempos, dizendo-se que com os elementos que esses personagens ofereciam, bem pôde dar-se vida à suposta personalidade de Jesus pela pobreza de referências sobre o assunto e pelo espírito novelesco do povo, resultando assim que as palavras de Jesus não eram outra coisa mais que o acontecido com os três indicados bandidos, cuja figuração, constantemente hostil à dominação romana e em guerra permanente contra os ricos e poderosos os quais todos eram cidadãos romanos, constituía o nacionalismo hebreu militante e um timbre de glória para o povo que os secundava, pondo em sérios apuros, em mais de uma ocasião, as autoridades imperiais.

Esses bandidos certamente existiram e muitos outros também que misturavam seus roubos e maldades com a crítica que faziam das injustiças dos dominadores estrangeiros e dos abusos e opressões dos ricos contra os pobres. Porém sua vida era de vícios e de crimes, suas consciências, cavernas de trevas, horríveis antros de desolação. Roubavam mais ao romano que ao hebreu, porque aqueles eram os donos das riquezas e os matavam de preferência,

porque lhes era preciso para o roubo e porque também romanos eram os que procuravam impedir seus desmandos. Sem dúvida, nos primeiros passos de minha vida pública, sendo ainda muito jovem, vi-me arrastado para os agrupamentos que conspiravam no silêncio contra a opressão e exações que sofria o povo e que iam de dia a dia em aumento, porém essas associações importavam o propósito do sacrifício de seus membros para liberdade do povo e nunca foram seus propósitos a depredação e os homicídios. Eram esses os únicos agrupamentos em que minha alma ardente pôde encontrar certa perspectiva de sacrifício pessoal a favor dos fracos e deserdados. Verdade é que as palavras de ódio e de vingança que se ouviam nessas reuniões, chocavam-se dolorosamente com o sentimentalismo de Jesus e levavam confusão à sua mente ao ver por todas as partes que o choque das idéias, choque era antes de paixões e que detrás das aparências da verdade e da justiça, somente havia os baixos propósitos da conveniência pessoal e da satisfação de sentimentos rancorosos; até sob o próprio manto da religião descobri bem depressa a hipocrisia em lugar do amor à justiça. Mas foram certamente esses primeiros agrupamentos nacionalistas os que deram o primeiro impulso para o despertar de minha missão ainda adormecida em seus propósitos.

Não esquecerei de confirmar a falta de publicidade de minha obra e de meu nome que com justiça se afirma, porém muito mal se aplica na negação de minha existência, porquanto conhecida era a obra dos bandidos, para os romanos principalmente, pois eram eles as vítimas. Até à mesma Capital do Império levadas eram oficialmente as suas obras, com seus nomes e com os detalhes que se sabiam. Os viajantes também crônica levavam do acontecido. O filho do carpinteiro de Nazareth, em compensação, só era seguido pelos pobres, pelos desditosos, pelos que só pelos laços da dor ligados são na Terra, por esses a quem ninguém procura, de quem todos fogem e que nem a lembrança deles se quer... Quem, e para que, havia de dar testemunho escrito disto? — Somente Deus deu prestígio à obra do Filho porque era a obra do próprio Pai que o enviou e eis pois que sem nenhuma menção dos homens que cultivam as letras, os quais antes se esforçaram em lançá-lo ao esquecimento, eis que o filho do humilde carpinteiro de Nazareth, sem um único testemunho de algum valor e com muitas negações contra si e em maior número

esforçando-se em seu prejuízo, ei-lo afirmado pelas gentes, em sua pessoa e em sua obra. Assim também, inútil vos será tapardes os ouvidos ante minha nova palavra, porquanto ela será ouvida e testemunhada por vós mesmos que a negais e que fechais os olhos para não lerdes estes meus ditados, escritos em verdade com a própria mão de um dos homens que menos acreditou em minha pessoa e que mais desprezou minha obra, como a obra de um alucinado inconsciente, sem lar e sem trabalho honesto.

O mesmo pode dar testemunho com a pena com que sua mão o que digo insere no papel, e embora respeitando seu silêncio quero perguntar-lhe, para a maior luz de sua própria inteligência: que cousa o induziu, que força o arrastou para a mudança radical operada, se unicamente de testemunhos contrários à minha pessoa se ocupou com a sincera convicção de que ela formava uma grande mistificação na história da Humanidade?<sup>2</sup>

Não vedes em tudo isto a mão do Pai, que, por caminhos os menos suspeitos, faz chegar sua palavra de vida até o coração de seus filhos? Debalde os espíritos das trevas pretenderam levantar dique intransponível para a marcha da pregação de Jesus e inútil também será que as veleidades humanas prestem apoio à obra satânica, pois acima de tudo encontra-se o Pai com o propósito de salvação de todos os seus filhos, porquanto *“Deus não quer a morte do pecador, senão que ele viva e se regenere”*, porque *“afinal todos serão salvos”*. — *“Não é o Deus dos*

2 - Completamente convencido agora de que é realmente Jesus o autor da “Vida de Jesus, ditada por Ele mesmo”, como o é também destas comunicações, que vêm formar com ela como que uma ampliação e um complemento de seus ensinamentos, confesso que antes de pensar assim havia chegado a criar verdadeira antipatia à pessoa do Mestre, não precisamente à pessoa, senão ao papel que se lhe fazia desempenhar. Incapaz de abrigar um mau sentimento para com ninguém, meu desgosto se concretizava precisamente sobre a personalidade fabulosa que, segundo meu entender, se havia formado sob o nome de Jesus, atribuindo-se-lhe tudo o que os Vedas dizem de Crixna. Eu creio ainda agora mesmo, que com os poucos elementos humanos que possuímos a respeito, nada pode dizer-se de seguro a respeito de Jesus. Quanto às causas de minha mudança radical, hão de buscar-se na contínua cadeia de manifestações, cada qual mais evidente e assombrosa, que nem mesmo capaz seria de referi-las. Não é que meu positivismo em nada haja sofrido, unicamente se há modificado. Contra o que sempre me havia rebelado, para o que me encontrava inteiramente refratário, era o crer que Jesus havia tido conhecimento claro de que ia morrer por suas doutrinas e que aceitava a morte com inteiro conhecimento de sua necessidade para o triunfo das mesmas. Enfim, que tinha perfeita consciência do que ia suceder e que o aceitava em bem da Humanidade. Agora tenho disto o mais profundo conhecimento. — Nota do médium XX.

*mortos, mas dos vivos.”*

Regozijai-vos portanto com estas palavras que são sinais dos tempos, pois deduz-se claramente delas a maior compreensão alcançada pelos homens, sua maior penetração para com as cousas do plano espiritual e sua maior capacidade para as percepções do além.

Mas hei de vir dizer-vos ainda, que até o ruído que se levanta em torno dos fenômenos dos espíritos há de se tornar menor e há de chegar ao maior silêncio, enquanto que estas minhas palavras, sem ruído, terão já, sem ostentação, conseguido seu lugar de preferência em imenso número de lares... *“Não rechaceis, pois, agora vós, minhas palavras, porque o que agora vos digo, já antes também vô-lo disse...” “Vinde a mim pela humildade e pelo amor; chamai-me com a alma que prontamente a vosso lado estarei.”*

## **CAPÍTULO XXI**

***Volta a dizer algo referente aos espíritos desencarnados em relação com os encarnados e combate o abuso que se faz dos chamados “mitos” para explicar personalidades que se começou por desfigurar para poderem ter o direito de negá-las depois, declarando-as “mitos”, e em consequência evitar o pesado trabalho de investigação. Os povos que teriam criado “mitos” de elevado significado, estariam à altura da concepção desses ideais e facilmente teriam também personalidades dessa elevação. Afirma que seus ensinamentos foram em parte adulterados ao passar para o Ocidente, principalmente em Alexandria. Que nos Evangelhos, algumas cousas não foram ditas por ele e que em suas comunicações anteriores não quis observar pelo temor de que se duvidasse principalmente da autenticidade de suas novas comunicações.***

Queridos irmãos meus, algumas cousas vos hei manifestado já dos espíritos que deixaram seu corpo no meio do mundo da matéria para viver como espíritos dentro de suas famílias de espíritos. Agora volto novamente para acrescentar alguma cousa mais ao que ficou dito: porém, preciso é que entendais quão dificultosa é a compreensão do que em uma esfera acontece para os que na outra esfera<sup>1</sup> habitam.

A idéia do que vós chamais mitos comporta, em geral, muito mais verdades do que vós exageradamente supondes. Quer dizer que vós vedes na criação de mitos, mitos que dão forma até a personalidades sem existência real e unicamente para dar forma ao mito. Os povos que alcançaram essas concepções, possuíram também homens que a essas alturas chegaram, sendo que os rodearam, como à minha própria pessoa rodearam também, do aparatoso recurso do milagroso e sobrenatural. Quando, pois, encontraram os contemporâneos, na tradição ou história dos homens que existiram, grande quantidade de fatos meritórios e muita grandeza de alma confundidos com fábulas do sobrenatural e milagroso, repeliram tudo como se tudo fábula fosse e tal repulsão era por não quererem fazer trabalho de investigador para separar o verdadeiro do falso. Assim, pois, muito grande exagero se produz definindo como mitos o acontecido com Homero, com Pirro, com Alexandre, com Sócrates, Arquimedes, Cícero, César e todos os grandes homens que a Humanidade teve. Grande exagero, portanto, é também e mui torpe juízo o dos que à conta de mito também levam a vida e obras de Jesus. Loucos somente poderiam compreender semelhante afirmação quando testemunhos tão numerosos aparecem da realidade de Jesus e quando o elemento espiritual humano logicamente comporta, desde muito tempo, personalidades de tais elevações como as que a Jesus se atribuem. Porém, mais custa fazer trabalho de investigador para a separação do falso e do verdadeiro que o de adornar um pouco melhor a realidade, sem muito procurar e menos pesar e analisar para fazer de tudo um simples mito... Com que facilidade é dada assim solução a todas as cousas pelos espíritos simplistas! — Mas a verdade é sempre a verdade e não pode resultar de arranjos

1 - Quer dizer sem dúvida plano. — Nota do Sr. Rebaudi.



artifícios, senão que, unicamente como é, há de ser. Não procureis, pois, dificultar a verdade, ó homens incapazes de senti-la ou concebê-la! Pois tanto mais próximo dela vos encontrareis quanto maior seja vossa sinceridade e mais simples os caminhos por onde a procureis.

Assim, portanto, Jesus veio ao mundo como todo homem vem a ele. Nada há que confirme o que se diz referente aos acontecimentos de que se teria rodeado seu nascimento e tanto de infantil comporta o juízo dos que viram o sobrenatural em abundância misturado com o nascimento e vida de Jesus, como o juízo dos que, aceitando as aparências disto como se o milagroso se devera ver confundido com tudo o do Cristo, tratavam depois como um mito a personalidade do Mestre. Não era de melhor juízo, de juízo mais sensato, o estudar as cousas para assinalar a Jesus no justo lugar que lhe era devido, em vez de convertê-lo em uma personalidade impossível, para qualificá-la assim de mito, introduzindo um erro grave na história humana?

É o mesmo o desfigurar a história de uma pessoa como o de fazê-la passar por um mito, o que em verdade conseqüência é do primeiro, obra de mentira é unicamente.

Assim também, em muitos outros casos, quase em todos poderia se dizer, a personalidade ficou escondida pela confusão de acontecimentos sucedidos com outras pessoas e em outros tempos. Mas o fundo comporta a verdade sempre e não é mito.

Colocam-se justamente os maiores mitos em meios de povos menos capazes de criá-los.

Em algumas ocasiões certamente, há fundamento no reconhecimento de mitos, mas muitas vezes os homens, incapazes até de compreenderem certas ações elevadas, fazem-nas formar parte entre os mitos, e mitos são também os seres capazes de pairar nessas alturas.

Sem dúvida, minha vida e minha obra sofreram uma forte alteração ao passar novamente, depois de minha morte, da Índia a Alexandria, à Grécia e à Roma. Os acontecimentos foram ganhando prestígio, alcançaram novas modalidades, de modo a encontrarem-se em Alexandria pontos de coincidência entre a nova revelação trazida pelo Filho de Deus e as velhas crenças do remotíssimo Oriente, retrotraindo depois o próprio nascimento e atuação do Messias a esses tempos antigos, mudando tudo em uma

só cousa, que confundiram, fazendo de tudo carne com a pessoa de Jesus, a qual se converteu em uma cousa estranha para ele mesmo. Assim foi a concepção virginal de Maria; a morte dos inocentes; a segunda pessoa da Divindade, sendo também Deus; os cegos que partiam vendo, os surdos que ouviam; os paralíticos que se levantavam e andavam; os mortos que ressuscitavam... Nada disto, nada, crede-me em nome do vosso Deus e do meu, em nome do vosso Soberano e do meu, em nome do vosso Pai e do meu, nada Jesus fez, e ninguém tampouco, posso assegurar-vô-lo também, ninguém tampouco antes o fez, porquanto as leis eternas e imutáveis de Deus não estão sujeitas a contradições nem sequer só por um momento. Assim também, e somente assim, pode a perfeita justiça ter no Universo inteiro seu absoluto domínio, porquanto pequenos desvios do reto caminho convertem-se em desvios infinitos quando do infinito se trata; vê-se certamente o ponto de partida, mas não o de chegada e só se percebe que a linha tanto mais sofre desvio, quanto mais por ela se avança. Quer dizer isto, que se as leis de Deus chegassem à possibilidade de modificações, prova seria da sua falta de perfeição e que a conseqüente mutabilidade tiraria toda a fixidade ao plano da Criação. Certamente, o conhecimento perfeito das leis de Deus proporciona ao possuidor meios para a execução de feitos grandiosos, impossíveis ainda de conceber por vossa inteligência atrasada, mas eis que aos seres que a tais alturas nos conhecimentos chegaram, preferível é colaborar, desde já e desde que tal progresso alcançaram, na obra imensa da evolução universal, antes que descer à Terra para fazer exibição de seu poder e de sua habilidade, entre o sobressalto da população infantil que povoa vosso diminuto planeta. — Oh, não! ... Não pretendais o absurdo e o impossível!... Muito infantil, deveis já compreendê-lo, é a idéia de um Deus abandonando o Universo para encerrar-se em um invólucro mortal, e diminuir todos os seus atributos até o ponto de igualar-se aos povoadores, tampouco inteligentes, deste pedaço de terra, com o fim de consagrar-lhes, a eles exclusivamente, toda a sua infinita grandeza, chegando até a violar suas próprias leis, antes imutáveis, para que compreendam, criem e se salvem; e como ainda tudo isso não é suficiente, entrega-se... ele, o único que é realmente... ele, o Infinito, o Absoluto, o que não pode deixar de ser nem um instante, nem sofre mudanças,

ele... Deus, feito homem, entrega-se à morte corporal, para que o homem viva vida espiritual! — Não vedes que até blasfêmia contra Deus é o uso de tão pouco respeito para com sua excelsa pessoa?

É que acontecido tem para com a idéia religiosa entre os homens, o mesmo que com a evolução dos demais conhecimentos. Quer dizer, que de seu embrião tem ido e seguirá elaborando-se até chegar às alturas que lhe correspondam, mas em seu longo percurso, a ignorância e o fanatismo foram-na ataviando de maneira impossível e as falsas interpretações, mais tarde, desfiguraram-na muitíssimo mais. Eis que depois, ao passarem minhas doutrinas da Índia para os povos do Ocidente, quiseram embelezá-las ou dar-lhes maior importância, acrescentando-se o que nas antigas religiões do Oriente se ensinava a respeito da trindade e outros princípios que, como vos disse, eu não havia ensinado. Assim resultava também minha própria pessoa muito adulterada, escrevendo-se também o que chamado foi Evangelhos, com toda essa alteração que vos digo e que não poucas falsidades contém.

Nas comunicações que antes Jesus deu, isto dito não está, porquanto, se ainda não atacando os Evangelhos, acreditada não era minha palavra, muito menos o teria sido se em oposição a esses escritos se tivera ela desde o princípio revelado. O tempo é chegado, entretanto, de dar seu lugar verdadeiro a cada coisa, e repito-vos ainda, que ver-se-ão estas minhas novas esclarecimentos e ensinamentos, espalhados no orbe inteiro, por aqueles mesmos que até ontem deixaram de ouvi-los e os negaram, incrédulos de sua verdadeira origem.

## ***CAPÍTULO XXII***

***Fala Jesus dos esforços despendidos por Ele nas cidades da Galiléia e de seu pouco êxito, insistindo novamente no poder da verdadeira fé. Refere-se também à sua limitada atuação na Samaria e dá as razões dessa limitação.***

Depois de suas novas predicções da proximidade do reino de Deus, em todo o território da Judéia, e de que todas as cousas deviam para ele mesmo antecipadamente preparar-se, levantando templo de amor e de justiça nos corações dos homens; com muito mais energia tinha voltado às terras da Galiléia que mais que nenhuma refratárias foram às palavras do Messias, e ainda que um pouco melhor de disposição tivesse alcançado, de Cafarnaum entretanto muito bons elementos para a sua obra se lhe ajuntaram, assim como que setenta discípulos conseguira, e ainda mais, em encarregar do ensinamento das novas doutrinas pelas paragens que se estendiam nos seus arredores. Quer dizer, portanto, que antes e depois de minhas longas peregrinações por terras distantes, desde Filipópolis, Sidon, Tiro, Damasco e mais longe ainda, na Síria e na Fenícia, muitas vezes por Cafarnaum principalmente, Betsaida e Corozain, passara e detivera-se em sua passagem o Messias, para dar também por elas testemunho evidente de seu ministério, tanto quanto comportavam os costumes e exigências desses tempos em que se pretendia que todo o verdadeiro messianismo havia de impor crença de si, não somente na sabedoria das ciências divinas e na santidade da vida e no domínio da verdade de suas palavras sobre a dos outros oradores nas Sinagogas, como também no poder do sobrenatural que havia de acompanhar a todo o verdadeiro profeta. Jesus encontrava-se colocado muito mais alto que os profetas, como o Filho de Deus, o Messias prometido nas Sagradas Escrituras, o Salvador do mundo, e tal comportava realmente sua elevada missão, como bem o sabeis, mas não havia de ser o milagre, certamente, a violação das leis imutáveis de Deus, o absurdo, enfim, não havia de ser, nem podia ser, o testemunho evidente de seu messianismo cujas demonstrações em compensação deviam-se assentar na evidência mesma de seu elevado ministério, evidência que ficara comprovada já com as particularidades que rodearam o nascimento de Jesus, multiplicadas e engrandecidas pela fantasia popular, assim como com os primeiros passos de sua atuação no Templo e em meio da família, antes ainda de que fosse mandado estudar em Jerusalém. Não é falar certamente dos milagres, que não existiram; *“mas preciso é, irmãos meus, inclinarmo-nos perante os altos desígnios de Deus, que por meios incompreensíveis para o homem rodeia a verdade em cada tempo*

*da forma de prestígio que mais lhe convém, para que sejam cumpridos os propósitos de seu novo ensinamento entre seus filhos*". Não é falar certamente dos milagres, que não existiram, repito-vos, mas o elevado misticismo evidenciado por Jesus desde sua primeira infância, suas celestes visões e a forma sentenciosa e a miúdo profética de suas palavras e até seu próprio retraimento em meio da solidão, procurada para a elevação de suas preces ao Senhor, colocavam-no em uma posição de muita superioridade em frente dos demais jovens da povoação e também dos homens que vigiavam as estranhas manifestações dessa superioridade geralmente a miúdo com mal dissimulada inveja ou com manifesto despeito.

Já vos disse que em nenhuma parte foi tão pouco aceita no princípio a atuação de Jesus como em Nazareth, se bem que muita mudança houve depois em seu favor, para o fim do que estabelecido estava como obra encomendada a ele pelo Pai.

Ao menos que tivesse escondido o pai, mãe e irmãos, antes de apresentar-se-nos como filho de Deus, dizia-se, confundindo assim minha filiação divina com a carnal, que era comum ao Messias como aos demais homens. Assim também procurava-se comparação entre as palavras de Jesus, pronunciadas em demonstração da nova doutrina, com os ensinamentos das Sinagogas em que se defendia a velha doutrina, encontrando-se facilmente motivos de contradição baseados mais nos velhos dogmas que na justiça. Causa, pois, é esta pela qual distanciado quase sempre andou o Messias do lugar de seu nascimento entre os homens. Mas não foi unicamente Nazareth a terra que demonstrou ingratidão ao Messias, mas também esses mesmos povos em que maior havia sido o esforço de sua palavra, como Cafarnaum, Betsaida e Corozain, principalmente, e que mal corresponderam, durante muito tempo, aos amorosos chamados que em nome do Pai lhes fizera obstinadamente o Celeste Portador da Boa Nova. Assim, portanto, no último período de seu ministério, viu-se um tanto exasperada a imperturbável paciência e o amor para os homens do Filho de Deus, quando, não obstante a importância que em Cafarnaum havia começado a obter a nova doutrina e não obstante os bons e bastante numerosos discípulos que conseguira, assim como os sinceros afetos de que rodearam ao Mestre os simples povoadores das praias do mar de Tiberíades,

voltaram assim mesmo a persegui-lo a maioria dos povoadores, não somente com sua incredulidade, mas também geralmente com mal dissimuladas demonstrações de hostilidade para quem vinha exprobrar-lhes, em nome do Pai, seu completo olvido das cousas celestes e seu vergonhoso apego aos bens materiais. Irritava-os minha prédica persistente em anunciar a proximidade do reino de Deus e a derrocada de todas as instituições que não correspondiam à nova revelação trazida, para os homens, pelo próprio Filho de Deus.

Tenho-vos dito já tudo o que em Jerusalém recolhera como aproveitamento dos conhecimentos que me haviam de servir para o exercício de meu ministério, assim como do que na Cabala alcancei para o bem dos desgraçados. Porém, também em aproveitamento do que havia de revelar-se mais tarde na pessoa do Messias, com relação às suas elevadas alianças no reino dos céus, muito tirou daí e esses foram portanto os meios que, em virtude também de sua superioridade, lhe serviram para livrar muitos homens das obsessões do espírito do mal. Isto e a cura de muitas enfermidades, assim como o conhecimento profundo que Jesus tinha dos homens e que lhe ditavam meios de previsão do porvir, sua penetração também no conhecimento das intenções dos que o rodeavam, a facilidade de solução rápida de todas as dificuldades que se lhe apresentaram, a veemência de suas afirmações e o tom profético de suas palavras, por tudo isto e pelo mais que foi dito, havia-se esforçado Jesus com seu maior desejo e com a maior habilidade de que era capaz, para que fosse recebido como o testemunho evidente de sua missão e que formou depois a prova externa irrecusável do que internamente era a ele somente revelado, mediante as elevadas alianças celestes que o acompanhavam e o ajudavam invisivelmente na grande obra da redenção humana.

Assim, portanto, não é de estranhar-se que alguma vez, no último período de sua estada entre os homens, quando a negra ingratidão dos mesmos se preparava para aniquilá-lo corporalmente, não é de estranhar-se que um profundo sentimento, uma grande dor lhe arrancasse palavras de exprobração e de ameaça principalmente contra essas cidades, nas quais sua predicação tanto se havia esmerado. É de justiça, não obstante, dizer que muito de bom se conseguiu em meio dessas populações

que padeciam afinal da geral descrença, tendo-se chegado, não somente nessas cidades da Galiléia como também na Judéia, até a olvidar o que sempre por dogma se havia tido, isto é, o da ressurreição, que alguns tomavam pelo que vós chamais reencarnação e outros por sua volta à vida como espírito, no céu, depois da morte do corpo, e outros ainda como voltando à Terra com os mesmos corpos, e era assim a ressurreição para alguns na Terra e para os outros nos céus, porém, para a maior parte fábulas chegaram a ser, nada vindo fora da vida que levavam na época de sua presença no mundo. Tudo assim, para a maioria, levado era com indiferença e melhor lugar, de costume que de devoção, tomavam em seus corações as práticas religiosas.

Recordai, irmãos meus, o que já vos disse sobre como devia ser a fé com relação às cousas que do Pai trouxe o filho. Recordai, do mesmo modo, o que do poder da fé também vos foi dito com palavras como estas: *“Em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: levanta-te e lança-te no mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará, quanto disser, tudo será feito”*. É, pois, que a fé tanto pode quão grande é e tanto alcança quanto em intensidade aumenta. Seja portanto vossa intenção posta no bem e firme vossa fé e assim também o que disserdes: seja, assim será e o que disserdes: faça-se, assim mesmo será feito.

Quero também dizer-vos que não deveis estranhar se de Samaria muito pouco testemunho vos dou, porque certamente no meio dessas gentes foi dado testemunho de meu ministério e mais de uma vez também as elevadas manifestações de que encarregado fora o Mestre foram-lhes oferecidas para seu conhecimento; mas era também este povo refratário a tudo o que na Judéia tivesse nascimento e era considerado como da Judéia saído Jesus, quanto à palavra dos ensinamentos que levava às gentes. Mas, justo é dizer, que bons crentes também dali surgiram, sendo que era tal o pensamento dessa gente que com muita dificuldade dele se apartavam para aceitar crenças de outro povo e ainda que com mais prestígio e importância muitíssimo perdia, para com as gentes da Judéia e da Galiléia e demais denominações, todo mestre de religião que em Samaria ensinasse e daí saísse levando também a palavra aos outros povos. Até proibição absoluta havia para os judeus, para tudo o que fosse trato com os samaritanos. Jesus,

portanto, desempenhou seu encargo levando a boa nova entre os samaritanos também e até como exemplo tomou-os ante os judeus em muitas ocasiões para despertar seu amor próprio em favor da nova doutrina, mas sem ultrapassar os limites que comportava o interesse da propaganda, a maior probabilidade de êxito para os ensinamentos que o Filho de Deus trazia à Terra para a salvação de seus moradores.

Se dessa fé de que vos falo vestígios houvesse encontrado nos tempos que digo, certamente desde o princípio a grande altura minhas doutrinas teriam alcançado, mas nem sequer essa fé consegui formá-la e tampouco estavam para ela preparados os tempos, pois que tal elevação na fé, como já vos disse, elevação primeiro exige de todas as virtudes do espírito.

Obtive, apesar disto, em numerosos discípulos, essa fé simples que cegamente se apoiava na autoridade do Filho de Deus, a quem eles reconheciam, fé suficiente para levar em proveito da divulgação da doutrina já completamente formada, porém insuficiente para exaltar-se em alianças superiores com os espíritos do Senhor, impulsionando a alma humana até a inspiração clara das eternas verdades que somente de Deus vêm.

Isto foi a causa, mais tarde, dos desvios que os ensinamentos de Jesus sofreram até ao ponto de chegarem aos criminosos absurdos que encheram o mundo de ódios em vez do amor, que se ensinara, de guerras em lugar da paz fraterna predicada, de divisões profundas entre os homens, em troca da unidade de vistas sobre uma moral comum.

Dessa fé simples muitas provas colheu seguramente o Messias em todas as partes; mas a doce impressão repetidas vezes colhida entre os simples povoadores das praias do mar de Galiléia em Cafarnaum, gravou-se profundamente no coração de Jesus, acompanhando-o e dulcificando, em mais de uma ocasião, os duros transes do apóstolo e do mártir.

Oh!... esse tão suave bálsamo para o sentimento que só amor buscava, porque só amor semeava, esse, como todos os que em minha longa e dolorosa carreira baixaram com alguma abundância sobre minha alma suavizando suas penas e alentando-a, resplandece agora sob a forma de brilhantes diademas que coroam a centenas de espíritos de luz, espíritos do Senhor, que, na felicidade completa, rodeiam hoje a Jesus no céu, como o



rodaram nesses longínquos tempos dando-lhe o apoio de sua fé e o alento de seu carinho.

### ***CAPÍTULO XXIII***

#### ***Volta a referir-se sobre a extensão que abrangeu seu apostolado e à intensidade de seu labor de propaganda.***

Queridos irmãos meus: Bem sabeis, pois já vô-lo disse, que muito maior extensão e muito mais tempo levaram as obras de meu apostolado do que os homens guardam memória. Muito pequena em verdade foi a obra do Messias, se no que escrito está, somente se encontrasse compreendida. Porque certamente todo o seu tempo ocupava-o Jesus em suas sementeiras por toda a herdade do Pai que lhe coube palmilhar. Assim foi nas longínquas terras, mais além de Filipópolis, Cesaréia e Tiro, mais além ainda de Sidon e Damasco, até pelos confins da Síria. Mas careciam ainda nesses tempos da necessária unidade os ensinamentos de Jesus, os quais se iam entretanto orientando para formas mais bem definidas, inspiradas pela própria ignorância dos povos que ele visitara e que mudos e estáticos permaneciam ante suas entusiásticas demonstrações, mais impressionados que amestrados por elas.

Tão depressa arrancava o Messias suas calorosas arengas dos esplendores do firmamento, de onde as infinitas moradas da casa do Pai se preparavam para receber seus filhos da longínqua Terra, que o quisessem adorar em espírito e em verdade; tão depressa recebia seus ensinamentos das harmonias da Natureza; tão depressa deduzia da razão pura seus argumentos ou aproveitava, como ponto de partida, as misérias e as injustiças de que os pobres eram vítimas, e até da própria paixão que corrói os espíritos, arrancava vibrantes demonstrações em favor da fraternidade e para os esplendores do brilhante porvir que aos resignados, aos humildes, aos caritativos, aos Messias de fé, tem o Senhor reservado.

Estes sermões cheios de entusiasmo, porém muito difusos

as mais das vezes e abundantes em abstrações, impressionavam vivamente o meu auditório no princípio, mas fatigavam-no depressa, revelando-se-me sua falta de atenção pelos olhares vagos e os semblantes distraídos. Os povos da Judéia mais facilmente recebiam a palavra do Messias, porquanto eram-lhes mais familiares as questões da religião e maior era o costume entre eles no que respeita aos trabalhos dos sacerdotes, dos oradores sagrados e dos mestres particulares ou livres que os mantinham em prática no que se refere a essa espécie de certames exteriores ao templo, embora mantendo estreita relação com ele.

Esses outros povos eram de maior movimento mercantil, mais dados às tarefas da vida e com maior indústria de fiação, mercadorias, peles, artigos de bronze, barro, madeira, etc., porém pouco dados à instrução e cheios de espantosas superstições que pouco favorável relação guardavam com os ensinamentos de Jesus. Era entretanto evidente o desejo dessas gentes de escutar a palavra do estrangeiro e de compreender seu alcance, assim como ele de inspirar-lhe sentimentos de afeição para eles, sendo que logo que deixavam de ouvir ao orador, voltavam a tomar o lugar de seus ensinamentos, as velhas superstições prestigiadas pela recordação dos antepassados.

Certamente Jesus ia conhecendo os homens e aprendendo os caminhos para chegar a seu entendimento e alcançar seu coração; porém, se bem que não deixasse de colher alguns frutos de seu passado apostolado e, cada vez mais, fosse conquistando o apreço e a consideração dessas gentes, que chegaram às manifestações das mais altas considerações e carinho para com sua pessoa, compreendia o Messias que não eram esses os lugares de seu ministério, e um secreto impulso arrastava sem cessar seu pensamento para a Judéia e levantava-se constantemente, em meio de suas reflexões, a visão imponente do Templo de Jerusalém, base do imenso poder desse clero fanático, egoísta e hipócrita, que ele vinha para combater. Não era um sentimento de temor pelo instinto da própria conservação, mas sim o temor de não chegar a tempo para a terminação da grande obra que me fora confiada.

O favorável acolhimento encontrado em minha peregrinação e as simpatias e afetos de que me vira rodeado, davam-me maior confiança e avigoravam a fé em meus destinos.

Muitas foram as povoações visitadas e tornadas a visitar,

durante as missões dirigidas às terras dos gentios, sem encontrar maior oposição a meu ministério de parte do clero dos variados cultos que encontrava nas diversas povoações visitadas. O clero parecia em verdade geralmente superior à idolatria professada pelo povo e nascida, ao que parece, da personificação das virtudes e das forças em nome das quais eram dados os ensinamentos, e o respeito e adoração especiais que se tributavam ao Grande Deus ou Deus dos Deuses, também chamado Baalsão ou Baalresão (não encontro nome parecido em vossos cérebros) e ao qual grande culto todos os povos tributavam, ainda que variando sempre a palavra de seu nome, faziam supor que em princípio em um só Deus acreditavam, sendo as demais entidades também designadas como Deuses mas de natureza diversa e inferior a esse Grande Deus, que seria portanto o verdadeiro. Mas tudo isso era tão confuso e enredado que resultava uma idolatria muito complicada e de muita inferioridade com relação ao culto do povo judaico.

Havia nesses tempos, no caminho de Corozain para Damasco, uma cidade à qual os conquistadores deram o nome de Filipópolis, que não era a mesma a que também chamaram Cesaréia Philippi, pois que eram dois povoados, sendo o mais antigo e o mais próximo de Corozain do que eu falo, porque as construções romanas, fortalezas, quartéis, palácios da administração pública e do governo militar, um grande templo, depósitos, etc., constituindo uma posição fortificada, assim como os grandes muros de defesa e as muitas habitações novas ocupadas por civis e militares, todas essas construções vieram formar uma cidade nova que era propriamente a Cesaréia, terminando por ficar separada da primitiva povoação que pouco a pouco foi ficando abandonada até perder-se sua memória como se a cidade Cesaréia houvesse sido edificada sobre um lugar deserto.

Assim, portanto, entre a pobre casaria que nos arrabaldes ficava do que se chamou depois Pancas e mais tarde Filipópolis, próximo à margem de um pequeno afluente do Jordão, encontrou o Messias em mais de uma ocasião lugar propício que lhe servia de albergue e também de repouso para seu espírito, em meio dessas almas pobres e simples que de tudo careciam, menos do impulso de afeições e dos doces reflexos da simpatia; mas seus conhecimentos nas ciências divinas eram nulos, sendo sua religião um amontoado de idéias diversas, idólatras, judaicas e baalitas,<sup>1</sup>

tudo confundido no meio das mais vergonhosas superstições.

Em uma das ocasiões em que se havia Jesus detido por essas terras alguns dias, visitando e levando o ensinamento da nova doutrina entre os arrabaldes de Filipópolis, sendo sempre unicamente na dita casaria o lugar de preferência como morada de seu retiro diário, na vivenda de um velho pescador que de muito longe trazia o fruto de sua pesca, de alguns riachos e lagoas por eles formadas, cujas águas todas iam desaguar no Jordão, soube de um sonho em que prometido havia sido como o Salvador do mundo o próprio Messias.

O tal velho pescador não atinava em muitas palavras para as manifestações de seu espírito e do que lhe era dado para compreender como ensinamento, entre os outros, pelo Messias; maior parecia seu interesse pelo que dos lábios de Jesus saía, não somente pelo que à doutrina dizia respeito, mas quanto a seu cumprimento também, sendo que de sua pobreza alívio tirava em algumas ocasiões para os mais pobres do que ele. Jeová mandou-o à minha casa, ouvia-se-lhe dizer, para aviso das grandes desgraças que hão de acontecer pelo abandono que se tem feito de sua lei entre os homens e para que prevenido esteja eu para nossa salvação. Assim também, sonhei com o Mestre, vendo-o rodeado de anjos e de velhos profetas, aos quais uma voz, que vinha do alto e que a mesma de Jeová havia de ser, desta maneira lhes falou em meio de uma grande luz de retumbantes trovões: *“Aí tendes o filho meu, pelo qual virei a glorificar-me na Terra; escutai-o e o ajudai porque para salvador dos homens eu o enviei”*. Ouçamos portanto a este novo profeta que o próprio filho de Deus é, acatando seus ensinamentos de amor e praticando-os sem covardias.

Em grande estima tinha-se aí a esse ancião, dizendo-se também dele que se lhe apresentava em sonhos o porvir.

1 - Perguntado Jesus a respeito dos adeptos deste culto, manifestou que assim havia designado ele os adoradores do Deus Baal, porém que na realidade havia notáveis diferenças entre eles, tendo cada cidade seus deuses próprios, com seus cultos peculiares, se bem que existia também nisto uma espécie de intercâmbio, adotando-se a miúdo as divindades de uma ou outra, nas outras cidades. — Nota do Sr. Rebaudi.

Motivo foi isto para que a voz de meu ministério corresse com maior velocidade e prestígio entre as gentes dessas paragens que, se bem escutaram a Jesus com verdadeiras demonstrações de afeto, não manifestaram maior entusiasmo quanto à afirmação da origem divina de seus ensinamentos.

A notícia do que foi dito correu de aí para todas as partes, variando-se-lhe a forma e exagerando-se até afirmar-se que Jesus em muitas ocasiões, conversação havia mantido com o próprio Deus, que o enviara.

Isto acontecido havia, nos últimos tempos de minhas digressões distantes, durante meu definitivo regresso para as terras da Judéia, pouco antes de minha última estada em Cafarnaum, quando já a obra do Messias próximo estava de sua madureza.

Certamente, todos esses territórios havia-os minuciosamente percorrido, não tanto nem durante tanto tempo como os da Judéia, mas por todas as partes tinha levado o Messias seus ensinamentos, sempre rodeado de muita gente, acompanhado sem cessar em suas viagens por homens e mulheres que o mantinham cercado de admiração e de carinho. Mas não tinha ainda os que chamados foram seus discípulos e dentre os quais verdadeiramente saíram seus apóstolos, se bem que o apostolado se havia apresentado quase repentinamente em quase todos os que a ele se consagraram, porém sua seleção dentre os discípulos foi feita, o que aconteceu no que há de chamar-se o período derradeiro da grande obra do Messias que, como já vos disse, muito longa foi e muito grande extensão alcançou, ocupando sua vida inteira desde que saído tinha de completar seus estudos na Cidade Santa. É portanto ao último período do apostolado de Jesus a que a tradição unicamente se refere e dele unicamente falam os que chamados foram Evangelhos.

Nada se perdeu entretanto de minhas sementeiras na seara do Pai porquanto tudo frutificou melhor, depois de minha morte, entre os homens. Assim, portanto, aconteceu que, quando chegaram a essas regiões meus discípulos, grandemente facilitada encontraram a obra de sua pregação e com felicidade acreditavam as gentes na origem divina de seu ministério até admitir a própria divindade do Messias, o que um grave mal foi para mais tarde, mal que a muitos afasta agora das palavras de vida que, em nome do único Deus, trouxe Jesus a seus irmãos da

Terra.

Pensai pois agora vós nessas palavras tal como acabais de saber como elas foram ditas e crede que o seu objetivo primordial foi o de desenvolver o sentimento da fraternidade entre os homens, arrancando também dele o verdadeiro fundamento da adoração para Deus, a quem unicamente com amor e por amor se serve. Compreendi também que o verdadeiro amor eleva o homem, desmaterializando-o, quer dizer, vigorizando sua personalidade de espírito. O espírito depois, livre assim das cadeias que o sujeitam sob a forma de baixas paixões, entre as trevas do ambiente material, abre os olhos à luz espiritual e eleva-se facilmente também em conhecimentos pela maior claridade que alcança sua inteligência. É então que melhor compreende o que lhe convém desenvolver em seu próprio ser e o que deve procurar, pois é muito diferente a verdade e a ciência do que a vossos sentidos materiais se vos oferece.

Não olvideis que a finalidade é o Pai e que tudo o que para ele não conduza, da verdade se afasta.

## ***CAPÍTULO XXIV***

***Jezeus Cristna e Jesus Cristo. Como se explica a semelhança da revelação cristã com a muito anterior da Índia, contida principalmente nos Vedas.***

Irmãos meus: A predicação de Jesus, já vos disse, sofreu alteração desde seu começo, pelo atraso dos homens que mal a compreendiam e pelo próprio fanatismo e ignorância dos apóstolos, quando a obra do Messias foi substituída pela de seus discípulos depois do cruel sacrifício do Gólgota.

Não vos deixa compreender assim vossa própria consciência, quando pensais nestas palavras que também vos foram transmitidas: *Ama a Deus sobre todas as cousas e ao próximo como a ti mesmo, esta é a lei e os profetas?*

O principal, o fundamental, a essência do que se me

atribui, como dito por mim e repetido por meus apóstolos, não vos instrui do errôneo e contrário à minha missão de todo o conjunto de maravilhosos aditamentos que às minhas palavras se fizeram e aumentaram paulatinamente, por meio da tradição de meu apostolado?

Como se pode manter confusão entre o fim grandioso que a palavra de Deus trazia ao mundo, pela própria boca do Enviado Celeste, e as aparatosas demonstrações do culto idólatra, que mais tarde se constituiu com os reflexos de antigas religiões, com velhos mitos e até com dogmas escolhidos das primitivas tradições sagradas do longínquo Oriente?

No que das palavras de Jesus se diz, o suficiente se conservou do que por ele dito foi realmente para compreender seu espírito, cuja confusão jamais a divina vontade do Pai teria consentido.

É justamente o espírito, queridos irmãos meus, o que de Deus vem, porquanto a palavra é do homem e somente se ajusta ao espírito enquanto a luz da alma a consinta em cada caso, de acordo com a pureza do pensamento e elevação da idéia em cada homem.

Assim, pois, se sempre falei do meu Deus e do nosso Deus, se em cada instante dei provas de minha completa submissão ao Pai, que me enviou e nada disse de nenhum Espírito que não fosse significação do *espírito de luz*, *espírito de graça* ou *espírito de verdade*, não “*Espírito de Verdade*” e tampouco “*Espírito Santo*”, como mais tarde se acrescentou, por que se tomam de minhas palavras tão estranhos ensinamentos, formando três Deuses, para virem a ser finalmente um só Deus, dando-me, a mim próprio, culto divino e fazendo do que chamado é em geral Espírito, uma pessoa com o *Espírito Santo*?

Quando foi dito por Jesus: de seu nascimento de uma virgem, por obra do espírito, de sua essência como segunda pessoa da Divindade e de seus muitos milagres, endireitando aleijados, fazendo caminhar a paralíticos, dando vista aos cegos, ouvidos aos surdos e ressuscitando os mortos, tudo o que referido é já da pessoa de Cristina?

Quando dito foi por Jesus alguma coisa referente à morte dos inocentes (que não sucedeu), mandada por Herodes e que referido se encontra já com relação ao nascimento do mesmo Cristina?

Assim, muitas cousas mais são referidas como procurando semelhanças entre o Filho de Deus, entre o Messias, entre o verdadeiro enviado do Pai para os homens e esse personagem da mais remota tradição da Humanidade; mas nenhuma relação guarda, em verdade, um com outro, a não ser essa eterna intervenção de Deus sob formas diferentes, no meio da vida humana, para seu adiantamento e sua marcha por direitos caminhos.

Não deis importância à forçada semelhança de dois nomes escritos em idiomas diferentes, diversamente pronunciados e habilmente acomodados para trazer confusão entre os crentes, pelos que não o são. Posso portanto assegurar-vos que, se no tempo de minha morte, pouco ou muito tempo depois que ela sucedeu, um adepto do que se chamou Jezeus Cristna o tivesse articulado e meu nome fosse pronunciado por um hebreu cristão, nenhuma aparência de semelhança teria suscitado, existindo maior diferença entre seus nomes que o de Pedro com o de João, o de peixe com o de pássaro.

Assim, portanto, não vos deixeis levar pelas estranhas fantasias que vieram lançar sobre a obra de Jesus as aparências do mito, mediante maliciosas confusões entre o que realmente se disse e se fez em nome do Pai e o que se acrescentou de fabuloso e sobrenatural.

Oh!... Repetir-vos-lo-ei com as mesmas palavras: — Oh!... Não me rechaceis agora vós, porque não me apresento com os característicos da evidência material e com o prestígio de mentirosos milagres!... Não me rechaceis, pois, e abri antes vossos corações aos celestes eflúvios que de Deus vêm, abri vossas almas ao eterno movimento do eterno amor e dilatai vossos espíritos até uni-los com o de vosso Messias e mestre, unido quanto à grandeza que de Deus vem e até Deus alcança, colocando-se assim ao vosso lado e elevando-vos a vós até minha própria altura, para que, em estreita aliança, no Pai nos encontremos, e pelo Pai testemunho tereis do filho, sendo a voz santa da fé sincera a que tal mensagem carne fará com vosso próprio ser. Então, também chegado tereis ao perfeito domínio da mísera natureza humana e próximos vos encontrareis da conquista que no céu vos é reservada ao termo de vossa jornada.



## **CAPÍTULO XXV**

***Jesus assinala o carácter progressivo do Cristianismo, fustigando os que, com enganosos sofismas, se esforçam em demonstrar o contrário.***

A desgraçada condição humana filha da cegueira de seu espírito, perversa obstinação a travar os caminhos da luz que do alto vem, levantou altares à mentira, enquanto que a verdade, muda, em desconhecimento permanece para seu coração e para seus ouvidos.

É por isso que a verdade que de Deus vem não é recolhida em sua essência, antes confusão e mutação em seus entendimentos encontra, até chegar ao contrário do que ela é.

Disseram, igualmente, que os ensinamentos que do Pai lhes trouxe o filho a cegueira da Fé somente conseguem impondo sem brilho as luzes para o porvir, sendo a razão do descanso do Espírito que não marcha atrás do progresso do intelecto e do engrandecimento da Alma, antes que encerra o Espírito no círculo estreito do que pela Fé foi ensinado.

É, apesar disso, que deles mesmos, em completo desconhecimento, se ouve o que é a Fé e até onde ela alcança, isto é, até o Pai e dizerem de Jesus o que de seus lábios jamais saiu, mas sim de Roma.

Quando ensinou Jesus que a Fé deve entender-se em crer no que não se viu? A Fé transporta montanhas sim, foi dito e isto deve ser repetido cem vezes, e cem vezes cem, volta o Filho de Deus, a repetir-vô-lo, vindo porém agora para explicação também do que pela Fé deve entender-se, o que não podiam alcançar os entendimentos de quem primeiramente o ouviu.

Não disse Jesus das virgens que deviam esperar o Esposo, acesas as lâmpadas? Que era essa luz, senão a atividade e a luz do espírito, que em cuidá-las sempre despertas, devem ocupar-se?

Não ensinou à Samaritana que tempo chegaria que nem no

Templo de Jerusalém, nem na Samaria, viria para orar ao Pai, mas sim em todas as partes, isto quer dizer, em espírito e em Verdade, como em outras ocasiões acrescentou?

Tais cousas não foram claros ensinamentos do Progresso? Não disse aos hebreus tardios em entendimento que escutaram minha palavra que viria o espírito de verdade, quer dizer, o progresso a dar luz ao que ainda seus entendimentos não puderam alcançar? — O espírito de verdade ou verdade alcançada em cada época, quer dizer o progresso, deve entender-se também pelo “*consolador*”, pois que no conhecimento da verdade se encontra o Verdadeiro consolo, comporta cada vez mais a idéia do progresso e não a da falta de movimento dessa Fé cega de que eles vêm falando, mas não o Messias que em nome do Pai veio endireitar os caminhos tortuosos que a Humanidade tem seguido e endireitou-os para conduzi-los para o progresso, lei fundamental do Universo, inculcando nesses homens atrasados e duros da Judéia o pouco que em seus entendimentos pudesse penetrar, dizendo-lhes portanto: “*Muitas moradas tem a casa de meu Pai*”, e também: “*Necessário vos é nascer, renascer e tornar a nascer*”.

*“Em verdade te digo, que não verá o reino dos céus aquele que não nascer de novo, como disse ele mesmo.”*

*“Deus não quer a morte do pecador senão que ele viva e se converta porque finalmente todos serão salvos.”* Lei de vida trouxe pois o Messias e não de morte; lei de progresso portanto e não as recomendações de uma fé cega e fria, que o fanatismo dos tais pretende falsamente atribuir-lhe, que entretanto, somente nos seus corações puderam abrigar-se pelas trevas da maldade e do erro de que cheio estão.

Hipócrita simulação é a de quererem encontrar no Messias a culpa da falta de compreensão de seus incultos ouvintes e torpe falsidade comportam as palavras daqueles que fazem maliciosa confusão do amor que ele inculcou e perdão das ofensas, com a sanguinária maldade dos que derramaram em torrentes o sangue de seus irmãos na Inquisição. “*Não matarás*”, repetiu Jesus com as antigas escrituras, acrescentando:

*“Ama a Deus sobre todas as cousas e a teu próximo como a ti mesmo, esta é a lei e os profetas”*. É o orgulho o que aos tais

em funda obscuridade traz e neles sopra sem cessar o espírito do mal que ódio eterno dirige contra mim, os advogados do espírito das trevas são eles portanto e não é de duvidar-se que tudo o que é de Jesus com ódio o recebem e com ódio o demonstram para os incautos que não descobriram ainda o lobo no meio do rebanho.

O espírito de verdade, porém, de século em século, de idade em idade, luz vos traz no caminho que vos conduz em marcha constante para o porvir, levando pela mão ao homem de boa vontade, como verdadeiro consolador, pelo êxito no labor sincero e paciente para o eterno progresso. Meus próprios apóstolos não entenderam minhas palavras, esquecendo delas o mais importante: as reencarnações, a pluralidade de mundos habitados e a idéia do progresso; escreveram-no, porém, nos Evangelhos, sem darem por isso. Quer-se maior milagre que este? Isto é em parte do que por eles foi dito como ensinamentos do Messias, muitas mais cousas, porém, de meus lábios lhes foi dado escutar, pois que, na intimidade com seus discípulos, Jesus os instruíra daquelas cousas mais elevadas que não lhe era possível levar ao conhecimento do povo, apesar de que eles também muito curtos eram e cheia a cabeça dos preceitos da religião imperante, pouco mais lhes era dado alcançar e não era pois para eles a lei do progresso; a qual ainda agora mesmo os homens não compreendem em sua essência, aplicando-a somente para as cousas humanas, porquanto para as cousas do céu morta é para eles a idéia do progresso, acontecendo portanto que as suas próprias religiões destes tempos, todas elas encerram a verdade absoluta, o que quer dizer que não há progresso para elas porque toda a verdade nelas está. Meus discípulos, somente as cousas mais simples e mais repetidas conservaram e ensinaram, nelas, porém, o suficiente ficou para conhecerem meus ensinamentos e poderem dar aos homens bom adiantamento nos caminhos do Pai, que o infinito compreendem, porque para o Pai conduzem.

Dizia a meus discípulos em ocasiões que me enchiam de perguntas sobre o que é do Pai: Se não compreendeis as cousas da Terra, como quereis que vos fale das do céu? Isto também digo agora aos que, com raciocínios puramente humanos, querem falar das cousas do Pai e pensam que Jesus nesta sua nova manifestação outras grandes cousas deveria ensinar, porém o que seu raciocínio não alcança, não o crêem, sendo por isso que, o que o Messias lhes

traz, agora ao alcance dos homens deste tempo está, apesar de cheia terem sua cabeça das trevas do orgulho para rechaçar a luz da fé que não alcançam. Todas as grandes cousas somente pela fé têm sido alcançadas e sem fé nada se engrandece e tudo morre, em tudo o que é humano, assim também em todas as cousas nada se faz sem fé, para as cousas superiores, porém superior também deve ser a fé, como já em outra parte vos ensinei também, encontrou-se erro em minhas palavras quando disse que o homem é formado de três partes: o espírito, o perispírito e o corpo, nada dizendo do corpo que eles chamam fantasmático porque, segundo eles, envoltura é do fantasma dos vivos, eis porém, como as cousas são. Três são em verdade; como já vos disse, as partes que formam o homem: espírito, perispírito e corpo, sendo o perispírito a envoltura permanente do espírito, pois que o perispírito não se relaciona com a matéria sem auxílio do elemento intermediário do magnetismo humano, pelo qual se une ao corpo. Primeiramente, o magnetismo dos pais forma conjunção do espírito com o que há de ser seu corpo para viver como homem, depois, o exercício da vida, o que se chama assimilação, forma a matéria do novo corpo e os fluidos que o vão ligando ao perispírito do espírito para quem destinados estão estes fluidos ou magnetismo humano envolvendo o perispírito, fazem- no mais denso até ver-se em certas ocasiões como fantasma, separando-se o espírito do corpo durante o sono profundo, este não é, porém, outro corpo como se diz e sim o mesmo perispírito vindo com maior densidade pela acumulação dos fluidos vitais ou magnéticos a que chamam também fluidos animalizados, os quais se formam durante a vida material e desaparecem com ela, não sendo portanto outro corpo. Muita importância tem certamente a tal envoltura porque com ela vive o espírito outra vida fora do corpo durante o sono profundo, não se guardando memória dessa vida de libertação porque o cérebro não teve participação nela, não podendo guardar impressões do que por ele não passou. Não quer dizer que os espíritos dos homens dormidos vão ocupar o plano ou planos espirituais, mas sim uma região intermediária mais baixa, de pouca elevação, acima do mundo material que mal denominam plano fantasmático. Nesta região os espíritos dos vivos relações estabelecem com os espíritos livres, baixando estes com o auxílio desses mesmos fluidos magnéticos que os corpos dos vivos lhes proporcionam. Quase

sempre os espíritos dos vivos seguem dominados pela materialidade da vida terrestre, sendo sua vida fora do corpo pesada e grosseira como a que com o corpo levam, não poucas vezes lhes aproveitando estes desprendimentos, alguns, porém muito poucos, estimulados por suas aspirações e conduzidos por seus protetores, alcançam as mais elevadas regiões, colhendo maior luz e energias espirituais que em parte conservam ao despertar pela ajuda dos mesmos protetores.

Sede, portanto, assim, puros em vossos espíritos, mantendo-vos tais como eu vos ensinei em nome do Pai, assim também muito alto ascendereis pelas vias do progresso, as únicas que até Deus conduzem.

Para estabelecer a confusão entre os cristãos, dizem os mal intencionados que os espíritos desprendidos dos vivos são os que vêm dar comunicações com os médiuns, cousa sempre impossível pelo desconhecimento que os tais têm de seu estado; podem, sim, perturbar algumas vezes com seu desconhecimento e cega torpeza as comunicações, porém não dá-las, dos espíritos mais adiantados, mas também costumam servir-se os espíritos livres para suas comunicações com os homens de sua maior relação com o corpo. Agora mesmo quando têm sucedido comunicações de um espírito de homem dormido com um médium distante tem sido para ensinamento, com o auxílio de seus protetores, sendo em ocasião diferente das outras comunicações, e tendo um propósito humano de progresso conduzido por homens adiantados, inspirados e ajudados por espíritos mais adiantados, não sendo portanto obra de mistificação.

O que fica dito não há de trazer confusão com as comunicações mentais que podem ter lugar a grandes distâncias também entre homens de linguagem diferente, porque o pensamento nesse caso não precisa de idioma.

## CAPÍTULO XXVI

### ***O Reino dos Céus sofre violências e somente os violentos entram nele.***

Estranhas pareciam estas palavras de Jesus a seus ouvintes o mesmo que outras: “*Eu não trago a paz, senão a guerra*”, e isto é porque esquecem que não há paz sem guerras, nem vitórias sem violências.

Não são guerras e violências o que a verdade e o bem promovem, senão que em sua própria defesa se vêem estes obrigados a sobrelevarem-se mais; ai da virtude, quando em meio da perversidade dos homens carece de força para sustentar-se!

O universo inteiro move-se ao impulso das forças contrárias, que no mundo físico podem ser definidas como forças de atração e repulsão e no mundo moral, como o mal e o bem.

A luta é, pois, condição necessária da vida e tampouco há virtude sem esforços e sacrifícios.

Sem dúvida, a verdade vence sempre afinal e o bem chega a predominar sempre, e diversamente Deus não seria Deus, mas sim há de ser sempre mediante a luta e o trabalho.

É assim no mundo material como no dos espíritos. Bem equivocados estão, portanto, os que crêem que, mediante lutas temporais na Terra, podem conquistar a felicidade eterna no Céu! Grande é o dano que os falsos profetas e maus mestres têm causado à Humanidade devido à sua propensão de sempre escutar mais o mau que o bom, porém jamais deixou faltar Deus aos bons, um farol de bem definida luz para guiar com segurança seus passos pela senda que para Ele conduz, sendo que os próprios enviados para amparar o homem entre a escabrosa rota da verdade, fraqueiam as mais das vezes pelos estorvos e inúteis dificuldades com que lhe agravam e até lhe impossibilitam a marcha.

O homem é, pois, o único culpado de seu próprio estacionamento e da maior parte de seus sofrimentos que se derivam da falta de acatamento das leis com que Deus governa o universo moral.

Enviou entre vós a seu próprio filho para que abrisseis finalmente os olhos de vosso entendimento, mas foi desconhecido,

escarnecido, torturado e morto, os poucos que deram ouvidos às suas palavras somente em mínima parte as compreenderam, transfigurando-as depois de tal maneira os que lhes seguiram que chegou-se a matar e incendiar em nome do humilde carpinteiro de Nazareth que palavras de vida e não de morte tinha trazido e como se pequeno tivesse sido seu martírio e o sacrifício de sua própria vida, deduziram-se estranhas teorias das simbólicas palavras pronunciadas na última ceia, derivando delas o festim de carne humana em que voltou a ser sacrificado e comido durante a missa, sob o símbolo eucarístico que o dogma converte em fato real. A este conceito errado e nocivo ajunte-se o mais prejudicial ainda do quietismo como finalidade do espírito que passaria à eternidade completa na estéril e incompreensível contemplação da face de Deus, formando-se com isto e o que disto derivou uma religião que se algum bem fez no meio do atraso e maldade humana, imensamente maior é o dano que a ela se deve, sendo seus piores vitimários os seus melhores cultores, como de momento a momento se observa com os que voltam dentre vós ao mundo dos espíritos.

O temor aos infernos, entre outras cousas, prolonga e faz mais dolorosas as enfermidades inevitavelmente mortais, vendo-se agonias terríveis no crente, que perdidas todas as suas relações com o mundo mortal, permanece ainda ligado à vida pelo horror à morte e às conseqüências que com respeito a ela sua religião lhe ensinou.

Observa-se aqui que por outro lado também os seres virtuosos que viveram dentro da prática austera do Catolicismo e que fizeram ao mesmo tempo todo o bem que puderam, se os vê aqui sofrerem cruelmente por sua incapacidade para a vida do espírito e clamam contra o engano de seus confessores, diretores e mestres, sem recordarem que ninguém sofre por culpas alheias, pois a justiça de Deus é inquebrantável, determinando a cada qual o que estritamente lhe corresponde.

É que estes seres fizeram o bem pensando na generosa retribuição que por ele receberiam no Céu.

Pensaram ver quintuplicados pelo Pai os benefícios por eles outorgados a seus irmãos e se encontram, em compensação, sofrendo sob o peso de sua incapacidade para a vida do espírito porque muito pouco e mal cultivaram seu espírito, que não pode

dispor do que não alcançou por seus próprios méritos e esforços.

Os espíritos que são verdadeiramente virtuosos, que fazem o bem pelo próprio bem, apesar de sacrifícios e dissabores, são espíritos evolucionados já, que muito viveram, lutaram e aprenderam; a estes a felicidade espera sem demora na vida espiritual.

Tendes convertida a existência vossa em uma contínua mentira em que pareceis não ter outro objetivo que o de parecer cada um o que não é, diante dos demais.

Por isso, inúteis vos resultam vossas lutas, esforços e sacrifícios, porque mal dirigidos, eles não podem constituir elementos de progresso para vossos espíritos, que portanto voltam e vão do mundo dos espíritos ao dos homens e deste ao outro, milhares de vezes, assim, sem o menor progresso.

Fora da verdade tudo é estéril e a verdade é o bem.

Apressurai-vos, pois, porque a hora das responsabilidades é chegada e, embora tendes que passar ainda por cima de horríveis transtornos, felicitai-vos os que sinceramente tiverdes entrado pelas vias indicadas por vosso Messias, que para maior claridade delas volta agora desta maneira entre vós, depois de haver mandado a Pedro, João, Marcos, Mateus e Barnabé, os quais haveis desconhecido, novamente no mundo dos espíritos de volta se encontram, Paulo também entre vós esteve mas desviado do caminho trocou a cruz pela espada, transtornando seu próprio progresso em lugar de adiantar o de seus irmãos! Tal é a cegueira que a matéria traz ao espírito do encarnado! Mas Paulo, que também entre os espíritos voltou, vendo e sofrendo as conseqüências de seu erro, arrependido e entristecido mas não debilitado, entre vós novamente se encontra para reconquistar o posto que ele considera ter perdido, apesar de muito ter feito também, sendo que as vias hão de ser bem definidas para que a meta se veja claramente explorada diante do obreiro da vinha do Senhor.

A ele sim, muito o tendes conhecido, porém nem sempre haveis deixado passagem livre às suas palavras, demasiado entregues à vida dos sentidos, vos assusta quando vos fala do além e não acreditais em suas recordações do passado.

Do muito que tinha que dizer, pouco falado, se bem que completamente para isso autorizado se encontra, porém muito



pôde dizer a respeito da doutrina e com isto Jesus satisfeito está, tendo sido muito maiores seus esforços do que encarregado estava. O mais a seu critério e possibilidades fica confiado.

Jesus havia anunciado a seus discípulos que nos séculos dezenove e vinte faria sua reaparição na Terra, embora sob outra forma, quer dizer, medianimicamente acompanhado por eles e como quanto sua natureza de elevada espiritualidade lho consentisse, pondo-se em contato com os homens mediante a sensibilidade de Paulo, pela qual salva tinha sido já sua doutrina, que, sem ele, quase desconhecida do mundo teria ficado, circunscrita unicamente na Judéia e regiões circunvizinhas.

Paulo, em comunicação com Jesus, então como agora, se bem que muito melhor agora, divulgou, dando-lhes também maior amplitude, aos ensinamentos do Messias, melhor preparados que os orientais para a nova forma de religião, não amalgamados já com as confusões, como o judaísmo, dos interesses e paixões humanas, para deslindar as cousas divinas das humanas, segundo já disse: *“Dai a Deus o que é de Deus e a César o que é de César”*.

O costume hebreu, apesar de fazer depender das cousas do culto também as cousas humanas, buscava a supremacia religiosa também no civil, pronto a impor seu prestígio entre os cristãos que, como já em outra ocasião vos disse, haviam estado um tanto sob a influência de Tiago meu irmão, que professava o antigo culto, pois nada chegado havia a compreender do novo.

Esta foi a verdadeira causa das perseguições contra os cristãos porquanto, em verdade seja dito, os Romanos respeitavam todos os cultos e faziam respeitar a seus próprios súditos a religião dos povos que conquistavam; por outra parte, eu lhes havia intensamente recomendado que jamais pretendessem impor-se mas sim que se insinuassem pela simpatia ensinando o amor entre os homens, e fazendo todo o bem que pudessem em nome de Deus e de seu enviado Jesus.

Não se conformavam, porém, com aquilo os Cristãos, principalmente os que vinham a Roma desde a Judéia, pois que antes faziam alarde da grandeza da nova revelação e de sua superioridade sobre a religião do Estado e de seus falsos ídolos.

Desprezavam assim e insultavam as crenças dos que em sua própria casa os admitiam e deixavam exercer livremente suas

práticas, chegando também, mediante sua assídua e audaz propaganda, a intrometer-se nas intimidades da vida dos Romanos, estes orgulhosos e convencidos de sua superioridade sobre todo o mundo, bem depressa respondiam com a violência à audácia desses desprezíveis e adventícios praticamente favorecidos nos trabalhos e ofícios mais humildes, até nas idéias e práticas do governo real pretendiam os cristãos fazer chegar suas opiniões e suas críticas.

Eis as origens das perseguições como do mesmo modo os primeiros passos dessa tendência avassaladora anticristã, que constitui a origem do que mais tarde foi o Catolicismo.

O reino dos céus admite violência, porém violência destinada a dominar os perversos, os avassaladores da verdade e da virtude, repelindo com a força as imposições da força do mal que pretende cortar toda a liberdade e o direito, para escravizar a Humanidade inteira sob o capricho dos viciosos e malvados, levantando o império das trevas acima do da luz, com cujos resplendores vem Jesus, em nome do Pai, iluminando desde já a Terra desde seus quatro âmbitos.

A história foi, pois, adulterada sobre este particular, pois unicamente os cristãos foram os culpados das perseguições de que foram vítimas, assim como foram eles próprios, conforme iam alcançando importância, que foram humanizando o que era divino, das cousas do Pai cousas de homens fizeram, resultando enganosa aliança, porque impossível entre os cristãos e o paganismo; quer dizer, entre o amor e a prepotência sanguinária, o fruto que conheceis e que sob o nome de religião encheu de horrores e ódios a Humanidade inteira.

Por isso volta o Messias com seus apóstolos para o restabelecimento do que se disse: *“Ama a Deus sobre todas as cousas e ao próximo como a ti mesmo, esta é a lei e os profetas”*. *“Mas somente com a humildade não se alcançará a meta, armado e horripilante como o mal por todas as partes se apresenta.”*

Todas as cousas, pois, hão de ser em seu tempo e oportunidade. Mal interpretaram certamente os que deduziram de meus ensinamentos uma religião de caráter passivo e mística contemplação, pois procurei sempre dar às minhas palavras um valor positivo, e se no ensinamento da fé e da oração, assim como na prática austera das virtudes que ensinei e que importam

principalmente no sacrifício de si próprio em bem dos demais, quis ver-se tão-somente misticismo é porque os homens são cegos e ignorantes, porquanto a luz e a força do espírito importam no único caminho a seguir-se, a única forma e meio de desenvolvimento do ser para a sua vida eterna; o sacrifício pois, a dor com a fé e com propósito de bem, são o caminho para o progresso e a felicidade eterna.

A fé e a oração encerram em si mesmas uma grande força, como disto a cada passo tendes exemplos, e os estados de elevado misticismo colocam o homem ao alcance de forças ocultas, cujos efeitos apalpais a miúdo, em tais casos sem dar-vos conta do porquê, é que as leis de Deus contêm em si mesmas seu cumprimento do qual aproveitam os espíritos do bem, que por serem do bem chegaram às alturas da evolução e do progresso que sobre o indicado caminho se encontra.

Nisto, compreenderam bem meus discípulos os ensinamentos do Mestre, porquanto vidas de lutas e trabalhos levaram buscando o bem de seus semelhantes pelos meios que lhes indiquei, dando lugar muitas vezes aos chamados milagres que vós também produzis, nenhum de meus discípulos entretanto levou a estéril vida contemplativa que foi ensinada mais tarde como virtuosa por aqueles mesmos que chegaram a matar em meu nome, colocando a fogueira e o ferro aí, onde o Messias havia gravado as palavras: *“Ama a Deus sobre todas as cousas e ao próximo como a ti mesmo, esta é a lei e os profetas”*.

A fé e a oração sincera repartem entre si o estado de misticismo com o grande poder que lhes deu o Pai, um estado porém, um meio, não podem senão ser transitórios, jamais formam a base e a razão de uma existência, valem somente naquele momento e oportunidade, para seu elevado objetivo.

Se minhas palavras não lhes ensinou o meu proceder para com os escribas e fariseus, a maneira como tratei os mercadores do templo e a guerra que sempre fiz a todos os ricos e malvados, principalmente entre poderosos, demonstraram sobejamente que não baixou Jesus à Terra para estabelecer uma seita de rezadores.

De meus ensinamentos tudo deve ser tomado em seu lugar e em sua época.

Nada tenho que emendar do que disse, o crente deve saber quando deve apresentar também a face esquerda e quando deve

açoitar os mercadores do templo, conquanto que o propósito seja sempre o bem de nossos semelhantes.

## CAPÍTULO XXVII

***Estão próximos os tempos em que a verdade e a justiça hão de dominar no mundo, vendo-se desalojados os espíritos retardatários, que passarão a povoar outras esferas. Os bons sentimentos, as boas idéias elevam a alma dando-lhe mais clara visão em tudo o que é próprio do ambiente espiritual.***

Próximos estão os tempos para o restabelecimento da verdade e da justiça sobre a Terra e percebe-se por toda parte os celestes mensageiros que vos trazem as palavras do Senhor para sua glorificação na hora atual e por toda a eternidade. Regozijai-vos, pois, os que tanto haveis clamado pela chegada de uma nova era de paz e de justiça entre os homens, regozijai-vos, porquanto são já inequívocos os sinais que tais mudanças indicam e que nas próprias consciências dos homens resplandecem como testemunhos inconcussos da era de bonança que à Humanidade se oferece finalmente, embora com exclusão dos retardatários do progresso, os quais descerão a esferas próprias de seu escasso adiantamento.

Assim, pois, notai a era da vinda e morte de Jesus e observai quanta luz se difundiu a partir desse sacrifício. Grande foi a abnegação, grandes as virtudes, muito grandes os elevados exemplos de altruísmo, de apostólica renúncia, de intensos esforços pelo império da verdade sobre a Terra. Bem, pois, tudo destinado está a frutificar e a vontade divina considerou suficiente já o labor e o esforço levados a cabo pelos que tal luta sustentaram, e em sua eterna sabedoria e justiça lhes fará entrega do campo, ficando desalojados assim os refratários a todo o regime de equidade, os quais abusaram sempre em seu próprio benefício de tudo o que Deus colocou ao alcance do homem para o

comum adiantamento de todos, enquanto que dele, estes se apropriaram mediante maus manejos e com um fim puramente pessoal e egoísta. Sendo assim, portanto, sirva-vos como sinal de chamada, a voz de vosso Messias que vos vem recordar o que antes já vos disse. Mantende-vos, pois, unidos e firmes sobre a fé que vos foi comunicada e sede principalmente humildes porque nada sois e porque é a humildade a chave que melhor abre as portas do céu. Quantos erros, quanta mentira, quanta obscuridade tem acumulado o orgulho humano em volta da obra de Jesus como o único fim da dominação! Os que se declararam meus representantes sobre a Terra, assenhoreando-se de todo o fruto de minha sementeira na vinha do Senhor e proibindo tudo quanto não saísse deles, porquanto unicamente deles havia de receber-se o que de Deus vem, mantiveram a Humanidade no erro, impedindo-lhe toda a visão clara a respeito do que é próprio do espírito e no qual se encontra o seu adiantamento, pela visão e o conhecimento do que corresponde à sua própria natureza. Assim: a elevação cheia de fé que fizerdes de vosso pensamento para o Pai, o arrependimento sincero das faltas cometidas, o decidido propósito de emenda, o esforço contra as vossas paixões, o predomínio sobre a vaidade, o perdão das ofensas, etc., são cousas que, em si mesmas, possuem a propriedade de aumentar a visão do espírito, de dar-lhe lucidez e elevação, quer se encontre encarnado, quer esteja desencarnado.

Sede, pois, humildes de coração e fortes de alma, para dominar as baixas paixões que vos mantêm perturbados sobre a superfície da Terra, mantende fechados vossos sentidos às tentações que vos vêm da matéria e abri, em compensação, quanto vos seja possível, os olhos da alma para que vejais por eles todo o esplendor da morada que o Filho de Deus vos tem destinado,<sup>1</sup> se a ele vos unirdes pelo acatamento das leis divinas, por vossa consagração à prática de seus ensinamentos e pelo amor que vos fará partícipes de todo o calor de seus sentimentos. Coragem, pois, irmãos meus, agora principalmente em que as preocupações, os vícios, as mentiras e as maldades das maiorias vos afastam dele,

1 - Isto está dito seguramente em linguagem figurada, pois não parece referir-se a lugar. — Nota do Sr. Rebaudi.

isolando-vos das trevas de que estão rodeadas, e entre as quais cairão envolvidas, até ocuparem o plano que lhes corresponde por seu atraso, enquanto que, purificado o ambiente com sua partida, vos encontrareis no meio da felicidade que proporciona a própria pureza do ambiente que habitais, e a bondade e inteligência dos que constituem convosco os eleitos<sup>2</sup> do Senhor.

Recordai-vos quanto a isto, que *“Deus é Espírito; e é mister que aqueles que o adoram, o adorem em espírito e em verdade”*. E recordai-vos também que *“o que ceifa, recebe salário, e colhe fruto para a vida eterna, para que gozem ao mesmo tempo o que semeia e o que ceifa”*, porque, em verdade vos digo, que unicamente alcançarão a pátria celestial aqueles que para ela tenham caminhado pela elevação de seus espíritos, mediante o trabalho constante na vinha do Senhor, que vinha é espiritual, onde a própria grandeza de cada um colhe para maior glória também do mesmo Senhor, que o princípio é e o fim de todas as cousas. Regozijai-vos, pois, os que haveis tido fê e haveis permanecido acordados porque chegada é a hora de vossa justificação. Não vos olvideis tampouco que um só há de ser o rebanho e um só o pastor. Abrigai-vos pois sob estas minhas novas palavras que eco encontrarão, sem sombra de dúvida, no coração dos eleitos, enchendo seus espíritos das brilhantes promessas que vim renovar em vossas consciências de adeptos da lei de amor e ante a fê de iluminados, que haveis merecido, os que até aqui me tendes acompanhado com a simples certeza dos que claramente distinguem sua rota.

Que Deus vos ilumine ainda mais, são as palavras com as quais Jesus se despede de vós, ao terminar estas paginas destinadas para complemento de sua vida, que por outro conduto vos ditou.

JESUS DE NAZARETH

2 - Já se viu que Jesus entende por eleitos os que, por natural seleção, quer dizer por seus próprios méritos, chegaram a formar parte do núcleo dos melhores; nada pois tem que ver aqui esta palavra com a doutrina da graça. — Nota do Sr. Rebaudi.

## **A RESSURREIÇÃO DE JESUS SEGUNDO O APÓSTOLO PEDRO**

### ***CAPÍTULO XXVIII***

#### ***A Ressurreição de Jesus — O relato de Pedro***

Queridos irmãos:

Nosso primeiro impulso ante a morte de Jesus foi de terror e instintivamente parecia quereremos fugir dentre a multidão (já bastante reduzida pela retirada de muitos) temendo nós as brutalidades de que tínhamos visto fazer gala a esse populacho inculto e feroz. Nossas almas passavam por uma grande e rude prova e, quanto a mim, achava-me completamente aniquilado.

Realmente, não poderia dizer se era medo por nossas pessoas o que nos detinha, pois que eu mesmo, que levava a vergonha e a dor da primeira cobardia manifestada em nosso grupo, eu mesmo sentia-me abandonado de minha própria consciência, sob o peso do imenso infortúnio que o desaparecimento do Mestre havia feito cair sobre nós e nada me parecia já ter que perder, como se de minha própria pessoa me houvesse esquecido.

Em verdade, José de Arimatéia, Alfeu, Marcos e Tomé, na noite terrível que precedeu à crucificação, tinham dado já provas de valor muito superior à minha covarde atitude de negador do Mestre. Em compensação, Tiago e João, que também haviam seguido ao Senhor até à casa do grande Sacerdote, tinham dado eles igualmente provas de fraqueza afastando-se quando lhes

pareceu correrem algum perigo, e maior cobardia ainda haviam manifestado os que fugiram desde o primeiro momento. Felizmente, a perplexidade nossa foi momentânea desta vez, resultando assim honrosamente reabilitada a nossa pequena igreja de sua cobardia anterior, pois que logo depois viu-se rodeada a cruz pelas santas mulheres que haviam estado acompanhando a Maria, a mãe, a poucos passos do patíbulo, por José de Arimatéia, por Tiago e João, filhos de Zebedeu, Tiago o irmão de Maria, Marcos, Alfeu, e eu, que fomos os primeiros a nos acercarmos dos queridos despojos. Descido imediatamente o corpo do madeiro e confiado por alguns momentos ao cuidado unicamente das mulheres, a fim de que o preparassem para seu enterro, segundo o costume de então, depositou-se no sepulcro de José de Arimatéia.

A noite nos surpreendeu na lúgubre tarefa, avisando-se as mulheres para na manhã de domingo se efetuar o enterramento como convinha, rodeando o corpo dos devidos cuidados e cumprindo todos os piedosos detalhes próprios do caso.

No primeiro momento todos manifestaram temores de que pudesse ser profanado o cadáver pelo rancor dos terríveis inimigos do Mestre, porém tranqüilizaram-se os ânimos ao observar-se o completo abandono do lugar pelo populacho, cansado de vociferar e de agitar-se como um energúmeno em volta de sua vítima, silenciosa e inofensiva.

Uma cousa, no entanto, passara já havia pouco por minha mente. Era uma idéia imperiosa que me apontava como uma necessidade imprescindível: a de ocultar o cadáver de um modo seguro e com o mais absoluto sigilo, de maneira que nem mesmo os discípulos o soubessem, enquanto não se aplacassem os ódios que a tais extremos haviam chegado. O segredo não teria sido possível guardá-lo entre vários porque estes mesmos algo teriam deixado transparecer ou teriam vagueado pelos arredores do sepulcro, chamando a atenção para ele, ou se lhe teriam acercado furtivamente com fins de devoção, ou chegariam a abri-lo mais tarde para certificarem-se de seu bom estado, ou com seus murmúrios teriam despertado a curiosidade do povo a respeito do lugar do enterro. Enfim, para que a segurança fosse completa, absoluto devia ser o segredo e para isso necessário era que permanecesse encerrado em minha consciência somente.

Por outra parte, poderia eu confiar em que o companheiro



a quem comunicasse minha idéia estaria conforme com o segredo absoluto para com os demais? Aprovaria essa ação tão pessoal que vinha negar o igual direito dos outros discípulos a tudo o que ao Mestre se referia? Muito provavelmente não o aprovaria ou pelo menos discutiria a conveniência desse proceder não consultado entre o grupo dos discípulos. Não, não, um só caminho havia de verdadeira segurança: proceder só, sem nenhum auxílio.

Assim, inclinava-me a esta resolução, embora não deixassem de assaltar-me temores de impotência ao pensar nas dificuldades que a obra apresentaria para um só homem. Apesar de tudo, voltei no sábado, noite alta, com o propósito de intentar meu projeto, pensando ocultar o cadáver em outro sepulcro próximo, já ocupado. Eu nutria a ilusão de que poderia escondê-lo debaixo de outro corpo com o lençol com que ele estava envolvido. Com estes pensamentos ia caminhando em direção ao sepulcro quando me pareceu ouvir ruídos surdos de passos distantes e o rolar, pela ladeira, de alguma pedrinha, como se tivesse sido deslocada pelo choque do pé de outro caminhante noturno.

Detive-me, retendo a respiração, e depressa me apercebi de que era detrás de mim de onde os passos procediam, parecendo-me por isso mais distantes do que em realidade eram, pois quase em seguida descobri, muito próximo já, uma silhueta que por suas aparências pareceu-me corresponder à de José de Arimatéia, o qual não pouca surpresa e temor manifestou ao ouvir-se interpelado por seu nome, a essa hora naquele lugar.

Nosso encontro parecia providencial e o que separadamente nenhum dos dois talvez tivesse podido levar a cabo, juntos o efetuamos, se não com facilidade, pelo menos com melhor resultado.

José de Arimatéia também tinha pensado em procurar os meios de precaver toda a possível tentativa de profanação dos queridos despojos. Porém, ele igualmente tinha desconfiado do pouco tino dos membros da comunidade, cuja disciplina, também, não era tal que suprisse, pelo respeito à ordem, a falta de perspicácia dos demais, de maneira que, por algum descuido em suas conversações, pensava ele, ou por alguns atos piedosos praticados pelas mulheres, ou atraídos inadvertidamente, pelos mesmos afetos para o Mestre, às proximidades do lugar que fosse escolhido para seu enterramento, facilmente dariam motivo a que

fosse descoberto pelos implacáveis inimigos das novas doutrinas, os quais não deixariam de enfurecer-se contra os despojos de seu fundador, com o propósito também de destruir dessa maneira todo o prestígio religioso de que tivesse podido rodeá-los. Isto mesmo não tinha cessado de trabalhar meu espírito, quer dizer, o grande dano que resultaria para a autoridade de Jesus se seus despojos chegassem a ser o alvo das faltas de consideração e de respeito de todo o gênero, nesses tempos e no meio de povos como o da Judéia, que davam um valor muito grande a tudo o que se relacionava com seus mortos, de maneira que somente o deixar insepulto um cadáver era já considerado como uma das maiores desgraças e verdadeiro ato de impiedade. O dar sepultura aos mortos, quaisquer que eles fossem, ainda mesmo dos inimigos, considerava-se em compensação como uma obra piedosa. Assim, portanto, aos restos de uma pessoa qualquer se tributavam as maiores considerações, sempre as que a mesma pessoa tivesse merecido e se, pelo contrário, os restos de Jesus, em vez de receberem honras, fossem torpemente profanados, dir-se-ia que nenhuma proteção haviam merecido de Deus nem dos homens. Teria resultado dismantelar-se assim toda a base para uma reabilitação próxima do justicado.

Esta argumentação, apesar de demasiado humana, não carecia de base, pois que infinitos são os meios que Deus tem a seu alcance para a realização de tudo o que se propõe, vendo-se às vezes surgir os mais grandiosos acontecimentos das causas mais insignificantes em aparência. Isto foi justamente o que aconteceu com as disposições que de comum acordo tomamos José de Arimatéia e eu, com respeito ao corpo de Jesus.

Efetivamente, passados os efeitos da surpresa e depois de algumas hesitações e breve indecisão, acabamos por explicar-nos mutuamente nossa recíproca situação e combinamos agir de comum acordo. O sepulcro que eu lhe indicava pareceu-lhe situado muito próximo, preferindo também outro de mais pobre aparência. Seria, além disso, uma loucura colocar-se um corpo em sepultura alheia, porque ele seria indefectivelmente descoberto no dia em que se fosse efetuar um novo enterro. Arimatéia conhecia um sepulcro algo distante e de pobre aspecto, que havia sido abandonado por seus proprietários, os quais tinham desaparecido desde os dias da conquista de Jerusalém, talvez mortos, ou

prisioneiros foram para Roma seguidos por suas mulheres e filhos, onde tinham resolvido estabelecer-se definitivamente. Tratava-se, de todos os modos, de gente pouco conhecida e sem vínculos e da qual, afinal, ninguém se havia ocupado. Havia outros sepulcros, segundo parecia, igualmente abandonados, porém não tinha eu a respeito deles a mesma certeza quanto ao desaparecimento de seus proprietários. No indicado, pois, por José de Arimatéia, resolvemos depositar o cadáver, pondo mãos à obra imediatamente.

Chegados ao sepulcro de Arimatéia, levantamos com muita dificuldade a grande pedra que o fechava, fazendo alavanca de nossos bastões. Tiramos ao cadáver o lençol sujo e ensangüentado com que estava envolvido, assim como outro pedaço de pano que rodeava sua cabeça e que também estava todo ensangüentado. Envolvemo-lo em substituição, completamente, com um lençol grande que José de Arimatéia tinha levado. Em seguida, muito agitados, pois havia-nos parecido ouvir passos de pessoas... quantas vezes nos pareceu ouvi-los nessa noite!... carregamos com o corpo e abandonamos o sepulcro, esquecendo-nos de fechá-lo novamente. Grande foi o trabalho que nos custou a condução de nossa preciosa carga por entre a escassa claridade da noite e por caminhos íngremes e tortuosos. Chegamos finalmente e conseguimos levar a feliz termo a empresa, ficando satisfeitos com isso, na certeza de que não poderia ser encontrado o cadáver. Longa tinha sido a tarefa, pois, ao terminá-la, nos apercebemos que muito próximo estava já o dia. Resolvemos retirar-nos por diferentes caminhos para evitar, por excesso de prudência, que se nos pudesse ver juntos a essas horas e nesses lugares porém antes de nos separarmos juramos solenemente que jamais falaríamos do que acabávamos de fazer nem ainda entre nós mesmos; guardaríamos, pois, o mais profundo silêncio a respeito, quaisquer que fossem as circunstâncias que pudessem apresentar-se.

Completamente satisfeitos assim, da para sempre absoluta segurança dos preciosos despojos, nos encaminhamos silenciosos e apressadamente, José de Arimatéia para sua casa, pois era de Jerusalém, e eu para a que me hospedava nas cercanias de Getsemani. Porém imediatamente, desaparecida pouco a pouco a enorme confusão que se aninhava em meu cérebro e a profunda agitação que dominava meu espírito, assaltou-me um horrível

pensamento que até aquele momento, devido sem dúvida ao meu estado de ânimo, não me havia ocorrido. As mulheres iam voltar ao sepulcro em cumprimento do piedoso propósito já manifestado... Qual não seria sua dor e seu espanto ao verificar o desaparecimento do cadáver... Toda a pequena igreja se veria presa da maior desolação, certamente... e com que direito nos havíamos apropriado do que pertencia a todos? Uma boa intenção podia acaso justificar semelhante esbulho feito aos mais legítimos sentimentos de toda a comunidade? Não bastavam para acalmar minha consciência as circunstâncias excepcionais e o fato de certa autoridade de que o mestre me havia revestido em diversas ocasiões perante os demais membros de nosso pequeno cenáculo, assim como certa consideração e deferência com que José de Arimatéia tinha sido sempre distinguido por Jesus<sup>1</sup> e que vinha constituir certa autoridade no meio da pequena igreja, além de tudo, que não se tratava de nada permanente mas sim de um meio provisório para conjurar um mal de momento.

Ceguei a meu alojamento quando começavam já os primeiros albores do dia, adormecendo logo que me deitei, vencido por extraordinário cansaço de dois dias de intensas agitações.

Apenas teria desfrutado um curto sono quando um alvoroço desusado me despertou bruscamente, no mesmo momento em que João e as duas Marias se precipitavam para mim gritando: *“Jesus ressuscitou como estava anunciado”*. *“Eis que, acrescentou João, as mulheres acabam de encontrar o sepulcro aberto e vazio, o lençol que envolvia seu corpo e a toalha que envolvia a cabeça ficaram ali deixados de lado.”*

1 - Esta deferência nada tinha de favoritismo, senão que correspondia a circunstâncias anteriores, porquanto, se bem que Jesus se houvesse sempre manifestado como um ser extraordinário sob todos os conceitos, ser sem dúvida Assinalado pelo dedo de Deus, devia necessariamente receber o preparo humano apropriado para sua atuação entre os homens e foi José de Arimatéia quem o encaminhou em seus primeiros passos, iniciando-o também mais tarde na sociedade secreta da Cabala, onde se efetuava a evocação dos mortos e se preparavam os adeptos para certas práticas de elevado altruísmo que incluíam a cura dos enfermos pelo que vós chamais o magnetismo. Isto constituiu o meio para o desenvolvimento das grandes aptidões ocultas de que Jesus era dotado, do mesmo modo que o que há de chegar a ser grande orador ou escritor começa pela aprendizagem materna, que lhe proporciona os meios de fazer-se entender a seus semelhantes, sem o que a nada jamais chegaria. — Pedro.

Grande foi o aturdimento que tão inesperada notícia me produziu. Não sabia o que se passava em mim, sendo que minha turbacão foi interpretada como um efeito natural de surpresa por tão extraordinário acontecimento. Sem mais, tomou-me João pela mão e corremos, seguindo as mulheres que se nos adiantaram e seguidos pelos outros discípulos ali também hospedados.

Durante o caminho procurei orar mentalmente, pedindo principalmente ajuda ao Senhor para sair de tão difícil conjuntura e a verdade é que me senti algo mais tranqüilo e fortalecido.

O entusiasmo das mulheres e de João não parecia comunicar-se inteiramente aos demais, que pareciam mais perplexos e atemorizados que dominados pela fé e por esse estado de elevado misticismo que deveria arrebatá-los em presença de um fato de tão extraordinária transcendência. Alguns dirigiam seus olhares para a entrada do sepulcro e para as proximidades, como a procurarem sinais de uma intervenção estranha, e outros, abertamente manifestaram o temor de que tivessem roubado o cadáver, senão para profaná-lo, para impedir pelo menos que se lhe tributassem honras, convertendo-o em objeto de culto.

Eu, sem manifestar nada, ajoelhei-me e orei, sendo seguido meu exemplo por todos os presentes. Em seguida retirei-me em silêncio e minha atitude triste e circunspeta foi respeitada.

João, por sua parte, insistiu uma vez mais em que Jesus tinha ressuscitado segundo sua própria promessa, porém jamais haviam saído dos lábios do Messias palavras que pudessem aproximar-se a semelhante significado.

João, sim, tinha assegurado entre outras cousas filhas de seu caráter novelesco e exagerado que o Messias ressuscitaria ao terceiro dia de sua morte, porém Jesus nada nos disse que se pudesse parecer com isto.

O que muitas vezes nos tinha assegurado era que sua presença, depois de morto, se demonstraria constantemente no meio de nós com o fim de guiar-nos com sua influência. A mim, principalmente, me havia feito prometer, repetidamente, que jamais deixaria de pôr em prática as suas intuições.

Com isto demonstrava o perfeito conhecimento de suas condições futuras como espírito, o que é prova da excepcional elevação desse Ser tão superior, como jamais houve outro sobre a Terra.

Tinha-se valido também da palavra ressurreição, porém, mais ou menos, desta forma: *“Muito breve, depois de minha morte, ressuscitarei no meio de vós para dar-vos prova evidente de minha presença a vosso lado, porém tende como certo, e não olvideis que, embora invisível, sempre estarei presente a vosso chamado e que toda a vez que me recordeis no meio de vós estarei. Ainda que vossos olhos não me vejam, nem me apalpem vossas mãos, me pressentirão vossos corações e me ouvirão vossas consciências porque a carne só pela carne é vista, o espírito pelo espírito”*.

Nós tomávamos a palavra ressuscitarei por algo assim como: *“Atuarei entre vós com todos os característicos da vida material”*. Tampouco podíamos dar-lhe o significado que se pretende, desde o momento que os ensinamentos do Messias se referiam constantemente à influência que os espíritos livres exercem sempre sobre os encarnados e que no estado de espírito é quando o ser tem maior domínio sobre todas as suas faculdades.

A doutrina das vidas sucessivas muitas vezes foi dada a conhecer vagamente perante o público, expandindo-se em explicações muito positivas em algumas outras ocasiões; mas pouco pôde ser compreendido por gente tão materializada, que nem mesmo a idéia da alma podia aceitar mais ou menos, pois que sua religião não deixava pressentir separada a alma do corpo. O prêmio e o castigo haviam de ser experimentados pela pessoa, em sua integridade de alma e de corpo. Assim se compreendia geralmente e os ensinamentos dos doutores da lei não se afastavam aparentemente de tal critério, se bem que corriam entre o povo algumas afirmações que encerravam implicitamente a idéia da alma com um corpo novo, quer dizer, a doutrina dos renascimentos.

Porém, disse Jesus, que ele não tinha vindo para renovar a lei mas sim para confirmá-la, submetendo-se a práticas como a da circuncisão e outras não menos características da lei mosaica. Não podia portanto inculcar, tão abertamente, doutrinas que chocassem, no íntimo da limitada compreensão dos hebreus, com as doutrinas já estabelecidas. Por isso, pouco se detinha o Messias na explicação fundamental da verdadeira doutrina, limitando-se a inculcar sua celebrada concepção de *“Ama a Deus sobre todas as causas e ao próximo como a ti mesmo. Esta é a lei e os profetas”*.

Oh!... Quanto se elevava, ao desenvolver este tema favorito de suas dissertações!

Era então quando, remontando-se demasiado nas asas de seu delicado sentimento, manifestava-se entre os resplendores de sua essência superior, coando-se entre suas entusiásticas palavras o reflexo encantador de suas visões celestiais. Tornava-se então incompreensível para seus ouvintes incapazes de se elevarem às alturas da intuição e da verdade divinas, que embora a nosso redor palpitem, somente as almas superiores tais palpitações percebem. A vida universal revelava-se então perante nós, sendo a vida humana somente um seu detalhe e o espírito humano, ignorante e abjeto, chegaria até à glória de seu Pai, entre os resplendores que rodeiam seus divinos mensageiros. Porém, nesses casos, a perplexidade manifestada pelos que o rodeavam e os olhares atônitos de todos o chamavam à realidade e bruscamente mudava o quadro de sua exposição como querendo manifestar que a teimosia de todos, no vício, tornava-os incapazes dessas concepções e unicamente dignos do fogo eterno do inferno. Deste modo, desde as alturas do infinito concluía por descer às concepções religiosas vulgares; porém, fazia-o com tal habilidade que desaparecia a confusão que tinha resultado do seu primeiro impulso francamente exteriorizado, para ficar, com lógico encadeamento explicado, o conjunto dessas noções simples do bem e do mal, do prêmio e do castigo, que encontram natural aceitação nos espíritos menos desenvolvidos. A seguir acrescentava muitas vezes alguma engenhosa parábola que ilustrasse o que desejava inculcar e terminava, a maior parte das vezes, com afirmações categóricas, repetidas com insistência sob diversas formas e sempre com a maior energia, o que muito impressionava o seu auditório. Aos seus discípulos, entretanto, tinha por costume explicar-lhes detalhadamente as grandes verdades das vidas sucessivas, da pluralidade de mundos habitados, das verdadeiras formas da justiça divina, do progresso como lei essencial do Universo intelectual, sendo que seus continuados esforços resultavam quase de todo estéreis, pois nós mesmos dispúnhamos de muito curta inteligência e cheios tínhamos nossos espíritos das preocupações mais vulgares do judaísmo popular. Existiam precisamente no meio dessas preocupações, certos relatos de profetas que tinham sido

transportados com seu corpo para o céu e cujo regresso de alguns era esperado. Assim se disse de Moisés, que tinha desaparecido no meio de nuvens, e de Elias, que havia sido arrebatado num carro de fogo, assim como realmente os hebreus pareciam não conceber a vida sem o corpo, o que, apesar de tudo, ainda hoje mesmo, muitos homens, não de todo incultos, não entendem.

Não se trata, naturalmente, da vida orgânica derivada de complicados fenômenos físicos, vegetativos, mas sim da existência superior do espírito como tal espírito, que atua em outro plano, com as faculdades e propriedades que lhe são inerentes e que nada têm que ver com o mundo da matéria, senão enquanto esta possa ter alguma influência sobre a envoltura grosseira dos espíritos muito inferiores.

O certo é que, pouco a pouco, à medida que os apóstolos foram convencendo-se que não existia nenhum interesse pelo corpo de Jesus por parte de seus inimigos, perplexos eles próprios, cada vez mais, por seu estranho desaparecimento, e com a afirmação constante de João, foram admitindo tacitamente a possibilidade da ressurreição, possibilidade que terminou por converter-se, finalmente, em um dogma, apesar de, na realidade, isto ter sucedido quando nenhum testemunho existia já desse tempo. Tudo o que apareça em contrário foi obra das perturbações por que atravessou a Humanidade nos tempos que se seguiram, cheios de desordens e lutas políticas e religiosas.

Naturalmente, jamais ocupou algum lugar em meu espírito o suposto fato, e também tinham-se acalmado paulatinamente os escrúpulos de minha consciência, razão por que, ainda que me resolvesse a isso, não teria podido divulgar a verdade sem risco para a nova comunhão da parte de seus inimigos, que não teriam deixado de se aproveitar dela para acusá-la de superstição e embuste. Sobretudo, havia acalmado meu espírito um sonho extraordinário para mim, naqueles momentos. Foi na noite seguinte à de nossa façanha, inteiramente justa e inocente por seus fins que, antes de entregar-me ao sono, orei muito, de joelhos, apoiado a uma cadeira. Adormeci, quando, inopinadamente, vi o Mestre descendo do alto do aposento na minha direção. Seu semblante apresentava-se-me carinhoso e risonho, com uma expressão de benevolência realmente angelical. Eu caí de joelhos durante o sonho, dizendo: Senhor, por que me procuras? —



Aproximou-se principalmente sem mover as pernas, como se deslizesse perto do chão e levantando as mãos, como para abençoar-me, mostrou as feridas dos cravos, vendo-se também as dos pés. *Não temas, Pedro, disse... tão fraca é já a tua lembrança do Messias, do teu Senhor?... Senhor! Senhor! Tu sabes quanto te amo, perdoa, pois, minhas fraquezas e ignorância que me fizeram silenciar a respeito de tua ressurreição. Ainda vendo-me, duvidas, Pedro, ainda? Eis-me com minhas feridas ensangüentadas, toca-me, pois, que é meu corpo e acreditarás.* Estendi os braços animado pelo convite, para certificar-me da verdade, porém despertou-me um golpe brusco, tendo perdido o equilíbrio por algum movimento durante o sono, indo dar com a boca contra o chão, ainda que com pouca violência, devido à minha posição de joelhos e por estar apoiado à cadeira.

Jamais havia tido eu um sonho tão lúcido, e, desperto já, perdurava ainda com a maior evidência a impressão do Mestre, seus próprios eflúvios, diremos assim, inconfundíveis com os de outro qualquer.

Certamente o sonho não passava de ser um sonho resultante, ao que parece, da continuada impressão que trabalhava o meu espírito a respeito da ocultação do cadáver e afinal nada tinha dito o Jesus da aparição referente ao que me preocupava. Em todo caso teria confirmado sua ressurreição e esta não era verdadeira desde que eu mesmo tinha ocultado o cadáver. Mas o sorriso de Jesus e a sua intenção de abençoar-me fizeram-me crer que não tinha merecido sua censura, e suas palavras referentes à ressurreição interpretei-as como querendo dizer: Faze de conta, tu também, que ressuscitei. Sem dúvida, esta interpretação me convinha, porque justificava meu silêncio e na verdade assim me pareceu, contribuindo isso para que se tranquilizasse o meu espírito.

Quanto à visão de Madalena, que a tradição fez chegar até vós, respeitemo-la dentro das intimidades do sentimento; porém ela certamente em nada podia referir-se ao fato da ressurreição material. Em compensação, depois de alguns dias fizeram-se muito freqüentes as intervenções do Messias entre nós e em duas ou três ocasiões chegou a tornar-se visível para todos durante nossas orações em comum. Certamente a nossa fé e o nosso entusiasmo nos hão de ter enganado em mais de uma ocasião a respeito das ditas intervenções, porém, sem dúvida, foram de tal

evidência algumas delas, que deviam necessariamente proporcionar-nos a mais profunda convicção a respeito de sua realidade.

Quanto às relações com os mortos em geral, o Senhor no-las havia indicado sempre como um escolho muito perigoso para os homens, definindo até como um pecado a sua prática continuada. *“Recebi as comunicações, dizia, porém, não as provoqueis. O que eu vos digo, digo-vô-lo em nome de meu Pai celestial e quando eu não esteja mais, visivelmente, entre vós, vos chegarão entretanto minhas intuições, e sempre que o Pai o determine ou vosso Messias o julgue necessário, ouvireis em vossas consciências as vozes dos celestiais mensageiros, sem que nada peçais e nada pergunteis.”* Apesar de tudo, na noite de sua oração no horto, Jesus nos indicou os meios eficazes para nos pormos em comunicação com as almas dos mortos, não sem insistir no perigo dessa prática que devia ser destinada para casos muito especiais somente. Porém, como Paulo não ouviu os ensinamentos diretos do Mestre mas que os recebeu por suas intuições, sucedeu que a igreja do Ocidente que ele encabeçara, entregou-se às práticas diárias das evocações, formando-se desse modo o corpo de suas doutrinas e de seu culto. Tudo isso foi paulatinamente passando também à igreja do Oriente, sem que chegassem, entretanto, a ser nossas igrejas centros de evocações, como as do Ocidente, onde apareceram também alguns endemoninhados, que se nós alguns, bem poucos, tivemos, não saíram de nossas igrejas, sim que nelas se libertaram do espírito do mal, como o próprio Messias nos havia ensinado. Justo é também dizer, que em compensação muito maior era o movimento e o progresso das igrejas do Ocidente que o das nossas. Elas haviam marchado com um espírito mais novo e vigoroso; nós, em compensação, nos havíamos circunscrito à simples recordação e repetição do que fora dito pelo Mestre, procurando, como ele, nos manter dentro do espírito judaico. Esta era, sem embargo, uma má interpretação de nossa parte, porquanto os propósitos do Senhor envolviam uma fundamental reforma do culto e de seu espírito, fazendo descansar tudo sobre a idéia do amor e orientando tudo para o progresso, sobre a base dos sucessivos renascimentos. As transações que aceitava e proclamava com o velho espírito das doutrinas hebréias eram as que não se opunham ao triunfo de seus

ideais. Estes foram levados avante com muito maior vigor no Ocidente, fracassando, porém, o que devia ser fundamental, a lei dos renascimentos. Em compensação, quase imediatamente, converteu-se em pouco menos que um dogma, a chamada “*Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo*” e fez-se uma prática assídua da “*Ceia Pascal*” ou “*Santa Ceia*”. Mas este ponto necessita algumas indicações referente às relações mantidas entre Paulo e os Apóstolos, a respeito do que me ocuparei tão depressa a oportunidade me permita. Unicamente quero dizer que nas ocasiões em que Paulo nos visitou, nos perseguia com suas perguntas, colocando-nos freqüentemente em situação embaraçosa com a natureza das investigações que pretendia levar a cabo e a respeito das quais nunca ficou satisfeito. Por minha parte, temia sempre que quisesse investigar o referente à ressurreição de Jesus, porém nunca se referiu a ela senão como a um fato conhecido e que está fora de discussão. Desde o princípio não se demonstrou Paulo muito disposto a reconhecer a nossa autoridade e talvez isto foi um bem. Nós, em troca, nunca lhe demos o título de apóstolo e foi um erro de nossa parte porque não podia ser mais evidente o seu apostolado. Reconheciamo-lo, sem dúvida, como o chefe da igreja do Ocidente e mantínhamos boas relações com ele, parecemos que carecia dessa humildade e mansidão ensinadas pelo Mestre e que deviam distinguir os seus apóstolos. Muito nos ajudou, em compensação, ao amparo de nossos numerosos pobres com o óbolo da igreja do Ocidente.

PEDRO

## **CAPÍTULO XXIX**

### ***Reminiscências referentes aos milagres e profecias de Jesus, ao apostolado de Paulo e à sua atuação com relação aos apóstolos diretamente designados pelo Messias. A Igreja do Oriente e a do Ocidente.***

Devo aproveitar a oportunidade que se me apresenta, em condições análogas às que deram lugar à minha comunicação referente à suposta ressurreição de Jesus, nosso Senhor, para dar-vos a conhecer a marcha da nova Igreja, que, pode dizer-se, começou a tomar personalidade desde esse momento. Antes, entretanto, quero fazer notar as dificuldades que se apresentam a nós espíritos, para a exatidão de nossas comunicações, quando o médium tem idéias formadas a respeito do assunto a que se refere a comunicação. Certamente não faltam, a maior parte das vezes, meios para retificar as inexatidões, porém não deixa de oferecer inconvenientes. Por sorte, o instrumento de que me sirvo é muito pouco entusiasta pelas questões desta índole, de maneira que meu pensamento não tropeça com nenhum obstáculo a respeito em seu cérebro, onde tampouco encontro idéias fixas, por sua absoluta falta de fé no que se refere às tradições evangélicas. Aqui não se trata verdadeiramente de tradições, mas sim de fatos e de conceitos, relatados por quem participou dos primeiros diretamente.

Antes de tudo devo dizer que o nível que fazem ocupar aos apóstolos, com completa falta de lógica, é muito superior ao nosso valor real pois nunca nos elevamos além de nossa condição de pobres pescadores, se bem que, em verdade, depois da morte do Mestre e uma vez desaparecido o terror que nos havia invadido, nossas forças e nossas aptidões foram multiplicadas a ponto de não parecer já os mesmo homens, porém sempre guardando as lógicas proporções, já que uma quantidade muito pequena pode ser centuplicada, sem chegar a ser muito grande. Assim também, no referente ao dom dos idiomas e às línguas de fogo de pentecostes, convém deixar-lhes o lugar que lhes corresponde, dentro do maravilhoso desenvolvimento das circunstâncias e momentos tão especiais como os que caracterizaram essa época

sem igual na história das religiões. Unicamente posso afirmar que não houve jamais propósitos de falsidade nem duplicidade no momento de proceder, nem artifício, no que às crenças se refere. A fé ardente, sem dúvida, o entusiasmo e a ilimitada confiança nas promessas que Jesus deixou a seus discípulos podiam muito bem ter exagerado os fatos e as cousas, sob essas condições de observação, até dar-lhes os caracteres do milagre. Convenho nisto sem o menor esforço, porém, forçoso vos será também convir comigo que a imensa maioria dos homens não se dá a mais remota conta do que vós designais como fenômenos medianímicos e que a ciência moderna classifica como fenomenismo psíquico e metapsíquico, nem se apercebe pois que ao referir-se a isso o faz como se falasse de milagres, repelindo-os portanto como fatos sobrenaturais, enquanto que em nada já vos surpreende a sua presença, desde o momento que os provocais quantas vezes lograis dispor de condições favoráveis para a sua produção. Haveis chegado também a dar-vos perfeita conta das assombrosas potencialidades que encerra a natureza humana, as quais quando conseguem reunir-se e confundir-se com o ambiente puro dos espíritos do Senhor, mediante uma fonte de elevados sentimentos e de ações santas, chegam a conseguir as mais portentosas manifestações e os fenômenos mais transcendentais que se possa imaginar, muito superiores às vezes aos que se rechaçam na história do primitivo Cristianismo, por supô-los milagrosos, quer dizer, sobrenaturais. Sem temor de enganar-me, asseguraria eu que jamais na Humanidade têm podido oferecer-se condições tão favoráveis para o fenômeno transcendental e medianímico como no meio dessa reduzida igreja galiléia, ou dos nazarenos como também éramos chamados. Quanto a Jesus, que tantos esforços faz em sua história ditada por ele mesmo, para desvirtuar os fatos milagreiros que se lhe atribuem, mais que ninguém foi dotado dos dons medianímicos. Disse já que era um ser superior, sob todas as formas, conhecedor profundo dos homens, com tal penetração neles, que seus pensamentos ficavam desnudos ante ele, como escritos em um livro aberto. Em suas previsões jamais tampouco se enganava, sendo notável, principalmente, tudo o que nos anunciou referente à sua morte, a qual, entretanto, nos surpreendeu devido aos grandes poderes que lhe atribuíamos e a uma intervenção direta do Pai que, tacitamente esperávamos, ao que

parece, cada um de nós, se produziria no momento oportuno. As aparências deixam suspeitar que o próprio Messias algo esperava, tanto que pronunciou estas palavras: — *“Pai meu, por que me abandonaste?”* — Ele tudo havia previsto, entretanto, pois que nos tinha manifestado que o mesmo povo que o aclamara o arrastaria para uma morte ignominiosa, enfurecendo-se antes, de todos os modos, com ele, que chegaria a ver-se só, abandonado e negado por seus próprios discípulos. Mas, que sua morte era necessária para a salvação da Humanidade e que para isso o Pai o havia enviado entre os homens, tendo ele aceitado esse sacrifício sem a menor vacilação, como vontade que era do Pai à qual estava completamente sujeito. Porém, em realidade, essa previsão vejo agora que não era assim, pois que qualquer que se houvesse colocado nas condições em que Jesus se colocou, haveria tido igual fim, unicamente que deveria ser lapidado em lugar de crucificação; porém Jesus tampouco anunciou que seria crucificado mas sim unicamente que morreria de morte violenta nas mãos dos inimigos de seus ensinamentos. Considere-se agora a assistência espiritual de que estava rodeado assim como as especiais aptidões medianímicas que o acompanhavam, como já foi demonstrado, e todo o maravilhoso que tenha podido aparecer na atuação do Senhor, terá fácil explicação, eliminando-se naturalmente as caprichosas interpretações e os enxertos que sofreu da parte dos que mais tarde se encarregaram de escrever. Não deveis portanto duvidar, repito-vos, de que muito do acontecido com o Messias e depois do seu desaparecimento material não passa de fanáticos acréscimos. Além disso, dispondes de demasiados elementos para julgar a grandeza de Jesus e da evidência de seu messianismo. Por pouco que os Evangelhos conservem do Mestre e por pouco que vos empenheis em trazer à luz o verdadeiro espírito que os inspirou, não deixareis de discernir neles um propósito concreto, sustentado, guiado e feito aceitar por muitos homens ao mesmo tempo, por quem carecia de todos os meios para o poder fazer, sendo pobre e obscuro de origem e de fato. Em virtude de sua visão própria, ele chegou à concepção religiosa mais grandiosa, que resultou ao mesmo tempo a mais eficaz como fundamento de sua obra projetada, com a fórmula genial: *“Ama a Deus sobre todas as cousas e ao próximo como a ti mesmo. Esta é a lei e os profetas”*.

Sua penetração fez-lhe compreender imediatamente o verdadeiro estado social e religioso dos hebreus que não podiam ser separados de seus velhos ritos e fórmulas, sendo indispensável, para obter alguma cousa, abordar as questões religiosas e tradicionais sem opor-se-lhes verdadeiramente, mas tirando partido de toda a passagem ambígua da Bíblia, de toda a aparente contradição e de tudo aquilo que tivesse um significado para o porvir, isto é, de cuja solução ou cumprimento parecesse dever-se esperar por outra época. Por isso, sem dúvida, tinha dito aquilo, de que ele não tinha vindo para derogar a lei senão para confirmá-la. Se assim não houvesse procedido, as desconfianças teriam aumentado contra ele e mais difícil lhe teria resultado o prestigiar sua pessoa e seus ensinamentos, pois apesar disso e de sua habilidade em servir-se das sagradas Escrituras para inculcar as novas doutrinas, as quais, finalmente, encerravam um espírito por completo contraposto ao verdadeiro Judaísmo, somente transitoriamente logrou o favor das maiorias, equilibrando-se apenas, geralmente, o número dos que o seguiam com o dos que o combatiam. Estes, entretanto, reconhecendo sua superioridade, nunca o enfrentavam, senão que lhe moviam guerras nas sombras e quando se colocavam em sua presença se limitavam a dificultar-lhe sua exposição com interrupções ou procuravam atrapalhá-lo com sofismas e com perguntas capciosas. Porém o Senhor com sua admirável presença de espírito, encontrava sempre e imediatamente a resposta oportuna.

Outra cousa da qual não podia prescindir um profeta e de que Jesus se apresentava como algo superior a todos os profetas, era o dom de profecia e o dom dos milagres, por mais que pese a todo o que diga ou pense o contrário.

Nisto também demonstrou o Mestre verdadeira superioridade, porque acima do profetismo enfatuado e vago dos que alcançavam impor-se desta maneira, ele chegou a manifestações precisas sobre alguns pontos que foram exatamente cumpridos, como o de sua morte, o abandono de seus discípulos, a defecção de todo o povo, o triunfo de sua doutrina e de sua própria pessoa, como havia dito: *“Vós passareis, mas meu nome prevalecerá aos vossos e quando de vosso poder e de vosso orgulho não restar já o menor vestígio, a glória do Messias, que tendes desconhecido, correrá até os confins do Mundo”*. Também

tinha anunciado a destruição de Jerusalém e a dispersão dos hebreus, e assegurou também que muitos indecisos em segui-lo, pela pouca fé em seu apostolado e pelo temor aos juízos contrários, veriam, depois de sua morte, fortalecida sua fé e suas forças, convertendo-se em entusiastas defensores das verdades que ele inculcara como enviado divino. Tudo isto se verificou com extraordinária exatidão e, do mesmo modo, o que segue: *“Desnudareis meu corpo entregando-o ao escárnio público e dividireis, entre vós, minhas vestes, pelo jogo”*. Porém, o dom de profecia era difícil de comprovar-se no momento de suas manifestações, limitando-se a conseguir esse efeito imediato o que podia produzir a voz sonante, a frase breve, o gesto irritado e as ameaças de grandes males que haviam de acontecer por castigo da continuada vida de prevaricações que o povo levava contra a lei de Deus. Contra estes profetas de desgraças, o Messias tinha com firmeza empregado todas as suas energias, sem que deixassem entre eles de arrastar bom número de prosélitos as mais das vezes. Em compensação o dom de milagres, cuja verificação devia ter lugar quase imediatamente, muito poucas vezes se lhes via.

O verdadeiro milagre, que implica numa derrogação das leis da Natureza, sabido é que não existe nem pode existir, porém eu refiro-me aqui, ao que no Messias foi considerado como milagre, milagres, finalmente, dos que vós mesmos tendes observado mais de um na atualidade. O Filho de Deus, já vô-lo disse, a quem seus irmãos haviam aplicado, por sarcasmo, a designação de Filho do Homem, estava realmente rodeado de condições especialíssimas que o elevavam de um modo surpreendente acima do povo no meio do qual atuava, e certamente não ressuscitou ninguém, porque, a de Lázaro é uma fantasia, assim como outros casos, se foi certo o do falecimento, nada houve que se parecesse com ressurreição; sendo que, depois de algum tempo, começou-se a falar dela sem que ninguém chegasse a afirmar ter visto o ressuscitado. O Messias jamais se prestou a estes equívocos, porém, necessitando do maravilhoso para apoiar sobre ele o seu caráter de Filho de Deus, poderia supor-se que não julgou prudente empenhar-se muito em negar a realidade dessas ressurreições. O que, em compensação, não pode negar-se, é o extraordinariamente benéfico ambiente fluídico que dele se desprendia. Não é exagerado dizer que os desgraçados que



a ele se aproximavam, somente por isso sentiam alívio e tranquilidade em seus espíritos. Igualmente a respeito das enfermidades, era de grande eficácia seu método mental de cura. Porém valia-se muito também do que os magnetizadores chamam imposições, sem desprezar tampouco o emprego dos vegetais que seus conhecimentos médicos, adquiridos durante a época de seus estudos em Jerusalém, lhe indicavam. Muitos foram os casos de curas repentinas, consideradas como milagrosas pelo vulgo, a ponto de afirmar-se que alguns enfermos colocados no caminho por onde ele devia passar e que tocaram suas vestes, ficaram imediatamente curados. Vós sabeis perfeitamente que isto é possível sem ter que recorrer aos milagres; porém, em verdade, não vi produzir-se o fato à passagem do Messias, senão que isto demonstra a fé que se havia generalizado a respeito do dom de milagres que lhe reconheciam como Filho de Deus que era, tal como o próprio São João, que chamais o Batista, o confirmara. Mas, já que voltamos ao título de Filho de Deus que não pode ser esquecido ao falar-se de Jesus, bom é manifestar bem alto que jamais deu o Messias a esta designação o significado de divindade, quer dizer, que se atribuiu o caráter divino... Claramente o dera a entender, às vezes, quando dizia: *“Eu vou a meu Pai e a vosso Pai, a meu Deus e a vosso Deus”* e outras frases de análogo significado.

Como já vos disse, gozava Jesus em alto grau de todos esses poderes ocultos próprios dos grandes iniciados e a influência irresistível de sua pessoa era devida em grande parte à convicção profunda, que jamais afrouxou, a respeito de sua missão divina, à sua fé inquebrantável em Deus e o vigor que seu espírito recolhia de suas continuadas horas de oração. Podia bem dizer-se, portanto, que ninguém havia atingido as alturas em que o Filho de Deus pairava e isto, entretanto, ele compreendeu em toda a evidência quando seus verdadeiros propósitos de reforma iam fracassar por completo com o único aumento de um profeta à já extensa lista incluída nas Sagradas Escrituras. Resolveu então deixar de lado toda a contemplação e, voltando a Jerusalém, onde havia perdido terreno, mudou um tanto de método para com os que o haviam combatido tenazmente, de má-fé sempre, instigados pelo poderoso partido do clero hebreu. Ele lhes respondia com energia, agora, terminando com terríveis ameaças contra aqueles que enganavam

o povo e viviam no meio do aparato do culto para encobrir as suas faltas e baixas paixões. Dizia-lhes também: *“Meu Pai é a fonte de toda a luz e eu recebo dele a que venho espalhando no mundo; unicamente por mim se pode chegar até à luz do Pai”*.

*“Vós sois sepulcros caiados por fora, mas cheios de imundície por dentro, a qual pode escapar aos olhos humanos, porém não ao olhar penetrante de Deus.”*

Deste modo, em vez de prolongar os prazos, abreviava-os. Preciso é que esse homem morra, dizia o Sumo-Sacerdote Hanan, e justamente era a morte do Messias o que se precisava para fundar solidamente no porvir a grandeza das novas doutrinas.

Morreu, pois, Jesus fecundando com o seu próprio sangue a grandeza de seus ensinamentos, os quais levavam a mais, o maior cunho de garantia, de sinceridade e de verdade, isto é, precisamente a morte de seu fundador, voluntariamente, sacrificado em penhor da pureza e elevação de suas intenções, e apesar de tudo isto, se o Senhor, desde o espaço, não tivesse encontrado em Paulo um médium que estava apropriado para continuar a sua obra, depois de morto, ela teria talvez perecido afogada na Judéia entre as estreitezas do espírito hebreu, para o qual a amplitude de vistas, o altruísmo, a universalidade de tendências do verdadeiro cristianismo de Jesus, constituíam uma imensidade incomparável e inabordável.

Os nazarenos continuaram levando na Judéia a mesma vida nômade e em comum que levavam antes da morte do Mestre, a mesma pobreza, as mesmas práticas, e o que é pior, o mesmo espírito judaico, dominante no ambiente, a ponto que não podia ser cristão quem não tivesse passado pela circuncisão, e continuava sendo a Bíblia a base de todos os nossos ensinamentos. Constituíamos, enfim, uma nova seita hebréia, com certas particularidades que nos davam personalidade própria, como a tendência para o celibato, o pouco apego aos laços de família, a crença que Jesus era o Messias prometido, Messias esperado ainda pelos hebreus e na proximidade do fim dos tempos, assim como a vida em comum, os propósitos de pobreza, a prática freqüente da Santa Ceia, que depois se transformou nisso tão estranho e tão absurdo que chamaram a comunhão, na qual se viria a comer a

carne, ou, melhor dito, o corpo e a pessoa de Jesus.

Antes de prosseguir direi o que recorro com relação a isto. Mais ou menos assim nos falou Jesus durante a última ceia:

*“Se este sentimento para com vosso Messias não diminuir entre vós, nada haverá que possa separar-nos porque continuareis sendo minha própria carne, meu próprio sangue e minha própria alma.*

*“Nada sereis se não recordardes tudo o que vos tenho dito, porque sempre estarei entre vós, pois que eu serei a vossa alma e vós minha carne e meu sangue.*

*“Tudo o que fizerdes fazei-o em meu nome, procedei como se me encontrasse visivelmente entre vós, porquanto, em verdade vos digo, sempre entre vós estarei.*

*“Uma vez mais vos abençôo, queridos irmãos meus, filhos meus, amigos meus; orai muito, pedi ao Pai que vos dê forças, pois tudo do Pai vem. Reuni-vos também quantas vezes possais em recordação desta ceia que é a minha despedida, e recordai o que agora vos digo, porque o ouvireis repetido muitas vezes por uma voz interior, que será a minha.”*

Repartiu o Mestre o pão entre todos como era costume e fez que todos bebessem de um mesmo copo, querendo significar a estreita união que ficava estabelecida entre nós e entre ele e nós, repetindo as palavras... *“E sereis assim minha carne, meu sangue e minha própria alma, pois convosco estarei permanentemente unido e com os que a vós tão estreitamente se liguem que formem um mesmo corpo e um mesmo sangue, pois é o amor dos que seguem minha palavra e se ligam à minha obra, o que me dá forças nestes momentos e o que sempre mais dará porque isto é meu corpo e meu sangue e o que não comer e beber deles não verá o reino dos céus.”* *“Grato me será, portanto, toda a vez que repetirdes esta ceia em meu nome, e eu ocuparei em todas as ocasiões este meu mesmo lugar no meio de vós e ainda que vosso olhos não me vejam, me pressentirão vossos espíritos.”*

O que aí fica constitui a síntese e o essencial do que o Senhor dissera nessa noite e a ninguém ocorreu, o mais remotamente, o significado tão estranho que se lhe veio a dar com

a instituição da eucaristia, que viria representar o fato material de tragar a carne e o sangue de nosso Senhor, representados pela hóstia e pelo vinho. Não tenho a menor idéia de criticar uma fórmula do culto católico à qual se dá muita importância; digo unicamente que o Senhor não a instituiu, porque esta é a verdade.

Depois da morte do Mestre, nos reuníamos em recordação da última ceia, chamando ao ato a Santa Ceia. Comíamos muito frugalmente, procurando reconstituir, mesmo na forma, o essencial da ceia recordada, rememorando tudo o que tinha sido dito pelo Messias e todas as circunstâncias que se haviam gravado em nosso espírito. A princípio, unicamente nos reuníamos aqueles que na referida ocasião ceamos com o Senhor, menos Judas, naturalmente, que foi substituído depois por Barnabé. Muito breve a Santa Ceia, que desde o princípio teve caráter religioso, tornou-se obrigatória para todos os fiéis, porém ensinando-se-lhes que não era seu objetivo satisfazer as necessidades do corpo, mas sim que tinha os propósitos religiosos com que o próprio Senhor a instituiu. Mas tarde unicamente pão e vinho se dava aos fiéis que se acercavam à Santa Mesa. O vinho, como sempre, circulava em um mesmo copo para todos.

Como todas as cousas, também a Santa Ceia foi perdendo o seu caráter de intenso sentimentalismo, seu entusiasmo esfriou e muitas vezes tivemos que reprimir a grosseria dos que, sem antes terem comido em suas casas, iam satisfazer-se com o pão e o vinho da comunhão. Mas deixemos de lado tudo isto que mudou depois completamente de caráter como sabeis, e ocupemo-nos mais expressamente da marcha do cristianismo, sobretudo no Ocidente, que é o objetivo desta comunicação.

Certamente, meus conhecimentos e modo de ser se elevaram muito em relação àquele que era o Pedro pescador e bem podeis imaginar a enorme dificuldade que encontro para desenvolver-me dentro do círculo estreito de minha pobre personalidade de então. Devo, entretanto, meter-me, até onde seja possível, dentro do meu pequeno molde galileu para que a verdade não sofra alteração, pois que todos os valores se referem entre si ao lugar que ocupam, uns com relação aos outros, no tempo e no espaço; é pois, pela comparação que as cousas tomam seus valores respectivos. Assim, essa concepção dos chamados mistérios, como o da Trindade e o que pela transubstanciação converte o pão em

corpo, sangue e alma de nosso Senhor Jesus Cristo, nunca puderam encontrar cabida em nossos cérebros, muito pouco fecundos certamente. Jamais, em verdade, nos ocupamos disto, sendo tudo de ordem muito mais recente.

Nós éramos simples e sinceros e nosso Senhor, por sua parte, sempre se esforçou por simplificar os assuntos de que devia tratar; portanto, essas intrincadas questões do dogma e do mistério que tanto complicam no Catolicismo a idéia religiosa, não podem ter sua origem nem nos ensinamentos de Jesus, nem nos de seus apóstolos, os quais tudo, no Cristianismo, o fizeram por motivo de sentimento, primando em absoluto a linguagem do coração. *“Ama a Deus sobre todas as cousas e a teu próximo como a ti mesmo.”* Tampouco podíamos nós, seus apóstolos, complicar o que com tanto empenho o Mestre havia colocado ao nível da maior simplicidade popular. Já se pôde ver o escasso significado do movimento nazareno ou galileu na Judéia; constituíamos uma comunidade de pobres que ao mesmo tempo fazia caridade com o que nos davam e com o que cada novo membro trazia à comunidade. Em geral nos consideravam como uma associação piedosa, uma nova seita hebréia de rezadores e penitentes, por isso que nossa propaganda foi abrindo caminho em toda a Judéia, outras povoações e cidades das regiões limítrofes não tardando em falar-se do Cristianismo, nome que pouco a pouco foi prevalecendo, até na Grécia e em Roma. Isto, mais que a tudo, justo é dizer-se, a Paulo foi devido, que, compreendo agora, era o mais bem inspirado, o melhor médium, direis vós, do Senhor, entretanto sempre o tratamos com algum receio, apesar de não admiti-lo jamais como formando parte do círculo dos apóstolos, por motivo, dizíamos, que ele nunca tinha ouvido a voz do Senhor nem participado de sua vida. Barnabé, que substituiu a Judas, tinha ouvido a palavra do Senhor e adepto tinha se demonstrado de antemão, o que não havia acontecido com Paulo, o qual, ao contrário, tinha-se iniciado como inimigo de Jesus e de seus seguidores. Um milagre, pois que assim foi chamado, abriu-lhe os olhos; porém, se não foi um milagre, foi com toda a certeza obra do mundo espiritual, sob a direção do próprio Jesus, que, enfim, era quem se manifestava. A espontaneidade do fenômeno e a firmeza do que dizia, apesar dos pensamentos e da vontade de Paulo, contrários aos propósitos sustentados pela manifestação,

permitiam ver a classe da faculdade (palavra que encontro no cérebro do médium) de que o novo apóstolo dispunha, e os acontecimentos ulteriores, ou toda a vida e obras deste que se seguiram, comprovam a faculdade ou mediunidade, como deve chamar-se, e o constante exercício que dela fez durante seu ativíssimo apostolado.

Apóstolo, disse eu, porque bem depressa compreendi, depois de minha morte, que o era mais que nós, porque foi ele quem salvou o Cristianismo do estacionamento de que estava ameaçado na Judéia, porque, se é bem certo que da morte do Messias nasceu nosso iluminismo, centuplicando-se nosso zelo e atividade, ele desenvolvia-se em meio das estreitezas de um espírito por demais judaizante, a ponto de oporem-se sérias dificuldades a que a propaganda cristã fosse levada mais além da Judéia e muito menos que se admitisse na Igreja um incircunciso. Eu mesmo, acompanhado principalmente por Tiago, sustentei a princípio essa tese e quando Paulo, que vinha predicando o contrário, foi a Jerusalém para discutir este ponto comigo e com Tiago, logrando convencer-nos, tão depressa saiu de Jerusalém, os outros, fundamentados em minhas manifestações anteriores, convenceram-me novamente do contrário, fazendo manifestação pública neste sentido, repetidas vezes durante a Santa Ceia, em Jerusalém e depois em Alexandria. Isto, soube-o Paulo, porque havia ali alguns incircuncisos que tinham sido por ele próprio introduzidos, com escândalo, verdadeiramente, para os nossos. Então, sem perda de tempo e sem dúvida com grandes sacrifícios, voltou ele entre nós e com a energia da sua convicção muito censurou em público minha inconseqüência, curvando-me eu à sua razão, porém não sem que se levantasse certa indignação contra ele, da maior parte dos cristãos que ali estavam presentes, todos circuncisos menos um que viera com o próprio Paulo. Porém, do meu íntimo, confesso-o, acreditava na necessidade da circuncisão por motivo, principalmente, de haver dado o próprio Mestre exemplo de submissão a ela. Quanto aos demais, a resistência passiva tacitamente estabelecida com respeito a Paulo, seguiu seu curso, a ponto que nada se lhe comunicou jamais a respeito do que tinha sido posto em prática por Jesus e ainda quando nos deu a entender, tanto a Tiago como a mim, nas duas ocasiões que estive conosco em Jerusalém, que desejava conhecer o que Jesus tinha

deixado como norma a seguir-se em sua Igreja, quer dizer, aquilo que de seus ensinamentos se devia tomar como oficial, nada nós lhe dissemos de concreto, nada que pudesse implicar num ensinamento ou numa revelação para ele. Parecia, para dizer a verdade, que com isto temíamos diminuir-nos diante dele, ao comunicar-lhe cousas que tivessem podido parecer-lhe de pequena importância a ele, que talvez fosse disposto a ouvir de nossos lábios relatos maravilhosos, sobrenaturais, da ação do Messias. Os outros apóstolos, excetuando-se Barnabé que era o único que se esforçava por fazer desaparecer a desconfiança e a frieza com que o apóstolo era acolhido e tratado, pois ninguém se lhe acercava, nem mesmo João, apenas Tiago e eu, que o fizemos participar de todas as nossas reuniões, pedindo-lhe ao mesmo tempo que se empenhasse para que a Igreja do Ocidente ajudasse a da Judéia a socorrer aos seus muitos pobres. Assim o fez com a maior eficácia para nós, nas duas ocasiões.

Apesar do que está dito, foi de grande importância a vinda de Paulo a Jerusalém, pois estabelecemos um critério de harmonia entre as duas Igrejas que devia ser inquebrantável, devido ao qual quase sempre se salvaram, pelo menos, as aparências tão necessárias para o prestígio da fé, tratando-se de espíritos muitíssimo atrasados.

É um ato de justiça o fazer ressaltar o proceder de Paulo, que, vendo os antagonismos que vinham surgindo entre as duas igrejas e a prevenção que existia contra ele e sua atuação com o caráter de Apóstolo de que se dizia diretamente investido pelo próprio Jesus, teve espontaneamente a idéia, e a pôs em prática, de aproximar-se aos discípulos diretos de Jesus, recolher de seus lábios os ensinamentos do Messias e submeter-se a eles, sinceramente disposto a reconhecer a prioridade deles e sua superioridade na jerarquia moral, como companheiros nas vicissitudes da vida do Mestre. Porém queria, em compensação, que sua autoridade, como Apóstolo, fosse reconhecida e ainda aumentada, com a completa participação que se lhe desse nas cousas e instruções do Senhor. Assim não sucedeu, como acabais de ver, devido à nossa timidez e atraso que nos fizeram retrair dele, fugindo a todas as suas perguntas referentes às particularidades da vida, paixão e morte do Filho de Deus e limitando-nos a falar das generalidades de todos conhecidas.

Passou, apesar de tudo, Paulo uns quinze dias ou mais entre nós, intervindo em todos os nossos atos religiosos e de propaganda, assim como na distribuição de esmolas e visitas a enfermos, presenciando também alguns exorcismos de atuados por maus espíritos. Ele também, depois de sua primeira visita, apesar de ter feito já milagres de cura de enfermos, livrou a muitos possuídos do demônio. Desde a sua primeira visita, sentido em seu íntimo pela falta de consideração de nossa parte, que antes procedíamos por indecisão e por falta de uma norma para o caso, que guiasse a nossa ignorância e timidez, modificou seus propósitos de submissão, deixando a descoberto o seu caráter, demonstrando-se com mais capacidade para falar que necessidade de escutar, com sobrada autoridade para não precisar do prestígio que nós lhe pudessemos outorgar, pois que o havia recebido do próprio Jesus, sendo tão direto seu apostolado como o nosso. Foi então que imediatamente o cercamos de maiores considerações, sentindo-nos impressionados pela espontaneidade com que de improviso se levantou, falando-nos como inspirado e dizendo: *“Eu, Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo, não pelos homens designado, mas sim pelo próprio Messias estatuído, em verdade vos digo, e em seu nome vos reitero, que uma só há de ser sua Igreja, não de Pedro, nem de João, nem de Paulo, mas sim do próprio Jesus, que é o único e verdadeiro Messias que veio para redimir o mundo com sua luz e com o brilho que ela tirou de seu martírio. Levantemos, pois, os fochos que ele pôs em nossas mãos para dissipar as trevas que envolvem o mundo, levando a todas as partes seus ensinamentos e seu exemplo, em vez de fomentar o perigo da desunião entre seus seguidores com desconfianças infundadas e com idéias de um judaísmo estreito, quando da Samaritana bebeu água Jesus e quando ele próprio tão longe levou de Jerusalém seus ensinamentos...”* Assim continuou falando com veemência por algum tempo e nós o escutávamos atentamente, tendo-se mudado a nossa desconfiança em profundo respeito. Desde esse momento tacitamente lhe foi reconhecida certa autoridade e temíamos desgostá-lo, sem deixar de ser-nos algo molesto esse ascendente da parte de um quase apóstolo que não nos tinha sido apresentado pelo Mestre, porém que em suas palavras revelava o espírito de seus ensinamentos, e de seus atos transluzia a influência do Divino Redentor. Alguma união nasceu disto para as



duas igrejas, tanto mais que fraqueava a nossa supremacia apostólica devido à indecisão com relação ao que constituía a essência dos ensinamentos do Mestre e que implicava verdadeiramente numa completa reforma do Judaísmo sobre a base da teoria das reencarnações, da pluralidade dos mundos habitados e do progresso, como lei primordial do Universo. *“Preparai primeiro com muito tino o terreno, nos tinha dito Jesus, para a compreensão destas verdades e depois procurai inculcá-las, paulatinamente, no povo; fazei-o com muita prudência sobretudo a princípio, porém também com muita constância. Isto constitui a verdade maior do Universo e sem sua compreensão nada poderá explicar-se ao homem e incompreensível lhe resultará toda a idéia referente à divina justiça, base da moral e eixo sobre o qual devem girar as instituições humanas, civis e religiosas, porque vossa justiça deve ser um derivado da divina justiça.”*

Nós carecíamos por completo de decisão para levar avante estas doutrinas, que, afinal, apesar dos esforços do Messias, não haviam logrado amalgamar-se com o nosso modo de pensar e de sentir, resultando-nos finalmente, mais fácil e mais prático impressionar os nossos ouvintes com as chamas eternas, o pranto e o ranger dos dentes na Geena, que o de falar-lhes de reencarnação e da justiça divina, em uma forma muito elevada, até para nós mesmos, forma a mais racional e compreensível, porém menos impressionante e por isso mesmo aceitável. Agora mesmo podeis comprovar como depois de tantos séculos de evolução, ainda povos do Ocidente aceitam com mais facilidade, sem compreendê-las naturalmente, as idéias de céu e inferno que as de reencarnações e progresso. Isto é devido, sem dúvida, à preguiça mental que dá preferência às doutrinas dogmáticas que excluem todo o trabalho do pensamento. Apesar disto não deixaram de ensinar-se essas verdades, tanto mais que nas comunicações que se recebiam normalmente, sobretudo nas igrejas do Ocidente, sempre que era oportuno, faziam-se referências claras e afirmações categóricas a respeito deste modo de explicar a justiça divina, o único, dizia-se, ajustado à verdade, aos fatos e à sã lógica. Porém, também pouco se popularizavam ditas doutrinas, porque ninguém reflexionava a respeito delas a não ser os doutores, cujas idéias mal compreendidas pelos amanuenses encarregados de recolher e

copiar conjuntamente com os “ditados do espírito” (comunicações recebidas nas igrejas) as observações a que tivessem dado lugar, resultavam mal expressas pela alteração, ao copiá-las, das palavras mal compreendidas. É fácil compreender-se as transformações que os escritos podem sofrer ao serem copiados por quem não os compreende. Assim também acontece com toda a “comunicação”, quando o cérebro do homem que serve de intérprete para com o espírito que se comunica lhe é muito inferior em preparo. Por isso tudo o que nos Evangelhos às encarnações se refere, tudo o mais ambíguo resultou. Unicamente no Evangelho segundo S. João se vê completa claridade. Esta também aparece, sem dar lugar à menor dúvida, em muitos outros escritos contemporâneos, sendo que os católicos, uma vez decretado o dogma das penas eternas, fizeram desaparecer todo o testemunho que pudesse ser-lhes desfavorável<sup>1</sup> e o que não conseguiram fazer desaparecer, declararam apócrifo ou herege, valendo-se para isto, da autoridade e da força quando chegaram a tê-las à sua disposição. Mas, antes que isto sucedesse, estas verdadeiras doutrinas do cristianismo conseguiram muitíssimos prosélitos e se o triunfo não as coroou, devido à violência com que foram tratadas, deixaram o terreno preparado para o seu ressurgimento que agora tem lugar. Sucede, pois, agora o que antes devia ter acontecido. É o mesmo Cristianismo o que se manifesta atualmente entre vós, completando-se agora no que antes não pôde levar até ao fim, pelo empenho em contrário dos que dispunham da força e a faziam prevalecer contra a verdade, a favor de seus mal compreendidos interesses.

Certamente, não se pode negar que houve perplexidade sobre este ponto, tanto no Ocidente, como já o disse, como no Oriente, quanto à propaganda cristã, devido às manifestações referentes às penas eternas que o Messias havia feito repetidas vezes perante o povo. Paulo, assim como nós, pouco falou disto e geralmente o fez com seus íntimos ou entre as pessoas de maior

1 - Estas palavras de Pedro trazem verdadeira luz sobre estes pontos essenciais do Cristianismo: pluralidade de existências e de mundos habitados. Verdades que o catolicismo proscreveu, destruindo tudo o que a tradição dava como dito por Jesus sobre este assunto. Isto se deduz claramente dos próprios escritos da história eclesiástica, porém as palavras de Pedro aclaram tudo isto de uma forma completamente de acordo com a crítica e a análise, tanto dos escritos reconhecidos pelo catolicismo, como, e mais ainda, dos declarados apócrifos, por ele.

jerarquia entre os cristãos. Porém o tema, como já dei a conhecer, ofereceu-se muitas vezes nas comunicações recebidas, tendo-se que abordar forçosamente a questão, porém, naquele tempo, as penas eternas, dizia-se que as acreditavam os condenados, para quem os sofrimentos pareciam não terem fim. O tempo é sempre muito longo para os que sofrem e como no mundo dos espíritos não há medida para ele, de maneira que os centos e os milhares de anos nada têm de extraordinário, facilmente em seu atraso, os tomam pela própria eternidade.

A verdade é, entretanto, que ainda depois de constituído o dogma das penas eternas, chegou o reencarnacionismo a apoderar-se de todas as consciências ilustradas, entre os próprios Doutores e Padres da Igreja Católica já definitivamente estabelecida e se bem que isto sucedia muito depois da morte de Paulo, é indubitável que a orientação do trabalho ativo que ele impôs à Igreja do Ocidente, desde o princípio, foi o que a encheu de seiva vivificante e é a mesma que agora também dá provas de sua energia, conduzindo em seu seio, mais ostensivamente que antes, a tal doutrina das reencarnações, não já dentro da Igreja, senão fora dela, porque são os espíritos os que evoluem e progredem, não as cousas nem as instituições, que morrem logo que os espíritos as abandonam.

Entretanto não é de duvidar-se da imensa obra levada a cabo por Paulo, guiado unicamente por sua mediunidade e por sua grande fé. Medianimicamente eleito e consagrado apóstolo, o foi com maior verdade que os outros, porque seu iluminismo vinha diretamente de cima sem os reflexos humanos que em Jesus homem diminuía a intensidade do brilho de Jesus espírito. Sem dúvida, foi-lhe preciso ver nosso modo de agir e de conduzir-nos em nossos trabalhos na vinha do Senhor; porém, bastou-lhe ver, para que todos os poderes que em nós atuavam se revelassem nele também, com igual ou maior intensidade, tanto na cura de enfermos e nos exorcismos como na clareza da inspiração. Tudo isto que se refere simplesmente ao medianismo, como vós dizeis, constituía naquele tempo, repito-vos, o dom de milagres com que se distinguiam os enviados de Deus.

A pureza de sua vida, santidade de pensamentos, suas continuadas orações, sua grande fé e o esforço constante para ser humilde, aumentaram os dons de sua mediunidade, correndo a sua fama por todas as partes e acorrendo a ele, de todas as partes

também, os perseguidos e os desgraçados.

Todos os que tinham fome e sede de justiça apartavam-se dele consolados e iluminados, levando por todas as partes, até à própria Jerusalém, os consolos e a luz que receberam de graça para que as dessem de graça, por sua vez.

Ó Paulo!... Tu foste verdadeiramente grande, o Grande Apóstolo do Cristianismo!

PEDRO

### ***CAPÍTULO XXX***

***O Apóstolo João explica sua posição em meio da pequena igreja galiléia e a sua atuação posterior, aproveitando o momento para esclarecer muitos pontos obscuros dos princípios do Cristianismo.***

O que disser: não tenho pecado, a si mesmo enganaria e se eu vos disser que não tenho pecado, me torno mentiroso e não está em mim a palavra daquele que veio em nome do Pai para o conhecimento da verdade que do Pai é. Mas se longe estava João da pureza do Salvador, seu coração estava no entanto com ele, que sob seu amparo o cobriu e como filho amado o tratou.

Como vos digo aconteceu: que estavam unicamente com Jesus, Cefas e Simão<sup>1</sup> na aprendizagem do apostolado aos quais o Messias havia dito: pescadores sois de peixes, mas vinde, segui-me e pescadores vos farei de homens; e nesse tempo minha mãe, chamada Salomé, ouvia a Jesus com grande fé e devoção na palavra de Deus, e compreendendo ela que era ele verdadeiramente o profeta esperado, o filho de Deus vivo, quis dependência dele para seus filhos, no amor, nos ensinamentos e na obediência, como pai, mestre e senhor. Estes eram: Tiago meu irmão mais velho, e eu, João.

1 - Que é conhecido por André.

Nosso pai, Zebedeu, achou bem como a mãe e levados fomos à presença de Jesus, que nos recebeu com o amor que lhe era comum, sendo-lhe estimada a família de Zebedeu que fé e devoção nele tivera.

Já disse portanto, sem culpa não devo dizer-me, porém os curtos anos, a natural vivacidade e muito loquaz, compreendendo também mais depressa as cousas pelo Mestre ditas, davam-me, perante o Senhor, alguma aparente preferência e dela não soube João usar para o bem, mas sim, para querer elevar sua própria pessoa de discípulo preferido. Tão-somente a Cefas, ou Pedro como se lhe chamou desde esse tempo, tinha João em consideração, por seu grande zelo e firmeza no amor do Mestre e cumprimento das cousas que dele vinham.

A vaidade e a falta de experiência chegaram desta maneira a ser causa de alguns ciúmes na família de Jesus e discutindo com mau modo, ainda que com razão muitas vezes, estabelecia causas de pequenas discórdias. Meu irmão Tiago vinha sempre em meu apoio. Era ele também vivo e inconstante no temperamento, sendo que na iniciativa acanhado era e em ajudar o irmão era o contrário.

Muito pouco certamente era de importar, para a pequena comunidade, os ditos ciúmes e a tais dissensões entre os irmãos. É preciso, porém, considerar a diferente natureza de todo o homem, e é por isso que Judas, chamado o Iscariote, débil de corpo, com timidez e retraimento em sua pessoa, deu-se em acreditar que não o tomavam em consideração e as aparentes preferências do Senhor por Pedro e por João abriram profunda ferida em seu coração. O espírito do mal trabalhava invisivelmente e faltou-lhe a confiança no Mestre, que o teria salvo; antes o entregou, porém não por dinheiro, que ninguém lhe ofereceu, mas sim por idéia de sua vingança.

Judas, caído no arrependimento assim que o mal praticou, internou-se no campo, vida levando de pena e de trabalho. Espírito de luz é hoje como os outros discípulos do Senhor.

João pôde bem desinteressar-se um pouco de si próprio para aproximar-se do irmão e libertá-lo das trevas de seu coração com palavras de amor, enquanto que somente de fantasias e do desejo de glória apostólica cheia tinha eu minh'alma.

Irmãos meus: Qualquer que comete pecado, transgressão faz também à lei e para o cumprimento dela, nela mesmo

castigado é o transgressor, encontrando entrada o espírito maligno. Ele age depois tentando a cada qual em suas fraquezas. Assim sucedeu portanto que não tentou a João na maldade o espírito maligno, mas sim em suas fantasias, dadas a exagerar todas as cousas do Mestre, querendo elevá-lo até Deus para elevar-se depois até ele também. Porém o amor de João era grande. Sua fé, grande era também e sua vontade como as duas. Queria o engrandecimento da doutrina elevando o seu divino divulgador e perante até os outros apóstolos, engrandecimento demonstrava de tudo o que ele só lhes dizia saber ou haver visto do Mestre.

Eis, portanto, que o espírito maligno preparava nele as causas do que mais tarde aconteceu em Éfeso.

Tudo o que saído foi da boca de João em sã intenção foi para o amado Mestre e também os milagres não foram assim como meu exagerado caráter os pintou; não foi somente João que os afirmou, mas sim também os outros discípulos e muitos de seus ouvintes. Exagero, devo dizer, não falsidade, pois milagres eram nesses tempos a visão do ainda não acontecido, o conhecimento do pensar de outro, a cura de enfermos incuráveis, a liberação dos espíritos imundos dos pecadores dominados por eles. Isto o Senhor fazia e ensinou-o a fazer aos seus discípulos também; porém, o que de verdade há em chamar-se milagre não existiu e de sua invenção a João por completo pertence a iniciativa; os outros discípulos submeteram-se pouco a pouco ou calaram e depois aceitaram e também como eu, falaram afinal.

Se eu vos disser, portanto, que não tenho pecado, torne-me mentiroso, porém o tal pecado em falar dos milagres que não existiram, eis que para bem vieram, como pelo próprio Jesus dito é.<sup>2</sup> O espírito maligno, portanto, apesar de procurar o mal, fez o bem, porquanto até o mal e a própria morte<sup>3</sup> hão de servir de

2 - Deve referir-se à seguinte passagem da Vida de Jesus, 2ª Parte: "A superstição e o desejo do maravilhoso, fomentados pelas fantasias de um discípulo que muito longe se encontrava dos verdadeiros propósitos do Mestre, rodearam a minha pessoa dos prestígios da divindade, pela divulgação de falsos milagres, concorrendo com isto a que corresse o povo ao encontro do portador da boa nova do novo profeta, do Messias tantas vezes anunciado" etc.

3 - "Admiremos e adoremos os desígnios de Deus, que de tudo e todos os momentos fazem brotar o bem e o amor, a harmonia e a luz, ainda quando tudo parece desfalecer e até quando a morte põe seu selo, aterrorador para vossos olhos como cortando toda a esperança e matando a fé; é então quando tudo rejuvenesce e se renova no Pai e pelo Pai, que é finalmente, o principio e o termo de todas as coisas." (Vida de Jesus, 2ª Parte).

pedestal ao bem, pois tal é a lei de Deus.

Isto foi quanto aos fatos do Messias; nos tempos porém que decorreram depois de sua morte, nas doutrinas confusão trouxe também sua fantasia, por querer fazer melhor, em recordação e amor, das palavras do Mestre, sendo porém que o espírito maligno da vaidade, ainda que fosse pouca, porém grande por ser do apóstolo, porta aberta encontrou no curto entendimento do discípulo predileto de Jesus. É assim, portanto, que muito trocadas foram as palavras do Messias no Evangelho de João, que aos outros arrastou em parte, dando-lhe a todos para dizer da anunciação do anjo, do nascimento de uma virgem, da morte dos inocentes e outras cousas que João soube de conhecimentos adquiridos nas cidades que visitou quando se dispersou a primeira igreja, pela destruição de Jerusalém, no ano 70 de Jesus Cristo.

Pecado portanto houve em João, porém não a intenção do mal; sim, mais desejo do bem em seu coração por amor do Mestre e pelo maior valor que nesciamente acreditou dar às suas palavras, perante os homens. E é verdade que nós, unção do Filho de Deus recebemos e o amor e a fê estavam em nós e tudo assim para nós era levado e o pecado de João foi muito maior que outra cousa, pela falta do entendimento no qual soprando o espírito maligno e entre o vaidoso de seu coração, que pouco via já a humildade da doutrina, fez-lhe ver o que não devia, quer dizer: Quis engrandecimento dar às cousas que de Deus vinham e que maiores por isso eram; porém o grande fez pequeno e das causas de Deus cousas de homens.

Porém no tempo que isto fiz, cegos eram os entendimentos e as cousas assim ditas mais valor por certo encontravam, do que se a simples verdade ouvissem. Contrário, porém, é hoje o fato, chegando as gentes a desconhecer não somente os milagres mas também as cousas dos grandes espíritos, o que o grande espírito de Jesus pôde fazer e fez. Assim, em tal causa não dão já testemunho de Cristo e da palavra que do Pai recebeu e em seu nome aos homens ensinou. Grande prejuízo é, pois, agora o de João. Mas eis que volta o Messias para restabelecer as cousas como estava anunciado e eis também seus apóstolos trazendo-vos cada qual o que lhe foi ordenado.

Porém, ao aproximar-se João até vós para o restabelecimento da verdade, há de fazê-lo de maneira que, em sua

essência e em sua forma, o verdadeiro esteja certamente com a pessoa desses tempos,<sup>4</sup> não se afastando do que então foi. Hei de recordar portanto os passos dessa época que tão dilatada foi para o apóstolo João que, João o Velho deram em chamar-lhe.

Ensinado por mim foi, não deve duvidar-se, o Evangelho de São João, mas não na letra que o conheceis, apesar de ter sido bem o espírito do discípulo predileto quem o inspirou. Assim, portanto, verdade fala quem diz: João escreveu o Evangelho; e assim pois verdade também fala quem diz: João não escreveu o Evangelho. Quer isto dizer que o apostolado e o ensinamento são de João, mas a letra é e em parte não é. Depois da prisão que sofreu por ordem do Imperador Domiciano e do desterro em Éfeso com que o César o castigou, voltou outra vez a Éfeso quando da morte do mesmo Imperador e começou a preparar as cousas do Evangelho com diferente idéia da que no ano 70 de Jerusalém consigo resolveu. Não, em verdade, o espírito outra coisa fez senão engrandecer propôs-se a influência que pudesse ter sobre os gentios. Disse, pois, assim João: Aqui em Éfeso, em que a tanto a filosofia subiu, muito pouca coisa é a simples doutrina nazarena ensinada por Jesus aos também simples galileus, porém Jesus mais sábias doutrinas aqui houvera dado aos homens que aqui estão porque, sendo Jesus o maior, não há de haver doutrina mais elevada que a dele. E eis, portanto, que entreguei-me ao que nesse tempo chamado era a inspiração do Espírito Santo, e assim, não o Espírito Santo, mas o espírito de meu ofuscamento fez-me escrever e mudar as unguidas palavras do Messias nas frias palavras daquele que suas fantasias quer estabelecer com o raciocínio.

A teologia estranha com nascimento na Ásia Menor nesses tempos e que em Éfeso maior crescimento teve, grande influência alcançou em meus ensinamentos, mas não tal como no Evangelho de meu nome se encontra, porquanto acréscimos e mudanças de

4 - É sabido que a personalidade atual de um espírito é a resultante de todas as personalidades que teve, porque a diversidade de condições de cada encarnação e o esquecimento do passado determinam de certo modo mudanças de personalidade, por mais que cada homem traga em si o substratum de todo o progresso adquirido e guarde inalterável o seu caráter. O espírito toma pois todo o progresso adquirido e a lembrança de todas as suas existências. Agora o que João quer dizer, é que, para ser inteiramente fiel à verdade, esqueceu-se de suas encarnações posteriores, fixando-se na que teve então; daí também a forma antiquada de seu modo de escrever. — Nota do Sr. Rebaudi.



importância há no que João ditara a seus discípulos, e no princípio do Evangelho, principalmente, nada é de João.

Os sublimes discursos do Messias procurava eu fazê-los de importância maior nos ensinamentos a meus discípulos de Éfeso e eles, assim dessa maneira vô-los transmitiram e é por isso que falta-lhes, de certa maneira e completamente, sua original sublimidade; saboreai no entanto o dizer de Mateus no Evangelho que de seu nome se escreveu em Betânia, por seus discípulos também, poucos anos antes que o meu. Tais discursos, a palavra e o espírito do Messias em si levam, mas os de João frio reflexo somente em si mostram.

Por escrever certamente as “*Revelações*” que primeiro existiram, foi que no ano 95 do Senhor, moveu perseguição aos cristãos o Imperador Domiciano e fez-me meter primeiramente em cadeias em Éfeso, onde vindo era João para ensinar “*O Evangelho*”, desde os dias da destruição de Jerusalém. Antes, já conhecido era, com Pedro, em Éfeso, e levado também havia as palavras do Messias; somente mais tarde lhe chegou a idéia de estabelecer-se no lugar, inteiramente, para os propósitos do Senhor. Estabeleceu João assim em Éfeso base para a Igreja do Oriente, entretanto o Imperador, não satisfeito com as cadeias de João, quis dar-lhe morte; mudada, porém por Deus sua idéia, bastou servir-lhe de desterro a ilha de Patmos. Foi, no entanto, nesse lugar que escreveu a “*Revelação*”, sendo já a outra metade de ano 95 do Senhor. Chegado o ano 96, livre viu-se João pela morte do César, indo ocupar seu apostolado em Éfeso, onde se ocupou em ditar “*O Evangelho*” assim como se ocupara antes em ensiná-lo a seus discípulos. Sopravam, porém, neles as idéias estranhas de novas doutrinas que em públicos ensinamentos muito valor a alcançar chegaram, e é por isso que, no brilhante, singelo e sublime das palavras do Senhor, as que já João diminuía, confusão levantaram-lhes ainda os discípulos deste. Prova vos dá a melhor, disto, o capítulo I que nada tem de João.

Toda a verdade deve ser dita, somente o capítulo XXI, todo inteiro, completamente, é de João, sendo que ele mesmo, como já dito foi, chegou a tomar parte das tais idéias com intenção de pôr em maior destaque o que dito foi singelamente pelo Mestre. Chega portanto ao justo conhecimento das cousas: que João ditou “*O Evangelho*” a seus discípulos os quais porém somente o

espírito guardaram. É assim, portanto, que em vossas mãos está a palavra do Messias com inteira certeza no que da doutrina é, se bem que nas palavras, diferença haveis de encontrar. Em Mateus pode-se dizer que a palavra e a doutrina do Salvador estão inteiramente. Em Marcos do mesmo modo estão, porém principalmente em Mateus. Do apóstolo Lucas não chegou a escrever-se o Evangelho. Outro Lucas, a quem Galiléia e Jerusalém não conheceram, na Ásia Menor, porém com empenho buscou as cousas pelos discípulos dos apóstolos ditas. Estava também em Damasco um discípulo direto do Senhor, chamado Ananias, que a Paulo para curar viera nos dias de sua consagração pelo espírito do Senhor, quando vinha Paulo de Jerusalém a caminho de Damasco. Ananias do mesmo modo consultado foi por Lucas, ou melhor Lucano, para o Evangelho que empenho em escrever ele teve e Policarpo também, discípulo de João, perguntado foi e assim vistos foram de iguais documentos e contudo escreveu Lucas um Evangelho bom, se bem que não procedesse de nenhum discípulo direto do Senhor. Os três outros, pode dizer-se, saíram: Mateus, no ano do Senhor 89; Marcos 91; e João 96. Pode dizer-se, quer dizer: que por esses anos Mateus e Marcos ocuparam-se em escrever guiados por Pedro; Mateus juntou notícias e discursos do mestre em língua aramaica; Marcos dedicou-se principalmente em escrever sentenças e anedotas do Senhor e fê-lo em língua hebréia. Os discípulos destes, porém, logo que pouco depois estes apóstolos morreram, maiores cousas acrescentaram aos mesmos ensinamentos daqueles. Sucede no entanto que tais terminados primeiro foram que o de João, o qual pouco depois se viu no ano 96 do Senhor. O de Lucas, porém, não é já do primeiro século, sim da metade do segundo, isto é, por cerca do ano 140 do Senhor.

A importância que do escrito, naquele momento, não se deu, foi em razão da proximidade dos tempos. Sendo que todas as cousas em renovação, caídas ver-se-iam. Que era de importar aos homens que fossem escritas? Aproximava-se o Reino de Deus, chegando já a erguer-se sobre a destruição do velho, passado e mau, levantando-se sobre toda a morte, toda a vida. Havia-se então de escrever para os mortos?

A anunciação, como escrito está na história, se não existiu certamente, sempre se disse que, em vozes misteriosas faladas<sup>5</sup>

ouveu-se do Messias vindouro a anunciação e em sonhos também, isto é, de Jesus, de quem não pode duvidar-se que tudo o que escrito estava encontrou seu cumprimento, também como o Batista o disse: “*Este é aquele de quem disse: Depois de mim vem um varão o qual é antes de mim, porque era primeiro do que eu*”<sup>6</sup> e certamente, espírito maior que Jesus jamais veio entre os homens, que tinham de vir. Obrigado vê-se ele mesmo, no entanto, a demonstrações mais pequenas de si próprio do que em verdade comportava sua pessoa, sendo que os dons que vós chamais médiuns, mais que ninguém ele alcançou,<sup>7</sup> o que junto com a inteligência, perspicácia e sua grande vontade, tinham-no mais alto colocado e com maior poder que nenhum outro homem. Se, portanto, milagres não pôde fazer, porque tampouco Deus pode, grandes cousas porém, por ele aos homens foram feitas para que os homens nele acreditassem, sinais são que do Pai recebera ministério. Nenhum nome mais odiado é e mais temido que o de Jesus, pelos espíritos do mal e nenhuma pessoa foi, é e será mais tenazmente perseguida pelos homens inimigos de todo o bem que a personalidade do Mártir do Gólgota. Prova é isto que ninguém há maior que Jesus entre os homens.

Depois do desaparecimento material do Mestre, somente em sua lembrança e amor ocuparam-se a princípio seus discípulos, por inteiro entregues às manifestações de sua ressurreição espiritual. Poucas vezes certamente deixou-se ver o Senhor de todos os seus discípulos reunidos, mas muito freqüentemente, entretanto, de dois ou três discípulos reunidos, principalmente de

5 - Isto indicaria apenas um simples fenômeno de mediunidade auditiva, sendo que então tais fatos eram atribuídos ao “anjo de Deus”. Dada a transcendência da missão de que Jesus estava encarregado, nada de extraordinário teria o fato da anunciação se o despojarmos de toda a idéia do sobrenatural, de que foi rodeado, porque outras anunciações têm tido e têm lugar em casos de muito menor importância. Unicamente é necessária a mediunidade.

6 - É este um conceito que em todas as comunicações aparece, ainda que de formas diferentes, isto é: que nenhum dos espíritos que encarnaram sobre a terra alcançou a elevação de Jesus. — Nota do Sr. Rebaudi.

7 - Agora mesmo existe entre nós mais de uma pessoa que pode manifestar-se a grandes distâncias, logrando ser vista em algumas ocasiões, percebida por seus fluidos mais freqüentemente, conseguindo proporcionar melhoria ou alívio sempre. Se isto podemos fazer nós, o que não faria Jesus? Deve-se observar que não são os conhecimentos científicos e filosóficos os que conduzem à aquisição destes poderes. Eu desafio a que se me apresente alguém que tenha exercido a magnetoterapia com inteiro altruísmo, como um apóstolado durante uns vinte anos e que não tenha esta faculdade. — Nota do Sr. Rebaudi.

Pedro e de João. O que chamado é “*a visão de Pedro*”, um sonho dele foi somente. A pesca milagrosa, abundância recolheu somente seguindo conselho de um homem que viera falar a Pedro desde a costa, no qual mais tarde, com André, Tiago e João, acreditaram ter visto o próprio Mestre, que na ofuscação de seus espíritos, desconhecera. Os tais casos que da fantasia e fé ardente dos discípulos confusão foram fazendo com fatos verdadeiros, antes da morte e depois da morte do Messias, fizeram enredadas relações na lembrança depois dos discípulos dos apóstolos os quais destes receberam o Evangelho e completaram mais tarde com acréscimos de suas recordações. É certamente para notar que passam sempre sem atenção dos homens as cousas de maior importância, fixando-a no entanto nas menos importantes que principalmente vêm bater em suas vestes, das quais escrava dependência guardam ainda. Tanto mais alto alcançareis em perceber a verdade quanto a maior independência dos sentidos chegardes, quer dizer que o espírito chegará à dominação dos sentidos antes que estes sobre o espírito.

Não está portanto em vós o modo de apreciar os fatos de Jesus, alguns dos quais, João, espírito mais velho que vós, não chegou ainda a compreender e outros dois mil anos sendo passados, o abismam em seu entendimento por sua imensidade e cegam seus olhos a muita luz deles. Os homens no entanto somente as palavras vêem e mais que tudo trazem confusão a seu entendimento os chamados milagres, sendo que nem sequer ainda o conceito da fé e da oração é compreendido depois de quase dois mil anos. Unicamente as palavras e o raciocínio sobre tais conseguis alcançar, porém a essência delas não a percebeis. É-vos necessário portanto nascer de novo, renascer e tornar a nascer para compreender, para dar com a essência dos simples ensinamentos do Messias. De boa vontade nesses tempos veio o Senhor para dizer: “*Se vos disse cousas terrenas e não as acreditastes, como acreditaríeis se vos falasse das celestiais?*” Os discípulos, portanto, eles também jamais estiveram no inteiro entendimento das cousas por ele trazidas ao mundo. Significação fácil em aparência muitas vezes têm as cousas, enquanto que escondido guardam o espírito delas.

João, também da recordação dos ensinamentos do Senhor recebidos, é lhe dado agora vir deles em muito maior

aproveitamento, sendo assim que: o que era desde o princípio do Pai era, porque todas as cousas são dele e dele vem toda a vida; dele, portanto, vida eterna<sup>8</sup> para trazer-nos veio o Filho, porque a graça do Pai pelo Filho temos e é por isso que tudo o que no Messias era e todos os seus fatos e ensinamentos testemunho davam do alto ministério que de Deus recebeu, e assim também dele ouvimos: *“Eu vim em nome de meu Pai e não me recebeis: Se outro vier em seu próprio nome, a ele receberéis.”* *“Mas eu tenho maior testemunho que o de João, porque as obras que o Pai ordenou-me que cumprisse, as quais eu executo, dão testemunho de mim, que o Pai me enviou”*.

É assim agora, que, se naqueles tempos as fantasias e os milagres inventados por um discípulo deram notoriedade ao Mestre, eis que obrigado se vê a vir novamente e dizendo assim, que o milagre nada tem com a doutrina e a doutrina nada tem com o milagre, sendo que este não existiu, enquanto que a doutrina do Pai vive em todo tempo.

No dizer do Senhor: *“Eu milagres não fiz”*, verdade diz, e ouvido é dos que não querem milagres; estes, porém, a verdade não compreenderam, porque entendem que o Senhor não fez as grandes cousas que vindo foi para cumprir.

Em verdade vos digo, porém, que a presença de Jesus somente bastava para impor sua pessoa; da frente e dos olhos dele parecia sair luz: a palavra com doçura e com sentimento dita, ao coração chegava dos ouvintes e saía da sua pessoa num fluido tão suave, que a curar chegava muitas vezes os enfermos que dele se acercavam.

8 - Segundo a concepção de Jesus, Deus é a fonte de toda a verdade e de todo o bem; tudo, pois, o que alcançarmos em tal sentido o alcançamos dele, mediante os nossos merecimentos, isto é, o positivo, e nisto está a vida do espírito, porque quanto mais alcança, maior é a sua personalidade. Jesus nos trouxe, de uma maneira concreta, a idéia da personalidade independente do corpo e evidenciou a sua consciência. Na consciência já assim formada e na tendência também desenvolvida para as manifestações do espírito, resulta alcançada a vida eterna na ação pessoal permanente. Resulta assim tê-la trazido Jesus do Pai, que tem vida eterna. O mal é o negativo, a falta de todo o bem e de todo o progresso é o pecado.

Os espíritos imundos, as enfermidades e o pecado se encontrariam juntos. Coisa curiosa! As observações feitas na Sociedade Científica de Estudos Psíquicos demonstraram a analogia dos fluidos de um febricitante com os de um criminoso. — Nota do Sr. Rebaudi.

Bem tendes vindo vós agora em conhecimento do atraso dos homens que dão em negar, entre vós também, as grandes cousas que pela ciência da alma são feitas, porque não compreendem, isto quer dizer, porque lhes falta a fé, e falta-lhes a fé porque ainda à compreensão não chegaram. Falta-lhes o adiantamento para compreender as cousas do espírito e quando mortos são do corpo, mortos quase andam na vida espiritual, pois que não sabem e não compreendem. Esta é portanto a vida do espírito — a vida eterna — que pelo Filho do Pai temos, pois que a verdade e a unção no amor de Deus e dos homens e todas as cousas do espírito que pelo Senhor chegamos a conhecer e assim também o grande poder que por tais cousas o espírito alcança, dá-lhe capacidade para a vida inteira e completamente sem dependência do corpo e depois também que este morrer, a vida eterna portanto nossa é. Por tais cousas, veio João para dizer que a graça do Pai pelo Filho temos e do Pai pelo Filho vida eterna alcançaremos.

Vou contar agora o acontecido nos primeiros tempos da sociedade galiléia dos apóstolos e discípulos do Messias, os quais voltando a Galiléia durante poucos dias em obediência ao espírito ressuscitado dele próprio, vieram para abrigar em suas almas o repouso e a tranqüilidade que somente longe de Jerusalém podiam encontrar. Nessas terras, das mais ternas recordações, fizera-se ver o espírito do Senhor ressuscitado de uma maneira mais tranqüilizadora para nós, pelo que acontecido foi de seu martírio, e morte em Jerusalém, pois de tudo era mais dolorosa recordação, aí. Porém, grande exagero nisto também há, das aparições do Senhor no meio de todos os seus discípulos, pois que muito poucas vezes isto aconteceu, sendo que muitas vezes deixava-se ver de um ou de dois deles, e isto contado era depois a todos, isto é, falava-se entre todos, e um ou outro aumentava alguma cousa também chegando afinal a vós como cousas maravilhosas. Porém, freqüentemente ouvidas eram dos discípulos vozes de espíritos, que lhes ensinavam os caminhos do Senhor, como agora também a vós acontece. No meio dessas vozes, portanto, fácil vos é compreender que a do querido Mestre principalmente vir devia aos discípulos amados. Assim portanto, como dito foi por Pedro, a ressurreição do corpo não houve para o Messias e sim somente a do espírito, como a todos acontece. Assim, o dever de terem como

que reflexão e decisão para o futuro fizera-os buscar o Mestre, no repouso das suas almas, na querida Galiléia, principalmente em Cafarnaum e mais ainda nas praias do mar de Tiberíades, às quais no ofício de pescadores outra vez viéramos e nisto também para maior semelhança com o passado, ganhamos na recordação do Senhor. Assim, portanto, passou-se o tempo da morada dos apóstolos na Galiléia, porém nem todos eles estavam nesse lugar juntos como nos dias do Senhor. Em Jerusalém, sim, todos juntos estavam depois, não separando-se mais até ao tempo da grande dispersão no ano 70 do Senhor.

Deu certamente o Messias princípio ao ensinamento da palavra de Deus, tendo 25 anos; antes, porém, já falava nos lugares públicos onde os hebreus pobres se juntavam para falar de seus males, os quais andavam em queixas sem fim justas, porém contra os ricos e os mandões que vinham, sem cessar, oprimindo e empobrecendo o povo, sim que também falava o Senhor dos justos de Deus e das cousas que dele vinham em sinais de confusão dos maus e galardão dos bons. Quer dizer portanto que o Messias 23 anos tinha nesse tempo, porém, em chegando aos 25 a predicação começou. A Jerusalém fora antes, mandando-o o pai primeiramente, indo com a mãe depois, sobrevivendo a morte do pai. Em estudos ainda, já ensinando andava, pois que tendo apenas 15 anos os estudos em Jerusalém principiou, até aos 23 chegando.

Dos estudos vieram ao Senhor as cousas da vida, das que precisão tem todo espírito para seu trabalho na Terra, o qual porém de ordem superior para ela era entre os demais homens, pois que para estabelecer a verdadeira religião ao mundo viera. A certeza disto e a clareza vêem-se em lendo a própria vida de Jesus por ele ditada.

Jesus, portanto, conhecedor era e escritor da língua hebréia desses tempos, mestre também era no conhecimento das sagradas escrituras. Das poucas ciências que para estudo eram, dos ensinadores judeus, Jesus todo o conhecimento tinha e da aprendizagem para a cura de enfermos principalmente.

Pouco, em dar remédios, era dado e mais, o que agora chamais magnetismo, usava, isto é, as mais das vezes o que chamado é por vós imposição e aplicação e sopro, ou mais do que isso ainda, o que chamado é mentalismo; tudo isso, porém, vinha a ser a forma, obtendo assim na aparência humana as cousas ao

grande espírito de Jesus devidas. Aos espíritos inferiores, e aos que em maior inferioridade estão no mundo, não é dado as cousas chegar dos espíritos puros, as quais só em palavras compreendem, não na essência. A razão do homem a dúvidas leva sempre enquanto que o espírito com elevação vê e sente as cousas da verdade como vós a luz do dia vedes. Assim, portanto, os próprios discípulos do Senhor eram levados mais por suas palavras que pelo espírito dos seus ensinamentos.

Não mais de oito dias moraram os apóstolos em Jerusalém, depois que a morte deram seus inimigos ao Senhor, quem para indicar-lhes para irem a Galiléia manifestação de si deu a Pedro e João, e nessas terras melhor prepararam o seu futuro ministério e ele também para melhor facilidade manifestou-lhes ali sua presença e sua palavra. Assim, foi dito já como apresentando-se o Senhor entre seus discípulos muitas vezes, principalmente a Pedro e a João, ampliando-lhes também os seus conselhos e ensinamentos, mas não como foi escrito, mas sim tal como vós sabeis que acontece entre vós também. Sucedeu portanto que nos primeiros dias do mês de abril do ano 33, caminho tomaram da Galiléia a maior parte dos discípulos, quer dizer, Pedro, André, Tiago e João filhos de Zebedeu, Tomé, Tiago filho de Alfeu, Natanael, Filipe e os dois irmãos do Senhor, que andavam com eles, isto é, Tiago e o outro. Estes filhos eram de José, que em casamento tomou a Maria, e era ele viúvo e tinha filhos. De Maria não eram portanto estes, os quais, porém, em ajudar os apóstolos mais dados eram que os outros. As mulheres galiléias que atrás do Messias vieram na última viagem a Jerusalém, todas a caminho de Galiléia com os apóstolos, foram. Estes, porém, para Pentecostes voltaram, saindo para o grande acontecimento do dia, e quando chegaram a Jerusalém, orando todos juntos os apóstolos com grande unção, Pedro e João viram luz sobre a cabeça de todos, devido a estar o aposento bastante escuro, com porta e janela fechadas. Os outros também ver disseram, atribuindo-se o fato, com grande entusiasmo, à presença do espírito do Senhor, quer dizer, emanção do Senhor, ou outra cousa assim, sendo que em muita confusão estavam ainda os conhecimentos dos apóstolos.

Falou-se depois das línguas de fogo de Pentecostes como sendo obra do Espírito Santo. Porém, nenhum milagre aquilo foi porquanto de todo homem luz sai, ainda que em muita pequenez e



facilmente um médium poderá vê-la em todo aquele que, entre a sombra encerrado como os apóstolos, em unção ora. Pecado porém está nisto também de João, quem exagero aqui como em tudo trouxe. Porém, não em dúvidas deve tomar-se a presença do Senhor no fluido de tais luzes, as quais, e a oração com elas se elevam em união com a elevada influência do Mestre, quem, a seu lado, por cada um era sentido.

Se antes, já a visão e a voz do espírito do Messias ressuscitado havia restituído o valor aos discípulos, no tal dia de Pentecostes cheios saíram de felicidade, certos dos grandes auxílios do Senhor, vindo-lhes grande vontade de levar a todas as partes a verdadeira doutrina.

Com maior valor, portanto, entregaram-se aos trabalhos começados já, com inteligência e resolução. Sendo, porém, de muito perigo ainda andar falando de Jesus justificado, entre os mesmos que pelo ódio a tal chegaram, dando-se abominável fim, o próprio Senhor falou em visão a Pedro, mandando-o voltar a Galiléia, e que daí viesse quando outra ordem recebesse. Esta, portanto, já antes do dia de Pentecostes teve-a Pedro em sonhos, não em visão verdadeira, tal como no Evangelho de João está dito: *“Simão Pedro, amas-me mais do que estes? E ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe: Apascenta minhas ovelhas. Tornou a dizer-lhe: Simão Pedro, amas-me? Disse-lhe: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe: Apascenta minhas ovelhas. Disse-lhe terceira vez: Simão Pedro, amas-me? Pedro ficou triste por lhe ter dito terceira vez: Amas-me? e disse-lhe: Senhor, tu sabes todas as cousas, tu sabes que eu te amo. Jesus disse-lhe: Apascenta as minhas ovelhas”*.

Outras cousas disse-lhe também o Senhor; destas, porém, chegou-se a entender que, a vontade da nova marcha dos discípulos para Jerusalém, era do Senhor. Na seguinte noite do tal sonho, Filipe teve um também do mesmo modo, que vira-se, ele mesmo em marcha com o Mestre e os outros, caminhando para as festas de Pentecostes, do que ordem precisa do Senhor se teve, juntando-se os apóstolos com a gente que já em caravana caminho tomava da grande cidade. Das mulheres, porém, somente Maria, a mãe do Senhor, caminho tomou de Jerusalém com os dois filhos que estavam com os apóstolos e com João.

Sucedidas as cousas, como ficou dito, de Pentecostes, com

maior valor se dedicaram aos ensinamentos das palavras do Senhor e do reino de Deus próximo. Todos os dias davam-se eles ao ministério da palavra debaixo do grande pórtico de Salomão, no templo; o mesmo lugar ocupado com eles pelo Messias. Não chamaram muito a atenção dos sacerdotes nesse lugar, porém crescendo o número dos que recebiam a palavra e eram batizados em nome de Jesus Cristo, começaram por querer fazer mal aos apóstolos, até encarcerar a Pedro e a João.

Pilatos, porém, grande severidade fez sentir nisto aos judeus, impedindo com forças as cousas que em prejuízo dos cristãos queriam os sacerdotes. Já Pilatos tudo de seu poder fizera por querer livrar da morte a Jesus e aos discípulos dele, e vendo neles homens bons e de humildade em suas cousas, parecia-lhe dever defendê-los perante a injustificada dureza dos judeus. Estes, porém, com muito trabalho e mentiras, recorreram de Pilatos ao Imperador que teve de ir a caminho de Roma para responder às queixas de seus governados. Isto sucedeu no princípio do ano 36, sendo que reunidos estavam em vida comum com os apóstolos um grande número de crentes, chegando-se a ter que escolher alguns de maior unção no meio destes para que das comidas cuidassem e de todas as cousas em comum, enquanto que os apóstolos somente do ministério da palavra cuidavam.

Estes diáconos, assim foram chamados, eram cinco. Todos grandes na fé e na vontade.

Estêvão e Filipe, porém, tiveram maior nome entre os tais, não somente pelo trabalho na diligência das comidas e demais cousas em comum, mas também nos ensinamentos do reino de Deus e do Cristo Redentor eram de muita ação em discursos e em discussões. Em grande ódio por isso caíram eles entre os judeus, os quais já na prisão haviam metido a Pedro e a João, tendo que soltá-los devido às ordens por Pilatos dadas por não querer castigos para cousas religiosas.

Em maior ódio dos judeus caíam por isto os cristãos, principalmente os chamados helenistas, por quem os gentios eram convertidos nas doutrinas do Senhor. Assim, portanto, tão depressa no fim do ano 36 afastara-se Pilatos de Jerusalém a caminho de Roma, prenderam a Estêvão e deram-lhe morte por apedrejamento e entregaram-se também a grande perseguição aos cristãos, principalmente aos helenistas convertidos.

Dispersão houve assim, portanto, dos cristãos por toda a Judéia e Samaria e mais longe ainda, levando, porém, a boa nova a todos os lugares; Filipe principalmente, não o apóstolo que ficou com os outros em Jerusalém e com os hebreus cristãos, mas sim Filipe o diácono. Dissolvida ficou assim a comunidade cristã que princípio teve na metade do ano 33; não chegou pois a completar quatro anos.

Para tão grande perseguição, grande prudência usaram os apóstolos e discípulos de Jesus e os outros irmãos que no lugar permaneceram e silenciosa, portanto, ficou a igreja de Jerusalém. Nesses dias, porém, que era no princípio do ano 37, aproximou-se dos cristãos um jovem chamado Saul, o qual grande inimigo havia-se manifestado antes contra eles, tocado, porém, pela graça dedicou-se com grande fervor ao ministério da palavra pelo reino de Deus, trazido pelo Filho para salvação dos homens. Este Jesus era o Messias prometido, o Cristo que martírio e morte sofreu para remissão dos pecados.

A caminho de Damasco, Saul, chamado depois Paulo, teve visão do Senhor, em forma de luz, que lhe disse: *“Saul, por que me persegues?”*

Nisto caiu por terra e, enfermo, levantaram-no levando-o à presença do discípulo de Jesus, Ananias, que o curou, pois que Jesus já no ano 29 a Damasco também fora e muitos discípulos fez. Em Damasco já apresentou-se a falar por todas as partes em nome de Jesus e pelo ministério que dele recebeu, como ele costumava dizer.

Grande confusão e ódios entre os hebreus de Damasco suscitou, os quais a morte dar-lhe quizeram. Fugiu, porém, Paulo a caminho de Jerusalém e quis juntar-se aos apóstolos, os quais, porém, o temiam.

Barnabé, no entanto, ouvindo as cousas a Paulo sucedidas, levou-o aos apóstolos e embora desconfiados a princípio paz tiveram e em amor entraram. Tais cousas, porém, ele por si mesmo melhor as disse. Assim, mais ou menos como quinze dias, passou em vida em comum com os apóstolos e com Tiago, o irmão do Senhor.

Partiu depois, no cumprimento de seu ministério, que grande em verdade foi, a ponto de dar-se-lhe depois o nome de: *“O Apóstolo dos gentios”*.

Não creio, porém, como Pedro diz, que por Paulo salvou-se o cristianismo, pois que o cristianismo no Evangelho estava, e este dos apóstolos galileus saiu. Também mesmo muitos eram já os nazarenos, cristãos depois chamados, como ele mesmo em Damasco os encontrou.

Diz-me, porém Pedro agora, que do espírito do cristianismo que conheceis, quis ele dizer que Paulo foi o maior, pois que o espírito do cristianismo apostólico era mais judeu que cristão, pois que seguia as práticas todas do judaísmo, até o sábado e a circuncisão,<sup>9</sup> as orações<sup>10</sup> no templo de Salomão e as outras cousas.

Justo é o dito assim por Pedro, João reconheceu-o.

Paulo, porém, muito estimado por nós, entre vós está agora e muitos o têm reconhecido, mas ele, que o sabe, nega. Embora sendo homem, como espírito costuma manifestar-se longe de si, em certas ocasiões. Se assinou Paulo comunicação, não pode vir como homem e dizer: eu Paulo sou. Muitas outras coisas decerto Paulo têm sido e ele recorda-se sempre, porém, uns mais alto, outros mais baixo, unidos todos estamos às ordens de nosso Mestre Jesus. O Senhor, porém, nada escrito deixou, sempre dizendo: *“A palavra falada muito mais vale que a palavra escrita, sentida ainda mais vale que palavra ouvida”*, por isso foi, no entanto, que pouquíssimos discípulos reuniram depois os escritos que iguais fossem aos dos discípulos que a palavra do próprio Jesus ouviram e o sentimento dela, dele sentiram.

O trabalho de Jesus na vinha do Senhor, como nos outros tempos, continua, manifestando-se com maiores aclarações por intermédio de seus discípulos que, em turnos, cada um toma corpo para nascimento entre vós. Eles também, porém, esquecimento têm do passado, sendo que seu cérebro tão-somente a fotografia guarda das cousas pelos olhos vistas e pelos ouvidos escutadas, e

9 - É bem sabido quanto se censurava a Jesus suas contínuas violações do sábado e quanto à circuncisão, embora ele próprio tivesse que submeter-se a ela, o simples fato de sua preferência pelos gentios incircuncisos, demonstra que não era partidário dela, como que jamais tampouco sobre ela pronunciou palavra. — Nota do Sr. Rebaudi.

10 - Pelo que diz respeito à oração, recordem-se suas palavras à Samaritana: *“A hora vem, quando nem neste monte nem em Jerusalém adorareis ao...”* *“a hora vem e agora é quando os verdadeiros adoradores adorarão ao Pai em espírito e em verdade; porque...”* — Nota do Sr. Rebaudi.

isto é a memória do homem desde o nascimento. Nos sonhos, porém, e nos êxtases e outras maneiras de alcançar maior liberdade para o espírito, nasce memória das outras vidas em outros nascimentos do homem. Também é de considerar que nos poucos anos das crianças e mancebos principalmente, escravo é o espírito do cérebro de seu corpo; em mais largos anos do corpo, maior trabalho no seu cérebro fez o espírito e maior domínio alcançou nele, a menor dependência chega assim o espírito de seu cérebro e vêm, em certas ocasiões, à memória, as cousas de outras vidas. Isto, porém, acontece aos espíritos de longa existência, não aos novos. Muitos há, porém, entre vós que memória guardam das cousas de seus outros nascimentos. Vós também, no que é costume chamar fantasia, recordações tendes em verdade do passado, memória é, sem guia de consciência, portanto desordenada.

João, porém, que para estas cousas dizer, tomou a personalidade do apóstolo, isto é, a pessoa do discípulo de Jesus, dificuldade tem, portanto, devido ao seu adiantamento, de agora, com clareza, das cousas daquele tempo ensinamentos vos dar. As maneiras de falar naqueles tempos, de tal modo misturadas de dialetos e idiomas, estranhamente apresentam os pensamentos dele. A sujeição, portanto, a isto impôs-se para maior verdade das cousas que desses tempos veio recordar. Para as cousas portanto desses tempos a palavra desses tempos necessária é.

Sem fim o progresso é; porém somente no bem está o progresso. Tudo bom é conhecer e em todo o trabalho adiantamento para si recolherá o espírito, sempre, porém, com o propósito do bem há de ser.

Aquele que chegar a edificar sobre o amor para todas as suas cousas, o reino de Deus terá alcançado. Tal é o que João deseja para vós e diz: Não vos aflijam as penas da vida, pois que o vencer dificuldades com paciência, fé e vigor, do adiantamento do espírito vem em proveito. Para isto, amigos tendes a vosso lado que vos ajudam e Deus próprio, com os de boa vontade está sempre. Assim também não vos olvideis que tudo aquilo que para o bem de vossos irmãos por vós seja conseguido, em proveito de vós mesmos tudo virá depois.

E preciso acrescentar às cousas que já João disse que do acontecido, tão diferente do por vós acreditado, João somente tem

aqui palavras; fê-lo, porém, nas cousas de maior importância acontecidas, se portanto, dito foi por João que em Jerusalém os apóstolos permaneceram até à dispersão de 70, não quer dizer que todos os apóstolos até esse tempo em Jerusalém permaneceram. Vem-nos assim à lembrança que já no ano 37, Pedro e João foram a Samaria, Jope, Lida, Cesaréia e outras cidades não muito distantes, indo aí no apostolado da palavra e a outras cousas que eram do santo ministério deles. Pedro, já dito foi por João, que discípulo foi melhor entendedor do espírito das palavras do Senhor. João seguiu-o durante muito tempo, até por Antioquia depois, por onde Paulo e Barnabé, pelos anos 44 e 45 a intenso apostolado já se haviam dedicado, chegando a muito progresso essa igreja e fazendo-se, em muita abundância, o que chamado é por vós fenômenos medianímicos, destes em mais ocasiões: inspiração, visões, palavras ouvidas, sonhos, profecias, liberação dos espíritos imundos e curas com imposição das mãos e oração e com o que é costume dizer agora por vós: água magnetizada e azeite magnetizado.

Assim também devo dizer que nesse mesmo ano 44, antes do fim de fevereiro, veio Herodes Agripa para fazer cortar a cabeça de Tiago, irmão de João, e grande perseguição veio durante este tempo sobre os nazarenos, e a Pedro também o quis matar, encarcerando-o primeiro e levando-o depois em público para escarmento, por ser Pedro cabeça do que chamavam eles: nova seita. Amigos seus, porém, com grande influência, dirigiram-se a Herodes Agripa e este concedeu-lhes secreta liberdade, pois não era de seu interesse a morte do apóstolo, sim antes o propósito de ganhar para si a boa vontade do povo hebreu.

Sempre, portanto, que Pedro afastado se encontrasse de Jerusalém, Tiago, o irmão do Senhor, que a grande autoridade havia chegado, vinha ocupar o lugar primeiro entre os apóstolos. Estava certamente no espírito da fê do apóstolo Tiago mais dependência da lei antiga que cristã unção em sua alma, e principalmente dado às cousas do Judaísmo, grande oposição fazia muitas vezes a Pedro em tais cousas; adepto era da circuncisão, nada amigo do ministério da palavra entre os gentios e opositor também, em certas ocasiões, das tais cousas de Paulo. De todo, ficou enfim Tiago chefe dos anciões, enquanto que a igreja de Jerusalém vinha em decadência e a grande desenvolvimento

chegava a de Antioquia, onde se começou a chamar cristãos aos adeptos, que chamados eram nazarenos em Jerusalém. De Antioquia, depois no ano 38, Paulo, Barnabé chamado também Barnabás, e João Marcos discípulo de Pedro que de Jerusalém a Barnabé acompanhara, caminho tomaram para terras dos pagãos, entregando-se com grande entusiasmo e todo o poder da fé, ao apostolado de Cristo; de Chipre, Malta, Puzzola e outras terras, até Roma e cidades vizinhas, Paulo principalmente, e por fim só, ao mais importante trabalho do ministério divino da palavra e demais cousas que em nome do Senhor dirigia, viu-se entregue, sendo dele a conquista espiritual das terras visitadas, sendo portanto dele a semente e o fundamento da igreja do Ocidente. Isto, para dizer, portanto, João veio, não por intenção da história que bastante é de vós já conhecida, mas sim para esclarecimento do que ele antes neste mesmo lugar disse, sendo que os tempos que ele para mostrar veio, pelo mau conhecimento vosso fez, para que portanto, os anos citados por desconhecidos não sejam tomados.

É por isso que, das cousas mais distantes e em maior dúvida, vosso João falar-vos veio e para conclusão agora este esclarecimento último acrescentar.

Se Paulo portanto grande foi nisto e grande foi desde seu princípio na doutrina, ainda mais cristã no espírito das idéias dele que as doutrinas dos nazarenos, os quais, os anciões e os chamados hebreus, assim chamados ainda eram em Jerusalém, e certamente mais judeus que cristãos mostravam-se ainda. Se Paulo, porém, grande foi, não em menor grandeza há de ter-se a Barnabé que o compreendeu no primeiro momento, quando, aproximando-se dos apóstolos em Jerusalém, estes o temeram e tão somente aquele o apresentou recomendando-o aos próprios anciões. Por tal motivo viu-se confirmado o ministério de Paulo que, portanto, de Barnabé toda força teve, pela justificação de seu apostolado nas cousas que do próprio Jesus recebeu e assim também, mais tarde, fé e força toda dele recebeu durante o tempo que Paulo, por causa da contradição dos que ainda eram partidários da circuncisão e conduzidos eram pelo espírito em hebreu, pelo qual arrastado se viu o próprio bom Pedro, em silêncio resolveu permanecer, por ter compreendido que se a lutar por suas idéias se decidisse, divisão e ruína adviriam para a Igreja de Cristo, porquanto faltava-lhe humildade no submeter-se aos

apóstolos. Barnabé, porém, fez-se pequeno e humilde para o engrandecimento da obra do Senhor, aproximando-se a Paulo, que retirou-se para sua cidade de Tarso<sup>11</sup> e o apóstolo, certamente para maior grandeza de seu apostolado, humilhou-se a Paulo não apóstolo e subordinado a ele colocou-se, alcançando assim conquista do espírito ressentido de Paulo, de quem a fé em seu apostolado estremecida quase pareceu.

Muito poucas cousas Barnabé e João Marcos escreveram e a perderem-se essas poucas cousas chegaram, ou em parte misturadas estão sem distinção com as cousas por outros escritas. Sucede, porém, como já dito foi, que maior valor à tradição tem-se dado do que àquilo que a escrever-se chegou, e para repetir também João veio, que para maior aproveitamento da palavra ouvida o homem veio, que da palavra somente compreendida, sendo portanto que *“só pelo amor será salvo o homem”*.

A paz do Senhor seja convosco.

JOÃO O VELHO  
Apóstolo de Jesus Cristo.

## ***CAPÍTULO XXXI***

### ***Algumas palavras do apóstolo Barnabé.***

Inútil é dizer que meu espírito acha-se inteiramente suspenso pelas elevadas idéias, palpitantes nas palavras de João. É ele certamente, com Pedro, o apóstolo verdadeiro de Jesus, e recebendo a palavra de Paulo, se bem que ausente agora deste lugar, tenho prazer em dizer a verdade livremente, para tributar a João e a Pedro o elogio de sua grande elevação.

11 - Paulo era de Tarso, porém vivia então em uma cidade próxima a Jerusalém — Nota do Sr. Rebaudi.



No que diz respeito às cousas entre Barnabé e Paulo, convém sua consideração pelo proveito apostólico que delas se alcançou e não pelo que o bondoso João veio atribuir às minhas virtudes.

Era eu de alma sincera e homem de ação espiritual e grande era também minha profunda fé no Senhor.

Tornava-se então fácil o caminho para as boas inspirações do meu ser. Assim, pois, fácil acolhida teve primeiramente em mim a inspiração que me levou a colocar Paulo em condições favoráveis para o desempenho do apostolado a que já se havia consagrado. Mais tarde, conhecendo eu toda a razão que lhe assistia ao resistir à influência equivocada dos hebreus cristãos de Jerusalém, chamados ainda então nazarenos, os quais permaneciam ainda confundidos com uma seita judaica, fui buscá-lo em seu país natal onde a desilusão e a impotência a que o condenavam, sua natureza honrada e o firme propósito de não querer enfraquecer a autoridade dos apóstolos, mantinham-no retirado e ocioso.

Oportuno pareceu-me o usar do meu caráter de membro dos doze para dar-lhe uma satisfação pela indiferença e abandono em que tinha chegado a ficar pela oposição do espírito velho contra o pensamento mais liberal e progressista de Paulo.

Diz-se que eu conquistei Paulo e isto pode ser, mas antes Paulo a mim próprio tinha conquistado, pois que atração tinha sua pessoa pela virtude e por suas maneiras. Sua delicadeza e sinceridade, sua disposição sempre pronta ao perdão dos que mal lhe fizessem, sua resignação e paciência para suportar toda a dificuldade e dor pelo bem e pelos demais, sua disposição em dar sempre o direito aos outros, ainda quando adivinhando-se que ele percebia corresponder-lhe o direito, sua grande fé e firmeza de coração, não tinha visto eu tudo isto em ninguém de tal forma como em Paulo. Na solidão e no silêncio, certamente acontecia às vezes pôr-se sua fisionomia muito dura e em algumas poucas ocasiões de grande contrariedade, vi-lhe um semblante tão duro e ameaçador que fiquei inteiramente frio. Nada, entretanto, se ouvia dele nessas ocasiões, correspondentes a uma cara tão má. Ele, porém, confiou-me que na solidão perseguia-o um espírito tão perverso e de tanto poder que o fazia executar as cousas mais terríveis, se não o evitasse a constante proteção de Deus que

jamais o abandonava. Seu caráter enérgico o era somente para o bem e o demonstrava sem cessar, sendo ele o primeiro a impor-se todas as privações e contrariedades próprias do apostolado cristão nesses tempos de grosseiros fanatismos, de geral atraso e maldade. Ele colocava-se assim, desde o primeiro momento, à frente dos demais, o que foi mal interpretado quando suposto foi incapaz de obediência e falta de humildade. Falou-se portanto de sua incapacidade para acatar a autoridade dos apóstolos ou má vontade em obedecer-lhes. Todos nós, porém, reconhecemos que do nosso lado, e não de Paulo, foi o primeiro erro. Quando Paulo voltou de Damasco, onde Jesus já tinha ensinado aos 29 anos, feito conversões e havendo evangelizado eficazmente nessa cidade e em outras povoações vizinhas, fê-lo com o propósito de seu reconhecimento pelos apóstolos e do acatamento por sua parte da autoridade dos mesmos. Os apóstolos, porém, o evitaram com mostras de desconfiança e de temor, se bem que manifestamente não houvesse já motivos para tal. Havia-os então eu bem inteirado já do trabalho de Paulo, resolvendo recebê-lo e ouvi-lo, e assim fui eu junto a ele e conduzi-o aos apóstolos, apresentando-o como bom irmão e muito capaz para o ministério da palavra; os apóstolos, porém, o acolheram friamente e somente Pedro e Tiago, o irmão do Senhor, dirigiram-lhe a palavra, Pedro humildemente, Tiago com autoridade. A frieza desapareceu depois um pouco e entre eles tiveram lugar repetidas conversações e todos juntos andamos nas cousas da comunidade e nos atos religiosos. Cerca de quinze dias passou assim Paulo com os apóstolos, os quais, porém, faziam-lhe ver sempre sua superioridade por seus títulos de apóstolos de Jesus e por haverem escutado sua palavra. Apesar de tudo, prontamente pôs-se em evidência a maior inteligência e instrução de Paulo que tinha estudado para Rabi e tinha também figura mais digna de respeito. Isto mesmo, portanto, e o espírito mais liberal do novo irmão tornou-o pouco agradável ao Conselho dos Doze. Tiago principalmente, que inimigo voluntário havia sido dos ensinamentos de Jesus antes de sua morte, inimigo involuntário se tornou dos mesmos depois de morto o Mestre, porquanto, desmentiu-os, substituindo-os pelas estreitezas do Judaísmo que era precisamente o que Jesus tinha vindo reformar. Foi então que Paulo falou de forma a dar-se a conhecer como capacitado, pela influência direta do Senhor, para a grande obra

pelo Cristo Redentor trazida. Os apóstolos o respeitaram então e acreditaram na unção do seu espírito, mas nada lhe ensinaram e pareciam antes fugir das suas perguntas. Assim, pois, o novo adepto tomou dos apóstolos, por ver, as formas de suas práticas, como o sopro a distância sobre a fronte, as imposições, as aplicações, os exorcismos, o azeite e a água influenciados pela imposição e pelo sopro, para a cura de enfermos, etc.; mas os apóstolos não lhes ensinaram. Se, pois, devia haver mais humildade em Paulo, menos ciumentos se deviam ter mostrado os apóstolos, influenciados por Tiago, exceto Pedro e eu. Eis, portanto, o que ninguém sabe porque calou-o a virtude de Pedro, isto é, que foi Pedro quem teve a idéia, convindo-se logo entre os dois que fosse eu buscá-lo para conduzirmos em comum uma propaganda mais ampla que até então. Logo os Doze aproveitaram o projeto e Pedro deu-me por companheiro João Marcos, seu discípulo, a quem amava como filho.

Não deveis escandalizar-vos por estas pequenas dissensões apostólicas, acontecidas há quase dois mil anos. Deve antes maravilhar-vos que Jesus, do espaço, tenha feito o que conheceis com tão pobres e escassos elementos. Deve também maravilhar-vos que nesses tempos de tanta maldade e ignorância, doze apóstolos e Paulo encontrassem tanta convicção e valor em si e tanta fé no Messias, que se atreveram a empreender a conquista do mundo, conseguindo-a fundamentalmente. Judas Iscariotes reuniu-se também, em uma nova vida, aos trabalhos do Senhor. Não o julgueis, pois, por um só detalhe de uma única vida, quando sabeis que nada significam cem vidas para a eterna vida do espírito. Conheço homens perversos que são hoje o mesmo que foram há dois mil anos. Se tivessem olhado para Cristo, em vez de desprezá-lo, estariam agora tão alto como os apóstolos. Crede, portanto, que toda a luz no cristianismo se encontra, o cristianismo, porém, se engrandece e eleva com o engrandecimento e a elevação do homem.<sup>1</sup> Aquele, portanto, que

1 - Este conceito, precisamente, é o que quis manifestar ao dizer que os ensinamentos de Jesus implicam na idéia de progresso, quer dizer que suas doutrinas são progressistas. Muitas são as passagens dos Evangelhos que assim o provam e muito claramente o explica o Mestre no capítulo XIV, onde diz o que deve entender-se por “o espírito de verdade”, palavras estas que acertadamente foram tornadas por alguns espíritos elevados para assinar suas comunicações, que contêm realmente as manifestações do mais elevado espírito de verdade que podemos alcançar. — Nota do Sr. Rebaudi.

de obscuridade tacha hoje o cristianismo é que em sua alma a obscuridade tem. Jesus e os espíritos que o acompanham buscam o progresso no bem. Autorizado estou para dizer-vos que Jesus à frente se encontra do espiritismo, mas não encerra nele todo o progresso que infinito é como Deus mesmo.

Nem tudo me é permitido manifestar, mas posso dizer-vos que o intenso movimento espiritualista iniciado no século passado, principalmente sob a forma espiritista, foi provocado por Jesus, vindo ao mundo para isto a maior parte de seus apóstolos seguidos de muitos discípulos. João e Pedro, com Jesus ficaram, mas os conheceis por suas obras. Dos que estavam entre vós poucos vão ficando e à medida de seu desaparecimento vai enfraquecendo-se o espírito cristão do espiritismo, substituindo-se a razão do espírito pela razão dos sentidos.

A ciência é a verdade, mas a verdade não é dos homens, mas sim de Deus. Vós, em compensação, vos arrastais fitando a Terra para encontrar a verdade e juntando o que encontrais e ordenando-o, dizeis que tendes a ciência e para o alto não olhai porque a demasiada luz vos deslumbra e para vós o que não podeis ver, não existe; porém, certamente, o infinito por todas as partes vos rodeia com as infinitas leis divinas, sendo a Terra um ponto no meio da imensidade sem limites do TODO. Do espaço, pois, tudo vem, não da Terra para o espaço. Olhai, portanto, para cima sempre, quer dizer, para fora do vosso planeta, não vos arrasteis como a serpente pelo solo. Estudai, trabalhai, lutai, porque sem isto não há progresso, mas fazei-o sempre com sinceridade e humildade e recordai-vos também nas vossas tribulações, que Deus ouve sempre com benevolência as orações de seus filhos, mas, antes sede misericordiosos com os vossos semelhantes para que Deus possa sê-lo convosco. Não façais caso dos que vos falam contrariamente da oração, dizendo que ela é inútil porque não pode alterar as leis do Universo.

São papagaios faladores que não sabem que justamente do cumprimento de tais leis é que a oração forma o meio de relação mais simples e real entre a criatura e seu Criador. Não o sabem porque nada são capazes de perceber fora da matéria. Serve-lhes a razão como as andadeiras para a criança em seus primeiros passos, mas a criança deixa depois as andadeiras e eles incapazes são de deixar sua razão humana para elevarem-se a outra superior que

nós já temos, a que pela experiência, pelo trabalho e pelo sofrimento, e mais ainda, pela fé e pelo amor, alcançamos. Bem haveis dito portanto: *“Sem caridade não há salvação”*. Os que desprezam a caridade são os mesmos que repelem a oração, porque não as compreendem, procurando seu significado entre as cousas de ordem material, por meio de palavras baseadas na razão dos sentidos. Somente o que sabe amar compreende a caridade que a síntese encerra do universo inteiro. É que o espírito adiantado, com corpo ou sem corpo de homem, percebe, sente, vê as cousas da alma que não têm, porém, tradução em vossas palavras; aqueles, portanto, que com as muletas da razão humana unicamente caminham, cegos são de alma, porque jovens são ainda como espíritos e é da caridade vossa, de vosso amor e da vossa fé que hão de aprender, não de vossos raciocínios. A razão leva para o fanatismo, a caridade somente ao bem conduz. A razão, a puramente humana, também precioso instrumento é do progresso, mas não deve ela encerrar-se no círculo fanático das observações materiais, sendo que abertas deve deixar suas portas superiores para poder-se elevar, por elas, pouco a pouco, até à razão superior do espírito.

Sede, pois, humildes e confiados e crede em Jesus, que o mais elevado espírito é, aquele que a Humanidade conduz.

Estas palavras são de Paulo, de quem eu muito aprendi.

Ele, porém, não pode escrever, porque diz que com seu cérebro de homem melhor escreve porque sua independência do corpo que anima, é antes um defeito que uma virtude de sua encarnação, e que se poucos fazem caso de suas palavras de homem assim trazidas, menos atenderiam às de sua comunicação deficiente. Paulo! Paulo! Tão grande sempre como simples. Cheia está minha alma de admiração e de gratidão para ti, que me mostraste o livre espírito da razão humana unida à razão superior do espírito, porque se nada vale o saber sem o amor, muito pouca cousa é o amor sem o saber; mas o amor ao saber nos impele. Não creias portanto que a algo bom chegareis com vossas lutas sociais se não vos fazeis melhores. Terminarei, pois, com estas proféticas palavras do Messias: *“Só pelo amor será salvo o homem”*.

Eu também, com todo o sentimento de que é capaz a minha alma, faço votos fervorosos pelo triunfo do bem entre os homens, mediante o advento da idéia de Jesus assim enunciada.

Toda a felicidade vos deseja em Deus.

BARNABÉ, Apóstolo.

## ***CAPÍTULO XXXII***

### ***Fala Maria, a mãe de Jesus***

A minha palavra não pode acrescentar a menor importância a esta obra, pois ninguém ignora que fui elemento completamente negativo para a missão de meu filho Jesus.

Cedo, entretanto, ao pedido do médium e direi o que possa ser de interesse com referência ao assunto.

Na realidade, era tão pobre a educação da mulher hebréia que dificilmente se teria podido encontrar alguma, capaz de avaliar o significado do que o pretenso profeta, como eu o chamava, manifestava com suas palavras, com sua ação e com seu exemplo. Entre os homens, tampouco havia-os verdadeiramente preparados para compreendê-lo. Eu pensava que meu filho estava louco e todos os da família acabaram por pensar do mesmo modo. Sobre isto, pois, mal posso dizer algo de útil e falarei de preferência do que mais tarde observei em torno da atuação de meu filho.

O martírio e a morte de Jesus, a fé ardente dos apóstolos e a influência de João, iluminaram meu espírito, convertendo-se na minha mente transformada, a vítima inocente em um Semi-Deus, e não coube já em meu espírito a menor dúvida a respeito de tão grandiosa manifestação do amor do Pai sobre seus filhos, os homens todos da criação; isto, porém, se bem significava grandes realidades para minha pobre alma tão cheia de escuridão mental, fora de mim mesma, não podia representar um grande progresso porque na Natureza não se dão saltos, senão que tudo se encadeia logicamente; a luz que se fez assim, então, na minha alma, brilhou no fundo de minha consciência, servindo-me de guia em todas as minhas idas terrestres. O grandioso mito que se fez de Maria entre

os Cristãos mais tarde, nada, absolutamente nada tem de real.

Fui sempre mulher, menos em uma ocasião, que me ensaiei no sexo masculino; foi a vez que mais comodamente passei, porém que me resultou de pouco progresso para o meu desenvolvimento espiritual. Eu sentia-me sempre inclinada a ser mulher e distingui-me quase sempre por minhas inclinações religiosas, sendo que também fui monja, chegando a ocupar uma invejável posição nesse meio, havendo eu cultivado um pouco minha inteligência, o quanto então era possível a uma mulher religiosa.

Em verdade, recentemente, na minha última estada na Terra, na qual de muitos dos hebreus fui reconhecida, pois poucos anos faz que novamente regresssei ao mundo dos espíritos, então adquiriu verdadeiro desenvolvimento a minha inteligência, completamente livre já de todos esses prejuízos causados pelo fanatismo religioso que constitui um obstáculo quase invencível para o progresso humano. Certamente que de amigos, recebi constantemente, dentro de uma boa direção, uma proteção invisível à qual correspondia até onde era possível, aos planos formados de antemão no espaço. Nunca cessou o labor cristão, sempre do alto, pelo próprio Mártir do Gólgota que aí selara com seu sangue os sublimes ensinamentos ensinados já por ele, com a palavra e o exemplo.

Sem dúvida, seguidos foram os obstáculos com que o magno labor tropeçou na Terra devido à falta de capacidade de seus enviados para a transcendental tarefa.

Muitos e repetidos foram os ensaios, constante o esforço e continuada a luta, porém faltou a unidade de ação, essa unidade que anteriormente fácil alcançar ao Mestre pela mediunidade de Paulo que, submetendo-se a Jesus no caminho de Damasco, nunca lhe faltou durante esses tempos, comunicando com bastante exatidão ao homem a sua palavra principalmente nas etapas subseqüentes, não que diminuisse a mediunidade do Apóstolo, mas sim que lhe foi adverso o ambiente e em nenhum caso o favoreceram as circunstâncias, o referente, ao menos, como que para dar lugar à clareza e segurança das manifestações a que agora alcançou, devido em grande parte às suas recordações retrospectivas que lhe servem de sólida base para não esmorecer em sua tarefa, apesar da incredulidade e oposição dos próprios

cristãos que pensam que São Paulo havia de apresentar-se-lhe como um ser extraordinário, uma personalidade rodeada de portentos e milagres, não já um homem como os demais, muito mais desprendido, que a generalidade, o material e convencional, principalmente no cumprimento de sua missão, porém sem transparecer nada que possa fazer dele um ser superior.

A tradição cristã, muito exagerada quanto ao valor dos homens, converteu os apóstolos, que eram sumamente humildes de posição e compreensão, em personagens de grande valia, isto é e foi a causa de muitos erros. Estes homens eram unicamente extraordinários por sua fé, sinceridade e vontade ardente assim como por seu grande amor ao Mestre, porém se houvessem tido suficiente adiantamento que lhes permitisse recordar o passado, durante suas encarnações, não teria faltado ao Cristianismo a unidade no esforço e na direção única, que só de Jesus podia vir. Pelo contrário, nem bem retornados à vida humana, esqueciam todas as suas promessas e toda a noção sobre o verdadeiro propósito e fins precisos de sua missão, vendo-se geralmente, devido a isto, lutar em campos opostos, como sucedeu durante a reforma, em que ambos os campos conduziam-se mal, e muito antes também com as heresias e os trabalhos do livre pensamento.

Muito difícil é e somente por exceção, em muito reduzidos casos, pode ter lugar a recordação das vidas sucessivas devido a que a memória do homem reside essencialmente no cérebro, podendo recordar, por conseguinte, somente os acontecimentos que se tenham gravado nele durante cada vida. Por isso não se recordam os sonhos que eu diria verdadeiros, quero dizer, aqueles em que, encontrando-se o corpo completamente dormido, vive unicamente a vida vegetativa e não pode o espírito fazer uso de nenhum de seus órgãos por cuja razão se vê obrigado a agir sem o corpo; de maneira que, exteriorizadas todas as suas atividades, porque o espírito nunca pode ficar inativo, resulta viver longe do corpo por meio do corpo que lhe é próprio e dos fluidos que tira do corpo e que o mantêm unido a ele, assim como a esse meio especial resultante das atividades de todas as pessoas dormidas também exteriorizadas, que pensam e recordam sem os empecilhos do cérebro, porém, sem deixar, em compensação, neste as impressões que constituem a recordação para o homem; os médiuns e os “*mãos Santas*”, alcançam cousas imensamente



mais portentosas que os profissionais do magnetismo, devido à sua maior fé e em geral mais elevados sentimentos. Mas, volvamos aos propósitos destas linhas.

Encontrando-me, como disse, ao corrente de todos os esforços de Jesus para restabelecer a verdade e pureza de suas doutrinas, chegando a ser, muito cedo, eu mesma uma de suas colaboradoras, tive constantemente o pesar de ver desbaratados seus planos pela razão cruel do completo esquecimento de todo o propósito tomado na vida espiritual, pelos que voltavam à Terra onde seguiam geralmente rotas opostas às que haviam escolhido. Contudo, o esforço que cada qual fazia para ser virtuoso, a oração e a fé em Deus, assim como a experiência paulatinamente acumulada, foram-lhes dando maior consciência de todas as cousas. Compreenderam que para dominar o ambiente fluídico, sem o qual nada se alcança, são necessárias também a saúde e as forças físicas, tendo se empenhado em seu desenvolvimento, principalmente Marcos, Mateus e Paulo; Pedro e João trabalharam mais no sentido extracorporal. Deveis saber que a saúde e a força física dependem em parte do desenvolvimento do corpo astral, e como nada se perde, tampouco perde-se o desenvolvimento que em cada vida alcança o homem para seu corpo, pois a envoltura do espírito ao separar-se do corpo material, leva consigo todo o melhoramento, toda a aptidão adquirida e até a tendência para adquirir ou vencer as enfermidades de que sofreu o corpo e pôde vencer. Deste modo, melhor preparados, os Apóstolos sempre sob a direção do Mestre lograram promover, no século XIX, um grande renascimento religioso, principalmente em Norte América, na esperança de poder derivar dele um progresso suficiente da religião para voltar à pureza do primitivo cristianismo. Muito depressa, porém, se aperceberam que as preocupações de raça e de seita dominante naquele ambiente não se prestavam para levar a cabo tal propósito. Dirigiram então suas vistas para a América do Sul.

Todos os apóstolos, menos Pedro e João, tinham voltado à Terra. Os apóstolos não se reconheceram entre si, menos Paulo, que bastante titubeou no princípio de sua missão, chegando até a ridicularizar a Jesus, apesar de ser de temperamento muito religioso, Paulo os foi reconhecendo a todos mais tarde, devido ao grande desenvolvimento que em sua atual vida alcançou pela

mediunidade, da qual precisamente se serviu Jesus para ditar a presente obra e com a qual se restabelece a primitiva pureza Cristã, livre de toda a fraude. Esta mesma exposição que faço demonstra que o verdadeiro desenvolvimento do cristianismo é devido ao esforço dos apóstolos e seus discípulos sob a direção de Jesus sem nada de milagroso nem de sobrenatural; inculcando, isso sim, ainda que lentamente e de forma que cada qual vá compreendendo por si mesmo, que existem grandes potencialidades no espírito que ele deve desenvolver, principalmente pela virtude e os sacrifícios, potencialidades que chegarão a fazê-lo senhor da Natureza.

Para abreviar, direi: que Pedro e João, do espaço, conseguiram estabelecer em meados do século XIX, um núcleo importante em Buenos Aires. Esse importante núcleo foi quase constantemente presidido por Santo Estêvão, eleito para o lugar por sua fé, constância e laboriosidade inquebrantável, apoiado por uma moralidade sem jaça, secundando-o muito de perto José de Arimatéia, que também nesta ocasião ajudou a Jesus com sua posição social distinta e opulenta, pois que, como já vos disse, nada se alcança por milagre, sendo que entre os homens e para todo o labor humano, necessários são meios humanos e ainda quando feito foi pelos esforços do Messias a aproximação do Céu à Terra, sempre que a esta se deve chegar, por meios terrestres o temos de fazer.

Santo Estêvão também desfrutava de uma posição social distinta e pecuniariamente desafogada, assim como o evangelista São Mateus, porém, realmente opulento unicamente o era José de Arimatéia. São Mateus distinguiu-se principalmente por sua eloquência, com a qual chegou em diversas ocasiões a comover os mais elevados da Sociedade de Buenos Aires. Barnabé desempenhava as funções de tesoureiro e ao mesmo tempo de vigilância da associação; direi seu nome, como o mais modesto e menos conhecido que os dos anteriores; vou dá-lo para que possa servir de base para o conhecimento a que alguém possa chegar, do fato que nos ocupa: chamava-se José Rodríguez e era espanhol.

Paulo, muito jovem ainda e conduzido inconscientemente do espaço por Pedro e João, apresentou-se à Associação que, se bem que fundada em sua origem somente por doze membros, muito numerosa havia chegado a ser naquela ocasião, porém,

cousa curiosa, repetiu-se a desconfiança e o temor que houve antes quando os apóstolos não quiseram recebê-lo, renovando três vezes, inutilmente, seu intento até que Barnabé, o mesmo que antes, o apresentou pessoalmente. Paulo levou depois Marcos, não o apóstolo, mas sim o discípulo de Pedro, o mesmo que com Barnabé o acompanhara em sua viagem a Roma aonde ia evangelizar o Ocidente em nome do Senhor. Ambos foram muito queridos, como já o era Barnabé, por sua laboriosidade e constância apesar de, do mesmo modo que na época evangélica, Paulo ter atuado mais fora da associação que dentro dela.

O apóstolo Marcos permanecia então no espaço; digo espaço, porque se bem que tudo existe dentro do espaço, os homens formam parte da Terra e não se encontram diretamente no espaço; refiro-me pois, ao dos espíritos. A Paulo, por sua mediunidade, nunca lhe faltaram sinais e até conversações do mundo dos espíritos, mas temia por não ver nada perfeito nos demais homens, e por outra parte Pedro e João invisivelmente o velavam para evitar todas as comunicações até que seu tempo chegasse; porém, tão depressa conseguiram cercá-lo dos meios que dentro da associação lhe serviam como elementos da força para lutar contra os espíritos do mal que se empenhavam violentamente em destruir a sua obra, Paulo pôde ser desenvolvido por eles com segurança, dando-lhe paulatinamente a recordação do passado para que pudesse ter melhor consciência da obra que lhe estava encomendada, pois de outro modo, devido a seu espírito investigador e demasiado positivo, qualidades que já anteriormente haviam embaraçado suas intimidades para com os apóstolos, a sua obra não podia ser conduzida dentro de uma associação de um caráter um tanto místico e porque o regulamento proibía todo o trabalho medianímico, fora da sede da associação e qual não estivesse sob a imediata direção da Comissão espiritual que se havia constituído para dirigir do espaço os trabalhos de tal natureza, que tantos perigos entranham no homem. Paulo foi amplamente autorizado a trabalhar fora da sede da Associação, assegurando-se-lhe toda a proteção espiritual possível.

As lutas e dissabores que teve que sofrer Paulo por sua obra são pouco menos que indescritíveis, salvando-o seu poder excepcional, a ajuda e perícia de seus protetores invisíveis que o rodeavam de dia e de noite, com uma dedicação e denodo

incomparáveis.

Grande parte de sua obra permanece desconhecida, porém seus efeitos propagam-se já por todas as partes e José, o que foi meu esposo, não permaneceu muito tempo no seio da tal agremiação, devido a seu caráter um tanto duro e orgulhoso, ainda não modificado suficientemente desde aqueles tempos. Era entretanto bastante laborioso e culto para poder prestar bons serviços à idéia e o fez, ainda que fora do núcleo.

Tadeu, que ainda está entre vós,<sup>1</sup> no ano de 1905, recebeu da Itália, sua terra natal, a Vida de Jesus ditada por Ele mesmo, traduzida do francês para o seu idioma, e a “*Sociedade Científica de Estudos Psíquicos*”<sup>2</sup> fê-la traduzir para o castelhano, encarregando-se deste trabalho o seu próprio Presidente, que conhecia bem esse idioma por haver feito os seus estudos na Itália.

O segundo tomo foi ditado depois ao médium X.X., instado para isso, por Jesus, em repetidas ocasiões. Depois de uma aparição de Jesus ao médium, além de diversas notáveis manifestações, foi que ele acedeu, plenamente convencido da intervenção direta do Mestre.

Recebeu-se então a comunicação, cercanda-a de um controle muito grande e rigoroso, razão por que demorou tanto a completar-se a segunda parte, recentemente terminada, com a adição de dois novos capítulos, o XXV e o XXVI, e a presente comunicação.

Também as outras mulheres seguiram, como eu, prestando a sua cooperação à grande obra iniciada por Jesus há quase dois mil anos, encarnando elas também, de preferência, no sexo feminino. Salomé fez parte do núcleo durante a maior parte de sua vida, prestando importantíssimos serviços com sua mediunidade.

E seu filho Tiago ajudou Paulo com muito interesse e carinho, com outros dois apóstolos que não vou nomear. Marta evangeliza na cidade de Córdoba, e Madalena trabalha também com afínco dentro e fora do núcleo, nesta capital. Eu também cooperei neste grande movimento, consagrando-lhe a maior parte de minha última existência e mantendo estreitas relações, desde Espanha, com o núcleo de Buenos Aires. E foi esta a época de

1 - Recentemente voltou ao mundo espiritual. — Nota do Sr. Rebaudi.

2 - De Buenos Aires.

maior luz para o Cristianismo definitivamente libertado de todo o dogmatismo que Jesus sempre combateu fora de toda a religião, porque o Cristianismo é a religião. Os discípulos dos discípulos do Senhor, espalhados por todo o mundo, levam a boa nova por todos os âmbitos do Globo, fazendo estremecer os templos idólatras, desde os seus alicerces, para que se compreenda a idéia de Jesus, que se reconheça o universo inteiro como o templo digno do Altíssimo.

Louvores a Jesus a quem tudo isto é devido! Jesus é um irmão nosso, é um dos nossos disposto sempre a aproximar-se de todo aquele que sinceramente o chame, mas por sua elevação e por sua alta missão, o chamamos: O Senhor, sem fanatismo, apenas como sinal de amor e gratidão pela obra de seu imenso amor.

Em seu nome despede-se de vós e vos abraça.

MARIA

## COMUNICAÇÃO DO APÓSTOLO MATEUS

### CAPÍTULO XXXIII

#### *A dupla consciência, a recordação do passado e os colpinos*

A comunicação que eu dei, poucos dias faz,<sup>1</sup> para ser incluída nesta transcendental obra, dada com a sinceridade que me é característica, resultou um tanto dura para o elevado critério do Messias, por sua índole de severa justiça.

Disse-me o Mestre: *“Reconheço o mérito e a veracidade de teu trabalho; mas minha obra não é obra de julgamento mas sim de amor”*. — *“Eu não vim para julgar, senão para semear o amor entre os homens.”* — *“Guarda-a, pois, em estrita reserva, para os que tenham que levar a cabo o restabelecimento da justiça, no que dela tinha ficado velado pela ação do tempo e da malícia humana; e traze para a obra somente a elucidação dos pontos de que te encarreguei, porquanto a tua comunicação, como as dos outros Apóstolos e a de Maria, constituem capítulos da mesma, como que desenvolvendo-se dentro da ordem e estrita continuidade dela”*. — *“Graças devo dar a Deus; continua o Mestre, pela estrita verdade conseguida em tudo isso com o médium que me serve de instrumento, pois no livro inteiro não passou uma única palavra que não seja minha, de Maria ou dos Apóstolos, que nele colaboraram.”*

1 - Dita comunicação, editada em folhetos, a “Associação Cristã Providência, Biblioteca Pública” a envia grátis. Solicite-a, calle Herrera 1680. Buenos Aires.

*“Louvado seja o Senhor que assim consentiu que minha volta entre os homens, desta forma, resultasse tão real e verídica, como se eu mesmo ressuscitado em corpo, vos tivesse falado com meus próprios lábios.”*

Confirmadas com o que fica dito, as palavras de Jesus, passarei a ocupar-me do tema que encabeça estas linhas, repetindo somente, com respeito à minha outra comunicação, que deve levantar-se a Judas o cruel julgamento que sobre sua memória pesa, porque sua traição foi unicamente o efeito de sua fraqueza diante das sugestões malignas que continuamente o trabalharam, sob o esforço de interesses inconfessáveis.

Ninguém ignora que há em nós uma dupla consciência, efeito de nosso atraso, a consciência do espírito livre e a do encarnado; ainda devemos admitir uma consciência intermédia, a consciência do espírito do encarnado quando se desdobra, parecendo que, quando dormis ou simplesmente estais distraídos, vossos espíritos se encontram muito longe do corpo, atuando conscientemente fora dele. É claro que não pode existir a recordação da sua atuação, desde o momento que o cérebro não recebeu impressão alguma a respeito dela, sendo sabido que a memória do homem é somente cerebral.

Bem se diria afirmando que o espírito atua com uma nova personalidade em cada encarnação, pois que o cérebro vai recolhendo paulatinamente todas as impressões que lhe chegam do exterior pelo contínuo e agitado movimento do meio que o cerca. Pelos órgãos do ouvido, da vista e do tato, sem cessar se vê impressionada a massa encefálica, onde tudo se grava e se associa de acordo com as diversas circunvoluções que a formam, constituindo-se assim a memória, o juízo e o raciocínio.

Verdade é que tudo isto tem lugar sob o controle do espírito, porém ele, não dispondo de outros meios para a sua realização e manifestação dentro do mundo de que forma parte, deve conformar sua consciência dentro do círculo que tais meios lhe oferecem. Tudo o que o homem tem gravado no cérebro constitui, portanto, as suas recordações, seus conhecimentos e os materiais para a atuação de sua consciência, que resulta, como se vê, muito diferente da verdadeira consciência do espírito.

Para nós não existe a divisão do tempo que regula entre os homens, e somente nos guiamos pela sucessão dos fatos, no meio

dos quais temos vivido e que de certo modo forma a parte de nossas atividades; por isso não calculamos as idades e é assim que, fazendo talvez uns trinta e tantos anos, segundo ouvi dizer entre vós, que deixei minha envoltura corporal, parece-me entretanto que ontem vivia ainda com os homens, razão, precisamente, que induziu o mestre a encarregar-me do tema proposto, porque deveria eu elucidá-lo mais humanamente que os outros Apóstolos.

Disse já que na minha última encarnação fui Rafael Fernández, tendo-me ocupado não pouco, ainda quando universitário, de assuntos filosóficos e religiosos, em estreita relação com o cristianismo, fazendo assim justiça ao meu passado e às benéficas influências do Mestre, muito longe estava entretanto de acreditar que tal atuação constituía, de certo modo, uma recordação do que, uma vez deixa-da a matéria, havia de encontrar-me aqui e que muitos sonhos e fantasias de minha vida, que eu considerei faltos de fundamento, constituíam na realidade verdadeiras recordações do passado, resultando assim ter sido mais consciente nos momentos em que me havia considerado privado de toda a consciência. Sem dúvida, em muitas circunstâncias da vida humana nos assaltam, sem nos apercebermos, recordações do passado, sendo que falta-lhes o controle da consciência, como disse João devido a que a consciência humana unicamente pode desenvolver-se dentro dos elementos que lhe emprestam as impressões cerebrais.

Como se vê, a dupla consciência é um efeito natural do esquecimento do passado e é necessário que este vá modificando-se, a fim de que o espírito possa trabalhar com eficácia no sentido do seu verdadeiro progresso.

Paulo descobriu que, o que ele chama desdobramento voluntário, quer dizer, a faculdade de desdobrar-se quando se deseja, durante a vigília, é o que mais ajuda para a recordação do passado. Por isso ele formou escola em tal sentido, indicando os métodos para o caso. Este bom companheiro, apesar da recordação que guarda a respeito do passado,<sup>2</sup> chegou a esquecer-se do seu

2 - Sabemos que em certa ocasião levou ao Doutor Cosme Marinho, Diretor da Revista "Constância", um artigo referente a um sucesso do qual tinha sido vítima havia uns outros mil anos; pedia-lhe a sua publicação por tratar-se de algo que a história parece negar, tendo a certeza de que as escavações que se fazem no Egito confirmariam as suas afirmações. (A publicação não se fez.) — Nota do Sr. Rebaudi.



mandato, de tal forma que, devido aos seus estudos e ao ambiente científico que o rodeava, chegou a olhar com desprezo o próprio Mestre, a ponto de apontá-lo como um vagabundo, por não ter lar nem meio de vida conhecidos. Era, dizia, um iluminado ignorante que arrastava massas mais ignorantes do que ele. Eu o digo, porque ele próprio o confessa. Verdade é, segundo afirma, que suas recordações a respeito do passado, recentemente começaram a manifestar-se e com nitidez aos trinta anos, aclarando-se e manifestando-se com muita facilidade depois, devido à sua mediunidade e à faculdade de desdobramento que conseguiu dominar quase por completo.

Três vezes, refere Paulo, em seus desdobramentos não pôde voltar a seu corpo e que, se não fosse pela intervenção dos bons espíritos que o introduziram em seu organismo, com a maior facilidade teria morrido.

Os espíritos aconselham que se avise os Protetores antes de entregar-se um encarnado a exercícios de desdobramento em estado de vigília.

Os espíritos protetores são os que antes se chamavam anjos guardiães, pois se consagram especialmente na custódia dos homens e eles são os que, durante o sono, ajudam os espíritos dos homens a separarem-se da sua envoltura corporal para que deixem por alguns momentos a materialidade da vida humana e gozem de certa liberdade espiritual, comunicando-se com os seres queridos que os precederam no Além e de quem recebem novo alento para as lutas da vida material assim como ensinamentos e conselhos. Certamente que, disto não se lembra o homem ao despertar, porque o cérebro não pode guardar impressões do que não passou por ele, porém sempre fica um reflexo disso, o estado de intuição ou disposição favorável para o que se há de fazer. Não se deve crer que durante estes desprendimentos o espírito do encarnado vá atuar realmente no plano espiritual, mas sim em um plano intermediário a que Paulo chama plano fantasmático ou simplesmente plano extracorporal.

Fantasmático o chama porque é o plano dos fantasmas, esse ambiente em que conseguem tornar-se visíveis os que costumam chamar fantasmas, que as crianças mais sensitivas que os adultos vêem com terror, enquanto que não são mais que espíritos de pessoas vivas, os quais tornam-se visíveis algumas

vezes para todos, devido ao corpo fantasmático, que os envolve, formado pelos fluidos vitais do corpo mediante os quais o perispírito se liga ao corpo.

Os fantasmas que são visíveis também podem ser fotografados, como muitas vezes se havia feito já durante a minha última encarnação.

O espírito do encarnado, desdobrando-se, pode dar comunicações aos vivos, mediante a ajuda de seus protetores. Paulo as tem dado umas vezes com este nome e outras, que são a maioria, com o atual nome.

Não deve confundir-se o citado plano intermediário com o que os espíritos chamam zona limite, que separa um plano do outro e cujo ambiente é algo aterrador por sua atividade combatente. Daí vêm geralmente os pesadelos, quando mal desdobrado o mortal, pelo mau estado de sua saúde muitas vezes, o acompanham fluidos afins com tal plano; mas não é esta a oportunidade para tratar de tal assunto, direi antes, que muitas vezes conseguem os protetores, depois de um bom desprendimento, que o encarnado guarde a lembrança de sua atuação durante o desdobramento e então dizeis ter tido um sonho lúcido. Nada se recorda geralmente do sono profundo e é porque o sono unicamente é profundo quando o espírito do encarnado atua distante do corpo. A mediunidade, assim como facilita o desdobramento, facilita a lembrança do passado, do mesmo modo que a influência dos desencarnados é muito maior nos médiuns que nos que não o são. Por outra parte, as boas influências que sempre acompanham as pessoas que sempre levam uma vida regular e de bons procedimentos, favorecem grandemente tudo o que se refere ao medianismo e aos desdobramentos, sem que por isso deixe de ser necessária a prática de tais faculdades para obter seu desenvolvimento. A zona limite encontra-se cheia de espíritos inferiores e também de espíritos sofredores que, por suas condições momentâneas, se encontram à altura desse meio ambiente; sofrem talvez um castigo, ou seus perseguidores, sempre de má-fé, se aproveitam deles, em virtude da malfadada lei de talião, para fazerem sofrer repetidamente suas faltas aos espíritos fracos e imprudentes. Faz-se-lhes recordar a sua dívida, apesar de já a terem pago, exigindo-lhes novo pagamento. É indubitável que os espíritos que assim sofrem purificam-se nesse

ambiente e progridem.

A lei de Deus é lei de amor e de progresso, mal pode atribuir-se-lhe portanto a paternidade da lei de talião, lei de vingança e de retrocesso; tudo se paga indubitavelmente e em verdade o mal que se faz aos outros redonda sempre em sofrê-lo por fim o seu autor, mas não da maneira que os homens supõem, pois somente o bem é boa moeda; o sofrimento é conseqüência do mal que se fez, mas o mal feito, unicamente com o bem se redime. Bem disse por isso o Mestre: *“Só pelo amor será salvo o homem”*.

Na zona limite de que nos temos ocupado, emprega-se uma gíria quase falada, incompreensível para vós. Daí é que vem a palavra colpino e desta deriva-se o verbo colpinar. As enfermidades dos homens, para eles são devidas a colpinamentos. Esses espíritos parasitas que vivem entre os homens e a expensas dos mais fracos são colpinos. Indubitavelmente tudo é um dano, tudo é mal que eles fazem, porém o que é preciso notar é a hipocrisia com que procuram justificar o dano que causam.

A indicada palavra vem de culpa, quer dizer que o colpinado sofre a conseqüência de uma culpa; eles são pois os juizes que avaliam a culpa e a castigam sempre em benefício próprio.

Para nos defendermos destes colpinamentos, que podem realmente dar lugar a um sério mal, encontramos o seguinte: Pode doer ao colpinado um membro ou toda a extensão de um músculo, uma artéria ou um nervo, porém procurando, encontra-se o ponto bem circunscrito, muito mais dolorido. Comprime-se fortemente com um dedo esse ponto enquanto se detém a respiração o mais que se possa, e se repetir a operação várias vezes ao dia, com este processo quase sempre desaparece o mal. Deve-se recordar que, detendo a respiração, se desenvolve uma grande energia magnética.

A região, mais que qualquer outra, escolhida para os colpinamentos é a cabeça, a seguir os intestinos e depois o coração. Pelos intestinos se colpina também o coração e pela cabeça se colpina todo o corpo.

Os homens que levam vida inativa e são de caráter débil vivem sempre colpinados; porém ninguém se livra absolutamente desses parasitas espirituais.

Guardando a lembrança do passado, todas estas cousas se

evitariam, ao passo que agora até difícil nos é fazer-vos compreendê-las, porque estais sempre dispostos à incredulidade a respeito do que não podeis ver, pela enorme diferença que existe entre o corporal e o extracorporal.

Desenvolvi, pelo menos, vossas aptidões para o magnetismo curativo, com o qual não somente podeis fazer muito bem mas também chegareis ao mesmo tempo a desenvolver as vossas aptidões psíquicas, porém ao magnetizar, tende cuidado com quem o fazeis, porque se um mau magnetizador transmite um grave perigo, não é menos grave o que ameaça a um bom magnetizador quando pretende beneficiar um ser inferior. É o mesmo que com a caridade, que é preciso ver a quem e como se faz a caridade, para não sermos vítimas, como muitas vezes sucede, do bem que se fez.

Muito estranho vos parecerá o que fica dito e é, porque tendes cheia a cabeça de máximas e teorias que muito longe estão de ser o resultado da prática.

Eis um fato: Entre meus amigos conto com o espírito de uma que foi virtuosíssima irmã franciscana, muito adiantada, ela dizia: *“primeiro está a obrigação que a devoção”*, e quando havia enfermos pobres para atender, dizia a suas subordinadas: *“a missa, a confissão e a devoção, tendo enfermos para atender, são esses mesmos enfermos. — A prática da caridade é a devoção por excelência”*.

Devido a tal proceder quiseram tirar-lhe o hábito e dissolver a sua pequena comunidade, porém ela resistiu e, não querendo recorrer à autoridade civil, continuou com sua idéia até morrer. Pois bem, sofre agora muitíssimo pela perseguição de uma multidão de espíritos inferiores por ela favorecidos. Reclamam-lhe, exigem-lhe o que ela lhes não pode dar. Perseguem-na e a oprimem, sem deixar-lhe um momento de repouso. Ela diz: *“não tenho forças para afastar esta avalanche de seres inferiores e que se julgam com direito sobre mim porque pela caridade rebaixei-me até seu próprio nível”*. *“Crêem que o bem que lhes fiz não foi por bondade mas por obrigação que julgam subsistir ainda.”* Todos nós cercamos e ajudamos a virtuosa irmã, proporcionando-lhe momentos agradáveis, porém ela terá que voltar à Terra, já o compreende, para desenvolver as faculdades que lhe faltam, entre outras a do são critério de como, quando, e a quem se deve fazer a

caridade. E onde está a justiça divina? — se dirá. “*Ajuda-te, que Deus te ajudará, é o rifão aplicável aqui.*” A justiça de Deus cumpre-se na eternidade. Essa boa irmã não chegou ainda a merecer a felicidade, porém alcançou já muitos títulos para isso.

Com valor e constância, todos chegaremos à meta, entretanto muito há que aprender e experimentar. Muito tino faz falta em todas as cousas, até para fazer o bem, porque este pode converter-se em mal.

Levantando e favorecendo, por exemplo, um malvado com aparência de bom, podemos armar um inimigo do bem, talvez encaminhar um déspota, em seus primeiros passos, para as alturas, para sermos depois suas primeiras vítimas.

Enfim, eu quis com esta modesta comunicação juntar a esta magna obra um tanto prática se se quiser, humana, e em verdade eu próprio termino por julgar-me homem e vivendo no meio de vós.

Seria para mim uma grande felicidade haver atingido meu fim.

Que Deus seja convosco.

MATEUS, Apóstolo.

Depois de terminado este último capítulo, o médium X.X. evocou o Mestre para saber se havia alguma cousa a modificar ou a acrescentar à Obra.

Apresentou-se-lhe Jesus perfeitamente visível, precedido por esse ambiente Celestial que a seu derredor parece derramar-se e com a mesma doçura que lhe é habitual respondeu-lhe:

*“Muitas cousas teria que dizer; porém os homens não me compreenderiam; quanto à Obra, ela está terminada; nada, nada tenho que tirar-lhe e nada que acrescentar-lhe. Tudo isto é meu e volto a afirmá-lo, como suas são as comunicações dos apóstolos e de Maria, que formam capítulos desta Obra”.*



## **NOVA ORDEM DE JESUS**

A Nova Ordem de Jesus, é uma Instituição Espiritualista, Beneficente e Cultural, foi fundada na Terra no dia 22/02/1970, por determinação do Nosso Senhor Jesus de Nazareth e administra os livros da Grande Cruzada de Esclarecimento: *Vida de Jesus Ditada por Ele Mesmo, Nova Ordem de Jesus (Vol. 1 e 2), Corolarium, Forças do Bem, Derradeira Chamada, Vida Nova e Elucidário* . Tem como objetivo a espiritualização das almas encarnadas , mediante o desenvolvimento das seguintes atividades:

- a) difundir a excelsa verdade de que todos os homens e mulheres são irmãos perante a Divindade, devendo cada qual amar ao seu próximo como a si mesmo e praticar a fraternidade;
- b) propagar a verdade de que todas as almas encarnadas são criaturas em busca de mais luz e progresso espiritual na Terra;
- c) preconizar a necessidade de cada ser humano tratar de corrigir possíveis faltas ou desvios morais, com o fim de melhorar desde logo suas condições de vida e, conseqüentemente adquirir as luzes que veio buscar na Terra;
- d) propagar a existência do mundo espiritual, donde vieram para a Terra as almas que aqui vivem, ao qual regressarão ao findarem a sua presente encarnação;



e) esclarecer a conveniência do intercâmbio espiritual das almas encarnadas com seus entes queridos que partiram;

f) difundir entre todas almas encarnadas a necessidade da oração fervorosa;

g) difundir a necessidade de cada ser humano passar a ver um verdadeiro irmão no seu semelhante, e ajudá-lo no que puder, tal como faria com um irmão consangüíneo;

h) esclarecer a importância e a ação da prece, e dedicá-la aos irmãos necessitados, tanto aos da Terra como aos do Espaço, aos cegos, enfermos e criminosos, ajudando com essas orações, inclusive, a melhorar o nível vibratório do mundo terreno;

i) esclarecer que a NOVA ORDEM DE JESUS se propõe a colaborar com as religiões na espiritualização de todos, para a felicidade geral da humanidade.

### **NOVA ORDEM DE JESUS**

[www.novaordemdejesus.com.br](http://www.novaordemdejesus.com.br)

[novaordemdejesus@novaordemdejesus.com.br](mailto:novaordemdejesus@novaordemdejesus.com.br)

## LIVROS DA GRANDE CRUZADA DE ESCLARECIMENTO



### **As Forças do Bem**

Ditada pelo Espírito do Irmão Thomé, o Apóstolo do Senhor, para o Sr. Diamantino Coelho Fernandes, que foi a reencarnação do Espírito Thiago, também Apóstolo do Senhor. Em função da importância dessa obra, o prefácio ficou por conta do Nosso Senhor Jesus, e para realçar ainda mais, a Nossa Senhora Maria de Nazareth também escreveu uma mensagem para todas as suas filhas e filhos terrenos. Através das mensagens deste livro, vamos compreender melhor a necessidade da nossa participação, na construção de um mundo melhor. É o Espírito do Nosso Senhor Jesus, atuando mais uma vez, através dos seus apóstolos, iluminando nosso caminho, visando nosso

bem estar e nossa evolução.



### **Vida Nova**

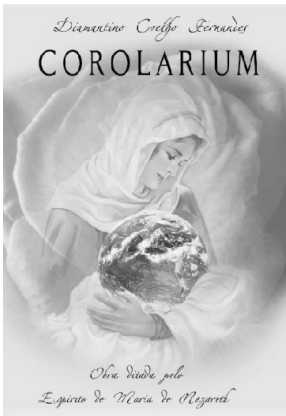
Ditada por cerca de cinquenta Entidades de grande elevação espiritual, formando parte do conjunto das Forças do Bem, todas elas empenhadas em secundar e ampliar os ensinamentos orientados amorosamente pelo Nosso Senhor Jesus e trazidos à Terra pelo Apóstolo Thomé. Prefácio do Senhor Krishna, em prosseguimento da Grande Cruzada de Esclarecimento em pleno desenvolvimento em nosso mundo terreno. Esse livro nos traz os ensinamentos de luz dos mais ilustres Espíritos que viveram na Terra. Somente para dar uma idéia de quem ditou as mensagens, citamos alguns, quais são: Pe Antônio Vieira, Babagi, Benjamim

Constant, Copérnico, São Francisco Xavier, Galileu, Ignácio de Loyola, José de Arimatéia, Júlio Verne, Lavosier, Maomé, Moisés, Maria de Nazareth, Pedro Álvares Cabral, Ramatís, Teresa de Jesus, etc



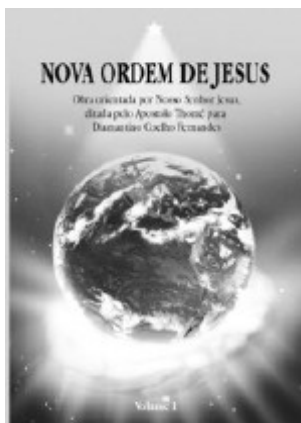
### **Derradeira Chamada**

Ditada igualmente pelo Apóstolo Thomé, obra pela qual mais uma vez é lembrado da importância de nos religarmos a Deus Pai. São conselhos e ensinamentos espirituais com a finalidade precípua de despertar os corações dos seus leitores para o que pode vir a suceder aos que se conservarem à margem do divino chamamento, e para o que, de bom e encantador, encontrarão quando tiverem a ventura de tomar conhecimento da mensagem transmitida por Jesus Nosso Senhor, através do seu mensageiro. Todos nós deveremos enfrentar as provas finais previstas no Novo Testamento, irmão leitor, prepare-se, habilite-se, lendo e estudando essa magnífica obra.



### **Corolarium**

Um tesouro de luzes e bênçãos, trazidos à Terra pelo Espírito de Maria de Nazareth, a Excelsa Mãe de Jesus, empenhada ela própria em falar ao coração de suas filhas e filhos terrenos. Livro considerado no mundo espiritual, onde foi elaborado, o trabalho de maior importância enviada à Terra no decorrer deste século. Seus capítulos não foram redigidos por acaso, de improviso, como diz a Autora, mas estudados, meditados de longa data, de maneira a divulgarem na Terra o que de melhor e mais útil pudesse ser dito às almas encarnadas. Destina-se, por isto, este COROLARIUM a servir de roteiro e farol às gerações atuais e porvindouras, em sua marcha constante para a luz que vieram buscar na Terra.



### **Nova Ordem de Jesus (vol. 1 e 2)**

Novas orientações de Jesus, ou ainda, os novos esclarecimentos espirituais de Jesus. A obra, contém, em seus dois volumes, 150 mensagens de ensinamentos espirituais elaborados no Alto, pelo Nosso Senhor Jesus, e ditados na Terra pelo Apóstolo Thomé, destinados à maior repercussão em todos os países, visto como a palavra do Senhor se dirige a todos os homens e mulheres responsáveis em todo o mundo terreno neste fim de século. Lendo e estudando estas 150 mensagens, terão todos os homens e mulheres em suas mãos a chave que o Senhor lhes oferece neste fim de século e de civilização, com a qual podem agora abrir todas as portas do

mundo espiritual e nele ingressarem alegres e felizes ao término de suas vidas presentes. Diz o Apóstolo Thomé: *“A palavra que o Senhor Jesus está difundindo na Terra através destas mensagens, deve ser ouvida e meditada por quantos tiverem a ventura de conhecê-la em sua presente vida terrena. Jamais alguém veio dizer na Terra para conhecimento dos seres humanos, uma palavra tão precisa e necessária quanto esta palavra do Senhor Jesus para ajudar o progresso de todas as almas presentes na Terra. É, portanto, a palavra do senhor, a palavra mais autorizada e oportuna que os homens e mulheres podem conhecer neste fim de século. Esta palavra do Senhor tem o mérito de elucidar todas as almas encarnadas de maneira a que fiquem conhecendo minuciosamente o que devem e precisam de conhecer para que possam viver uma encarnação cem por cento vitoriosa.”*



### **Elucidário**

Ditada pelo Espírito de Paulo de Tarso, no desempenho de mais uma tarefa do serviço divino; um volume no qual o Apóstolo dos Gentios nos relata vários episódios de sua antiga pregação ainda desconhecidos. Além disso, traz conselhos e ensinamentos para despertar os espíritos encarnados na Terra, para que se encontrem devidamente preparados para viver dias singularmente históricos em sua presente vida terrena. Dias históricos, ou final dos tempos, são na realidade acontecimentos de grande magnitude, destinados a modificar substancialmente a estrutura terrena e tudo que nela viver. Saiba mais, lendo essa obra destinada esclarecer e conscientizar a todos os irmãos encarnados.

**Os livros aqui anunciados são distribuídos em todo o Brasil.  
Para adquiri-los vá até a livraria mais próxima ou então nos  
endereços abaixo:**

Editora & Distribuidora 33 Ltda.  
Fone/Fax: (051) 3057-3390  
www.editora33.com.br  
**distribuidora33@editora33.com.br**